



# CRISTIANISMO

&

**TERAPIAS  
ALTERNATIVAS:**

FISIOLOGIA  
E MISTICISMO

**Hélio Luiz Grellmann**

## ADVERTÊNCIA

Esta produção literária encontra-se sob a proteção das leis que regulam o direito autoral. Nenhuma de suas partes poderá ser reproduzida ou duplicada por qualquer meio e/ou distribuída, a título oneroso ou gratuito, sem o expresso consentimento do autor. É permitida e mesmo estimulada a transcrição de pequenas porções desta obra ou a sua citação verbal, contanto que identificada a fonte.

O Autor

São Paulo, Julho de 2002

## CONTEÚDO

|                                                                                   |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>PREFÁCIO.....</b>                                                              | <b>6</b>  |
| <b>INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS .....</b>                                          | <b>8</b>  |
| <b>1. A ESTRÉIA .....</b>                                                         | <b>10</b> |
| 1.1 - Base Filosófica Desta Obra e Seu Público-alvo .....                         | 10        |
| 1.2 - Terapias Alternativas e a “Grande Controvérsia” .....                       | 11        |
| 1.3 - Fontes Relevantes de Informação.....                                        | 12        |
| 1.4 - Terapias Alternativas em Minha História Pessoal.....                        | 12        |
| 1.5 - Vislumbre do que Ocorre “Por Trás da Cortina” .....                         | 14        |
| 1.6 - Quando Algo Bom Pode Trair-nos .....                                        | 14        |
| <b>2. VISÃO BÍBLICA DA NATUREZA DO HOMEM .....</b>                                | <b>16</b> |
| 2.1 - Informações Preliminares .....                                              | 17        |
| 2.2 - A Visão Bíblica É Criacionista.....                                         | 17        |
| 2.3 - O Deus da Criação.....                                                      | 18        |
| 2.4 - A História da Criação .....                                                 | 19        |
| 2.5 - Propósito e Significado da Criação .....                                    | 21        |
| 2.6 - O Ser Humano Como Coroa da Criação .....                                    | 22        |
| 2.7 - A Bíblia Ressalta os Efeitos do Pecado Sobre a Criação .....                | 26        |
| 2.8 - Nem Tudo Está Perdido: O Concerto da Graça.....                             | 30        |
| 2.9 - Riscos da Excessiva “Espiritualização” do Ser Humano .....                  | 31        |
| <b>3. ESPIRITUALISMO E NOVA ERA.....</b>                                          | <b>33</b> |
| 3.1 - Informações Preliminares .....                                              | 34        |
| 3.2 - A Grande Controvérsia .....                                                 | 34        |
| 3.3 - Visão Espiritualista do Ser Humano.....                                     | 37        |
| 3.4 - A "Nova" Que "Era" Há Muito Tempo .....                                     | 50        |
| 3.5 - Espiritual e “Espiritual” .....                                             | 55        |
| 3.6 - As Correntes Elétricas .....                                                | 57        |
| <b>4. VITALISMO E MESMERISMO .....</b>                                            | <b>59</b> |
| 4.1 - Vitalismo: Conceito e Posicionamento Atual.....                             | 59        |
| 4.2 - Bases da Teoria Vitalista .....                                             | 61        |
| 4.3 - Vitalismo Em Diferentes Sistemas Terapêuticos .....                         | 63        |
| 4.4 - Mesmerismo ou Magnetismo Animal .....                                       | 64        |
| 4.5 - Hipnotismo .....                                                            | 70        |
| 4.6 - Ellen G. White, Mesmerismo, Hipnotismo e Frenologia .....                   | 72        |
| <b>5. HAHNEMANN E HOMEOPATIA.....</b>                                             | <b>74</b> |
| 5.1 - Introdução: Significado e Importância da Homeopatia Para os Cristãos .....  | 75        |
| 5.2 - Breve Definição de Homeopatia.....                                          | 76        |
| 5.3 - A “Velha Medicina” dos Dias de Hahnemann e a Contribuição Positiva da ..... | 78        |
| 5.4 - Homeopatia Antes de Hahnemann .....                                         | 80        |
| 5.5 - Resenha Biográfica de Hahnemann.....                                        | 81        |
| 5.6 - A Onipresente Energia Vital.....                                            | 83        |

|                                                                              |            |
|------------------------------------------------------------------------------|------------|
| 5.7 - Unicidade do Autor e Sua Obra.....                                     | 84         |
| 5.8 - Características da Personalidade e da História de Hahnemann e .....    | 85         |
| 5.9 - Pensamento Homeopático Pós-Hahnemanniano .....                         | 98         |
| 5.10 - Homeopatia e Astrologia .....                                         | 99         |
| 5.11 - Homeopatia e Hinduísmo .....                                          | 100        |
| 5.12 - Homeopatia e Vodú.....                                                | 101        |
| 5.13 - Homeopatia Associada às Demais Terapias Místicas .....                | 101        |
| 5.14 - Homeopatia e Kabala (Cabala).....                                     | 102        |
| 5.15 - Homeopatia e Espiritualismo.....                                      | 103        |
| 5.16 - Homeopatia Como Culto .....                                           | 104        |
| 5.17 - Homeopatia Como “Ciência” .....                                       | 107        |
| 5.18 - Homeopatia Como a “Terapia Definitiva” .....                          | 109        |
| 5.19 - Ellen G. White e Homeopatia.....                                      | 110        |
| 5.20 - Hahnemann, Homeopatia e “Inspiração” .....                            | 116        |
| 5.21 - Conclusão do Capítulo .....                                           | 121        |
| <b>6. IRIDOLOGIA .....</b>                                                   | <b>124</b> |
| 6.1 - O Olho e a Saúde Humana .....                                          | 124        |
| 6.2 - Breve Histórico da Iridologia .....                                    | 125        |
| 6.3 - Definição e Sinonímia .....                                            | 125        |
| 6.4 - Métodos Variantes e Semelhança com a Frenologia.....                   | 129        |
| 6.5 - A Suposta Conexão Neuro-Óptica .....                                   | 129        |
| 6.6 - Iridologia: Ciência ou “Técnica” Divinatória?.....                     | 130        |
| 6.7 - Compromisso da Iridologia com Misticismo e Espiritualismo .....        | 132        |
| 6.8 - Conclusão do Capítulo .....                                            | 134        |
| <b>7. ACUPUNTURA E TÉCNICAS AFINES .....</b>                                 | <b>135</b> |
| 7.1 - Breve Exposição Sobre a Acupuntura.....                                | 135        |
| 7.2 - Glossário de Acupuntura, Reflexologia e Técnicas Afins.....            | 136        |
| 7.3 - Acupuntura e Homeopatia.....                                           | 142        |
| 7.4 - Acupuntura e Anestesiologia.....                                       | 142        |
| 7.5 - Tentativas de Explicação Racional Para a Acupuntura .....              | 142        |
| 7.6 - Acupuntura, Ocultismo e Cristianismo .....                             | 143        |
| 7.7 - Técnicas Fisiológicas Semelhantes à Acupuntura.....                    | 144        |
| <b>8. VARETAS MÁGICAS, PÊNDULOS E MAGNETOS .....</b>                         | <b>145</b> |
| 8.1 - Breve Histórico e Definição das Técnicas Magnéticas .....              | 145        |
| 8.2 - Glossário do Capítulo .....                                            | 147        |
| 8.3 - Base Filosófica do Funcionamento de Varetas, Pêndulos e Magnetos ..... | 148        |
| 8.4 - Façanhas das Técnicas Magnéticas .....                                 | 150        |
| 8.5 - Pêndulos, Magnetos e Homeopatia .....                                  | 151        |
| 8.6 - Compromisso das Técnicas Magnéticas com o Ocultismo .....              | 152        |
| 8.7 - Técnicas Magnéticas e Cristianismo .....                               | 154        |
| <b>9. OUTRAS TERAPIAS ALTERNATIVAS MÍSTICAS .....</b>                        | <b>157</b> |
| 9.1 - Introdução.....                                                        | 157        |
| 9.2 - Glossário de “Outras Terapias Alternativas” .....                      | 157        |
| 9.3 - Equipamentos de Pseudo-diagnóstico .....                               | 196        |

|                                                                                         |            |
|-----------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>10. A FÍSICA QUÂNTICA JUSTIFICA AS TERAPIAS MÍSTICAS? .....</b>                      | <b>197</b> |
| 10.1 - Introdução .....                                                                 | 197        |
| 10.2 - O Que Vem a Ser a Física Quântica? .....                                         | 199        |
| 10.3 - Importância de Deepak Chopra Para as Medicinas Energéticas .....                 | 202        |
| 10.4 - O Questionamento dos “Velhos Pressupostos” em Nossa Visão de Mundo.....          | 203        |
| 10.5 - Os “Novos Pressupostos” da Mundivisão de Chopra e Seu Paralelo Com a Magia ..... | 205        |
| 10.6 - A Visão de Chopra Confrontada Com a Visão Cristã Bíblica .....                   | 210        |
| 10.7 - A Lamentável Confusão Entre Física Quântica e “Misticismo Quântico” .....        | 213        |
| <b>11. TERAPIAS ALTERNATIVAS COM BASE FISIOLÓGICA .....</b>                             | <b>219</b> |
| 11.1 - Introdução .....                                                                 | 219        |
| 11.2 - Confiança em Deus.....                                                           | 220        |
| 11.3 - Luz Solar .....                                                                  | 222        |
| 11.4 - Água .....                                                                       | 224        |
| 11.5 - Equilíbrio (Temperança).....                                                     | 225        |
| 11.6 - Ar (Respiração) .....                                                            | 227        |
| 11.7 - Nutrição .....                                                                   | 229        |
| 11.8 - Repouso e Relaxamento .....                                                      | 231        |
| 11.9 - Exercício.....                                                                   | 233        |
| 11.10 - Algumas Palavras Sobre Fitoterapia.....                                         | 235        |
| 11.11 - Conclusão do Capítulo.....                                                      | 235        |
| <b>12. TENSÕES EM TORNO DO CONCEITO DE “CURA”:</b> .....                                | <b>237</b> |
| <b>13. EXISTE UMA SAÍDA ACEITÁVEL? .....</b>                                            | <b>237</b> |
| 12.1 - Conceito de Cura Sob Diferentes Filosofias.....                                  | 238        |
| 12.2 - Quando Holismo É Sinônimo de Espiritualismo.....                                 | 243        |
| 12.3 - Medicina de Resultados.....                                                      | 246        |
| 12.4 - Quando “Cristãos” Aceitam Práticas Espiritualistas .....                         | 249        |
| 12.5 - Problemas Com as Profissões Associadas da Área de Saúde.....                     | 252        |
| 12.6 - O Que Dizer da Medicina Oficial? .....                                           | 257        |
| 12.7 - O Dano Que Uma Doutrina Demoníaca Pode Causar.....                               | 259        |
| 12.8 - Creio Que Existe Uma Saída Aceitável.....                                        | 260        |
| <b>14. REFERÊNCIAS.....</b>                                                             | <b>263</b> |

## PREFÁCIO

Há algum tempo venho acompanhando o intenso trabalho do Dr. Hélio Grellmann na elaboração deste material. Foram muitos meses de pesquisa, suor e oração, mas acho que valeu a pena. O tema desse livro é importantíssimo para todos os cristãos.

Uma vez eu estava conversando um jovem cristão e ele me contou que há muito vinha sofrendo de um problema na coluna “que ninguém conseguia solucionar”. Desanimado, resolveu procurar uma alternativa e achou que a Acupuntura seria o ideal. Foi, fez o tratamento e... sarou!

- Mas você sabe que isso é bem contrário à filosofia cristã, não sabe? Perguntei.
- Sei, mas o que importa é que eu sarei!...

Bem, essa é uma situação complicada.

- Acho que todos temos obrigação de buscar ajuda e cura.
- Também acho que, uma vez curado, ele não ficou com nenhum resíduo tóxico que vá causar alguma doença no futuro.

A Acupuntura não fez nenhum mal ao corpo dele e ele “sarou”.

Então qual é o problema? O grande problema é que se a única coisa que importa é que “eu sarei”, eu também tenho o direito de buscar curas astrológicas, mediúnicas, ou até da feitiçaria, para todos os meus males. “O que importa é que eu sarei!”

- Ah mas isso é diferente!
- Será? De onde vêm as Medicinas Alternativas?

Será que é importante que o tratamento que eu faço seja aprovado por Deus? Qual é a proposta de Deus para o tratamento das doenças? Recentemente o Conselho Federal de Medicina (CFM) passou a considerar ilegal a prática de qualquer tipo de Medicina Alternativa, com exceção da Acupuntura e da Homeopatia, que anteriormente haviam sido reconhecidas pelo Conselho. Junto com a proibição havia o seguinte comentário:

“No momento em que indique o uso de terapias não comprovadas, o médico estará violando o Código de Ética Médica. Não basta que tal ou qual procedimento tenha funcionado para uma pessoa. É preciso que a terapia *alternativa* tenha sua eficácia demonstrada cientificamente. Caso isto ocorra, deixará de ser *alternativa*. Ou seja, o reconhecimento científico a colocará no campo médico. Antes disso, não. Portanto o médico está proibido de prescrevê-la.”

Vários médicos protestaram junto ao Conselho. Para eles a exigência de comprovação científica é absurda, uma vez que “não há como comprovar cientificamente os fenômenos espirituais”...

O caso da Acupuntura e da Homeopatia foi um pouco diferente. Nenhuma das duas apresentou qualquer comprovação científica de sua eficácia mas, naquela época, o Conselho achou que seria melhor que ambas fossem exercidas apenas por médicos credenciados. No caso da Acupuntura principalmente, havia razões de segurança. Hoje só médicos podem manusear as agulhas, que na mão de leigos já tinham causado muitos acidentes, vários deles, fatais.

A posição cristã difere bastante da do CFM, pois, mesmo que haja no futuro ampla evidência de que tais tratamentos alternativos “funcionam”, existe uma enorme incompatibilidade religiosa entre cristianismo e Medicinas Alternativas chamadas “Vitalistas”, que lidam com “Equilíbrios de Energia”.

O Vitalismo, como está amplamente demonstrado neste livro, considera que nenhuma doença é causada por germes, vírus ou qualquer outro agente infeccioso, mas por *desequilíbrios* das “Energias Vitais”.

É interessante notar que autores cristãos também falam que as doenças são consequência da *diminuição* das Energias Vitais ou da Força Vital, mas existem grandes diferenças:

- Para as medicinas alternativas “Energia Vital” é basicamente um equilíbrio das “Energias” do bem e do mal.
- Para os cristãos a energia vital resulta de um estilo de vida saudável.
- Para as Medicinas Alternativas, a energia vital vem do Universo, dos cristais, dos ímãs, dos astros que regem cada um dos órgãos do corpo humano. Essa “Energia Vital” poderia ser transmitida de um cristal para uma pessoa, de um magneto para a água e da água para o ser humano como nas águas imantadas, ou, de qualquer substância para a água, como na Homeopatia.
- No livro *Patriarcas e Profetas*, página 114, a autora cristã Ellen White afirma: “Muitos ensinam que a matéria possui força vital: que certas propriedades são comunicadas à matéria e que então ela fica a agir por sua própria energia inerente; e que as operações da natureza são dirigidas de acordo com leis fixas, nas quais o próprio Deus não pode interferir. Isto é ciência falsa, e não é apoiado pela palavra de Deus.”

Assim, a Energia Vital dos cristãos e a Energia Vital das medicinas alternativas são incompatíveis e completamente diferentes, com origens diferentes, funcionamentos diferentes e objetivos diferentes.

A Bíblia diz claramente que não pode haver equilíbrio entre “energias” do bem e do mal: “Pois que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial?...E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Pois vós sois o santuário do Deus Vivente”. E só dele! “Neles habitarei e entre eles andarei, e Eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Pelo que, saí do meio deles, apartai-vos, diz o Senhor. Não toqueis em nada imundo e Eu vos receberei. E serei para vos Pai, e vós sereis para mim filhos e filhas diz o Senhor Todo Poderoso.” II Cor. 6:14-18 .

A nossa dúvida no início era se seria válido o pensamento: “O que importa é que eu sarei!”

A resposta talvez esteja condensada no livro *Mente Caráter e Personalidade*, vol. II, página 701:

“Instrumentos satânicos pretendem curar a doença. Atribuem seu poder à eletricidade, ao magnetismo, ou aos chamados ‘remédios de simpatia’, ao passo que, na verdade, são nada mais que veículos das correntes elétricas de Satanás. Por estes meios, lançam seu encantamento sobre corpos e almas de homens.” “Em muitos casos a vida futura ... é controlada por um poder satânico que parece impossível quebrar”.

Recentemente a medicina americana percebeu que o tamanho do mercado das medicinas alternativas é um negócio de muitos bilhões de dólares. Isto levou muitos médicos a mudar radicalmente de postura. Hoje, nos Estados Unidos, as medicinas alternativas são olhadas até com simpatia e são chamadas de “medicinas complementares”. É difícil ir a um congresso médico sem ouvir alguma autoridade falar favoravelmente sobre essa opção.

A questão não é, portanto, se a medicina alternativa é ou não reconhecida, nem se funciona, mas simplesmente o que você quer fazer com o templo da sua alma.

Boa leitura.

Dr. Héliño J. Nogueira.

## INTRODUÇÃO E AGRADECIMENTOS

Esta coletânea foi escrita como a documentação de minha busca pessoal dos fatores envolvidos nas chamadas terapias alternativas, especialmente as de cunho “energético” ou “vibracional”. Trata-se de um tema difícil, envolvendo conceitos consideravelmente complexos. De um lado, é necessário apresentá-los com um nível mínimo de detalhes, para que se chegue a compreender por que e como determinado aspecto se relaciona com os demais. Por outro, desejo intensamente que este material seja acessível, do ponto de vista intelectual, ao mais amplo número possível de pessoas - não pretendo que o estudo tenha ares de erudição, pois isto limitaria os efeitos práticos que lhe vislumbro e intensamente desejo.

Há que se reconhecer, ainda, que a própria utilização do termo é controversa: o que deve ser considerado como “alternativo” na arte e ciência de curar? É aquilo que não é habitualmente ensinado nas escolas de medicina, enfermagem, fisioterapia e áreas afins? Quando certa “técnica alternativa” passa a ser ensinada de modo regular, ou aceita como prática habitual num determinado sistema de atendimento à saúde, deixa de ser “alternativa”? Além disso, muitas vezes constataremos que em certas culturas é “convencional” aquilo que noutras é “alternativo”.

Também é certo, segundo o dizer do Dr. Silas Gomes, que “se existe uma medicina alternativa, é porque de alguma maneira as pessoas não estão satisfeitas com o modo como está sendo exercida a medicina científica oficial. Uma das razões que levam ao surgimento e à procura de métodos alternativos é a incapacidade da medicina de curar”. (1)

Meu enfoque primordial baseou-se na distinção entre o que é comprovado pela fisiologia, de um lado e, do outro lado, conceitos, práticas e correntes filosóficas que não possuem tal embasamento, sendo antes, como regra, estribadas em certas vertentes da filosofia e no misticismo. Há que se reconhecer ainda que, muitas vezes, a linha divisória é bastante tênue. Descobertas ocorridas nas últimas décadas, sobretudo na esfera da física quântica, sugerem suporte a teorias até então consideradas eminentemente místicas. Procuraremos verificar se tal corroboração efetivamente se concretiza à luz da ciência e dos fundamentos da fé cristã. A distinção torna-se a cada dia mais difícil. Será necessário recorrer sempre a algum referencial imutável - acredito que só existe um que invariavelmente preenche este critério.

Observe-se o sistema de numeração de seções e parágrafos presente durante a maior parte do texto. Seu objetivo é facilitar a referência interna, bastante freqüente em virtude da inter-relação que vincula os vários temas. Penso evitar, com esta medida, excessiva repetição de informações, ainda que, por necessidade de clareza e reforço, não consiga excluí-la por completo.

Sou grato aos milhares de ouvintes que durante anos têm comparecido às palestras que venho proferindo, relacionadas com os temas aqui expostos. Os aportes destas pessoas, e até mesmo seus questionamentos e discordâncias, com freqüência me têm obrigado a examinar em maior profundidade o assunto, conseqüentemente alicerçando sobre bases mais sólidas as minhas convicções. Tal exame tem sido praticado sob intensa oração, e há anos vem envolvendo grande volume de tempo e esforço.

Meu especial reconhecimento ao querido amigo e colega, Prof. Dr. Warren Peters, da Universidade de Loma Linda, Califórnia. Provavelmente mais que ninguém, suas pesquisas me estimularam a estudar o assunto, ainda que nem sempre compartilhem o mesmo ponto de vista. Porções significativas da estrutura deste trabalho e de seu conteúdo devem ser creditadas a ele, especialmente no Capítulo Onze.



Sinto-me igualmente em débito com outro colega, Dr. Silas de Araújo Gomes, cujas pesquisas me ofereceram inúmeras contribuições positivas. Escreveu como pioneiro nesta sensível área, no idioma português, de modo que eu apreciaria, simbolicamente, oferecer-lhe o primeiro exemplar desta pesquisa.

O Prof. Dr. Urias Takatohi contribuiu de forma direta com este estudo, e fê-lo com magistral propriedade, ao “dissecar” os complexos conceitos da Física Quântica, tornando-os acessíveis aos “mortais comuns”, leigos no assunto, entre os quais me incluo deste já. No Capítulo Dez se encontra esta contribuição que, para mim, representa uma jóia preciosa. Profunda expressão de reconhecimento e gratidão, é o mínimo que me cabe manifestar a ele, e acredito estar fazendo-o em nome de todos os leitores desta obra.

Ao Dr. Belmiro d’Arce, devo o fato de haver-me levado a estudar em maior profundidade os aspectos relacionados com a homeopatia, buscando conhecer seus verdadeiros fundamentos com um nível de determinação e profundidade ao qual jamais dantes me havia proposto. Creio que o consegui, muito além de minhas expectativas iniciais. As revelações que se me foram apresentando ao longo dos anos, e em boa medida aqui alinhavadas, surpreenderam muitas vezes a mim próprio.

O Dr. Héliño Nogueira tem sido de longa data um estudioso dos temas aqui analisados e, talvez sem sabê-lo, muito me inspirou a avançar, mormente quando a trilha parecia perder-se no emaranhado de aparentes contradições. Foi por demais importante o seu aporte a uma das seções do Capítulo Cinco, além de outros pontos. Como se isso não bastasse, honrou-me aceitando o convite para prefaciar esta obra, o que certamente a valoriza.

Devo dizer, entretanto, que a responsabilidade pelas conclusões expostas em qualquer seção do presente trabalho e em seu todo, sobretudo se em algum aspecto se revelarem equivocadas, é exclusivamente minha.

Finalmente, sendo esta uma obra que lida com assuntos acentuadamente polêmicos, é possível que em vários pontos os conceitos que expresso com vigor desagradem a alguém. Por bondade, se este for o seu caso, jamais o tome como uma ofensa pessoal. Como cristão, acredito que estamos em meio a uma terrível batalha, e se me manifesto através de termos enérgicos em certos pontos, é por acreditar que preciso emitir um brado de advertência. Confronto idéias, não pessoas. Agradeço por sua compreensão.

## CAPÍTULO UM

### A ESTRÉIA

- 1.1 - Base Filosófica Desta Obra e Seu Público-alvo
- 1.2 - Terapias Alternativas e a “Grande Controvérsia”
- 1.3 - Fontes Relevantes de Informação
- 1.4 - Terapias Alternativas em Minha História Pessoal
- 1.5 - Vislumbre do que Ocorre “Por Trás da Cortina”
- 1.6 - Quando Algo Bom Pode Trair-nos

#### 1.1 - Base Filosófica Desta Obra e Seu Público-alvo

Milhões de pessoas estão hoje tomando consciência do relacionamento existente entre corpo, mente e espírito ao se buscar a saúde total. Na qualidade de médico cristão com razoáveis anos de treinamento tradicional, humanístico e clínico, despertei bastante cedo na vida - muito antes de obter a formação profissional na área da saúde - para o conceito de “homem integral”. Sempre me senti intrigado e desafiado por este conceito. Um conceito que, diga-se de passagem, permeia toda a Bíblia, que para mim prossegue sendo por excelência o Livro das Origens.

Como cristão adventista do sétimo dia, meu sistema de valores baseia-se fundamentalmente na Bíblia, e por esta razão o Livro dos livros é freqüentemente citado - mais que isto, serve como parâmetro de julgamento dos demais sistemas de valores. Não existe cristianismo sem Cristo, e a Bíblia é, acima de qualquer outra coisa, o Livro de Cristo.

Será inevitável, em muitas oportunidades, uma radical divergência entre a visão cristã dos processos de curar e as propostas de outras correntes filosóficas. A ampla maioria das assim chamadas terapias alternativas assenta-se sobre um definido alicerce espiritualista. Em minha opinião e na de praticamente qualquer cristão que se conserve fiel à doutrina bíblica, cristianismo e espiritualismo são irreconciliáveis, a despeito de muitos pretenderem empreender ou já haver empreendido a síntese entre ambos.

Como cristão adventista do sétimo dia, meu sistema de valores baseia-se fundamentalmente na Bíblia, e por esta razão o Livro dos livros é freqüentemente citado. A ampla maioria das assim chamadas terapias alternativas assenta-se sobre um definido alicerce espiritualista. Em minha opinião e na de praticamente qualquer cristão que se conserve fiel à doutrina bíblica, cristianismo e espiritualismo são irreconciliáveis, a despeito de muitos pretenderem empreender ou já haver empreendido a síntese entre ambos.

Sinto-me consternado ao observar que tantos cristãos sinceros (ao lado de outros cujo comprometimento com Cristo é duvidoso) ainda não se deram conta da importância vital, ETERNA, deste ponto. Conforta-me, por outro lado, verificar que muitos indagadores genuínos da verdade o perceberam e estão ativamente empenhados em torná-lo conhecido a outros. Espero, ainda, que em existindo divergência de pensamento, as pessoas consigam separar as idéias dos relacionamentos. Mesmo diante de diferenças irreconciliáveis no plano ideológico, podemos e devemos conservar o respeito mútuo interpessoal. Mais que isto, entendo que aqui se encontram em jogo valores que ultrapassam vastamente os interesses do mundo presente, pelo que minha expectativa é de que este trabalho contribua para a vida eterna de muitos.

Esta exposição dirige-se, pois, primariamente, a cristãos. A cristãos que prosseguem acreditando que a Bíblia é a revelada vontade de Deus, a expositora genuína de quem é o homem, de onde proveio e para

onde se dirige. Em alguns de seus aspectos, o trabalho visa alcançar especialmente os cristãos adventistas do sétimo dia. Estes têm considerado que o dom profético deve constituir um dos elementos distintivos do povo de Deus nos últimos dias da história terrestre. Acreditam também que referido dom se fez presente no seio desta comunidade cristã através do ministério de Ellen G. White. Logo, torna-se extremamente importante conhecer o que a autora escreveu sobre o fenômeno básico observado nas principais terapias alternativas de embasamento místico, inclusive algumas de suas referências que, à primeira vista, parecem sugerir haver ela demonstrado uma certa simpatia por estas correntes.

Se, em alguns momentos, os cristãos de outras denominações se sentirem um pouco desconfortáveis com este enfoque específico, por bondade deixem-no “repousar” à margem do estudo e tentem prosseguir vendo-o como um todo, até porque este aspecto particular não constitui o centro deste trabalho e nem a sua razão principal de ser. Forçoso e prazeroso é reconhecer que muitos cristãos de outras denominações me enriqueceram enormemente com os seus aportes, e seus esforços em identificar a “agulha da verdade” em meio ao “palheiro de enganos” são emocionantes, são comovedores.

Embora eu não tenha a expectativa de que todos os leitores concordem com as conclusões às quais cheguei, espero ao menos que cada um de nós examine este material com honestidade. Que você, leitor cristão, não direcione as referências para a sua filosofia pessoal de tratamento, antes consiga observar, com o espírito desarmado, as origens e raízes de cada método de cura. Para que alcancemos a correta compreensão do que é cura, necessitamos avançar para além de uma avaliação superficial.

## 1.2 - Terapias Alternativas e a “Grande Controvérsia”

Em última análise, este é um assunto espiritual. Afirmam as Escrituras que as coisas espirituais “se discernem espiritualmente”. (1) Portanto, suplico a Deus que abra a sua mente para a compreensão da realidade que Ele representa. Este mundo acha-se ainda envolvido naquilo que temos convencionado chamar de “grande controvérsia”. Embora o resultado final da mesma tenha graves ramificações cósmicas, a batalha está sendo travada no terreno de nossas mentes. E ainda que eu tenha preocupação notória com o lado “charlatanístico” de muitas terapias alternativas – não poderia, sendo médico, deixar de levar em conta este aspecto - o cerne de minha preocupação com você, leitor(a), ocorre no plano espiritual.

Tenho sólidas razões para crer que tal batalha está se intensificando a cada dia, e em breve atingirá o ponto culminante. Bastam uns poucos minutos de pesquisa na rede eletrônica para alguém se aperceber da quase imensurável quantidade de *sites*, livros, artigos e propostas que difundem o “conhecimento oculto”. Quase sempre associam-se ao oculto o ensinamento e a prática de terapias alternativas, sob as mais variadas terminologias, mas invariavelmente centradas sobre o mesmo eixo referencial: uma visão espiritualista do homem e do Universo.

Uma das principais vertentes desta controvérsia relaciona-se com os métodos de cura. Creio ser assim porque, estando enferma a humanidade, o anseio por livrar-se das doenças tornou-se um clamor universal. Qualquer proposta que vise devolver a saúde às pessoas possui grandes chances de ser aclamada com entusiasmo, sobretudo se NÃO exigir “sacrifícios”, como a mudança de hábitos não salutares. Soluções quase miraculosas, e que se enquadrem numa suposta definição de “natural”, são as que apresentam maiores chances de aceitação. Portanto, saber hoje em que terreno estamos pisando, é vital à nossa sobrevivência espiritual. Na verdade, até mesmo a compreensão do termo “espiritual” pode divergir dramaticamente se, de um lado, a mente de um cristão for o ponto de referência e, de outro, a mente com posições filosóficas espiritualistas. Necessitaremos clarificar o seu significado no contexto do presente trabalho.

Talvez alguns se surpreendam porque não estarei analisando o conceito de “cura” senão no último capítulo - teria este autor conseguido a façanha de esquecer a definição do próprio tema de seu trabalho? Não, certamente não. Ocorre que o emaranhado é tão denso, que me pareceu necessário apresentar suas múltiplas ramificações ANTES de tentar atingir uma compreensão adequada do termo. Insisto em que você leia estes textos com oração e genuíno desejo de compreender a verdade segundo a Palavra de Deus.

### 1.3 - Fontes Relevantes de Informação

No preparo do presente trabalho, a pesquisa necessariamente conduziu a amplos, variados e, por vezes, tortuosos caminhos - história, mitologia, psicologia, espiritualismo, medicina moderna e antiga, religião. Envolveu muitas centenas de horas de estudo atento e diligente. Certamente foi facilitada pelos modernos recursos tecnológicos, sobretudo a Internet. Se o mesmo trabalho houvesse de se realizar exclusivamente através de pesquisa bibliográfica convencional, em bibliotecas, ter-se-ia tornado virtualmente impossível para mim, pois foi necessário compatibilizá-lo com as obrigações profissionais do cotidiano, sempre de considerável monta no caso de um médico.

Esclarecimentos notáveis vieram da leitura de livros cristãos, como A Ciência do Bom Viver; Medicina e Salvação; Mente, Caráter e Personalidade e outros. Já no período de formação médica, foi muito útil acrescentar o estudo dos trabalhos da autoria de Selye, Cannon e outros fisiologistas. Michael Balint ofereceu-me indelével contribuição ao ajudar-me a compreender o fundamental valor da relação médico-paciente.

Percebi nestas leituras um fio comum de irmandade universal e abertura de mente, uma tentativa de ajudar a resolver a tensão que observava no materialista e tecnocrático mundo da medicina, em que tantas vezes me sentia frustrado porque o foco principal de nosso aprendizado e prática centralizava-se na enfermidade, e não no ser humano. Este parece ser, de fato, o enfoque da maioria das escolas de Medicina. Talvez devêssemos pensar em algum desafio maior do que apenas administrar drogas, consertar cirurgicamente os danos já ocorridos no organismo e conformar-nos com iniciativas que tão-somente postergavam a morte, pouco realizando no sentido de corrigir a causa subjacente à doença.

### 1.4 - Terapias Alternativas em Minha História Pessoal

Tomei interesse pelo movimento popular de saúde holística, de modo acentuado, durante o período de meu curso de Medicina, já que no ambiente universitário tínhamos, em uma das áreas de nossa formação, professores extremamente preocupados em repassar-nos informações e conhecimentos que correspondessem a uma visão holística do ser humano. Na verdade, o enfoque deste grupo de professores contrastava fortemente com o da maioria dos demais, voltados para o ensino técnico frio e distanciado do homem integral. Era gratificante e confortador observar que os praticantes das “artes holísticas” se preocupavam com a totalidade da pessoa; assim, não foi difícil desenvolver considerável simpatia por eles.

Esta abertura entre os profissionais holísticos achava-se em marcante contraste com a atmosfera altamente competitiva e formal da medicina tradicional. Tínhamos objetivos comuns nas áreas de estilo de vida, sobretudo nutrição e atividade física. Aqui predominava a idéia - que até hoje considero essencialmente correta, contanto que dosada adequadamente - de que “não existem doenças, e sim doentes”. Ou seja, deveríamos conservar sempre diante de nós a pessoa do enfermo, infinitamente mais importante que a enfermidade de que estivesse sendo portador. Até mesmo debatíamos sobre os aspectos espirituais do homem, algo “abominável” segundo os padrões da prática médica formal.

Nas reuniões em que - professores e acadêmicos - nos reuníamos para enfocar a medicina holística, éramos insistentemente convidados a pôr de parte as febricitantes atividades do dia e a “focalizarmos” o ambiente

imediatamente à nossa volta e as necessidades pessoais uns dos outros. Uma proposta eminentemente positiva e fraternal. Devíamos esvaziar nossas mentes de quaisquer pensamentos negativos e abri-las às novas idéias que surgiriam durante a discussão. Calmamente fechávamos os olhos, relaxados, e centralizávamos a atenção uns nos outros e no “ritmo da vida”.

Em virtude das bases cristãs de minha mente, sempre mantinha um discreto “estado de alerta” durante estas sessões. Parecia-me, por vezes, que estivéssemos praticando uma espécie de “oração em grupo”. Eram proferidas algumas vagas referências quanto a uma tal de “consciência unificada”. Em minha ingenuidade, por vezes cheguei a pensar que as mesmas pudessem aplicar-se a Deus - quem sabe? De toda forma, deveria conservar-me vigilante.

O estado de alerta veio a tornar-se mais acentuado quando tive contato com autores como Fritjof Capra e, sobretudo, Deepak Chopra. Este último viria a representar um papel importante no presente estudo. Também parecia evidente que várias destas pessoas aceitavam ensinamentos de todas as crenças, incluindo o cristianismo, o hinduísmo, o budismo, o judaísmo e o ateísmo. Todas estas correntes de pensamento recebiam um efusivo tratamento de “boas-vindas” por parte dos professores holísticos.

Certa ocasião, um de nossos instrutores apresentou os conceitos da “terapia de contato”. Afirmou que, sem chegar a tocar de fato o paciente, o terapeuta poderia ajustar adequadamente a sua “aura elétrica”. Isto seria conseguido deslocando-se as mãos, em movimentos espirais, sobre os membros e tronco do paciente. Foi proposto que nos dividíssemos em grupos de duas pessoas e praticássemos nossa habilidade “inata” de perceber as “vibrações” energéticas que, segundo o instrutor, circundavam o corpo.

Devo confessar que não senti realmente o que era descrito, ou aquilo que vários no grupo entusiasticamente afirmavam experimentar. Talvez eu estivesse apenas necessitando praticar um pouco mais. A radiação térmica podia ser fisiologicamente explicada, mas estas “vibrações” eram supostamente uma coisa diferente.

Quem sabe existisse uma forma de “energia” da qual eu não tomara até então plena consciência? De que se tratava a “energia vital” à qual eram feitas tantas referências? Seria o poder de Deus manifesto na Criação do mundo, e particularmente do homem? Outra importante fonte referencial para mim, Ellen G. White, também mencionara que os crentes sinceros devem difundir “energia vital” (2). Estariam nossos instrutores falando da mesma energia a respeito da qual me habituara a pensar desde a infância - OU NÃO?

Esta pergunta, que se estabelecera em minha mente durante a juventude, agora ia adquirindo uma força explosiva, quase insopitável. Eu precisava de respostas, até porque freqüentemente as pessoas, sobretudo nas igrejas cristãs, me dirigiam perguntas relacionadas com o assunto. Muitas vezes tive de responder-lhes que eu próprio ainda buscava melhor compreensão da verdade neste aspecto em particular, e que tão logo estivesse convencido de havê-las encontrado, procuraria compartilhá-las com determinação. Acreditando haver alcançado esta compreensão, tenho feito o possível para cumprir a promessa.

O instrutor fez então que um dos participantes deitasse no assoalho enquanto ele movimentava a “energia congesta” da pelve para as pernas do “paciente”. O paciente testificou que de fato experimentara um estranho e ainda assim confortável formigamento e calor em suas extremidades inferiores. O líder do grupo movimentou então as mãos sobre o tórax do paciente, sempre em círculos. Repentinamente parou e, com um grito de exclamação, disse: “Você tem enfrentado sérios problemas em sua vida diária, não é certo?”

De sopetão, fui devolvido à realidade. As luzes suaves e vozes agradáveis não mais obnubilavam meus pensamentos. Meu estado de alerta se aguçou. Que havia eu escutado? Estava o professor “adivinhandos” as características da personalidade do paciente ou seu estado de saúde a partir destas supostas “vibrações”?

Foi-se-me tornando clara a situação com a qual lidava. Esta experiência abriu-me a mente à compreensão de que eu necessitava investigar a origem e o modo de operação destes fenômenos. Não parecia mesmo tratar-se de alguma técnica fisiológica, ignorada pela moderna medicina científica e tecnológica. Em vez disso, parecia ser uma forma de “adivinhação” do futuro ou do passado. Ora, as Escrituras acautelam de modo muito claro contra a pretensão dos adivinhos:

“Não se achará entre ti... adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro... pois todo aquele que faz tal cousa é *abominação* ao Senhor”. (3) (ênfase suprida)

### 1.5 - Vislumbre do que Ocorre “Por Trás da Cortina”

O cristão precisa entender bem este ponto. Não estamos falando de algo que possa ser tolerado em virtude de oferecer algum (talvez aparente, talvez real) benefício. Estamos falando de algo abominável a Deus, algo que Lhe provoca a mais intensa reação de repulsa, rejeição e condenação.

Por outro lado, o que dizem as Escrituras acerca do poder de Satanás? Poderia ele ser a fonte destas “boas técnicas”? Teria eu de concluir que a atraente idéia da medicina holística - incluindo-se aí praticamente todo o espectro das terapias alternativas - se encontra impregnada, em sua própria base, de conceitos espiritualmente destrutivos?

“Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira, e com todo engano de injustiça aos que perecem, porque não acolheram o amor da verdade para serem salvos”. (4)

Esta é a grande controvérsia. Satanás pode realizar milagres e os fará. Depois da ressurreição, Jesus foi triunfantemente levado de entre Seus discípulos, vitorioso sobre o arquiinimigo. Havia emitido o poderoso brado: “Está consumado” (5). A morte não fora capaz de retê-Lo na sepultura; como o Senhor da vida, reassumiu-a gloriosamente. Criara-se a possibilidade definida de o ser humano recuperar a imagem divina, perdida pela prática do pecado - a “transgressão da lei” (6) de Deus. Aqui na Terra, entretanto, muitas etapas do grande conflito ainda teriam de se desenvolver. Temos uma interessante informação sobre o que aconteceu num certo concílio de entidades espirituais naquela ocasião:

“Satanás de novo aconselhou-se com seus anjos, e com ódio violento ao governo de Deus disse-lhes que, enquanto ele retivesse seu poder e autoridade na Terra, seus esforços deveriam ser dez vezes mais fortes contra os seguidores de Jesus. Em nada haviam prevalecido contra Cristo, mas deveriam derrotar Seus seguidores, sendo possível”. (7)

### 1.6 - Quando Algo Bom Pode Trair-nos

Satanás está utilizando todo e qualquer método para enredar os seguidores de Cristo. Acredito que o movimento intitulado “saúde holística” constitui parte do plano-mestre de Satanás para capturar pessoas incautas, ainda que bem intencionadas. Muitos leram superficialmente alguns escritos da inspiração na área de saúde, e possuem um conhecimento pouco profundo das Escrituras, mas jamais tomaram realmente tempo para tentar entender, de modo sistemático, o que Deus está procurando transmitir aos cristãos acerca da saúde da mente, corpo e espírito.

É assim que muitos cristãos de boa fé, equipados com umas poucas citações de escritores “religiosos” e textos escriturísticos que imaginam “provar” a validade de sua técnica ou terapia preferida, estão mergulhando de coração pleno neste movimento. É enorme o número de autores cristãos (ou “cristãos”?) que defendem vigorosamente as terapias alternativas. Diminui, aparentemente, o número daqueles que ousam erguer a voz contra a avalanche de entusiasmo manifestado diante do “natural” e “alternativo”.

Para a situação específica do ambiente cristão adventista do sétimo dia – com o qual convivo praticamente desde o nascimento – a idéia de “natural” é por demais atrativa. Temos estado umbilicalmente vinculados, do ponto de vista filosófico e espiritual, a este conceito. Se, de um lado, isto é altamente desejável, por outro nos torna mais vulneráveis à aceitação – sem adequado exame ou questionamento – de novas propostas que parecem harmonizar-se com esta nossa predisposição histórica. Corremos graves riscos. Conforme destaquei em certa oportunidade, “verdadeira razão para alarme existe no fato de que Satanás tomou para si a bandeira do natural, dando-lhe matizes muitas vezes insuspeitos, e que facilmente passam despercebidos à grande maioria dos membros da igreja, inclusive profissionais de saúde”.(8)

Para responder às perguntas relativas ao surgimento, fundamentos e resultados das terapias alternativas da medicina holística, será necessário algum conhecimento do que ocorreu no passado, no distante passado. Também se requer conhecimento dos fatores que assentaram, no ocidente, as bases para o progresso das idéias que hoje constituem o alicerce das terapias alternativas. Temos de compreender o que as milenares filosofias espiritualistas orientais têm a ver com todo o “sistema”. Voltando ainda mais no tempo, necessitamos chegar à compreensão de importantes fatos que ocorreram algum tempo após a criação deste mundo, no ambiente do Jardim do Éden.

Tornar-se-á claro, ao longo de toda esta apresentação, que a ampla maioria das assim chamadas terapias alternativas encontra-se impregnada de conceitos místicos e espiritualistas. Entretanto, existem genuínas terapias “alternativas” (ainda assim consideradas pela medicina científica oficial). Reservei o Capítulo Onze para descrever, em termos sintéticos, os enfoques terapêuticos alternativos que se assentam sobre sólidas bases fisiológicas.

A figura de Cristo estará sempre formando o pano de fundo de minhas considerações. Por isso afirmei que este é um livro escrito por um cristão, para cristãos. Ele ocupou o meu e o seu lugar ao assumir nossas culpas. Assim, acredito que o mais importante de todos os fatores a ser considerado aqui, é como os autores e proponentes de todas as terapias alternativas consideraram a Cristo. Deixo para você, desde já, este bonito parágrafo a respeito da figura vicária de nosso Salvador:

“Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia”. (9)

A Bíblia constituirá a fonte principal para se chegar à compreensão daquilo que ocorreu naquela oportunidade, com reflexos até os dias de hoje. O caminho é longo e difícil, e esta coletânea de modo algum conseguirá exaurir o assunto - na verdade, mal começará a tangenciá-lo. Uma vez, contudo, que se obtenha esta compreensão básica, tudo se tornará bem mais claro.

## CAPÍTULO DOIS

### VISÃO BÍBLICA DA NATUREZA DO HOMEM

- 2.1 - Informações Preliminares
- 2.2 - A Visão Bíblica É Criacionista
- 2.3 - O Deus da Criação
- 2.4 - A História da Criação
  - 2.4.1 - O Relato da Criação
  - 2.4.2 - Os Dias da Criação
  - 2.4.3 - O Que São os “Céus”?
- 2.5 - Propósito e Significado da Criação
  - 2.5.1 - Antídoto Para a Idolatria
  - 2.5.2 - Fundamento da Verdadeira Adoração
  - 2.5.3 - A Santidade da Lei de Deus
  - 2.5.4 - O Sábado Como Memorial da Criação
  - 2.5.5 - Matrimônio e Companheirismo
  - 2.5.6 - Base Para Auto-Estima e Significado da Vida
  - 2.5.7 - Responsabilidade Pessoal e Mordomia
  - 2.5.8 - Dignidade do Trabalho Manual
  - 2.5.9 - Valor do Universo Físico
  - 2.5.10 - Santidade da Vida
- 2.6 - O Ser Humano Como Coroa da Criação
  - 2.6.1 - Estrutura Indivisível
  - 2.6.2 - Compreendendo os Termos
    - 2.6.2.1 - O fôlego de vida
    - 2.6.2.2 - Homem - uma alma vivente
    - 2.6.2.3 - O significado bíblico de alma
    - 2.6.2.4 - O significado bíblico de espírito
  - 2.6.3 - Unidade de Corpo, Alma e Espírito
    - 2.6.3.1 - União dupla
    - 2.6.3.2 - União tripla
    - 2.6.3.3 - União indivisível e harmoniosa
- 2.7 - A Bíblia Ressalta os Efeitos do Pecado Sobre a Criação
  - 2.7.1 - A Origem do Pecado
    - 2.7.1.1 - Deus e a origem do pecado
    - 2.7.1.2 - O autor do pecado



- 2.7.1.3 - A origem do pecado na raça humana
- 2.7.2 - O Impacto do Pecado
  - 2.7.2.1 - Conseqüências imediatas
  - 2.7.2.2 - O caráter do pecado
  - 2.7.2.3 - Efeitos do pecado sobre a humanidade
    - 2.7.2.3.1 - A pecaminosidade universal da humanidade
    - 2.7.2.3.2 - É a pecaminosidade herdada ou adquirida?
    - 2.7.2.3.3 - A erradicação do comportamento pecaminoso
  - 2.7.2.4 - Evolução e queda do homem
    - 2.7.2.4.1 - A visão bíblica do homem e da evolução
    - 2.7.2.4.2 - Calvário e evolução
    - 2.7.2.4.3 - A encarnação e a evolução
    - 2.7.2.4.4 - Proveio o homem das eras?
- 2.8 - Nem Tudo Está Perdido
  - 2.8.1 - O Concerto Firmado Por Ocasão da Queda
  - 2.8.2 - O Concerto Estabelecido Antes da Criação
  - 2.8.3 - A Renovação do Concerto
  - 2.8.4 - O Novo Concerto
- 2.9 - Riscos da Excessiva “Espiritualização” do Ser Humano

## 2.1 - Informações Preliminares

Este capítulo apoiar-se-á fortemente no conteúdo de alguns capítulos do livro *NISTO CREMOS - 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia*, que tive o privilégio de traduzir. A obra foi produzida pela Associação Ministerial da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, representando a visão oficial da Igreja Adventista no tocante às principais doutrinas bíblicas. É editada no Brasil pela Casa Publicadora Brasileira, sediada em Tatuí, São Paulo, e já foram produzidas diversas edições. Estarei utilizando especialmente o material que compõe os capítulos “A Criação” e “A Natureza do Homem”, do mencionado livro.

## 2.2 - A Visão Bíblica É Criacionista

“Deus é o Criador de todas as coisas, e revelou nas Escrituras o relato autêntico de Sua atividade criadora. ‘Em seis dias fez o Senhor os Céus e a Terra’ (1) e descansou no sétimo dia dessa primeira semana. Assim Ele estabeleceu o sábado como perpétuo monumento comemorativo de Sua esmerada obra criadora. O primeiro homem e a primeira mulher foram formados à imagem de Deus como obra-prima da Criação, foi-lhes dado domínio sobre o mundo e atribuiu-se-lhes a responsabilidade de cuidar dele. Quando o mundo foi concluído, ele era ‘muito bom’ (2), proclamando a glória de Deus”. (3)

O relato bíblico sobre a Criação do Universo – incluindo-se aí o ser humano – é extremamente simples. Os sucessivos dias são apresentados numa seqüência que salienta as providências divinas sendo tomadas para viabilizar a vida sobre a face da Terra. Iniciando com a presença da luz, prosseguindo com a organização da atmosfera e da crosta terrestre, a criação dos vegetais, a organização da seqüência noite/dia, o

aparecimento da vida marinha, a criação dos pássaros e animais terrestres e, finalmente, a criação do ser humano – primeiro Adão, logo depois, Eva – tudo revela um definido e sábio planejamento por parte da mente divina. Nada de acaso, de improviso, de errantes tentativas evolucionistas.

Ao longo de quase todo o processo, é a palavra de Deus quem cria: “Disse Deus...” (4) “Os Céus pela Sua palavra se fizeram, e pelo sopro de Sua boca o exército deles... Ele falou, e tudo se fez; Ele ordenou, e tudo passou a existir”. (5) Vemos aí Deus atuando sem a necessidade de matéria pré-existente, embora tenha optado por algumas exceções. “Pela fé entendemos que foi o Universo formado pela palavra de Deus, de maneira que o visível veio a existir das coisas que não aparecem”. (6) Em última instância, Deus criou a matéria.

### 2.3 - O Deus da Criação

Quem é este nosso Deus-Criador? A Bíblia O apresenta como Onipotente, Onipresente e Onisciente (infinito em poder, presença e conhecimento). A despeito de Sua infinita exaltação, podemos ver este Deus como revelando intenso interesse por Suas criaturas. “O relatório bíblico da Criação inicia com Deus e termina com os seres humanos. Isto implica que ao criar os Céus e a Terra, Deus estava preparando o ambiente ideal e perfeito para a raça humana. . . O relato revela a Deus como um planejador cuidadoso, preocupado com Sua criação. . . Criou os seres humanos com a capacidade de manterem relacionamento pessoal com Ele. Tal relação não deveria ocorrer pela força, mas de forma natural; criou-os com a liberdade de escolha e a capacidade de amá-Lo e servi-Lo”. (7)

Todos os membros da Divindade se envolveram na obra criadora (8). Entretanto, o Agente ativo foi o Filho de Deus, o Cristo pré-existente, conforme se pode concluir claramente a partir de outros textos: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas por intermédio dEle, e sem Ele nada do que foi feito se fez”. (9) O contexto em que João apresenta o Verbo, revela a quem a expressão se refere: “E o Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a Sua glória, glória como do Unigênito do Pai”. (10) Trata-se, claramente, de Jesus.

Não sem razão para tanto, O Criador também identifica a Si próprio na Bíblia como a Verdade: “Eu sou o Caminho, e a Verdade, e a Vida”. (11) Conhecedor de todas as coisas e de quantos enganos dispersivos ainda apareceriam após Seu retorno ao Céu, apresentou a âncora na qual todo seguidor Seu – todo cristão – deveria fixar suas crenças: “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará”. (12) Ao suplicar a atenção especial do Pai sobre os Seus filhos de todas as épocas, identificou de forma irretorquivelmente clara a âncora-verdade: “Santifica-os na verdade; a Tua Palavra é a verdade”. (13)

Nesta seqüência de textos, observamos que a Palavra é uma Pessoa (o Verbo), que é ao mesmo tempo a Verdade. Assim, a Verdade é igualmente uma Pessoa. Conseguissem os seres humanos tão-somente fixar de modo indelével este ponto em suas mentes, evitariam tantas fúteis imaginações, teorias, divagações e filosofias. A Verdade é Cristo, a Verdade é a Palavra, a Verdade é uma Pessoa divina. Uma Pessoa de sólida estrutura, uma personalidade saudável, de uma só face, Alguém que é sempre o Mesmo. “Jesus Cristo ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre”. (14)

Qual a razão para essa insistente seqüência? Cristo sabia que a verdade da Criação seria abertamente questionada e ridicularizada, o que abriria irrestrito espaço para as teorias evolucionistas, incluindo-se aí a evolução espiritual via espiritualismo e/ou espiritismo. Qualquer cristão que deseje firmar-se na verdade, só dispõe de uma alternativa: Cristo, Sua Palavra, a Verdade! O relato da criação literal é o único que tem o selo da verdade de Cristo – o único digno de merecer a confiança do cristão!

O amor de Deus – quão extraordinário se revela na Criação! Acompanhando o relato bíblico, podemos ver Cristo moldando com Seus próprios dedos a figura inanimada de Adão. Sendo onisciente, sabia Ele que os

descendentes do primeiro homem um dia se voltariam contra Ele e o pregariam na cruz, mas a sombra de dor produzida por este pensamento não O fez interromper o ato criador! “Sob a agourenta nuvem do Calvário, Cristo assoprou nas narinas de Adão o fôlego de vida, sabendo muito bem que esse ato criativo haveria de privá-Lo de Seu próprio fôlego de vida”. (15)

## 2.4 - A História da Criação

Muitas são as questões levantadas em relação ao relato da Criação, apresentado nos capítulos 1 e 2 de Gênesis. Para começar, ocorrem algumas diferenças entre os dois relatos. Existiria contradição de um face ao outro? São literais os dias da Criação, ou representam eles longos períodos de tempo? Porventura têm os astros, como o Sol, a Lua e as estrelas, apenas seis mil anos de existência? A visão da natureza do homem e tudo que dela decorre, depende fundamentalmente de como seja entendido o relato dos primeiros capítulos de Gênesis.

2.4.1- O Relato da Criação. Existe, sim, harmonia entre os relatos do primeiro e do segundo capítulos do primeiro livro da Bíblia. Ocorre que a ênfase de um e de outro é diferente. O primeiro capítulo apresenta a criação de todas as coisas, em ordem cronológica – terminando com a formação do homem e o descanso divino no dia sabático. Já o segundo capítulo enfatiza o ser humano, oferecendo detalhes de como foi formado. Aqui existe menor preocupação com a cronologia.

É solene observar, com os olhos da fé, a atuação de Cristo em Seu supremo ato criador: “Criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou”. (16) “Então formou o Senhor Deus ao homem do pó da terra, e lhe soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente”. (17) “Disse mais o Senhor Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea”. (18) “Então o Senhor Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma de suas costelas, e fechou o lugar com carne. E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher, e lha trouxe”. (19)

Estes relatos adicionalmente nos informam sobre a natureza da humanidade e do governo divino. “Somente quando estes dois relatos da Criação são aceitos como literais e históricos, é que se harmonizam com o restante das Escrituras”. (20) Mais que isto, quando verdadeiramente aceitos como literais e históricos, servem de poderoso escudo contra a aceitação de teorias espiritualistas e as decorrentes terapias energéticas que estão a infestar o mundo.

Chegamos aqui a um ponto de extrema importância. Mencionei, em 2.2, que Deus criou a matéria, e que praticamente toda a sua criação foi efetuada tão-somente a partir de ordens verbais. Mas existem algumas exceções, conforme citado. São os casos em que Ele utilizou matéria previamente criada. Quando isso ocorre? UNICAMENTE COM ADÃO E EVA!

No caso de Adão, Deus (o Verbo, Cristo) toma o pó da terra, molda-o numa figura semelhante à Sua própria Pessoa divina e inspira-lhe a vida através do divino fôlego. O homem PASSA A SER alma vivente – um ser dependente da vida de Deus, não possuidor de vida própria autônoma. Um ser que, pelo próprio relato da criação, não poderia ser inerentemente imortal. Tal atributo ele só poderia receber de Deus, de quem recebeu a vida. E isto NÃO aconteceu no Éden, conforme veremos em breve.

Já no caso de Eva, a lição se amplia um pouco mais. Além de fazer uso da matéria já criada (Adão) para moldar também com Seus próprios dedos a figura feminina, Deus estabeleceu claramente uma relação de amor e mútua dependência entre as duas “metades” da criatura humana, nenhuma das quais poderia ser completa sem a outra. Tão profunda foi esta relação de mútua dependência, que Deus designou que cada novo ser humano, nascido a partir de Adão e Eva, contasse a mesma história de absoluta complementaridade e dependência entre homem e mulher. Ao passo que todas as demais células do

organismo humano são constituídas por 46 cromossomos, as células reprodutoras – óvulos e espermatozóides – são constituídas por apenas 23 cromossomos. Ao se fundirem ambas numa só célula – o ovo, que é a célula matriz do novo ser – voltam a constituir uma célula de 46 cromossomos, e a espécie se reproduz. Solene e maravilhoso, não?

Quais seriam as implicações imediatas do fato de Deus haver criado nossos primeiros pais a partir de matéria já existente – diferentemente do que o fez com todo o restante da Criação? Consigo ver duas importantíssimas razões. A primeira relaciona-se com o profundo significado de Deus manipular a matéria com Seus dedos nesta fase final da Criação, o que destaca a suprema posição de honra do ser humano em seu estado original. É um ponto que tem recebido considerável atenção de parte de muitos autores. Voltaremos a citar este aspecto em 2.6. Já a segunda razão não tem recebido análise, tanto quanto eu saiba, mas a razão me parece clara. Examiná-la-emos em 2.9.

2.4.2 - Os Dias da Criação. A palavra hebraica traduzida como *dia* no primeiro capítulo de Gênesis é *yom*. Sempre que esta palavra de faz acompanhar de um numeral definido, significa um dia literal de 24 horas. Exemplos: Gênesis 7:11; Êxodo 16:1. Da mesma forma, a expressão “tarde e manhã”, típica do modo como o povo de Deus do Antigo Testamento media o tempo, especifica dias literais e individuais, com o dia iniciando ao pôr-do-sol (veja-se Levítico 23:32; Deuteronômio 16:6). “Não existe qualquer justificativa para se dizer que a expressão representa um dia literal em Levítico, por exemplo, e um período de milhões de anos em Gênesis”. (21)

Outra evidência de que a Criação ocorreu em sete dias literais (incluindo-se o descanso divino no sétimo dia), é provida pelo relato dos Dez Mandamentos. Diz o texto correspondente ao quarto mandamento: “Lembra-te do dia de sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra. Mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhum trabalho... porque em seis dias fez o Senhor os Céus e a Terra, o mar e tudo o que neles há, e ao sétimo dia descansou; por isso o Senhor abençoou o dia de sábado e o santificou”. (22)

“Aqui Deus torna a apresentar sucintamente a história da Criação. Cada dia – *yom* – foi preenchido com atividade criadora, e depois o sábado representou o clímax da semana da Criação. O sábado de vinte e quatro horas, portanto, comemora a semana literal da Criação. O quarto mandamento não faria qualquer sentido se cada dia da Criação representasse longos períodos de anos”. (23)

Mesmo que tomássemos o “curto” período de 1.000 anos para cada “dia” da Criação, como sugerem muitos, estaríamos diante de incontornáveis dificuldades para entender o relato de Gênesis 1 e 2. Neste esquema, à tardinha do sexto “dia”, o mesmo em que Adão foi criado, o pai de nossa raça estaria com idade superior ao total de anos de vida que a Bíblia lhe atribui em Gênesis 5:5. A aceitação da literalidade do relato da Criação constitui, pois, a única forma de aceitarmos a Palavra que é Verdade.

2.4.3 - O Que São os “Céus”? Algumas pessoas se sentem perplexas diante do relato bíblico de Gênesis 1, quando se obtém a idéia de que os “céus”, incluindo o Sol, a Lua e as estrelas, teriam sido criados na semana da Criação. Porventura foram todos os corpos celestes trazidos à existência há cerca de seis mil anos, a idade aproximada da Terra organizada?

“A semana da Criação por certo não envolveu os ‘céus’ onde Deus habita desde a eternidade. Os ‘céus’ de Gênesis 1 e 2 provavelmente se referem aos planetas e estrelas que se encontram mais próximos da Terra.

“O mais provável é que a Terra, em vez de ter sido a primeira obra do Criador, tenha sido, na verdade, a última. A Bíblia retrata os filhos de Deus – provavelmente os Adões dos mundos não caídos – encontrando-se com Deus em algum rincão distante do Universo (Jó 1:6-12). Até o presente momento, as experiências espaciais não conseguiram descobrir nenhum outro planeta habitado. Aparentemente eles se

situam na vastidão do espaço – muito além do alcance de nosso sistema solar poluído, onde se acham garantidos contra a infecção do pecado”. (24)

Não me parece igualmente necessário o apego à idéia de que toda a estrutura da Terra foi criada há seis mil anos. Não vejo incompatibilidade entre a aceitação da criação – organização – da Terra há seis mil anos e a prévia existência (desde o “princípio”) dos corpos celestes em geral e especificamente da crosta terrestre desprovida de qualquer forma de vida (“sem forma e vazia”). (25) A própria matéria, como um todo, pode haver sido criada por Deus em qualquer distante época anterior, sendo utilizada agora no processo criativo.

## 2.5 - Propósito e Significado da Criação

Uma vez que “Deus é amor”, (26) tudo o que faz baseia-se no amor. Motivado pelo amor, compartilhou conosco, na Criação, um dos mais preciosos dons que poderia conferir: a VIDA ou EXISTÊNCIA. Desejava que Suas criaturas pudessem reconhecer a Sua glória e serem assim atraídas a Ele. Mais ainda, que se tornassem retransmissoras da mesma. Por outro lado, não era do divino propósito que a Terra se mantivesse um planeta desabitado, solitário e vazio.

Qual o significado da Criação para o ser humano dos dias atuais? Muitos, inclusive cristãos, não parecem estar interessados em saber como vieram parar aqui. Crêem que importante é “irem para o Céu”, o que é plenamente verdade. Ocorre que a doutrina da Criação constitui “o fundamento indispensável para a teologia bíblica e cristã”. (27) Dentre outras, podemos destacar as seguintes implicações práticas da doutrina da Criação para os dias atuais:

2.5.1 - Antídoto Para a Idolatria. Deus estabelece a mais clara distinção possível entre Si mesmo e todos os demais deuses. O mandamento ordena expressamente a adoração unicamente a Ele. Sendo nosso Criador, merece de nossa parte total dedicação. Tudo o que interfira nessa dedicação sujeita-nos ao julgamento divino. Toda idolatria é degradante. É conveniente recordar que a mais perigosa forma de idolatria é a egolatria – a adoração do próprio ser. Uma vez mais, é o caso da adoração espiritualista.

2.5.2 - Fundamento da Verdadeira Adoração. A razão central pela qual nos é ordenado adorar a Deus, é o fato de ser Ele o nosso Criador: “Adorai Aquele que fez os Céus e a Terra, o mar e as fontes das águas”. (28)

2.5.3 - A Santidade da Lei de Deus. A lei de Deus existia antes da Queda. Traçava limites à liberdade do homem, sujeitando-o a seus preceitos. Em seu estado de perfeição, os seres humanos reconheciam a necessidade de se submeterem aos liames da lei divina.

2.5.4 - O Sábado Como Memorial da Criação. “Deus estabeleceu o sábado do sétimo dia para que pudéssemos lembrar semanalmente que somos criaturas feitas por Ele. O sábado representou um dom da graça, ao não falarmos daquilo que fizemos, e sim daquilo que Deus fez. Ele abençoou, de modo muito especial, esse dia e o santificou, para que jamais esquecêssemos que, além de muitos trabalhos, a vida deve incluir comunhão com o Criador, descanso e celebração das maravilhosas obras criadoras de Deus. . . . Tendo em vista enfatizar sua importância, o Criador deixou-nos a injunção no sentido de lembrar-nos deste sagrado memorial de Seu poder criador; fê-lo situando o mandamento na porção central da lei moral, como eterno símbolo e sinal da Criação”. (29)

2.5.5 - Matrimônio e Companheirismo. Na porção final da semana da Criação, Deus estabeleceu o matrimônio, sendo o Seu propósito que esta união fosse indissolúvel. O homem deveria constituir “uma só carne” com sua mulher (30). Deus igualmente desejava que todas as criaturas o entendessem como Pai. E a partir daí, todos se considerassem como irmãos e irmãs. Sob este enfoque, a compreensão correta da Criação constitui o mais poderoso antídoto contra a discriminação, sob todas as suas formas.

2.5.6 - Base Para Auto-Estima e Significado da Vida. Quando compreendemos que fomos criados à imagem e semelhança de Deus, vemos a nós mesmos como seres de elevadíssimo valor. Em vez de resultarmos das mazelas de um acidentado processo evolutivo, fomos criados pelos dedos de Deus. “Quando compreendemos que nossa criação ocorreu com um propósito, a vida se torna significativa e rica, e a dolorosa sensação de vazio e falta de satisfação que tantos expressam, desaparece, substituída pela calidez do amor de Deus”. (31)

2.5.7 - Responsabilidade Pessoal e Mordomia. Uma vez que Deus nos criou, nós Lhe pertencemos. Devemos prestar-lhe conta de nossas capacidades físicas, morais e intelectuais, assim como de nosso tempo e de nossos recursos financeiros. O homem recebeu a incumbência específica de cuidar da Terra e das demais criaturas.

2.5.8 - Dignidade do Trabalho Manual. O Criador orientou Adão e Eva a “cultivar e guardar” o Jardim do Éden. (32) Esta orientação, apresentada antes do pecado, mostra a dignidade do trabalho manual, que hoje tendemos a considerar como degradante e mesmo abjeto.

2.5.9 - Valor do Universo Físico. A cada etapa da criação Deus conferia o que criara, concluindo sempre que era “bom” (verifique esta expressão, que ocorre várias vezes no primeiro capítulo de Gênesis). Isto nos ensina que a matéria criada não é intrinsecamente má, como tantos afirmam; ao contrário, é boa!

2.5.10 - Santidade da Vida. Uma vez que proveio diretamente da santíssima Fonte de Vida, a vida humana é também sagrada. Sendo ela um dom de Deus, merece nosso maior respeito; mais que isto, temos a responsabilidade moral de preservá-la. Não temos o direito moral de exterminar nem mesmo a nossa própria vida, tanto quanto não o temos em relação à de outras pessoas.

## 2.6 - O Ser Humano Como Coroa da Criação

Não é sem razão que muitos autores se referem ao homem (ser humano) como a coroa da Criação. Vimos em 2.4.1. que Deus fez uso de matéria já existente ao formar Adão. Assim teria de sê-lo caso Ele desejasse moldar o homem com Suas próprias mãos. Na verdade, observando-se outros aspectos do relato da Criação, vê-se que o homem foi colocado na Terra como representante e administrador do Deus-Criador diante de todas as criaturas. Também era imprescindível usar matéria já existente (agora, o próprio Adão) para criar Eva nas condições e para os propósitos pelos quais foi criada. Desta forma, mais do que sob qualquer outra, tornava-se evidente o divino propósito de que homem e mulher fossem considerados como uma só carne, segundo vimos em 2.5.5.

Deleitei-me muitas vezes lendo e relendo o seguinte quadro pictórico da criação do primeiro homem, que agora compartilho com você:

“O mais criativo escultor da face da Terra jamais conseguiria produzir uma criatura tão nobre. Talvez algum Miguel Ângelo conseguisse dar formato às linhas exteriores, mas o que dizer da anatomia e da fisiologia cuidadosamente preparadas, além da beleza desta figura?

“A escultura perfeita jazia ali, completa: cada fio de cabelo, sobrancelhas, unhas no devido lugar – mas Deus não havia concluído o trabalho. Este homem não deveria ser um amontoado de pó, antes deveria viver, pensar, criar e crescer em glória.

“Inclinando-Se sobre a magnificente figura, o Criador lhe ‘soprou nas narinas o fôlego de vida, e o homem passou a ser alma vivente’ (Gênesis 2:7)”. (33)

Mas. . . como é a “arquitetura” física, intelectual e espiritual deste ser, coroa da criação? Aqui certamente temos um dos pontos centrais do presente estudo, uma vez que a visão bíblica da nossa constituição como

seres vivos difere totalmente da visão comumente aceita pela maioria das pessoas. Difere totalmente da visão espiritualista do ser, analisada no próximo capítulo. A verdadeira arquitetura do ser humano NÃO SE PRESTA para a aplicação, a este ser, das pretensas terapias energéticas, pois simplesmente NÃO corresponde à arquitetura que tais terapias explícita ou implicitamente descrevem ou subentendem!!!

2.6.1 - Estrutura Indivisível. “O homem e a mulher foram formados à imagem de Deus com individualidade, o poder e a liberdade de pensar e agir. Conquanto tenham sido criados como seres livres, cada um é uma unidade indivisível de corpo, mente e alma, e dependente de Deus quanto à vida, respiração, e tudo o mais”. (34) (ênfase suprida)

Assim, o ser humano não apenas não é aquela mixórdia preconizada pelo monismo (veja 3.4.3), em que eu nada mais sou que uma parte do todo cósmico, em que eu e você somos a continuação um do outro, a ponto de nem podermos dizer “nós somos dois”. Para surpresa de muitos, ele igualmente NÃO É aquele ser capaz de se decompor em partes que ainda assim sobrevivem independentemente. Ele NÃO é o ser que, ao morrer o corpo, tem a alma liberada para prosseguir viva, independente do corpo. O ser humano é um todo indivisível de corpo, mente e alma. Precisamos conhecer qual o entendimento bíblico de cada um destes três componentes. Encontramo-nos aqui no próprio CERNE de toda a questão.

2.6.2 - Compreendendo os Termos. Prossigo apoiando-me fortemente nas análises efetuadas por teólogos adventistas, reproduzidas em NISTO CREMOS. Sem estar citando entre aspas durante boa parte do texto que segue em 2.6, reporto o leitor que assim desejar fazê-lo às páginas 117 até 123 do referido livro.

2.6.2.1 - O fôlego de vida. Quando Deus converteu os elementos da terra em um ser vivente, “soprou” o “fôlego de vida” nas narinas de Adão, até então um ser inanimado. Esse fôlego de vida é o “sopro do Todo-poderoso” (35), a centelha de vida. Uma boa ilustração pode ser encontrada na eletricidade que flui através dos vários componentes elétricos até converter um quieto e inanimado painel de vidro, encaixado numa armação de madeira e metal, numa sucessão vibrante de cores e ação – estou falando do televisor. A eletricidade traz som e movimento àquilo que antes era apenas material morto.

2.6.2.2 - Homem - uma alma vivente. O que foi realizado pelo fôlego de vida? Quando Deus formou o ser humano do pó da terra, todos os órgãos se achavam presentes – coração, pulmões, rins, fígado, baço, cérebro, estômago, intestinos e outros. Todos perfeitos, mas sem vida. Assim que Deus assoprou Seu próprio fôlego de vida para dentro deste ser inanimado, o homem “tornou-se alma vivente”.

A equação bíblica é muito clara: o pó da terra (elementos terrestres) + fôlego de vida = ser vivente ou alma vivente. A união dos elementos da terra com o fôlego de vida resultou numa criatura vivente, ou alma. Observe-se que o “fôlego de vida” não se restringe às pessoas. Todas as criaturas vivas o possuem.

O termo hebraico de Gênesis 2:7, aqui traduzido como “alma vivente” ou “ser vivente”, é *nephesh chayyah*. Esta expressão não designa exclusivamente o homem, pois também se aplica a animais marinhos, insetos, répteis e bestas, como em Gênesis 1:20 e 24; cap. 2:19.

*Nephesh*, traduzido como “ser” ou “alma”, provém de *naphash*, que significa “respirar”. No Novo Testamento, o termo equivalente do grego é *psuche*. “Uma vez que a respiração é a mais evidente manifestação de vida, *nephesh* designa basicamente o homem como uma criatura vivente, uma pessoa”. (36) A mesma palavra, no relato da Criação, se aplica aos animais, descrevendo-os como criaturas viventes, criadas por Deus.

Observe-se aqui um importante detalhe: a Bíblia afirma que o homem *passou a ser* uma alma vivente. Coisa alguma no relatório da Criação indica que o homem *recebeu* uma alma – alguma espécie de entidade separada que, quando da Criação, foi unida ao corpo do homem. Definitivamente, não!

2.6.2.3 - O significado bíblico de alma. Em Gênesis 2:7, “alma” denota o homem como um ser vivente depois que o fôlego de vida penetrou no corpo físico formado pelos elementos da terra.

“Similarmente, uma nova ‘alma’ vem à existência sempre que nasce uma criança, sendo cada ‘alma’ uma nova unidade de vida, completamente distinta de todas as outras unidades similares. Esta qualidade da individualidade em cada ser vivente, o qual constitui uma entidade única, parece ser a idéia enfatizada pelo termo hebraico *nephesh*. Quando utilizado neste sentido, *nephesh* não representa parte de uma pessoa; é a própria pessoa, sendo, em muitos casos, traduzido exatamente como ‘pessoa’ (como em Gênesis 14:21; Números 5:6; Deuteronômio 10:22;) ou ‘eu’ (a própria pessoa) (caso de Levítico 11:43; I Reis 19:4; Isaías 46:2; etc.). . . Em mais de 100 ocorrências dentre as 755 que acontecem no Antigo Testamento, *nephesh* é traduzido como ‘vida’ (como em Gênesis 9:4 e 5; I Samuel 19:5; Jó 2:4 e 6; Salmo 31:13, etc.).

“Freqüentemente *nephesh* refere-se a desejos, apetites ou paixões (cf. Deuteronômio 23:23; Provérbios 23:2; Eclesiastes 6:7). Pode referir-se também à sede das afeições. . . e por vezes o termo representa a parte volitiva do homem . . . Em Números 31:19 *nephesh* é ‘morte’ . . . e em Números 9:6 o termo se refere a um cadáver.

“O uso do termo grego *psuche* em o Novo Testamento é similar àquele de *nephesh* no Antigo. É utilizado tanto para a vida animal quanto para a vida humana (Apocalipse 16:3). Na versão (inglesa) King James, a palavra é traduzida quarenta vezes simplesmente como ‘vida’ ou ‘vidas’ (veja Mateus 2:20; 6:25; 16:25, etc.). Em algumas oportunidades o seu uso se refere simplesmente a ‘pessoa’. . . e ainda em outros casos ela equivale a um pronome pessoal. . . Algumas vezes refere-se a emoções . . . à mente . . . ou ao coração”. (37)

*Psuche* não é imortal, e sim sujeita à morte (Apocalipse 16:3). Pode ser destruída (Mateus 10:28).

“A evidência bíblica indica que por vezes *nephesh* e *psuche* podem referir-se a toda a pessoa, enquanto noutras oportunidades o termo restringe-se a aspectos particulares do homem, tais como afeições, emoções, apetites e sentimentos. Tal forma de utilização, contudo, de nenhuma maneira demonstra que o ser humano é composto de duas partes distintas. O corpo e a alma existem em conjunto; ambos formam uma união indivisível. A alma não possui consciência separada do corpo. Não existe qualquer texto que indique a possibilidade de a alma sobreviver ao corpo, mantendo-se como entidade consciente”. (38)

2.6.2.4 - O significado bíblico de espírito. O termo *ruach*, do antigo Testamento, e que aparece traduzido como “espírito”, refere-se à centelha de vida que é essencial à existência de um indivíduo. É o termo que representa a energia divina que anima os seres humanos. No sentido de respiração, o *ruach* do homem é idêntico ao *ruach* dos animais. O *ruach* do homem abandona o corpo por ocasião da morte (Salmo 146:4) e retorna a Deus (Eclesiastes 12:7).

*Ruach* ocorre 377 vezes no Antigo Testamento, e com maior freqüência é traduzido como “espírito”, “vento” ou “fôlego”. É também um termo empregado para denotar vitalidade, coragem, temperamento ou ira, disposição, caráter moral e a sede das emoções. “*Ruach* é utilizado freqüentemente para identificar o Espírito de Deus, como em Isaías 63:10. Jamais no Velho Testamento, no que diz respeito ao homem, *ruach* denota uma entidade inteligente, capaz de existência independente do corpo físico”. (39)

No Novo Testamento, o termo grego equivalente a *ruach* é *pneuma*, “espírito”, proveniente de *pneo*, “soprar” ou “respirar”. Assim como ocorre com *ruach*, não existe qualquer coisa inerente a *pneuma* que faça o termo denotar uma entidade capaz de existência consciente separada do corpo; tampouco o uso que o Novo Testamento faz da palavra, referindo-se ao homem, de alguma forma implica em tal conceito. Tal como ocorre com *ruach*, *pneuma* também é devolvida ao Senhor por ocasião da morte (Lucas 23:46; Atos



7:59). Assim como acontece com *ruach*, *pneuma* aparece em conexão com o Espírito de Deus, como em I Coríntios 2:11 e 14; Efésios 4:30; Hebreus 2:4; I Pedro 1:12, etc.

2.6.3 - Unidade de Corpo, Alma e Espírito. Qual é, pois, a relação existente entre corpo, alma e espírito? Qual a influência desse relacionamento sobre a unidade do homem? Examinemos as várias formas em que a Bíblia coloca estes relacionamentos.

2.6.3.1 - União dupla. Embora a Bíblia veja a natureza do homem como uma unidade, ela não define precisamente como se relacionam entre si o corpo, a alma e o espírito. Por vezes alma e espírito são usados como sinônimos: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegrou em Deus, meu Salvador”. (40)

Em certo momento Jesus caracteriza o homem como corpo e alma (Mateus 10:28), e noutro momento Paulo o identifica como corpo e espírito (I Coríntios 7:34). No primeiro texto, *alma* se refere às mais elevadas faculdades do homem (presumivelmente a mente), através das quais ocorre a comunicação com Deus. No segundo texto, *espírito* é que se refere às mais nobres faculdades. Portanto, os dois termos, nestes casos, são intercambiáveis. Em ambos os casos o corpo inclui os aspetos físicos e emocionais da pessoa.

2.6.3.2 - União tripla. Através de Paulo ocorre uma exceção escriturística para a caracterização do homem como sendo composto de uma união dupla. Ele falou também de uma união tripla: “O mesmo Deus de paz vos santifique em tudo; e o vosso espírito, alma e corpo, sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. (41)

Nesta passagem, *espírito* pode ser compreendido como “o mais elevado princípio de inteligência e pensamentos, do qual o homem está revestido, e através do qual Deus pode comunicar-Se por intermédio do Seu Espírito (veja Romanos 8:16). É através da renovação da mente, por intermédio das atividades do Espírito Santo, que o indivíduo é transformado à semelhança de Cristo (veja Romanos 12:1).

“Por ‘alma’ . . . quando considerada separadamente do espírito, podemos entender a porção da natureza humana que encontra sua expressão através de instintos, emoções e desejos. Esta porção da natureza da pessoa também pode ser santificada. Quando . . . a razão santificada se impõe à natureza inferior, os impulsos – que de outra forma seriam contrários a Deus – tornam-se sujeitos à Sua vontade”. (42)

O corpo, que tanto pode ser controlado pela natureza superior quanto pela inferior, não deve apresentar maiores problemas em sua interpretação. Trata-se da constituição física – a carne, o sangue, os ossos e demais tecidos. Saliente-se que os processos mais elevados do ser – emoções, sentimentos, raciocínio e até mesmo a comunhão com Deus - SÃO DEPENDENTES DA MATÉRIA FÍSICA DO CORPO – PARTICULARMENTE DO TECIDO NERVOSO - PARA A SUA EXPRESSÃO.

“A seqüência apresentada por Paulo – primeiro o espírito, então a alma e finalmente o corpo – não é mera coincidência. Quando o espírito é santificado, a mente se encontra sob o controle divino. A mente santificada, por sua vez, exercerá influência santificadora sobre a alma, ou seja, os desejos, sentimentos e emoções. A pessoa em cuja vida a santificação está presente, não irá abusar do corpo, de modo que a saúde física também florescerá. Portanto, o corpo se torna instrumento santificado através do qual o cristão pode servir a seu Senhor. O apelo de Paulo no tocante à santificação acha-se claramente embasado no conceito da unidade da natureza humana”. (43)

2.6.3.3 - União indivisível e harmoniosa. Torna-se claro, à luz do que estivemos a examinar, que o ser humano é um todo indivisível, onde corpo, alma e espírito funcionam em íntima cooperação, revelando um relacionamento intensamente harmonioso entre as faculdades espirituais, mentais e físicas da pessoa. Sendo afetada uma das áreas, as outras sentirão os efeitos. Um espírito ou mente doentes, afetarão

negativamente a saúde do corpo e das emoções. A saúde física enfraquecida afeta, por outro lado, a saúde emocional e/ou espiritual da pessoa. A compreensão deste íntimo relacionamento deve levar o cristão a entender que Deus lhe atribuiu a responsabilidade de manter todas as faculdades do ser em suas melhores condições. Proceder assim representa nossa ativa e vital participação no processo de restauração da imagem do Criador sobre a criatura.

“Estes três elementos – espírito, alma e corpo – constituem, juntos, um ser humano. Nenhum consegue existir independentemente dos demais. A idéia de uma alma imortal, capaz de viver fora do corpo, é um conceito pagão grego, e não um conceito bíblico. Quando a pessoa morre, os três elementos – espírito, alma e corpo – chegam ao fim”. (44)

## 2.7 - A Bíblia Ressalta os Efeitos do Pecado Sobre a Criação

O tema da origem e conseqüências do pecado é todo-recorrente na Bíblia. Segundo a visão espiritualista, pecado nem mesmo existe, quando muito se admitem “fraquezas”. Muitos espiritualistas reagem de forma irritada à idéia de pecado. Estranho, porém, é que até mesmo alguns cristãos se incomodem com o fato, afirmando que não devemos enfatizar tanto este aspecto bíblico, e sim a perfeição original da criação. Por certo uma criação originalmente perfeita nos incentiva a buscarmos a recuperação deste estado. Mas é igualmente certo que necessitamos uma aguda e constante percepção da gravidade do mal, que ocasionou o assassinato do próprio Filho de Deus. Iniciaremos o exame da questão no presente capítulo, prosseguindo com a mesma no próximo.

“Quando nossos primeiros pais desobedeceram a Deus, negaram sua dependência Dele e caíram de sua elevada posição abaixo de Deus. A imagem de Deus, neles, foi desfigurada, e tornaram-se sujeitos à morte. Seus descendentes partilham dessa natureza caída e de suas conseqüências. Nasceram com fraquezas e tendências para o mal”. (45)

2.7.1 - A Origem do Pecado. Se Deus criou um mundo perfeito - ambiente perfeito, ser humano perfeito – por que Adão e Eva se tornaram transgressores? De que forma ocorreu uma transformação tão radical e tão terrível?

2.7.1.1 - Deus e a origem do pecado. Se Deus é o Criador de todas as coisas, seria então Ele também o originador do pecado? Ora, a Bíblia salienta que Deus é santo por natureza (Isaías 6:3), e que Nele não existe qualquer injustiça. “Suas obras são perfeitas, porque todos os Seus caminhos são juízo; Deus é fidelidade, e não há Nele injustiça; é justo e reto”. (46) “Longe de Deus o praticar Ele a perversidade, e do Todo-poderoso o cometer injustiça”. (47) Ele odeia o pecado (48). Portanto, a autoria do pecado nada tem a ver com Deus.

2.7.1.2 - O autor do pecado. Deus poderia haver evitado o surgimento do pecado, bastando para isto que houvesse criado seres autômatos, que só conseguissem realizar aquilo para o que tivessem sido programados. Entretanto, sendo Ele amor, desejou receber amor de Suas criaturas, e isto só é possível quando se tem liberdade de escolha.

“Ao prover Sua criação com esse tipo de liberdade, Deus correu o risco de que alguma de Suas criaturas se voltasse contra Ele. Desgraçadamente, Lúcifer – um ser muitíssimo exaltado no mundo angélico – tornou-se orgulhoso (Ezequiel 28:17; cf. I Timóteo 3:6). Insatisfeito com a posição que ocupava no governo de Deus (cf. Judas 6), ele começou a cobiçar o lugar do próprio Deus (Isaías 14:12-14). Numa tentativa para assumir o controle do Universo, esse anjo caído semeou descontentamento entre seus companheiros anjos, chegando a obter a simpatia de muitos deles. O conflito celestial daí resultante finalizou quando Lúcifer, agora conhecido como Satanás, o adversário, foi expulso do Céu junto com os seus anjos (Apocalipse 12:4, 7-9; veja também o capítulo 8)”. (49)

2.7.1.3 - A origem do pecado na raça humana. Após expulso do Céu, onde iniciara a rebelião, Satanás decidiu-se a instigar outros seres criados contra o governo de Deus. Seu alvo imediato passou a ser a queda de Adão e Eva, que viviam aqui na Terra, em estado de perfeição e santidade. Como haveria de consegui-lo?

O relato bíblico, no capítulo 3 de Gênesis, menciona que Satanás, disfarçado, utilizando a serpente como médium, abordou Eva quando esta se encontrava nas proximidades da proibida árvore do conhecimento do bem e do mal. Questionou a proibição divina quanto ao uso do fruto da árvore. Quando Eva assegurou que Deus lhes dissera que morreriam se comesse daquele fruto, Satanás desafiou frontalmente a ordem e afirmação divina: “Certamente não morrereis”. (50) Estava lançada a base para a demoníaca doutrina da imortalidade da alma, hoje sedimentada na mente de quase toda a população da Terra!

Eva acreditou que poderia alcançar mais elevado desenvolvimento de seu ser se fizesse uso do fruto. A tentação acelerou-se em sua mente santificada. Descontente com a posição elevada de que até então desfrutara, desejou ser “igual a Deus”. Confiando em seus sentimentos em lugar de confiar nas palavras de Deus, comeu o fruto e deu-o a Adão, que igualmente comeu. A descrença conduziu à desobediência e à separação entre Deus e o ser humano. (Veja 10.1 quanto à “mente aberta”.)

2.7.2 - O Impacto do Pecado. Quais foram as conseqüências imediatas e de longo prazo, do pecado? Como foi afetada a experiência humana? Que esperança pode ter o homem, se é que alguma resta?

2.7.2.1 - Conseqüências imediatas. Imediatamente a natureza humana alterou-se. Adão e Eva perceberam que estavam nus, e que não se haviam assemelhado a Deus. Quando o Senhor os interrogou, em vez de admitirem a culpa, trataram de defender-se, repassando a acusação: Adão culpou a Eva, esta culpou a serpente.

“As horrendas conseqüências que sobrevieram a nossos primeiros pais, revelam a gravidade de sua transgressão. Deus amaldiçoou o médium de Satanás, a serpente, condenando-a a rastejar sobre a terra, como perpétua recordação da queda (Gênesis 3:14). À mulher disse Deus: ‘Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos’ (Gênesis 3:16). E pelo fato de haver escutado a voz de sua mulher, em desatenção à voz de Deus, Adão teve de ouvir a maldição a que a Terra estaria sujeita por sua causa: ‘Maldita é a terra por tua causa: em fadigas obterás dela o sustento durante os dias da tua vida. . . No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás’ (Gênesis 3:17-19).

“Ao reafirmar a imutabilidade de Sua lei e o fato de que qualquer transgressão da mesma conduziria certamente à morte, Deus disse: ‘Porque tu és pó, e ao pó tornarás’ (Gênesis 3:19). Ele executou Seu veredicto expulsando os transgressores de seu lar edênico, interrompendo também a sua comunicação direta com Deus (Gênesis 3:8) e evitando assim que eles tornassem a fazer uso da árvore da vida, fonte de vida eterna. Assim foi que Adão e Eva se tornaram sujeitos à morte (Gênesis 3:22)”. (51)

2.7.2.2 - O caráter do pecado. Em vários pontos da Bíblia, inclusive no relato da Queda, podemos ver claramente que o pecado é um mal moral – o resultado da ação de um agente livre que decide violar a revelada vontade de Deus (Gênesis 3:1-6; Romanos 1:18-22).

2.7.2.2.1 - Definição de pecado. A definição bíblica de pecado o apresenta como “a transgressão da lei” (I João 4:8), uma falha nas ações de qualquer um “que sabe que deve fazer o bem e não o faz” (Tiago 4:17), bem como “tudo o que não provém da fé” (Romanos 14:23). O pecado é, pois, qualquer desvio da conhecida vontade de Deus, tanto ao se fazer algo que Ele proíbe quanto ao se deixar de fazer algo que Ele ordena.

Não existe a – por muitos – pretendida neutralidade espiritual, pois Cristo declara: “Quem não é por Mim é contra mim”. (52) O pecado é absoluto em seu caráter porque é a rebelião contra Deus e Sua vontade manifesta. “Qualquer que guarda toda a lei, mas tropeça em um só ponto, se torna culpado de todos”. (53)

2.7.2.2.2 - O pecado envolve tanto pensamentos quanto ações. Não são corretas as referências quanto a ser o pecado representado apenas por violações visíveis e concretas da lei de Deus. Pensamentos e desejos condescendentes com o pecado são o próprio!

2.7.2.2.3 - Pecado e culpa. O pecado produz culpa. Uma vez que todos somos pecadores, o mundo inteiro acha-se “culpável perante Deus” (Romanos 3:19). Se não tratada corretamente, a culpa devasta as faculdades físicas, mentais e espirituais. O antídoto para a culpa é o perdão (Mateus 6:12).

2.7.2.2.4 - O centro de controle do pecado. “A sede do pecado é aquilo que a Bíblia identifica como ‘coração’ – o mesmo que hoje chamamos ‘mente’. . . Cristo revela que são os pensamentos da pessoa que contaminam, ‘porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias’ (Mateus 15:19). . . Uma vez que o coração é enganoso, ‘mais que todas as coisas, e desesperadamente corrupto’ (Jeremias 17:9), a natureza humana pode ser descrita como corrupta, depravada e inteiramente pecaminosa”. (54)

2.7.2.3 - Efeitos do pecado sobre a humanidade. Se lhe ocorrer pensar que a sentença de morte foi demasiado severa como penalidade por se comer uma fruta proibida, avalie a gravidade da transgressão à luz dos efeitos que o pecado de Adão e Eva ocasionou sobre a raça humana.

O filho mais velho do casal cometeu assassinato. Seus descendentes em breve estavam violando a sagrada união matrimonial e praticando poligamia. Não tardou muito para que a maldade e a violência tomassem conta da Terra. Os apelos divinos no sentido de se mudar a conduta foram geralmente ignorados, a ponto de Deus precisar intervir e praticamente destruir a raça através do Dilúvio. Depois deste, a história não se modificou. O que dizer do desrespeito à lei de Deus, em todos os aspectos, nos dias atuais?

2.7.2.3.1 - A pecaminosidade universal da humanidade. Sem exceção, os seres humanos têm dado vazão à sua natureza pecaminosa – o mal se encontra extensamente enraizado em nós. “Pois não há quem não peque”. (55) “Não há homem justo sobre a Terra, que faça o bem e que não peque”. (56) “Todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus”. (57) Todos, todos, TODOS!

2.7.2.3.2 - É a pecaminosidade herdada ou adquirida? Paulo mostra que “assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. (58) Também salientou que mesmo os crentes, antes de sua conversão, eram “por natureza filhos da ira”. (59) Davi observou: “Eu nasci na iniquidade, em pecado me concebeu minha mãe”. (60) Assim, embora como crianças adquiramos comportamento pecaminoso através da imitação, torna-se claro, a partir dos textos citados, que já herdamos nossa pecaminosidade básica. Por natureza tendemos ao mal, não ao bem.

2.7.2.3.3 - A erradicação do comportamento pecaminoso. Quão exitosas conseguem ser as pessoas em suas tentativas de remover o pecado de suas vidas e da sociedade?

“Todos os esforços para se alcançar uma vida de justiça através de méritos próprios, são condenados. Cristo declarou que todos aqueles que pecaram são ‘escravos do pecado’. Somente o poder divino pode emancipar-nos desta escravidão. . . ‘Sem Mim nada podeis fazer’ (João 15:4 e 5).

“Até mesmo o apóstolo Paulo fracassou na tentativa de desenvolver vida justa através de seus esforços. . . ‘Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e, sim, o que

detesto. . . Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?’ (Romanos 7:15, 19, 20, 22-24)” (61)

Por intermédio de Cristo podemos viver a nova vida segundo o Espírito. A transformação é de tal ordem, que podemos até mesmo falar de uma nova criação – as “coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”. (62) A nova vida, entretanto, não exclui a possibilidade de se cometer pecado (I João 2:1).

2.7.2.4 - Evolução e queda do homem. Desde o início, Satanás tem confundido muitos ao minar a confiança das pessoas nos relatos escriturísticos acerca da origem e queda da raça humana. Poderíamos identificar a teoria da evolução como a visão “natural” da humanidade, por ser um ponto de vista baseado na presunção de que a vida começou por acaso e que os humanos, através de um longo processo evolutivo, emergiram a partir de formas inferiores de vida. Sobreviveram os mais capazes. Uma vez que os seres humanos ainda não atingiram seu pleno potencial, encontram-se – de acordo com a teoria evolucionista - em pleno processo de evolução.

Crescente número de cristãos têm adotado a evolução teísta, segundo a qual Deus utilizou a evolução para operar a Criação exposta em Gênesis. Tais pessoas não vêem os primeiros capítulos de Gênesis como literais; consideram-nos uma alegoria ou mito.

2.7.2.4.1 - A visão bíblica do homem e da evolução. Grande é o impacto da teoria evolucionista sobre a fé cristã. “O cristianismo defronta-se hoje, não com ataques isolados contra algumas de suas doutrinas. . . mas com uma visão global e estrutural do mundo, que pretende repousar sobre fundamentos científicos, habilmente construída e defendida, e que em suas idéias fundamentais golpeia as próprias raízes do sistema cristão”. (63)

“A Bíblia rejeita a interpretação alegórica ou mítica do Gênesis. Os escritores bíblicos sempre interpretaram Gênesis 1 a 11 como sendo história literal. Adão, Eva, a serpente e Satanás são todos vistos como caracteres históricos no drama da grande controvérsia (veja Jó 31:33; Eclesiastes 7:29; Mateus 19:4 e 5; João 8:44; Romanos 5:12, 18 e 19; II Coríntios 11:3; I Timóteo 2:14; Apocalipse 12:9)”. (64)

2.7.2.4.2 - Calvário e evolução. A evolução, qualquer que seja a sua “versão”, contradiz os fundamentos básicos do cristianismo. Onde este fala em queda, aquela fala de ascensão. Ambos se encontram em posição diametralmente oposta e irreconciliável. Ou nossos primeiros pais foram criados perfeitos e experimentaram a queda nas malhas do pecado, ou isso não aconteceu. Se não aconteceu, que razão existe para alguém dizer-se cristão?

O Calvário confronta de modo absoluto e radical a evolução. Se a queda não ocorreu, que necessidade haveria de Deus morrer em nosso lugar? A morte de Cristo – mais que todas as outras mortes que ocorrem aqui na Terra – é quem mostra que nem tudo vai bem com a humanidade. O Calvário declara eloqüentemente que necessitamos de um substituto para podermos libertar-nos do pecado. Qual, pois, o significado da cruz para um “cristão evolucionista”?

2.7.2.4.3 - A encarnação e a evolução. “Talvez a demanda criação-versus-evolução seja melhor respondida quando contemplamos a humanidade sob o ponto de vista da encarnação. Ao fazer com que Cristo, o segundo Adão, ingressasse na história, Deus Se encontrava em plena obra criadora. Se Deus foi capaz de trazer a lume Seu milagre supremo, não deveria haver qualquer questionamento quanto à Sua capacidade de formar o primeiro Adão”. (65)

2.7.2.4.4 - Proveio o homem das eras? Os evolucionistas muitas vezes destacam o grande progresso científico das últimas décadas como evidência de que o homem é o árbitro de seu próprio destino. Contudo, o papel messiânico da tecnologia está enfrentando crescente ceticismo, pois o fato é que a ciência lançou o mundo às bordas da aniquilação. A humanidade fracassou na subjugação e controle do coração

pecaminoso, de modo que a ciência tão-somente conseguiu tornar o mundo mais perigoso. O mundo corre em direção descendente. A suposta evolução do homem o faz piorar a cada dia. Deixada por sua própria conta, a humanidade operará a auto-destruição. Alguém deverá aparecer de fora dos quadros da história humana, invadi-la e trazer à luz uma nova realidade.

Para os adeptos da Nova Era, tal personagem é Maitreya. Para os cristãos, é Cristo Jesus em Sua segunda vinda. O primeiro tentará contrafazer a vinda genuína do último.

## 2.8 - Nem Tudo Está Perdido: O Concerto da Graça.

Apesar de haver-se revelado na cruz o ápice da maldade humana, quando o ser criado assassinou o próprio Criador, Deus não deixou a humanidade sem esperança. Embora obliterada no homem a imagem divina, não se encontra esta inteiramente extinta. Deus propôs ao homem o concerto da graça, a possibilidade de recuperação – a única. Tal concerto pode ser examinado em diferentes momentos da história.

2.8.1 - O Concerto Firmado Por Ocasão da Queda. Antes mesmo de pronunciar a punição que nossos primeiros pais mereciam, Deus lhes proferiu palavras de esperança. Em Gênesis 3:15 é apresentada a primeira promessa de que, em algum dia futuro, Cristo haveria de esmagar o traíçoeiro tentador. Deus fez Adão e Eva perceberem que a luta iria se estender por muito tempo, e seus resultados seriam atrozes. Mas Ele lhes assegurou que, por iniciativa Sua, existiria inimizade entre os seres humanos e a ardilosa “serpente”. Jesus Cristo seria a maior vítima desta inimizade, mas com Sua própria morte obteria a vitória – um evidente paradoxo, não fosse Ele a fonte de toda vida.

A maior parte da humanidade não se encontra hoje em inimizade com Satanás – ao contrário, existe “harmonia” entre aqueles e este, se é que se pode empregar o termo no presente contexto. Entretanto, todos aqueles que aceitam o oferecimento da graça divina, experimentarão profunda inimizade contra o pecado, e esta os tornará vitoriosos na batalha contra Satanás. Através da fé, compartilharão da vitória do Salvador no Calvário.

2.8.2 - O Concerto Estabelecido Antes da Criação. O concerto da graça não foi desenvolvido após a Queda. Paulo diz que Deus “nos escolheu Nele [em Cristo] antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis perante Ele, e em amor nos predestinou para Ele, para a adoção de filhos, por meio de Jesus Cristo”. (66)

“Jesus Cristo foi o fiador do concerto (Hebreus 7:12). Fiador é alguém que assume o débito ou obrigação no caso de o devedor não poder saldar a dívida. . . O Filho de Deus é não apenas o fiador do concerto; é também o mediador ou executor. . . Na cruz [Ele] preencheu plenamente o papel de fiador que assumira no concerto, em favor do ser humano. Seu brado: ‘Está consumado’ (João 19:30), assinalou o completo preenchimento de Sua missão. . .

“Este concerto de graça demonstra o infinito amor de Deus pela humanidade. Estabelecido antes da Criação, o concerto foi revelado após a Queda. Naquela oportunidade, num sentido muito especial, Deus e a humanidade tornaram-se parceiros”. (67)

2.8.3 - A Renovação do Concerto. Infelizmente o homem rejeitou o concerto, o extraordinário concerto da graça, tanto antes quanto depois do Dilúvio. Quando Deus o ofereceu novamente, fê-lo através de Abraão, o qual creu em Deus e “isso lhe foi imputado para justiça”. (68) A fé de Abraão foi tão significativa, que lhe valeu o título de “pai de todos os que crêem”. (69) Do lado divino, no Sinai ocorreu uma renovação do concerto estabelecido com Abraão. Este concerto sinaítico tem sido conhecido como “primeiro concerto”. Contudo, Israel perverteu-o, transformando-o num concerto de obras (veja Gálatas 4:22-31).

2.8.4 - O Novo Concerto. A mais significativa renovação do concerto ocorreu na cruz, não através da modificação dos termos do concerto eterno – o que efetivamente não ocorreu - e sim porque a vida e morte de Cristo mostraram, mais que palavras e acordos, que Deus poderia operar a salvação na vida de todos os que aceitassem de pleno coração o sacrifício expiatório do Salvador. A cruz demonstrou, melhor que qualquer outra providência, quão terrível é o pecado, quão impotente é o homem para operar sua própria redenção, e quão poderoso é Deus para fazê-lo.

“A renovação do coração que o concerto propicia, transforma indivíduos de tal modo que passam a produzir os frutos do Espírito: ‘amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio’ (Gálatas 5:22 e 23). Através do poder da salvadora graça de Cristo, eles poderão andar como Cristo andou”. (70)

## 2.9 - Riscos da Excessiva “Espiritualização” do Ser Humano

Certamente o ser humano é um ser espiritual (examinaremos melhor o conceito de *espiritual* no próximo capítulo). Foi criado para manter a mais significativa comunhão com Deus, o que constitui uma efetiva manifestação espiritual. A cruz preparou o caminho para a mais íntima relação espiritual entre Deus e Suas criaturas. Problemas começam a ocorrer, entretanto, quando se “espiritualiza” excessivamente o ser humano, o que pode acontecer até mesmo com cristãos bem intencionados. Idéias panteístas, que na verdade são espiritualistas, por vezes têm encontrado considerável eco em meios cristãos.

O panteísmo (pan-teísmo, “Deus em todas coisas ou em tudo”) considera que Deus faz parte direta de cada célula ou átomo no Universo. Ao ver “Deus” em cada célula, em vez de ver a célula como criação de Deus, na verdade acabamos concebendo a criatura como sendo o próprio Deus e colocando-a no lugar que só a Ele pertence. Foi a pretensão de Lúcifer neste sentido que iniciou todo o degenerativo e destruidor processo do pecado, o que examinaremos melhor no próximo capítulo. Na verdade, existe apenas meio passo entre o panteísmo e o monismo, cujo conceito ainda iremos examinar em 3.4.3.

Creio que avançam nesta mesma linha as interpretações teológico-antropológicas que consideram a célula, em seus vários compartimentos, como uma virtual representação do santuário celestial, sede do trono de Deus. Precisamos ter sempre absolutamente clara a idéia de que o ser humano é um ser inteiramente distinto de Deus, ainda que criado à Sua imagem e semelhança. É uma criatura, inteiramente desvalida por si mesma e dependente do Criador. Transpor ou transferir simbolicamente a sede do trono de Deus (e Deus está onde se encontra o Seu trono) para cada uma de nossas células, é um conceito que se me apresenta com fortes ares panteístas. Facilmente podemos transpor a tênue barreira que separa estes conceitos do espiritualismo declarado.

Retornemos agora a uma questão que levantei em 2.4.1. Por que teria Deus utilizado matéria pré-existente para criar Adão e Eva, quando todo o restante da Criação foi levado a efeito por puras e simples ordens divinas (ainda que utilizando matéria já existente)? Certamente existem outras razões, inclusive algumas já examinadas neste estudo, mas acredito numa razão muito especial que não tem sido considerada por outros autores, tanto quanto eu saiba.

Em Sua onisciência, Deus por certo possuía conhecimento prévio do drama do pecado e da base inicial sobre a qual ele se assentaria neste mundo – a visão espiritualista vendida pela “serpente” a Eva. Sabia, com toda certeza, quanto o inimigo do bem se esforçaria por levar os homens a verem a si mesmos como “seres energéticos”, pois é com esta visão do ser que as idéias espiritualistas casam muito bem – casam-se, aliás, perfeitamente. Sabia que os homens, considerável número de cientistas inclusive, questionariam muitas vezes o próprio significado da matéria, considerando-a como infinitamente inferior à energia.

Alguns a tem considerado inteiramente desprezível. Sobre esta visão energético-espiritualista assentam-se quase todas as atuais terapias alternativas.

Acredito, então, que Deus fez questão de moldar primeiro a matéria já existente e, a partir desta, o ser humano. Poderia havê-lo criado por ordens verbais, como fizera com o restante da criação. No caso do ser humano, Deus não apenas fez questão de utilizar matéria já existente, como ainda manipulou-a diretamente com Sua sagrada mão - e isto para que o homem não viesse a ser interpretado como sendo um ser espiritual puro, ou energético. Ao assim proceder, Ele não permitiu qualquer fundamento para as teorias espiritualistas que vêem o homem como uma combinação, superposição e sucessão de corpos energéticos, o que examinaremos no capítulo a seguir. Tais teorias são inteiramente estranhas e contrárias ao ensinamento bíblico.



## CAPÍTULO TRÊS

### ESPIRITUALISMO E NOVA ERA

- 3.1 - Informações Preliminares
- 3.2 - A Grande Controvérsia
  - 3.2.1 - Origem do Conflito e Personalidade dos Opostos
  - 3.2.2 - O Envolvimento dos Seres Humanos
  - 3.2.3 - A Terra Como Palco do Universo
  - 3.2.4 - A Questão Cósmica
    - 3.2.4.1 - A lei e o governo de Deus
    - 3.2.4.2 - Cristo e a questão da obediência
    - 3.2.4.3 - A luta final no Calvário
    - 3.2.4.4 - A mais crucial de todas as questões
- 3.3 - Visão Espiritualista do Ser Humano
  - 3.3.1 - Conceito de Espiritualismo e Espiritismo
  - 3.3.2 - O Sistema Energético e os Corpos Etéricos
    - 3.3.2.1 - O corpo denso
    - 3.3.2.2 - O corpo etérico
    - 3.3.2.3 - O corpo emocional
    - 3.3.2.4 - O corpo espiritual
  - 3.3.3 - Chakras, Nádís e Meridianos
  - 3.3.4 - Auras
  - 3.3.5 - Espiritualismo e Criação
  - 3.3.6 - Espiritualismo, Pecado e Salvação
  - 3.3.7 - Espiritualismo e Morte
  - 3.3.8 - Espiritualismo e Cristianismo
  - 3.3.9 - Os Espíritos do Espiritualismo
  - 3.3.10 - Mestres do Espiritualismo
- 3.4 - A "Nova" Que "Era" Há Muito Tempo
  - 3.4.1 - Exposição Sintética do Movimento da Nova Era
  - 3.4.2 - A Nova Era Ocupa o Vácuo do Cristianismo
  - 3.4.3 - A Teologia Liberal Auxiliando a Nova Era
- 3.5 - Espiritual e “Espiritual”
  - 3.5.1 - O Termo *Espiritual* Para o Cristão
  - 3.5.2 - O Significado de *Espiritual* Sob o Espiritualismo
  - 3.5.3 - A “Superioridade” da Visão Espiritualista
- 3.6 - As Correntes Elétricas

### 3.1 - Informações Preliminares

Na porção inicial deste capítulo, creio ser necessário ampliar um pouco mais a visão que já obtivemos no capítulo precedente quanto ao “grande conflito” ou “grande controvérsia” que se desenrola a nível cósmico. Ela nos é necessária para que compreendamos de modo adequado todo o processo de mudança na visão da natureza do homem, ocorrido após a Criação. Mais uma vez, repousarei sobre o livro NISTO CREMOS, identificado em 2.1. Desta vez, o ponto principal de apoio serão os capítulos “O Grande Conflito” e, novamente, “A Natureza do Homem”.

Obtida esta visão panorâmica da grande controvérsia e a forma como ela afetou os seres que habitam o planeta Terra, prosseguiremos examinando o modo como a natureza do homem é compreendida sob a filosofia espiritualista. Dependendo da corrente específica que sirva de base, existirão variações menores face a outras correntes, que em nada modificam o fulcro da interpretação espiritualista. Estaremos basicamente lidando com a mesma “realidade”, quer a base seja a filosofia rosacruz, o espiritismo kardecista, o budismo, o hinduísmo, o confucionismo ou alguma das correntes animistas africanas - para citar apenas alguns exemplos.

Desagrada-me reproduzir num livro destinado a cristãos o cerne da crença destas correntes espiritualistas, mas é mais que tempo de os cristãos entenderem onde se encontram as bases filosóficas das terapias alternativas. Tenho observado que a ampla maioria dos cristãos não possui uma idéia de como o espiritualismo vê o ser humano, e daí decorre a dificuldade dos cristãos bíblicos em compreenderem onde e como as terapias energéticas se vinculam com o espiritualismo. É mais que hora de obterem esta visão. Talvez fosse desnecessário salientar a completa discordância do autor diante desta forma de ver a natureza do homem; ainda assim, prefiro pecar por excesso de ênfase e não por sua falta. Os cristãos precisam despertar URGENTEMENTE!

### 3.2 - A Grande Controvérsia

“Toda a humanidade está agora envolvida num grande conflito entre Cristo e Satanás, quanto ao caráter de Deus, Sua lei e Sua soberania sobre o Universo. Esse conflito originou-se no Céu quando um ser criado, dotado de liberdade de escolha, por exaltação própria, tornou-se Satanás, o adversário de Deus, e conduziu à rebelião uma parte dos anjos. Ele introduziu o espírito de rebelião neste mundo, ao induzir Adão e Eva em pecado. Este pecado humano resultou na deformação da imagem de Deus na humanidade, no transtorno do mundo criado e em sua conseqüente devastação por ocasião do dilúvio mundial. Observado por toda a criação, este mundo tornou-se o palco do conflito universal, dentro do qual será finalmente vindicado o Deus de amor. Para ajudar Seu povo nesse conflito, Cristo envia o Espírito Santo e os anjos leais, para os guiar, proteger e amparar no caminho da salvação”. (1)

Mistério dos mistérios é este, o do conflito entre o bem e o mal, iniciado no Céu. Como pôde o pecado originar-se num ambiente perfeito? Os anjos, pertencentes a uma ordem superior à dos seres humanos (Salmo 8:5), foram criados para desfrutar de íntimo companheirismo com Deus (Apocalipse 1:1; 3:5; 5:11). Foram designados a atuar como “espíritos ministradores”. (2) De modo geral invisíveis, podem assumir a forma humana (Gênesis 18 e 19). Foi por intermédio de um destes seres santos que o pecado ingressou no Universo.

3.2.1 - Origem do Conflito e Personalidade dos Opostos. “Utilizando os reis de Tiro e de Babilônia como descrições figurativas de Lúcifer, as Escrituras provêem vislumbres de como a controvérsia cósmica iniciou. ‘Lúcifer, filho da alva’, ungido como querubim cobridor, residia na presença de Deus (Isaías 14:12; Ezequiel 28:14). Dizem as Escrituras: ‘Tu és o sinete da perfeição, cheio de sabedoria e formosura. .

. Perfeito eras nos teus caminhos, desde o dia em que foste criado, até que se achou iniquidade em ti' (Ezequiel 28:12 e 15).

“Embora o surgimento do pecado seja inexplicável e injustificável, suas raízes podem ser encontradas no orgulho de Lúcifer: ‘Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeu-se a tua sabedoria por causa de teu resplendor’ (Ezequiel 28:17). . . Em seu egoísmo, cobiçou a igualdade com o próprio Deus: ‘Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao Céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei. . . Serei semelhante ao Altíssimo’ (Isaías 14:12-14). Contudo, embora ele desejasse a posição de Deus, não almejava o Seu caráter. Ansiava possuir a autoridade de Deus, mas não o Seu amor. A rebelião de Lúcifer contra o governo de Deus foi o primeiro passo em sua transformação em Satanás, ‘o adversário’.

“As dissimulações de Lúcifer cegaram muitos dos anjos ao amor de Deus. O descontentamento e deslealdade resultantes – em relação ao governo divino – cresceram até que uma terça parte dos anjos se uniu a ele em rebelião (Apocalipse 12:4). A tranqüilidade do reino de Deus foi perturbada e ‘houve batalha no Céu’ (Apocalipse 12:7). O estado de beligerância celestial resultou em que Satanás - retratado como o grande dragão, a antiga serpente e o demônio – fosse lançado para a Terra, e junto com ele os seus anjos rebeldes (Apocalipse 12:9)”. (3)

Quanto à personalidade dos contendores no grande conflito, temos um marcante contraste. Enquanto Cristo é a Pessoa/Palavra/Verdade eternamente estável e fiel (reveja 2.3), Lúcifer/Satanás é também uma pessoa, mas de múltiplas faces, instável, inteiramente indigno de qualquer confiança – uma personalidade esquizofrênica no mais completo sentido. Suas múltiplas caras o levam a múltiplas contradições, o que tampouco lhe importa, contanto que de alguma forma consiga arrastar alguém em seus enredos. Considera-se bem sucedido ao levar alguns a defenderem causas que são suas, e outros a destruir os primeiros sob o uso de argumentos diametralmente opostos. O testemunho pessoal de Jesus quanto a este ser é categórico: “Ele foi homicida desde o princípio, e jamais se firmou na verdade, porque nele não há verdade. Quando ele profere a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira”. (4)

3.2.2 - O Envolvimento dos Seres Humanos. “Tendo sido expulso do Céu, Satanás espalhou sua rebelião aqui em nosso mundo. Disfarçado de serpente e utilizando os mesmos argumentos que haviam causado sua própria ruína, conseguiu minar a confiança de Adão e Eva nas palavras do Criador (Gênesis 3:5). Satanás fez surgir em Eva o descontentamento com a posição por ela ocupada. Envaidecida com a perspectiva de tornar-se igual a Deus, aceitou as palavras do tentador – pelo que duvidou de Deus. Desobedecendo ao mandamento divino, comeu do fruto proibido e influenciou seu esposo a igualmente comê-lo... Tragicamente, as sementes da controvérsia que havia começado no Céu, lançaram raízes no planeta Terra... Satanás engenhosamente roubou [de Adão e Eva] o domínio que possuíam sobre a Terra...

“Os efeitos da batalha entre Cristo e Satanás em breve se tornaram evidentes, à medida que o pecado distorceu a imagem de Deus que havia na humanidade. . . A maldade continuou a multiplicar-se até que, tristemente, Deus teve de dizer, a respeito do homem, que a sua maldade ‘se havia multiplicado na Terra, e que era continuamente mau todo desígnio do seu coração’ (Gênesis 6:5).

“Deus utilizou um grande dilúvio para purificar o mundo de seus impenitentes habitantes, e concedeu à raça humana um novo começo (Gênesis 7:17-20). Pouco tempo decorreu, contudo, antes que os descendentes de Noé se desviassem do concerto de Deus. . . Algum tempo mais tarde, com a Terra aproximando-se da apostasia total, Deus estendeu Seu concerto a Abraão. . . Contudo, as sucessivas gerações de descendentes de Abraão provaram-se infiéis ao gracioso concerto divino. Envolvidos no pecado, contribuíram com Satanás, ajudando-o a alcançar seu objetivo na grande controvérsia, que foi a crucifixão do Autor e Fiador do concerto, Jesus Cristo”. (5)

“A única esperança da humanidade decaída é aceitar o convite de Deus e entrar com Ele no concerto da graça. Através da fé em Cristo Jesus, podemos experimentar esse relacionamento que nos assegura adoção como filhos de Deus e herdeiros com Cristo em Seu reino”. (6)

(Se desejar, recapitule em 2.8 os detalhes do concerto.)

3.2.3 - A Terra Como Palco do Universo. O livro de Jó apresenta um interessante relato de uma convocação cósmica, envolvendo representantes de várias partes do Universo, a partir do qual obtemos interessantes lampejos adicionais acerca do grande conflito: “Num dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles. Então perguntou o Senhor a Satanás: ‘Donde vens?’ Satanás respondeu ao Senhor e disse: ‘De rodear a Terra e passear por ela’”. (7)

Deus passa a falar a Satanás a respeito de Jó, de sua total dedicação ao Senhor, de sua perfeição como criatura adoradora. Satanás contra-ataca, argumentando que a fidelidade de Jó se devia unicamente ao fato de Deus havê-lo abençoado ilimitadamente; experimentasse Deus retirar esta especial cerca protetora do patriarca, e veria como este blasfemaria do Senhor e abandonaria sua fidelidade! Satanás obteve então a liberdade de tripudiar sobre o patriarca, sendo-lhe impedido tão-somente tirar-lhe a vida (veja os capítulos 1 e 2 de Jó para outros detalhes).

“A perspectiva cósmica provida pelo livro de Jó fornece poderosas provas da grande controvérsia entre Cristo e Satanás. Este planeta é o palco sobre o qual está sendo travada a luta dramática entre o certo e o errado. As Escrituras estabelecem: ‘Porque nos tornamos espetáculo ao mundo, tanto a anjos, como a homens’ (I Coríntios 4:9).

“O pecado rompeu o relacionamento existente entre Deus e o homem, e ‘tudo o que não provém de fé é pecado’ (Romanos 14:23). A transgressão dos mandamentos de Deus, ou leis, é o resultado imediato da falta de fé, a evidência de ruptura de relacionamento. . .

“Nesta nossa era de ilegalidade, os absolutos são neutralizados, a desonestidade é louvada, a corrupção é um meio de vida, o adultério é avassalador e os acordos, tanto internacionais quanto pessoais, são considerados como pouco importantes. É nosso privilégio olhar para além de nosso desesperado mundo, em direção a um Deus que vela por nós e é onipotente. Esta visão mais abrangente nos revela a importância da expiação efetuada por nosso Salvador, pois ela está fazendo aproximar-se do fim a controvérsia universal”. (8)

3.2.4 - A Questão Cósmica. Qual é, então, a questão-chave nesta luta de vida ou morte que se trava no Universo? Trata-se de uma guerra sem possibilidade de acordo, sem armistício, em que apenas uma das partes poderá sobreviver – a outra terá de ser inexoravelmente esmagada.

3.2.4.1 - A lei e o governo de Deus. A lei moral de Deus é tão imprescindível à existência do Universo quanto as leis físicas que o governam, mantendo-o unido e em funcionamento. Pecado é a “transgressão da lei” (I João 4:8), ou “ausência de lei”, conforme indica a palavra grega *anomia*. A ausência de lei resulta da rejeição de Deus e de Seu governo. Em vez de admitir sua responsabilidade pelo estado de anarquia predominante no mundo, Satanás lança acusações contra Deus, afirmando que a Sua sagrada lei é arbitrária e restringe a liberdade individual. Assegura que ela trabalha no sentido contrário aos genuínos interesses da humanidade. Através desta constante e insidiosa subversão da lei, o inimigo tenta destruir o governo de Deus e, pudesse fazê-lo, o próprio Deus.

No entanto, a mais elementar observação do que ocorre na prática, ao o homem desviar-se das leis divinas, mostra que estas seriam a única salvaguarda à própria sobrevivência da humanidade. Por que os crimes se avolumam e os clamores das vítimas sobem aos Céus num incessante coro de lamentações? É a lei de Deus a culpada por este catastrófico estado de coisas? Certamente não! O desprezo e abandono da lei divina é

que nos conduziu ao ponto em que estamos. E então aparecem as “soluções rápidas” propostas por Satanás, inclusive as suas “terapias”!

3.2.4.2 - Cristo e a questão da obediência. A porção inicial do capítulo 4 de Mateus provê outros vislumbres elucidativos acerca da grande controvérsia. Ali estão relatadas as especiais tentações, às quais Satanás submeteu Cristo após o Seu batismo. De modo insistente, o inimigo procurou fazer Cristo lançar mão de Suas prerrogativas divinas para reafirmar Sua posição de Filho de Deus; sempre o fez, entretanto, lançando um elemento de dúvida em suas abordagens – “se tu és o Filho de Deus”. Cristo valeu-Se consistentemente das Escrituras, ordenando finalmente ao tentador que se retirasse. A vitória do Salvador representa um modelo de nossa própria vitória.

3.2.4.3 - A luta final no Calvário. Foi, entretanto, no Calvário que se travou a luta decisiva, a mais renhida e cruel de todas as batalhas, a que definiu os rumos da grande controvérsia de uma vez por todas. Nos dias anteriores à crucifixão, uma série de eventos fez ver a Cristo que Seu ministério terrestre estava por ser interrompido. A traição de um de Seus companheiros e apóstolos constituiu a chave para que Ele fosse entregue à sanha de seus inimigos terrestres, instrumentos que eram nas mãos do cruel apóstata. Contudo, em absoluta obediência à vontade de Deus, Cristo permaneceu fiel até à morte. O amor e inquebrantável obediência demonstrados por Cristo na cruz, face à crueldade de Satanás, subverteram a posição deste.

Os benefícios da vida e morte de Cristo ultrapassam em muito os limites do circunscrito mundo dos humanos. Todo o Universo pôde contemplar e comparar as atitudes de Cristo, por um lado, e as de Satanás, por outro. E assim os seres criados foram capazes de tomar uma posição definitiva em favor do Criador. Satanás foi inteiramente desmascarado. E incondicionalmente vencido. A atual explosão de maldade que o mundo testemunha, nada mais representa que os estertores agônicos da infeliz e desajustada criatura que uma vez quis ser igual a Deus.

3.2.4.4 - A mais crucial de todas as questões. Atualmente se debate em larga escala não apenas a validade da lei de Deus, como a de toda a Sua Palavra – a Bíblia. Não apenas por parte dos céticos, o que seria compreensível, mas por muitos que se consideram cristãos – sem excluir teólogos. É assim que muitos chegam a negar a visão bíblica da pessoa de Cristo, Sua natureza, Seu nascimento virginal, Seus milagres e Sua ressurreição.

Certa ocasião Cristo perguntou aos discípulos: “Quem diz o povo ser o Filho do homem?” Eles responderam que alguns afirmavam ser Ele João Batista; outros, Elias; outros, ainda, Jeremias ou algum dos profetas. Jesus colocou então a mesma pergunta de forma direta diante de Seus chegados companheiros, obrigando-os a contemplar de frente a mais crucial de todas as questões: “Mas vós . . . que dizeis que Eu sou?” “Respondendo Simão Pedro, disse: ‘Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo’”. Jesus concordou imediatamente, afirmando: “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não foi a carne e o sangue quem to revelou, mas Meu Pai que está nos Céus”. (9)

Nos dias de hoje, a questão-chave prossegue colocada diante de cada ser vivente. A resposta da pessoa – a sua e a minha resposta – a esta pergunta de vida ou morte, determina sua fé no testemunho da Palavra de Deus. E determina se você aceitará a visão divina – bíblica – quanto à natureza de seu ser, ou se você preferirá a versão satânica, esboçada sob as mais variadas formas de espiritualismo. Segue uma síntese das mesmas.

### 3.3 - Visão Espiritualista do Ser Humano

Esta forma de ver a natureza humana contrapõe-se frontalmente à visão bíblica, cristã. Suas raízes se encontram definitivamente no Jardim do Éden, seu alicerce é a estúpida mentira de Satanás à estupefata

Eva diante da árvore do conhecimento do bem e do mal: “Certamente não morrereis”. (10) Embora já o haja mencionado várias vezes, repito que a quase totalidade das terapias alternativas dos dias atuais (e passados) apóia-se de modo inequivocamente claro nos conceitos espiritualistas.

Na descrição do modo espiritualista de ver a natureza do homem, estarei utilizando apenas uns poucos autores como referência, embora existam milhares deles, por vezes com variações menores entre si, ou mesmo apresentando pontos de vista antagônicos.

3.3.1 - Conceito de Espiritualismo e Espiritismo. O Dicionário Aurélio Século XXI provê as seguintes definições para os dois termos:

*Espiritualismo*: [De espiritual + -ismo.]

Doutrina que admite, quer quanto aos fenômenos naturais, quer quanto aos valores morais, a independência e o primado do espírito com relação às condições materiais, afirmando que os primeiros constituem manifestações de forças anímicas ou vitais, e os segundos criações de um ser superior ou de um poder natural e eterno, inerente ao homem.

*Espiritismo*: [Do fr. spiritisme.]

Doutrina baseada na crença da sobrevivência da alma e da existência de comunicação, por meio da mediunidade, entre vivos e mortos, entre os espíritos encarnados e os desencarnados.

Existe alguma diferença entre os significados dos dois termos, como se depreende da leitura de ambas as definições. O espiritismo depende do espiritualismo e consiste, em minha opinião, em sua demonstração prática mais visível. Ao longo de toda esta obra, entretanto, assumo a liberdade de usar os dois termos como sinônimos. O aspecto fundamental é que o poder natural e eterno, preconizado por estas doutrinas, é *inerente ao homem*, e aí está o seu irreconciliável conflito com a visão bíblica do cristianismo genuíno, original, em que a vida do homem é totalmente dependente da vida – esta sim, inerentemente imortal – de Deus.

3.3.2 - O Sistema Energético e os Corpos Etéricos. Iniciaremos agora a difícil peregrinação pela literatura espiritualista, pelo que a citação da mesma será quase constante nos próximos parágrafos.

“A maioria das pessoas considera o mundo material, e com isso também o corpo físico, como a única realidade, pois somente estes são percebidos pelos sentidos físicos e compreendidos pelo intelecto racional. Os clarividentes, todavia, vêem uma grande variedade de estruturas de energia, de movimentos energéticos, de formas e cores, que são perceptíveis dentro e em volta do corpo físico do homem”. (11)

Estes autores seguem a filosofia pagã hinduísta. Provavelmente agora comece a ficar claro a você por que tantas vezes estarei identificando as terapias alternativas – a maioria delas – como “terapias energéticas”. Elas se baseiam no conceito enunciado acima e em tudo o que vem a seguir. Observe que o requisito para se perceber estas “energias sutis” é a *clarividência*, um termo que de imediato em nada se relaciona com os conceitos do cristianismo. Prossigo com os mesmos autores:

“A força que está em ação por trás dos aspectos materiais do corpo, com suas funções e habilidades, é constituída de um complexo sistema de energia, sem o qual o corpo físico não poderia existir. Esse sistema compõe-se de três elementos básicos:

1. Os corpos etéricos ou energéticos;
2. Os chakras, ou centros de energia;
3. Os nádís, ou canais de energia.

“Nesse sistema, os nádis representam um tipo de artéria etérica. A palavra *nádi* é originária do sânscrito, e significa tubo, vaso ou veia. Sua tarefa é a de conduzir o prana, ou energia vital, através do sistema de energia etérica.

“A palavra sânscrita *prana* pode ser traduzida como ‘energia absoluta’. Entre os chineses e japoneses, essa força vital universal é denominada ‘chi’ ou ‘ki’. Ela representa a fonte primitiva de todas as formas de energia, e se expressa nas várias esferas da vida através de diversos tipos de frequências. Uma de suas formas de expressão é a respiração, através da qual podemos absorver, entre outros, o prana”. (12)

Estamos lidando, certamente, com idéias bastante estranhas ao cristianismo. A força ou energia vital é, para o espiritualismo, a fonte primitiva de todas as formas de energia. Em lugar do (ou paralelamente ao) sistema circulatório que conhecemos da anatomia e da fisiologia, aparecem as “artérias de energia”. Sabemos que Deus é a fonte de todas as coisas, inclusive a energia. ASSIM, É POR DEMAIS IMPORTANTE QUE VOCÊ FIXE MUITO BEM EM SUA MENTE ESTE CONCEITO DE ENERGIA VITAL: SOBRE ELE SE ESTRIBAM TODAS AS TERAPIAS ENERGÉTICAS, *INCLUSIVE – E NOTORIAMENTE - A HOMEOPATIA*.

“Em regra, distinguem-se quatro corpos energéticos:

1. O corpo etérico.
2. O corpo emocional ou astral.
3. O corpo mental.
4. O corpo espiritual ou causal.

“Cada um destes corpos etéricos tem a sua frequência vibratória básica. O corpo etérico, que mais se aproxima do corpo físico, vibra com a frequência mais baixa. Os corpos astral e mental têm, respectivamente, frequências mais elevadas, enquanto no corpo causal encontram-se representados os números mais altos de vibrações”. (13)

Ainda bem que os autores disseram que “em regra” são reconhecidos quatro “corpos energéticos”. Existem variações neste número, dependendo da corrente filosófica espiritualista que se considere. Algumas chegam a falar em nove corpos energéticos! Por que quatro ou mais? A Bíblia fala claramente de um ser humano de um só corpo! Só para termos ciência de uma alternativa diferente – mas baseada nos mesmos “princípios” filosóficos, observemos o que segue, escrito por um dos mestres da filosofia rosacruz:

“A Ciência Oculta ensina que o homem é um ser complexo que possui:

- 1 – Um *Corpo Denso*, que é o instrumento visível que emprega neste mundo para atuar e mover-se. É o corpo que normalmente é considerado como o ‘homem’.
- 2 – Um *Corpo Vital*, composto de éter, que interpenetra o corpo visível, da mesma forma que o éter interpenetra todas as outras formas. . . . Este corpo etéreo é nosso instrumento de especialização da energia vital do Sol.
- 3 – Um *Corpo de Desejos*, pelo qual se expressa a nossa natureza emocional. Este veículo, mais sutil, interpenetra tanto o corpo físico quanto o corpo vital. O clarividente o vê estendendo-se cerca de 40 centímetros além do corpo visível, o qual está situado no centro desta nuvem oval. . .
- 4 – A *Mente*, que é um espelho que reflete o mundo exterior e permite ao Ego transmitir suas ordens por pensamentos e palavras. . . O Ego é o tríplice Espírito que utiliza estes veículos para acumular experiências na escola da vida”. (14)

3.3.2.1 - O corpo denso. Entenda-se como “corpo denso” o corpo físico, que para nós cristãos é realmente a pessoa, o único veículo, de acordo com a visão criacionista bíblica, em que se efetuam TODAS as atividades do ser. Para nós, constitui uma unidade indivisível com a alma e o espírito.

Segundo esta vertente do espiritualismo, “o corpo denso é formado na matriz do corpo vital durante a vida antenatal e, com uma única exceção, é cópia exata, molécula por molécula, do corpo vital. Durante toda a vida, o corpo vital é o construtor e restaurador do corpo denso. . . . O corpo vital interpenetra o corpo denso, estendendo-se além de sua periferia cerca de quatro centímetros”. (15) (destaque suprido)

O destaque provido ao parágrafo anterior chama sua atenção para uma constante afirmativa que será encontrada, em capítulo posterior, nos escritos de Hahnemann, o fundador da Homeopatia. Também se pode observar a equivalência entre vários elementos da visão hinduísta e a rosacruz, baseada naquela: o corpo etérico do hinduísmo é o corpo vital dos rosacruzes; o corpo emocional é o corpo dos desejos; o corpo mental é a mente; o corpo espiritual equivale ao espírito. Retornemos à descrição dos autores com os quais iniciamos este parágrafo; ela é mais que suficiente para aquilo que aqui proponho – tentar entender a forma espiritualista de enxergar o ser humano.

3.3.2.2 - O corpo etérico. “O corpo etérico tem aproximadamente a mesma dimensão e configuração que o corpo físico. Daí a denominação ‘duplo etérico’ ou ‘corpo físico interior’. Ele é o portador das forças de configuração do corpo físico, bem como da força vital e criadora, e de todas as sensações físicas.

“O corpo etérico é formado de novo a cada *reencarnação* do ser humano e se dissolve três a cinco dias depois da morte. (Os corpos astral, mental e causal continuam existindo depois da morte e se unem, a cada nova encarnação, ao novo corpo físico.). . . (destaque suprido)

“O corpo etérico e, com isso, o corpo físico, reagem de modo bastante considerável aos impulsos que partem do corpo mental. Deve-se a isso o sucesso do pensamento positivo, segundo o qual podemos promover a saúde do corpo através de sugestões positivas, adequadamente dirigidas.

“Outra função importante do corpo etérico é servir como mediador entre os corpos de energia mais elevados e o corpo físico. . . . Caso o corpo etérico esteja enfraquecido, esse fluxo de informações e energias é prejudicado, deixando a pessoa emocional e mentalmente apática”. (16).

3.3.2.3 - O corpo emocional. Ao descreverem este corpo, os autores afirmam várias coisas que aos ouvidos cristãos soam como absolutos disparates, mas precisamos tomar conhecimento destes aspectos:

“O corpo emocional, freqüentemente também denominado corpo astral, é o portador dos nossos sentimentos, emoções e das particularidades do caráter. Ele ocupa quase o mesmo espaço que o corpo físico. . . . As estruturas emocionais continuam existindo, caso não sejam libertadas através das várias encarnações, uma vez que o corpo emocional permanece subsistindo depois da morte física, unindo-se, por ocasião da reencarnação, ao novo corpo físico. As experiências não vividas, armazenadas no corpo emocional, determinam substancialmente as circunstâncias da nova vida. . . .

“A dissolução das estruturas emocionais só pode ocorrer através do corpo espiritual, que expressa a sabedoria, o amor e a felicidade do nosso Eu superior. . . . O Eu superior pode assumir o ‘comando’, deixando que as energias espirituais do nosso corpo energético mais elevado [o corpo espiritual] se infiltrem em todo o nosso ser. . . .

“O Eu interior não condena, não separa as experiências em ‘boas’ e ‘más’. Ele mostra que passamos por certas experiências para que comecemos a aprender quais sentimentos e ações têm como consequência uma separação da fonte primitiva divina, causando-nos, desse modo, mágoas, e para que entendamos as



leis cósmicas do equilíbrio natural. Nos âmbitos da vida em que hoje nos sentimos ‘vítimas’, fomos com frequência os ‘criminosos’ em encarnações anteriores”. (17)

Isto é quase mais do que a mente cristã, em sua singela confiança na Palavra de Deus, consegue assimilar. Observe, porém, quantos conceitos satânicos aqui se encontram expressos, em breves parágrafos: as reencarnações, experiências não vividas em vidas anteriores determinando as circunstâncias da “nova” vida, a relativização entre “bem” e “mal” (tão ao gosto do espiritualismo!), “vítimas” na vida atual que foram “criminosos” em alguma vida anterior. E o conceito de Eu Superior, que nada mais e nada menos é que o deus dentro de mim!

Uma vez que este é um conceito freqüente nos escritos espiritualistas, vale a pena ampliar aqui um pouquinho mais o seu exame. Outras opções têm sido utilizadas na literatura atinente. Por exemplo, Consciência Superior, Ser Superior, Ego Superior. Utilizarei “Eu Superior” porque, aparentemente, os autores da área dão preferência a esta expressão, assim como o fizeram estes que citei acima. Para os que tiverem curiosidade, um autor brasileiro cunhou até mesmo um “Monólogo do Eu Superior” em que o mortal ser humano “fala” com o “deus” que tem dentro de si! (18).

3.3.2.4 - O corpo espiritual. Voltemos aos já conhecidos autores alemães-hinduístas, para mais uma rodada de desafios a nossas concepções espirituais cristãs:

“O corpo espiritual . . . possui a mais alta freqüência vibratória de todos os corpos de energia. . . O corpo e a aura espiritual de uma pessoa totalmente desperta [‘espiritualmente’, entenda-se] podem irradiar-se . . . a vários quilômetros de distância. . .

“Do plano espiritual do ser flui continuamente a energia mais elevada e mais radiante, penetrando no corpo espiritual. Uma vez que essa energia é transformada, de modo crescente, em freqüências mais baixas, ela também atravessa o corpo mental, emocional e etérico. . . A absorção, a percepção e o uso consciente dessa energia depende do desenvolvimento dos chakras.

“Através do corpo espiritual, experimentamos a unidade interior com a vida. Ele nos une ao ser puro, divino, à fonte onipresente, da qual se formavam e continuam se formando todas as manifestações da Criação. Partindo desse plano, temos acesso interior a tudo o que existe na Criação. O corpo espiritual é aquela parte divina no nosso interior que é imortal, e que continua existindo através de toda a evolução, enquanto os outros corpos mais sutis pouco a pouco se dissolvem, quando o homem evolui acima dos níveis da consciência, que tornam necessária a sua presença no plano terreno, astral e mental. . . Somente através do corpo espiritual é possível reconhecer a Fonte e o objetivo da nossa existência e compreender o verdadeiro sentido da vida. . . Nós somos conduzidos, em todos os nossos atos, pelo nosso Eu interior”. (19)

Ufa! Em alguns momentos, lendo acerca de Criação, ser puro, divino, a Fonte e coisas semelhantes, chegamos a pensar que o texto se refere ao nosso Deus Pai Infinito, pessoal, o nosso Criador. Ledo engano! Esse não existe no espiritualismo. O deus aqui é mesmo minúsculo, é o panteísta deus-essência universal do qual faço parte, o que me torna o meu próprio deus. Acredito que você compreenderá melhor este ponto lendo Will Baron em 3.4.1.

3.3.3 - Chakras, Nádis e Meridianos. Voltaremos a utilizar a exposição de nossos já conhecidos autores, para entendermos um pouco do que sejam os chakras, os nádis e os meridianos. Conforme a exposição deixará claro, os meridianos são uma variante dos nádis, e de uso na filosofia japonesa e chinesa. Portanto, não tomarei muito tempo adicional para descrevê-los, de vez que, do ponto de vista filosófico, comportam-se da mesma forma que os elementos do sistema hinduísta-tibetano de chakras e nádis.

“O nível de consciência de cada forma vivente depende das frequências do prana, que pode ser *captado e armazenado*.... Através dos chakras, os nâdis de um corpo de energia ligam-se ao nâdis do corpo energético vizinho. Alguns dos antigos textos hindus e tibetanos mencionam 72.000 nâdis, enquanto outros escritos históricos falam de 350.000 nâdis. . . Os japoneses e chineses conhecem um sistema de canais de energia semelhante, que chamam de *meridianos*. (Do conhecimento desses meridianos desenvolveu-se a acupuntura.)” (20) (destaques supridos)

Uma breve pausa para considerações. A idéia de que o prana, ou energia vital, pode ser captado, armazenado e transportado, constituiu uma das 27 proposições de Mesmer, a décima-sétima. Reconhecidamente Mesmer, de cujo sistema estaremos falando no próximo capítulo, buscou toda a sua base nas filosofias pagãs orientais, o que de resto não constitui surpresa. Também pode-se ressaltar, desde já, que a décima-sétima proposição de Mesmer tornou-se “realidade” mediante o desenvolvimento da homeopatia, por Hahnemann. Prosigamos com os chakras e associados:

“No sistema energético do homem, os chakras agem como estações receptoras, transformadoras e distribuidoras das diversas frequências do prana. Eles *absorvem energias vitais dos corpos etéricos do homem, do seu meio ambiente, do cosmos e das fontes básicas de toda e qualquer manifestação, diretamente ou através dos nâdis*. . . Além disso, irradiam energias através do meio ambiente. Por meio desse sistema energético, o homem é envolvido, portanto, num *intercâmbio com as forças em ação nos mais variados planos de existência do seu meio ambiente, do universo e da base da Criação*”. (21) (destaques supridos)

Aqui o conceito do ser humano como um ser energético em plena e total comunicação com as energias cósmicas – recebendo-as e também retransmitindo-as – aparece com toda a clareza. Este conceito é fundamental à compreensão dos “passes” positivos e negativos do mesmerismo, ao “equilíbrio” da energia vital da homeopatia e ao “bloqueio e desbloqueio” da energia sob a acupuntura e sistemas afins.

“Queremos . . . descrever aqui as características comuns aos sete chakras. Seu verdadeiro lugar é no corpo etérico do homem. Os chakras assemelham-se a cálices de flores afunilados, com uma quantidade diferente de pétalas. . . Estão num permanente movimento circulatório. A essa característica devem a expressão ‘*chakra*’, que em sânscrito significa ‘roda’. . . Os mesmos chakras que no homem giram para a direita (no sentido horário), na mulher giram para a esquerda – e vice-versa. Cada volta para a direita é, na sua expressão, preponderantemente de qualidade masculina, e é chamada de ‘*Yang*’, na doutrina chinesa, isto é, representa vontade e atividade e, na sua forma negativa, significa agressividade e violência. Cada volta à esquerda é denominada ‘*Yin*’, representando a receptividade e a concordância e, na sua manifestação negativa, a fraqueza.

“O tamanho e número de vibrações dos chakras determinam a quantidade e qualidade das energias por eles absorvidas das mais variadas fontes. São energias que se encontram no Cosmos, provenientes das estrelas, da natureza, da irradiação de todas as coisas e pessoas à nossa volta, de nossos diversos corpos etéricos. . . Os chakras servem como receptores de todas as vibrações de energia e informações que ultrapassam a esfera física. São aberturas que nos ligam com o mundo ilimitado das energias mais sutis”. (22)

Mais alguns comentários. Aqui aparece com clareza o conceito de energia “chi”, ou “ki”, sob as formas “yang” e “yin”, a dualidade energética da filosofia chinesa. Muito importante este conceito, e retornaremos a ele. Reafirma-se nestes parágrafos que as “energias” que recebemos através dos chakras provêm das estrelas e outros pontos do Cosmos, e foi a isso que Mesmer chamou de “magnetismo animal”.

São sete os chakras principais, com suas respectivas localizações: chakra da raiz (entre o ânus e os genitais); chakra do sacro (na parte superior do sacro); chakra do plexo solar (dois dedos acima do umbigo); chakra cardíaco (no meio do peito); chakra da garganta (na parte dianteira do pescoço); chakra

do terceiro olho ou olho da sabedoria ou olho interior (no meio da testa); e o chakra coronário (em cima da cabeça). Cada um possui um símbolo específico, um lótus que vai de quatro folhas (chakra da raiz) até mil folhas (chakra coronário). A cada um é atribuído também um princípio básico, uma função dos sentidos, uma cor específica, uma correlação astrológica, uma pedra preciosa, um elemento do universo, uma correlação física com o organismo, uma glândula e seus respectivos hormônios, uma vogal, uma nota musical, a mantra correspondente, uma forma de contato com a natureza e um aroma (além de outras correlações).

Tomemos, como exemplo, o sexto chakra, o do terceiro olho. São propostas para ele as seguintes correlações (algumas delas): símbolo – lótus de 96 pétalas; princípio básico – auto-conhecimento; função dos sentidos – todos os sentidos, e também a percepção extra-sensorial; glândulas correspondente – hipófise; nota musical – lá; aromaterapia – hortelã, jasmim. (23)

Não é difícil perceber que sobre a teoria dos chakras repousam várias terapias alternativas, tanto aquelas bastante difundidas em nosso meio, como a acupuntura, homeopatia e reflexologia, como ainda outras, cuja difusão vem crescendo rapidamente: aromaterapia (aromas), gemoterapia (pedras), musicoterapia (sons musicais), cromoterapia (cores). Outro ponto digno de nota é que os sete principais chakras estariam vinculados diretamente às glândulas do organismo, desta forma influenciando, supostamente, o seu funcionamento.

Há ainda um aspecto de particular importância na teoria dos chakras, que aqui preciso apresentar. Trata da suposta vinculação especial do chakra do plexo solar e do chakra da base com os corpos energéticos e o corpo físico. Tem tudo a ver com as propostas terapêuticas energéticas. Os parágrafos seguintes são bastante reveladores:

“Através do chakra do plexo solar, o corpo etérico absorve energias vitais do Sol e, através do chakra básico, energias vitais da Terra. Ele armazena essas energias e as leva, através dos chakras e dos nâdis, em fluxos vitais ininterruptos, ao corpo físico. Essas duas formas de energia cuidam do equilíbrio vital nas células corporais. Quando a ‘fome de energia’ do organismo é saciada, a energia excessiva é irradiada para fora, pelo corpo etérico, através dos chakras e dos poros. Ela sai dos poros em forma de fios retos, com cerca de cinco centímetros, formando a aura etérica, que em regra é percebida pelos clarividentes como a primeira parte setorial da aura total. Esses raios cobrem o corpo físico como um manto de proteção, impedindo que micróbios patogênicos e corpos estranhos se infiltrem no corpo e irradiam, simultaneamente, um fluxo constante de energia vital no meio ambiente.

*“Essa proteção natural significa que, basicamente, uma pessoa não pode adoecer por causas de origem externa. Os motivos da doença estão sempre no interior. Pensamentos e emoções negativas, bem como o modo de vida que não esteja em harmonia com as necessidades naturais do corpo (sobrecarga de trabalho, alimentação inadequada, álcool, nicotina e drogas) podem consumir a força vital etérica, com o que a irradiação de energia natural perde em força e intensidade. Desse modo, surgem pontos fracos na aura. . . O clarividente percebe na aura ‘buracos’ ou ‘fendas’ através dos quais vibrações negativas e bactérias infecciosas podem penetrar no corpo. Além do mais, a energia vital, devido a esses fermentos, pode ‘desgastar-se’ no âmbito etérico. . . As doenças mostram-se, primeiramente, na aura etérica, antes de se manifestarem no corpo físico”.* (24) (destaque suprido)

*Onde, pensa você, Hahnemann foi buscar mais um dos princípios básicos da Homeopatia, o de que a doença nunca é causada por fatores externos? Exatamente, na porção em destaque do parágrafo anterior!!! Este parágrafo ensinou-me outra lição importante.*

Certa ocasião, quando ainda acadêmico de medicina, senti-me enfermo e fui conversar com um dos nossos professores. Excelente clínico – provavelmente o melhor da escola – praticava também a homeopatia, ao

lado de uma especialidade convencional. Ofereceu-me ajuda através do preparado homeopático, que pela única vez na vida, aceitei (não conhecia então exatamente do que se tratava a homeopatia). Ele me assegurou, com muita solenidade, que precisava conhecer em detalhes meu estilo de vida, uma vez que a “medicação” deveria sempre ser preparada de acordo com este – a prescrição homeopática era sempre estritamente individualizada. Pareceu-me uma preocupação excelente, muito “natural” e, ao que parecia, inteiramente de acordo com as orientações de saúde observadas pela Igreja Adventista. Cheguei a experimentar, naquela ocasião, um certo entusiasmo pela homeopatia de meu professor. Hoje está claro por que ele se preocupava com o meu estilo de vida: os possíveis “buracos na aura” que poderiam resultar do mesmo!!!

3.3.4 - Auras. As auras podem ser entendidas como supostas irradiações luminosas, só perceptíveis pelos iniciados, e que se vinculam diretamente aos corpos etéricos. Muito provavelmente você já ouviu, alguma vez ao menos, o comentário de outra pessoa, no trabalho ou em outro lugar público, a respeito de como estava, naquele dia, a sua “aura”, não? Uma vez que seu conceito está diretamente ligado ao dos corpos energéticos, já apresentados, não me deterei muito por aqui. Algumas definições, contudo, serão necessárias.

No livro *Intermediate Studies of the Human Aura* [Estudos Intermediários da Aura Humana], Djwhal Khul (veja a identificação deste personagem em 3.3.10 ) esboça o conceito de “campo energético” externo ou “aura” que, segundo ele, agora está sendo confirmado pela ciência:

“Em anos recentes, através da fotografia Kyrlian e de experimentos com plantas, os cientistas vêm postulando a teoria dos campos-L como sendo a ‘cópia heliográfica’ [anteprojeto] da vida, e de um campo energético que pode ser observado e fotografado através de instrumentos científicos ou por meio desta fotografia especializada, que não utiliza nem câmera, nem lentes. . . . O homem se encontra à beira da descoberta do Eu Superior”. (25)

A “aura” baseia-se na teoria de que “cada objeto acha-se ‘envelopado’ num campo de energia magnética que atua como um meio de intercâmbio com outras energias presentes no ambiente à volta. Este campo de energia magnética (CEM) é composto de sete raios que se relacionam com o sistema endócrino. A harmonia e equilíbrio de cada indivíduo e o grau e qualidade de cada um destes [raios] pode perceber-se mediante a observação da aura, quer subjetivamente, conforme são capazes de fazê-lo algumas pessoas ‘sensitivas’, quer objetivamente, utilizando-se uma forma especial de vidro, conhecida como tela de Kilner”. (26)

Não posso deixar de apresentar, igualmente, estes curiosos parágrafos, obtidos, como tantos outros que os precederam, de nossos instrutores germânicos-hinduístas.

“Nesse contexto também é interessante o fato de as plantas, especialmente as flores e as árvores, terem uma irradiação energética semelhante à aura etérica do homem. Essa irradiação você pode aproveitar para suprir a sua própria aura com novas energias. Ela também pode ser encontrada nos óleos aromáticos. . . . *Você também pode se comunicar diretamente com a energia das plantas. Para isso, sente-se encostado a uma árvore que lhe seja simpática, ou abrace-a, encostando todo o seu corpo na mesma. Permita então simplesmente que a força energizante e harmonizadora da árvore seja transmitida a você. Ou deite-se num perfumado prado de flores e deixe-se envolver e ser penetrado totalmente pelas vibrações das delicadas flores*”. (27)

Seria risível, não fosse a total seriedade com que os autores expõem seu tema. Dificilmente poderíamos encontrar mais soberba aula de panteísmo! Triste é ter de dizê-lo, mas aqui repousa igualmente a base de grande parte da *fitoterapia*, o tratamento através de nossas queridas plantas.

3.3.5 - Espiritualismo e Criação. Você observou que os autores espiritualistas a todo momento se referem à Criação, inclusive utilizando o termo com maiúscula, exatamente como costumamos fazer ao nos referirmos à Criação efetuada por Deus na semana designada para tal? Será que eles estão se referindo à mesma criação que nós? Oxalá assim fosse! Com absoluta certeza não o estão. Bastam, para confirmá-lo, alguns parágrafos de um autor já conhecido:

“Uma vez que o homem aprenda a utilizar o seu intelecto em benefício da humanidade, adquirirá poder espiritual sobre a vida. . . O cérebro. . . será sobrepujado pelo contato direto com a Sabedoria da Natureza que o homem poderá então utilizar para a criação de novos corpos sem nenhuma cooperação”. (28)

“O astrólogo esotérico sabe muito bem que o corpo humano tem atrás de si um imenso período de evolução e que seu esplêndido organismo é o resultado de um lento processo de desenvolvimento gradual que ainda continua e fará com que cada geração seja melhor que a anterior, até que num futuro longínquo, alcance um estado de perfeição que hoje não nos é dado sequer imaginar”. (29)

“Ninguém pode, realmente, observar as funções fisiológicas de nenhum órgão nas condições existentes nos laboratórios ou nas mesas de operação, nem na sala de vivisseção ou de dissecação. Para chegar à compreensão necessária é imprescindível ver tais órgãos exercendo suas funções fisiológicas *no corpo vivo*, o que só pode ser feito por meio de visão espiritual”. (30) (destaque no original)

“Os átomos dos éteres químico e vital, reunidos em torno do átomo-semente nuclear, situado no Plexo Solar, têm forma prismática. Estão todos colocados de tal maneira que quando a energia solar entra no corpo pelo baço, o raio refratado é o vermelho. Esta é a cor do aspecto criador da Trindade, ou seja, Jeová, o Espírito Santo, que rege a Lua, o astro da fecundação. Por conseguinte, os fluídos vitais do Sol que penetram no corpo humano pelo baço, ficam tintos de cor de rosa pálido, que muitas vezes podem ser observados pelos videntes, circulando pelos nervos, como se fossem eletricidade passando pelos fios de uma instalação elétrica. Assim carregados, os éteres químico e vital são as vias da assimilação que preservam o indivíduo, e da fecundação, que perpetua a raça”. (31)

“Todos os sofrimentos e dores são destinados a ensinar-nos lições que não poderíamos ou não quereríamos aprender de outro modo. . . *Nem Deus pode determinar o tempo exato* ou a quantidade de sofrimento necessários, porque nós temos essa prerrogativa, *porque somos divinos*. . . Pusemos em movimento forças que agora estão se manifestando como destino e uma vez que o criamos, temos o direito de modificá-la conforme a nossa capacidade. De fato, isto constitui o selo da nossa própria divindade, o poder de reger-nos a nós mesmos”. (32) (itálicos se encontram no original)

Blasfêmias não faltam nestes parágrafos que tratam da “criação” espiritualista! O homem não só é criador, como poderá criar sem qualquer auxílio. O homem é divino e nem Deus (quem é este deus a quem o autor se refere?) pode determinar algo em relação a nós! Claro que, para criar, o homem precisa da luz do Sol, como deixa claro o penúltimo parágrafo! Por que esta insistente preferência dos espiritualistas pelo Sol? Será pela mesma razão que levou o pai do espiritualismo a instituir um falso dia de adoração, exatamente aquele que os pagãos dedicavam à adoração do Sol? E o que dizer do grosseiro desvirtuamento da Santíssima Trindade? Compare estes conceitos satânicos com a história da verdadeira Criação, exposta em 2.2 a 2.6.

Ainda mais um parágrafo em que o citado autor trata da criação-reencarnação, pelo fato de, uma vez mais, trazer à baila um “princípio” de grande interesse para o nosso estudo:

“Quando o Ego se encontra a caminho do renascimento [leia-se: reencarnação], passando pela Região do Pensamento Concreto, pelo Mundo do Desejo e pela Região Etérica [por bondade, não me pergunte o leitor o que significam estas expressões!], vai juntando certa quantidade de substância de cada um deles. A

qualidade desta substância é determinada pelo átomo-semente, com base no princípio de que ‘o *semelhante atrai o semelhante*’”. (33) (destaque suprido)

Será mera coincidência que um dos princípios fundamentais da homeopatia de Hahnemann – na verdade, o primeiro princípio, com o qual tudo começou – é exatamente este: *SEMELHANTE CURA SEMELHANTE*? Seria impróprio falar de “cura” no suposto processo de formação (reencarnação) do ser. Contudo, uma vez que este, além dos corpos energéticos, tenha sido “criado” e possua agora um corpo denso ou físico (este infeliz por aqui, outra vez!) associado ao ser, e este corpo adoece em suposta associação com o corpo vital (ou etéreo), faz agora sentido falar em “cura”, a qual, aliás, constitui, segundo Heindel, a “única salvação”! (Veja alguns parágrafos a seguir.)

3.3.6 - Espiritualismo, Pecado e Salvação. Pecado e a subsequente salvação em Cristo constituem, igualmente, conceitos absolutamente estranhos ao espiritualismo. Bastaria isto para colocá-lo em irreconciliável divergência com o genuíno cristianismo. Apenas para documentar o fato, algumas citações de autores da área.

“Repudiamos de forma definida e firme a idéia de que Jesus e Seu sacrifício supremo na cruz possam salvar-nos. . . Para nós, a idéia de que ‘Ele morreu para que sejamos perdoados’, ou que nossos pecados possam ser perdoados pelo arrependimento . . . equivale a criar uma concepção das responsabilidades da vida que tende a estimular o que procede mal a persistir em sua conduta”. (34)

Veja que os espiritualistas sequer reconhecem o termo “pecado”, segundo a concepção cristã do mesmo; quando muito, admitem termos como “ignorância”, “fraquezas”, “mau procedimento” e equivalentes. Salvação em Jesus, nem pensar! Salvação do quê? O homem não é um ser decaído, ao contrário, está a progredir cada vez mais, e a cada reencarnação aproxima-se um pouco mais da perfeição absoluta. Mais um parágrafo:

“Podemos dizer que a enfermidade é uma manifestação de ignorância, o *único pecado*, e que a cura é uma demonstração de conhecimento aplicado, *que é a única salvação*” (35) (destaques supridos).

Talvez o fato de os espiritualistas considerarem a ignorância (assim entendida por eles) como o único pecado, e a cura (demonstração de conhecimento aplicado) como a única salvação, explique por que Satanás tem investido tanto no sistema de cura energética!

3.3.7 - Espiritualismo e Morte. Fácil de deduzir que, para o espiritualismo, a morte não existe. Foi com negação da morte no Éden (“certamente não morreréis”) que toda a história do pecado na Terra e o espiritualismo começaram. Vamos apenas documentar isso através de alguns autores autorizados.

Os autores espiritualistas admitem alguma utilidade para o corpo físico, mas ainda assim em virtude de o tempo de vida permitir a aquisição de experiência:

“Do ponto de vista oculto, não tem muita importância que vivamos ou morramos, já que a morte não implica no aniquilamento, mas apenas na mudança de plano de consciência. Todavia, uma vez que conseguimos atravessar o período comparativamente inútil da infância e os ardentes anos da adolescência e alcançar a etapa do discernimento, quando realmente podemos começar a adquirir experiência, quanto mais possamos prolongar esse tempo de experiência, tanto mais lucramos. Por esta razão é de algum valor procurar prolongar a vida do corpo”. (36)

Nem por isso tais autores deixam de considerar o corpo como uma prisão, algo que tão-somente limita o ser! Quão diametralmente oposta é esta visão daquela que Deus expressou ao criar o homem “do pó da terra”: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança”! (37)

O conceito de morte torna-se, assim, totalmente relativo, assim como o conceito de mal e bem: “O nascimento e a morte podem ser considerados. . . como a transferência da atividade humana de um mundo para outro, e depende do nosso ponto de vista designarmos tal mudança por nascimento ou morte.... Quando voltarmos a Deus... nossas experiências serão transmutadas em faculdades: o mal se transformará em bem, e este em poder”. (38) A negação aberta e declarada da morte é introduzida pelo mesmo autor sob a forma de um conhecido poema de John McCreery, intitulado: “A Morte Não Existe”. (39)

A consequência “natural” da negação da morte é a doutrina da reencarnação, que em 3.3.5 nos foi apresentada como ocorrendo segundo o princípio do “semelhante atrai semelhante”, ao longo do périplo do ser em formação (“re-formação”). Agora, este parágrafo nos assegura que o ser, no processo de reencarnação, dispõe de interessantes opções:

“Quando o Ego regressa do mundo invisível para o novo nascimento, são-lhe mostradas diversas encarnações possíveis. O Ego contempla sua próxima vida em suas linhas gerais, como se fosse um quadro em movimento passando ante seus olhos. Então é permitido que escolha entre diferentes vidas.... Faz... sua escolha e em seguida é guiado pelos Anjos Relatores para o país e para a família em que tem de viver em sua próxima existência”. (40)

Por bondade, não confunda o “novo nascimento” com o batismo apregoado e praticado por Jesus. Tampouco confunda os Anjos Relatores com os seres celestiais que nos oferecem assistência e registram os passos de nossa vida, segundo a Bíblia.

Na doutrina da reencarnação existe pelo menos um “calcanhar de Aquiles” filosófico e lógico. Certa feita, apresentei essa questão a um colega espiritualista, e ele me assegurou que não sabia a resposta (pareceu-me perplexo com a pergunta), mas buscaria encontrá-la com alguém que fosse melhor orientado (aguardo até hoje a resposta; o episódio ocorreu há cerca de catorze anos). É inegável que a população da Terra está aumentando. Se cada criança que nasce é fruto de uma reencarnação, de onde estão provindo as “almas” para viabilizar estes “novos nascimentos”? É inegável que no presente momento do mundo, existem muito mais nascimentos que mortes – é isso que faz a população da Terra aumentar. Existirá, porventura, um “estoque de almas”? Caso positivo, de onde vieram? Se, conforme afirmam os espiritualistas, todas estas almas são inerentemente imortais, subentende-se que sempre existiram. Se o processo de sucessivas reencarnações ocorre no sentido de aperfeiçoamento, por que aumenta o número de “novos nascimentos”? Grande parte destes seres deveria estar alcançando a perfeição e “saindo de circulação” em relação a este ciclo de reencarnações! A população da Terra deveria estar diminuindo, e não ao contrário!

3.3.8 - Espiritualismo e Cristianismo. Cada vez mais o espiritualismo procura-se identificar-se com o cristianismo – esta estratégia certamente lhe interessa, e muito. Os membros da Fraternidade Rosacruz, por exemplo, vêm-se apresentando como “cristãos místicos”. Acredito que, de tudo que dissemos até aqui, não deva remanescer dúvida de que, não apenas o espiritismo não é cristão, como ainda se opõe frontal e irreversivelmente ao genuíno cristianismo, o de Cristo.

Antes de mais nada, porque a pretensão do espiritualismo não é de forma alguma disfarçada: “A missão do espiritismo consiste em revolucionar o mundo, em varrer o lixo acumulado em séculos de ignorância e superstição”. (41) Entre o “lixo” aqui citado, encontram-se pontos basilares do cristianismo bíblico, por exemplo: o regresso de Cristo como Juiz, a ressurreição dos mortos da qual Cristo foi o paradigma, o perdão e salvação em Cristo, e tantos outros.

A seguir, porque ele se opõe frontalmente à declaração divina a nossos primeiros pais: “Certamente morrereis”. Tal como Satanás em forma de serpente naquela oportunidade, o espiritualismo prossegue afirmando, com todas as letras: “Certamente não morrereis”.

Também porque ele substitui o verdadeiro Cristo por um outro, de sua própria fabricação, tão pequeno quanto a insignificância do pretenso homem-autocriador : “Quando pudermos realizar o ato da fecundação de forma pura... se reproduzirá a concepção imaculada e poderá então nascer o Cristo interno em cada um de nós”. (42)

Irreconciliavelmente incompatível, ainda, porque apresenta uma visão francamente distorcida de Cristo e Sua missão, uma sensacional confusão entre dois seres supostamente distintos, Jesus e Cristo, ignorando a fusão do divino e do humano miraculosamente propiciada para a salvação da humanidade: “No Batismo via-se o Espírito de Cristo descer ao corpo de Jesus, enquanto o espírito de Jesus abandonava o seu corpo. Ficou Jesus com a missão de guiar as igrejas enquanto seu corpo estava sendo utilizado por Cristo para difundir seus ensinamentos. O sangue de Jesus estava sendo preparado para servir como um ‘abre-te Sésamo’ para o reino de Deus...Tendo sido eterificado pelo grande Espírito de Cristo, o sangue purificado de Jesus foi derramado sobre o mundo”. “Quando Cristo utilizou o corpo de Jesus na Terra e curou os enfermos, Ele, que era o Senhor do Sol, encerrava em Si a síntese das vibrações estelares...e podia emitir de si mesmo a influência planetária corretiva requerida em cada caso”. (43)

Definitivamente incompatível porque, a despeito de uma linguagem empolada e enrolada, em que procura tornar palatável a si mesmo a figura de Cristo Jesus, de repente despe a máscara e assume, com todas as letras, sua figadal inimizade contra o Salvador, a mesma que levou o fundador do espiritualismo a pregar na cruz do Calvário o Criador-Redentor: “O espiritismo varrerá o mundo e o converterá num lugar melhor para se viver. Quando ele governar sobre todo o mundo, *fará desaparecer o sangue de Cristo*” (44) (destaque suprido).

A propósito: você tem apreciado os livros de Sir Arthur Conan Doyle (por exemplo: Sherlock Holmes)? Ele é o autor da frase grifada acima.

Quando, finalmente, um autor espiritualista tenta harmonizar sua visão de mundo com trechos do relato bíblico, aparecem mixórdias filosóficas como as que seguem (este é apenas um exemplo): “É fato comprovado que cada ser humano está envolto por uma atmosfera áurica. . . .Quanto mais nos identificamos com o Sol [ele, novamente!], tanto mais aumenta a cor dourada da mesma [aura], que é a cor do Cristo. . . . Gradualmente vamos nos assemelhando a Ele, e este *soma psuchicon* ou corpo-alma está tomando a forma e convertendo-se em nossas ‘Vestidas das Bodas’ . . . Deveríamos seguir sempre o conselho de Paulo e revestir-nos com a armadura de Deus. Devemos ser sempre positivos em nossa luta pelo bem contra o mal e nunca perder a ocasião de colaborar com os Irmãos Maiores em palavras ou atos, na Grande Guerra que se efetua pela supremacia espiritual”. (45)

3.3.9 - Os espíritos do Espiritualismo. Se os espíritos do espiritismo NÃO são os de queridos mortos – vimos em 2.6 que, ao sobrevir a morte, não existe a sobrevivência de uma alma ou espírito, pela simples razão de que estes componentes do ser não possuem existência independente do corpo, junto com o qual formam, em conjunto, o ser humano indivisível. Mas os “espíritos” constituem uma realidade inegável. Quem são eles?

Junto com Satanás, que os governa, são os anjos que o acompanharam na rebelião no Céu e posteriormente vieram com ele para a Terra. “Houve peleja no Céu. Miguel e os Seus anjos pelejaram contra o dragão. Também pelejaram o dragão e Seus anjos; todavia não prevaleceram, nem mais se achou no Céu o lugar deles. E foi expulso o grande dragão, a antiga serpente, que se chama diabo e Satanás, o sedutor de todo o mundo, sim, foi atirado para a Terra e, com ele, os seus anjos”. (46) Do modo como os anjos que permaneceram leais a Deus são “espíritos ministradores enviados para serviço, a favor dos que hão de herdar a salvação” (47), os anjos satânicos – os “espíritos” do espiritismo – trabalham para enganar e perverter, “se possível, os próprios eleitos”. (48)



É com estes seres poderosos que o cristão necessita lidar, dia a dia. Não precisamos temê-los, entretanto. São inimigos vencidos, que tão-somente aguardam o dia em que serão chamados à responsabilidade e destruídos.

3.3.10 - Mestres do Espiritualismo Moderno. Esta seção será bastante resumida, e objetiva apenas colocar você em contato com algumas das mais respeitadas personalidades do espiritualismo moderno, incluindo seus mais freqüentes autores. São apenas uns poucos nomes, em meio a milhares de outros.

1. Sir Arthur Conan Doyle mais conhecido como autor de Sherlock Holmes, representa um dos grandes nomes do espiritualismo atual. Viajou por todo o mundo na propagação dos ideais desta corrente filosófica e escreveu sobre a necessidade de “renovação do cristianismo decadente” mediante uma “infusão”, neste, das idéias espíritas e da comunicação com os mortos.
2. Djwhal Khul. Este personagem foi o inspirador de inúmeros livros, escritos através de outras pessoas, especialmente Alice Bailey. Algumas vezes ele foi ou será citado no presente estudo. Will Baron, identificado e citado de forma destacada em 3.4.1, havendo sido discípulo pessoal deste personagem, é mais do que credenciado para identificá-lo. “Igualzinho a Jesus Cristo” na aparência física, conforme a impressão deste autor, de quem Djwhal Khul se tornou “guia especial”, é ele “um membro de alta categoria da Irmandade Branca de Guias. Ele era o guia que havia ditado o conteúdo dos livros de metafísica a Alice Bailey, que ela publicou sob seu próprio nome”. O líder maior da Irmandade seria Maitreya. Djwhal Khul afirma ser uma pessoa humana, nascida no Tibete há mais de 350 anos, havendo alcançado a imortalidade por meio de uma cerimônia de iniciação ocorrida nas esferas celestiais. Afirma ainda que lhe foi designado, como parte de seu trabalho para “Deus”, trazer para a humanidade os ensinamentos da Nova Era. Depois de converter-se genuinamente ao cristianismo, num passo de libertação que considero absolutamente extraordinário, Will Baron concluiu que Djwal Kul é um dos mais graduados anjos satânicos, se não o próprio Satanás. (49)
3. Alice Bailey “emprestou” sua mão para redigir os livros “ditados” por Djwhal Khul. Esposa de um pastor protestante, dedicou-se a servir como “secretária” de Djwhal Khul por aproximadamente trinta anos, entre 1919 e 1949. Teve, além disso, o “mérito” de cunhar a expressão “New Age”.
4. Roberto Assagioli, fundador da psicossíntese, um dos pioneiros dentro do Movimento da Nova Era.
5. Morton T. Kelsey, um dos mais destacados promotores da “meditação cristã”.
6. L. Ron Hubbard, fundador da Cientologia.
7. Mary Baker Eddy, fundadora da Ciência Cristã.
8. “Unity School of Christianity”, um grupo que reúne muitos “cristãos da Nova Era”, embora por vezes nem mesmo cite a expressão.
9. Paramahansa Yogananda, fundador da “Self Realization Fellowship”, uma perfeita combinação de filosofias pagãs orientais com “cristianismo”.
10. Aleister Crowley, fundador de *Thelema*, uma organização que defende o lema: “*Do what thou wilt shall be the whole of the law*” [o todo da lei será: faça o que você quiser]. (50)

11. Joanne Kathleen Rowling, autora da série *Harry Potter*, talvez mais que ninguém no momento em que escrevo este estudo, tem divulgado idéias espiritualistas, e afetado de modo especial as crianças, o que torna excessivamente maléficos os seus escritos.
12. Rudolf Steiner, fundador da Antroposofia.
13. Werner Erhard, fundador dos *Seminários de Treinamento Erhard*.
14. Emma Hardinge Britten, do Movimento Espiritualista Moderno, conhecido originalmente como "First Spiritual Temple". (51)
15. Benjamin Creme, notável líder e escritor da Nova Era. São igualmente figuras de proa da Nova Era os que seguem abaixo.
16. Alvin Toffler.
17. Dra. Barbara Ray.
18. Levi Dowling.
19. George Trevelyan.
20. Dr. Fritjof Capra, autor de "O Ponto de Mutação".
21. Dr. Depak Chopra, a quem dedicarei espaço amplo no Capítulo Dez.
22. Abraham Maslow.
23. Bárbara Marx Hubbard.
24. Ruth Montgomery.
25. Shirley MacLaine.
26. J. Z. Knight.
27. Marilyn Ferguson.
28. David Spangler.
29. Jeremy Rifkin.
30. Norman Cousins, grandemente conhecido por sua atividade em prol dos consumidores.
31. Elizabeth Clare Prophet.
32. John Denver.
33. George Lucas.
34. Norman Lear.

### 3.4 - A "Nova" Que "Era" Há Muito Tempo

Provavelmente a última coisa que se poderia dizer do Movimento da Nova Era é que ele representa algo "novo". Do ponto de vista de suas bases filosóficas, ele é tão antigo quanto os falsos argumentos utilizados por Satanás em sua conquista de Eva, no Jardim do Éden. O que talvez possamos considerar como nova é a ênfase e a força com que as propostas do Movimento estão sendo apresentadas. E não há que se deixar de reconhecer méritos aos propagadores do mesmo. Lutar pela mais justa distribuição dos recursos do mundo; extinguir a fome em todo o planeta; oferecer proteção especial aos grupos minoritários; enfatizar a

proteção às gestantes e crianças; criar um sistema de atendimento médico não-comercial, individualizado e acessível a todas as pessoas. . . e as propostas prosseguem. Qualquer cristão não apenas PODERIA como ainda DEVERIA subscrever, apoiar e desenvolver proposições semelhantes a estas – não fossem os alicerces sobre os quais elas se assentam.

Deveremos verificar por que o Movimento da Nova Era vem encontrando tanta facilidade para se propagar. Neste ponto, nenhum cristão pode furtar-se a uma sincera – e severa – autocrítica. É que o reconhecimento de nossas clamorosas falhas não se restrinja a um sincero *mea culpa*, antes nos faça tomar decisivas posições de reparação da indolência em que, quase sem exceção, nos encontramos. Antes, porém, examinaremos de modo muito sucinto no que consiste este movimento.

3.4.1 - Exposição Sintética do Movimento da Nova Era. Will Baron, que encontraremos novamente em 3.5.1, na qualidade de ex-seguidor deste movimento, nos ajudará a entendermos o que é a Nova Era:

“Em essência, considero-a um sistema falso de religião, idealizado por Satanás como alternativa atraente para o cristianismo baseado na Bíblia. Seu objetivo principal é levar as igrejas à grande apostasia, preparando-as para o aparecimento do anticristo, de modo que este seja aceito como o Messias, tanto por cristãos como pelos seguidores da Nova Era.

“Em seu âmago, a Nova Era é basicamente fundamentada na filosofia hindu, adaptada de modo conveniente para a cultura ocidental. Com perspicácia, Satanás recondicionou o hinduísmo, dando-lhe uma forma isenta daquelas repulsivas e amedrontadoras divindades presentes de modo infalível nos rituais hindus tradicionais. Em vez de advogar uma pletera de deuses grotescos, a Nova Era focaliza um único deus, panteístico, apresentado como sendo o mesmo Deus Pai Altíssimo da tradição judaico-cristã.

“Na religião da Nova Era, os ensinamentos hindus são combinados com o paganismo antigo e com o ocultismo, espiritualismo e cristianismo contemporâneos, para produzir uma miscelânea multifacetada de engano.

“Os elementos pagãos incluem a astrologia, numerologia, cabala, o tarô e vários métodos de adivinhação. Essas práticas, em geral, tiveram origem na Babilônia e no Egito durante os tempos do Antigo Testamento, e eram expressamente proibidas pela Bíblia.

“Os elementos ocultos ocidentais contemporâneos provêm de fontes como a teosofia e a maçonaria rosacruz, ambos muito temperados pelo paganismo antigo. O ocultismo da Nova Era incorpora atualmente mais atividades pseudocientíficas em seu repertório, como as encontradas no fascínio que seus seguidores cultivam por cristais, auras, OVNIS e parapsicologia.

“O elemento espiritualista, especialmente a canalização praticada pela Nova Era, confere um aspecto dinâmico e sensacional ao movimento. A aparente capacidade de os médiuns fazerem contato com os espíritos dos familiares falecidos e grandes guias espirituais, convence os seguidores da Nova Era de que o mundo dos espíritos é um dos âmbitos ou domínios da realidade. Logicamente é, com exceção do fato de que os espíritos com quem os médiuns fazem contato não são as entidades benevolentes que os seguidores julgam ser.

“Muitas entidades da Nova Era dão ênfase a apenas um, ou talvez uns poucos ramos bem selecionados do conhecimento, na atividade dessa organização. Com frequência, grupos da Nova Era chegam a defender filosofias concorrentes, mas esse conflito na verdade não cria problemas para Satanás. Como todas as filosofias são enganosas, não importa que os vários grupos tenham idéias conflitantes, conquanto que as vítimas em potencial considerem uma delas atraente.

“O movimento da Nova Era não é uma organização claramente definida. É um título geral usado para denotar a existência coletiva de todas as organizações e indivíduos que promovem as filosofias do movimento. Não possui um líder humano ou uma sede administrativa.

“Satanás tem plena consciência do fato de que uma organização definida e identificável, com filosofias homogêneas, constituiria um grave inconveniente. Seus críticos poderiam facilmente acusá-la e expor-lhe o sistema fraudulento, disfarçado sob os auspícios da divindade. Para evitar essa revelação, Satanás parece ter deliberadamente organizado sua contrafação religiosa mediante o conceito de ‘rede’. Com esse modelo, milhares de organizações existem independentemente, sob a identidade de Nova Era, sendo cada uma delas responsável por sua própria combinação particular de ensinamentos”. (52)

Para exposições mais detalhadas sobre a Nova Era, além do livro de Will Baron, já indicado, recomendo Lira (53) e Beard. (54)

3.4.2 - A Nova Era Ocupa o Vácuo do Cristianismo. Meu amigo Warren Peters descreveu de modo magistral a razão do sucesso da Nova Era diante do vácuo deixado pelo cristianismo nominal. Permito-me reproduzir praticamente na íntegra o seu pensamento nos quatro parágrafos seguintes:

A igreja cristã recebeu uma comissão no sentido de advertir o mundo à beira do apocalipse imponente. Mas um sono profundo como que permeia o nosso próprio ser. O mundo está sendo açoitado e ferido, mas nós dormimos com a mensagem de paz e segurança bloqueada dentro de nossas mentes. Sim, é verdade que estamos mantendo nosso contato com o mundo, mas não no sentido de adverti-lo! Não, isto seria demasiadamente “invasivo”! Em vez disto, nosso contato com o mundo ocorre no sentido de nos assemelharmos a ele. Desejamos ser uma boa influência no mundo, em vez de adverti-lo. Talvez uma pesquisa de opinião pública nos identificasse como “pessoas que se interessam pelos outros”.

É certo, porém, que não desejamos ser alarmistas. A comunidade cristã não conseguiu resolver eficazmente a questão da desumanização do homem pela tecnologia, e as profundas feridas causadas na humanidade por hábitos destrutivos. Sim, confissões podem ser ouvidas dos púlpitos, mas existirá algum PODER disponível, capaz de modificar nossos errôneos padrões de pensamento e estilo de vida que favorece a morte? Poderá a verdadeira PERSONALIDADE ser mantida enquanto a criatura permanece oito horas por dia numa enfadonha e desumanizadora linha de produção mecanizada? Tenho eu alguma importância ou valor diante do Universo?

Sem respostas centralizadas em Deus, a estas questões, um profundo vazio foi criado pela geração de horríveis atrocidades. Na Europa, uma nação de pessoas que freqüentavam a igreja tentou destruir de sobre a face da Terra todo um grupo étnico de outros seres humanos. Na América, outra nação que em sua moeda cunha a expressão *Confiamos em Deus*, desenvolveu e detonou a bomba atômica, destruindo instantaneamente homens, mulheres e crianças que inocentemente pertenciam à raça contra a qual se guerreava. O vazio foi aprofundado por nações industrializadas que começaram a dar vazão a co-produtos envenenadores da atmosfera e poluidores dos preciosos suprimentos de água. Os cristãos reclamaram disto? De modo algum! Tudo prosseguiu acontecendo e amáveis pessoas continuaram a freqüentar as igrejas, ignorando os pobres, os que se achavam em desvantagem, e estabelecendo uma ou outra agência impessoal e ineficiente para tomar conta daqueles. O vazio pessoal e social apresenta-se agora monstruosamente profundo.

Foi neste vazio que o movimento da Nova Era assentou seus passos. Seus participantes trabalharão, farão doações e compartilharão dia e noite. Pagamento, horas de trabalho e benefícios não lhes representam motivações. Abrangem todas as atividades comerciais, níveis de governo e persuasões religiosas, oferecendo a ‘solução’ para as deficiências pessoais e sociais do momento. Acreditam realmente naquilo que fazem. Existe um certo fervor religioso na abordagem e atitudes da pessoa comprometida com a Nova

Era ou Nova Consciência. Em vista da perspectiva estreita do materialismo, a vida de modo geral não preenche as necessidades espirituais inerentes à humanidade. Em contraste, a Nova Era oferece uma combinação de humanismo, por um lado, com um forte e eclético entusiasmo espiritual, por outro. Panteísmo, Monismo, Espiritualismo, Hinduísmo e muitos outros “ismos” vem sendo liberalmente misturados neste caldeirão de enganos. (55)

Cristalinamente claro. Chocantemente evidente. A dessemelhança do cristianismo em relação a Cristo – e não creio que os cristãos de QUALQUER denominação devam considerar-se excluídos desta avaliação pessimista – sim, a dessemelhança do cristianismo para com Cristo é a razão maior do sucesso da Nova Era!

David Fetcho ocupa-se também de demonstrar as posições corajosas e até mesmo louváveis, assumidas pelos entusiastas da Nova Era. Uma vez mais, a lamentável conclusão é que os cristãos permitiram que as bandeiras de luta que traziam nas mãos lhes fossem arrancadas enquanto se deixavam embalar no modorrento sono da indiferença, insensibilidade e acomodação:

“Eles não têm demonstrado temor em acusar nossa cultura racionalista, materialista e mercantilista como responsável pela piora da qualidade de vida humana. Têm sugerido que nossa forma ‘normal’ de ver as coisas é, na melhor das hipóteses, deficiente. Os líderes do movimento da Nova Era vêm ocupando os espaços criados pelo silêncio da igreja. Eles chamam o plástico de plástico, e os venenos de venenos, numa sociedade cuja economia está construída de modo a convencer as pessoas que ambos os produtos são bons para elas. . . . Estes líderes têm assumido a dianteira ao demonstrar a possibilidade de modificar a dieta não natural, tornando-a orgânica; a se passar do consumismo para uma economia de simplicidade; de modificar a medicina comercial, grande negócio orientado pelo lucro, para um enfoque médico individualizado capaz de ver o indivíduo como um todo e enfatizar os aspectos preventivos em saúde; de deixar os partos penosos e alimentos infantis carcinogênicos, em favor de partos naturais e dedicação ao crescimento de crianças saudáveis”. (56)

Ocorre que esta pavorosa incapacidade do cristianismo em satisfazer as reais necessidades dos seres humanos não representa o único percalço, o único obstáculo para que ele se demonstre capaz de barrar o avanço da Nova Era. Um novo problema interno se faz presente.

3.4.3 - A Teologia Liberal Auxiliando a Nova Era. A partir de meados do século vinte, aparecem no cenário alguns teólogos cujos conceitos por certo em nada ajudaram a restabelecer o cristianismo segundo Cristo, antes abriram o flanco doutrinário às bem sucedidas investidas da Nova Era. E isto em adição às mazelas reveladas pelo cristianismo nominal em suas manifestações práticas, citadas e exemplificadas no item anterior.

Na década de 1940 um homem começou a escrever nos campos de concentração da Alemanha. Não se pode negar que era um homem nobre e corajoso, que levantou questões honestas e buscou respostas compatíveis com a terrível realidade da guerra, do lixo e do ódio, da qual, ao lado de outros milhões, ele próprio estava sendo vítima. Provavelmente influenciado pela letargia e cumplicidade da igreja oficial alemã com os horrores do nazismo, Dietrich Bonhoeffer concebeu uma espécie de “cristianismo sem religião”. Este conceito substituiu o Deus pessoal, protetor e empenhado em cuidar de Suas criaturas, pela vida diária, ou “realidade”. O autor atribuiu a este conceito o título de “base de todo o ser”, e pretendia com isto trazer “Deus” às pessoas que não reconheciam a necessidade de Deus.

Para Bonhoeffer – martirizado em 1945 pelos nazistas enquanto ainda no campo de concentração - o “encontro humano” era a única esperança de “realidade”. (57) Desgraçadamente, em sua melancólica tentativa de atribuir uma dimensão espiritual ao ordinário e velho humanismo, destruiu completamente o

conceito bíblico sobrenatural de criação e recriação espiritual. Abriu mais amplamente as portas para o conceito da evolução espiritualista.

John A. T. Robinson, bispo anglicano, escreveu a obra *Honest to God*, onde tenta responder ao Deus “lá em cima” ou “lá longe”, e ao dilema causado pela ausência de envolvimento pessoal de Deus com a “vida real” – segundo a percepção do autor, é claro. O homem, “vindo das eras”, conforme diria o Dr. Robinson, consegue apenas ver os relacionamentos humanos como fonte de realização “espiritual”. Em outros termos, o homem encontra a sua realização espiritual em si mesmo. Por esta razão, seres humanos amadurecidos não necessitam do Deus apresentado pela interpretação bíblica. Um tal Deus seria apenas para os fracos e imaturos! (58) Mas o vácuo necessita ser preenchido por alguma coisa, pois estamos lidando com um dos mais elementares conceitos estabelecidos na mente humana.

“Diante de tal perda da genuína piedade, imediatamente a religião se torna formalizada, depois despersonalizada, e finalmente, termos humanísticos passam a ser atribuídos a tudo aquilo que Deus faz. Agora ‘Deus’ não apenas está ausente ‘em mim’, como ainda desaparece ‘lá de cima’ ou ‘lá de longe’! Isto cria um dilema, já que o conceito de ‘Deus’ sempre se demonstrou ativo e vital na história da humanidade. Portanto, a única esperança, tanto para um clero desiludido quanto para os místicos orientais, é o desenvolvimento de um ‘Deus’ de feitura humana”. (59)

Paul Tillich escreveu em 1949 o livro *The Shaking of the Foundation* [Sacudindo o Fundamento], que chegou a redefinir – segundo sugere o título da obra - os próprios termos básicos do cristianismo e da existência de Deus:

“O nome desta infinita e inexaurível profundidade e fundamento de todo o ser é Deus. É esta profundidade o que significa o nome ‘Deus’. E se este termo não possui muito significado para você, traduza-o, e fale das profundidades de sua vida, da fonte de seu ser, de sua preocupação última, ou daquilo que você leva a sério, sem qualquer reserva”. (60)

Ao comentar o majestoso Salmo 139 de Davi – que em várias versões da Bíblia traz o título *Deus Onipotente e Onisciente* - este autor parte definitivamente para a blasfêmia ao afirmar:

“Não existe privacidade última nem final isolamento. Sempre seremos sustentados e abrangidos por algo que é maior que nós, que apresenta reclamos em relação a nós, e que de nós demanda resposta. Os mais íntimos movimentos, nas profundidades de nossa alma, não são completamente nossos próprios, já que pertencem também a nossos amigos, à humanidade, ao universo e à base de todo ser, ao alvo de nossa vida. . . . Onipresença significa que nossa privacidade é pública. O centro de nosso inteiro ser acha-se envolvido no centro de todo o ser: e o centro de todo o ser repousa no centro de nosso ser”. (61)

Repito, para seu provável espanto, que o autor se apresenta como sendo cristão. Compare, pois, o parágrafo anterior com uma centelha da teologia da “Nova Era”, esboçada por Werner Erhard. Erhard é o fundador do bem conhecido programa EST (Erhard Seminars Training ou Seminários de Treinamento Erhard):

“O EU é, ele próprio, a ‘base de todo ser’, o ponto de onde tudo surge. (62) Quando entro em contato comigo mesmo e você em contato consigo, perceberemos ambos o mesmo eu”. (63)

Que o pensamento da Nova Era de Erhard possui suas raízes no antigo budismo, não deve constituir qualquer surpresa. Mas certamente deve sê-lo o fato de que a teologia supostamente cristã de Tillich tenha exatamente as mesmas raízes! Desfaça as suas eventuais dúvidas ao ler o trecho seguinte, que é um comentário do Zen-budismo:

“No reino mais elevado da Verdadeira Semelhança não existe nem o ‘outro’ e nem o ‘eu’. Quando uma identificação direta é solicitada, podemos apenas afirmar: ‘Não somos dois’. Um em todos, todos em um - se tão-somente isto for compreendido, você não mais se preocupará por não ser perfeito!” (64)

Com esta forma de pensar, estamos definindo o *monismo*, segundo o qual não existe o ser individual, mas cada um é parte do todo cósmico. (Prometi em 2.9 a apresentação do conceito de monismo.) A vida torna-se uma confusa mistura de interpretações individuais. Conforme diria Erhard: “Se você o fez, tem de ser bom”. Tal tipo de raciocínio justifica o assassinato, o roubo, o abuso de crianças, o estupro, a idolatria, a egolatria. Alguma surpresa de que abra as portas para tornar “verdade” os mais sofisticados enganos de Satanás?

“Quando o cristianismo se recusa a desempenhar o forte papel de guia do mundo, o vácuo é rapidamente preenchido pelos sutis enganos do humanismo espiritualizado. O homem passa até mesmo a ser definido em termos divinos. O Criador desaparece de vista, enquanto a criatura assume o papel de sua própria divindade”. (65)

Quando Deus deixa de ser visto como o ativo Criador e Sustentador da vida, pouco resta do conceito de Deus e da religião. Estes sinceros esforços tentando harmonizar o crescimento do materialismo e o cristianismo, não foram os causadores do movimento “Deus morreu”, apenas deixaram claro que ele já ocorrera. Os homens passaram a ver o seu “Deus” como irrelevante e impotente. Não lhes ocorreu perceberem que não fora Deus quem morrera, e sim que a conexão deles com Ele é que sofrera dano provavelmente irreparável.

### 3.5 - Espiritual e “Espiritual”

Afirmei, na Apresentação, que seria necessário estabelecer o conceito do termo “espiritual”, tanto sob o ponto de vista cristão, quanto sob o ângulo espiritualista. Este último termo deriva diretamente de *espiritual*, o que faria supor terem os espiritualistas a melhor definição possível do termo. Prefiro outra conclusão. Sendo que as Escrituras constituem a base filosófica e espiritual do cristão, é nela que iremos encontrar a definição primária do termo. A proposta de comunhão do ser criado com o seu Criador antecede o surgimento das idéias espiritualistas, o que acredito haver ficado bem claro ao longo do Capítulo Dois e das porções anteriores do presente capítulo.

3.5.1 - O Termo *Espiritual* Para o Cristão. Para a mente cristã, o termo *espiritual* refere-se ao espírito individual do homem e, sobretudo, ao vínculo pessoal que o ser desenvolve com o seu Deus-Criador. Analisamos com bastante detalhe a questão do significado do “espírito” à luz da Bíblia; fizemo-lo de modo específico em 2.6 e suas subdivisões.

Sob esta forma de se entender o espiritual, ele representa as mais sublimes faculdades do ser – a disposição mental de a pessoa colocar-se em sintonia e comunicação com Deus.

Sob a visão cristã bíblica, o espiritual representa uma ativa, consciente e inteligente sintonia da mente com Deus. O Espírito Santo influencia a mente que assim se dispõe a obedecer. O ser criado recebe a benéfica e transformadora atuação do Santo Espírito em sua vida. Razão, emoção e reverência se unem para levar o homem a buscar uma crescente semelhança de seu próprio ser – pecaminoso, desvalido e mortal – com o Ser Infinito, santo e Todo-poderoso.

O cristão consciente não tenta estabelecer a comunhão espiritual com Deus através da colocação da mente em estado de isolamento, uma espécie de “ponto morto”, proposta pelas várias formas de meditação oriental. Advertimos severamente contra estas formas de meditação, pois constituem a oportunidade para Satanás prover sugestões diretas à mente, algo que pode ser assemelhado ao hipnotismo.

Muito reveladora, a este respeito, é a experiência de Will Baron, alguém que se envolvera profundamente com o espiritualismo sob vários matizes, e que chegou a conhecer e aceitar a Cristo depois de suas experiências místicas. Já o citamos amplamente num ponto anterior deste capítulo. Recomendo expressamente a leitura de sua autobiografia, relacionada com a referência bibliográfica seguinte. Referindo-se ao ponto aqui citado, Baron afirma com absoluta certeza:

“Esse tipo de meditação introspectiva não é encontrada na Bíblia, e nunca fez parte da atividade cristã ortodoxa. É uma prática hindu indesejável e potencialmente perigosa”. (66) “O perigo da meditação introspectiva jaz no fato de que o meditador está pronto e aberto para receber uma entidade angélica que lhe implanta pensamentos, idéias e impressões na mente. Com base em minha experiência pessoal, creio que os anjos satânicos podem implantar pensamentos telepaticamente no cérebro da pessoa que medita, sem a necessidade de qualquer estado místico”. (67)

3.5.2 - O Significado de *Espiritual* Sob o Espiritualismo. Quão diferente – e mesmo oposta à interpretação cristã – é a forma de a mente espiritualista compreender o “espiritual”! Aqui ocorre uma confusa mescla de corpos energéticos, auras, chakras, nádis, meridianos, energia vital, suposta comunicação com os mortos e com os espíritos-guias. Tudo isso integrando o ser (que sob o monismo nem mesmo pode ser considerado um ser individual) com as energias cósmicas, a suposta vida infinita que flui de algum deus impessoal a permear todas as coisas.

O objetivo final do “espiritual” sob a visão espiritualista é a adoração do próprio eu, do deus que existe em cada um de nós. Isto não deveria causar qualquer surpresa, de vez que assim foi o desejo de Lúcifer ao rebelar-se no Céu (veja 2.7.1.2 e 3.2.1). O deus que permeia todas as coisas ninguém mais é do que eu mesmo, somado a você, ao outro, à energia cósmica, e assim sucessivamente. Claro, pois o espiritualismo considera que a vida é inerente ao ser humano. Por ora ainda somos imperfeitos, mas estamos avançando – e num futuro provavelmente bem distante (quando?) alcançaremos a divindade plena. Nós mesmos somos então nossos criadores, e podemos praticar a adoração do eu-criador!

3.5.3 - A “Superioridade” da Visão Espiritualista. Bem, o cristão certamente terá alguma dificuldade em entender as teorias das auras, chakras, corpos energéticos e coisas do ramo. Não creio ser de bom alvitre recomendar estudos adicionais destas teorias, mas os que desejarem fazê-lo encontrarão material considerável nas duas indicações bibliográficas seguintes. (68, 69) Observe-se que, especialmente a primeira delas, utiliza complexo linguajar científico, perfeitamente capaz de ludibriar incautos, quando tenta “explicar” a “cura energética”. As pessoas tendem a deixar-se impressionar por termos e raciocínios que apelam àquilo que para elas é desconhecido. Esta é uma característica da mente humana. Os agentes do espiritualismo – humanos e não humanos – sabem explorar extremamente bem esta propensão e fraqueza de nossas mentes.

Outra observação, oportuna no presente momento, é que a despeito de se enroscarem na mais ampla mixórdia de classificações e níveis de corpos energéticos, os espiritualistas SEMPRE se julgam possuidores de maior grau de desenvolvimento mental do que aqueles que não concordam com seus pontos de vista. O fundador e inspirador do espiritualismo “vendeu” a mesma idéia de superioridade a Eva no Jardim do Éden, quando levou-a a pecar. “Sereis iguais a Deus”, (70) foi a sua mentirosa promessa, na qual os adeptos desta filosofia até hoje crêem cegamente.

A típica afirmação de “superioridade” pode ser encontrada em textos como este: “Pode-se falar assim de três graus ‘verticais’ distintos de corpos sutis, sendo o corpo físico o quarto nível, o mais baixo. Naturalmente, nem todos possuem o mesmo nível de desenvolvimento. Pouquíssimos apresentam um bem desenvolvido corpo ideacional, e por esta razão é que tantas pessoas precisam repousar sobre o dogmatismo, literalismo, fundamentalismo... e outras formas de estupidez. São incapazes de mentalmente



perceber coisas por si mesmas, e assim precisam depender dos pensamentos e mentes de outros, aos quais se apegam com rigidez”. (71)

Este autor por certo consideraria, contudo, ser demonstração de alto grau de desenvolvimento mental a pessoa aceitar de bom grado esta mixórdia espiritualista dos corpos etéreos que ele e tantos outros desenvolveram! Neste caso, aderir ao fruto dos pensamentos e mentes de outros não seria uma “estupidez”!

### 3.6 - As Correntes Elétricas

Depois de tantas “tempestades energéticas”, raios e trovões parecem cruzar o cosmo a todo instante, e você faz parte desta mesma saraivada, ainda que na condição de uma simples fagulha; você abraça árvores e recebe delas energia; certamente também repassa a sua energia a elas, pois estamos falando de um todo energético absolutamente integrado; tão integrado que você nem mesmo pode considerar-se um ser individual ou independente – você é o Cosmos, e o Cosmos é você! Você é seu próprio criador neste universo energético sempiterno – as chispas elétricas de seu ser-não-individual se entrecruzam com todas as que existem no ambiente. Se você não for muito perfeito(a), não se preocupe – basta entender que somos TODOS EM UM e UM EM TODOS – nada de se deixar estressar por suas imperfeições pois, afinal, elas pertencem ao coletivo, do qual você apenas faz parte.

Se o seu corpo físico não suportar muito tempo, não há qualquer problema, pois em breve esta maravilhosa parafernália energética encarnará em outro corpo físico – esta coisa destituída de valor – e o processo eterno prosseguirá: energia para cá, energia para lá, até que você alcance a perfeição absoluta e se torne absolutamente deus – sem mais necessitar reencarnar num mísero corpo físico. Conseguiu entender? Espero que sim, mas também espero que não concorde.

É fato notório, insistentemente repetido pelos autores que utilizamos para a descrição dos corpos energéticos, auras, chakras e tudo o mais, que somente *clarividentes* ou *iniciados* são capazes de perceber estas manifestações “elétricas”. Clarividência por certo não é um termo bíblico ou cristão; supõe visão/percepção paranormal ou ultranormal. É um termo muitíssimo apreciado pelos espiritualistas. Pressupõe inspiração outorgada por um Ser Superior (que pode ser o próprio Eu plenamente desenvolvido “espiritualmente”). Não tem a ver com os sentidos comuns, no que os próprios autores abertamente concordam.

Em relação a Seus genuínos filhos e filhas, Deus deseja que tenham a sabedoria e percepção outorgados por Seu Santo Espírito, não por qualquer outro “comunicador”. E só pode ser ungido pelo Espírito Santo quem está de acordo com a Sua Verdade, a Palavra – JAMAIS quem a ela se opõe obstinadamente, ridicularizando-a, como é de praxe entre os seguidores do espiritualismo.

Na Apresentação e no primeiro capítulo estivemos falando das possíveis origens satânicas das teorias energéticas. Certamente o espiritualismo e, particularmente a teoria da reencarnação, coisa alguma tem a ver com o conceito bíblico da Criação, Queda e Restauração. São, na verdade, mutuamente excludentes. Assim, as teorias energéticas não têm, por extensão, coisa alguma a ver com a Verdade de Deus. Ora, no Universo só existem presentemente dois poderes em operação. (Em breve o poder divino liquidará completa e definitivamente o poder satânico.) Se as tais energias cósmicas, com seus corpos energéticos, auras, chakras e coisas do tipo constituem uma teoria que NADA tem a ver com a Palavra de Deus, só podem provir da fonte satânica! Não há outra possibilidade! Não existe no Universo um terceiro poder. (Exceto, por um momento, a minha própria vontade, que decido livremente colocar sob a direção de um dos dois poderes universais. Uma vez tendo decidido, minha vontade deixa de ser um poder independente, deixa de ser “minha”.)

Certo dia chamou-me a atenção um texto de Ellen White, que contribui de modo direto com a tarefa de elucidação das origens de toda a parafernália energética com a qual estivemos lidando (e ainda teremos de lidar ao longo de muitas páginas!). Compartilho-o com você:

“Todos quantos não buscam diligentemente as Escrituras, e submetem todo desejo e desígnio da vida a essa infalível prova, todos quantos não buscam a Deus em oração pedindo conhecimento de Sua vontade, hão de por certo transviar-se da reta vereda, e cair sob o engano de Satanás.... Seus agentes ainda pretendem curar a doença. Atribuem seu poder à eletricidade, ao magnetismo, ou aos chamados ‘remédios de simpatia’. Efetivamente, eles não são senão veículos das correntes elétricas de Satanás. Por esse meio lança ele seu encantamento sobre o corpo e a alma dos homens”. (72) (destaque suprido)

Correntes elétricas de Satanás! Nenhuma citação captou mais profundamente minha atenção do que esta sucinta descrição das verdadeiras técnicas utilizadas por Satanás. “Correntes elétricas de Satanás” é uma expressão que certamente delimita acuradamente os conceitos de “campos energéticos”, “energia vital”, “corpos etéricos”, “corpos bioplasmáticos”, e tantos outros assemelhados, que dominam o pensamento da saúde holística. Ela sintetiza a verdadeira origem de toda a Babel energética que serve de base para as correspondentes terapias! A documentação já apresentada, somando-se à que ainda está por vir nos próximos capítulos, não deixa a mais leve sombra de dúvida!

Repito: é mais do que tempo de os cristãos despertarem para a realidade das “correntes elétricas” e sua verdadeira origem. Desgraçadamente, como veremos no último capítulo, alguns “cristãos” têm partido definitivamente para a aceitação e prática de toda esta parafernália satânica, chegando mesmo a identificar como “paranóia” a atitude dos que – como eu - se sentem alarmados com a desenvoltura com que o erro crasso vem sendo admitido nos círculos cristãos! Acredito que é o próprio conceito de “cristianismo” que se coloca definitivamente em xeque diante de tais atitudes. Que significado possui o fato de alguém utilizar o nome de Cristo e negar totalmente a essência de Seus ensinamentos e prática?

## CAPÍTULO QUATRO

### VITALISMO E MESMERISMO

- 4.1 - Vitalismo: Conceito e Posicionamento Atual
- 4.2 - Bases da Teoria Vitalista
  - 4.2.1 - Concepções Vitalistas do Pensamento Antigo
  - 4.2.2 - Vitalismo na Concepção de Saúde e Enfermidade
  - 4.2.3 - O Forte Apelo do Vitalismo ao Ego
  - 4.2.4 - O Vitalismo É Decididamente Espiritualista
- 4.3 - Vitalismo Em Diferentes Sistemas Terapêuticos
- 4.4 - Mesmerismo ou Magnetismo Animal
  - 4.4.1 - Informações Preliminares: A Influência de Paracelso
  - 4.4.2 - Traços Biográficos de Mesmer
  - 4.4.3 - Essência do Mesmerismo
  - 4.4.4 - Seguidores de Mesmer e o Preparo Para o Hipnotismo
  - 4.4.5 - Mesmerismo e Frenologia
  - 4.4.6 - Mesmerismo e Espiritismo
- 4.5 - Hipnotismo
  - 4.5.1 - Hipnotismo, Braid e outros
  - 4.5.2 - Bases da Psicanálise Freudiana
  - 4.5.3 - Variantes da Hipnoterapia
  - 4.5.4 - Hipnotismo e Espiritualismo
- 4.6 - Ellen G. White, Mesmerismo, Hipnotismo e Frenologia

#### 4.1 - Vitalismo: Conceito e Posicionamento Atual

O vitalismo constitui o fundamento filosófico de grande parte dos sistemas terapêuticos alternativos. Decorre diretamente da visão espiritualista da natureza humana, de modo que já conhecemos, por meio do capítulo anterior, considerável volume de informações acerca desta filosofia. Entretanto, neste capítulo desejamos conceituá-la de modo mais abrangente, assim como desvendar sua relação histórica com as teorias de Franz Anton Mesmer, fundador do *magnetismo animal*, posteriormente conhecido como *mesmerismo*. Este, por sua vez, representou a base para o desenvolvimento do *hipnotismo* e contribuiu decididamente para a formulação da *homeopatia*.

“Vitalismo é a teoria filosófica que admite a existência de uma *energia universal*, energia esta que, além de ser a origem de todo o Universo, também permeia tudo o que existe. Esta atuação energética supramaterial seria fundamental para a manutenção do bem-estar do Universo e do corpo humano. A doença seria uma consequência do desequilíbrio desta energia vital”. (1)

A atual “corrida rumo ao vitalismo” vem sendo destacada com entusiasmo por seus propagadores, que lhe pretendem dar uma roupagem científica: “O vitalismo está retornando ao primeiro plano do interesse científico, com outros nomes, pelas mãos de seus mais ferrenhos adversários, os materialistas. Não importa que se fale de corpo bioelétrico, eletrodinâmico, bioplasmático ou bioenergético. O que todos estão afirmando é que o ser físico visível manifesta as potencialidades vitais de um ser invisível que lhe serve de causa”. (2)

É bem verdade que não importa o nome que se dê à energia vital – existem muitas dezenas de nomes na atualidade, e nada me faz crer que a lista já se esgotou. Acredito que, quanto mais nomes, maior o esforço de Satanás em ludibriar diferentes tipos de pessoas, adaptando uma ou outra, ou ainda outra de suas armadilhas para diferentes tipos de mentes. Alguns destes nomes soam de forma pomposa, impressionante. Muitos sugerem alta complexidade científica em sua definição. Outros, ainda, são um tanto grotescos. (Veja no Capítulo Nove ampla gama de expressões modernas de vitalismo.)

Quanto ao interesse “científico” pelo vitalismo, talvez a verdadeira história seja outra, a menos que aceitemos pseudo-ciência como ciência - e essa distinção se faz extremamente necessária. Acredito que a linha divisória entre ambas tende a se tornar cada vez mais tênue, como já afirmei anteriormente. Jarvis salienta com muita propriedade filosófica a questão da cientificidade do vitalismo:

“Os vitalistas não são apenas não-científicos; eles são *anti-científicos* em virtude de odiarem o reducionismo (preferem o holismo) da ciência, o materialismo (preferem o eterealismo) da ciência, e o processo causal mecanicista da ciência (preferem tudo o que é místico). Preferem experiências subjetivas aos testes objetivos; colocam a intuição acima da razão e da lógica. Os vitalistas se encontram em sincronia com as artes acadêmicas liberais anti-científicas pós-modernistas...O vitalismo constitui uma poderosa força motivadora por se achar inextricavelmente vinculado ao conceito de uma alma humana imortal – uma parte do Divino que constitui a cerne da existência”. (3)

Indiscutivelmente o vitalismo se acha conectado com ideologias religiosas, o que seus mais ardentes defensores admitem sem vacilar. Adapta-se de modo muito fácil e “elegante” a conceitos religiosos das mais variadas naturezas, é extremamente eclético, bem ao gosto da atual onda de relativização de todos os valores morais e espirituais. Provavelmente por esta razão Sartre tenha declarado que “é impossível suprimir o ponto de vista do vitalismo; ele se evade a qualquer ataque repentino e reaparece sob nova forma”. (4)

É assim que ele muda de nome com a mesma facilidade com que trocamos de roupa no dia a dia – mas sua essência não muda jamais. Se você percorrer a história de povos mais primitivos, como alguns que ainda hoje habitam partes da África ou da Ásia, lá está o vitalismo na base de suas concepções filosófico-religiosas. Todas as correntes filosóficas orientais, notavelmente o pensamento chinês, hinduísta e tibetano, o incorporam de modo ostensivo. Se você passar à análise de outros povos, como os índios americanos ou brasileiros, ele prossegue lá. E aí ele reaparece na Europa, sobretudo a partir dos filósofos gregos, explodindo sem qualquer constrangimento em práticas aparentemente modernas, como a homeopatia, quiropraxia e tantas outras. É fácil de concluir que a maioria destes povos, sobretudo os que ainda mantêm seu primitivismo, provavelmente nunca tiveram contato com outros povos. Mas o vitalismo lá está, como uma espécie de “revelação superior”! Isso é extraordinário!

“Os acupunturistas têm dito que a cura da doença consiste na circulação da força vital. A profissão da quiroprática identifica a força vital como 'inteligência inata'. Não importa como você a chame, muitos profissionais de saúde têm observado que ao a inteligência inata ou força vital ver-se livre de bloqueios, a cura ocorre. Os quiropratas tradicionalmente usam os ajustamentos espinais para liberar a energia vital, os acupunturistas utilizam agulhas sobre pontos acupunturais congestionados, e outros profissionais vitalistas

fazem uso de outros métodos com a mesma finalidade. Nutricionistas recomendam alimentos contendo a força vital. Os médicos homeopatas prescrevem remédios para remover os bloqueios à livre circulação desta energia vital, e a lista prossegue”. (5)

Filosofia astuta, da mesma natureza de seu originador! Para uma visão comparativa, e em maior profundidade filosófica, entre o sistema médico racional (científico) e o sistema empírico (vitalista), consulte o item bibliográfico indicado a seguir. (6)

## 4.2 - Bases da Teoria Vitalista

A teoria vitalista é extremamente antiga. No mundo ocidental passa a ser mais claramente percebida a partir dos filósofos gregos, especialmente Platão e Heráclito. Contudo, ela se encontrava presente no próprio alicerce das filosofias orientais desde quando temos registros históricos das mesmas. Trata-se de toda uma mundivisão (concepção de mundo), com especial interesse em relação à saúde. Apela fortemente à satisfação do ego não convertido e define-se por conceitos absolutamente espiritualistas em qualquer de suas variantes, que são muitas.

4.2.1 - Concepções Vitalistas do Pensamento Antigo: “A primeira forma sob a qual a força vital foi compreendida, foi através da cosmologia dos cinco elementos, Terra, Água, Ar, Fogo e Éter.... Embora o uso dos elementos seja encontrado em culturas anteriores à era grega helenística, foi o filósofo Platão, supõe-se, quem cunhou o termo Elemento. Do modo como este filósofo utilizou o termo, os quatro elementos - Terra, Água, Ar e Fogo - são as forças universais das quais a vida depende. Terra é tanto o planeta sobre o qual vivemos, quanto a mãe natureza da qual dependemos fisicamente. Água é o solvente universal no qual 99% de todos os processos bioquímicos ocorrem. Ar é a atmosfera por meio da qual todos os organismos vivos respiram. Fogo é o sol no céu, o qual fornece calor e luz, através de quem a fotossíntese das plantas, em última análise, provê a energia para todas as criaturas sobre a terra.

“Animando os quatro elementos brutos encontra-se a força vital, representada pelo quinto elemento, o Éter. [Daí o freqüente uso de “etéreo” ou “etérico” quando se fazem referências às supostas estruturas da natureza humana vinculadas ao Éter.] O éter, embora se encontre além da manifestação física, pode ser visualizado como a substância a partir da qual os outros quatro elementos são formados, e no qual virão novamente a se dissolver. Por esta razão o éter tem sido descrito como a *quinta essência* ou *quintessência*”. (7)

4.2.2 - Vitalismo na Concepção de Saúde e Enfermidade: “O vitalismo tem sido essencialmente o fundamento do pensamento médico desde os tempos clássicos de Hipócrates e Galeno. Na medicina ocidental, o vitalismo declinou nos séculos dezessete e dezoito, diante da ascendência do pensamento científico, embora ainda hoje constitua o tema central da filosofia naturopática.

“A premissa do vitalismo considera o corpo e a psique humanas como sendo animadas pela força vital, que começa a fluir no momento da concepção e que cessa com a morte do corpo. O fluxo de energia vital através do corpo nutre, cura, desenvolve e sustém o mesmo. Este fluxo de energia vital é sinônimo também da experiência emocional da pessoa, de modo que qualquer emoção individual é vista como uma onda particular do fluxo. [Compreende-se melhor por que Hahnemann situou toda a enfermidade no plano ‘emocional’!] Por exemplo, o amor cria uma fluxo suave, confortante, nutriente e harmonizador, em contraste com a ira, que gera um fluxo abrupto, intenso, espasmódico e desregulador. Cada emoção exerce, portanto, direto efeito sobre a função fisiológica do corpo.

“A força vital é também vista como a substância a partir da qual são formadas as idéias. Assim, as atitudes mentais particulares influenciam respostas emocionais que, por sua vez, afetam a função fisiológica. O vitalismo abrange o inter-relacionamento das experiências mentais, emocionais e físicas.

“De um ponto de vista vitalista, a saúde é sinônimo de um fluxo fácil ou harmonioso da energia vital através do corpo e da psique, ao passo que a enfermidade se manifesta quando o fluxo de energia vital é perturbado. Do ponto de vista terapêutico, o objetivo da medicina ou arte de curar é a restauração da harmonia do fluxo da energia vital”. (8) [Mais uma vez, isto esclarece muito a respeito das posições de Hahnemann.]

4.2.3 - O Forte Apelo do Vitalismo ao Ego. Bela teoria, quase comovente. A pessoa menos atenta tenderá a concordar com o exposto e crer que aí se encontra a “verdade verdadeira”. Cuidado! Assim como no Jardim do Éden, o fluxo suave de palavras formosas esconde aqui o mais cruel de todos os venenos. Assim como no Éden o apelo foi alimentar a pretensão de as criaturas chegarem a ser “iguais a Deus” (recapitule em 3.3 e 3.4), aqui o blasfemo objetivo prossegue EXATAMENTE o mesmo. Bastam mais alguns parágrafos para confirmá-lo.

O vitalismo por certo se identifica com o filósofo místico Heráclito, que no 5º. século antes de Cristo introduziu sua idéia central no mundo europeu (9), pois o seu “Logos” ou Fogo Energizador “nada mais é que outro símbolo daquele livre e vivente Espírito do Tornar-se, o poder criativo interior que o vitalismo reconhece como a própria alma ou realidade imanente das coisas. Trata-se, em essência, de um sistema de pensamento helenístico e cristão”. (10) [Cristão? A menos que seja proveniente de algum outro “cristianismo”, pois do genuíno, o de Cristo, certamente não é!]

Em sua expressão máxima, o vitalismo pode ser concebido como “o universo florescendo na divindade”. (11) Ou, em termos mais simples, a criatura tornando-se o Criador. Lembra-se do Éden? Mas os termos seguintes são ainda mais “convincentes”:

“Entregue-se, pois, a esta vida divina e infinita, a esta misteriosa atividade cósmica na qual você se encontra imerso, e da qual você nasceu. Confie nela. Permita que ela surja em você. Deixe de lado, conforme os místicos sempre lhe imploram, as limitações dos sentidos . . . e identifique os seus interesses com os do Todo; erga-se para a liberdade, para esta vida espontânea e criativa que, inerente a cada ‘eu’ individual, é a nossa fatia na vida do Universo. Você próprio é *vital* – um livre centro de energia, ainda que não o soubesse. Você pode atingir níveis mais elevados, uma realidade maior, a verdadeira auto-realização, se assim o desejar. . . . Tal qual uma ostra em sua concha, você pode abrir-se para as águas vivas do lado de fora, sorvendo a ‘Imortal Vitalidade’. Somente então, pelo contato com o real, você *conhecerá* a realidade. . . . O vitalismo encontra ‘Deus em todos e todos em Deus’. . . . O Divino Espírito que eles [os vitalistas] sabem ser imanente ao coração e ao universo, provém do Transcendente e a Ele retorna; e esta divisão de pessoas em unidade de substância completa o ‘Eterno Ciclo, da Divindade, através da Divindade, para a Divindade’.

“Confie em seus profundos instintos; utilize seus poderes latentes. Aproprie-se desta criativa e divina vida que constitui a própria essência de seu ser. . . . Você apenas consegue contemplar aquilo que você É. Apenas o Real é capaz de conhecer a Realidade”. (12)

Apelo quase irresistível! Tão intenso quanto aquele que a “serpente” apresentou a Eva junto à árvore do conhecimento do bem e do mal. Surpreendentemente, aqui, uma vez mais – como em tantas outras ocasiões anteriores e posteriores na presente obra – o Calvin College, cuja “Biblioteca Etérea” comporta, entre outras, a obra aqui citada, apresenta-se como uma instituição cristã!!!

4.2.4 - O Vitalismo É Decididamente Espiritualista. Poderiam ser selecionados literalmente milhares de autores para a expressão do total compromisso entre vitalismo e espiritualismo. Por absoluta limitação de espaço, tomemos dois exemplos, sendo o primeiro originado por um autor vitalista e homeopata convicto:

“Para os vitalistas, aquilo que é chamado Vida corresponde apenas aos efeitos visíveis das manifestações da Vida.... Uma coisa é certa para os idealistas: a Vida existe além e fora da matéria, sem embargo à necessidade da presença de estruturas físicas para que ela se manifeste aos nossos sentidos comuns. No entanto, os ‘dotados’, os ‘sensitivos’, podem detectá-la fora dessas estruturas com suas percepções extra-sensoriais. Este fato, soberbamente comprovado através de milhares de pesquisas já efetuadas com esta intenção [onde se lê ‘pesquisas’, leia-se: envolvimento espiritualista direto, sob as mais variadas formas, inclusive supostos equipamentos eletrônicos com esta finalidade, como a ‘fotografia Kyrlian’] *não depende, para sua validade científica, de nossa aquiescência ou aplauso....* Os fenômenos vitais são, portanto, parafísicos, parapsíquicos e parabiológicos em suas origens”. (13)

Difícilmente poderíamos encontrar mais clara exposição dos elementos com os quais o vitalismo pretende estar lidando, do que no parágrafo seguinte, do mesmo autor. As conexões são demasiado claras para que tentemos encontrar, sob qualquer pretexto, uma outra explicação, que não a mística, de origem pagã e satânica, para a operação da sempre-presente “energia vital”:

“Os idealistas [vitalistas] ensinam, de maneira geral, que a Vida orgânica é uma manifestação do ‘princípio espiritual’ superior (dimensão superior à nossa) da contraparte não material do corpo físico dos seres vivos. [Observo, deste já: trata-se claramente da projeção astral, ou corpo etéreo, ou corpo energético, suficientemente analisado no Capítulo Três.] Este ‘princípio espiritual’ superior tem recebido várias denominações que em nada afetam a sua conceituação fundamental de causa fora do nosso Universo tridimensional. Ele é conhecido como: chama vital, alma, espírito universal, força vital, energia vital, força cerebral irradiante (Cesare Lombroso), força psíquica (W. Crooke), fogo vital (Zoroastro), fogo gerador (Heráclito), energia biótica e antropofluxo (parapsicologia), razão divina e outras. . . . Do mesmo modo que o engenheiro planeja, projeta a casa que os operários executam, também assim o Grande Arquiteto do Universo cria os ‘projetos’ de Vida que o Espírito realiza. . . . Aquilo que chamamos de Força ou Energia Vital é, na realidade, *a resultante de uma somatória de energias físicas (elétricas, eletromagnéticas, atômicas, químicas) com outras formas mais sutis de energias psíquicas, espirituais e cósmicas.* Esta Força Vital responde pelo dinamismo funcional e fisiológico do ser vivo, por suas sensações e percepções”. (14) (destaques do original)

A segunda contribuição provém de uma organização cristã preocupada com a avalanche de elementos da Nova Era que estão sendo aceitos por vastos setores do cristianismo. No texto selecionado, confirma-se o que o autor vitalista expôs nos parágrafos anteriores.

“O conceito de energia da Nova Era é o mesmo da visão de mundo ocultista. Existe uma energia que flui permeando todas as coisas (que os proponentes acreditam ser Deus como uma força), e que se encontra igualmente no homem. Esta energia necessita ser canalizada e balanceada para poder funcionar a nível ótimo. . . . As energias ocultistas e da Nova Era, utilizadas na saúde holística, ensinam que a doença é o resultado de desalinhamento das energias latentes e naturais do interior do ser. Para que se possa ter perfeita saúde emocional, física e espiritual, esta energia precisa ser alinhada através de técnicas como a acupuntura, reflexologia, visualização, terapia de polaridade, cinesiologia aplicada e shiatsu [e muitas mais] . . . Esta energia universal é a chave da cura holística, e também tem sido historicamente a chave para acessar o oculto”. (15)

#### 4.3 - Vitalismo Em Diferentes Sistemas Terapêuticos

O quadro seguinte (16) apresenta os principais sistemas alternativos de cura, seu fundador ou o sistema filosófico sobre o qual se baseia e o(s) nome(s) dado(s) por este sistema à suposta “energia vital”. Ressalto que aqui são apresentados apenas os principais sistemas. Uma relação muito mais abrangente dos sistemas

energéticos vitalistas é apresentada no Capítulo Nove, sob a forma de glossário, assim como nos Capítulos Cinco a Oito, que tratam de “sistemas” específicos.

Aos que desejarem fazê-lo, indico a leitura de uma interessante e extensa análise da presença dos conceitos do vitalismo nas várias formas de terapias alternativas hoje em aplicação. São argumentos bastante técnicos e o artigo foi publicado numa revista médica tradicional de primeira linha. Entretanto, devo advertir que os autores são simpatizantes – talvez até mesmo praticantes – de terapias alternativas baseadas no vitalismo. (17)

| <u>Sistema de Cura/Originador</u>                        | <u>Nome Dado à Alegada “Força Vital”</u>                                             |
|----------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------|
| 1. Medicina Antroposófica<br>Rudolph Steiner             | Elemento divino da natureza; corpo astral; força formativa; corpo etéreo ou etérico. |
| 2. Medicina Ayurvédica<br>Medicina Tradicional Hinduísta | Prana                                                                                |
| 3. Quiropraxia<br>Daniel D. Palmer                       | Inato                                                                                |
| 4. Medicina Energética                                   | Corpo energético, aura, efeito Kyrlian, etc.                                         |
| 5. Homeopatia<br>Samuel Hahnemann                        | Energia vital ou força vital                                                         |
| 6. Magnetismo ou Cura Magnética<br>Franz Anton Mesmer    | Magnetismo animal                                                                    |
| 7. Naturopatia                                           | Vis Medicatrix Naturae                                                               |
| 8. Medicina Primitiva                                    | Diversas manifestações culturais                                                     |
| 9. Rabdomancia (Radiestesia)                             | Radiação                                                                             |
| 10. Psicoterapia Reichiana<br>Wilhelm Reich              | Energia Orgone                                                                       |
| 11. Toque Terapêutico<br>Dolores Krieger                 | “Prana” (“Cura Prânica” na antiga religião da terra/fertilidade, Wicca)              |
| 12. Medicina Tradicional Chinesa<br>Taoísmo              | Qi, Chi, Ki                                                                          |
| 4. Radiestesia (Rabdomancia Médica)                      | Radia                                                                                |

#### 4.4 - Mesmerismo ou Magnetismo Animal

A teoria do magnetismo animal provavelmente constituiu a mais notável manifestação do vitalismo no mundo ocidental, na época moderna. Chegou a atingir grande sucesso e quase ao mesmo tempo enfrentou rápido declínio. Mas lançou os alicerces para outros desenvolvimentos vitalistas importantes.



4.4.1 - Informações Preliminares: A Influência de Paracelso. Um dos líderes exponenciais da alquimia – a pretensa ciência da transformação dos elementos - foi o suíço-alemão Theophrastus Bombastus von Hohenheim, mais conhecido na história como Paracelso (1493-1541). Este influenciou tremendamente o pensamento “médico” de seus dias, deitando raízes para a manifestação mais florida do vitalismo no mundo ocidental. Exerceu enorme influência sobre Hahnemann, entre outros, conforme veremos no Capítulo Cinco, especificamente em 5.8.04. Na seção indicada, teremos mais alguns detalhes de suas teorias vitalistas.

Antes de Hahnemann, Paracelso influenciou pesadamente o fundador do mesmerismo ou magnetismo animal. Um autor entusiasta das curas magnéticas salienta que “as concepções de Paracelso não derivavam somente das idéias de seu tempo, mas da antiga doutrina hermética. Uma breve digressão relativa a esta última mostrará como os ensinamentos de Paracelso e Mesmer procedem da filosofia oculta. . .

“O pensamento dos antigos foi orientado para a percepção do quaternário, chave universal do ocultismo cujas duas principais adaptações explicam claramente o *por que* e o *como* das antigas terapias. O universo é considerado, no espírito dos velhos magos, como construído conforme o quaternário. Ele comporta quatro elementos: 1. A matéria física. . . ; 2. O energetismo, conhecido também como plano astral, vida não diferenciada, alma do mundo; 3. O psiquismo, ou plano mental; 4. O princípio espiritual ou plano divino. O homem (pequeno quaternário construído de forma análoga ao grande quaternário universal) comporta quatro elementos: 1. O organismo material; 2. O duplo sideral ou corpo astral, animador do organismo; 3. O psiquismo individual ou alma (corpo mental); 4. A entidade espiritual ou Espírito.

“Partindo destas concepções... o estado de saúde aparece como resultado de uma norma quaternária: 1. A norma físico-química; 2. A norma dinâmica geral; 3. A norma intelectual ou psíquica; 4. A norma espiritual ou harmonia das trocas com o não-eu. Daí existem quatro espécies de medicação: 1. Material, visando aliviar as carências e as sobrecargas; 2. Dinâmica, visando regularizar os excessos das apropriações vitais... ou a suprir a debilidade energética do duplo sideral por uma *transfusão vital, ou seja, pela transferência de uma dinâmica vital oriunda de minerais, vegetais, animais ou seres humanos. E isto foi chamado ‘magnetismo’*. 3. Pela influência sobre o pensamento; 4. Por toda prática que determine a elevação espiritual e abra a alta consciência à noção do Universal.... A segunda destas quatro medicações é preeminente porque a maioria das doenças tem uma patogenia dinâmica. [Destaques supridos.]

“Praticaram-se duas espécies de magnetismo, o sideral e o humano... E nenhum nome é mais amplamente evocador do magnetismo sideral do que o de Paracelso, que opunha a cada espécie de doença uma modalidade especializada de magnetismo sideral ou planetário.... Mas a medicina cósmica de Paracelso logo deveria dar lugar ao sistema mais simples do magnetismo individual: o homem sendo abdutor dos influxos planetários, por sua própria constituição oculta, pode irradiar diretamente os influxos em questão.... Mesmer surgiu quando Paracelso acabava de encerrar sua carreira.... Na História, ele representa a transição entre os teóricos do magnetismo sideral e as noções mais simplistas que levam em conta unicamente a radioatividade individual”. (18)

Os parágrafos anteriores, além de situarem de modo claro a influência de Paracelso sobre Mesmer, identificam também de modo admiravelmente claro as bases da teoria homeopática de Hahnemann, situando a doença no plano “dinâmico”.

4.4.2 - Traços Biográficos de Mesmer. Nos anos 80 do século dezoito, um médico espiritualista austríaco, Franz Anton Mesmer, exerceu enorme influência no modo de vida do público francês em geral. Dez anos antes da eclosão da Revolução Francesa, suas idéias captaram a imaginação. Atribuiu seu poder curador à manipulação de um “fluido”: o *magnetismo animal* [magnetismo da alma]. Teoricamente, este correspondia à energia “divina” provinda do sol, lua e outros astros, e que influenciava

diretamente a vida das pessoas. Trabalhou sob estados de transe induzido [passes]. Seu ocultismo foi de forma geral bem aceito, exceto pela maioria dos membros da comunidade científica, com os quais manteve constante guerra. (19)

Franz Anton Mesmer (1734-1815) nasceu na cidade austro-alemã de Iznang, na Suábia. Veio até Viena para estudar Medicina, sob a orientação de van Swieten e de Haem. À idade de 32 anos, em 1766, completou seu treinamento médico junto à Universidade. Sua tese de graduação, intitulada “A Influência dos Planetas na Cura das Doenças”, propagou a teoria de que o sol e a lua agem sobre os seres vivos por intermédio de um sutil fluído, de nome magnetismo animal, análogo em seus efeitos às propriedades da magnetita.

Em 1773 ele recebeu uma paciente de 37 anos de idade, Fräulein Oesterlin, com sintomas que Mesmer – no espírito de sua dissertação – relacionou a variações na energia vital da paciente. Aos 28 de julho de 1774 ele pediu à paciente que engolissem uma solução contendo ferro, e afixou magnetos em seu estômago e pernas. Os resultados do tratamento mudariam o curso da vida de Mesmer. À medida que Fräulein Oesterlin sentia um misterioso fluído perpassando seu corpo, seus sintomas começaram a desaparecer. Mesmer foi adquirindo fama, assim como granjeando controvérsia. (20, 21)

Mesmer revelou-se um contumaz astrólogo médico, um místico congênito. Pretendia ser capaz de magnetizar árvores, de modo que cada uma de suas folhas contribuiria para curar todos que delas se aproximassem. (22)

Em 1777, sob circunstâncias dúbias, deixou Viena e se radicou em Paris, onde estabeleceu uma lucrativa prática em cura magnética. Mesmer adquiriu notoriedade em virtude de seu templo ao deus da saúde. Pacientes vindos de todas as partes da Europa adentravam os salões repletos de incenso e música etérea, buscando ansiosamente a “cura”.

Hipotetizando sobre a existência de um fluído magnético físico a interconectar cada elemento da natureza, incluindo corpos humanos, Mesmer argumentou que a doença resultava do desequilíbrio do fluído dentro do corpo.

Mesmer abandonara suas idéias iniciais de um magnetismo impessoal, em favor de algo mais “natural”. A cura requeria o redirecionamento do fluído por intermédio da intervenção do médico, que serviria como uma espécie de conduto, por meio do qual o magnetismo animal poderia ser canalizado do universo para dentro (ou para fora) do paciente, através de “passes magnéticos” realizados pelas mãos dos médicos. (23) Ele e outros “terapeutas” do sexo masculino agora passaram a ocupar o lugar dos magnetos e fios magnetizados. Eles próprios eram os magnetos! Os passes positivos trariam a energia cósmica para o corpo do paciente, enquanto os passes negativos retirariam esta energia do paciente e a devolveriam ao cosmo.

Os pacientes sentavam ao redor de uma tina magnética, a “selha”, esperando. A selha tinha como função acumular “fluído”. Numa grande cuba, eram dispostos e conectados a condutores, garrafas de água magnetizada, partículas metálicas, vidro moído e areia. Os doentes tomavam lugar ao redor da selha, escolhiam um dos condutores, e assim que a invasão fluídica se tornava suficiente para determinar efeitos caracterizados, Mesmer se aproximava e agia pessoalmente sobre os pacientes. Observe mais alguns detalhes da seqüência.

A maioria dos pacientes era constituída de mulheres, e para estas estava disponível um especial grupo de vigorosos jovens do sexo masculino. Vagarosa e solenemente estes magnetizadores assistentes avançavam à frente e cada um escolhia uma mulher, olhando fixamente em seus olhos. Não se pronunciavam palavras, mas de algum lugar provinha a música de um acordeão, e a voz de um cantor de ópera, oculto, tornava mais suave o ar carregado de incenso. Os jovens Apolos abraçavam os joelhos das mulheres, friccionavam

vários pontos e gentilmente massageavam seus seios. As mulheres fechavam os olhos, sentindo o magnetismo percorrer-lhes o corpo. No momento crítico, como citado acima, o magnetizador-chefe, Mesmer em pessoa, entrava em cena. Metido numa beca lilás, com semblante altivo e majestoso caminhar, ele avançava por entre as pacientes, aplicando “passes” e realizando milagres. (24)

Mesmer desenvolveu vinte e sete proposições relacionadas com o seu magnetismo animal, ou fluído vital (a mesma energia vital de outros sistemas ainda hoje em voga, sem dúvida). Veja em 4.4.3 a essência de suas teorias e práticas, e a influência que algumas de suas teses exerceram sobre o desenvolvimento da homeopatia.

Antes que se imagine Mesmer como sendo um obscuro “terapeuta alternativo”, devemos lembrar que o governo francês ofereceu-lhe uma pensão vitalícia e a Cruz da Ordem de São Miguel, contanto que ele divulgasse seu segredo e ensinasse a outros “profissionais” a sua “técnica”. Na oportunidade ele estava realizando fortuna, de modo que desdenhosamente recusou a pensão.

A queda de Mesmer foi tão meteórica quanto sua ascensão. Talvez houvesse sido melhor aceitar a pensão oferecida pelo governo francês, pois mais tarde a sua prática foi investigada por um grupo de ilustres cientistas do século dezoito, inclusive Benjamin Franklin e Lavoisier, que não aceitaram os conceitos espiritualistas associados a sua técnica. Isto ocorreu em 1785, depois de vários espetaculares fracassos terapêuticos e da publicação do *Rapport des Commissaires chargés par le Roy de l'examen du magnétisme animal* (Bailly, 1784). O relatório concluiu que as evidências em favor da existência de um fluído mesmérico eram inadequadas, e que tudo não passava de fraude, baseada na “imaginação”. Mesmer deixou Paris sob uma nuvem de obscuridade, e em obscuridade prosseguiu o restante de sua vida, vindo a falecer em 1815, próximo ao local de seu nascimento. (25)

4.4.3 - Essência do Mesmerismo. A doutrina mesmeriana foi resumida por ele mesmo em vinte e sete proposições, aqui reproduzidas [conforme solicitei anteriormente num artigo, “favor não confundir com as vinte e sete doutrinas fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia!” (26)]:

- 1ª. Existe uma influência mútua entre os corpos celestes, a Terra e os corpos animados.
- 2ª. Um fluído universalmente difundido e constituído de forma a não sofrer nenhum vácuo, cuja sutileza não permite comparação alguma e que por sua natureza é suscetível de receber, propagar e comunicar todas as impressões do movimento, é o meio desta influência.
- 3ª. Esta ação está submetida a leis mecânicas, desconhecidas até o presente.
- 4ª. Desta ação resultam efeitos alternativos que podem ser considerados como um fluxo e um refluxo.
- 5ª. Este fluxo ou este refluxo é mais ou menos geral, mais ou menos particular, mais ou menos composto conforme a natureza das causas que o determinam.
- 6ª. É por esta operação (a mais universal das que a Natureza nos oferece) que as relações entre os corpos celestes, a Terra e suas partes constitutivas se exercem.
- 7ª. As propriedades da matéria e dos corpos organizados dependem desta operação.
- 8ª. O corpo animal sofre os efeitos alternativos deste agente; e é insinuando-se na substância dos nervos que ele os afeta imediatamente.
- 9ª. Manifestam-se particularmente no corpo humano propriedades análogas às do ímã; aí se distinguem pólos igualmente diversos e opostos, que podem ser comunicados, trocados, destruídos ou reforçados.

10<sup>a</sup>. A propriedade do corpo animal que o torna suscetível de ser influenciado pelos corpos celestes e pela ação recíproca daqueles que o cercam, manifesta por sua analogia com o ímã, levou-me a chamá-la “magnetismo animal”.

11<sup>a</sup>. A ação e virtude do magnetismo animal, assim caracterizadas, podem ser comunicadas a outros corpos animados e inanimados. Ambos são mais ou menos suscetíveis disso.

12<sup>a</sup>. Esta ação e esta virtude podem ser reforçadas e propagadas por estes mesmos corpos.

13<sup>a</sup>. Observa-se, na experiência, o escoamento de uma matéria cuja sutileza penetra todos os corpos, sem perder especialmente sua atividade.

14<sup>a</sup>. Sua ação ocorre a uma distância considerável, sem o auxílio de qualquer corpo intermediário.

15<sup>a</sup>. Ela é aumentada e refletida pelos espelhos, como a luz.

16<sup>a</sup>. Ela é comunicada, propagada e aumentada pelo som.

17<sup>a</sup>. Esta virtude magnética pode ser acumulada, concentrada e transportada. [Esta proposição influenciou diretamente a criação da homeopatia por Hahnemann.]

18<sup>a</sup>. Eu disse que os corpos animados não eram igualmente suscetíveis: há mesmo, embora raros, aqueles que têm uma propriedade tão oposta, que só sua presença destrói todos os efeitos deste magnetismo nos outros corpos.

19<sup>a</sup>. Esta virtude oposta penetra também todos os corpos, e pode igualmente ser comunicada, propagada, acumulada, concentrada e transportada.

20<sup>a</sup>. O ímã, natural ou artificial é, assim como outros corpos, suscetível de magnetismo animal e mesmo da virtude oposta.

21<sup>a</sup>. Este sistema fornecerá novos esclarecimentos sobre a natureza do fogo e da luz, assim como na teoria da atração, do fluxo e do refluxo, do ímã e da eletricidade.

22<sup>a</sup>. Ele dará a conhecer que o ímã e a eletricidade artificial têm, em relação aos doentes, propriedades comuns com vários outros agentes que a natureza nos oferece e que, se da administração daqueles resultam efeitos úteis, eles são devidos ao magnetismo animal.

23<sup>a</sup>. Reconhecemos pelos fatos, conforme regras práticas que estabelecerei, que este princípio pode curar imediatamente os doentes dos nervos, e imediatamente os outros.

24<sup>a</sup>. Que, com sua ajuda, o médico é esclarecido sobre o uso dos medicamentos, que ele aperfeiçoa sua ação e provoca e dirige as crises salutares, de forma a fazer-se mestre delas. [Outra proposição que ofereceu direto suporte às teses de Hahnemann.]

25<sup>a</sup>. Comunicando um método, demonstrarei por uma nova teoria das doenças, a utilidade universal do princípio que lhes oponho.

26<sup>a</sup>. Com este conhecimento, o médico julgará seguramente a origem, a natureza e os progressos das doenças, impedirá seu avanço e conseguirá sua cura, sem nunca expor o doente a efeitos perigosos ou consequências desagradáveis.

27<sup>a</sup>. Esta doutrina, enfim, colocará o médico em condições de julgar bem o grau de saúde de cada indivíduo e de preservá-lo das doenças às quais poderia estar exposto. A arte de curar chegará assim à sua última perfeição. (27, 28)

Pouco pretensiosa esta ambição de Mesmer, não?

4.4.4 - Seguidores de Mesmer e o Preparo Para o Hipnotismo. Se Mesmer desapareceu das vistas do público, o mesmo não ocorreu com suas idéias. De longe o mais importante dentre seus discípulos diretos foi Armand-Marie-Jacques de Chastenet, o Marquês de Puységur, um rico aristocrata e proprietário de terras. Pode ser considerado o fundador da moderna psicoterapia. Trabalhou com pacientes em sonambulismo. Enfatizou fortemente a relação com o paciente como método terapêutico e a “fé” do terapeuta em seu método de tratamento.

A partir de Puységur o mesmerismo se desenvolveu rapidamente, chegando aos Estados Unidos com Charles Poyen de Saint Sauveur. Aí aliou-se brevemente com a frenologia e mais extensamente com o espiritualismo. Na Europa prosseguiu sendo desenvolvido pelo Abade José Custódio de Faria, pelo General François Joseph Noizet, por Étienne Félix e por Alexandre Bertrand. Faria desenvolveu a moderna técnica de indução ao estado de transe, enfatizando a importância da vontade do paciente em lugar da do magnetizador. Noizet e Hénin de Cuvillers apresentaram relatórios detalhados sobre os efeitos mesméricos em termos de sugestão e crença. Bertrand escreveu o *Traité du Somnambulisme* (1823), o primeiro estudo “científico” do fenômeno magnético. (29)

4.4.5 - Mesmerismo e Frenologia. Embora hoje mal alguém conheça o significado do termo, há pouco mais de um século a frenologia era uma “técnica” altamente considerada. Karl Marx chegou a defini-la como “a mais elevada forma de ciência”. Consistia na suposta capacidade de se ler o caráter da pessoa a partir das saliências, reentrâncias e ângulos de seu crânio. Na verdade, consistia numa suposta “comunicação direta” experimental ao nível da interação humana, certamente vinculada à pretensa comunhão espiritualista com os espíritos dos mortos. (30)

Várias obras de frenologia, como *Constitution of Man*, de George Combe, desenvolveram a doutrina de que o cérebro é o assento da mente e de que esta pode ser dividida em diferentes “faculdades”, localizadas em diferentes partes do cérebro. Desenvolveu-se o interesse pelo fenômeno do “freno-mesmerismo”: a excitação de diferentes “faculdades” mentais através do toque de “órgãos” do cérebro que a eles correspondem, enquanto o paciente se encontrava em transe. (31)

O freno-mesmerismo pode ser considerado o ancestral direto e imediato do moderno espiritualismo. O espiritualismo também prosseguiu sua aliança com o “puritanismo do corpo” e o holismo médico que constituía a característica da frenologia e do mesmerismo. (32)

4.4.6 - Mesmerismo e Espiritismo. Uma estudiosa brasileira, Eliane Moura Silva, apresentou de modo muito preciso o vínculo entre o mesmerismo e o espiritismo, partindo de um ponto de vista secular, o que distingue seu trabalho de outros, geralmente produzidos por oponentes (ou simpatizantes) do mesmerismo, portadores de um viés religioso. Esta professora é pesquisadora do Departamento de História da Universidade Estadual de Campinas. Trata-se de um trabalho muito interessante, cujos principais pontos vinculados ao relacionamento mesmerismo-espiritualismo aparecem a seguir. (33) No mesmo trabalho, Silva oferece também uma interessante retrospectiva do surgimento da parapsicologia.

Em outubro de 1858 na *Revue Spirite - Journal d'Etudes Psychologiques* a questão da relação entre o magnetismo e os fenômenos espirituais é o centro de uma matéria do periódico, tornando-se constante durante todo este período do movimento espírita: “O Espiritismo liga-se ao magnetismo por laços íntimos (essas duas ciências são solidárias uma com a outra; e, todavia, quem o teria acreditado? (...). Os Espíritos sempre preconizaram o magnetismo, seja como meio curativo, seja como causa primeira de uma multidão de coisas; *elles defendem sua causa e vem prestar-lhe apoio contra seus inimigos*. Os fenômenos espíritas abriram os olhos de muitas pessoas que ao mesmo tempo se juntaram ao Magnetismo”. (34) [Destaque suprido por mim.]

Este mesmerismo repensado no século XIX também aparecerá numa obra de 1886, do médico espiritualista francês *Paul Gibier*, diretor do Instituto Bacteriológico do *Instituto Pasteur* e Assistente de Patologia do Museu de História Natural de Paris. Para *Gibier* os fenômenos espirituais não são místicos ou sobrenaturais, porém ocorrem dentro das mais estritas leis da natureza, devendo ser estudados à luz do magnetismo e do hipnotismo:

“O estudo do magnetismo e do hipnotismo é de alguma sorte a entrada em matéria preparatória ao estudo dos fatos devidos à força psíquica, sendo esta a denominação que se deu ao agente particular que preside os fenômenos chamados espiritualistas e estes surpreendem menos depois da observação dos primeiros”. (35)

“A história das relações entre as teorias mesméricas e espiritualistas perpassará diferentes correntes e tendências do movimento espiritualista do século XIX tendo, inclusive, uma faceta popular que se expressou na sua utilização em espetáculos circenses e teatrais. Exibições de mágica, hipnotismo e de feitos mediúnicos fizeram parte deste tipo de atividade artística”. (36)

#### 4.5 - Hipnotismo

Conjunto de fenômenos físicos e psíquicos que conduzem à hipnose. Esta, por sua vez, é caracterizada como um estado mental semelhante ao sono, provocado artificialmente, e no qual o indivíduo continua capaz de obedecer às sugestões feitas pelo hipnotizador.

4.5.1 - Hipnotismo, Braid e Outros. A idéia do “magnetismo animal” foi inicialmente ridicularizada por James Braid (1795-1861), notável cirurgião de Fifeshire, Escócia, “mas em breve ele se convenceu, diante de experimentação, que pode ocorrer genuíno sono auto-induzido, a partir da fixação do olhar sobre um objeto inanimado brilhante”. (37) Por intermédio da influência do Dr. Braid, o “magnetismo animal” adquiriu credibilidade científica. Deve-se ao Dr. Braid o surgimento do termo “hipnotismo”, ainda hoje amplamente utilizado, e também praticado como técnica.

Relembremos como isto ocorreu. O ano de 1843 marcou um importante ponto de virada na forma como o mesmerismo era conceitualizado. Foi neste ano que o Dr. James Braid publicou *Neurypnology; or, the Rationale of Nervous Sleep, Considered in Relation with Animal Magnetism*. (38) Ele se convencera da realidade dos fenômenos físicos induzidos pelo mesmerismo a partir de uma exposição de um mesmerista suíço, Charles Lafontaine. Após vários dias de experimentação particular, Braid concluiu que estes efeitos físicos eram produzidos por “uma peculiar condição do sistema nervoso, induzido por uma atenção fixa e abstrata”, e não pela mediação de qualquer agência passando do corpo do operador para o do paciente. Para distinguir fortemente seus pontos de vista dos do mesmerismo, designou este estado de sono nervoso como “hipnotismo”, e substituiu os passes magnéticos pela fixação de um objeto luminoso. Introduziu uma terminologia mais aceitável para a classe médica e científica, e ajudou a preparar o caminho para o eventual uso da hipnose na pesquisa de psicopatologia.

Isto não produziu, entretanto, efeitos imediatos, o que não é de surpreender à luz do fato de que entre 1848 e 1875 a cura pelo magnetismo veio a tornar-se crescentemente envolvida com o espiritualismo mediúnico. (39)

Outros autores a darem prosseguimento às teorias de Braid, contribuindo para o posterior estabelecimento da psicanálise, foram Charcot, Berheim e Janet. Sobretudo na obra deste último, pode-se ver o desenvolvimento que havia iniciado com a elaboração feita por Puységur das doutrinas de Mesmer. Em pouco mais de cem anos passou-se dos transe mesméricos para elaboradas teorias de como age a mente humana. Teorias que trazem outros tantos problemas em seu bojo.

4.5.2 - Bases da Psicanálise Freudiana. Foi pequeno o intervalo entre as obras de Charcot, Bernheim e Janet, de um lado, e o trabalho de Josef Breuer (1842-1925) e Sigmund Freud (1856-1939), de outro. A origem do trabalho destes dois últimos autores repousou sobre um estudo anterior, de Breuer, a respeito da famosa paciente Anna O. Os sintomas desta teriam sido aliviados quando, sob hipnose, foi capaz de apresentar, em ordem cronológica inversa, as circunstâncias exatas a partir das quais os sintomas haviam aparecido. A cura de Anna a partir deste método de catarse, que envolve trazer o trauma ao nível do consciente e permitir que ele seja expelido através de afeições, palavras e associações dirigidas, muitas vezes tem sido vista – e foi este o pensamento de Freud – como o ponto de partida da psicanálise. (40)

Historicamente pode-se observar, pois, a seqüência de vínculos entre os estados de transe do mesmerismo, a identificação do terapeuta com o paciente, a vontade do terapeuta de curar, a concentração da atenção, a sugestão mental, o trauma psíquico, a dissociação da consciência e a catarse. Do mesmerismo à psicanálise.

4.5.3 - Variantes da Hipnoterapia. Algumas variantes de hipnoterapia aparecem descritas nos verbetes abaixo. (41) Existe considerável número de outras. A hipnose vem sendo amplamente aplicada em várias formas de psicoterapia (como nas duas variantes mencionadas a seguir) e também em controle de processos dolorosos.

Hipnose de Erickson (Hipnoterapia Ericksoniana): Forma "não diretiva" de hipnotismo, originada por Milton H. Erickson. Suposto acesso aos "recursos ilimitados" do inconsciente.

Hipnoterapia da Alquimia (Trabalho de Alquimia): "Poderoso processo transformador" desenvolvido por David Quigley. Seu suposto projeto é ajudar clientes a trabalharem com seus "Guias Internos" ("arquétipos"). Aparentemente toma empréstimos da Hipnose de Erickson, da Gestalt, da psicologia de Jung, da Programação Neuro-Linguística, da psicossíntese, da terapia de regressão, do xamanismo, da Hipnoterapia Transpessoal e da psicologia transpessoal. Sua teoria propõe um inconsciente coletivo, "memórias de vidas passadas", a "comunicação no plano etérico", a "criança interior", o "companheiro interior" e um karma. A Hipnoterapia da Alquimia parece idêntica à - ou uma variação da ou a sucessora da - Hipnoterapia Transformacional.

4.5.4. - Hipnotismo e Espiritualismo. Grande parte das formas de tratamento envolvendo hipnoterapia vincula-se diretamente ao espiritualismo, como as acima citadas, Hipnose de Erickson e Hipnoterapia da Alquimia. Ainda que o vínculo não seja tão claramente expresso como nestes exemplos, contudo, a hipnose envolve sérios problemas. O controle de uma mente sobre a outra é uma prática abominável à vista de Deus. Mesmo as formas de auto-hipnose estão eivadas de problemas. O hipnotismo desempenha importante parte nas assim chamadas "terapias de regressão a vidas passadas". Essas terapias vêm sendo aplicadas de modo muito intenso e "bem-sucedido". O conceito sobre o qual se baseiam, fundamenta-se diretamente sobre a doutrina da reencarnação. Tal doutrina diabólica nada tem a ver com a Palavra de Deus (veja 3.3). Tampouco pode ter a ver com Deus qualquer prática baseada no confronto com o que Ele ordena!

As esperanças de muitas pessoas têm sido acionadas a partir das promessas embutidas nestas terapias. O sucesso tem sido prometido nas fitas de auto-hipnose – sucesso nos mais variados campos de atividade, como sexo, esportes, negócios e outros. Por detrás de tudo, a falsa promessa de que focalizar determinados alvos é a garantia de que os mesmos serão alcançados. Basta "visualizar" o sucesso, e ele ocorrerá. Mas isto deve ser feito em segredo, coisa do tipo: "Vá para seu quarto e ligue a fita; para conseguir o objetivo, você precisa estar totalmente só". O que significa "sucesso" neste caso? (42)

Interessante e definida a posição do pensamento oficial católico a respeito desta prática: "A hipnose não apenas é impotente para efetuar uma cura moral ou física, para erradicar qualquer moléstia; ela também é,

acima de tudo, um método perigoso. Deve-se insistir neste ponto. Na prática do hipnotismo existem perigos físicos ou fisiológicos, psíquicos ou intelectuais e, acima de tudo, morais. As maravilhas do hipnotismo . . . são estonteantes e incontestáveis, mas a pessoa não deve falhar em considerar a que preço elas estão sendo obtidas”. (43)

“Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios”. (44)

#### 4.6 - Ellen G. White, Mesmerismo, Hipnotismo e Frenologia

A posição de Ellen White, em seus dias, foi extremamente clara e firme diante do mesmerismo e suas variantes. A linguagem não permite qualquer margem a dúvidas:

“Não devem os homens e mulheres estudar a ciência de como levar cativa a mente dos que com eles se associam. Esta é a ciência que Satanás ensina. Devemos resistir a qualquer coisa dessa espécie. Não devemos intrometer-nos com o mesmerismo e o hipnotismo – a ciência daquele que perdeu seu primeiro estado, e foi expulso das cortes celestiais”. (45)

“Milhares, foi-me mostrado, têm-se corrompido pela filosofia da frenologia e do magnetismo animal, sendo impelidos à infidelidade. Se a mente começa a percorrer este caminho, é quase certo que perderá o equilíbrio e será controlada pelo demônio”. (46)

“Um médico que era famoso mesmerista disse-me que minhas visões eram mesmerismo, e que eu era um paciente muito fácil, podendo ele magnetizar-me e dar-me uma visão. Eu lhe disse que o Senhor me havia mostrado em visão que *o mesmerismo era de origem diabólica, dos insondáveis abismos*, e que logo ele estaria ali com os que continuassem a praticá-lo”. (47) (destaques supridos)

Tal como vem ocorrendo hoje em alguns círculos da cristandade, sem excluir segmentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia, nos dias de Ellen White já se observava este “fervor” pelo oculto, pelo místico. Infelizmente, como hoje, alguns líderes religiosos se incluíam nas fileiras dos adeptos destas condenáveis práticas espiritualistas:

“Enquanto oravam, pregavam ou conversavam, alguns professos adventistas que haviam rejeitado a verdade presente, usavam o mesmerismo para ganhar adeptos, pois pensavam que era o Espírito Santo. Alguns que o haviam praticado estavam de tal maneira aprofundados nas trevas e engano do diabo, que chegavam a pensar que era o poder de Deus a eles dado para exercitarem-se... Vi que Satanás estava operando dessa maneira a fim de desviar, enganar e afastar de Deus o Seu povo precisamente agora, neste tempo de selamento.... Satanás estava procurando lançar mão de todas as suas artes a fim de mantê-los onde estavam, até que o selamento passasse, até que a proteção fosse tirada de sobre o povo de Deus e este ficasse desprotegido da ardente ira de Deus nas sete últimas pragas”. (48)

“Vi que muitos destes [falsos] pastores haviam negado os passados ensinamentos de Deus; haviam negado e rejeitado as gloriosas verdades que outrora zelosamente advogaram e se envolveram com o mesmerismo e toda espécie de enganos. Vi que estavam embriagados com o erro e guiavam o seu rebanho para a morte”. (49)

Um terrível pensamento, guiar o rebanho de Deus para a morte! Desgraçadamente, vários líderes eclesiásticos dos dias atuais têm deixado a plataforma da verdade e se dedicado a algumas das práticas satânicas analisadas nesta obra. Estão contribuindo para encaminhar o rebanho à morte. Por mais doloroso que me seja pensar assim, sei também que muitos cristãos – incluindo-se aí representantes da minha denominação – haverão de rejeitar a solene mensagem de advertência anunciada neste livro, preferindo deixarem-se enredar pelos antigos – disfarçados de modernos – engodos do grande inimigo!



“Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os que te foram enviados! quantas vezes quis Eu reunir os teus filhos, como a galinha ajunta os seus pintinhos debaixo das asas, e vós não o quisestes!” (50)

Encerrando o capítulo que expõe a teoria vitalista – a visão espiritualista da “energia vital” – devemos reconhecer que existe, sim a genuína ENERGIA VITAL, com sede em Deus, e operacionalizada neste mundo e no Universo por Seu Santo Espírito. Deus dotou a cada um de nós com a genuína energia vital – a vida que dEle procede - e que temos o dever de administrar com sabedoria ao longo da vida. Temos de preservá-la através de hábitos corretos, de equilíbrio, de sábio uso da vida – atitudes que serão apresentadas, de forma introdutória e sintética, no Capítulo Onze.

## CAPÍTULO CINCO

### HAHNEMANN E HOMEOPATIA

- 5.1 - Introdução: Significado e Importância da Homeopatia Para os Cristãos
- 5.2 - Breve Definição de Homeopatia
- 5.3 - A “Velha Medicina” dos Dias de Hahnemann e a Contribuição Positiva da Homeopatia
- 5.4 - Homeopatia Antes de Hahnemann
- 5.5 - Resenha Biográfica de Hahnemann
- 5.6 - A Onipresente Energia Vital
- 5.7 - Unicidade do Autor e Sua Obra
- 5.8 - Características da Personalidade e da História de Hahnemann e Sua Influência Sobre a Elaboração da Doutrina Homeopática
  - 5.8.01 - Base Não-cristã e Espiritualista de Hahnemann
  - 5.8.02 - Hahnemann e Maçonaria
  - 5.8.03 - Hahnemann e Filósofos Gregos
  - 5.8.04 - Hahnemann e Paracelso
  - 5.8.05 - Hahnemann, Monismo e Medicina Tibetana
  - 5.8.06 - Hahnemann, Astrologia, Ocultismo e Magia
  - 5.8.07 - Hahnemann e Mesmer
  - 5.8.08 - Hahnemann e Swedenborg
  - 5.8.09 - Hahnemann e Esoterismo
  - 5.8.10 - Hahnemann e Teosofia
  - 5.8.11 - Hahnemann e Antroposofia
  - 5.8.12 - Hahnemann e Ciência Cristã
  - 5.8.13 - Hahnemann e Animismo
  - 5.8.14 - Hahnemann e Confucionismo
  - 5.8.15 - “Honestidade” Intelectual de Hahnemann
- 5.9 - Pensamento Homeopático Pós-Hahnemanniano
- 5.10 - Homeopatia e Astrologia
- 5.11 - Homeopatia e Hinduísmo
- 5.12 - Homeopatia e Vodú
- 5.13 - Homeopatia Associada às Demais Terapias Místicas
- 5.14 - Homeopatia e Kabala (Cabala)
- 5.15 - Homeopatia e Espiritualismo

- 5.16 - Homeopatia Como Culto
- 5.17 - Homeopatia Como “Ciência”
- 5.18 - Homeopatia Como a “Terapia Definitiva”
- 5.19 - Ellen G. White e Homeopatia
  - 5.19.1 - Considerações Preliminares
  - 5.19.2 - Medicina Eclética ou Ecletismo
  - 5.19.3 - Situação Específica Relacionada com a Maioria das Citações
  - 5.19.4 - Referências de Ellen G. White à Homeopatia
    - 5.19.4.1 - Cronologia: 1
    - 5.19.4.2 - Cronologia: 2
    - 5.19.4.3 - Cronologia: 3
    - 5.19.4.4 - Cronologia: 4
    - 5.19.4.5 - Cronologia: 5
    - 5.19.4.6 - Cronologia: 6
- 5.20 - Hahnemann, Homeopatia e “Inspiração”
- 5.21 - Conclusão do Capítulo

## 5.1 - Introdução: Significado e Importância da Homeopatia Para os Cristãos

Dentre todas as terapias alternativas de cunho “energético”, “vibracional” ou místico, acredito que a homeopatia assume lugar de destaque – ela se coloca na mais relevante de todas as posições entre suas “pares”. Creio ser isto particularmente verdade quando se considera o público cristão como referência. Há que se reconhecer que a homeopatia tem sido aceita e praticada por significativas parcelas do cristianismo, contando-se em suas fileiras expressivo número de profissionais que se identificam como cristãos. Penso que muitos destes, assim como a maioria dos cristãos que a utilizam como forma de tratamento, na verdade não a conhecem – não sabem com o que, realmente, estão lidando.

Ocorre ainda que o preparado homeopático – que não ouse chamar de medicamento, pois esse termo pressupõe atividade farmacológica, o que não é o caso da homeopatia – é visto por muitas pessoas como sendo de fato um medicamento, e assim, na mente de grande parte dos que o usam, tal preparado é visto como apenas mais uma forma – um pouco “diferente” – de medicamento. A prática homeopática, para estas pessoas, representa apenas uma pequena variante da medicina convencional, esta que os homeopatas se comprazem em rotular como “alopática”.

É intrigante observar que tem sido evitada, mesmo por parte de cristãos já convencidos das artimanhas da homeopatia, uma apresentação de “corpo inteiro” dos verdadeiros fatos subjacentes ao caráter e obra de Hahnemann. É como se houvesse um pacto não escrito no sentido de não se aceitar oficialmente - ou mesmo se rejeitar - a homeopatia em vários círculos cristãos, mas sem se chegar a desnudá-la, a apresentar-se o seu verdadeiro e completo caráter. Tal atitude seria até certo ponto compreensível se ocorresse por uma preocupação em não “ofender” as pessoas que se dedicam a esta prática, muitas das quais se consideram cristãs. Devo esclarecer, de imediato, que tampouco é meu desejo ofender a quem quer que seja. Mas, sendo infinito o valor de uma única alma, não terei qualquer timidez e nem qualquer vacilação em apresentar o lado escuro de Hahnemann e sua homeopatia. Acredito que, para o bem eterno das almas sinceras, é mais que tempo de se corrigir esta posição, um tanto omissa e condescendente.

Suponho que o presente capítulo reservará surpresas – geralmente desagradáveis - para muitas mentes, as de cristãos fiéis que há muito vêm sorvendo da fonte homeopática, geralmente convictos de que praticam algo perfeitamente bom, algo que se encontra em pleno acordo com sua fé em Cristo. É a expectativa deste autor, baseada em genuína oração intercessória, que tais cristãos consigam ser iluminados pela revelação do Santo Espírito e, vencida a surpresa inicial, possam – sem remorsos de qualquer ordem – entender que houveram estado equivocados, talvez profundamente equivocados, em sua compreensão do assunto. Chegando eles a alcançar tal convicção, é também minha sincera expectativa que se libertem da traiçoeira armadilha.

## 5.2 - Breve Definição de Homeopatia

Homeopatia (Medicina Homeopática, Homeoterapêutica): Forma de medicina energética (vibracional) desenvolvida pelo médico alemão Christian Friedrich Samuel Hahnemann (1755-1843), que cunhou seu nome original. As principais teorias homeopáticas incluem cinco que Hahnemann criou ou aceitou e expôs:

- 1) A lei dos similares (“semelhante cura semelhante”) (em latim: *Similia similibus curantur*): de acordo com este princípio, o mais eficaz remédio potencial para uma determinada enfermidade é a substância que, em pessoas saudáveis, provoca efeitos semelhantes aos sintomas da doença se a substância é aplicada em quantidades que a tornam bioativa.
- 2) A doutrina da individualização (a regra do medicamento único): De acordo com este princípio, o remédio potencial ideal homeopático para uma determinada pessoa enferma é a substância que induz, em pessoas saudáveis, todos os problemas de saúde, maneirismos e disposições que a pessoa enferma relatou, quando aplicado em quantidades que o tornam bioativo.
- 3) A doutrina da dose mínima (“menos é mais”): Segundo este princípio, substâncias peculiarmente selecionadas incrementam a cura sem efeitos colaterais quando aplicadas em quantidades que as tornam não-bioativas, mesmo que sejam aplicadas de forma apenas aparente, espiritualmente.
- 4) A doutrina da potenciação (“dinamização”): De acordo com este princípio, a sucessiva diluição e a vigorosa agitação de um líquido potencialmente terapêutico, ou a sucessiva e vigorosa moagem de um sólido potencialmente terapêutico, espiritualizam as substâncias, assim incrementando sua capacidade de curar, detoxificando-as.
- 5) A doutrina da força ou energia vital: De acordo com este princípio, a alegada força vital (para a qual Hahnemann cunhou o termo “dinâmica”) é a fonte de todos os fenômenos biológicos. Torna-se perturbada durante o processo de enfermidade, e os “remédios” homeopáticos trabalham no sentido de restaurá-la. Hahnemann também desenvolveu a “teoria dos miasmas crônicos”, que sustenta que todas as doenças crônicas resistentes ao tratamento por homeopatia originam-se em três alegadas propensões hereditárias: “miasmas” da “psora”, da “sicose” (gonorréia) e da sífilis. De acordo com a teoria dos miasmas, a “psora”, o alegado miasma original, manifesta-se como escabiose e outras enfermidades da pele. (1)

“O vitalismo representa a base teórica da homeopatia. O ‘Princeps Regulator’ descrito por G. E. Stahl em 1707 foi aceito por Hahnemann como o ‘Vis Vitalis’, o hipotético princípio vital. ...A Força Vital foi uma das idéias centrais de Stahl”. (2) Na verdade, a idéia da força ou energia vital é muito mais antiga que Stahl, mas este a popularizou no Ocidente. Hahnemann repousou inteiramente sobre este conceito para formular TODA a sua homeopatia, conforme ele próprio deixa claro em várias passagens do *Organon*:

“As enfermidades não dependem de ... nenhum princípio material, senão da alteração dinâmica da força que virtualmente anima o corpo do homem”. (3)

“Deveria [o médico] abrir os olhos e constataria que o mal é de natureza imaterial, mais profundamente OCULTA, que sua origem é dinâmica, e que somente pode ser destruído por um agente dinâmico”. (4) (destaque suprido)

“A única coisa a produzir enfermidades é a força vital afetada”. (5) A esta última observação, Hahnemann faz uma nota de rodapé explicando que “não é de utilidade prática para o médico saber como a força vital determina ao organismo que se desenvolvam os fenômenos da doença, a qual sempre permanecerá OCULTA para ele”. (destaque suprido)

A idéia de diluir substâncias era aceitável na era das enormes doses heróicas, que tantos males causavam (veja 5.3). A alergia de Hahnemann à quinina (fato que será melhor documentado em 5.17), reforçou a idéia das diluições no contexto de seu pensamento.

“Para responder à questão de como liberar a força curativa oculta no interior da droga, como alcançar a potencialização ou como dinamizar o medicamento, Hahnemann relembrou os experimentos de . . . Benjamin Rumford (1753-1814), considerado o inventor da teoria do calor (ou aquecimento) mecânico”. (6) A potencialização ou dinamização “é obtida ao se sacudir o frasco. Hahnemann substituiu a fricção de duas peças de metal, realizada por Rumford num quarto fechado, ao sacudir o material homeopaticamente diluído num frasco, em ambiente fechado”. (7)

É esclarecedor acompanhar um pouco mais a descrição de Hahnemann sobre o que SUPOSTAMENTE ocorre quando do processo de dinamização:

“Triturando-se as substâncias medicinais, e por sacudimento de suas soluções (dinamização, potencialização), se desenvolverá e manifestará seu poder medicinal, nelas OCULTO, e, por assim dizer, se ESPIRITUALIZARÁ a própria substância material”. (8) (destaques supridos)

Providencieí vários destaques a estas citações, tendo em vista evidenciar a vocação da proposta homeopática de Hahnemann para o OCULTO e o ESPIRITUAL. Tudo bastante claro. São estes os termos encontrados no original alemão.

“A potencialização/dinamização constitui também o ponto mais frágil da homeopatia. No décimo-nono século ainda se mantinha a esperança de que a ciência pudesse confirmar alguma força curativa nos medicamentos homeopaticamente preparados. Tal não ocorreu, e no presente a importância das substâncias homeopaticamente dinamizadas tem sido quietamente substituída pelo princípio ‘similia similibus curantur’. A descrição do processo de dinamização ou potencialização é para os iniciados, revelada em cursos e escolas para homeopatas. Para o público leigo, é a Lei dos Similares que vem sendo apresentada como homeopatia”. (9) [Supri os destaques em dois níveis, dada a extrema relevância dos fatos acima revelados!]

Entretanto, seria realmente útil à homeopatia moderna ocultar a complicada “lei da dinamização” e ressaltar a “lei dos similares”, na tentativa de parecer menos mística aos olhos do público? Provavelmente, não. Vejam o que mais encontrei durante esta decidida busca das verdadeiras raízes da homeopatia:

“Hahnemann, o fundador do sistema homeopático, foi quem mais se aproximou desta verdade da alquimia e, como consequência, constatamos que na prática atual, é o mais natural, mais científico e mais bem sucedido sistema de medicina até hoje dado ao mundo. [Atenção: esta é a opinião dos autores do texto, NÃO A MINHA!] Isto porque se encontra baseado na bem-conhecida lei das afinidades, ‘similia similibus

curantur’, ‘semelhante cura semelhante’, a qual constitui um muito antigo axioma da prática astrológica’.

(10) [Mais uma vez, supri o destaque.]

Parece-me que NÃO foi útil à homeopatia “esquecer” ou “ocultar” a lei da dinamização a ressaltar a lei dos similares! E antes que se acuse os autores acima citados de serem “inimigos” da pseudo-ciência de Hahnemann, deixe-me revelar apressadamente que eles são decididos entusiastas da mesma. É dos defensores da homeopatia que obtemos os mais significativos esclarecimentos quanto à sua verdadeira natureza!

### 5.3 - A “Velha Medicina” dos Dias de Hahnemann e a Contribuição Positiva da Homeopatia

Discorrer sobre o que era a prática médica nos dias de Hahnemann, e ainda até o final dos anos 1900, seria divertido, não fosse trágico. Vamos nos ater, sem mais delongas, a alguns testemunhos históricos bastante esclarecedores:

“Eis o que dizem alguns homens ilustres de nossos dias [quase ao final dos anos 1800] sobre a prática da medicina ‘regular’:

‘A ciência da medicina acha-se fundada sobre conjeturas e aperfeiçoada por assassinatos’. – *Sir Astley Cooper*.

‘Minha opinião é que mais mal do que bem tem sido feito pelos médicos, e estou convencido de que se eu houvesse deixado meus pacientes por conta da natureza, em vez de prescrever-lhes drogas, um maior número haver-se-ia salvo’. – Dr. Hufeland.

‘O médico é um homem cego com uma clava na mão, a qual ele dirige ao acaso, com a força de seu braço, certo de que aniquilará a natureza ou a doença’. – Dr. Maunsel.

‘Medicina, pobre ciência! Doutores, pobres filósofos! Pacientes, pobres vítimas!’ – Dr. Frappart.

‘Temos prestado assistência na multiplicação de doenças; temos feito mais que isto – temos feito aumentar a sua mortalidade’. – Dr. Rush.

“Tudo isso em virtude do egoísmo, da inveja e do antagonismo à investigação e progresso . . . que sempre tem caracterizado aquilo que por vezes é denominado de ‘escola regular de medicina’. . . A doença era contemplada como sendo uma entidade – como se fosse um demônio – a ser removida por meios violentos’. [Mesmo Hahnemann, com sua ampla ‘reforma’, não se livrou do conceito de enfermidade como sendo uma espécie de espírito maligno: ‘A enfermidade natural nunca deve ser considerada como uma substância nociva situada em alguma parte no interior ou exterior do organismo, senão. . . como um espírito maligno’.(11)]

“Depois da sangria vinham os purgativos, usando-se o mercúrio sob diferentes formas, antimônio para fazer revoltar o estomago e relaxar o sistema, clisteres, e medicamentos em largas doses a fim de influenciar os rins e a pele. Eram usados na ordem em que eram nomeados, tão rápido quanto possível. O purgativo seguia-se aos golpes da lanceta, com o mercúrio fazendo parte de tudo. O calomelano era então administrado em virtude de suas influências constitucionais, combinando-se com o ópio; o tártaro emético era administrado ao estômago nauseado e para relaxar o sistema. . . Com tal tratamento perdia-se todo o apetite, piorava a digestão e a desnutrição ocorria como parte do regime. Mercúrio e água, supunha-se, encontravam-se em oposição um ao outro; uma vez que o primeiro era administrado plena e freqüentemente, a última era evitada, temendo-se a salivação.

“Os miseráveis pacientes, sofrendo da enfermidade, eram continuamente atormentados por drogas nauseantes, pela irresistível náusea do estômago . . . e pela terrível sede. . . Pelo temor de apanharem resfriados, os pacientes eram mantidos sem banho, muito agasalhados e acamados em roupas sujas – maus odores e sujeira eram, efetivamente, características do tratamento.

“A mortalidade era elevada, variando entre dez e cinqüenta por cento nas doenças comuns do país [Estados Unidos]. Tão iminente era a morte sob tal forma de tratamento, que muitas pessoas se recusavam a chamar o médico, sempre que pudessem evitá-lo, preferindo confiar na natureza e nos remédios domésticos”. (12)

“Na história da sangria, as sanguessugas eram tiradas da água uma hora antes de serem usadas, para aumentar seu apetite, e postas num copo de vinho que era virado bruscamente sobre a cama do doente. Depois de 15 minutos ficavam repletas de sangue e se desprendiam, como se estivessem dormindo, mas podiam ser acordadas com água fria. Para fazê-las vomitar, a fim de serem recicladas, usava-se sal na água. Quando se tinha poucas sanguessugas, o aplicador cortava as caudas delas, e elas sugavam com o sangue saindo pela outra extremidade, até o paciente ficar exangue. . . Sangrar, purgar, provocar o vômito e o suor era o tratamento médico padrão, que só começou a ser modificado depois da metade do século XIX. Os médicos não tinham idéia do que deviam fazer com os pacientes, mas fosse o que fosse, parecia sensato libertá-los de qualquer modo daquilo que os afligia”. (13)

Encerrando esta breve série de depoimentos, devemos observar que “nem mesmo as figuras mais ricas e ilustres, tendo os melhores médicos à sua disposição, estavam a salvo dos perigos de tais tratamentos. George Washington [primeiro presidente americano] morreu após ter tido uma inflamação na garganta e alguns problemas respiratórios, certamente devido, em grande parte, ao tratamento a que foi submetido: durante a tarde e a noite de seu último dia de vida, foi sangrado três vezes, sendo que da última lhe retiraram mais de dois litros de sangue, além de ter sido tratado com calomelano”. (14)

Razões de sobra teve, pois, Hahnemann, de se insurgir contra esse estado de coisas, e o fez com maior vigor do que outros de seu tempo. Este foi, em minha opinião, seu maior mérito, o de vibrar fortemente o “basta” em relação a uma desastrosa prática que já durava séculos. Outras contribuições positivas lhe podem ser creditadas:

“Comparado com a prática médica geral de seus dias, o sistema de Hahnemann, embora falacioso, teve duas coisas em seu favor: substituiu a mistura de poderosas drogas, em grandes doses, por pequenas doses de drogas simples. Enfatizou a individualização do paciente ao lidar com a doença; fez parar uma dúzia ou mais de sistemas de tratamento baseados em falsa visão de patologia e demonstrou o significado de experimentar o valor efetivo das drogas através de testes”. (15)

“Não importa como julgemos a teoria de Hahnemann, uma coisa precisa ser admitida. Ela conduziu a uma decisiva mudança no pensamento médico. Doutores de mente clara perceberam que doses mínimas de substâncias ineficazes, tais como as usadas pelos homeopatas, equivaliam a não administrar qualquer tratamento. Se o paciente se recuperava de toda forma – e isso não podia ser discutido – deveria tratar-se de cura espontânea. O tratamento homeopático – ou, em outras palavras, nenhum tratamento – muitas vezes era muito melhor”. (16)

A homeopatia proveu a idéia inicial e a fonte de drogas úteis, tais como a nitroglicerina (17) e o acônito (18). Alguns dos primeiros cientistas da medicina, tais como Joseph Lister e Sidney Ringer declararam que a homeopatia os ajudou a realizarem importantes descobertas farmacológicas. (19) Também se deve atribuir à homeopatia o crédito por prover precocemente o apoio a experimentos clínicos mediante grupos de controle, procedimentos sistemáticos e quantitativos e o uso de estatísticas em medicina. (20)

Estas contribuições positivas, se de uma parte não devem ser ignoradas, de outra não modificam a essência da homeopatia nem as bases sobre as quais Hahnemann a assentou. INFELIZMENTE, TEREI DE SER ABSOLUTAMENTE CLARO NA EXPOSIÇÃO DESTAS BASES, AO LONGO DO RESTANTE DO PRESENTE CAPÍTULO.

Deve-se esclarecer, por outro lado, que a atual medicina científica NÃO é a “velha escola” citada tão desdenhosamente (não sem razão) por Hahnemann, e nem mesmo pode ser considerada sua “sucessora”. O termo “alopatia”, cunhado por Hahnemann para contrastar fortemente os malefícios da prática médica tradicional de seus dias com a sua “nova” e “maravilhosa” homeopatia, NÃO deveria ser hoje utilizado para designar a medicina científica. Trata-se de um mau uso do termo, como Jarvis destacou com muita propriedade. (21)

As práticas tão severamente condenadas por Hahnemann baseavam-se na antiga *teoria humoral* grega, ela própria baseada inteiramente em conceitos pagãos. Tal teoria considerava a doença como o desequilíbrio entre os quatro humores (sangue, flegma, bile negra e bile amarela) e as quatro condições do corpo (quente, frio, úmido e seco), que por sua vez corresponderiam aos quatro elementos (terra, ar, fogo e água). Os médicos que seguiam a tradição hipocrática procuravam equilibrar os humores mediante o tratamento dos sintomas com “opostos” (22, 23). Daí a criação do termo “alopatia” por Hahnemann para condenar este sistema.

De fato, ainda que parte da atual medicina científica trate enfermidades com “opostos” (como no caso dos antibióticos - o “anti” revela tal oposição), com extrema frequência estamos tratando sem o conceito do “anti”, como nas reposições hormonais (insulina, hormônios tireoideanos, etc.), uso de suplementos e grande parte das intervenções cirúrgicas – para citar alguns exemplos.

Não que eu perceba o uso do “anti” ou “contrário” como portador de alguma idéia negativa, de modo algum. Apenas destaco que o termo foi criado pejorativamente em relação à péssima prática médica da “velha escola” dos dias de Hahnemann, e não há por que carregarmos sobre nós esta pecha nos dias de hoje.

Aliás, nada existe mais notavelmente “anti” no Universo do que a provisão salvífica do sangue de Jesus contra a morte embutida no pecado: “O salário do pecado é a morte, mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor”. (24) Totalmente a favor do pecador, sim, mas em inteira e irreconciliável oposição à causa da doença, que é o pecado. A solução divina para o problema do pecado é de total, extrema e intransigente oposição ao mesmo; nada de compromisso com ele; nada existe de “homeo” no modo como Deus irá resolver a grande questão cósmica!!!

## 5.4 - Homeopatia Antes de Hahnemann

Hahnemann apresenta com muita convicção e até mesmo com bastante orgulho a sua posição de “descobridor da verdade final” em termos da arte de curar. Várias vezes ele afirma tal posição no *Organon*, por exemplo: “Eu fui o primeiro a descobrir este caminho, o qual tenho seguido com uma perseverança que somente poderia nascer e sustentar-se pela convicção perfeita da grande verdade, cheia de benefícios para a humanidade, de que unicamente com o emprego de medicamentos homeopáticos é possível a cura das enfermidades da espécie humana”. (25) “O método homeopático, por um procedimento que lhe é próprio e que ninguém havia ensaiado antes. . .” (26) “Isto vem a ser uma nova confirmação da *grande verdade da psora*, descoberta por mim”. (27) (destaque suprido)

Por falar em “grande verdade da psora” (“escabiose”, ou sarna, em termos mais simples): parece não haver sido de fato uma notável descoberta, como o deixa bem claro este autor: “A teoria da psora de Hahnemann foi essencialmente tão irrazoável e ridícula que quase imediatamente começou a ser abandonada por



homeopatas confirmados. A ‘psora’ era um miasma ou mau espírito que permeava o corpo e finalmente se manifestava na superfície sob a forma de erupção, ou como nodulação, ou como algum outro distúrbio da pele”. (28) Bem, retornemos ao que já existia de “homeopatia” antes de Hahnemann.

Embora o termo “homeopatia” tenha sido realmente cunhado por Hahnemann, a maioria dos principais elementos de sua teoria haviam sido concebidos antes, por diferentes pessoas. Por exemplo, a “lei dos similares” não foi originalmente estabelecida por Hahnemann; ela “foi mencionada pelos antigos gregos e por Galeno, e usada extensamente por Paracelso e pelo médico inglês, Thomas Sydenham (1624-1689)”. (29)

“A idéia não era original; tratava-se essencialmente de um reavivamento da velha doutrina das assinaturas, de Paracelso – semelhante cura semelhante – exceto que Paracelso dirigiu seus ataques contra a causa da doença, e não contra os sintomas”. (30)

O livro *Medicina Spagyrica Tripartita*, escrito em 1648 por Jean P. Rhumelius, é descrito como “uma obra fundamentalmente esotérica, que repousou sobre o princípio ‘*similia similibus curantur*’” (31), e que certamente influenciou Hahnemann bem cedo em sua vida (32). Da existência prévia da “lei dos similares” e de sua vinculação astrológica, aliás, já havíamos visto em 5.2, referência 10.

A idéia da dinamização tampouco é de Hahnemann, pois fora concebida por Rumford, como vimos antes (em 5.2, referência 7). O que ele fez, foi adaptá-la, mantendo a mesma “precaução” de Rumford, de realizar as suas “sucussões” ou sacudiduras em quarto fechado (por quê?).

Vemos, pois, que os dois grandes pilares da homeopatia – a lei dos semelhantes e o princípio da dinamização – não pertencem de fato a Hahnemann. Mais que isto, estudiosos demonstraram que, no *Organon*, ao escrever a respeito da força vital, Hahnemann até mesmo “usa frases que podem ter sido de autoria de Stahl”. (33)

Hahnemann igualmente construiu sobre autores que viveram mais próximo de sua época ou de contemporâneos seus, como foi o caso de Mesmer, e especialmente sobre a 17<sup>a</sup>. Proposição deste. Analisaremos este aspecto específico em 5.8.07.

## 5.5 - Resenha Biográfica de Hahnemann

Para se compreender a homeopatia, é de vital importância conhecer um pouco sobre Hahnemann, o seu fundador. Conforme veremos em 5.7, ocorre a mais completa identificação entre o autor e a obra, o criador e a criação. Este é um ponto fundamental, que os autores homeopatas sempre fazem questão de ressaltar, aliás, corretamente.

“Quando falamos em homeopatia hoje, referimo-nos apenas aos princípios formulados por Hahnemann e desenvolvidos por aqueles seus seguidores que fazem uma interpretação fiel das obras homeopáticas básicas. *A verdadeira prática homeopática está intimamente relacionada ao pensamento e à personalidade de seu fundador*”. (34) (destaque suprido)

O originador da homeopatia, tal como ensinada e praticada hoje, é indiscutivelmente Christian Frederico Samuel Hahnemann, nascido aos 10 de abril em 1755, na cidade (hoje alemã) de Meissen. Filho de um pintor de porcelanas, é bom aluno e tem a oportunidade de estudar medicina em Leipzig, Viena e Erlangen, onde se gradua aos 10 de agosto de 1779. Antes de graduar-se, trabalha durante quase dois anos com o Barão Frukenthal, governador da Transilvânia, cuja imensa biblioteca representa enorme campo de estudos para Hahnemann. E, por certo, também para o lado pior de sua herança:

“Em 1774, Samuel Hahnemann, aos 19 anos e sem dinheiro, deixou o lar, em Meissen, dirigindo-se para a Universidade de Leipzig, a fim de estudar medicina. Embora tentasse arranjar dinheiro como tradutor, enfrentou severas dificuldades. À beira da inanição, foi apresentado ao opulento barão da Transilvânia, Samuel Brukenthal, o chefe da Loja Maçônica de Magdeburg. [Três dias depois] Hahnemann foi iniciado na Loja de Hermannstadt, Transilvânia, em outubro de 1777. Logo veio a estimar os ‘ensinadores de mistérios’ itinerantes que doutrinavam as Lojas acerca de assuntos como alquimia e espiritismo”. (35)

Outro autor, Richard Haehl, aponta o profundo envolvimento de Hahnemann com a Loja: “Ele avançou para além [do vitalismo e do naturalismo de Schelling e Hegel], rumo ao espiritismo, vindo a desembocar por algum tempo no ocultismo”. (36) (Destaques por mim supridos.)

Em *Life and Letters of Samuel Hahnemann*, Thomas Bradford oferece uma “prestação de contas” muito menos reservada do tempo que Hahnemann gastou a serviço de Herr Brukenthal: “Foi nestes calmos dias de estudo que Hahnemann adquiriu extenso e diversificado conhecimento da literatura antiga e das ciências ocultas, nas quais ele posteriormente demonstrou ser um mestre”. (37) (destaques supridos)

Casa-se, chega a ter onze filhos, mas sua história familiar é trágica: de seus três filhos homens, um faleceu logo após o nascimento e outro, mentalmente enfermo, certo dia simplesmente desapareceu. De suas oito filhas, uma faleceu quando do nascimento, outra à idade de 30 anos, três outras se divorciaram (uma sorte trágica para a mulher daqueles dias) e outras duas foram assassinadas, de sorte que em 1833 lhe restam apenas duas: Carlota, nascida em 1805, e Luísa, nascida em 1806. Aos 72 anos Hahnemann se torna viúvo, tornando a casar aos 80 anos, com a parisiense Melanie.

Sua prática médica em Leipzig foi um fracasso. Rebelar-se contra o sistema de “cura” então vigente, diante do qual conclui que aos pacientes se está causando mais danos que benefícios. É exímio literato, o que lhe permite converter ao alemão obras médicas escritas em vários idiomas. Abandona a prática médica por vários anos e muda-se para Dresden em 1784, onde se torna tradutor oficial de textos médicos e científicos para a Sociedade Econômica de Dresden. Entre 1777 e 1805, traduziu para o alemão mais de 20 grandes textos, a partir do italiano, do latim, do inglês e do francês. Possuía igualmente bons conhecimentos de grego e hebraico. (38)

Mas os proventos são parcos, e a família vive em extrema pobreza. Foi durante este período em Leipzig que ele tomou contato com a obra do médico escocês Cullen, pela qual se sentiu atraído. Passou a testar em si mesmo os efeitos da quinina, um medicamento para a malária, segundo Cullen. Percebeu que a quinina produziu em sua pessoa os mesmos sintomas dos pacientes portadores de malária.

Após esta descoberta, intensificou os testes com outras substâncias e eventualmente propôs a lei: “*Similia similibus curantur*”, “semelhante cura semelhante”, sobre a qual já discorreremos bastante. O que ele provavelmente não soubesse, é que apresentava alergia à quinina. (39) De suas experiências e, sobretudo, da conclusão cientificamente equivocada de que “semelhante cura semelhante”, nasceu em 1810 a mais importante obra da homeopatia, o *Organon da Arte de Curar*. Antes de falecer, deixou preparada a sexta edição do livro (impressa após sua morte), que hoje continua sendo o referencial homeopático. (40)

Melanie, a segunda esposa, havia sofrido de tuberculose antes de conhecer Hahnemann. Ele a trata e ela se restabelece em poucas semanas. Ela lhe propõe casamento e mudança para Paris, o que ocorre. Desta maneira a doutrina homeopática foi difundida na “capital da Europa”. O trabalho em Paris é intenso e Hahnemann passa os últimos anos de sua vida em relativa abundância e conforto. Em 1º de julho de 1843, Hahnemann sente-se muito enfermo, chama Melanie e lhe diz: “Deixo a vocês a doutrina homeopática, sobretudo a ti, Melanie, minha filha espiritual, que a tiraste da obscuridade e a transplantaste para a verdadeira terra onde poderia desenvolver-se. Deves defendê-la contra todos os ataques e fazer com que

ela frutifique depois de minha morte”. (41) Aparentemente, Melanie cumpriu de modo fiel o encargo que lhe foi atribuído pelo esposo moribundo.

O sepultamento de Hahnemann ocorreu em Paris, no cemitério de Père Lachaise, onde em 1900 foi erigido um monumento à sua memória.

## 5.6 - A Onipresente Energia Vital

O capítulo anterior mostrou como o vitalismo – energia ou força vital – se revela de modo onipresente em quase todas as propostas terapêuticas alternativas. Não é diferente com a homeopatia, onde a cada passo se “respira” energia vital. Além da milenar herança em termos do vitalismo clássico, algumas crenças particulares presentes no pensamento das pessoas, nos dias de Hahnemann, reforçaram nele esta “idéia fixa” da força vital:

“Durante os dias de Hahnemann assumia-se que os compostos químicos criados pelos corpos vivos eram diferentes dos compostos inorgânicos, no sentido de que uma especial *Vis Vitalis*, a Força Vital, era necessária para a sua formação. Mais tarde se constatou que os compostos orgânicos podiam ser artificialmente criados. . . o que em primeiro lugar ocorreu com a uréia. . . Nenhuma especial *Vis Vitalis* foi encontrada ou mensurada pelos instrumentos, tampouco é ela necessária para os processos citados acima. . . Entretanto, a *Vis Vitalis* ainda vive na homeopatia”. (42)

Um homeopata britânico explanou assim o vitalismo de Hahnemann: “Hahnemann . . . é um adepto da química de seus dias . . . Mas ainda assim ele conserva a convicção de que uma entidade vital imaterial anima nosso organismo até à morte, quando as forças puramente químicas prevalecem e a decompõem. . . . Esta entidade vital, que ele caracteriza como imaterial, como um espírito [*spirit-like*], e que mantém com saúde a harmoniosa integridade do organismo, na verdade constitui a integridade do organismo e pode ser influenciada por causas dinâmicas. Quanto Hahnemann procurou clarificar a idéia! Ele chama a atenção para fenômenos como influências magnéticas, a lua e as marés, doenças infecciosas e, talvez mais importante, a influência das emoções e impulsos da vontade sobre o organismo”. (43)

De fato, ali está a energia vital permeando todas as páginas do *Organon*, sendo aqui apresentados apenas breves exemplos: “Estes esforços de expulsão de uma matéria morbífica, capaz de gerar e manter as enfermidades [que era o enfoque da medicina clássica], deveriam ser consideradas ridículas, pois o organismo vivo se encontra sob a dependência de um princípio vital imaterial, e a enfermidade nada mais é que o desacerto dinâmico desta potência em relação a seus atos e suas sensações.... *Não existe nenhuma que reconheça por causa um princípio material, ao contrário, todas elas são sempre e unicamente o resultado especial de uma alteração virtual e dinâmica da saúde*”. (44) (O destaque pertence ao original.)

“No estado de saúde, a força vital (autocrática) que dinamicamente anima o corpo material (organismo), governa com poder ilimitado e conserva todas as partes do organismo em admirável e harmoniosa operação vital . . . de modo que o *espírito dotado de razão*, que em nós reside, pode empregar livremente estes instrumentos vivos e saudáveis para os mais elevados fins de nossa existência”. (45) (destaque suprido)

“O organismo material, sem a força vital, é incapaz de sentir, de agir, de conservar-se a si mesmo; todas as sensações nascem e todas as funções vitais se realizam por intermédio do ser imaterial (o princípio vital) que o anima, tanto no estado de saúde como no de enfermidade”. (46)

Referindo-se às modernas tentativas “científicas” de fotografar a aura (corpo energético), realizadas pelo casal Kyrlian através da fotografia que lhes leva o nome, e de outros cientistas soviéticos que posteriormente se envolveram com semelhante projeto, diz um autor homeopata:

“As concepções sobre o Corpo Bioplásmico estão de pleno acordo com a definição mais genérica de Vitalismo, que diz: ‘Os seres vivos possuem uma força particular em si mesmos, a Força Vital, irreduzível à físico-química, e que dá origem aos fenômenos vitais’ [exatamente o mesmo pensamento de Hahnemann, acima exposto] . . . Afirmo sem vacilar: o trabalho dos Kyrlian reabilitou o Vitalismo perante a ciência, relegando a um segundo plano de importância as estruturas biológicas, anteriormente consideradas a sede e causa da própria Vida. Os soviéticos apenas ‘vestiram’ o Vitalismo com ‘uma nova roupagem’ teórica, experimental e léxica, mais adequada a um novo tempo da humanidade”. (47)

Só para reforçar: qual a origem e a pretensa finalidade destes conceitos? O mesmo autor responde: “O ser humano vive num permanente processo ou estado de interação cósmica, agindo e reagindo dentro do sistema binário Homem/Universo. Este é um conceito místico, a meta de todo e qualquer desenvolvimento espiritual”. (48) (destaque suprido) [A propósito, recapitule em 3.5 o significado do termo *espiritual* para um espiritualista.]

Uma forte razão para esta onipresença da energia vital é expressa por este autor: “O vitalismo apela aos devotos das assim-chamadas práticas médicas ‘holísticas’ ou da ‘Nova Era’, os quais preferem uma visão metafísica dos processos vitais, e rapidamente aceitam a homeopatia a despeito de suas deficiências científicas”. (49)

## 5.7 - Unicidade do Autor e Sua Obra

Provavelmente nenhum outro autor, em qualquer época da Humanidade, tenha chegado a se confundir tão completamente com sua obra, quanto Hahnemann e a Homeopatia. Homeopatia é sinônimo de Hahnemann, Hahnemann é sinônimo de Homeopatia. Isso tem sido expresso pelos adeptos e pelos críticos do autor e sua obra. Com certa frequência, portanto, tomarei a liberdade de substituir a obra pelo autor, e vice-versa.

Embora esteja reservada para uma seção futura (5.16) a análise da homeopatia como culto, desde já devo destacar a extrema importância que os homeopatas atribuem à obra de Hahnemann, especialmente o *Organon da Arte de Curar*, que resume toda a sua filosofia. Certamente seguem até hoje o conselho do mestre, que diz expressamente no prólogo de sua obra referencial:

“Este trabalho [exposto no *Organon*], cujo objetivo final é restabelecer a saúde dos enfermos em pouco tempo, sem inconvenientes e de forma completa, parece fácil, porém é penoso e exige muitas meditações”. (50) (destaque suprido)

Assim tem sido feito pelos adeptos, uma vez que “homeopatia é aquilo que Hahnemann disse que era”. (51) “Para seus adeptos, Hahnemann é o gênio único na história registrada da medicina”. (52)

“Porventura Hahnemann representa, ele próprio, a homeopatia tal qual é hoje? Certamente ele é o melhor da mesma, depois de havê-la criado e devotado sua vida a ela por mais de meio século. Ele é citado como o grande médico daquele tempo na maioria – se não em todas – as obras homeopáticas. Se ele não é a autoridade em suas próprias doutrinas, quem o é?” (53)

Bem, nesta total identificação do autor com sua obra, um aspecto não pode passar despercebido. Ele ficou explícito no Congresso Internacional de Homeopatia realizado em Montreux, em 1960, ocasião em que foi celebrado o 150º. aniversário do *Organon*. O Dr. Pfister, organizador do evento, resumiu a importância deste tratado em termos inconfundíveis: “O *Organon* é para o homeopata o que a Bíblia é para o cristão. A homeopatia precisa considerar o *Organon* como o fundamento e base de sua terapia”. “Os discípulos de Hahnemann são estimulados a *meditar* sobre este livro [segundo insistiu o próprio Hahnemann], parágrafo por parágrafo, de modo a captar o seu *espírito*”. (54) (destaques do original)

Outro autor homeopata esclarece melhor por que “meditar” sobre a obra de Hahnemann: “Vocês precisam penetrar o espírito deste notável livro; precisam refletir e meditar sobre tudo o que ele contém, e quanto mais o estudarem, mais proveito dele obterão”. Ainda no Congresso acima citado, o presidente da liga internacional de homeopatia [Dr. Gagliardi, de Roma] afirmou: “É fútil rejeitar este ou aquele princípio enunciado no *Organon*. Ali permanece mais que o suficiente para se reconhecer a insondável intuição e o espírito *divinatório* de seu autor”. (55) (destaque do original)

## 5.8 - Características da Personalidade e da História de Hahnemann e Sua Influência Sobre a Elaboração da Doutrina Homeopática

A história pessoal de Hahnemann é rica em informações que ajudam a compreender o fundamento e o significado de sua obra. Além dos dados biográficos já apresentados, considere por bem analisar estas influências sob vários tópicos, embora por vezes exista alguma sobreposição.

5.8.01 - Base Não-cristã e Espiritualista de Hahnemann. Embora nascido numa família cristã (luterana), ainda bastante cedo na vida Hahnemann passou a beber de fontes que não apenas NÃO ERAM cristãs, como ainda decididamente se opunham ao cristianismo. Eis um interessante depoimento, provido por Haehl, possivelmente seu maior biógrafo:

“Desde seus dias escolares ele seguiu Descartes, Spinoza e Leibnitz (cujos sistemas dominavam as escolas da época), e então avançou para o vitalismo e o naturalismo de Schelling e Hegel. Avançou para além destes para o espiritualismo e por algum tempo perdeu-se no ocultismo. . . . O essencialmente material teve de ceder mais e mais terreno e o puramente espiritual (dinâmico) veio mais e mais para a linha de frente. Daí termos, no final de sua vida, um Hahnemann abertamente voltado para o mesmerismo.... Tal qual muitos de seus contemporâneos, Hahnemann era deísta.... Livre de todo senso restritivo de uma obrigação formal – vínculo que sempre ocorre na filiação a uma igreja – a crença de Hahnemann num Deus que permeia todas as criaturas, todo-beneficente, todo-abrangente, onipresente, constituiu o impulso de todas as suas ações e a mais profunda fonte de sua filantropia”. (56)

Não apenas deísta, mas certamente aqui aparece retratado um Hahnemann notavelmente panteísta, crendo num deus que permeia todas as coisas – um conceito visceralmente anti-cristão. E o mesmo competente biógrafo de Hahnemann, também entusiasta da homeopatia, ajuda-nos, através de um determinado e específico vislumbre, a começar a entender um dos principais aspectos da formulação homeopática, o das pequenas doses:

“Esta concepção do Ser Supremo e da tarefa a ele (Hahnemann) atribuída, manteve a mais íntima relação com suas leis de reforma da medicina.... O próprio Deus não era visível, não podia ser medido e nem percebido pelos sentidos, mas Ele era sempre-existente, todo-poderoso, permeava todas as coisas, transfundia cada criatura. Esta convicção fortaleceu [em Hahnemann] a idéia da eficácia das pequenas e extremamente pequenas doses, em altas e extremamente altas diluições, tais que não podem ser percebidas pelos sentidos e nem determinadas pela ciência”. (57)

OU SEJA – pasme o leitor! – Hahnemann viu na sua formulação homeopática – não mensurável, infinitamente “escondida”, mas onipresente, segundo cria - o próprio deus, o seu deus panteísta, e por esta razão muitas vezes atribuiu diretamente a “deus” a inspiração recebida para o desenvolvimento da homeopatia! Tão convicto da divindade de suas formulações, que chegou a “soluções” verdadeiramente esdrúxulas, ainda segundo Haehl:

“Nas décadas finais de sua vida [foi nestas décadas finais que ele produziu a versão final do *Organon*], tornou-se um místico devoto em termos religiosos... permitindo que seus pacientes cheirassem medicamentos altamente diluídos e coisas do tipo”. (58)

Mesmo autores liberais, defensores das curas energéticas e entusiastas da homeopatia, reconhecem o fato de que Hahnemann – como tantos outros proponentes de “terapias alternativas” – se inspirou em fontes não-cristãs: “É fato que os alguns descobridores de terapias alternativas mantinham comprometimento com crenças não cristãs, tais como D. D. Palmer, o descobridor da quiropraxia, e Samuel Hahnemann, o descobridor da homeopatia”. (59)

Necessariamente a formulação da homeopatia partiu de uma visão própria de Hahnemann no tocante à natureza do homem – e, uma vez mais, esta visão de nossa natureza nada teve a ver com o cristianismo ou com a Bíblia, com a visão do ser que analisamos no Capítulo Dois. Esteve baseada, e totalmente, na visão espiritualista, descrita no Capítulo Três:

“Hahnemann formulou toda uma doutrina explanando suas leis. Em primeiro lugar, ele considerou o homem como um ser tripartite:

- A. Vontade e pensamento (o homem interior).
- B. Energia vital, ou substância espiritual, ou essência imaterial (o corpo etérico dos antroposofistas, o deus Prana dos hinduístas).
- C. O corpo material”. (60)

O Dr. H. Unger, adepto da homeopatia, provê uma clara visão da “personalidade espiritual” de Hahnemann: “Tal qual Goethe, Hahnemann incorpora as duas correntes do gênero (estilo) germânico clássico, o idealismo panteísta da natureza e o idealismo racional da maçonaria”. (61) Torna-se fácil, pois, compreender a relação existente entre os herdeiros espirituais de Goethe – os antroposofistas – e os herdeiros espirituais de Hahnemann – os homeopatas. Ambos apresentam uma visão transcendental semelhante.

Em virtude destas e outras influências, pode-se entender por que Hahnemann, sobretudo em seus anos mais avançados, chegou a ser definido por seus adeptos como possuidor de um *espírito divinatório* (veja a referência 55, em 5.7). *Divinatório* refere-se à capacidade de *exercer adivinhação*, prática definida na Bíblia como abominável a Deus (reporte-se a 1.4, referência 3).

5.8.02 - Hahnemann e Maçonaria. Antes de apresentar os sólidos e vitalícios vínculos de Hahnemann com a maçonaria – e desejo fazê-lo com muito mais documentação do que apenas o que já foi citado na seção anterior - creio ser de bom alvitre examinar a origem desta sociedade secreta, ainda hoje detentora de enorme influência na sociedade. Valho-me de uma citação de Thomas Paine, conhecido autor espiritualista, na qual ele, além de identificar de modo inequivocamente claro as raízes da maçonaria, apresenta uma das muitas blasfêmias encontradas em seus escritos anti-cristãos:

“Para chegar, pois, de uma vez ao ponto, a Maçonaria... deriva (e representa o remanescente) da religião dos Druidas; estes, tais como os magos da Pérsia e os sacerdotes de Heliópolis, no Egito, eram Sacerdotes do Sol. Prestavam adoração ao grande luminar, como sendo o grande agente visível de uma grande e invisível causa primeira, por eles intitulada ‘tempo sem limites’.... A religião cristã e a Maçonaria possuem uma única origem comum: ambas derivam da adoração ao Sol. A diferença entre suas origens é que a religião cristã constitui uma paródia da adoração do Sol, na qual eles colocaram um homem, a quem chamam de Cristo, no lugar do sol, e lhe dedicam a mesma adoração que era originalmente prestada ao Sol”. (62) (destaques supridos)

Esta é a maçonaria, e este é seu blasfemo conceito acerca do precioso Salvador, Jesus Cristo, o imaculado Filho de Deus! Pois foi neste “berço filosófico e espiritual” que Hahnemann repousou desde cedo na vida, nele permanecendo durante toda a sua existência. Não é de admirar que, havendo-se assentado, ainda jovem, sobre tão espúrio fundamento, tenha Hahnemann produzido o que produziu, conforme será revelado nos passos subseqüentes do presente capítulo. E que o levou a se tornar um dos mais notórios – talvez o mais decidido – dentre os anticristos do meio médico, conforme examinaremos em 5.20! Haehl, um de seus principais biógrafos, salienta corretamente esta influência:

“A idade incomumente precoce com a qual [Hahnemann] ingressou na Maçonaria, obviamente exerceu efeitos sobre seus pontos de vista filosóficos e religiosos. . . . Muitas de suas cartas e muitos trechos de seus escritos apresentam tipicamente formas maçônicas de pensar e linguajar maçônico”. (63) [O autor cita vários exemplos, inclusive do *Organon*.]

Hahnemann foi introduzido à maçonaria pelo ilustre Barão Samuel von Brukenthal, governador da Transilvânia, que era o chefe da Loja Maçônica de Magdeburg. Três dias depois de conhecer Hahnemann, o barão, que empregara Hahnemann para tomar conta de sua imensa biblioteca, iniciou o pupilo na Loja Maçônica de Hermannstadt. O ano era 1777, e Hahnemann contava com apenas 22 anos de idade. Logo veio a estimar profundamente os itinerantes “ensinadores de mistérios” que visitavam as Lojas e doutrinavam seus membros em assuntos como alquimia e espiritismo (veja referência 35 deste capítulo). Permaneceu maçom por toda a vida. Mais que isto, Haehl destaca que ele “foi membro ativo das lojas maçônicas de todas as cidades em que morou . . . havendo sempre sido um ‘bom maçom’”. (64)

Conforme vimos na seção 5.5, foi na biblioteca do Barão von Brukenthal, onde permaneceu aproximadamente dois anos, que Hahnemann inicialmente adquiriu extenso e diversificado conhecimento da literatura antiga e das ciências ocultas, nas quais veio posteriormente a tornar-se um mestre (veja referência 37 deste capítulo). A biblioteca possuía grande acervo de obras de Paracelso, filósofos gregos e ocultismo. (65, 66, 67, 68, 69)

A influência maçônica sobre a obra de Hahnemann é tão evidente, que a página de frontispício do *Organon*, em sua sexta edição alemã, traz impresso o lema: “Aude sapere” [ouse saber], que é pura e simplesmente o lema da maçonaria! (70)

5.8.03 - Hahnemann e Filósofos Gregos. Havendo-se desiludido (não sem razão) com a velha prática médica de seus dias, Hahnemann incorporou a visão dos antigos filósofos-curadores gregos à sua nova prática. “A filosofia de cura dos gregos antigos baseava-se na idéia central da ‘dynamis’, a invisível força vital que vivifica as pessoas, preserva e restaura sua saúde, e que representa a fonte de sua vitalidade. Os gregos consideravam a doença como expressão da força vital fora de sintonia, perturbada por nutrição deficiente, condições de vida insalubres, fardos emocionais pesados, fraquezas herdadas e supressão ou uso excessivo de partes da vida (alimento, sexo, etc.). Assim, a solução grega para a restauração da saúde era o fortalecimento da energia vital”. (71)

Esta visão era amplamente compartilhada por outras culturas antigas, e foi transportada de antigos praticantes médicos para os dias de Hahnemann. Conforme destaca Morrell, “a medicina em suas mais antigas formas sempre era integrada, pois se achava enraizada numa matriz social e religiosa de povos culturalmente definidos... [como] a antiga medicina chinesa, a medicina Ayurvédica hinduísta, e a medicina grega antiga. ... Possuía um definido sistema de crenças. ... O que Mesmer chamou magnetismo, é muito semelhante [idêntico, na verdade] à força vital de Hahnemann, à energia Qi dos estudiosos do confucionismo e à ‘vis medicatrix naturae’ de Paracelso: um ‘élan vital’”. (72)

5.8.04 - Hahnemann e Paracelso. É chegado o momento de falar um pouco mais de Paracelso, o grande médico-místico do final da Idade Média, a quem já encontramos em 4.4.1. Observe esta narração,

um tanto enigmática, que parece constituir uma referência ao Livro Sagrado do cristianismo, a Bíblia – MAS, definitivamente, não o é!

“Se eu tenho *manna* em minha constituição, posso atrair *manna* do Céu’. O *manna* do qual se fala aqui não especifica qualquer coisa em particular, antes permite aplicação universal, e pode ser utilizado como uma quantidade desconhecida, tal como x, y e z em matemática. Entretanto, desde os dias de Paracelso, os místicos semi-iniciados ou os ocultistas de corpo inteiro esforçaram-se por descobrir o que este *manna* realmente representava. Alguns, os mais espirituais, eram de opinião que representava um poder espiritual, ou pureza de espírito; outros imaginavam que fossem qualificações magnéticas especiais, similares em natureza aos assim chamados dons do espiritualismo moderno. O desvendamento da verdade é único, e consiste em algo simples, que corretamente exposto, será algo assim: ‘Eu sou o microcosmo, e todo o universo visível e invisível habita em mim, de modo que, quanto a qualquer poder que eu tenha em minha constituição, posso atrair o seu correspondente do Céu’. Paracelso deve ter sorrido para si próprio quando escreveu: ‘Se eu tenho *manna*’, etc., pois todos os seus escritos objetivaram provar que o homem é uma miniatura da Divindade. (destaque suprido)

“Este sublime Livro da Sabedoria foi escrito pelo próprio Deus. . . Não podemos ver o Divino Espírito ao qual chamamos Deus. Não; mas enquanto a forma finita existir como tal, teremos as manifestações do espírito das quais poderemos aprender. Nunca será o Livro de Deus fechado à investigação do olho da alma. Sempre serão apresentadas à sua visão as lições para estudo, e experimentos práticos serão realizados, a fim de conduzir a alma a mistérios mais profundos. Até que o homem compreenda seu próprio universo, não conseguirá compreender a Deus. ‘Conhece-te a ti mesmo’ é tão aplicável hoje como quando esta frase mística e imortal foi escrita no pórtico do templo de Delfos”. (73)

Este fragmento do pensamento de Paracelso, reproduzido por outro autor, ilustra a sua visão espiritualista do homem, miniatura que é, segundo ele, de Deus. Conhecer a si mesmo é o passo para conhecer a Deus, de acordo com o grande místico.

“É Paracelso quem pela primeira vez (em ‘De Peste’) dá corpo à doutrina [do hipnotismo] através da hipótese de um fluído emanando das estrelas e colocando os seres vivos em comunicação, assim como provendo o poder de atração que capacita as pessoas saudáveis a atrair a si os enfermos. . . Ele chamou esta força de *magnale*. Este é o constituinte original e fundamental do ‘magnetismo’. A doutrina de Paracelso foi posteriormente retomada e desenvolvida por vários autores, [entre os quais] Hahnemann”. (74)

Martin Gumpert revela que Hahnemann estudou – e se deliciava com – os ensinamentos deste filósofo-médico-ocultista suíço. Paracelso desenvolvera uma filosofia médica que combinava os ensinamentos esotéricos ocultistas da Kabala com os fatos e fantasias da ciência. Sem qualquer dúvida, sua “filosofia médica” era orientada para o oculto. Os ensinamentos de Paracelso estimularam o pensamento de Hahnemann, fazendo-o desenvolver algumas de suas doutrinas com base nos ensinamentos ocultos daquele. Hahnemann sentia-se atraído às idéias do oculto como se fossem um ímã, e além da influência de Paracelso neste sentido, muito clara foi também a influência de Mesmer sobre o fundador da homeopatia (75), o que examinaremos melhor em 5.8.07. A influência de Paracelso foi tamanha, que alguns autores chegam a identificar a homeopatia como o “paracelsianismo modificado” por Hahnemann. (76)

O Dr. John Clarke, fervoroso homeopata, apreciava muito Paracelso e Hahnemann, percebendo muitos paralelos entre ambos. Estabeleceu a comparação entre o princípio “*similia similibus curantur*” de Hahnemann e a lei das assinaturas de Paracelso. Do que Clarke diz em seu livro, torna-se absolutamente claro que ele percebia pouquíssima diferença entre as duas “leis”. (77)

É assim que Morrell, o historiador britânico da homeopatia dos dias atuais, sintetiza a relação entre os dois médicos-místicos: “[O trabalho de Paracelso] pode ser realisticamente visto como uma ‘preparação para



Hahnemann', a limpeza de entulhos, o nivelamento do terreno e a construção dos alicerces da homeopatia. ... Paracelso pode ser considerado o mais 'homeopata' dos predecessores de Hahnemann, uma vez que foi o mais famoso médico antes de Hahnemann a fazer uso clínico extensivo da lei dos similares. ... É provavelmente verdade que Hahnemann executou a mágica de extrair a 'pomba branca' da homeopatia do 'chapéu preto' da medicina de Paracelso". (78)

A linguagem desta última frase é muito reveladora: mágica! Ainda assim, a despeito da extensa similaridade de idéias, das bases idênticas de seus trabalhos e do inevitável convívio com as obras de Paracelso que desenvolveu enquanto bibliotecário do Barão von Brukenthal, Hahnemann jamais citou Paracelso, e ao ser diretamente abordado sobre a questão, jurou nunca ter ouvido falar do mesmo! Mas este fato chocante será abordado na seção que analisará a "honestidade" intelectual de Hahnemann (5.8.15).

5.8.05 - Hahnemann, Monismo e Medicina Tibetana. A similaridade entre as idéias de Hahnemann e as da medicina do Tibete – profusamente espiritualista e monista em sua concepção, tanto quanto a medicina Ayurvédica hinduísta ou a medicina chinesa – não passou despercebida aos estudiosos favoráveis à homeopatia. Compreende-se tal vínculo ao ler uma breve descrição sobre os preparados medicinais tibetanos:

"Também se adiciona aos medicamentos uma pequena quantidade de preparados feitos e consagrados por famosos e históricos santos e sábios. Estes são acrescentados como uma espécie de fermento espiritual. Acredita-se que as energias sutis psíquicas e espirituais destes sábios permeiam o novo lote de medicamentos, abençoando-os e dando-lhes poder. Assim, mesmo os medicamentos possuem linhagens, ou seja, o *pedigree* dos ingredientes contidos. . . É aí que se encontra a bênção do santo ou sábio, que se acredita ser o agente benéfico, e não necessariamente os ingredientes medicinais dos compostos. . . Os medicamentos são preparados através de um longo processo, no qual rituais espirituais desempenham papel importante". (79)

Não é de surpreender, uma vez que os fundamentos da homeopatia de Hahnemann se assentam sobre o conceito do monismo, que já examinamos em 3.4.3. De que forma isto ocorre? Simplesmente assim (o que confirma o que dissemos em 5.2, sobre a base ocultista da lei dos similares):

"A lei dos similares de Hahnemann utilizou o primitivo conceito do monismo, de que 'a natureza é um todo unitário e orgânico, sem partes independentes' (Webster), com princípios inerentes: semelhante é semelhante, semelhante faz semelhante, semelhante cura semelhante. O monismo constitui a base para muitas práticas antigas (por exemplo, comer o coração do leão a fim de adquirir coragem), e sustenta que se um objeto se assemelha a outro, eles são idênticos em essência (semelhante é semelhante); dá suporte à idolatria, onde esculpir um deus realmente produz um deus (semelhante faz semelhante); e dá apoio a práticas médicas folclóricas, como a crença de que um objeto semelhante a uma cobra seja bom para picada de cobra, em virtude de serem parecidos (semelhante cura semelhante). Paracelso já expressara o mesmo 'princípio' com a doutrina das assinaturas, que declarava que as plantas curariam partes anatômicas parecidas com elas". (80)

5.8.06 - Hahnemann, Astrologia, Ocultismo e Magia. Uma breve descrição da astrologia nos convencerá dos profundos vínculos de Hahnemann e sua homeopatia com esta pseudo-ciência: "A Astrologia, a Ciência das Estrelas, em uníssono com a Ciência da Alma, era, e ainda é, o sublime centro da verdadeira aprendizagem. Constituía a sagrada fonte das águas vivas, de cujas plácidas profundezas irradiavam as divinas revelações do homem. . . . Sob cuidadosa conservação de uma longa linhagem de talentosos videntes, ela irradiou para os filhos dos homens, tal qual a sagrada luz hermética da sabedoria astro-maçônica do antigo sacerdócio egípcio.

“Antes que este maravilhoso e *divinamente* [sic!] elaborado – mas complexo – sistema possa ser plenamente compreendido, é necessário que o estudante compreenda mui distintamente os dois estados da existência, o interno e o externo, e se familiarize com as leis dos correspondentes. Parece estranho que, dentre todas as Ciências, a medicina é que tenha falhado tão completamente em captar esta verdade viva. . . . Quando o organismo humano se torna discordante em alguma de suas partes, assim ocorre porque as vibrações interestelares despertaram vários estados dentro do reino humano para um estado de rebelião contra a suprema vontade. A ignorância do homem favorece estes movimentos sediciosos. . . . O resultado final é a enfermidade – a desorganização das partes e funções, e aqueles medicamentos que correspondem ao mesmo grau funcional da vida dentro do grande homem, curam o distúrbio, quando administrados adequadamente e a tempo, ao passo que, se forem dados a um organismo perfeitamente saudável, os átomos produzem sintomas similares às doenças que eles aliviam. . . . Em todos os casos de doença e medicamentos, trata-se simplesmente de uma questão de guerra entre átomos, e assim as mais potentes forças da natureza são sempre comandadas pelo verdadeiro alquimista. . .

“Hahnemann, o fundador do sistema da homeopatia, foi quem mais se aproximou desta verdade da alquimia e, como conseqüência, vemos que ela ainda está em prática, o mais natural, científico e bem sucedido sistema de medicina [sic!] jamais dado ao mundo; baseado, como o é, sobre a bem conhecida lei das afinidades, ‘similia similibus curantur’, ‘semelhante cura semelhante’, o qual é um antigo axioma da prática astrológica”. (81)(destaques supridos)

Nenhuma surpresa. A mesma linha de raciocínio revela ainda por que alguns “medicamentos” da homeopatia desfrutam de condição privilegiada dentro da “farmacopéia” homeopática: “Isto explica adicionalmente, como se fosse necessário, por que os principais remédios do sistema homeopático são tão rápidos e diretos em suas ações. As quatro principais drogas, que constituem os representantes de suas classes, são o acônito, a beladona, o fósforo e a pulsátilla. Estes representam o quadrante, pois a luz não é melhor ajustada ao olho e nem o som ao ouvido, do que o acônito à circulação, que a beladona ao cérebro, que o fósforo aos pulmões, e que a pulsátilla ao estômago. Ao mesmo tempo, ramificando-se para as sete direções indicadas pelos sete planetas primários, encontramos os estimulantes, os tônicos, os narcóticos, os neurotrópicos, os alterativos, os catárticos e os diuréticos”. (82) (destaques supridos)

“Parece que a homeopatia se baseia fundamentalmente em princípios ‘mágicos’. Uma das leis de Frazier sobre magia primitiva é a lei da simpatia: ‘semelhante afeta semelhante’. . . . A despeito disso, a homeopatia fez grande esforço para assumir um apropriado discurso científico, e talvez pela ‘lei da simpatia’ roube algo da aparentemente mágica força da ciência. . . . Numa sociedade em que o cientificismo é a norma dominante, não é de surpreender que sistemas ‘marginais’ como a homeopatia, procurem imitar a linguagem e a aparência da biomedicina ‘científica’”. (83)

Segundo outro autor, “Samuel Hahnemann tomou os princípios místicos do romantismo primitivo e deu-lhes uma aplicação prática”. (84) Uma aplicação prática, sim, mas uma estranha prática, como bem demonstraram estes autores: “Para ajustar a teoria do ‘semelhante cura semelhante’, Hahnemann voltou-se para os seus rituais maçônicos e ocultistas, de misturar-e-agitar. . . . Os diários de Hahnemann deste período incluem muito do simbolismo da alquimia e da astrologia”. (85)

Aí está, pois, a homeopatia, ao lado de tantas outras “ciências” ocultas, fazendo o possível para esconder suas verdadeiras raízes; hoje, contudo, as mesmas vão sendo desentranhadas, expostas à luz do dia, a despeito de seu esforço por prosseguirem disfarçadas nas trevas de onde provieram. Como salienta este autor: “Práticas curativas ocultas: homeopatia, hipnose, pêndulos, cura magnética, terapia de polaridade, iridologia, acupuntura, uso de cristais e pirâmides. Todas elas pretendem lidar com campos energéticos espirituais. Todas se encontram enraizadas em pontos de vista pagãos/ocultos”. (86)

5.8.07 - Hahnemann e Mesmer. Na *Matéria Medica Pura* Hahnemann descreve seu envolvimento direto com o magnetismo, em relação ao qual realizou muitas experiências e o aplicou ao tratamento de pacientes. (87) É também fato historicamente comprovado que “Hahnemann era praticante do mesmerismo, o que hoje conhecemos como magnetização ou cura energética”. (88) Havendo sido virtualmente contemporâneos, as semelhanças entre Mesmer e Hahnemann e suas práticas são enormes. Conforme destaca Campbell, autor homeopata, “ambos iniciaram como cientistas [*cientistas???*] e então se deslocaram gradualmente rumo a idéias ocultas e metafísicas. . . e é notável a similaridade entre a energia vital de Hahnemann e o magnetismo animal de Mesmer”. (89) Salienta outro autor que “claramente Hahnemann possuía grande interesse pessoal pelo mesmerismo”. (90)

Este “grande interesse pessoal” era realmente grande, e se manifestou de modo prático. Outro autor homeopata revela o ponto com extraordinária clareza: “Hahnemann testemunhou muitas curas pelos magnetos minerais e por estados [de consciência] alterados pelo mesmerismo. Isto o levou a estudar o fenômeno do magnetismo e do mesmerismo e, fato desconhecido a muitos homeopatas, tornou-se um poderoso praticante da arte. . . . Assim, o interesse de Hahnemann pelo mesmerismo foi o de um ativo praticante, e não o de um observador passivo. Ele percebia que esta era uma forma de cura espiritual, um dom de Deus para abençoar a humanidade. . . . Os mesmeristas não apenas trabalhavam através da aura humana a fim de balancear a circulação da energia vital, como ainda induziam estados alterados de consciência”.(91) (destaques supridos, aliás, por demais reveladores!!!)

Prossegue ainda outro autor homeopata moderno: “Portanto Hahnemann conhecia muitas curas mágicas efetuadas por Mesmer e seu tratamento magnético ou mesmérico. . . . Ele realizou muitos experimentos com magnetos . . . e escreveu fortemente a favor de seu uso. Em sua grande obra, *Matéria Medica Pura*, devotou 54 páginas ao tratamento com magnetos e a medicamentos preparados a partir destes. . . Devotou 448 páginas para descrever os sintomas cobertos por medicamentos preparados a partir de três diferentes propriedades do magneto. . . . ou seja, do magneto como um todo, de seu pólo norte e de seu pólo sul”. (92)

E que não fique a impressão de que Hahnemann e seus seguidores utilizaram o mesmerismo/magnetismo durante algum fugaz momento de entusiasmo e depois “esqueceram o assunto”. O mesmo autor moderno salienta que “o Dr. H. C. Allen, grande e renomado homeopata, escreveu muito acerca do magneto e dos medicamentos magnéticos em sua *Matéria Medica of the Nosodes*. . . Hoje sabemos que **TODO OS MEDICAMENTOS HOMEOPÁTICOS SÃO A ENERGIA ELETROMAGNÉTICA DE SUBSTÂNCIAS PARTICULARES**. . . A homeopatia é assim complementar à magnetoterapia, de vez que os remédios homeopáticos não possuem qualquer substância química, e sim a energia dinâmica da substância de onde provêm”. (93) (destaques supridos) Fica inteiramente por conta do autor citado, a afirmação de que os medicamentos homeopáticos são a energia eletromagnética de substâncias particulares. O fato que desejo salientar é que a homeopatia andou e anda de mãos inteiramente dadas com o magnetismo/mesmerismo.

O vínculo filosófico e mesmo “operacional” da homeopatia com o mesmerismo é mais do que claro, conforme destaquei em oportunidade anterior: “Na verdade, a medicação homeopática resultou diretamente da ‘sofisticação’ de algumas das vinte e sete proposições de Mesmer. . . . Por exemplo, a proposição de número 17, que afirma ser possível acumular, concentrar e transportar a ‘virtude magnética’. Isso tornou-se ‘realidade’ com as dinamizações, sucussões, tinturas e glóbulos de Hahnemann, supostamente concentradoras e acumuladoras de ‘energia’, que sob esta forma também se torna ‘transportável’”. (94) Mesmer representou um claro passo preparatório para Hahnemann, um “excelente” precursor deste.

O comprometimento definitivo de Hahnemann com o mesmerismo, com a teoria das auras (veja 3.3.4 e 3.3.5) e com toda a parafernália espiritualista associada, é documentado de modo direto, explícito e irrefutável pelas próprias palavras do “gênio homeopático”, registradas em nada menos que o *Organon*, a *Bíblia* da homeopatia:

“Creio ser necessário falar aqui também do *magnetismo animal*, conforme é chamado, ou melhor, *Mesmerismo* (como deveria chamar-se em consideração a Mesmer, seu fundador) . . . Esta força curativa . . . atua de diferentes maneiras. É um dom maravilhoso e inapreciável concedido por Deus ao gênero humano”. (95) Na nota ao parágrafo seguinte, o de número 289, Hahnemann deixa claro que ele próprio era um magnetizador ou mesmerista. Aliás, seu apreço por esta mixórdia espiritualista era tão grande, que foi ele o cunhador da expressão mesmerismo, como deixa claro o texto ora citado! Até então, a “técnica” era conhecida apenas como *magnetismo animal*.

Para Hahnemann, o mesmerismo era um “dom maravilhoso e inapreciável concedido por Deus ao gênero humano”. Por Deus??? POR DEUS??? Por qual deus? Certamente não o verdadeiro Deus-Criador. Através de Ellen White (veja referência 46, em 4.6), soubemos que “o mesmerismo era de origem diabólica, dos insondáveis abismos”. Portanto, o “deus” de Hahnemann, aquele que o inspirou, é o mesmo “deus” que inspirou Mesmer. Sabemos, sem qualquer sombra de dúvida, de quem se trata. É o deus das auras, dos meridianos, dos corpos etéricos, das “correntes elétricas”! E isto poderá ser examinado ainda mais claramente em 5.20, onde faremos a apreciação final da “inspiração” do mestre da homeopatia.

5.8.08 - Hahnemann e Swedenborg. Destacam vários autores que Hahnemann foi “um seguidor de Emanuel Swedenborg, notável médium do século dezoito” (96), “poderoso médium espiritista”. (97)

Quem foi Swedenborg? Foi um “cientista, astrônomo e engenheiro sueco de reputação internacional que, à idade de 55 anos, tornou-se mediunicamente tão desenvolvido a ponto de conversar largamente com os espíritos envolvidos e de viajar nos reinos dos espíritos. Esta fase de sua vida começou em Londres, em 1745, e prosseguiu até sua morte em 1772. Escreveu e publicou grande número de livros descritivos de suas experiências e expôs a filosofia a ele ensinada por seus espíritos ensinadores. . . Seus escritos provêm muitas informações relativas ao mundo dos espíritos e seus ocupantes, o que foi substancialmente confirmado por revelações posteriores do espiritualismo”. (98)

Alguns traços adicionais de sua biografia e de seus ensinamentos serão reproduzidos a seguir, para o que contamos com o valioso auxílio de uma estudiosa brasileira, já citada antes:

“*Emanuel Swedenborg* nasceu em Estocolmo aos 29 de janeiro de 1688, filho de um pastor luterano e professor de teologia na Universidade *Upsala*. Foi criado numa atmosfera religiosa e teve, simultaneamente, uma educação clássica esmeradíssima. . . O ano de 1745 foi uma reviravolta na vida de *Swedenborg*. Embora seus biógrafos afirmem que, desde criança, ele era dotado de certas características psíquicas peculiares, neste ano teve uma experiência insólita. De acordo com seus biógrafos, preocupados em salientar sua vida mística e espiritual, durante uma de suas inúmeras viagens, *Swedenborg* encontrava-se sozinho e à noite, jantando numa hospedaria, quando, saído das sombras, um tipo estranho e espectral apareceu e dirigiu-lhe a palavra anunciando que havia chegado o momento de uma Nova Revelação de Deus para os homens e que ele, *Swedenborg*, seria o novo mensageiro. Deste período em diante, mergulhou em experiências cotidianas de viagens a outros planos e dimensões espirituais, conversando com espíritos, visitando os mundos do Além, conhecendo o que acontecia após a morte. Depois destas experiências, construiu uma nova doutrina sobre a morte e o destino espiritual dos mortos”. (99)

Foi assim que o próprio Swedenborg relatou suas “experiências”: “Devo, pois, de antemão manifestar que pela divina misericórdia do Senhor, foi-me permitido, desde há muitos anos, estar constantemente em companhia de anjos e espíritos, ouvi-los falar e falar com eles. Deste modo foi-me permitido ver e ouvir

coisas maravilhosas na outra vida, as quais nunca antes chegaram a conhecimento de homem algum, nem nunca passaram pela mente humana. Fui informado a respeito de diferentes classes de espíritos, os estados da alma após a morte; o inferno, ou seja, o estado lamentável dos infiéis; o céu, ou seja, o estado bem-aventurado dos fiéis, e, especialmente, a respeito da doutrina da fé universalmente reconhecida no céu, de cujas coisas, mediante a Divina Misericórdia do Senhor, mais se dirá no que se segue”. (100)

“Segundo *Swedenborg*, o mundo espiritual era formado por esferas diferentes, para onde os espíritos iam de acordo com a luminosidade e a espiritualidade da sua condição no momento da morte”. (101)

Pois bem, Hahnemann não foi apenas um seguidor, antes foi um “ardente seguidor . . . de *Swedenborg*, e este foi seu mentor. . . . O aspecto-chave da doutrina de *Swedenborg* foi o seu método de chegar à verdade: conforme declaração do próprio, o método consistiu numa série de *revelações*, por meio das quais era estabelecida imediata e inquestionável comunicação com o mundo dos espíritos”. (102) Quanto ao significado deste método de busca da “verdade”, fomos sobejamente informados no Capítulo Três.

Outros homeopatas, além de Hahnemann, foram extensamente atraídos às idéias de *Swedenborg*, de tal forma que “os swedenborgianos encontraram na homeopatia exatamente o sistema médico que estavam procurando, ao passo que os homeopatas viram as idéias de *Swedenborg* complementando perfeitamente as idéias de Hahnemann e dando-lhes uma nova profundidade filosófica. Sentiram-se particularmente atraídos pela ênfase swedenborgiana às características mentais e espirituais dos pacientes”. (103)

O médico americano James Tyler Kent (veja 5.9), talvez o mais famoso homeopata depois de Hahnemann, foi também, como o “chefe”, um ardente seguidor de *Swedenborg*. A grande diferença da postura de Kent, em comparação com a de Hahnemann, é que ele sempre assumiu abertamente seu espiritualismo, que o mestre tentou deliberada - mas inutilmente - ocultar. Foi assim que Kent reconheceu sua dependência intelectual e espiritual, ao mesmo tempo revelando a total identidade entre Hahnemann e *Swedenborg*: “Todos os meus ensinamentos acham-se alicerçados nos de Hahnemann e de *Swedenborg*; *os ensinamentos destes se correspondem perfeitamente*”. (104) (ênfase suprida)

Não admira, pois, que Kent tenha compreendido – e assumido abertamente, o que Hahnemann se negou a fazer - o verdadeiro alcance da filosofia espiritualista sobre a homeopatia, a ponto de asseverar que, “para ser um bom homeopata, em primeiro lugar o indivíduo precisa ser um bom swedenborgiano!” (105)

5.8.09 - Hahnemann e Esoterismo. Segundo Aurélio, esoterismo é a designação que abrange um complexo conjunto de doutrinas práticas e ensinamentos de teor religioso e espiritualista, em que se confundem influências de religiões orientais e ciências ocultas, associadas a técnicas terapêuticas, e que, supostamente, mobilizam energias não integrantes da ciência e que visam a iniciar o indivíduo nos caminhos do autoconhecimento, da paz espiritual, da sabedoria, da saúde, da imortalidade, etc.(106)

Daquilo que até aqui examinamos da vida e obra de Hahnemann, não resta qualquer dúvida de que ele preencheu por completo os critérios para ser considerado como esotérico. É melhor, entretanto, que tal confirmação seja dada por seus biógrafos e simpatizantes, e não por mim. Morrell, já citado, salienta, ao falar das várias “forças” que impulsionaram Hahnemann na formulação da homeopatia, que “a segunda força foi a tradição esotérica da medicina arcana [oculta] e do misticismo, parte dos quais ele indubitavelmente obteve em seus estudos em Hermannstadt no período de 1777-1779, com o Barão von Brukenthal”. (107) “Em 1777 ele catalogou cuidadosamente a imensa biblioteca e os manuscritos raros do Barão von Brukenthal. Foi durante estes calmos dias, dedicados ao estudo, na reservada biblioteca. . . que ele adquiriu aquele *extenso e diversificado conhecimento das. . . ciências ocultas, nas quais posteriormente se demonstrou um mestre*”. (108) (destaques supridos)

O Dr. Michael Neagu discute o significado do cargo assumido por Hahnemann como bibliotecário do Barão von Brukenthal, entre cujas obras se encontrava “Medicina Spagyrica Tripartita”, escrita em 1648 por Jean Rhumelius, e que é descrita por Neagu como “*uma obra esotérica fundamental, baseada no princípio do ‘similia similibus curantur’*”. (109) Poderia restar alguma dúvida quanto ao esoterismo de Hahnemann?

Morrel concluiu que este é um aspecto muitas vezes esquecido, e ainda assim tão importante, em termos das influências que moldaram Hahnemann. O que este autor, inteiramente favorável a Hahnemann, estranha – com justificada razão – é que, “ele simplesmente conhecia todas estas coisas, apesar de jamais havê-las mencionado”. (110) Voltaremos a esta questão – por ora pendente – em 5.8.15.

5.8.10 - Hahnemann e Teosofia. Embora a Sociedade Teosófica tenha sido organizada pouco depois da morte de Hahnemann, os vínculos filosóficos desta com o pensamento Hahnemanniano, na área de saúde, são claros, incontestáveis. É Hahnemann “apoiando” o desenvolvimento de novas “escolas”, produzindo seus “frutos”.

A Teosofia auto-define-se como a Verdade Primitiva Única ensinada à humanidade na infância de suas raças por todos os Primeiros Mensageiros – os Espíritos Planetários cujas lembranças trazem à mente homens como Elu (dos caldeus), Osíris (dos egípcios), Vishnu e os primeiros Budas. . . Esta Sabedoria Antiga foi preservada pelos eleitos da humanidade literalmente desde o nascimento desta sobre o planeta e reafirmada ao mundo ocidental por Helena P. Blavatski (HPB). Foi ela quem fundou a Sociedade Teosófica. . . A Teosofia é a Doutrina Esotérica, a real verdade acerca do homem e do universo. (111)

Em 1851, HPB encontrou seu “Mestre” em Londres, o qual a apresentou ao espiritualismo oriental. Ao longo dos próximos 23 anos ela viajou pelo mundo para estudar com os gurus e xamãs no México, Egito, Canadá e Ásia. Começando em 1864, passou três anos estudando esoterismo no Tibete. Em 1874 veio aos Estados Unidos para defender o espiritualismo, e em 1875 fundou a Sociedade Teosófica junto com o Coronel Henry Steel Olcott e com William Q. Judge. A Sociedade foi formada para expor o pensamento de Blavatski, de que no interior de cada pessoa existe a chama da Mente Universal. (112)

HPB forjou as idéias da tradição esotérica européia, espiritualismo e renascimento oriental num sistema “coerente”, que assumiu aspectos de religião. Os Mestres de quem pretendeu haver recebido as orientações que repassou ao seu sistema, supostamente se comunicavam com ela telepaticamente. Ela teria recebido as “cartas” dos mestres através da Irmandade Hermética de Luxor, no Egito, e mais tarde da Irmandade Branca, do distante Tibete. Seus pontos de vista foram fortemente influenciados pela tradição maçônica com a qual entrara em contato na infância e também através de membros de lojas (sobretudo no Cairo e em Paris). Para os seus propagadores, HPB ofereceu à humanidade uma grande visão do universo, em oposição à estreita visão dogmática do cristianismo. Ela introduziu o conceito de universo holístico. Situou a Criação há bilhões de anos. A popularidade de conceitos hoje muito em voga, tais quais os de *reencarnação* e *karma*, pode ser vinculada com a obra de Blavatski. (113)

Para o pensamento teosófico, existem sete tipos principais ou classes de minerais, fazendo-se, pois, a correspondência com os grupos planetários. O mesmo acontece no mundo vegetal. O terapeuta oculto dos dias antigos conhecia a relação cósmica e a correspondência entre planetas, minerais, plantas, animais e o homem. Estes princípios foram captados pelos homeopatas, certamente porque Hahnemann conhecia estas leis. Ele foi um homem possuidor de conhecimento oculto. Por isso, na homeopatia é possível encontrar para cada indivíduo o chamado remédio constitucional, que parece sempre beneficiar a pessoa, e portanto lhe é de grande valor, uma vez que tenha sido descoberto. (114, 115)

Ainda segundo o pensamento teosófico, “provavelmente se constatará que a planta ou mineral de onde proveio tal medicamento pertencia à mesma essência planetária do paciente, e assim se obterão resultados mais satisfatórios, o ser falando deste modo em harmonia com a sua própria natureza”. (116)

5.8.11 - Hahnemann e Antroposofia. A corrente filosófica conhecida como Antroposofia foi fundada pelo filósofo austríaco Rudolf Steiner (1861-1925). Evidentemente, é posterior à época de Hahnemann. Jovem ainda, Steiner interessou-se pelo movimento espiritualista na Europa, especialmente pela Teosofia (Blavatski) e pelas idéias místicas de Goethe. Em 1902 tornou-se secretário geral da divisão alemã da teosofia.

Vimos antes que a teosofia se baseava sobretudo no hinduísmo, budismo e ocultismo europeu, mas Steiner desenvolveu posições mais próximas ao cristianismo e à Ordem Rosacruz. Nem por isso deixou de repousar fortemente sobre a teosofia, sobre o gnosticismo e sobre a “sabedoria” oriental. Propõe uma vida de ascetismo espiritual.

O movimento antroposófico é inimigo declarado da assim chamada alopatia, ou medicina regular, e abraça com entusiasmo a homeopatia. Adota e pratica as teorias de que as plantas tratam doenças em órgãos que se assemelham a partes da planta (a “lei das assinaturas”), que se tornou componente inseparável da “lei dos semelhantes”, por sua vez adotada como princípio fundamental da homeopatia. (117)

5.8.12 - Hahnemann e Ciência Cristã. O chamado movimento do Novo Pensamento foi iniciado por Phineas Parkhurst Quimby, estudante aplicado de Mesmer. Consistiu de vários ramos. Sua teoria incorporou elementos do grande magnetizador e das filosofias hinduísta e budista, de que matéria é ilusão. Desenvolveu a partir daí a tese de que o poder da mente é capaz de curar as enfermidades. Um dos pacientes de Quimby foi a americana Mary Patterson, mais tarde Mary Baker Eddy.

O conceito central de todos os grupos do Novo Pensamento – um dos quais é a Ciência Cristã, fundada em 1876 por Mary Baker Eddy – é que a humanidade é divina, o que necessariamente envolve uma visão panteística de Deus. Aliás, um conceito extremamente antigo, que acompanha as propostas de Satanás desde o Éden.

Havendo sido praticamente uma inválida, Mary acreditava ter sido curada por Quimby através do mesmerismo adaptado por este. Afirmou que as curas praticadas por Cristo ocorreram sob a mesma influência espiritual através da qual ela escreveu seu livro básico, *Ciência e Religião* (1875). Pretendeu que esta sua religião constituía um restabelecimento do cristianismo primitivo, o qual, sempre segundo o seu pensamento, negava a realidade da matéria. (118)

Uma curiosa e desastrosa mistura constituiu a base filosófica de Mary Baker Eddy: estudou a Bíblia e interpretou-a de modo totalmente equivocado quanto à ilusão da matéria e da “força espiritual” sob a qual Cristo realizou Seus milagres; envolveu-se profundamente em experimentação espiritualista; seu primeiro seguidor foi um espiritualista; misturou a questão da cura física com o relacionamento com Deus.

Mais importante, em nosso contexto, foi a influência dos ensinamentos de Hahnemann sobre a fundadora da Ciência Cristã. Mary possuía uma cópia do *The New Manual of Homeopathic Practice*, editado por A. G. Hull. Este livro era uma adaptação americana das idéias de Hahnemann expressas no *Organon*. Segundo o biógrafo de Mary, este livro, ao lado da Bíblia, constituiu a sua leitura de cabeceira durante a década de 1850, e representou uma das bases fundamentais de toda a “ciência religiosa” que mais tarde ela desenvolveu. (119) (destaque suprido)

5.8.13 - Hahnemann e Animismo. Aurélio define animismo como o “modo de pensamento ou sistema de crenças em que se atribui a seres vivos, objetos inanimados e fenômenos naturais um princípio vital pessoal, isto é, uma alma”. (120)

Os biógrafos de Hahnemann ressaltam repetidas vezes que “ele era fortemente atraído pelo pensamento oriental” (121) Segundo Gumpert, dentre as várias “religiões” do Oriente que o influenciaram, inclui-se o animismo. (122) O vocabulário de Hahnemann é nitidamente esotérico e suas idéias são impregnadas de filosofias orientais, como o hinduísmo. É assim que o seu pensamento predominante, vindo do panteísmo, teria necessariamente de colocar a “Deus” em toda parte, em cada homem, cada animal, cada planta, flor, célula e, certamente, nos medicamentos homeopáticos. (123)

“O que Hahnemann ensinou é que energias místicas se encontravam na base tanto da natureza humana quanto dos medicamentos, na própria base da criação, portanto. É por isso que muitos comentaristas . . . dizem que Hahnemann se referia às energias da nova era – cósmicas ou espirituais – quando falava de sua energia vital” (124)

Notável homeopata, Herbert Robert relaciona a força vital da homeopatia com uma divindade panteísta em seu livro *Art of Cure by Homeopathy*. Disse que a força vital homeopática constituía parte da “Energia que move, o Poder ativador do universo, que permeia todos os graus e todas as formas de criaturas vivas. . . Esta força, esta energia, é portanto quem atua em - e permeia - todas as formas e graus de vida, desde as mais humildes até os próprios planetas. Podemos assumir que a força vital é a mais fundamental dentre todas as condições do universo, e que as leis que governam a energia vital no indivíduo se relacionam com as leis que governam toda a força vital, todas as formas de energia. . . Ela é responsável por qualquer crescimento e qualquer desenvolvimento, em todas as esferas da existência”. (125)

5.8.14 - Hahnemann e Confucionismo. Surpreendente, talvez, a ligação entre o alemão Hahnemann e o antigo filósofo chinês, mas ela é muito bem documentada: “A homeopatia foi fundada por Samuel Hahnemann, seguidor de Confúcio, e profundamente envolvido com o oculto e a maçonaria”. (126)

“Hahnemann considerou os princípios de Confúcio, que ele conhecera, como sendo superiores aos de Cristo, a quem chamou de ‘férvido emocionalista’”. (127) Hahnemann desenvolveu crescente admiração por Confúcio ao longo da vida, vindo a tornar-se explicitamente confucionista ao final da mesma. Na verdade, conforme destacou outro autor, “Confúcio era o seu ideal” (128). Tal fato é bem documentado por uma carta escrita por Hahnemann:

“É aí [em Confúcio] que você consegue ler a divina sabedoria, sem [como no cristianismo] milagres, mitos e superstição. Considero como um importante sinal de nossos tempos que Confúcio agora esteja disponível para a nossa leitura. Logo eu o abraçarei no reino dos espíritos benditos, o benfeitor da humanidade, que nos ensinou o verdadeiro caminho da sabedoria e de Deus”. (129)

Não é de admirar que Samuel Pfeifer tenha chegado a afirmar: “A reverência pelo pensamento oriental não apenas representava um *hobby* pessoal para Hahnemann; constituía, antes, a filosofia fundamental por detrás da preparação dos remédios homeopáticos”.(130) (destaques supridos)

A questão do relacionamento de Hahnemann com a pessoa de Jesus Cristo, já levantada num dos parágrafos anteriores, será examinada de forma definida na seção que tratará da “inspiração” do pai da homeopatia (5.20). Nestes breves parágrafos, contudo, já pudemos vislumbrar em que escuros meandros, desde o ponto de vista cristão, a mente deste homem navegava: Confúcio era o verdadeiro caminho para a sabedoria e para Deus! Os milagres do cristianismo eram mitos e superstições! Hahnemann esperava logo abraçar Confúcio no reino dos espíritos bem-venturados! A reverência pelo pensamento oriental era a filosofia fundamental por detrás do preparo das medicações homeopáticas!!! Não necessitaríamos de outra declaração para concluir que Hahnemann era um consumado espiritualista.

5.8.15 - “Honestidade” Intelectual de Hahnemann. Um dos mais decantados aspectos da vida e obra de Hahnemann, por grande parte de seus seguidores, tem sido a sua suposta honestidade intelectual e



profissional. Lamento decepcionar os que sempre creram e afirmaram assim, mas existem boas evidências históricas apontando na direção oposta. Mais uma vez, não são os detratores de Hahnemann que o atacam, visando prejudicar sua imagem. São seus colegas homeopatas, sobretudo os historiadores da homeopatia, que provêem as mais significativas informações a respeito.

Talvez o aspecto mais notável quanto à sua “honestidade” intelectual diga respeito ao não reconhecimento da figura de Paracelso e da influência deste sobre a formulação da teoria homeopática. São os ADEPTOS da homeopatia que mais freqüentemente levantam esta questão, como neste caso: “Este autor é compreensivelmente cético quanto à afirmação de Hahnemann, de nunca haver lido Paracelso” (131). Claro que o problema não se restringiu apenas à não reconhecida contribuição de Paracelso, embora a participação deste devesse haver recebido crédito, mais que a de qualquer outro autor. Outros exemplos:

“Dentre os mais ‘puros-sangues’ vitalistas, encontravam-se Paracelso (1493-1541), van Helmont (1577-1644) e Stahl (1660-1734), que sustentavam uma visão mais esotérica, acreditando que cada doença incorporava um específico aspecto espiritual. ...No *Organon*, ao escrever acerca da força vital, Hahnemann até mesmo ‘usa frases que possivelmente foram escritas por Stahl’”. (132)

Morrell salienta que dois aspectos das atitudes de Hahnemann diante das influências que marcaram a sua obra são notáveis e, no mínimo, intrigantes e desconfortáveis para quem hoje lida com esta realidade. Vamos utilizar suas próprias palavras por alguns parágrafos:

“O primeiro é que em todos os seus escritos, [Hahnemann] raramente menciona por nome as grandes figuras do passado da Medicina, as quais foram os criadores do sistema médico vitalista e seus [de Hahnemann] precursores, e que haviam estabelecido os próprios alicerces sobre os quais ele construiu a homeopatia. A menção de tais figuras é tão escassa, que se pode considerá-la virtualmente ausente de todos os seus [de Hahnemann] escritos. . . É particularmente suspeito que Hahnemann mal chegue a mencionar Stahl, Paracelso e van Helmont por nome, os quais foram verdadeiramente os seus grandes antecessores.

“Quando, em 1825, o Dr. Trinks lhe perguntou diretamente [a Hahnemann] acerca de Paracelso, ele respondeu que ‘este lhe era desconhecido’, e que nada sabia acerca do ‘grande heresiarca’, e que jamais lera uma única palavra escrita por ele, e que nada sabia a respeito de seu sistema médico. . . Numa carta ao Dr. Stapf, ‘Hahnemann recusou-se muito definidamente, e com alguma indignação, a ser associado com Paracelso’”. (133)

Este notável historiador contemporâneo da homeopatia, ele próprio um homeopata, afirma com toda sinceridade que “estas negativas demonstram-se *francas mentiras* e revelam claramente quão determinado Hahnemann se tornara em esconder suas verdadeiras fontes. É absolutamente inconcebível que Hahnemann nada soubesse a respeito de Paracelso. Goethe até mesmo referiu-se a ele como ‘este novo Theophrastus Paracelsus’”. (134) (destaques supridos)

Morrell prossegue expressando sua estranheza diante do segundo destes aspectos de omissão e ocultação, caracterizado pelo fato de que Hahnemann “fechou fortemente os lábios a respeito de seus estudos esotéricos com o Barão von Brukenthal . . . e a partir dos quais se tornou maçom por toda a vida e membro ativo das lojas maçônicas em todas as cidades nas quais viveu, um assunto pelo qual ‘sentia uma grande atração interior’”. (135) (DESTAQUE DO ORIGINAL)

Esta permanente indisposição de Hahnemann em reconhecer a influência e contribuição, sobre a homeopatia, de autores que o antecederam, revela não apenas uma óbvia desonestidade intelectual de sua parte, uma franca mentira, como admitiu Morrell. Em minha opinião, constituiu parte de sua deliberada estratégia para realmente ocultar as origens da homeopatia, como se isto fosse possível. Mesmo para os

seus defensores, aí se encontra um problema sério, identificado muito bem por Morrell: “Fica aí o problema não resolvido das origens da homeopatia, que o próprio Hahnemann se demonstrou consistentemente não disposto a discutir”. (136)

Deixar de atribuir crédito a autores que o antecederam, pode ser compreendido e até mesmo “perdoado” a Hahnemann, uma vez que isto era prática um tanto comum em seus dias. Outra questão muito diferente foi sua atitude de negar a influência óbvia de outros sobre as suas idéias e sua obstinada determinação em manter silêncio, em não desejar discutir as raízes da homeopatia. Parece não haver-lhe ocorrido que no futuro alguém se preocuparia em revolver estas questões e trazê-las à luz do dia. Tanto pior para ele e seu sistema!

Desgraçadamente, não foi apenas no plano intelectual que se manifestou a desonestidade de Hahnemann. Ela também ocorreu em sua prática médica, com resultados muito mais trágicos, a exemplo do que foi documentado por Ransom:

“Hahnemann pretendeu, por exemplo, haver descoberto um tratamento para a febre escarlatina, a qual causava pavorosas epidemias entre as crianças à época. Para obter ganho financeiro, ele se manteve vendendo a medicação mas recusou-se a divulgar o segredo da mesma. Com o tempo veio-se a descobrir que consistia de minúsculas quantidades de beladona dissolvidas em 2,4 milhões de gotas de água. Este preparado inútil era então administrado com muito complexas instruções, que teriam de ser seguidas com absoluta precisão para que se conseguisse o resultado. Assim, se a criança morria, sempre era por culpa dos pais [por não haverem supostamente seguido à risca as complexas recomendações], e nunca por culpa dele”. (137)

Particularmente embaraçador para quem, como ele, e não sem razão, erguera veementemente a voz contra as más práticas médicas de seus dias, e arrogantemente afirmara – agora completamente sem razão - que o seu sistema de cura era o único verdadeiro!

## 5.9 - Pensamento Homeopático Pós-Hahnemanniano

Na era pós-Hahnemanniana, além da influência direta do mestre, observamos que prossegue muito intensa a influência de Swedenborg sobre toda a formulação do pensamento homeopático. Tal influência é onipresente nas teorias de Kent, mas não se limita a este (138). Kent, conforme destacado antes, foi provavelmente o mais destacado homeopata depois de Hahnemann. Aqui transcrevo alguns excertos de seu pensamento, tão-somente para mostrar que NADA mudou na homeopatia depois de Hahnemann, e isto nem mesmo poderia ocorrer, pois no momento em que se tentasse eliminar da homeopatia o conceito vitalista original, acabar-se-ia com ela – seria como arrancar o coração de uma pessoa e pretender que ela prosseguisse viva!

“O homem não pode adoecer ou ser curado, exceto por alguma substância tão etérea em qualidade quanto a Força Vital”.

“O micróbio não é a causa da doença. Não deveríamos ser desviados por estas imaginações e sonhos alopáticos vãos, antes devemos corrigir a Força Vital”.

“Não é a partir de coisas externas que o homem adoece, não por bactérias ou pelo ambiente, e sim por causas que estão dentro de si próprio”.

“A doutrina da Força Vital não é admitida pelos ensinadores da fisiologia, mas sem a força vital, sem a substância simples, sem o aspecto interno tanto quanto o externo, não há causa e nem relação entre causa e efeito”. (139)

A conexão da homeopatia com o oculto foi abertamente admitida por Kent. Ele declarou que “existem dois mundos, o físico e o invisível. Declarou que toda a homeopatia se vincula ao mundo invisível, que é indistinguível do mundo espiritual do reino do oculto”. (140)

Este vínculo é por ele claramente estabelecido em torno da suposta aura e da suposta atuação sobre a mesma em termos de enfermidade/cura, como analisados no Capítulo Três. Prossigo citando-o:

“No universo, tudo tem sua própria atmosfera. Cada ser humano também possui sua atmosfera ou aura, assim como cada animal. Este conceito da aura abre-nos alguns horizontes muito interessantes, a partir dos quais podemos discernir esta pálida luz, a qual ocupa lugar muito importante nos estudos homeopáticos”. (141) (destaque suprido)

Falando de forma geral, o verdadeiro médico homeopata é iniciado neste mundo transcendental, espiritualítico. Ele necessita possuir conhecimento “dos quatro estados da matéria: sólido, líquido, gasoso e radiante”. (142) Kent declara explicitamente que é necessário ser capaz de “ver com os olhos do espírito” para poder captar o método de Hahnemann. (143)

Outro autor de destaque da era pós-Hahnemanniana é Hering, que confirmou o mesmo ímpeto dominante do pensamento do mestre sobre tudo que se seguiu em termos de homeopatia: “Se a homeopatia não for aplicada de acordo com o *Organon*, viremos a ser lembrados como apenas uma caricatura na história da medicina”. (144)

Ainda outro homeopata bastante conhecido é Georges Vithoullkas, que não fez qualquer segredo diante de sua posição, de que o real propósito da homeopatia é “ajudar a abrir os centros mais elevados [do cérebro] para os influxos espirituais e celestiais”. (145)

E não se estranha outro homeopata em declarar que “na homeopatia temos de salientar mais as diferenças individuais, e isso nos conduz ao interesse por coisas como a astrologia e a acupuntura”. (146)

Com estes antecedentes, não é de surpreender que o Instituto de Síntese Planetária (que encontraremos novamente em 5.20), uma organização explicitamente espiritualista e da Nova Era, tenha incluído em seu calendário a data do aniversário de Hahnemann, 11 de abril, como “dia especialmente propício à meditação para cura”! (147) OU, como sintetizou o Dr. Bopp em época recente: “O tratamento homeopático é fruto de uma filosofia e de uma religião que são ao mesmo tempo hinduístas, panteístas e esotéricas”. (148)

## 5.10 - Homeopatia e Astrologia

Os vínculos da homeopatia com a astrologia já foram substancialmente documentados em etapas anteriores desta obra. Por exemplo, ao definir-se que a lei homeopática básica, “*similia similibus curantur*”, é de origem astrológica (ver 5.2). Muitos homeopatas têm ainda hoje reconhecido, aceitado e colocado em prática a assim chamada medicina astrológica, (149) inclusive a “astro-homeopatia”. (150)

Este vínculo bastante íntimo entre as duas “ciências” pode ser melhor compreendido ao se considerar uma descrição como a que segue: “Astrologia é uma antiga ciência com muitos adeptos na atualidade. Baseia-se na inter-relação entre os planetas e constelações e a vida na Terra. De acordo com a astrologia, quando do nascimento cada ser humano estabelece uma relação com o universo, e esta relação prossegue influenciando a vida do indivíduo à medida que planetas e constelações se movem pelo espaço. . . Sabemos que grande parte do organismo humano é constituído de água. Existe muita especulação quanto ao modo como se exerce esta influência. Sabemos a partir da homeopatia que a água pode armazenar e absorver informação. Assim, uma idéia é que as vibrações dos planetas e constelações, viajando através do espaço, imprimem sobre o organismo humano certos pacotes de informações ao criarem seu impacto sobre a água do sistema humano”.(151) (destaque suprido)

Quem diria, não? As duas “ciências” efetivamente se entendem muito bem, trabalham sobre terreno absolutamente comum. O autor que cito a seguir é ainda mais enfático em tracejar o caminho paralelo de ambas, seus múltiplos pontos em comum, assim como em comum ocorre a origem das duas “ciências”:

“O alvo da homeopatia, assim como o da astrologia, é restaurar a saúde da força vital. Quando a força vital é curada, segue-se a cura física. Isto é medicina, mas medicina da alma. . . Embora a astrologia tenha aparecido milhares de anos antes da homeopatia, assume basicamente o mesmo ponto de vista [obrigado pela clareza!!!]. . . Na astrologia, as referências e metáforas são celestiais e elementares; na homeopatia, as referências são físicas, sob a forma de substâncias naturais que possuem diferentes propriedades. Ambas, porém, dizem a mesma coisa [uma vez mais, obrigado pela clareza!!!]. . . Mantendo alguns bons livros de homeopatia em seu consultório [de astrólogo], você será capaz de aprender muitas coisas quando um cliente lhe falar a respeito de seu remédio constitucional; poderá, em uma ou duas palavras, focalizar todo o quadro astrológico de uma forma surpreendente [pela terceira vez, muito obrigado pela clareza!!!]... Estudando a literatura homeopática, os astrólogos descobrirão uma bela reflexão de nossa própria arte”. (152) [O autor é astrólogo, daí entender-se que ele utilize o termo “nossa” nesta última frase.]

Impressionantemente claro. Quase comovente o modo como o autor prossegue, finalizando o artigo, em desvendar esse “belo” vínculo entre as duas teias de engano fatal preparadas, por caminhos aparentemente distintos, com o fito de enredar os incautos e desviá-los definidamente do caminho que conduz a Deus:

“Os astrólogos e homeopatas possuem em comum a experiência de desafiar os limites conhecidos da realidade. A homeopatia utiliza substâncias medicinais que atuam sem causa material; remédios homeopáticos potencializados são diluídos muito além da possibilidade de que mesmo uma única molécula da substância seja encontrada no medicamento final. Seu efeito é ‘não-material’. A astrologia explora a influência de corpos celestes tão pequenos, tão distantes ou calculados matematicamente, que ‘não existe a possibilidade de que eles consigam exercer algum efeito’. Mais que isso, porém, os astrólogos que investigarem a homeopatia descobrirão que não estamos sozinhos no cosmo, entre aqueles que utilizam a energia sutil, o conceito aparentemente abstrato de um modelo holístico da realidade, quando trabalhamos com alguém a quem reconhecemos como um pessoa-todo”. (153)

### 5.11 - Homeopatia e Hinduísmo

Compartilharei aqui a experiência de um autor, que cita o ocorrido com sua própria esposa. A partir da experiência deste casal, vínculos muito reveladores são estabelecidos entre a homeopatia e o hinduísmo.

“Minha esposa Alice cresceu com a homeopatia. Aos 12 anos ela foi curada de 21 verrugas por este meio, ela o viu funcionar! Ocorre que todo livro do Movimento da Nova Era que lido por ela, incluía a homeopatia entre as forma de cura holística. Então ela viu um artigo de jornal (*The Star Newspaper*, de 17/07/1989) escrito por Swami Naranyani, ex-presbiteriana que se converteu ao hinduísmo e espalhou sua nova religião enquanto efetuava curas pela homeopatia, impondo as mãos e orando sobre peças de vestuário. ‘Ela prega os ensinamentos de um santo hindu’. A conexão perturbou Alice, que começou a buscar respostas. Vários de seus achados aqui aparecem, como respostas às questões que ela se propôs a estudar”. (154)

Quais foram algumas das observações e conclusões de Alice? Ei-las:

Swami Naranyani mencionara que Hahnemann reintroduzira em seus dias o conceito do “remédio único”. Conforme declarou repetidamente, é a força ou energia que age através do pó, solução ou grânulos que faz você vibrar em uníssono com o universo. “Trata-se do mesmo poder em que acreditam os hindus e os poderes psíquicos dos rosacruzes”. (155)

Uma administradora da Faculdade de Homeopatia, depois de trabalhar por oito anos nesta posição de responsabilidade, chegou a conclusões bastante claras, elucidativas para o cristão. Diz ela: “Temos de reconhecer os dois lados do reino espiritual – o bom e o mau. *Na homeopatia, você se encontra definitivamente no reino espiritual*. É muito fácil transformá-la numa religião. Ao ler os escritos de Hahnemann, é muito fácil considerá-los como uma bíblia, finalizando por adorar Hahnemann e a homeopatia. Vi isto acontecer. É algo dominante. Sem qualquer dúvida, praticamente todos os doutores que participam da faculdade acham-se envolvidos em alguma forma de prática espiritual, tais como antroposofia e meditação transcendental”. (156)

Alice prossegue com as constatações que são aqui reproduzidas a partir do depoimento que concedeu ao esposo cristão: “O vitalismo está de volta, sendo o termo atualmente mais adequado para defini-lo o ‘holismo’. Ao apresentar a acupuntura, quiroprática, herbalismo, homeopatia, naturopatia, astropatia, radiônica e cura psíquica como dignos de reconhecimento . . . têm-se afirmado que todos eles se baseiam na filosofia do holismo. Qual é a filosofia subjacente? Janet Pleshnette, em *Cures that Work*, escreve: ‘A enfermidade ocorre com a pessoa como um todo, corpo, mente e espírito. A pessoa não é uma máquina. É um campo energético, um sistema dinâmico, que tanto influencia quanto recebe influências de tudo que lhe está à volta, tenha isto vida ou não. . . Em vez de ser construída por blocos separados, a pessoa é uma extensa e complexa rede, onde as relações entre as partículas são mais importantes que as próprias partículas, e onde a própria matéria pode ser descrita como concentração de energia. Matéria e energia são intercambiáveis’. Este é o pensamento hinduísta – o de que somos um com o Universo, todos em um, somos um em Deus, Deus está em nós, nós somos Deus”. (157) (vide conceito de monismo)

### 5.12 - Homeopatia e Vodou

Aurélio define vodou como “culto de origem jeje-daomeana, praticado nas Antilhas, principalmente no Haiti, e que combina elementos de possessão e magia com influências cristãs, apresentando semelhanças com o candomblé afro-brasileiro”. (158) O termo tem sido empregado para referir-se a várias práticas médicas sem fundamento científico, onde aspectos místicos são acentuadamente relevantes.

Robert Park é professor de física, um cientista praticante que também se preocupa em trazer a ciência às pessoas que de outro modo nunca leriam um livro científico. Chefia uma seção estadual da Associação Americana de Físicos. Escreveu um livro muito revelador, cujo título traduzido é: “Ciência Vodou - O Caminho da Idiotice Para a Fraude”. Aqui ele alinha, entre as várias “ciências” com tais características, a homeopatia, descrita como pílulas de açúcar programadas por água que “tem memória”. O subtítulo do livro é significativo por si mesmo, pois indica um caminho freqüentemente trilhado – da idiotice à fraude! (159)

Park salienta que hoje muitas pessoas afirmam haver realizado grandes novas descobertas científicas, tão-somente para que a realidade em seguida mostre serem as coisas bem diferentes. Exemplos desse tipo de “ciência vodou”, que possuem sempre um traço em comum – a falência em demonstrar verdadeira base científica - são a fusão fria e as máquinas de moto contínuo, assim como a homeopatia. (160)

### 5.13 - Homeopatia Associada às Demais Terapias Místicas

A presença da homeopatia ao lado de inúmeras outras terapias energéticas espiritualistas é uma constante nas mais variadas páginas eletrônicas, como as indicadas a seguir. (161, 162, 163) Estas páginas são apenas exemplos das centenas – talvez milhares – de outras que apresentam idêntico “menu”. Aí ela aparece emparelhada com extensas variantes de espiritualismo e cura espiritualista, imposição de mãos, curas magnéticas, acupuntura, reflexologia, santuários de cura, toque terapêutico, cura através do corpo sutil, cura espiritual, Ayurveda, cirurgia espiritual, cura pela oração, milagres, radiônica, essências florais,

iridologia, cura budista, tai chi chuan, cura cristã espiritualista, espiritismo cristão e cura paranormal, doutrina de Allan Kardec, etc. Outro exemplo é esta página, que anuncia “todas as coisas esotéricas e espirituais, ocultas e metafísicas”. (164) OU ainda incluída em séries de palestras e *workshops*, ao lado de assuntos como regressão a vidas passadas, origens da metafísica e assemelhados. (165)

A associação da homeopatia com magia e filosofia rosacruz é bem documentada. (166) Também é íntimo seu vínculo com as medicinas asiáticas de modo geral, embora estas utilizem macro-doses. Este vínculo, além de utilizar a mesma filosofia vitalista subjacente, baseia-se no fato de que “a droga parece constituir meramente um símbolo contratual dos esforços do curador em liberar as capacidades naturais de cura do organismo e de restaurar a harmonia entre o cérebro (que percebe os sintomas) e os órgãos (que manifestam as disfunções percebidas como sintomas)”. (167)

Numa exposição razoavelmente detalhada das crenças da Nova Era – reencarnação, monismo, panteísmo, canalização, entre muitas outras, Robinson, como adepto deste Movimento, destaca também as preferências do mesmo em termos de métodos de tratamento, sempre “holísticos”. A homeopatia ocupa lugar de destaque. (168) Uma vez mais, este autor e sua página eletrônica constituem apenas um dentre inúmeros exemplos de vínculo direto da homeopatia com a Nova Era, como também o salientam páginas de orientação cristã. (169)

Wagner destaca as “companhias estranhas” que historicamente vem acompanhando a homeopatia, a exemplo do mesmerismo e da frenologia em época mais distante, e de inúmeras práticas clínicas sem embasamento científico na atualidade. Conclui que, nos Estados Unidos, “se você desejar conhecer mais a respeito da homeopatia, o melhor lugar ao qual poderá dirigir-se é a alguma livraria ou local de encontro da Nova Era”. (170)

Temos forçosamente de concordar com Grossinger ao este afirmar que “a homeopatia não é a primeira e nem será a última tentativa de desenvolver uma medicina vitalista (oculta) científica. Alquimistas, gnósticos, animistas e outros mágicos-naturalistas trabalharam durante milênios buscando a cura baseada na força vital, energia primária da natureza. . . . A homeopatia persiste hoje como uma disciplina clínica oculta. . . A cura psíquica, a homeopatia, a acupuntura, a terapia orgone e várias formas de xamanismo e vodu – todas sugerem que existe uma energia que escapa à definição contemporânea da mesma”. (171)

#### 5.14 - Homeopatia e Kabala (Cabala)

A Kabala representa a principal corrente mística do judaísmo, e chegou ao Ocidente através de círculos judeus da Espanha e do sul da França no décimo-segundo século. O significado de Kabala é “tradição”. Sua porção mais antiga, a *Sefer Jetsira*, foi escrita entre o terceiro e o sexto séculos da era cristã.

De acordo com esta visão, Deus deu a Moisés uma segunda revelação junto com a Lei. Ela supostamente explicaria o significado secreto da Lei. Teria sido transmitida a iniciados, ao longo de séculos. Os estudos cabalísticos das escrituras hebraicas evoluíram para um misticismo teosófico e por vezes para a magia religiosa.

Abrindo um parêntese: Por que haveria Deus de atribuir um significado secreto à Lei, que é a transcrição de Seu próprio caráter? O relato bíblico relacionado com a outorga da Lei não deixa qualquer margem para se imaginar um relato paralelo, oculto. Toda a vontade de Deus para Israel e o ser humano como um todo foi registrada para o povo, e não deixada a cargo de “iniciados”. Observemos esses textos: “Agora, pois, ó Israel, ouve os estatutos e juízos que Eu vos ensino, para os cumprirdes. . . Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela, para que guardéis os mandamentos do Senhor vosso Deus. . . Tão-somente guarda-te a ti mesmo e guarda bem a tua alma, que te não esqueças daquelas cousas que os teus olhos têm visto, e se não apartem do teu coração todos os dias da tua vida, e os farás saber a teus filhos e

aos filhos dos teus filhos”. (172) Nada de oculto, antes a clara palavra da Lei deveria ser – até hoje – ensinada constantemente pelos pais aos filhos, em palavras e exemplos. Se assim houvesse sido sempre, não haveria espaço para o oculto, nem magia, nem homeopatia!

Retornando à história da Kabala: Pouco depois da expulsão dos judeus da Espanha em 1492, Pico della Mirandola concebeu em Florença uma versão “cristã” da Kabala, através da qual associou “verdades” cabalísticas com o hermeticismo grego. Ainda hoje muito do ritual envolve essa mistura de aspectos do cristianismo, e da própria pessoa de Jesus, com o oculto da tradição judaica e grega. (173)

Degel foi um destacado rabino que viveu aproximadamente de 1740 a 1800. Foi o autor de uma obra notável em termos de filosofia cabalística. Segundo seu biógrafo, ele desenvolveu uma visão de mundo completa, que integrou cura, relato histórico, interpretação de sonhos e percepções de Deus no mundo físico, que muito possuíam em comum com outros curadores de fé e místicos. Ele retratou a si mesmo como um curador que fez uso da energia vital universal para curar os enfermos. Utilizou técnicas de canalização energética dentro de sua profissão rabínica. Utilizou amplamente o conceito de medicamentos em quantidades minúsculas, o mesmo que mais tarde foi levado ao extremo pela homeopatia de Hahnemann. Constituiu, pois, um notável ponto de convergência entre a tradição cabalística judaica e a homeopatia: ambas explorando o conceito de doses minúsculas (ou inexistentes) e o da cura pela energia vital universal. (174)

Provavelmente a mais íntima conexão entre Kabala e homeopatia seja encontrada em alguns rituais da primeira. Por exemplo, quando em certa cerimônia se utiliza o vinho com um “resquício” [na verdade, quase que apenas o odor] do vinho utilizado na cerimônia anterior. Observe a descrição feita por este mágico-cabalístico: “Desta forma, a loja consome a essência dos ritos que precederam o atual, e renova as forças acumuladas dos sacramentos. Um elixir muito poderoso é assim preservado em constante renovação, nada perdendo dos aspectos que foram consagrados previamente. Se compararmos isso com a teoria da homeopatia, veremos instantaneamente que este é o caso, embora a dose que remanesce de ritos prévios seja diminuta quando comparada com o novo vinho. O vinho anterior, embora tão altamente diluído, é sempre ‘onipresente’”. (175)

A semelhança e a correspondência entre o rito oculto e a filosofia curativa homeopática – aparentemente não oculta - são perfeitas, não? Até mesmo na definição do “elixir muito poderoso” do rito cabalístico, que de imediato faz recordar os preparados homeopáticos de “alta potência” – justamente aqueles em que nada mais resta da substância original em virtude de muitas sucussões e/ou dinamizações.

Este autor prossegue afirmando que o tal *princípio da quantidade ínfima é de extrema importância, dentro do ritual, de modo que não estará exagerando em repetir isso vez após outra. Toda mágica astrológica, segundo ele, é adoração de NUIT, que é “o contínuo”, garantido pela presença da “quantidade ínfima” de um ritual para o outro. Segundo pude compreender deste complexo sistema místico, NUIT é o espírito do fogo, ou deusa-serpente. Representa a continuidade dos rituais, a qualidade de alquimia de todo o processo, a elasticidade da hierarquia dos planetas, e o que – segundo o autor – distingue a mágica cabalística da divinação aleatória.* Estes pontos precisam ser compreendidos, ainda de acordo com o autor, por todos os que desejam entender o que é a mágica cabalística. (176)

## 5.15 - Homeopatia e Espiritualismo

O total embasamento espiritualístico da homeopatia foi sobejamente demonstrado nas seções precedentes. Não se trata aqui, pois, de discutir este aspecto. Apenas reservei esta seção para registrar a existência de práticas homeopáticas diretamente relacionadas com sessões espiritualistas – o que tão-somente acrescenta

mais um dado confirmado à nossa análise. Não seria de modo algum necessário que isso ocorresse para definir a homeopatia como uma prática espiritualista.

“Certamente existem registros [na Europa] de vínculos entre a homeopatia e o oculto, onde se tem registrado que praticantes homeopatas realizam pesquisas durante transe espíritas, e fazem uso de práticas ocultistas como o pêndulo”. (177)

Esta informação é registrada pelo Dr. Bopp, já citado antes. Ele menciona que o Dr. A. Voegeli, famoso homeopata, confirmou que muito elevada porcentagem de homeopatas trabalha com o pêndulo. Existem grupos cuja pesquisa é levada a cabo durante sessões espíritas, através de médiuns que buscam a informação dos “espíritos”. (178)

O testemunho de uma pessoa que trabalhou num importante laboratório homeopático de alto padrão, na França, é muito elucidativo. Esta senhora contou ao Dr. Bopp da entrevista que tivera com o diretor e fundador deste laboratório, com vistas a uma colocação profissional. Depois de breve introdução, o diretor lhe perguntou sob qual signo astrológico sob o qual ela nascera. Satisfeito com o conhecimento por ela demonstrado nesta área em particular, ele desejou saber se ela era médium. Sim, era. Desta forma, ele confidenciou-lhe o segredo das práticas deste laboratório. Novos tratamentos eram pesquisados durante estados de transe, através de pessoas com poderes ocultos - médiuns – orientados por espíritos. Hoje esta senhora afirma haver-se convertido e segue a Jesus Cristo. Separou-se de toda prática oculta e da homeopatia, usada por Satanás para cegar e escravizar as pessoas. (179)

Observe mais este exemplo: “Apenas a medicação realmente conhece o paciente, melhor que o médico, melhor que o próprio paciente. Ela sabe exatamente onde localizar a causa originadora do distúrbio e o método para consegui-lo. Nem o paciente, nem o médico possuem tanta sabedoria ou conhecimento” (180)

Este parágrafo, de autoria do Dr. Baur, explicitamente declara que o medicamento homeopático se tornou deus. Sabe exatamente onde atuar, melhor que o médico, melhor que o paciente. É onisciente. Certamente este é o deus a quem Hahnemann constantemente se refere em seus livros, no que é acompanhado por seus seguidores; de modo algum corresponde ao Deus Todo-poderoso, que Se revela a Si mesmo na Bíblia, a Sua Palavra, uma vez que esta não abre o menor espaço imaginável para a adivinhação, o oculto, o místico! Para falar a verdade, Ele foi – para os padrões com que hoje medimos as coisas – extremamente severo para com praticantes de toda forma de divinação:

“Não vos voltareis para os necromantes, nem para os adivinhos; não os procurareis para serdes contaminados por eles: Eu sou o Senhor vosso Deus”. (181)

“Quando alguém se virar para os necromantes e feiticeiros para se prostituir com eles, Eu me voltarei contra ele e o eliminarei do meio do seu povo”. (182)

“O homem ou mulher que sejam necromantes, ou sejam feiticeiros, serão mortos. . . O seu sangue cairá sobre eles”. (183)

## 5.16 - Homeopatia Como Culto

Em agosto de 2000 participei, na Califórnia, da convenção de uma grande indústria farmacêutica americana, produtora de excelentes medicamentos naturais, sendo destes o mais notável aquele que controla os níveis de colesterol. Trata-se de uma empresa séria, comprometida com pesquisa e desenvolvimento de produtos de alta tecnologia, criadora de opções terapêuticas científicas para pacientes que não conseguem tolerar medicações convencionais. Eu não teria jamais demonstrado qualquer interesse em conhecê-la, a convite de um amigo médico, não fosse esta a filosofia básica da empresa. Vários novos



produtos estavam sendo apresentados na referida ocasião, sendo geralmente recebidos com bastante entusiasmo pelos participantes da convenção.

Ocorre que negócios são negócios; o grande compromisso e sensibilidade desta empresa para com a seriedade tecnológica não foram suficientes para sobrepujar seus interesses comerciais. Percebendo o potencial do mercado, ela desenvolveu, ao lado das demais linhas, uma de produtos homeopáticos. À frente desta linha de produtos, foi colocado um dos mais destacados homeopatas da atualidade, médico e pesquisador de renome – ao menos foi-nos ele assim apresentado. E então o (para mim) inesperado aconteceu.

Ao este cidadão ocupar a tribuna e falar do grande êxito da linha homeopática, começou por fazê-lo com um grau de entusiasmo não muito compatível com a posição respeitável de um cientista. Conduziu-se muito mais como um evangelista televisivo. Por bondade, não entendam os evangelistas que tenho qualquer preconceito contra eles, mas aqui supostamente estávamos numa das seções científicas da convenção. A platéia foi sendo gradativamente conduzida a um nível de envolvimento emocional que eu jamais imaginara ser possível, em se tratando de uma convenção comercial e científica de uma indústria farmacêutica. O tom de voz do “cientista-evangelista” foi-se elevando, até que atingiu os brados. O clima foi-se aproximando rapidamente de uma espécie de êxtase.

O “cientista” proclamou aos berros que a homeopatia haveria de ser a grande e universal panacéia no novo século que se aproximava. Não apresentou qualquer justificativa científica para tal afirmação, mas lembro-me bem de havê-lo ouvido dizer que esse tipo de “medicamento” desfrutava da bênção especial do Céu, e que no novo século a homeopatia testemunharia um crescimento jamais imaginado e a humanidade desfrutaria, ao usá-la, de um nível de saúde e felicidade igualmente insuspeitos até então. Ao encerrar a sua “apresentação científica” e conclamar os presentes a revelarem seu comprometimento com esta nova (!!!) maravilha, um verdadeiro frenesi se apoderou do palestrante e dos participantes. Ele os incitou a aplaudirem de pé o inigualável sucesso, prestes a revelar-se.

A explosão de palmas, urras e outras manifestações de entusiasmo e aprovação que então presenciei, jamais me fugirão da memória. Aquele mar de seres humanos, quase todos muito bem vestidos e muito bem posicionados na vida, ergueu-se em massa para a mais estrondosa demonstração de aprovação de que tenho lembrança. Incrédulo, permaneci sentado e mudo, mal conseguindo crer no que meus olhos testemunhavam. Tanto quanto pude perceber, fui o único a manter-me sentado e quieto, absolutamente perplexo. Com esta atitude, senti-me como se fosse um dos amigos de Daniel no campo de Dura. (184)

Pela primeira vez diante de (e em meio a) um público tão imenso, compreendi quão atual é o culto à homeopatia e quão poderosa pode ser a “inspiração” por ele provocada em seus praticantes! Neste caso, como em muitos outros, ao culto une-se o “negócio”, mas o culto homeopático pode apresentar-se também em sua forma “pura”, quero dizer, motivado apenas por sua centelha filosófica, sem a associação de interesses comerciais. Pode, na verdade, ser altamente idealista, movido pelos mais sublimes objetivos. Creio que, sob esta última forma, ele se torna ainda muito mais sutil e perigoso.

Sim, os homeopatas consideram a sua “ciência” como uma religião. Talvez seja melhor assim, de vez que a religião depende tão somente de fé em algo, ao contrário da verdadeira ciência. Só que esta religião pode assumir formas definidamente blasfemas, como na citação que segue:

“Para a religião chamada homeopatia, não existe Deus senão Hahnemann, e Kent é o seu profeta”. (185)

Quais seriam as características de um culto? Porventura preenche a homeopatia estas características, podendo ser então adequadamente classificada como culto? William Thomas nos ajudará a examinar quais são as características de um culto.

“Cultos – ou indivíduos – desejam manipular as crenças das pessoas para torná-las dependentes e obter acesso ao dinheiro delas. . . Todo culto tem seu fundador e líder, uma pessoa carismática que é altamente respeitada. Esta pessoa usualmente afirma haver sido escolhida pela Providência para revelar ou desempenhar alguma tarefa especial. Existe igualmente uma porção separada da mensagem do líder que é conhecida praticamente só pelos iniciados, pessoas que se envolvem profundamente com o culto”. (186)

Porventura a homeopatia preenche tais características? Ainda com a ajuda de Thomas, na obra já citada, concluímos que sim, indiscutivelmente! 1. Ela possui um fundador e líder tradicional, reconhecido e reverenciado desde sua época até à presente geração de homeopatas – Samuel Hahnemann. 2. Possui um axioma popular – “similia similibus curantur”, o que se tem revelado a principal preocupação da homeopatia. 3. Encontramos o envolvimento financeiro através da venda de produtos e dos valores cobrados pelo treinamento em homeopatia. 4. Existe no sistema um mistério, uma crença irrazoável, revelada aos iniciados depois de completarem estudos mais avançados: a teoria da potencialização–dinamização. Aí repousa a real importância das “drogas” homeopáticas. 5. Finalmente, os homeopatas possuem uma crença, colocam sua fé na existência da Força Vital e no Poder Curador dos medicamentos dinamizados. Nenhuma destas duas crenças jamais foi demonstrada no mundo científico, remanescendo ambas na esfera da filosofia e do misticismo. Em síntese: em relação a este culto, o fundador e líder é Samuel Hahnemann; os verdadeiros crentes e seguidores são Melanie Hahnemann e todos os praticantes do passado e do presente; o axioma popular é o “similia similibus curantur”; o envolvimento financeiro é óbvio; o mistério é a teoria da potencialização; a fé ou crença central é a existência da energia vital.

Na verdade, como destaca outro autor, “a homeopatia representa o mais influente e mais duradouro dentre todos os cultos não ortodoxos” na área médica. (187) Aí aparece ela, conforme destaca ainda outro autor, ao lado de cultos como a Igreja da Unificação (San Moon), AMORC (Rosacruz), Maçonaria, Hare Krishna, Cientologia, Teosofia e tantos outros. Ele salienta que estes “cultos” geralmente convivem – e muito bem – com as igrejas tradicionais. “As vítimas destas organizações muitas vezes vão à igreja, uma vez que hoje os cultos não se acham interessados em esvaziar as igrejas, antes preferem adulterar a fé das pessoas que vão a estas. A promoção da astrologia, homeopatia, artes marciais e outras formas de ocultismo através dos meios de comunicação de massa, desempenha papel importante nesta adulteração”. (188) Muitas vezes, a despeito de habitualmente posarem como vítimas de perseguições, os adeptos da homeopatia é que promoveram formas de pressão extremamente nocivas contra os que não aceitaram o jogo de seus dogmas. (189)

A explosão de cultos é uma assombrosa realidade nos dias atuais. Conforme salienta este articulista em editorial, “são mais de 5.000 nos Estados Unidos. . . Embora se apresentem como extremamente ‘corretos espiritualmente’, nada mais representam do que um reavivamento das crenças ocultas babilônicas. Temos a canalização, a invocação de espíritos-guias, cristais que equilibram e absorvem energia, a ioga, cromoterapia, a hipnose e a *homeopatia*. Uma coisa é certa: a maioria destes cultos e falsas religiões possui alguns pontos em comum, dentre os quais o principal é a não aceitação de Jesus Cristo como o único meio de salvação”. (190)

Podemos concluir com Jarvis que a homeopatia claramente preenche a definição do dicionário Webster para culto (culto de cura, especificamente): “Sistema de cura de enfermidades baseado num dogma estabelecido por seu promulgador”. Preenche igualmente a definição de seita, do mesmo dicionário: “Grupo que adere a uma doutrina distintiva ou a um líder”. Cultos ou seitas de cura não podem progredir e ao mesmo tempo preservar sua identidade. A homeopatia prossegue sendo exatamente o que Hahnemann disse que era. (191)



E então nos defrontamos com outro problema, ainda mais grave. Felizmente ele não existe, mas existiria se a homeopatia repousasse sobre verdadeiras bases científicas – se ela de fato fosse o que afirma ser. Observe: “Os modernos proponentes asseveram que mesmo quando não mais resta uma única molécula [da substância original], retém-se a ‘memória’ da substância. Esta noção não possui fundamento. Mais que isto, se fosse verdadeira, qualquer substância encontrada por uma molécula de água poderia ‘imprimir’ uma ‘essência’ capaz de exercer poderosos (e imprevisíveis) efeitos medicinais, quando ingerida pela pessoa”. (195)

“De um ponto de vista físico, mudanças estruturais da água em soluções extremamente diluídas parecem inverossímeis. Estudos estruturais de misturas água/álcool mostram regiões de ordem local. Entretanto, tais regiões são transitórias; dependendo da temperatura, podem persistir apenas pelo menor espaço de tempo imaginável. Para a maioria dos materiais, a ordem local não persiste na fase líquida (o problema é a entropia)”. (196) “A exceção é constituída pelos cristais líquidos, cujas moléculas grandemente alongadas ainda assim não são capazes de mover-se livremente quando se atinge a fase líquida. Jamais ocorreu a mais leve indicação, tanto teórica quanto experimental, de que a água possa formar cristais líquidos. Pode-se postular, evidentemente, que existe algum tipo de efeito biológico nas medicações homeopáticas que é independente das leis físicas conhecidas. Claro que uma tal especulação será virtualmente impossível de se testar, e não existe substância conhecida que preencha tais parâmetros. Apelar a leis desconhecidas para explanar fenômenos não documentados, simplesmente é algo que escapa aos parâmetros da ciência legítima”. (197)

Alguns pontos adicionais de incoerência científica da homeopatia são destacados por Jarvis: “Os promotores afirmam que a imunização e a dessensibilização de alergia confirmam a homeopatia, pois tratam de acordo com o ‘semelhante cura semelhante’, mas nenhum destes preenche os requisitos adicionais da teoria e prática homeopática. As imunizações não aliviam sintomas nem curam. Nem imunizações, nem dessensibilizações alergênicas se tornam mais fortes com a diluição, nem podem ser ‘potencializadas’. Homeopatas clássicos proclamam que o comer para aliviar a indigestão prova que semelhante cura semelhante. Entretanto, ninguém obtém alívio da indigestão ao ingerir ‘microdiluições potencializadas’ do mesmo tipo de alimento que foi ingerido originalmente”. (198)

Infelizmente, para descrédito desta pretensa ciência, não somente as inconsistências científicas são monstruosas, como ainda os relatos de fraudes são freqüentes, a exemplo do que é citado a seguir: “Em 1988, um cientista francês, trabalhado para o prestigioso instituto INSERM, pretendeu haver comprovado que elevadas diluições de uma substância em água deixaram ‘memória’, provendo uma base racional para a Lei dos Infinitesimais da homeopatia. Seus achados foram publicados numa revista científica de alta reputação, mas com a advertência de que eram inacreditáveis, e que o trabalho fora financiado por um grande fabricante de produtos homeopáticos (*Nature*, 1988). Investigações subseqüentes, inclusive as de James Randi, revelaram que toda a pesquisa houvera sido conduzida incorretamente. O escândalo resultou na suspensão do cientista. Análise cuidadosa do estudo revelou que, houvessem os resultados sido autênticos, a homeopatia muito mais provavelmente haveria piorado a condição dos pacientes, em vez de melhorá-la, e que haveria sido impossível prever os efeitos da mesma dose quando comparados entre si diferentes momentos de administração (Sampson, 1989). . .

“A homeopatia conflita-se mais fortemente com as leis da física, química e farmacologia do que com a medicina clínica. Os farmacologistas deveriam ser mais decididos na oposição à venda de produtos homeopáticos. Uma vez que as teorias homeopáticas contradizem leis físicas conhecidas, os testes de remédios homeopáticos requerem controles que devem ultrapassar aqueles normalmente exigidos pelos testes clínicos, como os duplos-cegos – e isso deve incluir medidas adicionais para detecção de fraudes”. (199)

Outros autores, sobretudo homeopatas, trilharam o difícil caminho de tentar arranjar sustentação científica para a mesma, tão-somente para concluírem – para sua decepção - justamente o oposto. Mais um exemplo: “O doutor Fritz Donner, filho de um médico homeopata alemão, dedicou-se à pesquisa científica de modo a explicar e justificar a homeopatia. Em 1966 ele publicou um trabalho no qual confessou todos os fracassos e erros da homeopatia, descobertos durante seus anos de estudos”. (200)

Em síntese – relembro que o objetivo desta obra não é discutir a cientificidade da homeopatia, e sim a sua dependência de conceitos espiritualistas – se os preparados homeopáticos são eficazes, deve existir um mecanismo através do qual atuam. Exceto a taxativa declaração de muitos homeopatas, de que eles atuam através da “energia vital” – o que os transporta para fora do reino da ciência e os situa nos domínios espirituais – é fato definido que tal mecanismo de ação até hoje não foi estabelecido. E isto a despeito de decorridos duzentos anos do início desta “ciência”! Assim, torna-se fácil compreender o que há bastante tempo afirmou um crítico da homeopatia, em palavras ainda hoje tão acertadas quanto no dia em foram proferidas:

“Ou Hahnemann está correto, caso em que nossa ciência e nossa base de raciocínio não fazem sentido, ou ele está errado, caso em que os seus ensinamentos não fazem sentido”. (201)

Para os que desejarem aprofundar-se na análise das incompatibilidades entre ciência e homeopatia, indico, a seguir, algumas fontes deveras interessantes. Nestas fontes incluem-se extensos estudos de validação científica da homeopatia, desenvolvidos por cientistas e institutos de renome. As referências incluem estudos veterinários. O volume de fraudes constatadas e documentadas é impressionante. (197, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207)

### 5.18 - Homeopatia Como a “Terapia Definitiva”

A despeito da total falácia da homeopatia enquanto “ciência”, seus propagadores são extremamente entusiastas em termos de suas possibilidades futuras, vendo-a freqüentemente como a “terapia definitiva”, a solucionadora dos problemas de saúde da humanidade. O caso do famoso “cientista homeopata” que citei em 5.16, como exemplo pessoal ocorrido comigo, bem o ilustra. Esta constitui, entretanto, uma atitude extremamente comum – posso dizer, constitui a atitude-padrão - por parte dos que se acham verdadeiramente comprometidos com a filosofia homeopática. Apenas mais um exemplo:

George Vithoulkas, destacado homeopata grego, cita o Dr. W. H. Schwartz, e o faz de uma forma que não pode passar despercebida ao cristão: “Se alguém conseguir fazer o mundo compreender aquilo que a homeopatia pode realizar, isto poderá significar *um novo tempo para a humanidade e um renascimento da medicina*. Realmente, a homeopatia possui um alcance tão grande, que sua universalização poderia representar um grande progresso *nesta mudança de milênio*, uma vez que ela lida *não apenas com os aspectos físicos, mas também com o desenvolvimento espiritual das pessoas*. Neste sentido, os medicamentos homeopáticos podem mesmo salvar as almas. Eles ajudam a combater os males promovendo a harmonia no corpo físico e, assim, criando um veículo puro para o funcionamento do intelecto e do espírito. A homeopatia auxilia o fluxo das energias espirituais e celestiais. É o único sistema verdadeiramente científico de medicina, mas é difícil dominá-lo sem uma dedicação intensiva”. (208) (Todos os destaques foram supridos por mim.)

Já observamos que com extrema freqüência Hahnemann e seus seguidores partem para a blasfêmia aberta ao defenderem seu método. Aqui se encontra mais um exemplo. “Os medicamentos homeopáticos podem mesmo salvar almas”! Blasfêmia das blasfêmias, pois somente o sangue de Cristo pode “salvar almas”! Certamente ela “auxilia o fluxo das energias espirituais e celestiais”, pois é exatamente a isto que ela se propõe. Mas que fique absolutamente claro que os “fluxos” aqui são as “correntes elétricas” (veja 3.6)

daquele que, havendo sido criado perfeito, “despencou do Céu” em virtude da desobediência! Como pode ser que “cristãos” ainda não hajam entendido o que a homeopatia significa?

Não há que se deixar passar despercebida uma outra inconsistência nas colocações deste autor: “A homeopatia é o único sistema verdadeiramente científico de medicina”. Já analisamos exaustivamente o fato de que este sistema se encontra a anos-luz de distância da verdadeira ciência, mas não é isto que desejo destacar aqui. O ponto é que, apesar de se considerar pomposamente como o “único sistema científico”, a homeopatia aceita de muito bom grado a companhia de todo o restante do lixo energético espiritualista, como temos estado a ver ao longo de toda esta obra, e particularmente nos tópicos 5.10 a 5.15.

Igualmente reveladora é a “profecia” de que a homeopatia poderá significar *um novo tempo para a humanidade na mudança de milênio* – uma asserção com a qual concordam prazerosamente os propagadores modernos da Nova Era, que abraçam a homeopatia com o mais intenso e indisfarçável entusiasmo.

### 5.19 - Ellen G. White e Homeopatia

Os adventistas do sétimo dia têm considerado ser Ellen G. White uma “mensageira especial” de Deus a esta igreja e ao mundo. Como membro da referida denominação, também a considero como tal. Daí a importância de conhecer o que ela escreveu sobre este delicado assunto. Conforme antecipei no capítulo inicial, cristãos de outras denominações poderão omitir a avaliação da presente seção, assim como de outras passagens que citam o pensamento desta autora, caso se sintam mais confortáveis em fazê-lo. Esta obra não se fundamenta sobre os escritos de Ellen White e não depende deles, embora pessoalmente eu tenha por eles a mais elevada consideração, respeito e admiração.

5.19.1 - Considerações Preliminares: Ellen G. White escreveu pouquíssimo sobre homeopatia, sobretudo se considerarmos quanto material ela produziu sobre “técnicas” e “sistemas de cura” afins, existentes e praticados em seus dias, a exemplo do mesmerismo, frenologia e imposição de mãos. Tanto quanto eu saiba, as únicas referências suas à homeopatia são as que aqui estaremos submetendo a análise. Sou particularmente grato ao Dr. Héliño Nogueira pela notável contribuição que me ofereceu para a compreensão das questões ora estudadas.

A leitura apressada de algumas de suas referências pode produzir a errônea impressão de que ela até mesmo defendeu a homeopatia, ou que não a considerou como provindo da mesma fonte que o mesmerismo e outras “terapias energéticas”. Teria sido absurda e incoerente a sua atitude, se ela o houvesse feito. O entrelaçamento da homeopatia com “todo o restante” da “teia de enganos” propiciada pelas “correntes elétricas de Satanás” encontra-se definitiva e irrefutavelmente demonstrada de forma histórica, conforme temos exposto na presente obra. Fundamental, pois, examinar os seus escritos atinentes ao assunto, tendo em vista que Deus “jamais erra” (209) e nem “jamais Se contradiz” (210), e que “Jesus Cristo é o mesmo ontem e hoje e eternamente, e o será para sempre. Não vos deixeis envolver por doutrinas várias e estranhas” (211). Sem dúvida, esta exortação se aplica como luva à Doutrina Homeopática, conforme é normalmente identifica por seus proponentes!

5.19.2 - Medicina Eclética ou Ecletismo: A correta compreensão do que Ellen G. White escreveu sobre homeopatia requer uma rápida digressão acerca da medicina eclética, em voga nos seus dias (segunda metade do século XIX e início do século XX). Um autor da época nos ajudará a compreendermos o que foi a escola eclética:

“Existem três escolas regulares de medicina – a alopática, a eclética e a homeopática . . . O ecleticismo americano foi um ramo, oficialmente reconhecido, da medicina que utilizou predominantemente ervas

nativas do país. . . . Sua primeira escola foi organizada em 1830. . . Foi a primeira escola oficialmente reconhecida a admitir mulheres e negros como médicos. . . Eram ecléticos no sentido de integrar tudo aquilo que funcionava. . . Estudaram todos os remédios de todas as escolas – tudo o que foi escrito nos últimos duzentos anos. . . Nossos médicos dizem ser ecléticos porque fazem uso dos melhores medicamentos de qualquer fonte. . . O sistema demonstrou claramente a superioridade da medicina baseada em plantas, antes do advento das maravilhas tecnológicas e das drogas do século XX. . . O sistema eclético nasceu da convicção popular de que o sistema da velha escola, a alopatia, achava-se baseada sobre princípios errôneos e eram mal sucedida, desagradável e assassina em sua prática”. (212)

Os ecléticos faziam uso, pois, daquilo que lhes parecia mais aproveitável em cada uma das linhas terapêuticas então existentes. Utilizavam bastante as plantas consideradas medicinais; faziam uso da hidroterapia, sob várias formas; valiam-se de tratamentos fisioterápicos; podiam também fazer uso de homeopatia, mas não se confundiam com a escola homeopática; de modo geral, enfatizavam bons hábitos de vida.

O autor citado acima, que escreveu próximo ao final dos anos 1800, menciona três escolas. Creio que podemos somar mais duas, as quais começavam a desenvolver-se exatamente naqueles dias: a medicina científica que hoje praticamos e o sistema de saúde segundo o plano de Deus, apresentado no Espírito de Profecia. A senhora White identifica este sistema como o sistema de higiene, a única prática médica realmente aprovada por Deus. Temos agora o contexto histórico para compreender o que Ellen G. White escreveu, citando a homeopatia.

5.19.3 - Situação Específica Relacionada com a Maioria das Citações: O Dr. Maxson havia sido o líder do “Rural Health Retreat” (atualmente Sanatório de Santa Helena, uma instituição de teve seu início diretamente orientado por Ellen White, a qual estabeleceu nas proximidades do Sanatório o lar em que morou durante os últimos quinze anos de sua vida). Maxson fora substituído na direção pelo Dr. [J. S.] Gibbs, não conseguindo conformar-se por haver sido preterido. A desavença entre ambos, provocada fundamentalmente pelas atitudes de Maxson, constitui um clássico na história das instituições de saúde adventistas. Inconformado com a primazia de Gibbs sobre a sua própria pessoa, Maxson usou a arma mais contundente possível: acusou o outro de ser homeopata, colocando-o, conseqüentemente, ao lado do espiritismo e de Satanás. Sabendo que isto NÃO era verdade, a senhora White defendeu Gibbs veementemente.

Maxson era um homem de temperamento difícil. Apesar de 25 anos de advertências da Sra. White quanto ao que ela chamou de “drogas da escola antiga”, sobre as quais já obtivemos tremendos testemunhos no âmbito de nosso trabalho, o Dr. Maxson prosseguia acreditando que, sem o uso liberal de tais drogas, qualquer tratamento seria inútil e eticamente condenável. Apegava-se teimosamente à sua prática. Estava errado, pois a tendência geral da medicina, com o início de seu verdadeiro desenvolvimento científico, já apontava melhor caminho, além das orientações providas por Deus através do dom profético, o que era ainda muito mais importante.

Maxson era um homem muito cioso de seu valor, embora não fosse grande coisa, nem como médico, nem como administrador. Criara sérios problemas administrativos ao Sanatório, enquanto seu diretor. Convencia as pessoas com facilidade, pois era persuasivo. Não mudava de posição mesmo diante das orientações providas pelo dom profético. Rejeitava, na verdade, a autoridade profética de Ellen White. Quanto o pastor Rice, administrador do Sanatório, foi condenado por White em virtude de haver cometido adultério, Maxson ficou a favor de Rice e contra Ellen. Rejeitou naqueles dias a reforma de saúde. (213) Mais tarde preferiu sair da Obra (organização adventista) a mudar de opinião quanto ao uso de drogas venenosas. Sua alegação de que as divergências com Gibbs eram provocadas pelos métodos de tratamento

deste último, na verdade constituíam uma cortina de fumaça para tentar ocultar divergências muito mais profundas entre ambos, assim como a inveja, o enorme orgulho e outros defeitos de caráter de Maxson.

Já o Dr. Gibbs era um sujeito de boa paz. Teve lá os seus problemas morais a certa altura dos acontecimentos (aparentemente depois de haver sido tão fortemente agredido por Maxson), mas o relato histórico parece deixar claro que foi perdoado pela esposa e pela igreja, e se manteve como cristão. Gibbs era formado por uma escola regular (oficial) de medicina, apesar de à época existirem dezenas de escolas homeopáticas no país. Optou pela prática eclética, e praticamente não usava drogas – nem convencionais, nem homeopáticas – antes fazia uso dos bons tratamentos naturais de todas as correntes médicas e, provavelmente, plantas medicinais, conforme era de praxe na escola eclética. Já contava com oito anos de experiência clínica quando ocorreu o início do *affaire* que estamos contextualizando. Era uma pessoa bondosa e revelou enorme tolerância e paciência diante dos desafios e falsas acusações levantados por Maxson.

5.19.4 - Referências de Ellen G. White à Homeopatia: Esta coletânea reúne, tanto quanto eu tenha conseguido pesquisar, todos os textos catalogados de Ellen White a respeito de Homeopatia, bem como alguns textos que não mencionam essa forma de tratamento, mas ajudam a compreender a sua questão com o Dr. Maxson. Procurarei apresentar os textos que citam a homeopatia em ordem cronológica, estabelecendo depois os vínculos entre eles e o contexto histórico em que foram escritos. Textos que não citam esta prática ajudam, por vezes, a compreender o que estava “por detrás da cortina”.

Analisei, por muito tempo e sob muita oração, os referidos textos. Na verdade, venho fazendo-o há anos. A leitura dos manuscritos arrolados na presente seção, constitui um exercício útil e por demais elucidativo. Recomendo-a de forma categórica.

5.19.4.1 - Cronologia: 1. Carta 53, de 10 de fevereiro de 1888, escrita a G. I. Butler. Registrada em *Manuscript Releases*, Volume Vinte, págs. 373 (parágrafo 1) a 377 (parágrafo 3). (214) Como nos demais casos, serão selecionados apenas os textos que se referem diretamente ao assunto ou ajudam em sua compreensão. Ainda que eu os transcreva aqui como parágrafos contínuos (seqüenciais), nem sempre é este o caso, podem existir de permeio parágrafos que não cito, sem separá-los por reticências. É por esta razão que delimito o início e o fim das referências. Neste primeiro caso, por exemplo, o intervalo do texto vai desde o 1º. parágrafo da página 373 até o 3º. parágrafo da página 377.

“Posso perceber que existe o determinado propósito, quer o Dr. Maxson e sua esposa tenham disso consciência, quer não, de mal-interpretar e mal-compreender o método de prática do Dr. Gibbs; e a despeito de eu haver apresentado claramente perante o Dr. Maxson que ele certamente está vendo as coisas sob uma luz errônea ou incorreta, ainda assim isso não exerce a menor diferença sobre suas idéias e planos de ação.

“Quando a grande questão da reforma de saúde foi aberta perante mim, os métodos de tratamento de enfermos me foram claramente revelados. [N]a prática cruel da velha escola e seus seguros resultados, onde alguém podia pretender ser beneficiado, milhares tornaram-se inválidos por toda a vida, os quais, não houvessem jamais ido ao médico, poderiam haver-se recuperado por si próprios, sem implantar em seus sistemas [organismos] enfermidades do pior caráter. A escola eclética era menos perigosa. A homeopatia . . . tinha muito menos conseqüências más que a prática da velha escola, mas gerou muito dano porque podia ser tão facilmente acessada, e com tão poucos gastos. Muitos a praticam por si mesmos e “entram nessa” sem a real compreensão de sua enfermidade, gerando assim grande dano para si mesmos. Regulação adequada da dieta, abstinência de chá, café e de todas as especiarias e carnes, a aquisição de um conhecimento inteligente de temperança, deveria ser a medicina acima de todas as drogas”. (Destaques supridos.)



Não há aqui qualquer defesa da homeopatia, ao contrário, existe uma condenação: ela também “gerou muito dano”. White salienta, como tantas vezes fizera, o terror do uso indiscriminado de venenos por parte da “velha escola”. Há uma posição relativamente favorável à escola eclética, “menos perigosa”. E há a clara afirmação da superioridade de métodos preventivos, de um estilo de vida saudável, como sendo a “medicina acima de todas as drogas”. Prossigamos com os textos do mesmo manuscrito.

“Mas o Dr. Maxson insistiu em colocar a sua forma de tratamento sob falsa luz. Repetidamente declarou que se o Dr. Gibbs não usasse drogas, estaria “boiando” e nada poderia fazer. Em Oakland tive outra conversa com o Dr. Maxson e insisti em que ele não considerasse tão maravilhosa a sua especialidade em usar drogas. Disse-lhe que depois de me haver sido apresentado todo o sistema de uso de drogas, Deus me havia mostrado que deveríamos ter uma instituição conduzida sobre princípios higiênicos . . . onde se ensinasse às pessoas uma forma melhor de vida – viver saudável e sem drogas. . . Tentei apresentar ao Dr. Maxson algo deste assunto que o Senhor me havia mostrado, mas acredito que isto não causou a menor das impressões em sua mente. Ele declarou que considerava a homeopatia como sendo do demônio, do mesmo caráter do espiritualismo e do mesmerismo. Entretanto, o Dr. Gibbs NÃO É UM MÉDICO HOMEOPATA, antes busca o melhor de tudo [de todas as escolas]. Obteve sua educação na escola regular e tem seu diploma desta escola”. (Destaque suprido.)

Mais uma vez, não existe qualquer defesa da homeopatia, e sim da pessoa do Dr. Gibbs diante da acusação que o Dr. Maxson lhe fazia. MAXSON SABIA QUE, SE CONSEGUISSSE “ENQUADRAR” GIBBS COMO HOMEOPATA, ESTARIA REALMENTE COLOCANDO-O NO TERRENO DO ESPIRITUALISMO E DESTA FORMA CONDENANDO-O! É CLARO, ABSOLUTAMENTE CLARO, A PARTIR DE TUDO QUE ESTA OBRA TEM MOSTRADO, QUE A HOMEOPATIA É DO MESMO CARÁTER DO MESMERISMO, É SEM DÚVIDA ESPIRITUALISTA! HAHNEMANN – O PRÓPRIO - E TODOS OS SEUS ASSOCIADOS DEIXAM ESTE PONTO INDELEVELMENTE CLARO! Daí a insistência de Maxson em sua acusação, QUE ENTRETANTO ERA FALSA. GIBBS NÃO ERA HOMEOPATA!!!

“O Dr. Maxson pensa que sabe muito mais do que realmente sabe, e aqui se encontra o cerne da dificuldade. Estivesse eu enferma, não me entregaria às suas mãos para o princípio do ‘mate ou cure’. [supri as aspas] [Observe-se que esta expressão corresponde de forma exata ao que já havemos visto antes, como definidora da ‘filosofia de cura’ da ‘velha escola’!] Temo que eu seria morta. Um conhecimento mais profundo do que ele agora possui, dar-lhe-ia a compreensão de quão pouco realmente sabe e quanto mais necessita . . . antes que a vida humana se encontre em segurança nas suas mãos. . . Em Oakland tentei mostrar ao Dr. Maxson que suas idéias não estavam de acordo com a vontade de Deus, quanto a ele não poder harmonizar-se com o Dr. Gibbs. . . Mas, a despeito de tudo que eu pudesse dizer, ele voltava vez após outra ao mesmo terreno, apresentando a infalibilidade da alopatia sobre a homeopatia. . . Mas tem ocorrido positivo dano pelas fortes doses de medicamentos dados pelo Dr. Maxson – enormes quantidades de quinino dadas a seus pacientes. . . Não temos conhecimento de resultados semelhantes, seguindo-se ao uso de drogas, por parte do Dr. Gibbs”.

Esta porção do texto é por demais elucidativa. Enquanto a Sra. White tentava mostrar que Maxson precisava deixar de lado suas infundadas e mentirosas acusações contra a pessoa de Gibbs e sua prática, Maxson “voltava vez após outra ao mesmo terreno”, sustentando a “*infalibilidade*” da alopatia [dos venenos que indiscriminadamente administrava, em altas doses, consoante a prática de seus dias!!!] sobre a homeopatia. Um verdadeiro diálogo de surdos, mas o único surdo, no caso, era Maxson! Ellen tentava dizer: “Maxson, você está acusando falsamente seu colega de ser homeopata e ao mesmo tempo defende o uso abundante de drogas, que você pratica, como sendo infalível. Tudo isto está errado. Você precisa aprender melhor as coisas e deixar de lançar falsas acusações a seu colega. Precisa harmonizar-se com

ele”. Maxson fingia não ouvir nada disso, mantendo-se inflexível em sua disposição de caracterizar Gibbs como homeopata e assim excluí-lo do sistema adventista.

No restante deste manuscrito, sem mais citar a homeopatia, White revela que Maxson apresentou seu pedido de demissão e afastou-se do Sanatório, uma vez que não conseguira encontrar em Ellen o respaldo para prejudicar e alijar Gibbs. O Senhor mostrara a ela que as acusações eram falsas, e ela NÃO CEDEU às mentiras. Durante o episódio, conforme revelam outros parágrafos do manuscrito, Rice – o administrador adúltero – esteve apoiando Maxson, que por sua vez apoiou a Rice em seu pecado. “É dando que se recebe”, “uma mão lava a outra”! Mas a serva do Senhor não se deixou enredar, nem por um, nem pelo outro. No mesmo Manuscrito Vinte, às páginas 61, 62, 108, 111, 112, 119 e 225, ela apresenta várias outras mensagens a Maxson e esposa – que o acompanhava “fielmente” em suas falsas acusações e má prática – revelando sempre quão longe eles se encontravam da posição de genuínos filhos de Deus. Ponderações e recomendações evidentemente desatendidas. Ele não mudaria sua posição, não importa o que ela dissesse, ainda que em nome de Deus.

5.19.4.2 - Cronologia: 2. Escrita em 13 de fevereiro de 1888, dirigida a S. N. Haskell e Ings. Registrada no Manuscrito Vinte e Um, págs. 321 (par. 1) a 324 (par. 2). Na verdade, não cita a homeopatia, apenas registra a renúncia de Maxson. (215)

5.19.4.3 - Cronologia: 3. Carta 33, escrita em 21 de março de 1888, ao irmão Church, e registrada em *Manuscript Releases*, Volume Vinte, págs. 363 (par. 1) a 372 (par. 1). (216) Prossegue com os mesmos conhecidos argumentos. Estes são repetidos algumas vezes em virtude de a Sra. White haver escrito sobre o mesmo assunto a diferentes pessoas.

“Tive diversas conversações com o Dr. Maxson e sua esposa. . . Eles diziam que o Dr. Gibbs era homeopata, MAS ESTE NÃO ERA O CASO. Ele era um médico eclético. . . O Dr. Maxson e esposa declararam que a homeopatia era do diabo, semelhante ao espiritismo e ao mesmerismo, e que eles não podiam conscienciosamente unir-se a ele [Dr. Gibbs], embora reconhecessem que o Dr. Gibbs sempre o tratara [ao Dr. Maxson] como um cavalheiro.

“Eu lhes contei que ao Senhor aprouvera mostrar-me, há aproximadamente trinta anos [por volta de 1860, portanto], o que acontecia com as práticas da velha escola. . . Falei-lhe de dois sistemas: o das velhas escolas, que haviam matado milhares e dezenas de milhares, ao passo que a eclética – ou, como ele [Maxson] a chamava, a homeopatia, que não houvera realizado obra tão mortal. Isto, porém, estou segura, não exerceu efeito sobre ele, pois freqüentemente repetia a mesma coisa”. (Destaques supridos.) [Já analisamos em 5.19.4.1 esta incrível obstinação e irracionalidade de Maxson.]

Aqui aparecem interessantes informações novas, embora White esteja recontando a mesma história. Ela diz que a escola eclética – QUE MAXSON INSISTIA EM IDENTIFICAR COMO HOMEOPATIA! – não realizara obra tão mortal quanto as velhas escolas, a esta altura já condenadas por quase todos. INTERESSANTE QUE AQUI A VELHA ESCOLA APARECE NO PLURAL, O QUE ME PARECE MAIS APROPRIADO. Portanto, nesta carta, a comparação ocorre entre a velha escola - ou seu plural - e a escola eclética, sendo que o termo “homeopatia” apenas aparece como nome erroneamente atribuído por Maxson à escola eclética, o que realça sua deliberada intenção de confundir as duas escolas a fim de incriminar Gibbs!

5.19.4.4 - Cronologia: 4. Carta 26A, de 1889, dirigida “a um destacado médico na obra institucional”, que era ninguém menos que o Dr. Maxson (segundo o revela o contexto histórico). Constitui uma referência claramente desabonadora à homeopatia, A ÚNICA REFERÊNCIA NOS ESCRITOS DE

ELLEN WHITE, em minha opinião, QUE REALMENTE CONSTITUI JUÍZO DE VALOR DESTA DOUTRINA.

“Quando a Dra. Chamberlain veio para o Retiro da Saúde, deixou de lado todo o seu conhecimento e prática de Higiene, e administrou as pequenas doses homeopáticas para quase todas as doenças. Isto foi contra a luz que Deus havia dado. Assim, nosso povo, que tinha sido ensinado a evitar drogas sob quase todas as formas, estava recebendo uma educação diferente. Fui obrigada a dizer a ela que essa prática de depender de remédios, seja em pequenas ou grandes doses, não estava de acordo com a reforma de saúde”. (217)

O destaque do parágrafo anterior foi provido por mim em virtude de uma razão especial, que se compreende ao ler o manuscrito. Depois de haver escrito a máquina o parágrafo SEM a frase que destaquei, ao fazer sua revisão a Sra. White acrescentou, de próprio punho, a frase destacada, de modo a não deixar sombra de dúvida de que NÃO aceitava a introdução da homeopatia em nossas instituições! E o assunto fica ainda mais claro ao se considerar que o Retiro da Saúde, onde por algum tempo trabalhou a Dra. Chamberlain, era exatamente o Sanatório de Santa Helena, onde também Maxson trabalhava! Ele conhecia a doutora, havia trabalhado com ela. É como se Ellen estivesse dizendo: “Maxson, se o Dr. Gibbs fosse homeopata, eu seria a primeira a chamar a atenção dele. Você deve estar lembrado de qual foi a prática da Dra. Chamberlain, e de como lhe chamei a atenção, mostrando que aquilo que ela fazia era ‘contra a luz que Deus havia dado’. Pare de acusar o Dr. Gibbs, pois, como eu já disse a você, ele não é homeopata”.

5.19.4.5 - Cronologia: 5. Carta 22, de 20 de maio de 1890, sem identificação de destinatário específico. Reproduzida em *Manuscript Releases*, Volume Vinte, págs. 378 (par. 1) a 390 (par. 4). (218) Não acrescenta novas informações, apenas repete as que já eram de conhecimento de pessoas específicas, agora aparentemente para a igreja como um todo, uma vez que não aparece identificação de destinatário pessoal.

“Na Califórnia o Dr. Maxson afastou-se do Retiro da Saúde de uma forma que Deus não aprovou. A única razão por ele apresentada foi que seus métodos de tratamento não se achavam em harmonia com os do Dr. Gibbs. Ele disse: ‘Quero dizer-lhe, irmã White, que esta prática eclética (\*) e homeopática é da mesma ordem do mesmerismo, como o espiritualismo; originou-se com o diabo’”.

(\*) – No manuscrito original aparece *elétrica* (“electric”), e não *eclética* (“eclectic”). Aparentemente houve uma “acomodação” ou correção do termo em época posterior, pois no texto hoje disponível no *site* que indico na bibliografia, aparece “eclectic”. (219) De todos os modos, se o termo original é “electric”, o Dr. Maxson deve ter tido a intenção de dizer que a escola eclética era parte das “correntes elétricas” mencionadas pela Sra. White, o que teria parecido a ele um argumento ainda mais forte. Talvez tenha até mesmo pretendido jogar com as palavras. Ellen White prossegue em seu relato na presente carta:

“Quem lhe deu esta informação? Certamente não o Senhor, pois tal declaração não tinha fundamento na verdade”.

Qual informação? A única que, desde o princípio, vinha sendo objeto de debate entre White e Maxson: a de que Gibbs era (segundo Maxson) ou não era (segundo White) um homeopata. REPITO QUE ELLEN NÃO ESTAVA AQUI AFIRMANDO NADA ACERCA DA HOMEOPATIA – aliás, desde o início do debate, na verdade não era a homeopatia que estava sendo analisada, e sim o ecletismo, que Maxson insistia em igualar à homeopatia. Como profetisa de Deus – é assim que a Igreja Adventista do Sétimo Dia a tem considerado – ela não poderia, JAMAIS, contrariar a luz que fora transmitida através dela própria. O mesmerismo e todas as práticas afins – incluindo-se aí a homeopatia, segundo o esclarecimento irretorquível feito pelo próprio Hahnemann ao associar-se ao mesmerismo e ser, ele mesmo, reconhecido

magnetizador – era, sim, e é ainda, e será sempre, da mesma origem do mesmerismo. Sem meios termos, é a exteriorização, sob a aparente forma de “medicamentos”, das “correntes elétricas de Satanás” (vide 3.6).

Finalizando suas observações sobre a conduta irreconciliável e afirmações levianas e mentirosas de Maxson naquela oportunidade, ela assegura que “tais afirmações são indignas de um médico cristão. . . Sempre é melhor que os homens sejam modestos e meigos e mansos de coração. Mas o Dr. Maxson não o era. Quão poucos realmente conhecem a Deus e crêem em Jesus Cristo, a quem Ele enviou”.

5.19.4.6 - Cronologia: 6. A última referência de Ellen White à homeopatia aparece na Carta 1, de 12 de janeiro de 1892, dirigida “aos irmãos em responsabilidade”, e registrada em *Manuscript Releases*, Volume Vinte, págs. 391 (par. 1) a 394 (par. 3). (220) Quase nada acrescenta ao que já havia sido dito, exceto que fala um pouco mais severamente acerca de Maxson e suas atitudes. Aparentemente, algumas pessoas em posição de responsabilidade estavam defendendo o retorno de Maxson à liderança de uma de nossas instituições de saúde, ao que ela se opôs, lembrando o que havia ocorrido tempos antes.

“O Dr. Maxson não possui as qualificações que o habilitariam a estar como líder à frente de uma grande instituição, como esta a ser estabelecida num subúrbio de Oakland. . . Ele não sabe como entender e lidar com mentes humanas. . . Com a maior confiança e segurança, exaltou a prática regular e depreciou a prática da homeopatia [relembrando: ecletismo, que ELE insistia em chamar de homeopatia], fazendo as mais extravagantes afirmações em relação à prática regular, . . . mas eu sabia que suas declarações não eram verdadeiras, pois a prática de ambos os sistemas e seus resultados haviam-me sido expostos, e eu sabia que as declarações [de Maxson] não eram corretas. Isto se deve à estreiteza de mente do homem”.

Ela finaliza mostrando que a atitude de Maxson não lhe era exclusiva, que muitos outros da “velha escola” mantinham a mesma postura: “Todos os que recebem sua educação da escola regular, e são moldados segundo o espírito de seus educadores, geralmente agem de acordo com as impressões que receberam de seus instrutores, e denunciam qualquer outro sistema como sendo satânico”. Vale observar que ainda hoje é muito freqüente tal espírito presunçoso por parte dos “professores doutores” das Faculdades de Medicina, espírito este devidamente repassado aos pupilos. Mas existem também, nestas mesmas escolas, grandes homens, extraordinariamente cultos e ao mesmo tempo humildes, com alguns dos quais tenho tido o privilégio de conviver por anos.

Por outro lado, aquilo que foi demonstrado por Deus como sendo satânico, ou que foi expressamente declarado por Satanás como lhe pertencendo, de fato o é e o será até o fim. De nada valerá a um mísero ser mortal tentar opor-se a isto. Menos ainda vale qualquer tentativa de harmonizar homeopatia e cristianismo, conforme veremos na seção 5.20, a seguir. O próprio Hahnemann excluiu tal possibilidade!

## 5.20 - Hahnemann, Homeopatia e “Inspiração”

Hahnemann era indiscutivelmente um homem “religioso”. Alguns de seus escritos fariam supor que nele existisse a concepção correta do Deus verdadeiro. Infelizmente, não era o caso. Havendo sido deísta, avançou cada vez mais no panteísmo, até encerrar a vida como confucionista definido. Seus historiadores, geralmente homeopatas, assim o demonstram.

Esta religiosidade – e, mais que isto, a convicção de que fora “inspirado” na criação da homeopatia – manifestou-se, por exemplo, num poema de Gellert, que ele incluiu na página frontal da primeira edição do *Organon*, em 1810. A inclusão deveu-se, segundo seus biógrafos, à sua gratidão ao “Altíssimo” pela revelação da homeopatia, e utiliza esses termos: “A Verdade nós mortais necessitamos, para nos abençoar e guardar; o Onisciente a encobriu levemente, mas não a enterrou no profundo”. (221)

Que Hahnemann obteve inspiração sobrenatural para desenvolver a sua homeopatia, é fato fora de qualquer discussão. Por quê? Porque ele mesmo o atesta de forma expressa e explícita, e o faz em mais de uma oportunidade. Segue um exemplo, escrito por ele mesmo numa carta ao oficial da cidade de Koethen em 1828, e que muito nos ajuda a compreendermos que existe, sob um aparente manto de humildade, a sua absoluta convicção de que era “inspirado”. Tudo se torna extremamente claro depois que conhecemos – e agora conhecemos tão bem! – a orientação religiosa do Dr. Hahnemann:

“Consegui apenas aquilo que um indivíduo pode alcançar com seus frágeis meios, guiado pelos poderes invisíveis do Todo-poderoso, ouvindo, observando, sintonizando-se com suas instruções, prestando a mais sincera e religiosa atenção a esta inspiração”. (222)

Vários outros textos, sobretudo do *Organon*, repetem a mesma convicção expressa sempre pelo próprio Hahnemann:

“Já era tempo de que a sabedoria do Divino criador e conservador dos homens pusesse fim a estas abominações [da medicina regular de seus dias]. . . Já era alto tempo de ele permitir que se descobrisse a homeopatia”. (223)

“A verdade é eterna como a própria divindade. Os homens podem desconhecer-la por muito tempo, mas por fim chega o momento em que, cumprindo-se os decretos da Providência, seus raios penetram a nuvem de preocupações e derramam sobre o gênero humano uma claridade benéfica que a partir de então nada é capaz de extinguir”. (224) Este parágrafo nos permite compreender melhor a inclusão que ele fez, em sua obra, do poema de Gellert, citado há poucos parágrafos. Mais algumas expressões de “inspiração”:

“. . . cometer o ridículo de praticar uma vez homeopaticamente, e outra vez alopaticamente . . . prática esta que se deveria chamar de traição criminosa contra a divina homeopatia”. (225)

“Então o médico chegará a convencer-se do poder curativo destes instrumentos divinos”. (226) [Nestes últimos cinco ou seis parágrafos, todos os destaques foram supridos por mim.]

Esta “vidência” foi, pois, abertamente assumida por Hahnemann e reconhecida por seus seguidores e biógrafos, pois é também assim que muitos deles o identificam. Apenas dois exemplos:

“Semelhante ao Vidente de Coethen... [Hahnemann], [que] com reverência e compreensão ponderou sobre os livros da Natureza e da Revelação de Deus”. (227)

“Assim Hahnemann sempre se alça acima do médico. . . Ele se torna o vidente da Divindade que reconhece”. (228)

A “divindade” que ele reconheceu, conforme exaustivamente demonstrado, foi o deus panteísta que permeava a tudo e a todos. É deste seu deus que ele se revelou um notável vidente.

Uma vez que estamos falando de inspiração sobrenatural, devemos recordar, à luz da Palavra de Deus, que só existem dois poderes no Universo, no presente momento de sua história: Deus e Seus mensageiros, de um lado; Satanás e suas hostes malignas, de outro. Em várias oportunidades este ponto é firmemente realçado pela Bíblia. Um bom exemplo ocorreu ao final de um longo ciclo de apostasia entre os israelitas. Elias, o destemido profeta, enfrentou aparentemente sozinho o rei, os profetas do mal e todo o povo. O relato segue, e é bastante conhecido: “Até quando coxeareis entre dois pensamentos? Se o Senhor é Deus, segui-O; se é Baal [símbolo aqui de toda adoração satânica], segui-o”. (229) Jesus foi ainda mais enfático ao declarar: “Quem não é por Mim, é contra Mim; e quem comigo não ajunta, espalha”. (230)

Em relação a Cristo, será que Hahnemann “ajuntou” ou “espalhou”? Esteve a favor de Cristo, ou contra Ele? Logo responderei – melhor dizendo, Hahnemann responderá – diretamente a estas perguntas. Antes,

porém, avancemos mais um pouquinho no exame de algumas propostas típicas, como a da Universidade de Síntese Planetária. Segundo seus defensores, várias organizações – ficamos conhecendo algumas delas aqui nesta obra! – estão colaborando ativamente para a maior expansão da consciência de grupo: o Movimento Teosófico, a Escola Arcane, a Missão Ramakrishna, o Movimento Ashram de Sri Aurobindo e vários movimentos de Ioga. Quem é o idealizador central deste projeto?

“O plano total baseia-se na teoria dos dez grupos-sementes propostos pelo Mestre Djwhal Khul. Cada grupo-semente provê a plataforma para a estrutura sócio-econômica da nova geração”. (231)

“Mestre Djwhal Khul” já foi adequadamente identificado por nós, com o valioso auxílio de Will Baron (veja 3.3.10). E aqui, exatamente ao lado dos livros de Djwhal Khul, como livros de estudo desta proposta da Nova Era, aparecem os livros de Hahnemann, junto com os de outros renomados espiritualistas. Sim, a fonte de inspiração de Hahnemann é a mesma! É a de Djwhal Khul, ou é Djwhal Khul! Peço licença aos leitores cristãos não-adventistas para apresentar aqui algumas citações de Ellen White:

“Há muitos que se horrorizam ante o pensamento de consultar médiuns espíritas, mas são atraídos por formas mais suasórias de espiritismo. Outros são levados ao extravio pelos ensinamentos da ciência cristã, e pelo misticismo da teosofia e outras religiões orientais. [Exatamente a situação de Hahnemann, conforme sobejamente demonstrado.] Os apóstolos de quase todas as formas de espiritismo sustentam possuir poder para curar. Eles atribuem este poder à eletricidade [energia vital], ao magnetismo [como no mesmerismo, do qual Hahnemann era adepto], ou aos assim chamados ‘remédios de simpatia’ [lembre-se que o *similia* é uma lei e simpatia], ou a forças latentes contidas na mente do homem”. (232) (Os destaques entre chaves são meus.)

“Os anjos de Deus guardarão o Seu povo enquanto este trilhar o caminho do dever, mas não existe certeza alguma dessa proteção para os que deliberadamente se colocam no terreno de Satanás. Um agente do grande impostor dirá e fará qualquer coisa para alcançar o seu objetivo. Pouco importa se ele se chama espírita, ‘mágico’ [‘electric physician’, ou seja, terapeuta através de correntes elétricas ou do ‘equilíbrio energético’], ou ‘hipnotizador’ [‘magnetic healer’; seria melhor a tradução ‘magnetizador’]”. (233) (destaques supridos)

Uma vez assentada de forma cristalina esta verdade, podemos passar ao exame objetivo da verdadeira fonte de inspiração de Hahnemann. Repetidas vezes, não só no *Organon*, ele atribui sua homeopatia a Deus, conforme já observamos. Quem é, entretanto, o Deus ao qual Hahnemann se refere? Será ele o nosso verdadeiro Deus, Único, Criador e Redentor da humanidade? Com tudo aquilo que examinamos até aqui, poderia ser o Deus verdadeiro o mesmo ao qual Hahnemann atribui sua inspiração? LEMBREMOS:

“Não sabeis que daquele a quem vos oferecis como servos para obedecer, desse mesmo a quem obedecéis sois servos”. (234) “Que sociedade pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que comunhão da luz com as trevas? Que harmonia entre Cristo e o Maligno?” (235)

Arrazoemos, Deus nos deu a mente com capacidade para fazê-lo. Cada um dos pontos arrolados – e muitos outros mais – foi substancial e exaustivamente apoiado por várias referências bibliográficas, em geral produzidas por simpatizantes da homeopatia e seu autor:

Hahnemann foi desde jovem, e por toda a sua vida, um maçom ativo e convicto – adepto de uma filosofia que, de modo blasfemo, vê o culto a Jesus Cristo como uma paródia do culto pagão ao sol.

Um homem que viu em sua medicação, de feitura humana, a presença de seu minúsculo deus panteísta.

Um homem que desenvolveu um sistema em que a filosofia fundamental por detrás da preparação dos remédios (homeopáticos, claro!) era a reverência pelo pensamento oriental pagão e inteiramente espiritualista.

Um homem que se abeberou o tempo todo da filosofia pagã grega.

Um homem que adotou Paracelso e sua doutrina médica espiritualista como paradigma (embora renegasse o mestre).

Um homem que transferiu o conceito espiritualista do monismo para o seio de seu sistema.

Um homem que baseou os “grandes princípios” de sua “doutrina” nas antigas práticas astrológicas.

Um homem que se abeberou extensamente do mestre espiritualista e médium Swedenborg, influência que deixou como “herança” a grande parte de seus sucessores.

Um homem que foi notável e entusiástico defensor e praticante do mesmerismo, tão energicamente condenado por Deus. Concedeu a esta prática notável e exaltado destaque no seio de sua própria “Bíblia” homeopática, o *Organon*.

Um homem possuidor de um definido “espírito divinatório”, segundo seus adeptos.

Um homem que se vinculou às várias formas de esoterismo, antroposofia, Ciência Cristã e animismo, deixando após si um rastro de “medicina” espiritualista que inspirou vários outros ramos de enganadoras propostas.

Um homem que foi confucionista durante quase toda sua vida, especialmente na etapa final da mesma.

Um homem que zombou dos milagres do cristianismo, identificando-os como mitos e credices.

Um homem que empreendeu tremendos esforços para ocultar a verdadeira natureza de suas crenças, negando inclusive a inegável influência, em sua obra, de autores que o antecederam, justamente porque estes haviam expressado de modo franco o seu misticismo – um ato de covardia em virtude do qual é abertamente criticado por seus biógrafos e adeptos.

Um homem que declarou repetida e enfaticamente haver sido inspirado – por Deus! – na formulação de sua homeopatia.

Isto posto, volto a perguntar e em grande medida repetir um parágrafo escrito acima: De quem Hahnemann foi servo? Foi ele um homem a serviço de Cristo (da luz) ou do Maligno (das trevas)? Quem é o Deus ao qual Hahnemann se refere como fonte de sua “inspiração”? Será ele o nosso verdadeiro Deus, Único, Criador e Redentor da humanidade? Com tudo aquilo que examinamos até aqui, poderia ser o Deus verdadeiro o mesmo ao qual Hahnemann atribuiu sua inspiração?

Parece-me absoluta, terminante, decisiva e inquestionavelmente claro que a resposta à pergunta formulada no parágrafo anterior é NÃO. Um NÃO categórico, destes a respeito dos quais não há que se tervigersar. Um NÃO tão contundente quanto a impossibilidade de Deus ser o Autor do mal, o Inventor do pecado. Um NÃO tão enfático quanto a impossibilidade de existir alguma participação divina em qualquer uma destas terapias energéticas que negam a visão bíblica da natureza do homem, provida por Deus, e que aceitam conceitos diametralmente opostos ao que Ele declarou ser a verdade!

Necessito, contudo, encerrar esta análise com dois pontos cruciais ou FATAIS – desnecessários, a esta altura, mas que não julgo ter o direito de omitir de meus irmãos, cristãos genuínos, muitos dos quais ao longo de anos pensaram que a homeopatia e seu autor representavam uma opção válida, sobre cujo uso poderiam suplicar e receber a bênção de Deus – opção com um inocente aspecto “natural”!

A *Inner Light Society* é uma notória sociedade espiritualista, bastante antiga. Segundo os registros desta sociedade, aos 9 de agosto de 1927, um dos “espíritos” dirigentes das sessões da sociedade começou a ditar um livro, cujo título era “The Principles of Esoteric Medicine” [Princípios de Medicina Esotérica]. Sabemos quem são os espíritos do espiritismo, que geralmente se apresentam como reencarnações de ilustres antecessores. Examinamos esta pretensão – e a identidade destes “espíritos” - em 3.3.9, onde você poderá recapitular o assunto, se assim o desejar.

Pois bem, nesta sessão o “espírito” apresentou-se como a reencarnação de um antigo *mestre da medicina* – foi este o título pelo qual disse que deveria ser identificado. Ele declarou categoricamente que *Hahnemann aprendeu suas idéias homeopáticas com ele, o “espírito mestre da medicina”*! Declarou ainda, de forma inconfundivelmente clara: “Existem dois principais sistemas [médicos], vocês sabem. Os fundamentos de um deles eu assentei pessoalmente. O outro foi fundado por meu pupilo favorito, reencarnado para este propósito”. (236) O contexto deixa bem claro que o “pupilo favorito” do “espírito” foi Hahnemann, inspirado, segundo a declaração do “espírito”, a partir de “planos interiores”!

Bem, o segundo “ponto fatal” é, em minha opinião, muito mais chocante e muito mais decisivo, pois tem a ver com a atitude de Hahnemann para com Jesus Cristo. Se alguém quisesse considerar o primeiro “ponto fatal” como mera e não-autêntica gabolice de Satanás através do suposto “espírito”, não teria, entretanto, como negar este segundo ponto, pois agora as palavras são registradas pelo próprio Hahnemann.

“Este homem rejeitou a Bíblia e a sabedoria divina que vem do alto, e seguiu a sabedoria terrena, sensual e diabólica da Terra (Tiago 3:15-17). Chegamos a uma citação que revela o seu ponto de vista acerca de Cristo! Hahnemann sentiu-se ofendido pela vida de Jesus Cristo e zombou dEle, identificando-o como ‘o astucioso ou velhaco entusiasta’” (237)

Foi assim que um de seus biógrafos descreveu a atitude do pai da homeopatia: “Ele ofendeu-se com o ‘velhaco entusiasta’ Jesus de Nazaré, que NÃO conduziu os iluminados ao correto caminho da sabedoria [no mesmo texto ele declara que Confúcio é que representou o caminho da sabedoria rumo a Deus!], mas que lutou com publicanos e pecadores num difícil caminho rumo ao estabelecimento do reino de Deus”. (238)

“Ele resistiu ao sonhador Jesus de Nazaré, que não conduziu os eleitos ao correto caminho da sabedoria. Referindo-se a Jesus, declarou que ‘Ele carregou a escuridão deste mundo e ofendeu os amigos da sabedoria etérea’” (239) Certamente Jesus Cristo deve mesmo haver “ofendido” os “amigos da sabedoria etérea”, uma vez que enfrentou e sustentou até no sentido físico uma constante luta com os “espíritos” (os “amigos da sabedoria etérea”) dos quais Hahnemann era amigo íntimo!

Creio que é hora de fazermos algumas afirmações destemidas e decisivas em relação a Hahnemann e sua homeopatia, à luz de todo o exame bibliográfico feito ao longo deste capítulo e, sobretudo, à luz de textos bíblicos pertinentes. Esta é a minha avaliação final deste decantado “benemérito” e sua “terapia alternativa” tão gentilmente considerada e aceita em muitos meios cristãos, tão facilmente acolhida, praticada e “deglutida” (simbólica e literalmente).

“Acaso, meus irmãos, pode a figueira produzir azeitonas, ou a videira, figos?” (240) “Pelos seus frutos os conhecereis”. (241)

Poderíamos esperar algum fruto compatível com o cristianismo de alguém cuja “seiva vital” [estou adaptando o termo, num paralelo à “energia vital”] proveio das mais definidas fontes espiritualistas e místicas? Não, desta árvore maçônica e/ou monista e/ou espiritualista e/ou mesmerista e/ou confucionista de Hahnemann não poderia advir nenhum fruto condizente com o cristianismo. Jamais!!!

“E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle”. (242)



O Espírito de Cristo foi considerado ofensivo por Hahnemann. Sentiu-se ofendido pelos métodos do Mestre de Nazaré, por ele considerado como o astuto ou velhaco entusiasta. Ele não possuía o Espírito de Cristo, ao contrário, renegou-o veementemente. Hahnemann não era de Cristo, jamais o foi, jamais poderia haver sido!

“Porque ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo”. (243)

Bem que Hahnemann tentou lançar outro fundamento. Rejeitou o Divino Mestre porque nada tinha a ver com o Espírito de Cristo. Seu fundamento – o “caminho da verdadeira iluminação” – era Confúcio. E milhares de “cristãos” aplaudem o diabólico “novo fundamento”, muitas vezes sem se darem conta do que estão fazendo. Que se arrependam urgentemente, espero! OU que deixem de professar, de modo vão, um pseudo-cristianismo que tão somente os arrastará à perdição eterna, e eventualmente a muitas outras almas – sinceras – com eles!

“Por isso vos faço compreender que ninguém que fala pelo Espírito de Deus afirma: Anátema Jesus!” (244)

Ao ofender-se com Cristo, ao ridicularizá-lo, ao afirmar de modo blasfemo que o Divino Mestre desviou Seus seguidores do caminho da verdadeira iluminação, Hahnemann considerou Jesus como anátema. Evidentemente, jamais poderia estar falando pelo Espírito de Deus, assim como jamais foi inspirado pelo Deus verdadeiro. Sua inspiração veio do espírito do maligno, do infame adversário do precioso Salvador Jesus Cristo!

“Quem é o mentiroso senão aquele que nega que Jesus é Cristo? Este é o anticristo, o que nega o Pai e o Filho. Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai”. (245)

Hahnemann negou Jesus Cristo, ultrajou-O, blasfemou dEle. Foi um mentiroso. *Foi um notável anticristo, provavelmente o maior de todos no meio médico.* Foram suas palavras e atitudes, confrontadas com a clara exposição da Palavra de Deus, que assim o definiram. De absolutamente nada servem as professas palavras de reconhecimento dele a Deus, até porque o seu deus não era o Deus verdadeiro. “Todo aquele que nega o Filho, esse não tem o Pai”, lemos acima. Ele negou o Filho, e de modo abjeto. Portanto, não tinha o Pai, nunca O teve! Negando o Filho, negou igualmente o Pai.

“De quanto mais severo castigo julgais vós será considerado digno aquele que calcou a pés o Filho de Deus. . . e ultrajou o Espírito da graça?” (246)

Hahnemann calcou a pés o Filho de Deus e ultrajou o Espírito da graça. Ele assim o declarou. Nada indica que algum dia tenha se arrependido. Se as coisas forem conforme tudo indica que foram, receberá severo e eterno castigo no dia de ajuste final de contas. Todos os seus seguidores, não importa a sua profissão de fé, **UMA VEZ HAVENDO CONHECIDO A VERDADE ACERCA DESTE HOMEM E SUA HOMEOPATIA, SE NÃO SE ARREPENDEREM**, receberão igualmente o mais terrível e severo castigo no dia final, pois, como ele, também terão calcado a pés o Filho de Deus! Arrependam-se, pois, cristãos homeopatas, e tornem-se genuínos seguidores de Jesus, pois o “mestre” que vocês até aqui admiraram e seguiram rejeitou categoricamente a Cristo, o Único Caminho!

## 5.21 - Conclusão do Capítulo

Estamos atravessando dias difíceis em todos os aspectos, e não menos no que diz respeito à vivência da genuína fé. Muitos professos cristãos têm partido apressadamente em defesa da homeopatia e de outras práticas notoriamente espiritualistas. Ninguém poderá impedi-los de assim procederem. Responderão por seu erro, porém muito mais grave será o fato de influenciarem outros com seu mau exemplo, possivelmente levando-os também à perdição.

Um destes cristãos descreve as maravilhas que a homeopatia operou em seu favor e de sua família, e afirma ser um “cristão carismático” desde o início da década de 1970, pelo que se julga qualificado a ver as coisas com equilíbrio. Não entendi por que ele se julga mais “equilibrado” que outros cristãos por ser carismático! Aliás, o que significa, na verdade, ser um “cristão carismático”? Este chega às raias do absurdo ao afirmar que “se persistirmos dizendo que os remédios homeopáticos possuem de per si um elemento oculto, estaremos adotando pontos de vista panteístas”. (247).

Como tantos outros defensores apressados, parece não haver realmente compreendido nem de longe o que a homeopatia realmente é. Não entendeu a presença universal das forças malignas nos assuntos deste mundo. Bem mais provável é que ele seja um “panteísta carismático”. O verdadeiro cristão jamais atribuirá um “elemento divino” intrínseco à homeopatia, única situação em que ele estaria sob o risco de utilizar um ponto de vista panteísta, e de este autor achar-se falando a verdade. Sua acusação é da mais cabal futilidade, uma que são os defensores da homeopatia que a vêem como “divina”! Ao contrário do que Hahnemann e outros afirmaram, pudemos ver com muita clareza que de divino a homeopatia nada possui!

Aliás, de nada valerá a profissão de fé cristã, “carismática” ou não, em defesa daquilo que traz sobre si o selo do inimigo das almas. Este ponto foi registrado de forma cristalinamente clara pelo próprio Jesus, em Suas bem conhecidas palavras: “Por que Me chamais Senhor, Senhor, e não fazeis o que vos mando?” (248). Hahnemann não apenas não fez o que Jesus mandou – ele desprezou o Mestre com ódio e desdém. Cristãos que se ufanam da obra de Hahnemann e a enaltecem, estão proferindo “Senhor, Senhor” em vão!

Ao contrário do que este “cristão carismático” asseverou, são freqüentemente os ex-homeopatas os que oferecem as melhores contribuições para que identifiquemos o “reino das trevas” como a sede do “trono da homeopatia”. Um bom exemplo vem deste ex-praticante de curas energéticas e adepto da Nova Era, que afirma: “É fato estabelecido que muitos praticantes homeopatas procuram assegurar-se de que suas medicações irão funcionar, ao lançar sobre elas um enunciado de magia”. (249)

É perfeitamente admissível que muitas pessoas estejam buscando sinceramente praticar a homeopatia sem se relacionarem com as suas bases ocultas, espiritualistas. Crendo no aspecto “científico” e “natural” da homeopatia – certamente por não haverem tido até aqui as informações agora disponíveis - vêem-na com simpatia e a utilizam, sobretudo por acreditarem que ela é menos danosa que a medicina convencional, com suas “drogas”. Mas . . . é isto possível?

Acredito que não. O Dr. Bopp, médico cristão que examinou esta filosofia em profundidade, entende da mesma forma: “Certamente existem alguns homeopatas honoráveis e conscienciosos, que tentam utilizar a homeopatia desvinculada de suas obscuras práticas. Contudo, a influência oculta, que por natureza se esconde e se disfarça, muitas vezes dissimulada por detrás de uma teoria pseudo-científica, não desaparece e não vem a se tornar menos perigosa pelo mero fato de que uma abordagem superficial leva tais pessoas a satisfazerem-se negando a existência do oculto”. (250)

Graças a Deus, exemplos não faltam de cristãos que, havendo militado na tortuosa senda da homeopatia, tiveram seus olhos abertos pelo Espírito Santo e triunfaram sobre esta cerrada malha de enganos. Um destes depoimentos vem do Dr. Douglas Calcott. Depois de haver sido por 20 anos membro do corpo docente de uma Faculdade de Medicina Homeopática, a convicção da existência de vínculos entre a homeopatia e oculto levou-o a pedir demissão de seu cargo e a destruir todo o seu equipamento homeopático. No passado ele acreditara enfaticamente que a homeopatia era um dom de Deus, mas, sendo um cristão fundamentalista, sentiu que não mais poderia participar de algo que se vinculava com o oculto. Assim expressou-se ele no tocante a esta experiência: “Desde que renunciei à homeopatia por seu vínculo com o oculto, tenho verificado que meu relacionamento com Jesus vem se tornando muito mais real e eficaz”. (251)

Mais do que em relação a qualquer outra prática médica energética, é minha oração sincera e intensa que os cristãos genuínos, praticantes e pacientes da homeopatia, despertem de uma vez por todas para a dura realidade, desvencilhem-se de seus grilhões, e desfrutem de uma experiência semelhante àquela acima citada, renovando seu compromisso com o Salvador e refrigerando sua alma na Fonte de Vida que é Cristo Jesus! E que não carreguem consigo, por outro lado, qualquer fardo de culpa por haverem até aqui trilhado este caminho. Abandonando-o, nada terão a temer, pois “não levou Deus em conta os tempos de ignorância; agora, porém, notifica aos homens que todos, em toda parte, se arrependam”. (252)

## CAPÍTULO SEIS

### IRIDOLOGIA

- 6.1 - O Olho e a Saúde Humana
- 6.2 - Breve Histórico da Iridologia
- 6.3 - Definição e Sinonímia
- 6.4 - Métodos Variantes e Semelhança com a Frenologia
- 6.5 - A Suposta Conexão Neuro-Óptica
- 6.6 - Iridologia: Ciência ou “Técnica” Divinatória?
- 6.7 - Compromisso da Iridologia com Misticismo e Espiritualismo
- 6.8 - Conclusão do Capítulo

#### 6.1 - O Olho e a Saúde Humana

O olho sempre fascinou tanto a filósofos quanto a médicos, bem como às pessoas em geral. Constitui um órgão impressionantemente complexo e ao mesmo tempo intrigante. Vem representando um desafio para muitos adeptos das teorias evolucionistas, pois é fato sabido que a estrutura ocular de animais considerados “inferiores” muitas vezes é tão desenvolvida quanto a do olho humano. Durante séculos o assim chamado “assento da alma” tem sido analisado e estudado com febril entusiasmo.

O contato ocular representa um excelente meio de comunicação e um notável ponto de identidade pessoal. Com frequência dizemos que as pessoas “falam com os olhos”, e até mesmo conseguimos concluir, geralmente com acerto, se elas estão falando a verdade ou não, através da expressão de seu olhar. Outras vezes descrevemos as pessoas – como um todo – a partir de características de seus olhos. As cores dos mesmos são também levadas em grande consideração por muitos, até mesmo se associando a estas cores determinadas qualidades de caráter – sem base científica, diga-se de passagem.

A medicina convencional sempre atribuiu considerável ênfase ao olho durante o exame físico. Sabemos que significativo número de doenças aí se manifestam, e buscamos durante o exame do paciente observar estes indícios reveladores. Alguns exemplos:

Sinais de insuficiência hepática podem ser observados na esclera, a porção branca dos olhos, ao tornar-se esta amarelada. Hipertensão e diabetes são frequentemente diagnosticadas ao se observar a retina, no fundo do olho, com sua complexa estrutura. (1) O herpes zoster tem sido associado com irite severa, eventualmente terminando com hiper-pigmentação e necrose da íris. Na neurofibromatose (doença de von Recklinhausen), podem ser encontradas, entre outras manifestações oculares, áreas de pigmentação, que por vezes são incorretamente diagnosticadas como melanose. Tuberculose, diabetes mellitus, aterosclerose, sarcoidose e doenças reumatológicas e digestivas (síndrome de Reiter, colite ulcerativa, doença de Crohn, artrite reumatóide juvenil e espondilite anquilosante), representam umas poucas dentre muitas doenças e síndromes, excessivas em número para serem mencionadas, e que confirmadamente apresentam manifestações na íris. (2)

Muitos outros exemplos poderiam ser agregados aos acima citados, que são apresentados por médicos. Constituiu, pois, um fato, que a íris – e outras estruturas do olho – podem ser afetadas por processos mórbidos que ocorrem em outras partes do organismo, que não o olho em si mesmo. Mas a história com a iridologia é outra.

## 6.2 - Breve Histórico da Iridologia

Ignorando todo e qualquer mecanismo fisiológico, ainda que apelando eventualmente a aspectos embriológicos – veja 6.3 – os iridólogos dividem a íris em noventa e seis zonas principais e múltiplas áreas menores, supostamente relacionadas com as várias porções anatômicas do corpo. O diagnóstico é realizado interpretando-se a coloração destas zonas. Azul é sinônimo de saúde, ao passo que cinza ou marrom implicam em doença. O diagnóstico pode ser feito com lentes manuais, mas também são utilizados equipamentos fotográficos bastante sofisticados, que permitem melhor “documentação”.

Os proponentes atribuem a moderna iridologia ao médico húngaro Ignatz von Peczely (1822-1911), autor de *The Discovery in Natural History and Medical Science, a Guide to the Study and Diagnosis from the Eye* (1881). Supostamente, von Peczely descobriu a conexão “íris-corpo” em sua infância, quando fraturou a perna de uma coruja, e uma faixa preta apareceu espontaneamente na íris da coruja. À medida que a coruja foi melhorando da fratura, a tal mancha haveria desaparecido.

Provavelmente o proponente principal da iridologia nos Estados Unidos seja o autor e nutricionista J. Bernard Jensen, D.C., Ph.D. (3) No Brasil, o “método” vem exercendo forte atração sobre importantes parcelas do cristianismo, sendo até mesmo praticado por ministros ou ex-ministros evangélicos de várias denominações. Pessoas de considerável cultura – inclusive médicos – a têm praticado, ao lado de “curiosos” sem qualquer formação na área de saúde. Com muita frequência, sobretudo quando praticado por estes últimos, o “diagnóstico iridológico” se faz acompanhar da prescrição de “medicamentos naturais”, em geral sem qualquer base científica.

## 6.3 - Definição e Sinonímia

Iridologia (Análise do Olho, Iridiagnose, Irido-diagnose, Diagnóstico da Íris, Análise da Íris, Somatologia Oftálmica): Sistema ostensivo de diagnóstico cujo postulado é que a todo órgão corpóreo corresponde uma localização na íris (porção colorida do olho que circunda a pupila). De acordo com a teoria da iridologia, a íris serve como um mapa do corpo e adverte quanto a sinais de problemas físicos, mentais e espirituais.

Segundo seus proponentes, “é considerada como uma forma de reflexologia, e constitui tanto uma ciência quanto a arte de ler sinais, marcas, estruturas e colorações da íris, onde não apenas a íris, senão a condição do olho como um todo é observada. Isto reflete o estado de saúde e a constituição básica da pessoa como um todo, assim como os sistemas individuais e os órgãos do corpo. Estas indicações revelam a presença de distúrbios patológicos e funcionais, e determinam se tais desequilíbrios são sub-agudos, agudos, crônicos ou degenerativos”. (4) Ainda segundo estes proponentes, “a íris é uma extremamente poderosa e acurada representação do estado do corpo humano, de acordo com seus padrões estruturais e variações de cor”. (5)

Bem, as contradições quanto ao que a iridologia representa, começam com as definições que seus próprios propagadores lhe atribuem. Enquanto para muitos ela constitui uma importante atividade de diagnóstico, outros lhe negam taxativamente esta qualidade, talvez pretendendo com tal atitude evitar incorrer no desagrado de profissionais médicos. Veja, por exemplo, esta afirmação de Bryan K. Marcia, Ph. D., presidente do “Canadian Neuro-Optic Research Institute” (Instituto Canadense de Pesquisa Neuro-Óptica):

“O método da análise iridológica dá apoio a este trabalho com todas as demais artes de cura, dando-lhe assistência e somando-se a ele. Este método de análise, deve-se deixar claro em todas as oportunidades, não se trata de um exame médico ou de um diagnóstico médico de enfermidades”. (6) Cabe, pois, perguntar: no que consiste mesmo a iridologia? É indiscutível que os iridólogos a tem utilizado como pretenso método diagnóstico, o que é fútil tentar esconder. Realmente, não se trata de um método diagnóstico no genuíno conceito médico, pois não preenche os critérios científicos do mesmo.

Para a definição da suposta cientificidade da iridologia, seus proponentes utilizam linguagem científico, pois afirmam, como vimos acima, que essa “técnica” é uma ciência. Assim, segundo eles, “a iridologia funciona pelo fato de o olho que se desenvolve no embrião ser uma extensão do cérebro primitivo, e permanece sendo parte do cérebro, assim como o órgão especializado da visão; portanto, a íris recebe impulsos de todo o corpo”. (7)

Vários autores utilizam argumentação semelhante. Na mesma linha do parágrafo anterior, embora com um místico acento de “predestinação”, Josef Deck, o “papa” da iridologia, afirma que, pelo fato de o olho ser formado nos estágios mais precoces do embrião, está “predestinado a refletir cada perturbação sofrida pelo corpo”. (8). Mas também ocorre de outros autores deixarem escapar (ops!!!) a verdade que alguns tentam ocultar. A base “energética” da iridologia é confessada por muitos de seus adeptos. Por exemplo, Peter Thiel, ao afirmar: “Entre a íris e todos os órgãos internos, existe uma excelente harmonia em forma de raios Od. Od é uma energia mundial geral derivada de Odin, que penetra todo o Universo e se transforma em todas as demais forças ou formas de energia”. (9)

De que forma ocorreria esta “recepção de impulsos de todo o corpo”? Supostamente, através da chamada conexão neuro-óptica, a ser descrita em 6.4. Uma conexão jamais demonstrada pelos neuro-anatomistas, diga-se desde já, e isso a despeito de a neuro-anatomia ser hoje uma ciência extremamente desenvolvida. Os impulsos recebidos pela íris são provenientes do meio externo e conduzidos ao cérebro para a interpretação deste – e não ao contrário.

Tampouco é verdade que o olho prossegue sendo parte do cérebro depois do desenvolvimento do embrião, tanto quanto não é verdade que o ouvido interno prossegue sendo parte do cérebro, ainda que intimamente associado a este em sua função. Da mesma forma, não prosseguem sendo cérebro depois do desenvolvimento do embrião outros órgãos que embrionariamente constituíam uma unidade em comum com o que veio a se tornar o cérebro ou tecido nervoso central. E, ainda que o olho prosseguisse sendo cérebro, por que haveria a íris de assumir e representar o papel do olho como um todo?

Os autores parecem ignorar que muitos outros tecidos são, em etapa precoce do desenvolvimento, a origem comum de tecidos que mais tarde se diferenciam e se tornam especializados, tecidos que se formam em etapas mais avançadas do desenvolvimento do novo ser – e nem por isso dizemos que “aquilo continua sendo isto” porque no início ou em certa etapa do desenvolvimento “aquilo” e “isto” eram o mesmo tecido! Se assim fosse, todo o corpo seria um só tecido, de vez que o ser inteiro provém de uma única célula inicial – o ovo, união do óvulo feminino com o espermatozóide masculino! Não, este argumento “embriológico” é por demais frágil para ser levado a sério.

A iridologia propõe-se a ser um método eminentemente diagnóstico e com fundamento “científico”. Atualmente encontra-se vinculada a intervenções “terapêuticas” através da associação com outras práticas comuns à chamada medicina vibracional. Suas “promessas” são grandes. Observe a descrição que este “profissional” - que descreve a si mesmo como utilizando apenas “equipamento de superior qualidade” – faz do método que utiliza:

“A iridologia é um sistema que leva ao diagnóstico provisório de per si, e tipicamente o faz de forma muito precisa. . . Pode revelar fatores de saúde relacionados com determinada síndrome, que seriam muito

difíceis de se obter através de procedimentos diagnósticos mais ‘ortodoxos’. Muitas vezes revelará condições que se originam em certa parte do corpo que se encontra enferma, mas cujos sintomas são referidos numa área distante, onde aparentemente nada existe de errado ao o médico examinar o local. Desta forma, a iridologia é excelente para se descobrir fatores subjacentes de saúde. Ela também revela o curso que uma enfermidade está seguindo, quais os fatores que impedem plena e total recuperação, e indica o tratamento mais adequado”. (10)

Indiscutivelmente, uma ferramenta poderosa, de acordo com essa proposta. Supostamente, indica a parte do organismo que se encontra enferma; localiza fatores subjacentes de saúde/doença; revela o curso seguido pela enfermidade; mostra quais os fatores que impedem plena e total recuperação; e, de quebra, indica qual o melhor tratamento. Método realmente poderoso! Será que ela é capaz de tudo isso? E se o é, de onde provém tal “capacidade”? Observe que ainda não esgotamos suas possibilidades, ainda segundo o mesmo autor:

“A iridologia mostra de forma precisa a *capacidade inerente* dos tecidos da pessoa de se restaurarem e curarem a si mesmos, o que é conhecido como ‘constituição’. Também mostra onde existe fraqueza constitucional, aquilo que representa o ‘elo mais frágil’ da ‘cadeia de saúde’ da pessoa. Assim, fraquezas constitucionais podem ser vigiadas a fim de se prevenir problemas potenciais, especialmente aqueles do tipo crônico degenerativo. . . Ela mostrará fatores que envolvem o sistema imune que precisam de atenção a fim de se sobrepujar uma infecção. (11) (Destaque suprido.)

Uma proposta extremamente tentadora. Conhecer a *capacidade inerente* dos tecidos de se regenerarem; conhecer as “fraquezas constitucionais” e prevenir sua deterioração; conhecer detalhes do sistema imunológico que permitam reforçá-lo e ajudá-lo a vencer as infecções – só este elenco de fatores já representaria muito para a prática médica. Entretanto, temos mais promessas fantásticas de parte da iridologia:

“Através da iridologia pode-se dizer se uma pessoa idosa apresenta ‘placas senis’ no tecido cerebral, mesmo nos estágios mais precoces de seu desenvolvimento, ao passo que uma tomografia do cérebro apenas as revelaria em estágios mais desenvolvidos. Outras alterações teciduais também podem ser detectadas. Em muitos casos a iridologia mostrará áreas de alteração tecidual que apresentam o *potencial* de se transformarem em malignidades, muito tempo antes que estas ocorram. A iridologia também revelará mudanças positivas (melhoras) quando a terapia apropriada é aplicada a estas áreas. Em muitos casos a iridologia mostrará com precisão o local de câncer potencial mesmo quando o equipamento da mais alta tecnologia (por exemplo, ressonância magnética) ainda não for capaz de revelá-lo em virtude se o estágio ser muito precoce”. (12)

Profundamente empolgante, não? Como médico, minha tendência é a de sentir-me imediatamente fascinado por um método tão maravilhoso. Ele praticamente dispensaria toda a nossa moderna – e cara – parafernália tecnológica empregada em diagnóstico, a exemplo da citada ressonância magnética. Detectar “alterações teciduais” que ainda não se manifestaram ao nível em que podem ser reconhecidas pelas modernas técnicas de estudo de imagem! O melhor exemplo dentre todos, neste aspecto: conhecer com grande antecedência os locais em que um câncer provavelmente irá se desenvolver no futuro – isto é mais do que qualquer médico poderia sonhar, pois normalmente só conhecemos os tumores malignos depois de instalados – geralmente, muito depois que isto ocorreu, quando já é demasiado tarde para intervir de modo realmente proveitoso e curativo!

No estágio atual de desenvolvimento da ciência médica, não consigo imaginar algo mais atrativo! Não é por acaso que muitos profissionais, médicos inclusive, a estão aplicando. Não é difícil de compreender que, prometendo tanto, a iridologia entusiasme ainda muito mais os que não possuem formação na área de

saúde, sobretudo pessoas que já se frustraram buscando solução para as suas mazelas dentro do sistema convencional de medicina e não a encontraram.

Bem, até aqui o quadro parece esplendoroso. Infelizmente, não é bem assim, pelo menos do ponto de vista do embasamento fisiológico da “técnica”. Analisaremos em maior detalhe a suposta conexão neuro-óptica (ou reflexo neuro-óptico) em 6.4. Entretanto, podemos desde já conhecer mais um pouco deste pretenso sistema científico, pois é também aí que começaremos a descerrar suas incongruências:

“A iridologia mostra cada parte do corpo que possui sensibilidade nervosa. . . Quando são executadas cirurgias, elas são praticadas sob anestesia, tanto geral quanto local. Tão logo o anestésico exerça efeito, os nervos associados com a iridologia não mais registram o que ocorre na região particular da cirurgia. Quando é removido tecido durante a operação, os nervos associados também são removidos. Como resultado, a iridologia *não mostrará que determinada cirurgia foi executada. Em vez disso, prosseguirá registrando o exato estado dos tecidos que foram removidos durante a operação, assim como eram antes que a anestesia fosse aplicada.* Assim, a iridologia pode indicar se uma certa cirurgia era mesmo necessária; e em virtude disso, é importante que os pacientes informem seus iridólogos das cirurgias a que se submeteram”. (13) (Destaques supridos.)

Bem, isto começa a requerer alguma análise. Em primeiro lugar, a afirmação de que a iridologia retrata cada parte do corpo que possui sensibilidade nervosa. Exceto tecidos desvitalizados ou desenergizados, TODO tecido do organismo humano possui sensibilidade nervosa, mesmo aquele que não produz “sensibilidade” no sentido restrito do termo.

Em segundo lugar, o autor parece acreditar que o sistema nervoso – a porção dele que responde pela “ação” da iridologia - é mesmo um sistema “paralelo”, já que a remoção do tecido pela cirurgia removeria o sistema nervoso correspondente. Chega a mencioná-lo como “os nervos associados com a iridologia”. A cirurgia remove, sim, os nervos da parcela seccionada pela cirurgia, mas qualquer porção proximal à incisão cirúrgica fica onde sempre esteve!

O terceiro ponto, com maior potencial para gerar perplexidade, é a afirmação de que o “blue-print”, a “impressão da vida” do tecido, fica lá na íris exatamente como o tecido era antes de se executar a cirurgia – para sermos mais exatos, assim como era antes de aplicada a anestesia, pois segundo esta visão, é o ato anestésico que “mata” o registro nervoso a partir de então! Ora, sabemos perfeitamente bem que, sob condições normais, depois de passado o efeito da anestesia, toda atividade nervosa, afetada por esta, retorna também ao normal. Caso a afirmação do autor fosse verdadeira, a íris prosseguiria registrando os estados de saúde de todos os tecidos removidos, tais quais eram antes da remoção. Com qual finalidade?

O quarto ponto é especialmente significativo para mim. Afirmou o autor que, pelo fato de a anestesia bloquear o registro nervoso “iridológico” a partir do momento em que é aplicada, a íris não consegue registrar as cirurgias. Esta afirmação não se coaduna com a história pessoal que me ocorreu, registrada em 6.5. Ali, o iridólogo pretendeu ler na íris da paciente a história prévia – inclusive as datas de realização – de SEIS cirurgias! Como pode este aqui dizer que a íris não possui tal capacidade? Afinal, seria bom que estes “profissionais” ao menos se pusessem de acordo quanto a poder a íris ou não – bem entendido, sempre no campo das suposições - executar o registro de cirurgias prévias! Não que tenhamos de depender deste “acordo” entre os iridólogos para concluirmos qualquer coisa em relação à sua “ciência” e “arte”, mas ao se ter de lidar com estas incongruências “internas”, torna-se mais difícil manifestar qualquer respeito pelas pretensões dos seus praticantes.



## 6.4 - Métodos Variantes e Semelhança com a Frenologia

Em quase todas as correntes de medicina alternativa, variantes da corrente principal vão aparecendo com o passar do tempo, geralmente implicando em discretas modificações da corrente de onde provieram. Assim, o fenômeno é também observado com a iridologia, à qual hoje se agregam algumas “técnicas” derivadas:

Bio-iridologia: Modo de "tratamento" baseado na cor e nas marcas da íris. Uma de seus alegados propósitos subjacentes é equilibrar corpo, mente e espírito. As opções de tratamento da bio-iridologia compreendem a quiroprática, "exercícios respiratórios profundos de ioga", modificação dietética, suplementos dietéticos e ervas.

Esclerologia (Diagnóstico Pela Esclera): Método de diagnóstico ostensivo cuja suposição principal é que as marcas na esclera (branco do globo ocular), de acordo com sua forma e localização, significam vários problemas de saúde. Baseia-se nos mesmos “princípios” da iridologia. (14)

Alguns autores têm destacado a grande semelhança entre a iridologia dos dias atuais e a frenologia. Hoje esse termo é quase desconhecido, mas lá pela segunda metade do décimo-nono século ele representava “a vanguarda da ciência”, segundo a consideração de Karl Marx. (15) Na frenologia, não se utilizava a íris. Ela consistia na suposta capacidade de se efetuar diagnósticos e mesmo “ler” traços da personalidade a partir de irregularidades, saliências e reentrâncias da superfície do crânio, assim como das relações obtidas a partir de determinadas medidas do mesmo.

A frenologia tornou-se uma proeminente prática médica há pouco mais de um século. Alias, ela se tornou mais que “ciência” (que na verdade nunca foi), ela se entronizou naqueles dias quase como uma religião. Além da elevada estima de Karl Marx, já mencionada, outro notável exemplo de sua aceitação foi o fato de a rainha Vitória, da Inglaterra, chamar o mais conceituado “frenólogo” do reino para “ler” as régias cabeças de seus filhos! (16)

Embora ainda estejamos longe de concluir este capítulo, uma observação importante já pode ser aqui expressa. Em relação a esse tipo de adivinhação da saúde a partir da superfície craniana, que nada tem a ver com a fisiologia, temos severas advertências, aplicáveis ao presente tempo: “As ciências da frenologia . . . e mesmerismo são os canais através dos quais ele [Satanás] vem mais diretamente a esta geração e age com o poder que caracterizará seus esforços próximo ao fim da graça. (17)

## 6.5 - A Suposta Conexão Neuro-Óptica

Toda a suposta “base científica” da iridologia vincula-se ao que os seus proponentes identificam como “conexão neuro-óptica” ou “reflexo neuro-óptico”. A partir de uma suposta identidade embrionária com o cérebro, que já consideramos como falha, a íris passaria a ser o “espelho do corpo”, revelando, como vimos antes, até mesmo alterações orgânicas que ainda nem se manifestaram. O conceito obviamente repousa sobre a assim chamada anatomia sutil, tal como na medicina oriental em geral, e na chinesa em particular. Concede ainda ao organismo uma capacidade inerente de “adivinhar” o que ainda se encontra no futuro, atribui aos tecidos uma inteligência realmente fantástica.

Segundo esta proposição, “a base da iridologia é o reflexo neuro-óptico, uma íntima associação entre os cerca de 500 mil filamentos nervosos da íris com o gânglio cervical do sistema nervoso simpático. O reflexo neuro-óptico transforma a íris numa tela orgânica que monitora as impressões de todo o corpo, à medida que aparecem”. (18)

É verdade que a íris se conecta com o sistema nervoso simpático, mas isto não significa que ela é o centro nervoso de todo o corpo, e tampouco efetua um registro permanente dos eventos da vida. A chamada conexão neuro-óptica jamais foi demonstrada. A neuro-anatomia é hoje uma ciência extensamente

desenvolvida. Entretanto, não tenho conhecimento de um único genuíno cientista da área que tenha dissecado e demonstrado estes feixes nervosos, que, partindo de todos os órgãos do corpo, supostamente se conectam com o gânglio cervical do sistema nervoso simpático e, a partir deste, com a íris. Por que já não haveria sido realizada tal demonstração, se a suposta conexão realmente existisse? Por que os iridólogos não designam alguns neuro-anatomistas de seu próprio meio (se é que existem) para empreender a tarefa? E ainda que a conexão viesse a ser demonstrada, o que dizer da suposta capacidade da íris em “anunciar” alterações de saúde antes que estas ocorram? Ou de sua pretensa capacidade em registrar nos olhos da pessoa o estado de saúde de seus ancestrais, como tantos afirmam ser possível?

Como as pseudo-ciências em geral, a iridologia se satisfaz com “explicações” muitas vezes superficiais, quando não esdrúxulas, para as suas proposições. “Por não existir prova anatômica ou fisiológica plausível para que se comprove a veracidade da conexão dos sistemas orgânicos com a íris, surge um intrincado emaranhado de explicações místico-filosófico-religiosas. As explicações de como a íris se relaciona com os demais órgãos do corpo são muito variáveis [vimos algumas nos parágrafos anteriores]. Alguns se satisfazem com a afirmação da existência de uma certa misteriosa ‘simpatia patológica’, que uniria todos os órgãos do corpo”. (19)

Um destacado iridólogo vai além. Assim como os homeopatas freqüentemente apelam à fé em sua “religião”, este iridólogo deixa claro que a “fé” entra aqui como componente fundamental: “Para ser um bom iridologista, é necessário reunir certas condições pessoais que não são conferidas pelas faculdades de medicina. Não se deve ter preconceitos contra a iridologia, ao contrário, deve-se ter fé na verdade científica da iridologia”. (20) Ora, a ciência genuína trabalha sobre experimentos reproduzíveis, capazes de serem repetidos e observados. Eles não requerem fé! O autor teria sido mais feliz se houvesse dito apenas “fé na iridologia”, deixando completamente fora a suposta ciência!

## 6.6 - Iridologia: Ciência ou “Técnica” Divinatória?

A iridologia vem sendo amplamente praticada no Brasil, e parece desfrutar de especial favor em determinados círculos cristãos, inclusive adventistas. Leigos com as mais variadas formações – ou sem qualquer formação – vem utilizando-a, inclusive como meio de vida. Mas não apenas leigos o vem fazendo. Também profissionais, inclusive médicos. Comentando a falta de base de neuro-anatomia e fisiologia para o suposto “reflexo neuro-óptico” e um exemplo de uso “profissional” da iridologia, registrei o seguinte exemplo num trabalho anterior, e que envolveu um oftalmologista-iridólogo:

“Certamente a íris se acha conectada ao sistema nervoso simpático, mas não há qualquer base anatômica ou fisiológica para atribuir-lhe a função de centro nervoso do corpo. E ainda, muito menos a capacidade de funcionar como registro permanente dos eventos de saúde/doença da pessoa, ou até mesmo de seus ancestrais. Relato, neste contexto, uma dentre várias experiências pessoais. Há algum tempo conversava comigo uma senhora. Contou-me que, uns meses antes, fora visitar o oftalmologista para uma avaliação de rotina. Não conhecia o profissional, e esta era a sua primeira consulta com ele. Sem qualquer preocupação em anotar previamente a história clínica da paciente, colocou-a em posição de exame e, segundos depois, passou a ‘ler’ sua história na íris. Afirmou que ela já fora submetida a seis intervenções cirúrgicas. Especificou exatamente quais haviam sido essas cirurgias e as datas em que ocorreram. Tudo exatamente como, de fato, acontecera na vida dessa senhora. Será que a íris possui realmente a capacidade de ‘registrar’ tais eventos, inclusive datas de intervenções?” (21)

Analise a situação acima descrita: a paciente dirige-se ao seu novo oftalmologista – um médico com plena formação acadêmica e especialista em sua área de atuação. Pelo que observei quando conversamos, a paciente era uma pessoa simples. Facilmente poderia haver-se deixado levar pelo “extraordinário conhecimento científico” do profissional. Não fosse uma pessoa dotada de bom discernimento espiritual –

a despeito de sua cultura não tão exponencial em termos humanos – facilmente haver-se-ia iludido e se tornaria adepta desta “fabulosa ciência”, capaz de ler toda a história pregressa de saúde da pessoa num lampejo – no “campo perfeito” de registro da íris! Felizmente ela suspeitou de tanta “sabedoria” e não mais retornou ao referido profissional. Alguns meses depois do incidente, levou-o ao meu conhecimento e perguntou-me a opinião. Parabenizei-a e agradei a Deus por lhe haver concedido tal grau de discernimento.

Espantoso, pois, é verificar como pessoas com formação “teológica” muito mais desenvolvida – algumas das quais, inclusive, exerceram ou exercem atividades pastorais em igrejas evangélicas – possam haver chegado a tal grau de cegueira espiritual, a ponto de quererem “ver” através da iridologia. Misturaram sua sagrada missão salvadora com os obscuros caminhos do misticismo pseudo-científico. Um verdadeiro paradoxo! Pretendendo “ver”, tornaram-se absolutamente cegos. Confundiram-se e conduziram outros à confusão. Seu mau exemplo está arrastando pessoas mais simples ao mesmo abismo de enganos, conforme tenho constatado com demasiada freqüência no seio de igrejas cristãs!

Já trouxemos à consideração, em nosso texto, e por várias vezes, a decisiva repulsa de Deus diante de técnicas divinatórias. Pois é exatamente isto que a iridologia faz. Kurt Koch fala com conhecimento de causa, e utiliza uma linguagem nada condescendente quando trata das influências “espirituais” a partir das quais o método iridológico se desenvolve:

“Muitos de nossos curandeiros e praticantes do ocultismo utilizam o diagnóstico pelo olho de forma mediúnica, e não médica. Isto significa que seu único interesse pela íris é para formar contato mediúnico. Neste sentido o olho humano serve para o propósito psicométrico da mesma forma como servem as linhas da palma das mãos quando uma ‘cigana’ as utiliza para estabelecer contato material ou como ‘estimulante da intuição’. Quando este é o caso, o diagnóstico iridológico torna-se uma ‘leitura de sorte’. Em vista disto, tais praticantes são muitas vezes extremamente bem-sucedidos. De fato, alguns deles, com pouco ou nenhum treinamento médico, diagnosticam enfermidades com cem por cento de precisão”. (22)

Fantástico, não? Chego a nutrir uma certa inveja. Na qualidade de médico com treinamento convencional que envolveu muitos anos de estudos aplicados, e que precisa ser constantemente renovado através de atualização quase diária, com bastante freqüência me equivoco em meus diagnósticos, e me vejo na obrigação de refazê-los. Ou, então, demoro muito mais do que apreciaria para chegar a algum deles. E isso apesar de dispor de exames complementares como apoio. O mesmo ocorre com muitos de meus colegas, geralmente possuidores de excelente formação profissional. Como pode ser, então, que pessoas sem conhecimento médico consigam acertar até cem por cento de seus “diagnósticos” simplesmente “lendo” a íris dos pacientes? Não seria o caso de todos nós, médicos convencionais, abandonarmos nossa prática e nos tornarmos iridólogos?

Avaliações como a que foi expressa por Kurt Koch explicam grande parte do – ou todo o - “sucesso” da iridologia. Que dizer, porém, de sua avaliação científica? Existe algum estudo que tenha avaliado o método sob o rigor de um experimento científico controlado? Sim, um estudo muito interessante foi publicado no *Journal of the American Medical Association* em 1979.(23) Vários profissionais de saúde, chefiados por Allie Simon, efetuaram uma honesta tentativa de avaliar a fidedignidade da iridologia. A fim de evitar fatores relacionados com o contato pessoal, apenas fotografias do olho foram usadas para a avaliação. Ou seja, pelo menos em certa extensão inibiu-se o “contato mediúnico” descrito acima por Koch. Escolheu-se a zona dos rins em virtude de os iridólogos lhe atribuírem grande proeminência, e também porque a função renal pode facilmente ser determinada pelo teste de depuração (“clearance”) da creatinina.

Três iridólogos de renome concordaram em participar. A partir de fotografias da íris, eles deveriam determinar quais dos pacientes apresentavam doença renal confirmada e quais eram saudáveis. As

fotografias também foram apresentadas a três oftalmologistas (não iridólogos), que funcionaram como grupo de controle, sendo registradas as avaliações de todos os participantes.

A fidedignidade diagnóstica de cinco observadores situou-se abaixo das chances do acaso. Ou seja, qualquer pessoa, com base em escolha do tipo “par ou ímpar”, ou “certo ou errado”, conseguiria melhor nível de acertos do que os obtidos pelos cinco primeiros observadores. O sexto observador, um experiente iridólogo, foi capaz de alcançar precisão diagnóstica de 95% na determinação dos pacientes que sofriam de insuficiência renal, o que significa uma precisão semelhante à dos testes de sangue! Aparentemente, um resultado excelente!

O problema é que ele também diagnosticou cerca de 88% dos pacientes normais como sendo portadores de insuficiência renal. Desta forma, sua aparente precisão diagnóstica ocorreu porque ele realizou o diagnóstico de insuficiência na maioria dos pacientes apresentados. Claro que se eu atribuir a todo – ou quase todo – um grupo de pessoas um determinado diagnóstico, necessariamente acertarei em identificar a doença naqueles que realmente a apresentam. O problema se encontra, então, em atribuí-la *aos que não a apresentam* – estes casos constituem os chamados “falsos positivos”.

Esta experiência, embora levada a cabo com número reduzido de participantes, esboçou a conclusão de que a iridologia representa uma dupla ameaça: *não realizar o diagnóstico quando a doença se encontra presente, e diagnosticar a doença em pessoas normais*. Tomado em seu conjunto, na referida experiência, o método deixou de realizar diagnóstico correto em 75% daqueles que apresentavam doença significativa. Em outros termos, como método de adivinhação a iridologia pode ser de expressivo significado; como “ciência”, encontra-se abaixo da crítica.

O que tenho observado na prática é que, quanto maior o “compromisso” do iridólogo com os fundamentos místicos espiritualistas dessa “técnica”, tanto maior o seu sucesso “profissional”. Esta observação provavelmente se aplique a todos os praticantes de formas energéticas de cura. Também acredito, a partir da observação do dia a dia, que MUITOS de seus praticantes e, mais ainda, pacientes, NÃO sabem com o que estão lidando, assim como corre em relação à homeopatia e outras práticas alternativas.

## 6.7 - Compromisso da Iridologia com Misticismo e Espiritualismo

A despeito de toda a empolada linguagem pseudo-científica utilizada pelos “profissionais” da área, capaz de iludir e mesmo convencer a muitos de sua enorme aplicabilidade e embasamento anatômico e fisiológico, a verdade é bem diferente. Volto a mencionar um dos autores citados acima, e com suas palavras começamos a desvendar a “enorme capacidade” do método iridológico:

“A iridologia constitui um método extremamente útil de análise de muitas condições e de se acompanhar o progresso do paciente. Com o devido equipamento [equipamento?] revela-se um método fácil, não-obstrutivo e não-invasivo, para acessar a saúde da pessoa como um todo, o resultado inter-relacionado total de suas esferas física, mental, emocional e da ‘força vital’”. (24)

Ah, bem, então é isto! Aqui ela aparece novamente, como nos capítulos precedentes: a onipresente força vital! A mesma do vitalismo que é a sua base, do mesmerismo, da homeopatia, da acupuntura e de todo o “elenco” de técnicas e métodos correlatos – a soma das “medicinas energéticas” hoje tão em evidência.

Um olhar de relance à acupuntura (que será analisada no próximo capítulo), ajuda-nos sobremaneira na compreensão das bases filosóficas da iridologia. Por exemplo, o primeiro meridiano da acupuntura é conhecido como o meridiano do pulmão. Teoricamente iniciaria no tórax e percorreria o braço e o antebraço, seguindo até o polegar. Sob seu comando estariam os pulmões, as fossas nasais e os seios da face. No plano das emoções, filtraria a tristeza, a melancolia, a nostalgia e a mágoa. Já o décimo-segundo

meridiano é o do fígado, que além de comandar o órgão do mesmo nome, também controlaria os músculos e a acuidade visual. No plano dos sentimentos, filtraria a raiva, o ódio e uma vontade intensa reprimida.

As perguntas necessariamente ocorrem à mente: o que teria o pulmão a ver com o polegar ou com a mágoa? Que relação se esperaria entre o fígado, a acuidade visual e uma vontade intensa reprimida? Bem, em medicina mística tudo é possível. A acupuntura constitui um bom exemplo dessa medicina, mas no Capítulo Nove estaremos examinando uma extensa lista de outras “opções”. Na verdade, existem “técnicas” para satisfazer todos os gostos, embora em sua base elas praticamente não mudem: lá estão sempre os conceitos da energia vital, dos corpos etéricos e teorias associadas.

O Dr. Silas Gomes nos ajudará com um ou dois exemplos: “A anatomia sutil chinesa ultrapassa todos os limites do conhecimento da anatomia topográfica, da biologia, da fisiologia e demais ciências verificáveis [como a patologia]. Afirma, por exemplo, que os olhos são os orifícios do fígado, e que os olhos se dividiriam em muitas partes, cada uma das quais se relacionaria com um órgão diferente”. (25) Esta premissa constitui a clara base da iridologia. Aí se encontra, pois, e de modo cristalinamente claro, o seu embasamento na medicina oriental. Mas não apenas na medicina chinesa, pois existe documentação adicional que a vinculam com antigas práticas ocultistas, lançando definitivamente nestas as raízes do método iridológico.

“Tabletes de pedra, encontrados na Ásia Menor, retratam a íris e suas relações com o restante do corpo. Os caldeus babilônicos, que cunharam os tabletes, eram bastante conhecidos por suas adivinhações.” (26) Assim, se estivemos a pensar até aqui que os originadores da iridologia foram homens como Ignatz von Peczely, que publicou suas descobertas em 1881, ou Pastor Felks, que viveu durante o mesmo período, teremos de refazer nossa compreensão. O sistema de adivinhação é muito antigo.

É mais que mera coincidência que os mapas da íris sejam divididos em noventa e seis compartimentos. No Capítulo Três, especialmente em 3.3.3 e 3.3.4, estivemos analisando a teoria dos chakras e das auras. Noventa e seis é exatamente o número de divisões ou pétalas do chakra “terceiro olho” - observem aí o olho que supostamente vê todas as coisas! Sim, o mapeamento iridológico acompanha exatamente a descrição do chakra do terceiro olho da aura e do sistema ocultista de energias externas, peças-chaves da filosofia pagã e espiritualista do hinduísmo! Confira:

“Retornamos à consciência absoluta de Deus através do chakra do terceiro olho, que possui noventa e seis pétalas. O terceiro olho, vibrando com o verde-esmeralda da ciência da verdade, oferece-nos o imaculado quadro de indivíduos, de civilizações, do padrão divino... O terceiro olho sempre lhe provê o imaculado conceito da cópia heliográfica [anteprojeto][‘blue-print’] da vida, assim como a discriminação para conhecer o bem e o mal”. (27)

Descrição extremamente elucidativa, por várias razões. Em primeiro lugar, porque é provida por Djwhal Khul, que já conhecemos sobejamente (veja, em especial, 3.3.10). Em segundo lugar, porque nos facilita a compreensão de que aqui estamos lidando com uma forma “vibracional” ou “energética” de medicina, ao mostrar que o terceiro olho “*vibra* com o verde esmeralda da ciência da verdade”. Em terceiro lugar, porque utiliza na descrição do chakra do terceiro olho exatamente o mesmo termo usado pelos iridólogos para descrever a suposta capacidade da íris em retratar a condição de saúde do organismo como um todo: “blue-print”, que tenho traduzido como “cópia heliográfica”, ou “anteprojeto”, no sentido de se estampar ali a “impressão da vida” da pessoa. Em quarto lugar, pela extrema semelhança entre a descrição do “mestre” Djwhal Khul, quando fala do terceiro olho, e a promessa da “serpente” a Eva no Jardim do Éden, de “conhecer o bem e o mal”! (28) Estas noventa e seis pétalas do terceiro olho provêm a “cópia heliográfica da vida”, exatamente do modo como as noventa e seis zonas da iridologia provêm o

“diagnóstico da vida”. A similaridade é excessivamente óbvia para que a ignoremos. Mais que similaridade, trata-se de um caso de absoluta identidade!

## 6.8 - Conclusão do Capítulo

Para desencanto dos entusiastas da iridologia – inclusive de muitos que professam ser cristãos sinceros – a conclusão em torno dessa técnica não é modo algum lisonjeira. Vamos resumir aqui aquilo que estivemos a analisar ao longo do capítulo:

- A íris NÃO constitui um resumo do olho como um todo.
- O olho NÃO constitui uma síntese anatômica, fisiológica ou patológica do organismo como um todo.
- O fato de no início do desenvolvimento embrionário o tecido do sistema nervoso central e do olho serem o mesmo, NÃO permite a afirmação apressada e não fundamentada de que o olho prossegue “fazendo parte do cérebro” depois de haver-se desenvolvido o ser.
- Se o item anterior fosse verdadeiro, TODOS os tecidos orgânicos teriam de ser considerados um só, já que o ser inteiro origina-se de uma única célula, o ovo. Neste caso, QUALQUER tecido individual poderia ser considerado um mapa do organismo como um todo. Esse tipo de raciocínio nos conduziria necessariamente às mais arrematas asneiras em termos de fisiologia.
- A “conexão neuro-óptica” jamais foi demonstrada por genuínos cientistas da neuro-anatomia, a despeito do extraordinário grau de desenvolvimento atual desta ciência.
- Ainda que a conexão fosse demonstrada, não implicaria necessariamente na suposta capacidade da íris em receber “influxos de todo o corpo” e de tornar-se, conseqüentemente, o “mapa da vida”.
- A iridologia não suporta um genuíno teste científico.
- A prática iridológica se enraíza em muito antigas práticas divinatórias, como demonstrado por achados arqueológicos.
- A iridologia depende inquestionavelmente do conceito de “energia vital”, a base de todas as medicinas energéticas, extensamente analisada no Capítulo Três.
- A pretensão de se ler numa porção do olho o passado da saúde de uma pessoa ou mesmo de seus ancestrais, ou ainda alterações teciduais que ainda não ocorreram – a leitura do futuro – constitui a mais flagrante desobediência às expressas ordens de Deus, de que nada tivéssemos a ver com métodos de adivinhação.
- Em resumo, iridologia e cristianismo são tão incompatíveis entre si, quanto cristianismo e espiritualismo: não há síntese possível entre eles.

Só resta ao cristão genuíno atender ao apelo divino, no tocante a essa “técnica” e a todas as que repousam sobre bases similares: “Sai dela, povo Meu, para que não sejas participante dos seus pecados”. (29)

## CAPÍTULO SETE

### ACUPUNTURA E TÉCNICAS AFINS

- 7.1 - Breve Exposição Sobre a Acupuntura
- 7.2 - Glossário de Acupuntura, Reflexologia e Técnicas Afins
- 7.3 - Acupuntura e Homeopatia
- 7.4 - Acupuntura e Anestesiologia
- 7.5 - Tentativas de Explicação Racional Para a Acupuntura
- 7.6 - Acupuntura, Ocultismo e Cristianismo
- 7.7 - Técnicas Fisiológicas Semelhantes à Acupuntura

#### 7.1 - Breve Exposição Sobre a Acupuntura

O termo “acupuntura” deriva de duas palavras latinas, “acus” (que significa “agulha”), e “punctura” (que significa “punção”). Descreve a antiga arte chinesa de “curar” através da inserção de agulhas em pontos específicos do corpo. Estes são os chamados pontos acupunturais.

As origens da acupuntura se perdem na Antigüidade. Ela constitui, por certo, um dos mais antigos e mais amplamente utilizados sistemas de tratamento. De acordo com a tradição, há cerca de 3.500 anos (5.000 anos, segundo outros), os chineses perceberam que suas dores podiam ser aliviadas ao friccionarem pedras contra o organismo. Também descobriram que alguns soldados, feridos por flechas, recuperavam-se de enfermidades anteriores, das quais eventualmente haviam sofrido ao longo de anos. Este conjunto de idéias conduziu ao “princípio” de que a introdução de agulhas em vários pontos do corpo, quando manipuladas, podiam auxiliar na cura de doenças.

Pode-se dizer que este foi o início da acupuntura. O mais antigo registro de um tratamento acupuntural encontra-se no Shih Chi [Registros Históricos], escrito há cerca de 2.000 anos. O livro registra que Pien Chueh, um médico do Período dos Estados Beligerantes (475-221 A.C.) aplicou a técnica a um príncipe já em coma e próximo à morte. Tal cura teria sido seguida de vinte dias de terapia com ervas, levando assim à completa cura do paciente, em relação ao qual já iam avançados os arranjos do funeral. (1)

A medicina tradicional chinesa sustenta que existem mais de 2.000 pontos acupunturais no organismo humano, os quais se encontram inter-conectados através de 20 “caminhos” (12 principais, 8 secundários), identificados como *meridianos*. Supostamente estes meridianos conduzem a energia vital, *Qi*, entre a superfície do corpo e os órgãos internos. Cada um desses pontos teria um diferente efeito sobre a energia *Qi* que passa por ele. Acredita-se que *Qi* ajude a regular o equilíbrio do organismo. Esta “energia” é supostamente influenciada pelas forças opostas *yin* e *yang*, que representam as energias e forças positivas e negativas do universo e do organismo humano. Acreditam seus proponentes que a acupuntura ajuda a manter o equilíbrio entre *yin* e *yang*, permitindo assim o normal fluxo de *Qi* através do organismo e restaurando a saúde da mente e do corpo. (2, 3)

Ainda que a acupuntura tenha vivido uma longa e ilustre história na China, houve um período, de 1929 a 1958, em que ela foi proscrita naquele país. Por insistência da esposa do líder Mao-tsé-tung, a prática foi recolocada sob o favor político durante a agitada “Revolução Cultural”. Quando os Estados Unidos, sob a liderança do Presidente Nixon, restabeleceram laços culturais com a China, a acupuntura foi observada pela primeira vez por modernos cientistas ocidentais.

Em 1993, o *Food and Drug Administration* (FDA) estimava que os americanos estavam realizando cerca de 12 milhões de visitas anuais aos acupunturistas, gastando naquela oportunidade mais de meio bilhão de dólares com tratamentos de acupuntura. (2)

## 7.2 - Glossário de Acupuntura, Reflexologia e Técnicas Afins

É enorme a gama de “técnicas terapêuticas” associadas à acupuntura e suas correlatas. A lista que segue não é completa, embora abranja porção bem representativa de tais técnicas. (Vide referências bibliográficas 1 a 16, 29 e 32, do Capítulo Nove.)

7.2.1 - *Acu-dieta* (*Acu-dieta* do Dr. Bahr): Assunto da *Acu-dieta* do Dr. Bahr: *Weight Loss at Your Fingertips* [Perda de Peso ao Alcance de Seus Dedos] (William Morrow & Companhia, Inc.). Escrito pelo Dr. Frank Bahr, nascido em Munique. A *acu-dieta* é uma combinação de dietas, exercícios e acupressão auto-aplicada. De acordo com a teoria da *acu-dieta*, a pessoa pode influenciar o "centro de ingesta compulsiva" no cérebro simplesmente massageando "pontos de acupressão" específicos.

7.2.2 - *Acu-ioga*: Combinação de acupressão auto-aplicada e um grupo de posturas e extensões da ioga. Supostamente ativa os pontos e "trilhos de energia" da acupuntura.

7.2.3 - *Acupressão* (G-jo): Qualquer tratamento que alegadamente envolve a estimulação superficial de pontos acupunturais por digitopressão, manualmente ou com ferramentas seguradas com a mão. Os praticantes podem ser chamados "acupressuristas". "G-jo" é o termo chinês para "primeiros socorros".

7.2.4 - *Acupressão Diagnóstica* (*Diagnose por Acupressão, Diagnose de Acupuntura*): Procedimento cujo postulado é que ao se "estimular" digitalmente "pontos-chaves de acupuntura para diagnóstico", pode-se revelar a fonte de um problema. (Veja "diagnose oriental de canalização", no presente capítulo.)

7.2.5 - *Acupuntura* (*Terapia de Acupuntura, Zhenjiu*): Geralmente, qualquer tratamento que envolve a suposta excitação subcutânea de pontos de acupuntura, que por sua vez supostamente influenciam diretamente o fluxo de Qi (chi). Veja descrição mais completa deste fluxo em 7.1. Envolve tipicamente a inserção de agulhas de vários formatos na pele. Os médicos podem ser chamados de acupuntores, acupunturistas ou "terapeutas de acupuntura". A maioria das formas de acupuntura são não-fisiológicas. A *acupuntura neuro-elétrica* e a *nova eletro-acupuntura científica* - e, aparentemente, a *osteoacupuntura* - são naturalistas.

7.2.6 - *Acupuntura Auricular* (*Terapia de Acupuntura Auricular*): Suposta estimulação de pontos acupunturais na aurícula (a porção exterior da orelha). Os praticantes podem basear sua escolha de pontos através da experiência clínica, da "medicina moderna", pelo local da doença, ou de acordo com as teorias da MTC (*Medicina Tradicional Chinesa*), de "órgãos" e meridianos.

7.2.7 - *Acupuntura Ayurvédica* (*Bhedan Karma, Acupuntura Indiana Tradicional*): Assunto dos *Segredos Perdidos da Acupuntura Ayurvédica: Guia Ayurvédico para Acupuntura* (1994), por Frank Ros, "A.M.D." (provavelmente "Doutor em Medicina Ayurvédica"), D. Ac. ("Doutor em Acupuntura"?). A *acupuntura Ayurvédica* é uma forma de *Marma Chikitsa*. A base da *acupuntura Ayurvédica* é o *Suchi Veda*. "Bhedan Karma" significa "terapia penetrante".



7.2.8 - Acupuntura da Língua: Forma ou variante de acupuntura de agulha que focaliza a língua.

7.2.9 - Acupuntura da Medicina Tradicional Chinesa (MTC) (Nova Acupuntura): Forma de acupuntura que surgiu na República Popular da China durante a Revolução Cultural. Sintomas ou síndromes ("padrões de desarmonia") são o seu enfoque.

7.2.10 - Acupuntura Tradicional (Acupuntura Chinesa Tradicional): Forma de acupuntura baseada na teoria dos meridianos da Medicina Tradicional Chinesa (MTC) e normalmente praticada no seu contexto.

7.2.11 - Acu-Stop 2000: Método de Acupressão promovido pelo correio em 1993. Supostamente, constituía um método absolutamente seguro para perder rapidamente pelo menos trinta libras (catorze quilos), sem exercício, pílulas ou muita força de vontade. Acu-Stop 2000 envolvia a manutenção de um "dispositivo-tipo-acupressor", de mesmo nome, na orelha direita da pessoa, por alguns minutos diários. Supostamente, a estimulação deste "brinco" causaria: (a) estimulação de "pontos" reguladores de apetite no corpo, e (b) "supressão da atividade destes pontos".

7.2.12 - Anestesia de Acupuntura (Analgesia de Acupuntura, Anestesia Assistida por Acupuntura, Acupuntura Anestésica): Uso de acupuntura para aliviar a dor durante a cirurgia, onde o paciente permanece consciente, tanto em combinação com analgésicos ou anestésicos químicos quanto em substituição a estes. Foi introduzida em 1958 na República Popular da China.

7.2.13 - Aquapuntura (Terapia de Acupuntura por Água): Forma de acupuntura que envolve a injeção subcutânea de substâncias (por exemplo, vitaminas ou extratos hídricos de plantas) em pontos de acupuntura, para "estimular" tais pontos através da pressão das substâncias injetadas.

7.2.14 - Auto-tratamento com "Bolas de Acupuntura": Forma de acupressão auto-aplicada, e caracterizada pelo uso de bolas macias de borracha sólida. Também podem ser usadas bolas metálicas ocas, com algum metal solto em seu interior; geralmente estas são produtoras de sons específicos, supostamente também participantes da "terapia".

7.2.15 - Diagnose Oriental de Canalização (CD): Técnica "manual" de medicina oriental que se concentra na alegada reatividade de pontos acupunturais de "diagnóstico". De acordo com teoria de CD, pode-se deduzir da "sensibilidade anormal" de determinado ponto que o suposto canal que governa o ponto está "desequilibrado" e que existe patologia ao longo do canal. (Veja "acupressão diagnóstica".)

7.2.16 - Eletroacupuntura (Acupuntura Elétrica, Terapia de Acupuntura Elétrica): 1. Aplicação de eletricidade em pontos acupunturais, com ou sem agulhas. 2. Aplicação de eletricidade em pontos acupunturais através de agulhas.

7.2.17 - Eletroacupuntura Segundo Voll (EAV): Método nomeado de acordo com Reinhold Voll, da Alemanha. Na década de 1970, Voll inventou o Dermatron™, um dispositivo galvanométrico. EAV é um suposto meio de diagnose e tratamento, cujo postulado é que uma divergência de resistência elétrica em qualquer um de mais de dois mil pontos acupunturais, indica um problema no órgão que "corresponde" ao ponto. Os praticantes tratam "desequilíbrios" aplicando eletricidade nos pontos, com ou sem "remédios" homeopáticos.

7.2.18 - Eletrodiagnóstico (Teste Bioelétrico, Mapeamento Eletrodérmico, Teste Eletrodérmico): Localização de "desequilíbrios" ao longo dos meridianos da acupuntura com dispositivos galvanométricos.

7.2.19 - Jin Shin Do® (JinShin Do® Bodymind™Acupressure, "O Caminho do Espírito Compassivo"): Combinação de acupressão e respiração de ioga taoísta, métodos desenvolvidos na década de 1970 pela psicoterapeuta Iona Marsaa Teegarden, autora de *The Acupressure Way of Health: Jin Shin Do* (Japan Publications, Inc., 1978) e *The Joy of Feeling: Bodymind Acupressure* (Japan Publications, Inc., 1987). Toma empréstimos da Terapia Reichiana e supostamente movimenta "energia estagnada" através do corpo. De acordo com a teoria Jin Shin Do, experiências estressantes aumentam a tensão em certos pontos acupunturais. Os praticantes decidem quais partes do corpo estão "tensas". Então, supostamente para "equilibrar" a "energia" do corpo, seguram a parte "tensa" com uma mão e estimulam (supostamente) uma série de pontos acupunturais com a outra. "Jin shin do" significa "modo do espírito compassivo" em japonês.

7.2.20 - Jin Shin Jyutsu® (Jin Shin Jitsu): Assunto do livro: *The Touch of Healing: Energizing Body, Mind, and Spirit with the Art of Jin Shin Jyutsu* (Bantam Books, 1997). Jin Shin Jyutsu é uma forma não baseada em massagem de shiatsu desenvolvida por Jiro Murai no Japão. Usa apenas 26 "pontos de pressão", chamados de "fechaduras de energia". De acordo com a teoria, fadiga, tensão ou enfermidade podem aprisionar a "energia" nestas "fechaduras de segurança de energia". O suposto projeto de Jin Shin Jyutsu é "harmonizar" o fluxo de "energia" através do corpo. Jin Shin Jyutsu pode envolver qualquer um destes aspectos: (a) pressão manual prolongada e suave destes pontos; ou (b) movimentos das mãos do praticante sobre estas áreas, sem contato. Supostamente as mãos do praticante funcionam como cabos de reforço. "Jin Shin Jyutsu" significa literalmente "a arte do criador através do homem sábio e compassivo".

7.2.21 - Manipulação de Hemorragia (Terapia de Sangria): Componente da terapia auricular chinesa que é uma forma de sangria de pontos acupunturais.

7.2.22 - Massagem de Acupressão: Acupressão na forma de massagem (An Mo). Aparentemente, é o equivalente a amma. A massagem de acupressão é supostamente utilizável para promover o fluxo de Qi (chi) através do "sistema de meridianos". Toque de Acupressão: forma suave de acupressão.

7.2.23 - Método de Ventosas por Acupuntura: Combinação de acupuntura e ventosas. Prática de acupuntura com a intenção de tratar pontos de acupuntura, de forma que com que eles entrem em "ressonância" com os "caminhos arcaicos" do "corpo-mente". Envolve processamento de imagens de acupuntura.

7.2.24 - Moxibustão Auricular: Componente da terapia auricular chinesa, cujas formas incluem (a) tocha queimada de moxibustão, em que o médico golpeia rapidamente um ou dois pontos acupunturais auriculares com a cabeça de uma "tocha" queimada; (b) moxibustão indireto; (c) moxibustão de incenso, uma variação do moxibustão direto; e (d) moxibustão de agulha morna, em que o médico aquece uma agulha inserida com uma tocha ou acendedor.

7.2.25 - Moxibustão de Erva Crua (Moxibustão Automático, Moxibustão Frio): Variedade de moxibustão que envolve a colocação, na pele, de ervas específicas que causam bolhas e cicatrizes.

7.2.26 - Moxibustão Direto (Moxibustão Aberto): Forma de moxibustão que exige a colocação de cones pequenos de moxa (uma erva seca) em pontos acupunturais específicos, deixando-os queimar quase até à pele.

7.2.27 - Moxibustão Indireto: Forma de moxibustão que exige uma moxa ardente (erva seca que se queima e não está em contato com a pele). As formas de moxibustão indireto incluem: cones de moxa ardente sobre uma fatia de alho ou gengibre, ou em uma camada de sal; pedaços de moxas ardentes manipuladas acima da "área afetada"; pedaços de moxas ardentes ou agulhas inseridas em pontos de acupuntura; e moxas ardentes sobre uma grelha, em uma caixa acima da "área afetada".

7.2.28 - Moxibustão: Associado à acupuntura, caracterizado pela queima de moxas - preparações de folhas secas de artemísia (*Artemisia vulgaris*) ou absinto (*Artemisia chinensis*) - em pontos acupunturais, para estimular *chi*. Os praticantes prendem moxas em agulhas de acupuntura, colocam-nas diretamente na pele sob a forma de cones pequenos, ou colocam os cones sobre uma camada de gengibre.

7.2.29 - Moxibustão (Jiu, Terapia Jiu, Terapia de Moxibustão): 1. Moxabustão. 2. Aplicação de calor em pontos acupunturais, tanto sob a forma de moxibustão quanto com uma fonte elétrica de calor.

7.2.30 - Osteopatia de Acupuntura: Suposta abordagem de "acupuntura de meridianos" para liberar "constituintes miofasciais do corpo", e que foi desenvolvida por Mark D.Seem, Ph.D.

7.2.31 - Pó de Acupressão (Tratamento com Pó de Acupressão): Um dos "serviços clínicos" oferecidos pela Escola de Herbologia Taoísta Clássica, em Manhattan (Cidade de Nova Iorque). Envolve a aplicação de "pós herbários notáveis" em pontos de acupuntura.

7.2.32 - Processamento de Imagens de Acupuntura: Parte da terapia energética da acupuntura em que o médico apalpa simultaneamente uma "zona de acupuntura" e descreve isto para o cliente em termos "energéticos". A focalização de articulações em zonas "afetadas" supostamente habilita a canalização da "intenção curativa verdadeira" do cliente para zonas apropriadas, o que alegadamente efetua a "integração mente-corpo".

7.2.33 - Reflexologia Auricular: Forma de reflexologia que envolve a fricção de "pontos reflexos" na orelha, segurando parte da mesma entre o dedo indicador e o dedo polegar, e/ou pressionando um "ponto de reflexo" com a unha.

7.2.34 - Reflexologia Corporal: Sistema de reflexologia ou acupressão que compreende pressão, tração e massageamento de "pontos de reflexo" na face, língua, orelhas, escalpo, nuca, mãos, nádegas, pernas e pés. Estes assim-chamados pontos reflexos, também chamados "reflexos" e "botões de reflexo", incluem mais ou menos cem pontos acupunturais. *Body Reflexology: Healing at Your Fingertips* (1994) define "pontos de reflexo" como "junções de energia que revezam e reforçam a energia ao longo dos meridianos do corpo, passando energia aos órgãos e ao sistema nervoso". O livro declara que a palma da mão direita é "positiva" e "estimula energia", e que a palma da mão esquerda é "negativa", "sedativa" e "limpadora".

7.2.35 - Reflexologia do Pé: Envolve massageamento de "áreas de reflexo" nos pés. Seu postulado é que estas áreas correspondem aos órgãos e sistemas do corpo. Supostamente, a reflexologia "realmente limpa" a mente e o corpo, e "revitaliza a energia". Uma teoria comum de reflexologia sustenta que o massageamento de certas áreas dos pés restabelece a saúde ao quebrar e dispersar "cristais".

7.2.36 - Reflexologia: 1. Variação de acupressão cujo postulado é que todos os órgãos do corpo têm correspondentes "pontos reflexos" externos (no escalpo, orelhas, face, nariz, língua, pescoço, dorso, braços, pulsos, mãos, abdome, pernas e pés), e que a manipulação destes pontos pode aumentar o fluxo de "energia". 2. Reflexologia do Pé. 3. Terapia de Zona. 4. Macrorreflexologia e microrreflexologia. 5. Tipo de shiatsu que focaliza mãos e pés.

Dada a sua ampla aplicação em nosso meio, terei de deter-me um pouco mais na reflexologia do que em outras técnicas derivadas da acupuntura, analisadas ou citadas neste capítulo. A reflexologia constitui-se numa parenta próxima da acupuntura. Tem sido utilizada de forma bastante ampla em nosso meio. Embora represente uma "variedade ocidental" mais aceitável da antiga técnica de "equilíbrio energético", suas raízes também estão profundamente plantadas no terreno do espiritismo. Efetivamente, as mesmas linhas representadas pelos meridianos da acupuntura servem de base à reflexologia, o que torna esta uma "prima-

irmã” daquela. Baseia-se a técnica na suposição de que sobre a superfície da palma da mão ou da planta dos pés existem centros energéticos que se correlacionam com os órgãos do corpo.

“O hálux (primeiro dedo do pé ou ‘dedão’) é de considerável importância para a reflexologia. Na tradição mística do zoroastrismo, o hálux também é importante como ponto de conexão com a mente, e pode trazer harmonia ao corpo. Uma vez mais, a idéia de ‘congestão de energia’ ou desequilíbrio energético é vista como a causa da doença. A massagem do pé ou da mão, de acordo com os reflexologistas, manipulará pequenos ‘cristais’ de ‘energia congesta’. Esta área congesta geralmente é sensível ao toque, e com massagem adequada a sensibilidade desaparecerá. A despeito da avaliação microscópica da pele e dos nervos da mão e do pé, estes pontos de energia congesta nunca foram demonstrados por aqueles que cuidadosamente estudam a anatomia humana”. (4)

Como diante de outras tantas “técnicas” energéticas, aqui mais uma vez a pergunta se impõe: se o terapeuta da reflexologia sente algo que não está lá e manipula energia que não pode ser demonstrada, qual a razão de seu sucesso? Ao lado de benefícios fisiológicos perceptíveis quando se pratica uma massagem de pés ou mãos, pode existir outro tipo de “sucesso”. O diagnóstico, que também pode ser efetuado pela reflexologia, pode até ser preciso. Deveríamos aceitar o mapeamento reflexo de pés, mãos, pavilhões auriculares ou qualquer outra estrutura orgânica como algo fisiológico? Penso definitivamente que NÃO. Os reflexologistas que verdadeiramente possuem “conhecimento de causa” (os que não são meros “curiosos” na área) reconhecem e afirmam estarem lidando com padrões energéticos, não com estruturas fisiológicas.

Porventura existe uma qualidade mediúnica nessa técnica aparentemente eficaz, semelhante ao que ocorre na leitura da aura ou no uso da vara divinatória? Esta é uma questão crucial, pois muitos “bons” cristãos encontram-se envolvidos com a reflexologia, quer como terapeutas, quer como pacientes. Ao se avaliar esta questão, é importante deixar de lado sentimentos, orgulho e preconceito, avaliando-se cuidadosamente não apenas os resultados imediatos, como também as conseqüências eternas. A única segurança consiste em se buscar o conceito subjacente à técnica, e esse nós já conhecemos!

Lembremos, por outro lado, que o Espírito Santo oferece orientação principalmente através da Palavra Inspirada, e não por intermédio de alguma vaga impressão. Impressões podem ser profundamente enganosas. Não constituem, de modo algum, base segura para qualquer avaliação, muito menos quando o assunto tem importância eterna, como aqui. Impressões podem ser fortemente influenciadas por sentimentos e experiências pessoais. Com base em tudo que antes examinamos, no tocante ao conceito espiritualista do ser humano e da teoria vitalista, o cristão deveria mostrar-se apto a identificar facilmente tal técnica como perigosa, em virtude de sua associação com o “equilíbrio energético” e seu definido embasamento na teoria dos meridianos e correspondentes corpos etéricos.

7.2.37 - Sangria de Pontos de Acupuntura: Forma de sangria caracterizada pela perfuração de pontos de acupuntura com agulhas. Seu uso geral tem vários propósitos, inclusive ativação de sangue, liberação de canais (meridianos) e redução do "calor".

7.2.38 - Shiatsu (Acupressão, Schiatsu, Terapia de Massagem Shiatsu, Terapia Shiatsu, Shiatzu): "Arte Curativa" cujos tipos mais importantes são: acupressão, massagem shiatsu e Zen Shiatsu. Sua teoria propõe *ki* ("energia vital"), meridianos ("caminhos da energia") e *tsubos*: pontos ou "buracos" "vitais" no corpo que são susceptíveis à estimulação saudável. "Shiatsu" é a abreviação de uma palavra japonesa que significa literalmente "tratamento por pressão digital" ("shi" significa dedo, ou dedos, e "atsu" significa pressão).

7.2.39 - Terapia Auricular Chinesa (Acupuntura Auricular Chinesa, Terapia Auricular Tradicional Chinesa por Pontos de Acupuntura, Acupuntura Auricular Chinesa Tradicional, Terapia Auricular Chinesa Tradicional): Grupo de técnicas da MTC (Medicina Tradicional Chinesa) cuja “teoria dos canais” difere daquela da acupuntura do corpo. Seu postulado aparente é que várias áreas e mais de cem pontos acupunturais na aurícula (a porção exterior da orelha) se relacionam interativamente com outras áreas ou com doenças. *O contorno em forma de feto da aurícula inspirou a distribuição de pontos no local.* Supostamente, o formato da orelha, lembrando o feto, a vincularia ao “ser incipiente”.

A terapia auricular chinesa, que difere da auriculoterapia, inclui: analgesia auricular, diagnose auricular, terapia magnética auricular, massagem auricular, moxibustão auricular, injeção de ponto auricular, método de estimulação do ponto auricular por laser, manipulação de hemorragia e o método de pressão da semente.

7.2.40 - Terapia de Acupuntura do Escalpo (Acupuntura da Cabeça): Perfuração de áreas específicas no escalpo que são supostamente externalizações de meridianos da acupuntura (rotas alegadas de Qi).

7.2.41 - Terapia de Ausculta Acupuntural (Terapia de Eletro-Ausculta Acupuntural): Forma de medicina energética (medicina vibracional) que supostamente acelera a cura de virtualmente qualquer dano. Sua peça central é o "Acuscópio" (chamado também de "Eletro-Acuscópio"), um dispositivo computadorizado que alegadamente equilibra as correntes elétricas do corpo.

7.2.42 - Terapia de Hoshino (Arte da Terapia de Hoshino): Sistema de trabalho de corpo desenvolvido por Tomezo Hoshino, diplomata, acupunturista e por certo tempo pedicuro, nascido em 1910, em Atsugi, Japão. A terapia de Hoshino inclui uma forma manual de acupressão que utiliza 250 "pontos vitais".

7.2.43 - Terapia do Campo do Pensamento (TFT, Callahan Techniques™): "O estudo da estrutura dos campos do pensamento e do sistema de energia do corpo conforme sejam pertinentes ao diagnóstico e tratamento de problemas psicológicos", de acordo com o psicólogo Roger J. Callahan, citado na edição de novembro de 1996 de *Vision Magazine*. Ele originou TFT nos anos 1980. Bate-se sequencialmente em "pontos de energia dos meridianos da acupuntura" específicos, com as pontas dos dedos.

7.2.44 - Terapia do Ponto de Acupressão: Forma de aconselhamento psicológico baseada parcialmente na teoria da acupuntura, e promovida por Mitchell J. Rabin.

7.2.45 - Terapia Neural: Forma de medicina energética (medicina vibracional) similar à acupuntura, desenvolvida na Alemanha aproximadamente em 1930 por dois irmãos, Ferdinand e Walter Huneke. Ambos eram médicos e sustentavam que injeções de anestésicos locais em áreas de "perturbação de energia" ("campos de interferência") podiam aliviar a dor, imobilidade e disfunção. Os locais de injeção incluem pontos acupunturais, cicatrizes e os locais de fraturas antigas ou infecções passadas. Supostamente, a terapia neural energiza as células em "curto-circuito" e ajuda a regular a "energia biológica". Os proponentes recomendam-na para centenas de problemas de saúde.

7.2.46 - Treinamento de Reflexologia: Forma de reflexologia que é o assunto de *The Reflexology Workout: Hand and Foot Massage for Super Health and Rejuvenation*, por Stephanie Rick. Supostamente, equivalente a uma massagem interna e habilita o botão de controle da liberação de hormônios.

Para algumas outras variantes da acupuntura, veja: (5)

### 7.3 - Acupuntura e Homeopatia

Esta constitui uma associação freqüente, e que pode apresentar-se sob várias formas. Talvez a mais comum seja a que segue, descrita por um autor homeopático: “Weihe localizou na superfície do corpo humano quase 200 pontos, dos quais uma grande parte corresponde exatamente aos pontos chineses. Entretanto, Weihe não os relacionou com agulhas de ouro e prata, e sim com preparados homeopáticos, associando a cada ponto o seu medicamento. De la Fuye, baseando-se nos estudos da acupuntura e nos trabalhos de Weihe, prosseguiu experimentando e pretende haver estabelecido mais de 400 pontos e sua correspondência com os remédios. Avalia que o efeito terapêutico é muito maior quando se emprega a agulha com o medicamento homeopático que corresponde ao ponto a ser tratado”. (6)

Fora do campo da “experimentação”, como o descrito acima, é muito freqüente a associação simultânea entre várias técnicas vibracionais, em termos de rotina terapêutica. Acupuntura e homeopatia são duas associações freqüentes na “prática clínica”. Por exemplo, através da aplicação de “medicamentos homeopáticos” a pontos acupunturais. Tal tipo de tratamento já vem sendo aplicado amplamente na prática diária. Observe-se que a associação é feita entre o produto homeopático específico (o conceito de “medicação única” da homeopatia) e o(s) ponto(s) acupuntural(is) específico(s).

### 7.4 - Acupuntura e Anestesiologia

Trata-se de mais uma associação cujo emprego vem crescendo, a despeito da total falta de explicação racional para o fenômeno. O uso de grande quantidade de agulhas de acupuntura para se obter anestesia é uma prática bastante antiga. Entretanto, a “técnica” vem-se “aperfeiçoando” de modo maravilhoso, pois “para se obter a anestesia para uma operação, podem ser suficientes apenas *duas agulhas* (das quais uma é colocada na orelha), em lugar das inumeráveis que se usavam antes”. (7)

Maravilhas das maravilhas! Mas o “progresso” ocorre na velocidade da luz, pois modernamente já se tem chegado a níveis ainda muito mais espantosamente “desenvolvidos”. A toracotomia é uma cirurgia extremamente agressiva, pois representa a abertura do tórax para acesso ao coração, pulmões, grandes vasos ou outras estruturas. Trata-se provavelmente da mais agressiva dentre todas as cirurgias, em termos de suas repercussões sobre o estado hemodinâmico e respiratório do organismo, e também da dor correspondente.

Do ponto de vista da acupuntura, o número de agulhas para uma toracotomia-padrão tem sido tipicamente de dezoito. Mais recentemente, contudo, algumas clínicas cirúrgicas têm utilizado *apenas uma* agulha. Em alguns casos, *nenhuma agulha tem sido usada, e ainda assim se tem obtido anestesia completa!* (8) Sei que isto causa espanto, inclusive a mim, mas é bom recordar que “o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira”. (9) Não existe QUALQUER possibilidade fisiológica para o fenômeno, apenas – uma vez mais – a exploração das “correntes elétricas” do arqui-inimigo! Sinais e prodígios – de mentira. Inegáveis em seus resultados práticos, sendo “verdadeiros” neste sentido, mas “de mentira” em termos das bases sobre as quais ocorrem.

### 7.5 - Tentativas de Explicação Racional Para a Acupuntura

Várias teorias têm sido apresentadas tentando explicar como, exatamente, a acupuntura funciona. Partindo de suas bases racionais, a ciência ocidental tem procurado explicar a ação da acupuntura em termos fisiológicos. Uma das mais freqüentes explicações, por parte de médicos “convencionais” (não acupunturistas) é que as picadas levariam o organismo a liberar na corrente sanguínea várias substâncias com capacidade narcótica, capazes de inibir a dor e o mal-estar. Por exemplo, as endorfinas, reconhecidamente causadoras de uma sensação de bem-estar e bloqueio da dor. Outras substâncias

analgésicas, chamadas opióides, poderiam estar sendo liberadas na corrente sangüínea durante a terapia acupuntural.

Ainda outros têm se esforçado por justificar os resultados da acupuntura sugerindo que os impulsos dolorosos são bloqueados, impedidos de chegar à medula espinhal ou ao cérebro nos vários “portões de acesso” a estas áreas. Uma vez que muitos dos pontos de acupuntura supostamente se encontram conectados a (ou localizados próximo de) estruturas neurais, sugere-se que a acupuntura estimula o sistema nervoso via tais estruturas.

Os colegas “convencionais” deveriam poupar-se este árduo – e inútil – esforço, aplicando-o a algo mais proveitoso. A própria explicação taoísta nega esta hipótese. A acupuntura NÃO lida, definitivamente, com estruturas nervosas ou quaisquer outras que a anatomia tenha descrito, mesmo quando os pontos acupunturais dos meridianos “passam perto” destas estruturas ou coincidem com elas. A suposta ação ocorre sobre “canais energéticos”, sobre “energias cósmicas bloqueadas”, e não sobre conhecidas e estudadas estruturas anatômicas e fisiológicas. Nós, médicos convencionais, caímos em ridículo perante os que realmente conhecem os conceitos da medicina oriental, quando tentamos interpretá-la à luz do conhecimento científico ocidental. Pura perda de tempo.

Em reportagem da revista VEJA que tratava do tema, o presidente da Associação Médica Brasileira de Acupuntura assegurou: “A liberação de substâncias é muito pouco para explicar a riqueza dos resultados da acupuntura. Há curas que só se explicam pelo fenômeno energético”. (10) Falou o presidente da sociedade, que certamente sabe muito bem com o que está lidando.

## 7.6 - Acupuntura, Ocultismo e Cristianismo

Não pode restar qualquer dúvida na mente cristã: o “fenômeno energético” citado acima pelo representante dos profissionais acupunturistas é o mesmo fenômeno energético (“correntes elétricas de Satanás”, veja 3.6) responsável pela cura nas demais medicinas “alternativas”, como a reflexologia, a imposição de mãos, a homeopatia e inúmeras outras. A despeito de sua inocente aparência, a própria história da acupuntura a identifica de modo inequívoco e indissociável com a “energia vital”.

Há que se salientar ainda que a milenar vinculação entre a acupuntura, as artes marciais e o oculto, na China, é hoje um fato histórico sobejo e extensivamente documentado, assim como também o é a vinculação do oculto com outras práticas que o ocidente vem abraçando com crescente entusiasmo. (11)

Ainda assim, entretanto, muitos cristãos acham-se envolvidos com a acupuntura e suas variantes. Difícil entender de que modo técnicas com pouco ou nenhum embasamento fisiológico, que foram desenvolvidas numa cultura eminentemente espiritualista, e que são praticadas vastamente por aqueles que crêem e promovem uma filosofia que nada tem a ver com o cristianismo, sejam capazes de atrair cristãos. Mas é isto o que ocorre! E muitos abrem suas mentes para receber as falácias das filosofias orientais, que se baseiam na tentativa de equilibrar os opostos, como o bem e o mal, ou o masculino e o feminino. O cristianismo genuíno baseia-se na verdade bíblica, que afirma o completo triunfo do bem sobre o mal, e não em qualquer proposta de “equilíbrio” entre o que Deus diz e o que Satanás afirma!

Dois autores cristãos, que ofereceram alguns comentários muito úteis acerca do movimento da saúde holística, utilizaram palavras estranhas quando demonstraram aceitação da prática da acupuntura: “Em primeiro lugar, propomos que o ingresso no domínio da antiga medicina chinesa ocorra por uma única e específica razão: o tratamento da dor crônica mediante terapia de contra-estimulação, tal como estimulação elétrica ou por agulhas, e isto quando outros métodos houverem falhado ou obtido sucesso apenas parcial. . . Consideramos ser importante que o terapeuta pense em termos de mecanismos do sistema nervoso, em lugar de pensar em meridianos e energia vital”. (12)

Usar a acupuntura, ou qualquer outro método espiritualista, por já não existirem opções no âmbito da medicina convencional, seria uma razão justificável? Nenhuma razão, penso eu, nem mesmo a mais extrema ou a mais nobre, deveria permitir-nos o envolvimento com coisa alguma que traz claramente sobre si o selo satânico. Por certo constitui uma difícil prova ter de sofrer dores crônicas não solucionadas por meio de métodos médicos convencionais. Compensaria, contudo, livrar-se da dor física às custas do envolvimento com técnicas baseadas no - e operadas pelo - “oculto”?

Por outro lado, é estranha a sugestão destes autores quanto ao “foco do pensamento” durante a submissão à técnica de acupuntura. Será que o “pensar” em termos de “mecanismos do sistema nervoso” em lugar de “pensar em meridianos e energia vital” modifica a essência da prática espiritualista? “Pensar” que eu estivesse cometendo o ato por amor, tornaria menos pecaminoso o adultério? “Pensar” no Deus verdadeiro enquanto ajoelhado diante de uma imagem de escultura, faria este ato tornar-se menos idolátrico?

### 7.7 - Técnicas Fisiológicas Semelhantes à Acupuntura

É importante salientar que existem métodos verdadeiros, fisiológicos, utilizados por fisioterapeutas e outros profissionais para a estimulação de nervos orgânicos e para o bloqueio de trajetos seguidos pela percepção dolorosa. Estes profissionais não fazem qualquer tentativa de “equilibrar energias”. Em vez disso, o estímulo de nervos regulares do organismo é capaz de bloquear a sensação de dor, e tem sido útil em muitos problemas de dor crônica. Um exemplo destas técnicas é a “estimulação nervosa transcutânea”. A contra-irritação por massagem também ilustra tais métodos.

Conforme ocorre com muita frequência, o falso e o verdadeiro encontram-se mui próximos um do outro. Informar-se a respeito das bases que fundamentam a terapia proposta é muito importante para que você alcance suas próprias conclusões. Suspeite de explicações muito empoladas. Exija clareza. Na dúvida, não se submeta à terapia que lhe parece “estranha”; busque informações adicionais com uma boa fonte cristã independente, quero dizer, não vinculada à terapia proposta.



## CAPÍTULO OITO

### VARETAS MÁGICAS, PÊNDULOS E MAGNETOS

- 8.1 - Breve Histórico e Definição das Técnicas Magnéticas
- 8.2 - Glossário do Capítulo
- 8.3 - Base Filosófica do Funcionamento de Varetas, Pêndulos e Magnetos
- 8.4 - Façanhas das Técnicas Magnéticas
- 8.5 - Pêndulos, Magnetos e Homeopatia
- 8.6 - Compromisso das Técnicas Magnéticas com o Ocultismo
- 8.7 - Técnicas Magnéticas e Cristianismo

#### 8.1 - Breve Histórico e Definição das Técnicas Magnéticas

No presente capítulo, considerarei como “técnicas magnéticas” aquelas que mais diretamente pretendem atuar sobre os campos magnéticos produzidos em torno do organismo em virtude da suposta atuação de energias cósmicas sobre o campo energético do corpo, e da interação daí decorrente. Existem muitas outras variantes, mas estaremos ocupados especialmente com varetas mágicas (varetas de rãdomancia ou radiestesia), pêndulos e magnetos. Poderei estar usando ilustrações ou comentários para algum destes instrumentos em particular, mas as considerações valem sempre para o conjunto, já que os “princípios” sobre os quais essas técnicas operam são basicamente os mesmos em todos os casos.

Convém considerar nesta seção a definição dos principais termos, relativos a objetos e técnicas, de utilização no contexto das terapias magnéticas, sempre de acordo com o Dicionário Aurélio. (1) A segunda seção ocupar-se-á de várias técnicas específicas e sua sinonímia.

Ímã ou magneto: Corpo de material ferromagnético com imantação permanente.

Pêndulo: Corpo pesado, suspenso por intermédio de uma haste ou fio em um ponto situado acima do seu centro de gravidade, de tal modo que lhe seja possível oscilar livremente.

Psicometria: Medida da duração e da intensidade de processos mentais, por meio de métodos padronizados.

Rãdomancia: Adivinhação por meio de varinha mágica; rãdoscopia.

Radiestesia: Sensibilidade às radiações.

O diagnóstico e tratamento de doenças humanas através do uso de pêndulos constitui uma antiga arte de adivinhação, baseada no conceito de “energias unificadas”. Tendo em vista adquirir credibilidade e compreensão, os proponentes deste método afirmam que o corpo possui um campo energético que pode ser perturbado pela doença. Já examinamos este “campo” no Capítulo Três, quando estudamos a respeito de auras, chakras e corpos etéricos. O pêndulo supostamente responde aos distúrbios ao movimentar-se no campo magnético produzido em torno do organismo. Medicamentos homeopáticos e outros podem – sempre supostamente – ser testados por tal método, determinando-se se seriam úteis ao paciente.

O pêndulo pode ser qualquer peso pendente de um cordão ou corrente; mesmo uma porca funcionará. Pode ser utilizado sozinho ou em combinação com equipamentos médicos muito sofisticados. O aparato, em si,

não é importante; simples ou complexo, não faz diferença. O que importa é a presença de uma pessoa “sensitiva”, “possuidora de fé” e “receptiva” para segurar o pêndulo. Isto tem sido provado vez após outra com um exemplo que é a modalidade mais sofisticada desta forma de terapia, a radiestesia. Embora o aparelho utilizado seja complexo, com mostradores, botões e medidores, quanto mais “sensitivo” se torna o praticante, menos necessita ele do pêndulo! Isto é confirmado por estudiosos do tema:

“A radiestesia é, efetivamente, uma forma de psicometria, auxiliada por aparelhos mecânicos. Isto nem sempre é reconhecido, mas a verdade é esta. O mecanismo utilizado pode ser uma simples vara mágica, um pêndulo, uma complicada ‘caixa de Abrams’, ou uma das máquinas utilizadas para o trabalho modernamente conhecido como ‘radiestesia’ ou ‘radiônica’. . . . Admite-se agora por parte daqueles que utilizam os vários equipamentos de diagnóstico associados com a radiestesia, que para um trabalho de êxito é necessário um operador humano de tipo especial. . . . Logo, segue-se que a precisão ou imprecisão do diagnóstico pela radiestesia dependerá de todos os fatores usualmente envolvidos em atividade psíquica ou médica - experiência, personalidade, e as capacidades psíquicas conscientes ou inconscientes do operador”. (2)

Aqueles que utilizam o pêndulo, consideram seu trabalho como equivalente à “pesquisa de águas” ou rabiomancia. Esta última forma de adivinhação é amplamente utilizada e bem aceita pelo público em geral. Sobretudo em meios rurais, grande parte da determinação de “locais apropriados” para a abertura de poços ocorre com base nas informações da “pesquisa de águas”. Isto leva os usuários do pêndulo a esperarem que a associação entre as duas “técnicas” acrescente credibilidade ao uso do pêndulo. De fato, a “técnica” é exatamente a mesma!

A radiônica é também conhecida como medicina psiônica (veja mais detalhes na próxima seção, no glossário), e baseia-se na noção de que todos os tecidos orgânicos, inclusive os que se encontram enfermos, possuem uma taxa vibracional única, ou ressonância. A radiônica constitui basicamente uma forma sofisticada de radiestesia, que em sua forma mais simples é representada pela “indagação” quanto à saúde da pessoa – em outras palavras, pela divinação. Os praticantes da radiônica empregam instrumentos eletrônicos para detectar e ajustar as frequências das ressonâncias dentro do corpo. (3)

O “pai” da radiônica foi o Dr. Albert Abrams, filho de um rico homem de negócios de São Francisco, Califórnia. Estudou medicina na Universidade de Heidelberg, na Alemanha, local que foi também um importante centro de desenvolvimento da filosofia rosacruz. Como qualquer outra doutrina, a radiônica possui seu fundador e também seus “profetas”. Algumas das pessoas que ajudaram a criar o Centro de Pesquisa em Radiônica e Magnetismo, em Oxford, foram T. Galen Hieronymus, David Tansley, Malcolm Rae e a Dra. Ruth Drown. Esta foi uma jovem quiropata que procurou refinar os aparelhos de Abrams (veja mais sobre a “caixa preta” deste último na próxima seção). Drown acabou tendo seus aparelhos confiscados pelo FDA (*Federal Drug Administration*, órgão regulador de drogas, equipamentos e práticas médicas nos Estados Unidos). Outra pessoa envolvida na criação da radiônica foi George De la Warr, pessoa rica e de grande influência na sociedade, e parente distante da família que fundou o estado americano de Delaware (veja a seção quatro deste capítulo).

Outras figuras contribuíram indiretamente com a radiônica, tais como o psicanalista Wilhelm Reich (veja 9.2.313, “Terapia Orgone”; 9.2.315, “Terapia Reichiana”; e 9.2.319, “Teste de Sangue de Reich”, no Capítulo Nove). Também o biólogo Harold Saxton Burr, da Universidade de Yale, e outros que promoveram ou investigaram a idéia do campo energético humano. A carreira de Reich possivelmente foi a mais interessante. Pregou pelo país (Estados Unidos) que a chave para a saúde física eram melhores orgasmos, e morreu afirmando que os OVNI’s (“Objetos Voadores Não Identificados”) do espaço estavam roubando a energia vital da Terra. Teve seus equipamentos (as chamadas “caixas de orgone”) confiscados

pelo FDA e faleceu na cadeia. Tal como Hahnemann e Abrams, Reich era formado por faculdade convencional de medicina. Foi um conhecido seguidor das teorias de Sigmund Freud. (4)

## 8.2 - Glossário do Capítulo

Esta seção relaciona as principais modalidades de diagnóstico e tratamento que podem ser classificadas como técnicas magnéticas, segundo a definição da seção anterior. Baseiam-se fundamentalmente sobre os mesmos "princípios". (5, 6)

**Diagnóstico Pendular (Diagnóstico de Radiestesia):** Forma ostensivamente diagnóstica de radiestesia. Envolve segurar um pêndulo acima do paciente. Seu postulado é que os órgãos doentes emitem radiação diferente daquela de órgãos inalterados. De acordo com sua teoria, quando o pêndulo estiver acima de um órgão doente, o órgão o repele, e quanto mais doente o órgão, maior o laço realizado pelo pêndulo.

**Diagnóstico Radiônico (Análise Radiônica Análise Técnica Radiônica, Trabalho de Diagnóstico Radiônico):** Forma de diagnose à distância que envolve usar um "instrumento de diagnóstico radiônico". As formas básicas de diagnose radiônica são a técnica do "bloco de vara" e uma variação de telediagnóstico.

**Medicina Psiônica (Psiônica):** Derivada da radiestesia e radiônica médicas, e desenvolvida pelo médico George Laurence. É uma variação de telediagnose. Sua teoria abraça o conceito homeopático de "miasmas": três fontes hereditárias para todas as doenças resistentes ao "tratamento" homeopático. Miasmas supostamente escondem o "fluxo de energia vital" no corpo. Os praticantes do método colocam uma amostra de sangue do paciente em uma parte de um quadro abaixo do pêndulo; "amostras" (em "potência homeopática") de tecidos, órgãos e "doenças" em outra parte; e propõem "remédios" homeopáticos em outra parte. A direção para a qual ocorrem os movimentos do pêndulo, determina se tal "remédio" é apropriado. (Veja adiante, "Radiônica".) A palavra "psiônica" se refere também a radiônica e "psi aplicada" (parapsicologia aplicada), um campo cujo enfoque é a aplicação de "habilidades psíquicas" para a vida comum.

**Rabdomancia (Divinação, Pesquisa de Água, Enfeitiçamento da Água):** Suposto meio de ganhar perspicácia na diagnose e tratamento de problemas de saúde física e emocional (veja "radiestesia"). Abrange formas de diagnose à distância, uma envolvendo fotografia recente do sujeito, outra uma descrição do sujeito. Ferramentas elementares de rabdomancia incluem o galho bifurcado (vara de adivinhação) e o pêndulo. O postulado da rabdomancia é que os pensamentos humanos "transcendem" os corpos humanos, espécies e o espaço-tempo, conforme normalmente concebido.

**Rabdomancia Avançada:** Modalidade de radiestesia levada a cabo sem o uso de qualquer "instrumento" (por exemplo, um pêndulo).

**Radiônica (Psiônica):** Ramo mal definido de radiestesia fundado e nomeado pelo neurologista Albert Abrams (1863-1924), autor de *Spondylotherapy* (1910) e *New Concepts of Diagnosis and Treatment* (1916). A radiônica, que compreende o diagnóstico radiônico e a terapia radiônica, é uma combinação de diagnóstico de clarividência, diagnóstico à distância (diagnose remota) e cura psíquica. Abrams associou doenças diferentes com ondas de rádio diferentes, supostamente emitidas por várias partes do corpo e por amostras de tecido. Inventou um sistema ostensivo de diagnóstico elétrico cujos componentes incluem: um "Dynamizer", receptáculo para amostras de sangue ou tecido; três reostatos (dispositivos que regulam a corrente elétrica); e um eletrodo que o praticante fixa na frente do paciente.

Abrams reivindicou que a pessoa pode até mesmo averiguar a religião de um paciente com seu sistema, e que o autógrafo do paciente pode substituir o sangue no "Dynamizer". Para "tratamento", ele recomendou seu "Oscilloclast": um dispositivo supostamente projetado para emitir vibrações curativas. O primeiro destes aparelhos com quem ele teve contato, foi o Dr. Guyon Richards; a partir deste, concebeu a sua "caixa preta".

Depois de haver cursado medicina em Heidelberg, na Alemanha, Abrams foi lecionar patologia na Universidade de Stanford, na Califórnia, onde chegou a ser diretor de estudos médicos. Afirmava que seu conceito de "ressonância" derivava em parte da oportunidade em que vira Enrico Caruso golpear um copo a fim de fazê-lo vibrar, ajustando então esta vibração com o tom de sua voz.

"Evidentemente os críticos de Abrams sustentaram desde o começo que a sua 'caixa preta' era um fetiche mágico – basicamente ela não realizava coisa alguma, mas tratava-se de um artefato eletrônico de aspecto impressionante, que fazia aumentar as expectativas dos pacientes. Por certo a Dra. Drown (veja a segunda seção) e outros envidaram os melhores esforços para fazer a 'caixa' parecer tecnologicamente tão impressionante quanto possível, independentemente de quão simples era a sua operação do ponto de vista técnico. Os proponentes da radiônica dizem que sua disciplina funciona porque cada ser humano possui um 'campo vital' ou aura distinta. As tentativas de se verificar a existência do campo energético humano têm variado desde as lentes de carvão de Kilner, ao uso de 'sensitivos' de Reichenbach, até os equipamentos de fotografia de Kyrlian. Quase todos os textos de radiônica descrevem este campo energético humano em termos muito complexos – suas 'camadas', 'chakras', 'zonas', etc. – mas falham em explicar exatamente como a topografia foi determinada. Muitos deles afirmam que o conceito é idêntico à noção chinesa de chi (qi)". (7)

Muitos rabdomantes (radiestesistas) afirmam que podem adivinhar com pêndulos ou mapas, sendo capazes de "descobrir" fatos sobre a saúde das pessoas. O próprio Abrams sustentou que o talento da radiônica repousa no praticante, e não no instrumento que este utiliza, o que a torna definitivamente uma forma de divinação. Antes de inventar a "caixa preta", Abrams tentou obter diagnósticos percutindo o corpo e percebendo manualmente as vibrações emitidas. Basicamente a caixa consta de uma pequena barra magnética que pode ser girada por uma série de botões, e de um pequeno orifício onde se deposita a "testemunha", um fragmento de tecido do paciente. Dentro da caixa também existe uma membrana que supostamente se torna "sensível" em resposta a questões acerca do paciente. O radiestesista gira os botões (numerados de 0 a 9) até supostamente obter uma "leitura positiva" (qualquer número entre 0000000 e 9999999) da "testemunha", ponto em que ele afirma haver obtido a ressonância ou taxa vibratória.

Terapia de Ímã (Biomagnética, Terapêutica Biomagnética, Terapia Biomagnética, Biomagnetismo, Eletro-Biomagnética, Terapia Eletro-biomagnética, Terapia de Energia Magnética, Terapia de Campo Magnético, Cura Magnética, Magnética, Terapias Magnéticas, Terapia Magnética, Magnetoterapia): Variedade de auto-cura supostamente baseada em "leis naturais". A terapia de ímã supostamente "restabelece" a ordem no "sistema de energia humana". Sua teoria propõe "energia vital" e "meridianos", e retrata os ímãs (magnetos) como fontes de "energia curativa da natureza". De um modo geral, os proponentes consideram como sinônimos os termos energia magnética, energia, energia vital, força vital, chi (qi,ki) e prana.

### 8.3 - Base Filosófica do Funcionamento de Varetas, Pêndulos e Magnetos

Os princípios de funcionamento de varetas, pêndulos e magnetos originam-se claramente da teoria espiritualista do vitalismo, conforme a definição de várias das técnicas da seção anterior deixou claro, assim como das declarações de seus principais proponentes. Entretanto, é interessante acompanhar por

alguns parágrafos o enorme esforço que estes fazem para dar um embasamento “científico” a suas propostas:

“Vivemos num universo de energia. Cada organismo é cercado de todas as formas de energia, algumas benéficas, outras terrivelmente destrutivas. A fim de sobreviver, cada organismo precisa desenvolver meios através dos quais perceba estas energias, de modo a beneficiar-se das primeiras e a evitar e proteger-se das últimas. Esta habilidade para sentir e distinguir diferentes energias é uma das propriedades fundamentais do protoplasma. . . Toda matéria viva parece possuir uma inteligência inata que se manifesta sob a forma de ‘percepção primária’ daquilo que é bom ou mau para a sua estrutura particular”. (8)

A tal “inteligência inata” já nos é igualmente conhecida. Confunde-se com as idéias do panteísmo, subjacentes a toda a teoria vitalista. Observe que o autor a aplica a todo tipo de protoplasma, ou célula viva – animal ou vegetal. Oferece alguns exemplos. O mesmo autor prossegue analisando em seguida os “mistérios” do sistema nervoso, que obtém todos os seus dados do órgãos internos e então transmite mensagens apropriadas de volta aos órgãos. Sim, o sistema nervoso realmente constitui algo estupendo, criado sob a direção do Onisciente. De certa forma, num sentido limitado, não seria incorreto concluir, com Alfred Korzybski (citado pelo autor), que “a vida é o montante de energia que um determinado sistema nervoso contém”. Mas esta constitui uma visão restrita da vida como fenômeno todo-dependente do seu Originador. Mantida em mente esta limitação, o conceito é interessante.

O problema com este autor, e muitos outros, é que esta base inicial, um tanto correta, começa a ser extrapolada, com afirmações do tipo: “Um sistema nervoso adequadamente treinado e sensitivo não necessitaria de qualquer auxílio externo para encontrar qualquer informação desejada. A pessoa que possua tal sensitividade, terá meramente que elaborar a questão ou problema, e seu cérebro começará a enviar raios para explorar o infinito e recuperar a informação desejada. Ela receberá ou perceberá a resposta sob a forma de sensação física”. (9)

Bem, aqui já nos encontramos em sérios problemas. Sensitividade é um termo estranho ao cristianismo bíblico. Além disso, nenhum ser criado, por ser finito e dependente da vida do Infinito, poderá “enviar raios para explorar o infinito”! Nossa capacidade para recuperar e entender qualquer informação é eminentemente finita. Mas o problema cresce ao prosseguirmos com a exposição:

“Infelizmente, a maioria de nós não somos desenvolvidos. Necessitamos de ajudas concretas para interpretar e amplificar os sinais que nossos nervos desejam nos comunicar. Esta é precisamente a função do pêndulo. . . Mas não é o pêndulo em si quem provê as respostas. É a sua inteligência superior interior que se comunica através do sistema nervoso – é ela quem provê os sinais. O que o pêndulo faz é amplificar os sinais e interpretar o significado destes através de códigos estabelecidos entre a mente consciente e a mente subconsciente”. (10)

As coisas se complicaram definitivamente, mas ao mesmo tempo vão se tornando muito claras. O “Eu Superior” é quem guia o pêndulo na interpretação dos sinais recolhidos pelo “sistema nervoso”. Para os homeopatas, é o “medicamento” inteligente (mais inteligente que a pessoa ou a enfermidade, lembra-se?) quem vai à busca das alterações da energia vital para “restaurá-la”. Para os iridólogos, é a íris (como “preposta” do sistema nervoso) quem registra visualmente estes sinais, recolhidos de todo o organismo antes mesmo que as alterações possam ser detectadas nos órgãos, lembra-se ainda? Aqui é o Eu Superior (o deus minúsculo dentro de mim, do panteísmo) quem faz a “interpretação” através do pêndulo!

Prosseguindo com sua descrição do “mecanismo de ação” desta suposta ciência, o autor prossegue: “Um bom rabdomante ou operador de pêndulo não apenas vê a resposta nos movimentos da vara ou do pêndulo. Ele também sente a resposta, em termos do registro de frequências, na mão, no braço ou no corpo inteiro. .

. Entretanto, conforme constatado pelos primeiros experimentos com a radiestesia, não é necessário ter os objetos ou pessoas efetivamente presentes para que se obtenham leituras acuradas”. (11)

Como ocorre com toda falsa ciência, os defensores da radiestesia e similares mesclam as tentativas de explanação científica para as mesmas, com o desprezo diante da explanação do próprio fenômeno, enfatizando que mais importante é o resultado. Por exemplo: “A importância de qualquer habilidade não se encontra no ‘por que’, e sim no ‘como’. Uma vez que o ‘como’ é conhecido, o ‘por que’ pouca diferença faz. . . Uma pessoa adequadamente treinada e capaz de concentrar e manter seu pensamento poderosamente fixado num determinado objeto, pensamento, pessoa, substância ou idéia, entre em sintonia com isto. A pessoa toca a ‘coisa’ em sua própria freqüência. As células nervosas começam a vibrar em ressonância com a ‘coisa’. . . Isidore Friedman, mestre na operação de pêndulos, sustenta que estas freqüências também possuem uma certa forma. O sistema nervoso então traduz esta qualidade e provoca a exerce o apropriado efeito sobre a movimentação do pêndulo”. (12)

Segundo este e outros autores, qualquer pessoa pode desenvolver a capacidade de usar pêndulos e similares, requerendo-se atenção e concentração como requisitos principais. Os “únicos problemas” ocorreriam quando existe demasiada “estática” ou “interferência”, tanto em nossas mentes quanto no ambiente, a exemplo do que ocorre na transmissão/recepção de rádio ou TV. Claro que, em se tratando das interferências na mente, o autor se apressa em esclarecer que elas se comportam como “tormentas elétricas ocorrendo em nossas mentes e sentimentos, ou quando certas influências planetárias perturbam o equilíbrio elétrico da atmosfera mental”. (13) (destaques supridos)

Trata-se de uma explanação muito pouco “científica” para um fenômeno que se pretende científico. “Equilíbrio elétrico” [sinônimo de “equilíbrio energético”] e “influências planetárias” constituem conceitos com os quais já nos deparamos inúmeras vezes em momentos anteriores! Não é difícil, pois, concordar com este outro autor:

“Uma vez que esta forma de tratamento assegura que ‘a distância não faz diferença’, isto por si só exclui a possibilidade de que o verdadeiro poder curativo seja etérico ou denso, fisicamente. Tal sugestão conflita com tudo que se conhece acerca das leis que governam a radiação de energia ao nível físico. . . . O que desejamos enfatizar é que o diagnóstico ou tratamento envolvidos podem ser considerados um fenômeno psíquico ou extra-sensorial, e que a pretensão de que eles se baseiam apenas em ciência física e suas leis conhecidas, não pode ser consubstanciada”. (14)

#### 8.4 - Façanhas das Técnicas Magnéticas

Alguns poucos relatos de realizações extraordinárias, obtidas pela aplicação das técnicas magnéticas citadas no presente capítulo. Por vezes a façanha acabou representando um problema para o seu empreendedor, como neste primeiro caso:

“Vernon Cameron, famoso rbdomante, foi impedido de sair dos Estados Unidos, pois considerou-se que isto poderia significar um risco para a segurança do país. Por quê? Utilizando técnicas de pesquisa de rbdomancia sobre mapas, numa demonstração aos oficiais superiores da Marinha Americana, ele localizou com precisão o posicionamento e a profundidade de todos os submarinos e bases submarinas do Pacífico. Não somente isto; ele também foi capaz de distinguir entre submarinos americanos e russos”. (15)

O diagnóstico pelo pêndulo e a radiestesia tornaram-se populares na Europa durante as décadas iniciais do século vinte. Certamente um dos fatores que muito contribuiu para tal popularidade foi a extraordinária habilidade de Abbe Mermet, sacerdote francês. Seu “dom” habilitou-o a não apenas curar, como também a encontrar água, tesouros e minerais. Um detalhe fundamental, que não pode passar despercebido: mesmo

sem sair de casa, Mermet era capaz de usar o pêndulo sobre um mapa e localizar água a cerca de 10 mil quilômetros de distância! (16)

Conforme expôs outro autor acerca de Mermet, o objeto de estudo poderia estar a centenas ou mesmo milhares de milhas de distância, e isso não faria diferença. “Abbe Mermet, sacerdote francês e um dos grandes pioneiros da área, era capaz de pesquisar água e minerais na África, enquanto confortavelmente sentado à sua escrivaninha numa vila francesa. Ele simplesmente segurava o pêndulo sobre mapas daquele território particular, e sempre que a água ou minerais estivessem presentes, o pêndulo girava no sentido horário”. (17)

George Delawarr, já citado na resenha histórica, conduziu a radiônica um passo adiante. Este médium desenvolveu fotografias de uma amostra de sangue de paciente localizado a centenas de quilômetros. Em determinado caso, a gravura do provável aspecto físico de um feto (obviamente ainda no interior do útero da mãe) foi desenvolvida a partir de uma amostra sangüínea da mãe, localizada a aproximadamente oitenta e cinco quilômetros de distância! Mesmo os psíquicos têm-se frustrado com o fato de que seu trabalho possui mui baixa reprodutibilidade. Delawarr admitiu em 1958 que a técnica se baseava nas “habilidades pessoais” do operador, muito mais que nos equipamentos utilizados. (18)

Mizrach mostra que, tal como na homeopatia, a radiônica deriva de uma das leis mágicas de Frazier – a Lei do Contágio – que sugere que um item pertencente a uma pessoa ou em contato com ela, pode influenciar esta pessoa à distância, o assim chamado “fetiche vodu”. Os praticantes da radiônica médica acreditam que se pode tomar uma amostra de sangue de um ser humano, obter uma leitura “vibracional” da mesma, e então utilizá-la para curar a pessoa à distância – sim, mesmo a muitas milhas. Em vários sentidos, a radiônica é uma forma mais sofisticada de antigas práticas populares, particularmente a pesquisa de águas, que sempre envolveu mais do que apenas adivinhar a presença de água mediante o uso de uma forquilha. (19)

## 8.5 - Pêndulos, Magnetos e Homeopatia

Magnetoterapia e homeopatia muitas vezes têm se entrelaçado de modo muito íntimo, conforme já observamos no Capítulo Cinco. O uso do pêndulo na elaboração e escolha do “medicamento” homeopático já foi documentado no mesmo capítulo. Entretanto, considero útil reproduzir aqui mais algumas afirmações do Dr. Hahnemann, diretamente concernentes ao tema deste capítulo, que confirmam o grande apreço do pai da homeopatia pelas técnicas magnéticas:

“Uma vara magnética pode rápida e permanentemente curar a mais severa das enfermidades para a qual ela seja um tratamento apropriado. Basta aproximá-la do corpo por um período bem curto, mesmo que encoberta por algum material espesso, tal como roupa, lâmina de aço, vidro, etc. . . Embora cada pólo apresente algo de peculiar em sua capacidade de alterar a saúde humana, parece que cada um deles produz ações alternadas, que imitam as do pólo oposto. . . De modo a efetuar a cura, o magneto deve ser aplicado de modo muito gentil, o que lhe permitirá atuar de modo homeopático”. (20)

Vários outros autores homeopatas ocuparam-se do mesmo tema. Por exemplo, o Dr. H. C. Allen, grande e renomado homeopata, que escreveu extensamente – cerca de 48 páginas – a respeito de magnetos e medicamentos magnéticos em sua obra homeopática. Em grande medida, repetiu as observações feitas anteriormente por Hahnemann. (21)

Para um adepto da “magnetoterapia homeopática”, “os conceitos do Dr. Hahnemann encontravam-se muito à frente de seu tempo, uma vez que pouco se sabia acerca da natureza eletromagnética da atividade celular e da importância do magnetismo. Entretanto, hoje sabemos que cada remédio homeopático é a energia eletromagnética daquela substância particular. A substância a ser convertida em medicação

homeopática é repetidamente sujeita ao processo conhecido como ‘trituração’ ou ‘sucussão’, pelo qual os átomos da substância são partidos, liberando a energia eletromagnética pertencente àquela substância particular”. (22) (destaques supridos)

As afirmações dos destaques são no mínimo ousadas, pois, se verdadeiras, nos levariam a concluir que o processo homeopático corresponde a uma espécie de desintegração atômica! Soa como algo um tanto perigoso para ser praticado nos balcões de qualquer farmácia homeopática! E por que razão, se este realmente fosse o processo de formação do preparado homeopático, haveria de se obter cada vez maior “energia eletromagnética” se nada mais resta, a partir da décima-segunda centesimal, da substância original?

O mesmo autor afirma que “a homeopatia é, portanto, complementar à magnetoterapia, já que os medicamentos homeopáticos não possuem qualquer substância química, e sim a energia dinâmica (eletromagnética) das substâncias das quais são obtidos, o que se consegue mediante potente sacudimento; este produz campos magnéticos de diferentes potências. Com crescentes potências as frequências eletromagnéticas das substâncias medicamentosas aumentam. As baixas potências, que vão da terceira à décima-segunda, correspondem às baixas frequências; a trigésima e a ducentésima correspondem às frequências médias; a milésima e mais elevadas correspondem às elevadas frequências, altamente penetrantes”. (23)

Explicação altamente fantástica (ou fantasiosa?) para a formação e atuação dos mecanismos “curativos”, tanto da homeopatia quanto da magnetoterapia!

## 8.6 - Compromisso das Técnicas Magnéticas com o Ocultismo

Desgraçadamente, a pesquisa de águas e demais técnicas magnéticas possuem uma definida conexão sórdida com o ocultismo. Não o recomendo, mas se você desejar certificar-se disto, poderá fazê-lo ao consultar a seção de ocultismo de uma biblioteca ou livraria. Robert H. Leftwich é considerado um dos maiores rbdomantes da atualidade. Indagado sobre a origem de seu extenso conhecimento e habilidade na área, admitiu francamente que estes lhe advieram através do contato com o oculto:

“Sempre tive imenso interesse por todas as formas de percepção extra-sensorial e pelo oculto. Num esforço por aumentar meu conhecimento, adquiri uma biblioteca razoavelmente substancial ao longo dos anos, da qual fui capaz de extrair muita informação sobre a rbdomancia. (24)

Leftwich procura explicar os estranhos poderes que agora possui, a partir da base sobre a qual os obteve. Embora não deseje admitir diretamente que tais poderes são maus, reconhece categoricamente que eles são constituem “faculdades cognitivas supranormais subconscientes”. Uma vez que tal habilidade se encontra primariamente na esfera mental, ele admite a possibilidade de que o mal resulte da aplicação destes poderes. Mais que isto, revela-se consciente da “enorme capacidade” ou poder à disposição da pessoa que se dedica a estas práticas:

“As características básicas da humanidade não se modificaram ao longo da história. Os modernos rbdomantes acham-se completamente inconscientes das forças com as quais estão lidando, não compreendem o poder latente que está à disposição deles. Embora invariavelmente o utilizem para beneficiar a humanidade através de curas e outros meios úteis, com a mesma facilidade estas capacidades poderiam ser canalizadas para outros caminhos e prover um escopo quase ilimitado em muitos outros campos, inclusive atividades anti-sociais. Quando tais forças são combinadas com a habilidade, para conscientemente criar circunstâncias, praticamente qualquer desejo pode ser realizado”. (25)



Creio que poderíamos concordar com a tese de que os rãdomantes, em sua maioria, não reconhecem o poder com o qual estão lidando. Outros provavelmente o reconheçam e tenham definido compromisso com “ele”. Os que procuram a cura pelo pêndulo ou que pesquisam águas com a vara divinatória, precisam olhar para além dos resultados imediatos e compreender as forças com as quais estão lidando e as suas potenciais más consequências. O caminho da feitiçaria é manifestado através destas modalidades, conforme se pode observar na seguinte citação:

“O conceito fundamental [da rãdomancia], portanto, é que o homem possui uma contraparte etérea a qual, sob circunstâncias normais, coincide com seu corpo físico, mas que, dependendo de sua natural periodicidade, ou biorritmo, pode projetar-se, em parte ou completamente, para fora deste. Sob esta condição, muitas vezes a pessoa é capaz de ver a si própria como uma entidade separada e, depois de alguma experiência, pode projetar seu corpo etéreo, também por vezes conhecido como o ‘veículo da alma’, a uma certa distância de seu corpo físico, ainda que usualmente a pessoa tenha extrema consciência da existência de uma conexão etérea entre ambos os corpos”. (26)

Confira com este outro autor a mesma explanação, baseada nos fenômenos que nos detivemos a examinar ao longo do Capítulo Três. Desta vez, a avaliação é bastante crítica, embora ele em nenhum momento pretenda analisar essas técnicas sob uma perspectiva religiosa ou espiritual. Preocupa-se, antes, em mostrar quanto os proponentes das mesmas tentam apropriar-se de um discurso científico na tentativa de defender e propagar uma pseudo-ciência. Exatamente em virtude da isenção “religiosa” do autor, ganhamos com sua análise:

“A radiestesia, em sua forma simplificada, pode ser praticada ao se consultar a respeito da saúde da pessoa através do pêndulo. Baseia-se na déia de que cada ser humano possui uma ‘aura’ ou ‘campo vital’, que se pode investigar. . . A radiônica é, de fato, uma forma de ‘cura psíquica’, e seus defensores tentam minimizar o fato de que supostamente é o ‘talento’ do praticante quem obtém o resultado, e não algo intrinsecamente tecnológico ou instrumental. . . Afirmam que esta capacidade faz parte do inato sentido eletromagnético de cada ser humano. . . Utilizam o termo ‘psicotrônica’ para sugerir que esta faculdade pode ser controlada com precisão científica; isso, todavia, soa bem mais como ‘sexto sentido’ ou ‘percepção extra-sensorial”. (27)

Ciência das técnicas magnéticas? Um super-esforço para assim caracterizá-las, é o que se observa de parte de seus propagadores e praticantes. É assim que eles “utilizam terminologia e conceitos que soam a algo científico; patrocinam experimentos aparentemente científicos a fim de provar sua validade; criam instituições e instrumentos de aparência científica para suas disciplinas; e empregam procedimentos de aspecto científico, que na verdade derivam da intuição e do instinto, se não de algum outro professo talento ‘psicotrônico’ ou ‘divinatório’. Em virtude do cientificismo da sociedade moderna, é de se esperar que estas áreas de status ‘marginal’ dentro da estrutura científica tentem parecer tao científicas quanto possível, de modo a justificar sua existência ou atrair adeptos”. (28)

A despeito de todo este esforço de apropriação de um linguajar científico, não carecemos da mais leve hesitação, da menor sombra de dúvida: estamos lidando com “projeção astral”, com reencarnação, com corpos-espíritos, com auras, com corpos energéticos, com o vitalismo espiritualista. Ben Hester declara, em tom de solene advertência a todos os cristãos:

“Temos de dizê-lo mais uma vez: o envolvimento com a questão da rãdomancia é uma questão relacionada com ‘a quem você serve’. A idéia de decidir-se pela prática da pesquisa das águas, como sendo um pacto com Satanás, é ridicularizada pelos cristãos liberais, tanto quanto pelos não-cristãos. Entretanto, é fato que qualquer envolvimento com o ocultismo requer lealdade. Dizer que isto não constitui elemento de um pacto, talvez seja apenas uma questão semântica”. (29)

Sim, qualquer envolvimento com o ocultismo requer lealdade, e se isto se chama ou não um “pacto”, provavelmente seja mesmo uma secundária questão semântica! Além de também incorporar, neste caso, um aspecto jocoso, que não passou despercebido ao meu amigo Peters:

“A despeito das evidências providas pelos escritos, tanto dos praticantes do oculto quanto por seus críticos, ainda existem aqueles que imaginam existir um poder físico ‘neutro’, que pode ser usado tanto pelo bem quanto pelo mal. Se efetivamente estamos lidando com um fenômeno natural, neutro e físico, que obedece a leis da natureza, por que nem todos os galhos de árvore se dobram em direção à água? Em se tratando de alguma força natural comum, pense no que aconteceria se o seu cãozinho estivesse carregando uma vara na boca e passasse sobre uma corrente de água subterrânea. Alguma vez você percebeu estas varas se revolverem na boca do cão? Pense ainda em quão difícil seria carregar uma braçada de galhos sobre um riacho ou fonte. Estamos lidando com alguma lei física? Não, não, trata-se de uma arte oculta!” (30)

Claríssimo que toda esta história de diagnósticos e terapias magnéticas se origina das mesmas “correntes elétricas” que desde o Capítulo Três nos estão acompanhando! Sua identificação com as propostas satânicas da Nova Era são mais que evidentes. Ainda assim, será preferível encerrar esta seção com declarações explícitas e taxativas de um de seus ardentes defensores, o mesmo autor que citamos várias vezes antes, o qual confirma sem vacilação que os fenômenos da radiestesia e técnicas similares devem ser explicados em planos que não os da fisiologia:

“De que forma ele o conseguiu? [O texto refere-se às façanhas de Cameron, citadas na seção 8.4] Existem várias teorias e explanações sendo apresentadas. Uma autoridade, Max Freedom Long, diz que se trata de fenômenos subconscientes que o pêndulo torna conscientes. Cameron afirma, ele próprio, que se trata de energias da supra-consciência. Outros propõem toda sorte de explanação metafísica e religiosa. . . Os espiritualistas dizem que o fenômeno é produzido por seus guias ou espíritos desencarnados”. (31) (destaques supridos)

“De toda forma, o que a ciência [sic] da radiestesia necessita, não é de mais teorias e sim de mais praticantes treinados, capazes de verem por si mesmos o que podem realizar, e que ampliarão o escopo desta importantíssima ciência da Nova Era. Uma vez que você comece a operar o pêndulo e descubra por si mesmo o valor deste, não mais se preocupará tanto com as teorias subjacentes a ele”. (32) (destaque suprido)

## 8.7 - Técnicas Magnéticas e Cristianismo

Diante do exposto até este ponto, poder-se-ia imaginar um cristão envolvido com as técnicas magnéticas? Difícil, por certo, tanto quanto é difícil imaginá-lo envolvido com a homeopatia, iridologia, acupuntura e tantas outras do mesmo jaez. Mas o envolvimento ocorre – quero crer que, de modo geral, em virtude do desconhecimento dos verdadeiros fatores e poderes subjacentes a todas estas experiências.

Um bom exemplo do modo como famílias cristãs se encontram envolvidas com o pêndulo e as artes associadas, vem desta história que é relatada pelo esposo e pai. Será necessário acompanhá-la por vários parágrafos. A história revela uma espécie de namoro entre cristãos e a arte satânica da divinação através do pêndulo. Depois de alguma hesitação inicial, o chefe da família conta que agendou uma consulta com a “fitoterapeuta pendular”, de vez que não se sentia bem:

“Ela examinou todo o meu corpo com o pêndulo. Por vezes, enquanto fazia, parecia perder a capacidade de prosseguir examinando, e então enchia a mão de damascos e passava a mastigá-los, o que parecia devolver-lhe a capacitação. Ela efetuou também um tratamento reflexológico em meus pés. De acordo com a terapeuta, eu necessitava de manganês e vitamina E. A essa altura ela estava utilizando um botão de

bronze como pêndulo. Mais tarde ela me ensinou como realizar terapia vital em conjugação com o pêndulo. . .

“Por esse tempo minha esposa começou a apresentar problemas respiratórios. . . Levei-a para ser examinada pela fitoterapeuta. Esta diagnosticou a necessidade de um punhado de vitamina B-6, assim como ácido fólico e manganês. . . A esposa voltou a apresentar crises. De acordo com o pêndulo, estas vinham sendo causadas pelo vermelho de algumas cerejas que ela comera. . .

“Sim, você adivinhou. Nossa vida passou a ser dirigida pelos movimentos do pêndulo. Uma das coisas que fizemos, orientados por este, foi colocar nossas roupas para apanharem sol, num esforço por torná-las ‘positivas’. Claro que as posicionávamos de acordo com a orientação do pêndulo, que nos dizia qual o melhor lugar para estendê-las. . . Eu também separava as roupas segundo o pêndulo, decidindo assim quais deviam ser lavadas juntas. Então eu praticava terapia vital sobre cada carga de roupas que ia para a máquina, até o ponto em que o pêndulo parasse de girar, o que significava ‘positivo’. . .

“Um de meus filhos, Michael, ocasionalmente apresentava dores de cabeça. O pêndulo indicou que o problema estava com o açúcar. . . Num destes episódios o pêndulo indicou que o problema se relacionava com o pano de limpeza azul que ele utilizara. Noutro, era a meia azul de que ele fizera uso, ou o elástico de sua pulseira. . .

“A menos que estivéssemos fora de casa ou tivéssemos a presença de outras pessoas, eu conferia praticamente qualquer coisa utilizada em minha alimentação, a fim de certificar-me de que estava ingerindo apenas alimentos adequados – sempre de acordo com a orientação do pêndulo”. (33)

Desta forma, o pêndulo foi controlando todos os aspectos da vida desta família cristã. Por alguma razão, chegou o dia em que o pai começou a suspeitar deste método de “terapia natural”. Era uma manhã de segunda-feira, e o pêndulo parecia estar funcionando maravilhosamente bem. O pai dirigia-se de carro ao trabalho. Ele retoma o relato:

“Senti desejo de cantar a respeito do amor de Deus, de modo que foi exatamente o que fiz. Alguns dos hinos que entoei, foram: ‘Vou contar-vos o que penso de meu Mestre’ e ‘Fonte de toda bênção’. Enquanto eu dirigia e cantava os hinos, ocorreu-me o pensamento de experimentar o pêndulo. Apanhei-o e segurei-o sobre a mão, mas ele não se moveu. Em seguida, segurei-o sobre o almoço que levava no carro, e nada – ele parecia morto como um dormente. É desnecessário dizer que fui sacudido, e me senti muito assustado. . . Ali estava a resposta que eu precisava! Foi como se um enorme fardo houvesse sido removido de sobre mim. Parando o carro, tomei o pêndulo e lancei-o para dentro da mata, tão longe quanto consegui arremessá-lo. Desde então jamais tornei a manusear outro. Agradeço diariamente a Deus por Sua proteção e pelo livramento do poder de Satanás”. (34)

Tal qual antes, quando encerrava o capítulo sobre homeopatia, tenho de elevar neste ponto um clamoroso brado ao misericordioso Pai celestial, ao mesmo tempo que um angustioso apelo a você, cristão, que se tem envolvido com alguma das várias técnicas magnéticas. Talvez o seu envolvimento com elas não tenha ultrapassado o uso de “água imantada”, vendida por bons cristãos como um “produto natural” benéfico à saúde. A tal água supostamente passa por pólos magnéticos antes de ser comercializada, ou então são vendidos aparelhos que lhe causam esta característica. Base fisiológica? Nenhuma, como em toda a parafernália analisada neste capítulo. Mas, com certeza, você, ao participar desta “terapia natural”, está abrindo espaço para maiores compromissos.

Pode ser, ainda, que seu envolvimento tenha até aqui sido mais profundo, mais comprometedor. Conscientemente ou não. O quadro, de todas as formas, não é novo. O povo de Deus já viveu no passado uma situação semelhante, assim apontada por Ele:

“O meu povo consulta o seu pedaço de madeira, e a sua vara lhe dá resposta; porque um espírito de prostituição os enganou; eles, prostituindo-se, abandonaram o seu Deus“. (35)

Almejo que você, tal qual o cristão da história contada antes, se lance aos pés de Cristo e Lhe suplique perdão por haver estado a flertar com essas técnicas satânicas. O único ímã ou “vara magnética” ao qual você pode deixar-se atrair sem resistência e sem temor é a poderosa cruz do Calvário, onde existe abundante – infinita – disponibilidade de perdão para os que a ela se apegarem sem mais demora. O único “pedaço de madeira” ao qual é seguro recorrer é aquele montado em formato de cruz e cravado no alto do Gólgota, sob cujas provisões os cristãos insensatos ainda podem readquirir o bom senso e a rearmonização com o plano de Deus!

## CAPÍTULO NOVE

### OUTRAS TERAPIAS ALTERNATIVAS MÍSTICAS

#### 9.1 - Introdução

#### 9.2 - Glossário de “Outras Terapias Alternativas”

#### 9.3 - Equipamentos de Pseudo-diagnóstico

#### 9.1 - Introdução

Além das principais correntes terapêuticas energéticas – e suas variantes diretas – apresentadas nos capítulos anteriores, aqui alinharei um extenso rol de outras terapias alternativas. Quase todas são definidamente místicas – espiritualistas – em sua concepção. Algumas parecem não sê-lo, mas devido ao fato de lhes faltar – ao menos até o presente momento – uma definida base fisiológica, são também aqui relacionadas.

Apresento esse rol de terapias sob a forma de glossário, organizado por ordem alfabética crescente a fim de facilitar a consulta. Considerando-se apenas o verbete principal, encontraremos cerca de 260 “técnicas”, “métodos” ou “sistemas” no presente capítulo. O número chega a atingir a impressionante cifra de quase 600 “opções” quando se consideram os vários nomes alternativos (sinônimos) dessas “terapias”. Sei perfeitamente que muito em breve o rol será muitíssimo maior – parece que todos os dias alguma “novidade” é divulgada nesta área. De toda forma, sempre busque entender o que se encontra por detrás de qualquer coisa nova. Compare, analise, peça informações se não lhe for possível obter uma conclusão segura apenas através de seus próprios esforços.

O leitor poderá recorrer, se o desejar, a várias fontes bibliográficas originais, por mim adaptadas neste capítulo (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 30, 33, 34).

#### 9.2 - Glossário de “Outras Terapias Alternativas”

9.2.1- Abhyanga: Sob o sistema Ayurvédico, é o "tratamento de rejuvenescendo", isto é, uma parte secundária de panchakarma. Abhyanga é uma "massagem muito completa", realizada com um óleo medicinal vegetal. Os praticantes supostamente "casam" o óleo medicinal com o "tipo constitucional" da pessoa (veja "Nutrição Ayurvédica").

9.2.2 - Abjad: Sistema Sufi de numerologia. Veja “Cura Sufi” no presente capítulo.

9.2.3 - Abordagem de Cayce à Saúde e Cura: "Abordagem Holística" à cura e bem-estar. Abrange trabalho de respiração, trabalho com campo de energia, Métodos Auto-Aplicados de Aperfeiçoamento da Saúde e "remédios" (por exemplo, a dieta da maçã), relacionados ao "clarividente" Edgar Cayce (1877-1945). Sua teoria propõe a reencarnação e um corpo triúno (corpo físico, corpo mental e corpo espiritual), e define "cura" como o processo de "despertar" o "padrão divino" dentro dos seres humanos.

9.2.4 - Abordagem de Diamond (Abordagem de Diamond Para a Realização Interna): Variação de "O Trabalho" que toma emprestado da psicologia de profundidade (exemplificada pelos sistemas de psicanálise de Freud e Jung). A expressão "O Trabalho" refere-se ao (suposto) empenho para se recuperar a "essência": a "natureza verdadeira" ou "mestre verdadeiro", a "força da vida". Trabalho de A. H. Almaas.

9.2.5 - Aboukra: Supostamente, uma antiga "arte curativa" egípcia que fortalece e equilibra os "campos de energia natural" e os "meridianos" do corpo.

9.2.6 - ACESSO (Transformação de Energia de Acesso): "Técnica energética" que supostamente opera com a "força criativa" para liberá-la e conectá-la com a "Luz" ("nós"). Supostamente Novian, um "Ser de Luz", canalizou o método para Gary Douglas através do monge russo Grigori Efimovich Rasputin (1872?-1916). A teoria de ACESSO propõe: (a) 32 "Barras", pontos na cabeça que são um meio para permitir o fluxo de "energias" corporais; (b) uma "Alma"; (c) "Implantes", dispositivos elétricos (por exemplo, um "Falso Sistema Imunológico") inserido em outra vida e ligado "eletricamente" à "energia da Alma"; e (d) "Entidades," seres descarnados ou "formas de pensamento". Supostamente, ACESSO remove "bloqueios enérgicos" nos níveis celulares e "etéricos" e habilita a pessoa a reclamar a "consciência como um ser eterno".

9.2.7 - Aconselhamento Xamânico: Derivado do xamanismo que compreende a recuperação do poder animal e a escuta de cânticos e sons de tambor pré-gravados. Sua teoria propõe espíritos sábios e úteis.

9.2.8 - Acro-sage: Uma "combinação de massagem, ioga e ginástica", de acordo com uma edição da revista televisiva Universo Estranho levada ao ar em UPN, aos 29 de novembro de 1996. O antigo artista de circo Benjamin Marantz criou o método. Aparentemente, é uma alegada forma para se "reverter o envelhecimento".

9.2.9 - Acu-dieta (Acu-dieta do Dr. Bahr): Veja o Capítulo Sete.

9.2.10 - Acu-ioga: Veja o Capítulo Sete.

9.2.11 - Acupressão (G-jo): Veja o Capítulo Sete.

9.2.12 - Acupressão Diagnóstica (Diagnose por Acupressão, Diagnose de Acupuntura): Veja o Capítulo Sete.

9.2.13 - Acupuntura (Terapia de Acupuntura, Zhenjiu): Veja o Capítulo Sete.

9.2.14 - Acupuntura Auricular (Terapia de Acupuntura Auricular): Veja o Capítulo Sete.

9.2.15 - Acupuntura Ayurvédica (Bhedan Karma, Acupuntura Indiana Tradicional): Veja o Capítulo Sete.

9.2.16 - Acupuntura da Língua: Veja o Capítulo Sete.

9.2.17 - Acupuntura da Medicina Tradicional Chinesa (MTC) (Nova Acupuntura): Veja o Capítulo Sete.

9.2.18 - Acupuntura Tradicional (Acupuntura Chinesa Tradicional): Veja o Capítulo Sete.

9.2.19 - Acu-Stop 2000: Veja o Capítulo Sete.

9.2.20 - Acupuntura: Forma de terapia de toque desenvolvida por Jim Foster e ensinada pelo Instituto de Pesquisa em Mioterapia, de Salt Lake City, Utah. Foster relatou haver descoberto que o toque suave de áreas específicas do corpo removia a dor de forma quase mágica. A acupuntura supostamente usa o "sistema reflexo" do corpo e "fluxos de energia".

9.2.21 - Agni Dhatu Therapy© (Agni Dhatu, Ioga de Samadhi): Forma de cura espiritual com imposição de mãos, que supostamente habilita o consciente a experimentar o "Super-Consciente", acalmando e curando o subconsciente. A teoria propõe "energias de felicidade", "energias de alegria" e "Canais de Energia Psíquica". A terapia de Agni Dhatu inclui "Trabalho de Clarificação Padrão Ômega".

O praticante Cherry N. Manning definiu "agni dhatu" como "experimental a ausência de limites de seus fogos internos".

9.2.22 - Aikido: Método de disciplina e autodefesa espirituais que usa lutas, arremessos, e "não-resistência" para debilitar oponentes. O nome "aikido" combina três palavras japonesas: *ai* ("união" ou "harmonia"), *ki* ("respiração", "espírito" ou "força da vida"), e *do* ("modo"). Proponentes traduzem aikido como "o modo de unificar ki" ou "o modo de harmonizar-se com o espírito do universo (ou energia universal)". Morihei Ueshiba (1883-1969), fazendeiro e mestre em artes marciais japonês, fundou o aikido entre 1922 e 1931, supostamente depois de uma revelação divina. Ueshiba reivindicou poderes sobrenaturais.

9.2.23 - Alfabiótica: Originada com o Dr. V. B. Chrane que começou a praticá-la na década de 1920, próximo a Abilene, Texas. Seu filho, Dr. Virgil Chrane Jr., fundou a Alfabiótica como uma "profissão" em 28 de dezembro de 1971. A teoria propõe um "eu menor", um "Eu Maior" e a "Energia Vital".

9.2.24 - Alquimia de Plantas (Espagíria): Forma de herbalismo baseado em princípios astrológicos e alquímicos ("paraquímicos"). Uma das metas mais importantes da alquimia, uma "arte" mística, era encontrar o "elixir da vida", panacéia que podia transformar seres humanos em imortais ou semideuses. A alquimia de planta sustenta que três "essenciais" - chamados Enxofre, Mercúrio e Sal - constituem a base de toda matéria. Supostamente, "Enxofre" é "alma mundial" masculina, "Mercúrio" o "poder vital" (prana) feminino e "Sal" o "veículo" material. Os espagiristas supostamente buscam extrair estes "essenciais" de plantas para uso medicinal.

9.2.25 - Alquimia: Forma de canalização que supostamente envolve a ativação da "Energia Universal da Quinta Dimensão".

9.2.26 - Ama Deus: Supostamente, um sistema de cura, mágica e adivinhação, usado durante milênios por xamãs Guarani no Brasil.

9.2.27 - Amma (Anma, Massagem Geral, Pu Tong An Mo): Forma geral de massagem chinesa Qigong. Sua teoria propõe 361 "pontos de energia" (tsubos). *An* significa pressionar, *mo* significa esfregar e *an mo* significa massagem. O suposto objetivo de amma inclui relaxamento, melhora da circulação de sangue e prevenção de enfermidades.

9.2.28 - Amplificação da Alma: Série de onze "sessões curativas" oferecidas por Ojela Frank. Envolve balanceamento de energia, renascimento, "ativações de energia", "iniciações espirituais avançadas", "vinculações da alma", meditação e canalização.

9.2.29 - Análise da Aura (Leitura de Aura, Diagnose Áurica): Suposto exame direto ou indireto da "energia vital" que alegadamente envolve cada ser humano. Os proponentes reivindicam que esta "aura" é perceptível aos clarividentes ou "psíquicos". Os não clarividentes supostamente podem analisar a aura através da fotografia de Kyrlian ou uma tela de Kilner. O Dr. Walter J. Kilner (1847-1920) do Hospital St. Thomas, em Londres, inventou a tela: dois pratos de vidro, separados um do outro por um oitavo de polegada, contendo uma solução de tintura alcoólica (normalmente carmin ou uma tintura de breu de carvão). Cores áuricas supostamente revelam as características pessoais, como impressionabilidade e "arrogância espiritual". Os proponentes associam também cores áuricas com glândulas, órgãos, sistemas de órgãos e estados psicológicos, como raiva e enfado.

9.2.30 - Análise de Cristalização Herbária (HCA, Identificação Herbária, Teste do Traceador Herbário): Método de pseudo-diagnóstico desenvolvido por George Benner, "Mestre Herbologista". Aparentemente, a inspiração primária do Benner foi o método de identificação botânica desenvolvido pelo

ocultista Rudolf Steiner nos anos 1920. O método de Steiner envolvia a cristalização da seiva de espécimes botânicos com solução de sulfato de cobre. O resultado era uma impressão digital cristalina da erva. Benner semelhantemente processou saliva. Decidiu que as configurações salivares resultantes eram correlatas às configurações de prescrições botânicas folclóricas para os problemas de saúde dos doadores. O número de espécimes de uma erva específica que se correlaciona com a saliva é supostamente um barômetro das necessidades do doador daquela erva: quanto mais correlações, maior a necessidade.

9.2.31 - Análise de reflexo de contato ® (CRA): Variante de Cinesiologia Aplicada (AK) co-fundado pelo quiroprático Dick A. Versendaal, que é seu proponente principal. De acordo com teoria de CRA, a superfície do corpo humano tem mais ou menos 75 "pontos de reflexo" que servem como janelas para numerosas condições. O praticante puxa no sentido descendente os braços esticados do paciente, enquanto mantém parte de sua mão num "ponto de reflexo". Versendaal reivindica que o dorso da mão é eletronegativo, a palma é positiva e os dedos são neutros. A debilidade do braço indica supostamente um problema de saúde incipiente ou plenamente desenvolvido, correspondente ao "ponto de reflexo". Os praticantes prescrevem suplementos nutricionais para os supostos problemas deste modo "descobertos". O anúncio de um terapeuta de massagem no número de Maio/Junho de 1994, de *Newlife*, reivindicou que CRA pode ajudar na maior parte dos problemas de saúde, inclusive problemas cardíacos e infecções virais. AK é um elaborado sistema de pseudo-diagnose e tratamento, centralizado em "prova de músculo".

9.2.32 - Análise Espinal de Cadeia (Cadeia, Quiroprática Espinhal, Análise Quiroprática de Cadeia Espinhal): Forma visivelmente vitalística de quiroprática fundada em 1983 por Donald M. Epstein, D. C. Abrange os seguintes princípios: (a) Uma inteligência inata ou "residente" ("sabedoria inata") governa todos processos biológicos humanos através do sistema nervoso e nunca danifica o corpo. (b) Esta "inteligência" dirige a força vital ("energia vital" ou "força vital"), que move todas as células. (c) Posições viciosas da coluna, nervos e vértebras podem causar tensão mecânica, que por sua vez pode impedir a "força vital". (d) Tensão mental e química pode causar tensão mecânica. (e) A remoção de bloqueios mecânicos à "força vital" aumenta naturalmente a operação da "inteligência inata". (f) O universo e a sociedade são intrinsecamente bons.

9.2.33 - Anestesia de Acupuntura (Analgesia de Acupuntura, Anestesia Assistida por Acupuntura, Acupuntura Anestésica): Veja o Capítulo Sete.

9.2.34 - Apiterapia (Terapia da Picada ou do Veneno de Abelha): Administração de ferroadas de abelhas para tratar ampla variedade de doenças. Supostamente "incrementa" a "capacidade curadora" do organismo. Segundo uma das teorias associadas, a "energia" das abelhas e seu veneno constituem a chave do método.

9.2.35 - Aquapuntura (Terapia de Acupuntura por Água): Veja o Capítulo Sete.

9.2.36 - Arica®: Movimento espiritual fundado por Oscar Ichazo em Arica, no norte do Chile. Inclui atividade corporal e varias "técnicas" de respiração e meditação. Fundada a escola Arica em Nova Iorque, em 1971.

9.2.37 - Aromaterapia (Medicina Aromática): Ramo da herbologia que utiliza fragrâncias, particularmente extratos de óleos. Supostos benefícios quanto ao estresse, melhora do sistema imunológico e liberação de "emoções de experiências passadas". Embora tenha raízes antigas, a denominação só apareceu na década de 1930. Um dos postulados da aromaterapia é que os óleos essenciais possuem uma "dimensão espiritual" e são capazes de restaurar o "equilíbrio" e a "harmonia" tanto do corpo quanto da vida. Um de seus princípios, a "doutrina das assinaturas", sustenta que a porção visível e olfativa da planta



revela suas qualidades “secretas”. Alguns de seus proponentes caracterizam os óleos essenciais como a alma ou espírito das plantas.

9.2.38 - Aromaterapia Mágica: Manifestação vitalística de aromaterapia (também chamada aromaterapia convencional ou holística), exposta por Scott Cunningham. A aromaterapia genérica é o uso de óleos essenciais de plantas, flores, ou resinas de madeira para afetar o humor ou promover saúde. Os atributos seguintes distinguem a aromaterapia mágica:

1. É preferível a auto-administração.
2. Seu alvo (por exemplo, amor e dinheiro) não precisa relacionar-se com a saúde.
3. A visualização de mudança necessária acompanha a inalação do odor.
4. A "energia bioelétrica", que Cunningham descreve como "não física" e "natural", funde-se com o odor e é programável por visualização.

9.2.39 - Arremesso Rúnico (Arremesso): Modo de adivinhação em que a pessoa lança seixos que possuem glifos inscritos sobre si, e que são tipicamente caracteres usados pelos antigos povos germânicos e escandinavos.

9.2.40 - Aston-Patterning®: Forma de “reeducação de movimentos” desenvolvida por Judith Aston. Supostamente pretende ensinar as pessoas a conviverem de modo ótimo em relação a seus corpos. Um de seus postulados é de que o corpo deseja movimentar-se numa espiral assimétrica. Com uma das mãos os terapeutas, denominados “Aston-Patterners”, trabalham com o tecido conjuntivo.

9.2.41 - Astrologia Védica (Jyotish, Jyotisha): Antigo sistema que supostamente ajuda a solucionar dúvidas relativas a crianças, saúde, "crescimento espiritual" e outros assuntos. Sugestões relativas a doações, pedras preciosas, ervas, mantras, yantras (diagramas místicos) e cerimônias são parte integrante do sistema.

9.2.42 - Atualismo (Agni ioga, Ioga de Fogo): Forma passo a passo de ioga, desenvolvida há um quarto de século, por Russell Paul Schofield, um clarividente com doutorados em divindades, naturopatia e psicologia. Envolve a "deposição de mãos iluminadas". Sua teoria propõe uma "mente divina" humana, cujo "âmbito" é infinito, e ki (a energia vital humana).

9.2.43 - Auto-cura: Suposta abordagem à saúde, ou processo alegado de se obtê-la, que tipicamente envolve o uso de afirmações, oração e/ou técnicas de visualização (veja "visualização criativa"), de forma a despertar o "potencial curativo inato" ou força vital da pessoa. Seu postulado aparente é que qualquer um que não apresenta defeitos congênitos ou hereditários, não teve exposição a radiação "prejudicial", não ingeriu excessivamente álcool ou outras drogas, tem uma "dieta nutritiva" e genuinamente deseja desfrutar de boa saúde, pode consegui-lo porque cada um de seus "sistemas básicos" é perfeito.

9.2.44 - Auto-tratamento com "Bolas de Acupuntura": Veja o Capítulo Sete.

9.2.45 - Ayurveda (Medicina Ayurveda, Cura Ayurvédica, Ayurvedismo, Medicina Indiana, Ciência da Longevidade, Ayurveda Tradicional, Medicina Indiana Tradicional, Medicina Védica): Fase médica do hinduísmo. Os promotores aplaudem isto como o "mais antigo" e "mais completo" sistema de "medicina natural" e como a "mãe de todas as artes curativas". A Teoria Ayurvédica (veja o Capítulo 3) pressupõe uma "anatomia sutil", que inclui: (a) nádis, ou "canais" que conduzem prana ("energia cósmica") ao longo do corpo; (b) chakras, ou "centros de consciência" que conectam corpo e alma; e (c) marmas, pontos do corpo abaixo dos quais cruzam "estruturas vitais" (físicas e/ou "sutis"). O diagnóstico Ayurvédico envolve exame dos olhos, face, lábios, língua, unhas e pulso. Os praticantes do Ayurvedismo associam partes dos lábios e língua, por exemplo, com órgãos internos, e sustentam que as

descolorações, linhas, rachaduras e irritabilidade em várias áreas, indicam desordens nos órgãos "correspondentes". A pulsação é importante porque, supostamente, o coração é o assento da inteligência subjacente da natureza, a consciência humana.

9.2.46 - Ayurveda Tibetana: Assunto de *Health for Life: Tibetan Ayurveda*, escrito por Robert Sachs. Ayurveda Tibetana abrange meditação e "práticas espirituais".

9.2.47 - B.E.S.T. (Técnica Mörter de Sincronização Bioenergética, Mörter B.E.S.T., Técnica de Mörter B.E.S.T.; chamada originalmente de "bioenergética"): Variedade quiroprática de auto-cura e Terapia de Polaridade, desenvolvida em 1974 por M.T. Mörter Jr., D.C., que concebeu o método em 1974. Sua teoria pressupõe a "Inteligência Inata": uma "força interna" que regula totalmente a saúde.

9.2.48 - Balanceamento de Energia Sacral/Espinal: Forma de trabalho corporal cuja aparente premissa principal é que, quando o "sacro ou 'osso sagrado'" e a espinha ("a 'árvore da vida'") se alinham, o crânio "abre-se como uma flor".

9.2.49 - Balanceamento Central Zero (Balanceamento Zero): Variante de acupressão que propõe "energia de osso", chakras e um "corpo de energia". "Acupressão" refere-se a qualquer tratamento envolvendo a excitação de superfície de pontos de acupuntura, só com as mãos ou mediante o uso de ferramentas manuais. A palavra pode referir-se também especificamente a shiatsu.

9.2.50 - Bioenergética: 1. (Análise Bioenergética, Método Bioenergético): Nascida da Terapia Reichiana, desenvolvida pelo psiquiatra Alexander Lowen, autor de *A Linguagem do Corpo* (1958). Sua teoria pressupõe a "bioenergia" ("energia da vida"), e seu postulado é que todas as células do corpo registram reações emocionais ou "reações energéticas". Os proponentes sustentam que tais "memórias" celulares são adaptáveis para curar e para despertar a consciência, e que os pacientes podem liberá-las chorando, gritando e chutando. Os praticantes podem ser chamados "bioenergeticistas". 2. "Ciência" praticada pelo ex-instrutor de boxe Yefim Shubentsov, chamado "O russo" e "O russo louco". É um tratamento para fobias, drogadição, bulimia, ingesta excessiva, dor, enxaqueca e deficiência auditiva. De acordo com a teoria, tais problemas são remediáveis através dos efeitos sobre os "campos de força" do paciente.

9.2.51 - Bio-iridologia: Veja o Capítulo Seis.

9.2.52 - Biorritmo: Método supostamente científico desenvolvido separadamente pelo professor de psicologia vienense, Dr. Herman Swoboda (1873-1963) e pelo médico berlinense William Fliess (1859-1928). Suposto método para predizer condições e suscetibilidades humanas. Seu postulado é que três ciclos biológicos fundamentais (biorritmos) são calculáveis a partir da data de nascimento da pessoa. Swoboda e Fliess propuseram dois ciclos: (1) um "ciclo físico" de 23 dias, supostamente preditivo do nível de força, coordenação, imunidade e autoconfiança da e pessoa; e (2) um "ciclo de sensibilidade" de 28 dias, supostamente preditivo de mudanças emocionais. Na década de 1920, o engenheiro austríaco Dr. Alfred Teltscher propôs um terceiro ciclo com extensão de 33 dias e supostamente preditivo do desempenho intelectual. De acordo com os proponentes, a "energia vital" é alta em "dias positivos" e relativamente baixa em "dias negativos". George S. Thommen popularizou o biorritmo em seu livro *É Este O Seu Dia?* (1973).

9.2.53 - Body-Mind Centering®: Forma de terapia somática promovida por *The School for Body-Mind Centering* em Amherst, Massachusetts. Envolve imagem dirigida. Aparentemente, Bonnie Bainbridge Cohen, que fundou a escola em 1973, originou o método. Cohen é autora de *Sensing, Feeling and Action*.

9.2.54 - Botânica Médica Iroquois: Uso médico tradicional de ervas na cultura das seis nações americanas nativas que constitui a Liga de Iroquois. De acordo com a teoria Iroquois de doença, sintomas são manifestações de uma perturbação do "princípio vital" (força vital) dentro de um indivíduo, e resulta de um dentre quatro atos: (1) violação de uma diretriz divina, (2) abnegação, (3) interação com entidades ou eventos que emitem "poder negativo" ou mau, e (4) ofensa a alguém que tem acesso a "grande conhecimento" no que tange à manipulação de "forças do espírito". A medicina botânica dos Iroquois inclui plantas "anti-fantasmas", "remédios anti-enfeitiçamento" e "curas" para "má sorte" e mesmo a morte.

9.2.55 - Budismo de Nichiren (Nichirenismo, Nichiren Shoshu, NS, Budismo de Nichiren Shoshu): Religião japonesa mística nomeada segundo Nichiren Daishonin (1222-1282), fundador de nichiren-shu ("Escola do Lótus do Sol"). Daishonin era um patriota militante japonês e uma suposta encarnação de um antigo discípulo da Buda. Cantar a expressão japonesa "Namu myoho renge-kyo" (que significa literalmente "Veneração para o sutra [discurso escriturístico] do lótus da boa lei [isto é, o Lótus Sutra]") é o cerne da adoração de NS. O cântico NS é um alegado meio de se adquirir qualquer coisa que a pessoa deseje, notavelmente saúde, influência e recursos materiais.

9.2.56 - Canalização da Canção: Adjunto ao renascimento, promovido pelo terapeuta musical Scott Kalechstein. Supostamente ajuda os clientes a se "abrirem profundamente para a cura". Canalização é a suposta transmissão de informações ou energia de uma fonte não física através de seres humanos.

9.2.57 - Chapéu Preto - Feng Shui Budista (Seita do Chapéu Preto Feng Shui): Forma de feng shui promovido por Nancy Santo Pietro, psicoterapeuta especializada no "processo de cura psico-espiritual". Santo Pietro reivindicou que, ao o ambiente da pessoa estar "alinhado", ela pode ter seu chi fluindo e todas as coisas são possíveis. A Seita do Chapéu Preto é uma "escola esotérica" de feng shui que enfatiza YI: "o uso poderoso de bênçãos".

9.2.58 - Chi-Therapy™(Trabalho de Energia Gestalt): Aparente mistura de bioenergética, Hipnose Ericksoniana, psicoterapia de Gestalt, trabalho de "criança interna", PNL e tai chi, promovidos por John Mastro e Robin Mastro. Seu postulado é que quando chi (a "energia da vida") flui "mais livremente", sistemas de convicção, emoções, memórias e mensagens do "eu verdadeiro" podem emergir na consciência.

9.2.59 - Ciência da Cura (Ciência da Cura de Barbara Brennan): Sistema "espiritual" concebido por Barbara Ann Brennan, autora do best-seller *Hands of Light: A Guide to Healing Through the Human Energy Field* e de *Light Emerging: The Journey of Personal Healing*, ambos publicados por Bentam. Brennan, que é mestre em física da atmosfera, fundou a Escola Barbara Brennan de Cura em East Hampton, Nova Iorque, em 1982. Seu sistema é uma forma de trabalho de campo de energia que inclui "Cura Central de Estrela" e "Cura Hara". "Hara" é uma palavra japonesa que alguns "alternativistas" usam para denotar o *tanden*, o suposto assento de ki (energia "sobrenatural") em seres humanos, ligeiramente abaixo do umbigo. O nome do "guia" de Brennan a quem ela supostamente canaliza, é "Heyoan".

9.2.60 - Cinco Ritos de Rejuvenescimento (Cinco Ritos, Os Cinco Tibetanos, Cinco Ritos Tibetanos): Assunto de Peter Kelder em *Ancient Secret of the Fountain of Youth*, publicado pela primeira vez em 1939, republicado por Harbor Press Inc., em 1989, e publicado novamente por Doubleday com "O Capítulo Perdido" em 1998. Os "Ritos" são movimentos corporais, relatados como de origem tibetana, e que se assemelham aos da hatha ioga. O fato de praticá-los supostamente: acelera o fluxo de "energia vital" através dos chakras e estimula os supostos centros ou vórtices de "energia psíquica" a funcionarem de modo ótimo. Os Cinco Ritos são também o assunto de: *The Five Tibetans: Five Dynamic Exercises for*

*Health, Energy, and Personal Power* (Inner Traditions International Ltd., 1994), por Christopher S. Kilham.

9.2.61 - Cinesiologia Aplicada (AK): Elaborado sistema de diagnóstico e tratamento onde a peça central constitui o teste de músculos. George J. Goodheart Jr. desenvolveu o primeiro procedimento em 1964. Sua teoria era de que os grupamentos musculares compartilhavam “vias energéticas” com os órgãos internos; desta forma, toda disfunção orgânica poderia ser descoberta através do músculo relacionado. Testar os músculos quanto a sua força relativa e tônus, supostamente libera a “inteligência inata” do corpo. Várias terapias energéticas são associadas à cinesiologia, incluindo homeopatia, terapia dos meridianos, reflexologia e terapia crânio-sacral.

9.2.62 - Cinesiologia Comportamental (BK): Forma de cinesiologia aplicada desenvolvida pelo psiquiatra John Diamond, autor de *Behavioural Kinesiology: How to Activate Your Thymus and Increase Your Life Energy* (Harper and Row, 1979). Ali ele definiu BK como "uma integração de psiquiatria, medicina psicossomática, cinesiologia, profilaxia e humanidades".

9.2.63 - Cinesiologia Nutricional (NK): Alegado meio para identificar:

1. Alimentos e outras substâncias prejudiciais à saúde (por exemplo, alergênicos).
2. Nutrientes "corretivos".

NK envolve "teste de músculo" à la cinesiologia aplicada.

9.2.64 - Cirurgia Psíquica (Cirurgia Etérica): Alegado meio de curar tecido ou de remover tecido doente, com mãos nuas ou instrumentos comuns, sem dor e sem causar dano. Os médicos são chamados "cirurgiões psíquicos" ou "cirurgiões etéricos". Alguns reivindicam que eles operam apenas no "corpo etérico" ou "perispírito" da pessoa.

9.2.65 - Concentração Criativa ®: Programa envolvendo "trabalho de energia" e meditação, promovido por Miriam Belov.

9.2.66 - Controle de Peso da Alquimia: Suposta forma de trabalhar com as causas subconscientes de "liberação do peso" e imagens corpóreas. Inclui Clarificação Emocional e atividades com a "criança interna".

9.2.67 - Controle Mental Silva (Dinâmica Mental de Silva, Método de Silva, Método Silva de Desenvolvimento Mental, Método Silva de Controle, Método Silva de Controle da Dinâmica Mental, Programa Silva de Controle da Dinâmica Mental, Sistema Silva de Controle Mental, Método Mental de Silva): Concebido por José Silva e co-desenvolvido por Burt Goldman. É uma "filosofia de pensamento positivo" de auto-ajuda meditativa que supostamente afeta o ritmo alfa, uma onda cerebral que acontece em seres humanos durante o relaxamento alerta. Os proponentes reivindicam que o método habilita para a telepatia. Um de seus princípios ("regras universais") é que o universo é uma "criação mental" de Deus. Outro destes princípios é que a "vibração" é a raiz da saúde, enfermidade, sucesso e fracasso.

9.2.68 - Cura Angélica: Aparentemente, qualquer forma de canalização, oração intercessória, meditação, ou visualização que supostamente envolve a assistência terapêutica dos anjos. Postula que os anjos, de forma invisível, guiam, protegem e curam as pessoas. Isto certamente pode ser verdade, contanto que aplicado aos santos anjos de Deus, e desde que não interpretado como “método”.

9.2.69 - Cura Atitudinal: Suposta regulação ou manutenção da saúde física, mental e/ou espiritual, ao se assumir "atitudes mentais adequadas" ou uma particular visão de mundo. A cura atitudinal envolve psicologia budista, Ciência Cristã, Curso em Milagres, psicologia transpessoal e meditação ioga.

9.2.70 - Cura Ausente (Cura à Distância, Cura Remota, Teleterapêutica): 1. Suposto tratamento de um paciente que não se encontra na vizinhança do médico, através de magia, meditação, oração, "doutores do espírito" ou telepatia. 2. Uma forma de fé curativa que supostamente envolve a projeção de "energia curativa positiva".

9.2.71 - Cura Bioenergética: Aparentemente, o modo de "curar" praticado por Zev Kolman, nascido em Tel Aviv, Israel. Seu postulado aparente é que a "energia do corpo" trazida para as mãos da pessoa pode freqüentemente curar outros.

9.2.72 - Cura Cherokee (Medicina Cherokee): Medicina Tradicional dos Cherokees, índios americanos. Seu postulado aparente é que, se a pessoa retém a "luz" em seu "ser", causará: (a) a oclusão dos "meridianos" e "rios da vida" e (b) o sofrimento de "mãe Terra". A Medicina Cherokee inclui: Cura por Cristal, Medicina da Águia, Medicina Mental, o Caminho da Medicina Natural, o Caminho da Medicina Física e o Caminho da Medicina Espiritual.

9.2.73 - Cura da Vontade Divina: Método promovido por Ram Smith, membro do *staff* da sede de acampamentos de Poconos, da Igreja Ananda de Auto-Realização. Deriva dos ensinamentos de Paramahansa Yogananda (1893-1952). Seu postulado principal é que as pessoas podem transmitir ou projetar "luz curativa divina" alinhando sua vontade com a "vontade divina".

9.2.74 - Cura da Mulher Sábia (Modos de Cura da Mulher Sábia, Tradição da Mulher Sábia): Variação da Cura pela Natureza. Enfatiza empirismo e intuição, e inclui herbalismo, meditação, rituais, cura pelo espírito e "trabalho espiritual com plantas". Um de seus postulados é que os corpos das mulheres são guiados pela lua.

9.2.75 - Cura de Chakras e Memória Celular: Sistema promovido pelo autor e "mestre reiki", Dr. Ojela Frank. Envolve afirmações, "respiração consciente" (provavelmente renascimento), aconselhamento, "cura emocional", "auto-acessamento de energia" e imagem dirigida; ocasionalmente "trabalho de regressão". O "trabalho de regressão" provavelmente se refere a terapia de vidas passadas (terapia de regressão, como também é chamada), cujo ponto crucial é regressão a "vidas passadas".

9.2.76 - Cura de Extração Xamânica (Método de Cura da Extração): Método que supostamente envolve sentir e remover "enfermidade e dor espirituais localizadas".

9.2.77 - Cura do Quantum: Variedade de auto-cura desenvolvida pelo Dr. Deepak Chopra. A cura do quantum é um alegado processo de obtenção da paz em que uma "forma de consciência" - a mente - corrige "enganos" em outra "forma de consciência" - o corpo.

9.2.78 - Cura Energética Avançada (Cura Energética Avançada de Robert Jaffe): Suposta "jornada" por "reinos mais elevados" de compreensão, por meio da qual a pessoa alegadamente se conecta com o seu "Eu divino". Ensinado por Robert T. Jaffe, DOUTOR EM MEDICINA e ODONTOLOGIA, o método abrange a análise da aura, a Técnica de Liberação da Consciência, diagnose de clarividência, "cura magnético-irradiatória", "fusão da alma" e "despertamento do terceiro olho".

9.2.79 - Cura Espiritual: Forma de canalização e medicina energética (medicina vibracional) que supostamente envolve a "transferência" (comumente através das mãos) de "energia curativa" de sua fonte espiritual para quem precisa de ajuda. Sua teoria propõe um "corpo espiritual" (veja o Capítulo Três).

9.2.80 - Cura Kahuna: A fase médica de Huna, a qual é uma religião ou tradição mágica esotérica nativa das ilhas havaianas. A palavra huna significa literalmente: "secreto", ou "que é escondido, ou não óbvio". Kahuna significa literalmente "guardião do segredo". Kahunas são bruxas médicas havaianas. A Cura Kahuna compreende a "limpeza do cólon", "manipulação de campo de energia", Ho'oponopono (aconselhamento espiritual), lomi-lomi e o uso de amuletos. Sua teoria propõe um "corpo etérico" (aka), uma divindade (Kumulipo) e mana (a força vital). Alguns proponentes usam as expressões "cura kahuna", "Huna" e "Huna havaiana" de modo intercambiável.

9.2.81 - Cura Pela Fé (Cura Espiritual): 1. Qualquer método em que a pessoa apela a Deus ou a um espírito para participar na cura de outros; tipicamente uma combinação de oração intercessória, meditação e utilização de fé em Deus. 2. Mal-definido grupo de métodos que compreende cura à distância, Ciência Cristã, imposição de mãos, mesmerismo e xamanismo.

9.2.82 - Cura por Cristais (Terapêutica de Cristal, Terapia de Cristal, Trabalho de Cristal): Uso multiforme de cristais (especialmente cristais de quartzo) e pedras preciosas para tratar de condições como cegueira, bursite, câncer, depressão, esquecimento, enxaquecas de tensão, hemorragias, indigestão, insônia, doença do Parkinson, reumatismo e trombose. Seu postulado é os cristais desenharam luz e cor na "aura" do corpo, deste modo elevando sua frequência e permitindo o aparecimento de "energias de frequência baixa", que são saudáveis. A cura por cristal às vezes se soma, ou é uma forma de: acupressão, balanceamento de aura, cura pelos chakras, cromoterapia, diagnóstico pendular, oração e auto-cura.

9.2.83 - Cura Prânica (Cura Bioplasmática, Cura Radiatória): Suposta ciência e arte antiga, cujo "fundador moderno" é Choa Kok Sui. A cura prânica supostamente utiliza ki, prana ou "energia vital" para curar o "corpo físico inteiro". Envolve supostamente a manipulação de ki e "matéria bioplasmática". A teoria da cura prânica propõe pontos acupunturais, chakras, meridianos ("canais bioplásmicos") e um "corpo energético" em três camadas.

9.2.84 - Cura Prânica Avançada: Assunto de um "trabalho de referência sério", com o mesmo nome, foi escrito pelo engenheiro químico e "Grão-Mestre da Cura Prânica" Choa Kok Sui. O método inclui cura prânica dos chakras e cura prânica por cores.

9.2.85 - Cura Sufi: Tradição de cura pela fé baseada no sufismo, uma forma islâmica de misticismo que se desenvolveu principalmente na Pérsia (Irã). É baseada particularmente nos ensinamentos de uma das maiores ordens Sufi, a ordem Chishti. A cura Sufi inclui abjad, trabalho respiratório, jejum e oração. De acordo com sua teoria - que propõe diabos, fantasmas e jinn (gênios) - a descrença em Deus é o mais severo "desequilíbrio".

9.2.86 - Cura Tibetana de Pulso (Pulso Tibetano): Abordagem moderna a uma antiga técnica tibetana. É uma forma de trabalho corporal cujo postulado é que o som e a pulsação são utilizáveis para dissolver "bloqueios" no sistema nervoso. Sua teoria propõe: (a) um "fogo de cura 'fresco'" criado pelo coração, e (b) o hara, um alegado controlador do sistema imune em que a "energia sexual" frequentemente se encontra "bloqueada". O Pulso Tibetano inclui um sistema de "leitura de olho" cujo suposto projeto é determinar quais órgãos precisam de atenção.

9.2.87 - Cura Xamânica: Grupo de métodos que inclui a recuperação do poder animal, a recuperação da alma e a integração das partes da alma.

9.2.88 - Diagnóstico de Clarividência (Diagnóstico Psíquico): Diagnóstico ostensivo, supostamente executado por clarividência - a habilidade alegada de perceber as coisas diretamente (a exemplo de objetos distantes ou eventos futuros), impossíveis de serem percebidos apenas por meio do juízo humano.

9.2.89 - Diagnose Facial: Modo macrobiótico de diagnose, cujo postulado é que as bochechas, narinas, orelhas e outras partes da cabeça representam as condições de diferentes órgãos internos.

9.2.90 - Diagnose Herbária Tradicional: Aparentemente, um suposto meio de fazer recomendações dietéticas e herbárias "apropriadas". Inclui diagnose de pulsação (diagnóstico de pulso tradicional chinês) e diagnose de língua.

9.2.91 - Diagnose Oriental de Canalização (CD): Veja o Capítulo Sete.

9.2.92 - Diagnose pela Língua: Modo de diagnóstico ostensivo cuja teoria propõe Qi. Supostamente, Qi - freqüentemente chamada de "energia", "força vital" e "vitalidade" - é que define a vida. A teoria da medicina chinesa atribui áreas da língua aos órgãos internos, e várias condições linguais às condições viscerais. Por exemplo, marcas laterais nos dentes supostamente significam "Deficiência de Qi no Baço".

9.2.93 - Diagnose por Pulsação Distante: Forma de diagnóstico à distância que é uma variação de Nadi Vigyan (diagnose de pulsação). O médico coloca seus dedos no pulso de alguém, pensa em outra pessoa e supostamente diagnostica a segunda pessoa.

9.2.94 - Diagnóstico Bioeletrônico: Forma de "diagnose" exemplificada pelo diagnóstico radiônico. Envolve usar: (a) uma amostra de tecido corpóreo (por exemplo, sangue, cabelo ou saliva), supostamente para "sintonizar" o "estado vibracional" do paciente ("ritmo"); e (b) "instrumentos especiais" que supostamente concentram "o campo de energia".

9.2.95 - Diagnóstico de Dhanur Veda Tradicional: Método de diagnóstico ostensivo cuja suposta meta é a identificação de "bloqueios de marma". Supostamente, isto exige "concentração interna profunda" e pode acontecer por telefone e com conversação mínima.

9.2.96 - Diagnóstico de Pulso: Suposta detecção ou predição de qualquer "desequilíbrio" simplesmente tomando-se o pulso.

9.2.97 - Diagnóstico Pendular (Diagnóstico de Radiestesia): Veja o Capítulo Oito.

9.2.98 - Diagnóstico Radiônico (Análise Radiônica Análise Técnica Radiônica, Trabalho de Diagnóstico Radiônico): Veja o Capítulo Oito.

9.2.99 - Diagnóstico Remoto (Diagnose à Distância): Alegada descoberta paranormal e constatação da causa tipo e/ou da doença de um particular paciente, na ausência do paciente. As formas de diagnóstico à distância incluem diagnose de clarividência, o sistema de la Warr, diagnose de pulso à distância, medicina psiônica, diagnose radiônica e telediagnose.

9.2.100 - Diálogo somático: Forma de trabalho corporal promovida por Chuck Ruland. É uma combinação de hakomi (psicoterapia centrada no corpo), integração postural e balanceamento central zero. Integração Postural é uma forma vitalística de trabalho corporal. O Diálogo Somático propõe corpos energéticos, físicos e emocionais. O tratamento resulta supostamente na "descarga" de "impressões do passado".

9.2.101 - Dieta de Cayce: Dieta que se origina da "leituras" do "psíquico" Edgar Cayce (veja "Abordagem de Cayce à Saúde e Cura"). Um de seus "conceitos" é que, enfatizando a dieta de frutas e legumes de cultivo local, a pessoa promove a "climatização" e ajuda a alinhar as "energias" corporais com as "energias" ambientais.

9.2.102 - Dieta de Limonada (Limpeza Pelo Limão, Limpador do Mestre): Um dos três principais componentes de um sistema teísta de auto-cura desenvolvido por Stanley Burroughs e exposto por ele em

*Healing for the Age of Enlightenment* (1976). A limpeza do limão é uma espécie de mono-dieta em que a pessoa ingere diariamente, durante dez a quarenta ou mais dias, coisa alguma, exceto 60 a 120 onças (1.800 a 3.600 ml.) de uma bebida que consiste em suco de limão (ou lima), xarope de bordo, pimenta caiena (pimenta vermelha) e água. Seu postulado principal é que limões e limas maduras têm inigualáveis "propriedades aniônicas" para criar a "energia" necessária para manutenção da saúde. Outro de seus postulados é que a "Natureza" cria infecções para ajudar a "queimar" os "desperdícios excessivos".

9.2.103 - Dieta do Arco-íris: Forma teísta de vegetarianismo, cura por chakras e cromoterapia desenvolvida pelo médico Gabriel Cousens, especialista em acupuntura auricular, cura por cristal e homeopatia. Cousens é também o autor de *Conscious Eating, Sevenfold Peace, and Spiritual Nutrition and the Rainbow* (1986). O postulado da Dieta do Arco-íris é que todos alimentos coloridos - exceto carne, fast foods, petiscos, comida congelada e alimentos irradiados - "constroem", "limpam", "energizam", curam e "rebalanceiam" as glândulas, órgãos e centros nervosos associados com qualquer chakra principal relacionado com a cor de superfície do alimento.

9.2.104 - Dieta Potencializada Pelo Amor: Sistema "revolucionário" preparado por Victoria Moran e baseado nos Doze Passos. Os Programas de Doze Passos supostamente ajudam na recuperação de vários vícios e comportamentos compulsivos. Obrigam que os participantes nutram conexão com Deus ou com uma alegada "energia espiritual" transpessoal, ou um "poder" supra-humano. As organizações que usam os Doze Passos incluem Alcoólicos Anônimos, Emocionais Anônimos, *Fundamentalistas* Anônimos, Hiperíngestores Anônimos e "Sexaholics" Anônimos. No livro *The Love-Powered Diet: When Willpower Is Not Enough* (1992), Moran usa os termos Deus, Deusa, Poder Superior, Eu Superior, Amor, Natureza e Espírito, todos de modo intercambiável. Os princípios maiores de seu sistema são estes: As pessoas com problemas de hiperíngesta não podem solucionar tais problemas sozinhas; com sua permissão, porém, o "Poder Superior" operará "algumas maravilhas" em suas vidas. Moran aconselha escrever, orar e falar ocasionalmente com Deus, e fornece orações antroposóficas, cristãs, hindus, nativos americanos e de Sikh.

9.2.105 - Dietoterapia Chinesa: Suposto sistema preventivo e terapêutico que envolve: (a) prescrição de "alimentos medicinais" e misturas de alimentos e drogas e (b) proibição de ingestão de alimentos específicos. Supostamente, o efeito curativo de uma combinação de alimentos ou alimentos e drogas depende de sua "natureza" e "sabor". As "naturezas" são: frio, quente, morno e fresco. Os "sabores" são: salgado, azedo, doce, amargo e pungente. Os praticantes supostamente buscam neutralizar enfermidades prescrevendo misturas de drogas-alimentos e alimentos cuja "natureza" e "sabor" antagonizam a "natureza" e "sabor" da doença.

9.2.106 - Do-In (Dao-In, Tao-In, Prática Energética Taoísta de Condução e Sintonização, Ioga Taoísta, Hatha-ioga Taoísta, Tao Yin): Antigo sistema de estiramento, posturas corporais e movimentos, comparável à hatha ioga. Michio Kushi (veja "macrobiótica") introduziu o Do-In nos Estados Unidos em 1968. Sua teoria propõe o "fluxo de energia Chi" e os "meridianos de energia" da acupuntura e do shiatsu. Aparentemente, também propõe uma habilidade humana para absorver "nutrição" do ar e das "energias circundantes". Com cada postura do Do-In, a pessoa supostamente inala ki ("energia de fonte da vida") e exala jaki ("toxinas prejudiciais"). Embora o Do-In seja uma disciplina de auto-cura, sua "meta última" é a "harmonia espiritual" com o universo.

9.2.107 - Doze Passos Alternativos: Derivado não-teístico dos Doze Passos, expostos por Martha Cleveland, Ph.D. e "Arlys G." em: *The Alternative 12 Steps: A Secular Guide to Recovery* (1992). Três de seus "Passos" confirmam "recursos espirituais" ou "energia espiritual".

9.2.108 - Eletroacupuntura (Acupuntura Elétrica, Terapia de Acupuntura Elétrica): Veja o Capítulo Sete.



9.2.109 - Eletroacupuntura Segundo Voll (EAV): Veja o Capítulo Sete.

9.2.110 - Eletrodiagnóstico (Teste Bioelétrico, Mapeamento Eletrodérmico, Teste Eletrodérmico): Veja o Capítulo Sete.

9.2.111 - Eneagrama: Sistema de "psicologia espiritual" baseado em antiga tipologia Sufi de nove ("ennea" em grego) tipos de personalidade ou papéis primários: (1) o realizador (reformador) - organizado, racional e possuidor de justiça própria; (2) o ajudador - generoso, manipulador e possessivo; (3) o "bem-sucedido" (motivador, desejoso de status) - ambicioso, hostil e pragmático; (4) o individualista (artista) - intuitivo, absorvido em si mesmo e sensível; (5) o observador (pensador) - analítico, original e provocativo; (6) o guardião (legalista) - defensivo, envolvido e responsável; (7) o sonhador (generalista) - realizado e maníaco; (8) o confrontador (líder) - combativo, dominador e confiante em si mesmo; e (9) o preservacionista (pacificador) - calmo e receptivo. Cada tipo tem um "vício psicológico principal" ("fixação" ou "mancha cega"), respectivamente: raiva, orgulho, engano, inveja, cobiça, medo, glotonaria, cobiça de vida e poder e preguiça. Estes "vícios" incluem os "sete pecados mortais" do Cristianismo (catolicismo). O reconhecimento do tipo da pessoa é supostamente equivalente ao "despertamento espiritual". Alegadamente, no processo de neutralizar o "vício principal": realizadores se tornam desbravadores, ajudadores se tornam sócios, bem-sucedidos se tornam motivadores, individualistas se tornam construtores, observadores se tornam exploradores, guardiões se tornam "estabilizadores", sonhadores se tornam "iluminadores", confrontadores se torna filantropos, e preservacionistas se tornam universalistas.

9.2.112 - Energética Central (Terapia da Enérgica Central): Forma de psicoterapia centralizada no corpo, desenvolvida por John C. Pierrakos, o co-fundador de terapia bioenergética. Tal terapia provém de: (a) bioenergética; (b) Terapia Reichiana e (c) conferências supostamente transmitidas através de Eva Pierrakos (falecida em 1979) pelo "Guia", uma "entidade espiritual" (veja "Trabalho do Caminho"). Sua teoria pressupõe "centros de energia" corpóreos ("órgãos de energia") semelhantes aos chakras e um "centro" humano: uma massa ardente de onde a força vital emerge.

9.2.113 - Enfermagem Holística: Forma de enfermagem que exalta a intuição e pode incluir a Terapia AMMA, biofeedback, imagem dirigida, Toque Terapêutico, homeopatia, iridologia, terapia de massagem, medicina oriental (especialmente acupuntura), cura psíquica, tai chi e/ou Toque Terapêutico. Seu alegado objetivo é a integração de corpo, mente e espírito.

9.2.114 - Entonação: Método vocal exposto e desenvolvido pela curandeira americana Laurel Elizabeth Keys. É um suposto meio de trazer "nova energia vital" para partes do corpo "inibidas" ou "desequilibradas". A entonação envolve ficar de pé com os olhos fechados, relaxamento das mandíbulas e expressar sentimentos com sons vocais.

9.2.115 - Esclerologia (Diagnóstico Pela Esclera): Veja o Capítulo Seis.

9.2.116 - Eutonia (Terapia Eutônica, Terapia da Eutonia, Treinamento em Eutonia, Tratamento por Eutonia, Método de Gerda Alexander): Forma "holística" de psicoterapia centrada no corpo, e criada por Gerda Alexander. O prefixo "eu" significa bom; "tonia" significa tônus do músculo. A Eutonia se assemelha um pouco à Técnica de Alexander. Sua teoria pressupõe a "energia bloqueada" e um coletivo inconsciente. Eutonistas categorizam os pacientes (chamados de "alunos") como hipertônicos, normotônicos e hipotônicos.

9.2.117 - Feng Shui (Foong Shway, Fung Shway): Antiga arte chinesa de situar ou orientar objetos e cidades para promover um "fluxo saudável de chi" ("energia vital"). Seu postulado é que todas as áreas, grandes e pequenas, possuem uma "energia" distintiva que pode ser direcionada reorganizando-se objetos

(por exemplo, removendo um ornamento de um apartamento ou colocando-o num canto específico da sala). "Feng shui" significa literalmente "vento e água" e é traduzível como "energia vital" ou "geomancia".

9.2.118 - Florais de Bach: Sistema quase-homeopático ostensivo de diagnose e tratamento desenvolvido na década de 1930 pelo médico britânico Edward Bach (1886-1936). Descreveu cinco "verdades fundamentais", em suma: (1) Almas, faíscas invencíveis e imortais do Todo-poderoso, são o "real" "Ser Superior" de seres humanos. (2) O propósito da humanidade é desenvolver virtudes e eliminar todos os erros intrapessoais. As almas sabem quais circunstâncias conduzem à perfeição da natureza humana. (3) A extensão da vida é uma parte minúscula da evolução do ser. (4) Quando a "Alma" e a personalidade estão "em harmonia", a pessoa é saudável e feliz. O desvio da personalidade das ordens da "Alma" é a "causa de raiz" da doença e infelicidade. (5) O "Criador de todas as coisas" é "Amor", e tudo aquilo de que os seres humanos estão conscientes, manifesta o "Criador".

Bach, havendo sido homeopata antes de desenvolver seu próprio "sistema", (17) sustentou que a doença era essencialmente benéfica e que seu propósito era sujeitar a personalidade à "Vontade Divina" da "Alma". Supostamente, ele descobriu "psiquicamente" os efeitos curativos específicos de 38 flores silvestres. A força vital ("qualidade da alma" ou "comprimento de onda de energia") de cada uma destas flores é supostamente transferível para a água e, portanto, para os seres humanos. Cada um dos remédios florais de Bach é um líquido que contém supostamente uma "qualidade de alma" com afinidade para uma "qualidade de alma" humana; e cada "qualidade de alma" dos vegetais supostamente se harmoniza com sua contraparte humana na "Alma". As bases da diagnóstico "clássico" são a conversação e a intuição. A administração dos "remédios" via de regra é oral, mas pode ser externa ou tópica. (18)

Para Bach, "a cura final e completa vem de dentro, da própria Alma que, por sua benevolência, irradia harmonia através da personalidade, quando recebe permissão para fazê-lo". (19) "Os remédios florais elevam tanto o espírito como a mente, elevando o nível de Energia Vital dentro de nós, e ajudando-nos a criar o estado de verdadeira saúde". (20)

A extrema semelhança entre a homeopatia e os florais de Bach pode ser avaliada mesmo num exame superficial destas duas práticas terapêuticas. Uma autora e discípula de Bach, contudo, contribuiu para estabelecer de modo inequívoco a semelhança entre ambas as práticas, e sintetizou em poucas palavras esta semelhança: "Encantara-se [Bach] com o fato de os remédios homeopáticos serem prescritos com vistas à personalidade do paciente, às suas características, às suas idiossincrasias, bem como aos sintomas físicos". Mas até mesmo estes sintomas físicos deveriam ser vistos como perturbações da personalidade, como a mesma autora deixa claro logo adiante: "Isso confirmou a opinião dele [do Dr. Bach] de que a doença física não era de origem física, mas, como ele dizia, era 'a consolidação de uma atitude mental'". (21)

9.2.119 - FORÇA OMNI: Programa modular para estudar em casa, desenvolvido pelo Dr. Gerard V. Sunner, psiquiatra, hipnotizador e mundialmente reputado especialista em "medicina oriental". O programa envolve auto-hipnose e acupressão. Supostamente habilita seus seguidores a "recarregar" sua "energia", "liberar" seu suposto sexto sentido, e possivelmente seu "sétimo sentido", servindo ainda para dirigir "energia curativa" para qualquer parte do corpo. Um folheto enviado pelo publicador do programa, Pierre Pasteur, reivindica que, com o uso consistente da FORÇA OMNI, a pessoa enfrentará situações perigosas calmamente, e "fará exatamente o que é necessário para sair da situação, sem quaisquer conseqüências ruins". Reivindica adicionalmente que, através da FORÇA OMNI, a pessoa "comerá exatamente a quantidade o corpo precisa, sem desejar comer mais".

9.2.120 - Formação de Imagem (Imagem Mental): Método exposto pelo médico Martin L. Rossman em *Healing Yourself: A Step-by-Step Program for Better Health Through Imagery* (1987). Neste, Rossman

recomendou consultar os "conselheiros internos" ou a "pequena voz interior" em relação a assuntos tais como atitude, emoções, ambiente, exercício, fé, enfermidade, nutrição e postura. Ele declarou que tais "conselheiros" aparecem sob a forma de anjos, animais, parentes falecidos, fadas, gnomos, amigos perdidos há muito, o oceano, Buddha, Winston Churchill, Mahatma Gandhi, Jesus, John F. Kennedy, Moisés, Eleanor Roosevelt e Yoda, o personagem de "Guerras nas Estrelas". Além disso, Rossman distinguiu entre "conselheiros internos" e "conselheiros impostores" ("figuras internas" que são fortemente julgadoras, punitivas e hostis).

9.2.121 - Gemoterapia: Tratamento em que supostamente alguma pedra preciosa representa o elemento terapêutico, sendo notoriamente "valiosos" os cristais. Associada ao sistema de chakras, que supostamente possuem, cada um deles, um cor preferencial.

9.2.122 - Gnose: A "filosofia do universo", tão antiga quanto o mundo, de acordo com a Associação Gnóstica de Antropologia e Estudos Científicos (AGEACAC), uma organização bilíngüe (Inglês/Espanhol) cujo Centro Nacional está em Elmhurst, Nova Iorque. AGEACAC sustenta que os seres humanos não podem desenvolver suas faculdades se perderem a "energia sexual" sob qualquer forma (por exemplo, masturbação); que os princípios religiosos são verdades eternas e universais; que não existem religiões falsas; e que a "Religião Cósmica" vibra em cada átomo. A gnose supostamente permite o desenvolvimento "harmonioso" de "possibilidades humanas infinitas".

9.2.123 - Going Home ® [Rumo ao Lar]: Derivado de Hemi-Sync, introduzido em 1994 pelo Instituto Monroe, na Virgínia. O cartão postal introdutório do Instituto declarou que este sistema de 12 audiocassetes oferece "oportunidades extraordinárias" para as pessoas que desejam superar o medo da morte.

9.2.124 - Grafologia Médica (Grafo-diagnósticos): Suposto meio de se revelar doença física ou mental, ou de definir doença, pelo exame da letra. As nove considerações grafológicas básicas são: (1) formas das letras, (2) formas e localizações de "quebras" nas letras, (3) a matização de laços em letras ou da sua parte central, (4) letras ambíguas, (5) letras extras, (6) omissão de letras, (7) tamanhos relativos das letras, (8) letras desconexas no meio de uma palavra, e (9) variação nas formas de letras particulares dentro de um texto. Por exemplo, a letra "f" poderia representar os intestinos (delgado e grosso), que podem simbolizar o "Ministro de Finanças": o intestino delgado separa dejetos e o intestino grosso elimina ou retém os mesmos. Deste modo, um traço cheio de tinta na porção inferior do "f" supostamente constitui evidência forte de constipação, devido ao desejo de acumular. Os grafologistas consideram também a altura, largura e inclinação das letras e o espaçamento entre palavras e linhas.

9.2.125 - Hakomi (Psicoterapia Hakomi Centralizada no Corpo, Processo Hakomi de Corpo-Mente, Psicoterapia Hakomi Orientada ao Corpo, Método Hakomi, Terapia Hakomi de Corpo-Mente, Terapia Hakomi, Trabalho Hakomi): "Refinamento" da Terapia Reichiana, desenvolvido por Ron Kurtz em meados da década de 1970. O Método Hakomi supostamente usa a "conexão mente/corpo" para extrair "crenças centrais" não verbais. É baseado parcialmente em bioenergética, budismo e taoísmo. "Hakomi" é uma palavra Hopi que significa: "Como você se posiciona em relação a estes muitos reinos?" (Traduzindo-se livremente: "Quem é você?")

9.2.126 - Hatha Ioga: Uma das principais disciplinas hinduístas. Semelhante a ioga kundalini, a hata ioga envolve pranayama e a adoção de várias posturas corporais (asanas). A palavra hatha combina dois termos sânscritos: *ha*, que significa "a respiração do sol" (prana) e *tha*, "a respiração da lua" (apana).

9.2.127 - Hellerwork: veja Trabalho de Heller.

9.2.128 - Hemi-Sync®: Sistema de fitas de áudio para a "integração do cérebro", desenvolvido por Robert A. Monroe (autor de *Journeys Out of the Body*, *Far Journeys* e *Ultimate Journey*), e promovido por The Monroe Institute, localizado em Faber, Virginia. O instituto afirma que fitas Hemi-Sync® específicas são capazes de controlar a dor, aumentar a força, reduzir a pressão sanguínea, reduzir o apetite, enfraquecer comportamentos aditivos, acelerar a recuperação de doenças ou cirurgias, melhorar a recuperação da fala e de habilidades motoras após um acidente vascular cerebral e controlar o metabolismo de alimentos ao maximizar ou minimizar o "valor calórico retido".

9.2.129 - Herbalismo (Herbologia, Herbarismo): Tratamento baseado em plantas supostamente possuidoras de propriedades medicinais. A medicina convencional reconhece em muitas plantas a existência de propriedades curativas e utiliza boa parte destas. Provavelmente muitas outras plantas, por ora menos conhecidas (ou totalmente desconhecidas) contenham elementos curativos em sua composição. Entretanto, muito do herbalismo encontra-se vinculado a conceitos "energéticos", o que historicamente se verifica através da vinculação de seus conceitos com a medicina chinesa, a medicina Ayurvédica e a medicina indígena americana. Seu atual vínculo com as "religiões da Terra" ("Wicca") é igualmente reconhecido sem questionamento. (22)

9.2.130 - Herbologia Planetária (Herbalismo Planetário): Sistema integrativo de herbalismo forjado por Michael Tierra, C.A., N.D., O.M.D., autor do best-seller *The Way of Herbs and Planetary Herbology*. Tierra dedicou o livro posterior a "todo verde, crescente e florescente deste planeta bonito, que encarnam a energia curativa criativa universal". No livro, ele descreve ervas parcialmente em termos de "energética" e quais os "caminhos de meridianos de acupuntura" que as ervas supostamente afetam. "Energética" é baseada nos conceitos de: (a) "energias" - por exemplo, "aquecimento", "refrigeração", "ligeiramente morno" e neutro; e (b) "sabores" ("gostos") - por exemplo, suave (ligeiramente doce) e salgado. Estes conceitos originam-se de MTC e de Ayurveda (especificamente, de tridosha), respectivamente. Veja o item anterior.

9.2.131 - Higiene Natural (Sistema de Saúde Higiênica, Ciência da Vida): Variação de Cura Natural representada por seus proponentes como o legado de Sylvester Graham (1794-1851). Graham, o originador da bolacha de Graham, começou sua carreira como ministro presbiteriano e palestrante na área de saúde. Professou o seguinte: (a) descargas involuntárias frequentes de sêmen pressagiam debilidade. (b) Ingestão de alimentos "impróprios" ou ingesta excessiva causam descargas de sêmen. (c) A masturbação causa feridas de pele potencialmente fatais. (d) A digestão requer um dispêndio de força vital. (e) A dieta é um meio de se economizar força vital. (f) A dieta é saudável se ela incentivar definidamente os órgãos digestivos a funcionarem de modo normal. De acordo com a literatura "higiênica", o primeiro "doutor higiênico" foi o médico Isaac Jennings, (1788-1874), que ensinou que a obediência à "lei física" facilita a obediência à "lei moral". O postulado da Higiene Natural é que a doença é um processo de "purificação" e conserto. As grandes práticas higiênicas são jejum, combinação de alimentos e uma forma de vegetarianismo estrito que enfatiza alimentos crus. Alguns "Higienistas Naturais Profissionais" não subscrevem a combinação de alimentos. A abordagem é compatível com a fisiologia em muitos de seus postulados.

9.2.132 - Hipnose de Erickson (Hipnoterapia Ericksoniana): Veja o Capítulo Quatro.

9.2.133 - Hipnoterapia da Alquimia (Trabalho de Alquimia): Veja o Capítulo Quatro.

9.2.134 - Homeopatia (Medicina Homeopática, Homeoterapêutica): Veja o Capítulo Cinco.

9.2.135 - Homeopatia Clássica: Veja o Capítulo Cinco.

9.2.136 - Imagem ativa: Forma de imagem (veja Atualismo) que envolve concentrar-se em uma imagem pré-selecionada para controlar um sintoma particular.

9.2.137 - Imaginação Receptiva: Forma livre de formação de imagem cujo projeto é prover visão introspectiva de um problema particular. Supostamente, pode incluir um "diálogo" com imagens que representam sintomas.

9.2.138 - Implantações de Energia Luminosa: Um dos oferecimentos de Ojela Frank. É um suplemento para a cura de chakras, em que estes são objeto de "implantações".

9.2.139 - Integração Funcional®: Forma do Método de Feldenkrais que envolve instrução privada.

9.2.140 - Integração Psico-Neural (PNI, Cura Psíquica): Método para "realinhar" alegados "centros de energia sutil" através da integração de "formas sutis" e físicas de energia.

9.2.141 - Ioga Ashtanga (Ioga Raja): Protótipo da hatha-ioga, que supostamente ajuda a purificar as células e órgãos do corpo. O termo sânscrito "raja" significa rei.

9.2.142 - Ioga de Iyengar (Ioga Estilo Iyengar): Forma de hatha ioga fundada por B.K.S. Iyengar.

9.2.143 - Ioga dos Chakras: Combinação de hatha ioga "focalizada", "técnicas sonoras" e visualização, desenvolvida por Jason Kanter. Um de seus postulados é que cada um dos sete chakras ("rodas de consciência") (veja o Capítulo Três) corresponde a um "aspecto importante" da "psique". O alegado projeto do método é maximizar a habilidade da pessoa em usar as "energias vitais" para a cura e a "integração".

9.2.144 - Ioga Integral® (Ioga de Purna): Sistema fundado por Sri Ghose Aurobindo (1872-1950) e promovido pelo Reverendo Sri Swami Satchidananda (Sri Gurudev). (A palavra sânscrita Sri, ou shri, é traduzível como "majestade", "eminência" ou "venerando". É um título honorífico tanto para seres humanos quanto divindades. A ioga integral inclui hatha ioga, Ioga de Raja (astanga ioga) e outras formas de ioga.

9.2.145 - Ioga Shabda: Método antigo que envolve cânticos, música devocional e posturas e "técnicas" simples de hatha-ioga e ioga kundalini. A ioga Shabda é um suposto meio de dissolver "bloqueios", incrementar a vitalidade e fundir-se com a "energia divina" do cosmo. A palavra sânscrita "shabda" significa literalmente "som".

9.2.146 - Iridologia (Análise do Olho, Iridiagnose, Irido-diagnose, Diagnóstico da Íris): Veja o Capítulo Seis.

9.2.147 - Jejum de Vitalidade e Rejuvenescimento: Programa promovido por Edward Bauman e supostamente projetado para "limpar" corpo, mente e espírito. Envolve jejuar com sucos e caldos, "liberação emocional" e meditação.

9.2.148 - Jin Shin Do® (JinShin Do® Bodymind™Acupressure, "O Caminho do Espírito Compassivo"): Veja o Capítulo Sete.

9.2.149 - Jin Shin Jyutsu® (Jin Shin Jitsu): Veja o Capítulo Sete.

9.2.150 - Ki de Nove Estrelas: Sistema de "direcionologia" e astrologia futurística baseada na teoria oriental dos Cinco Elementos. Supostamente, é uma "ciência profunda" e o mais abrangente sistema astrológico. Os membros da comunidade macrobiótica referem utilizar o Ki de Nove Estrelas para determinar as melhores direções para onde viajar e quais as direções a evitar.

9.2.151 - Kneipping (Cura de Kneipp, Terapias de Kneipp, Kneipptherapie): Sistema de "cura natural" centrado em hidropatia e fundado pelo padre dominicano bávaro Sebastian Kneipp (1821-1897), autor de *Minha Cura Pela Água* e *So Sollt Ihr Leben* ("Deste Modo Vocês Devem Viver"), e promovido pelo Instituto Kneipp, na Alemanha. Herbalismo é um de seus componentes importantes, mas água é certamente o principal. Grande parte da teoria de Kneipp (especialmente no que tange à hidroterapia) possui bases fisiológicas, embora ele tenha declarado que "todas as enfermidades, seja qual for o nome com que se designem, têm a sua razão e fundamento, a sua raiz e seu germe no sangue, ou melhor, nas alterações do sangue". Certamente não podemos hoje concordar com tal afirmação, embora reconhecendo a vital importância do sangue na saúde e na doença.

Para conhecer os aspectos positivos do trabalho de Kneipp e as aplicações hidroterápicas que podem ser realizadas observando-se as leis da fisiologia (não místicas), e sempre sob orientação do profissional de saúde, veja o item bibliográfico ora indicado. (32)

9.2.152 - Kum Nye Avançado: Aparentemente, um suposto meio para promover confiança, poder e resistência através de estimulação e transformação "energias" corporais e mentais.

9.2.153 - Linfatização (A Arte de Ativação do Sistema Linfático, A Arte de Linfatização, As Belas-artes da Linfatização, A Ciência da Linfatização): "Sistema curativo" aparentemente originado pelo químico e linfologista Dr. C. Samuel West, autor de *The Golden Seven Plus One*. De acordo com a teoria do sistema, o corpo humano é essencialmente uma confluência de campos elétricos, e saúde, força e resistência dependem da "integridade estrutural" das "correntes de energia" que correm através deles. Os defensores da Linfatização incluem o clarividente e naturopata William J. "Walks Sacred" Martin, de Detroit, Michigan, e o acupunturista Philip L. Gruber, professor de "Cura Geométrica Sagrada".

9.2.154 - Living Foods Lifestyle® (Dieta de Hipócrates): Variação dietética de auto-cura originada por Ann Wigmore (1904-1994). É a peça central do programa de saúde de Hipócrates. A Dieta de Hipócrates inclui sete categorias de alimentos crus ("vivos"): (1) frutas específicas; (2) legumes específicos; (3) sucos frescos extraídos de frutas, legumes e brotos; (4) brotos específicos; (5) nozes e sementes; (6) comidas fermentadas como chucrute e miso; e (7) mel não filtrado. Em *The Hippocrates Diet and Health Program* (1984), Wigmore declarou que a "energia vital" é o "agente ativo" das enzimas e reivindicou que a dieta "faz cessar a desnecessária perda de energia das enzimas".

9.2.155 - Macrobiótica (Modo Macrobiótico; conhecido anteriormente como "Macrobiótica Zen"): Movimento quase-religioso e de estilo de vida centrado na saúde, cuja peça central é uma forma mística de vegetarianismo. O ponto central da nutrição macrobiótica é a regulação do influxo de duas alegadas formas elementares de energia: yin e yang. Categorizar um alimento como yin ou yang, depende largamente de características diretamente perceptíveis pelos sentidos e não se conecta com o conteúdo nutricional. Os proponentes atribuem a versão moderna da macrobiótica tanto a Ishizuka Sagen (1850-1910), médico e autor japonês de *A Chemical Nutritional Theory of Long Life*, quanto a George Ohsawa (1893-1966), cujos nomes incluem: Georges Ohsawa, Nyoichi Sakurazawa e Yukikazu Sakurazawa. O expositor principal da macrobiótica é Michio Kushi.

9.2.156 - Macrobiótica Americana: Abordagem à macrobiótica desenvolvida por Tonia Porter-Hugus.

9.2.157 - Macrobiótica Zen: Forma antiga de macrobiótica, endossada por Herman Aihara (1920-1998) e Cornelia Aihara. Os Aihara foram alunos de George Ohsawa (veja "macrobiótica") e fundaram, em 1974, a Vega Study Center em Oroville, Califórnia. A escola ensina Macrobiótica Zen.

9.2.158 - Maharishi Ayur-Ved (Ayur-Ved, Maharishi Ayurveda; anteriormente identificada como "Maharishi Ayur-Veda"): Marca de Ayurveda fundada em 1980 por Maharishi Mahesh Yogi. A palavra

"maharishi" significa literalmente "grande vidente (santo)". Maharishi Ayur-Ved compreende Gandharv Ved, Jyotish (Astrologia Védica), panchakarma, Meditação Primordial do Som, Integração Psicofisiológica, diagnóstico de pulso, Meditação Transcendental, TM-Sidhi e yagya. Seu postulado é que a violação da "lei natural" é a causa fundamental de "desequilíbrio" e doença.

9.2.159 - Manipulação de Hemorragia (Terapia de Sangria): Veja o Capítulo Sete.

9.2.160 - Massagem de Acupressão: Veja o Capítulo Sete.

9.2.161 - Massagem de Balanceamento de Energia de Polaridade: Sistema baseado no trabalho de Randolph Stone (1890-1982), quiropata e naturopata. Tem quatro ramos:

1. Técnica de trabalho corporal de balanceamento de energia,
2. ioga de polaridade,
3. dieta e
4. psicologia "corpo/mente/espírito".

9.2.162 - Massagem de Cayce/Reilly (Abordagem de Cayce/Reilly à Massagem, Método de Cayce/Reilly, Técnica de Cayce/Reilly): Forma "holística" de massagem, nomeada segundo o "psíquico" Edgar Cayce (veja "Abordagem de Cayce à Saúde e Cura") e o fisioterapeuta Dr. Harold J. Reilly, co-autor do *The Edgar Cayce Handbook to Health and Healing Through Drugless Therapy* (A.R.E. ® Press, 1975). Inclui balanceamento de energia.

9.2.163 - Massagem de Heartwood: Sistema "holístico" promovido pelo Instituto Heartwood, Ltd., em Garberville, Califórnia. Envolve massagem sueca, hipnoterapia e balanceamento de energia de polaridade. De acordo com teoria da "polaridade", o topo e o lado direito do corpo têm carga positiva, e os pés e o lado esquerdo têm carga negativa.

9.2.164 - Massagem Neo-Reichiana: Sistema baseado em teorias desenvolvidas por Wilhelm Reich (1897-1957), o "descobridor" de orgone (variante da "força vital"). Os praticantes supostamente localizam e dissolvem "padrões estabelecidos" ("armaduras do corpo"). Reich postulou que as obstruções de orgone causam neuroses e a maioria das desordens físicas. Contrações musculares ("armaduras do corpo") em várias partes do corpo supostamente manifestam tais "bloqueios".

9.2.165 - Medicina Antroposófica: Fase médica da antroposofia, a filosofia oculta de Rudolf Steiner (1861-1925). Supostamente uma "extensão da medicina prática", abrange a "eurritmia" curativa. Segundo a antroposofia, o organismo humano consiste de um corpo físico, um corpo etérico vegetal, um corpo ou alma animalístico(a) astral, e um ego ou espírito. Os medicamentos antroposóficos supostamente facilitam a interação entre estes componentes.

9.2.166 - Medicina Astrológica (Cura Astral, Cura Astrológica, Astromedicina, Astrologia Médica, Astrologia Medicinal): Sistema baseado na "cosmobiologia", suposta ciência cujo postulado é que condições mentais e físicas específicas correspondem às posições relativas dos corpos celestiais. O medicamento astrológico envolve astrologia de horóscopo e a doutrina do "homem zodiacal". O postulado da horoscopia astrológica - também chamada de horoscopia, astrologia natal, astrologia popular, e astrologia de sinal do sol - é que a relação entre as posições dos planetas e estrelas e o momento do nascimento do ser, determina a personalidade vitalícia. De acordo com a doutrina do "homem zodiacal", cada um dos doze sinais ("casas") do zodíaco - constelações denominadas Áries, Touro, etc. - governa uma parte diferente do corpo humano. Os proponentes associam estes sinais do zodíaco ("sinais do sol") com partes do corpo (por exemplo, órgãos) e sistemas, e com a predisposição para a doença em diferentes partes do organismo. Certas "configurações planetárias" podem supostamente ativar a doença em pessoas

suscetíveis. Alguns proponentes estabelecem adicionalmente uma correlação de (a) sinais do sol e ervas particulares, e (b) sinais de sol e os doze "sais da célula" do sistema Schuessler de medicamento. O medicamento astrológico inclui astrodiagnose (ver "diagnose astrológica"), prognose, seleção e adequação do momento dos tratamentos (especialmente "remédios" homeopáticos), e suposta profilaxia.

9.2.167 - Medicina Budista: Método que compreende a moxibustão e massagem shiatsu.

9.2.168 - Medicina Chinesa (Medicina Tradicional Chinesa, MTC): Antigo sistema holístico cujo fundamento inclui herbologia, nutrição, os conceitos dos meridianos de acupuntura, os Cinco Elementos (Cinco Fases) e yin e yang. A teoria da MTC propõe "órgãos" (o Queimador Triplo, por exemplo) e "substâncias" (como Shen, ou "Espírito"), para os quais a evidência científica é inexistente. As variações e ramos da medicina chinesa incluem a medicina coreana, a medicina tibetana e a medicina tradicional vietnamita. A acupuntura (veja o Capítulo Sete) constitui provavelmente o aspecto principal da MTC.

9.2.169 - Medicina da Águia: Método Cherokee de cura. Inclui a indagação da visão - uma busca espiritual.

9.2.170 - Medicina do Coiote (Medicina "Mestiça"): Modo de medicar desenvolvido por Lewis Mehl-Madrona, autor de *Coyote Medicine* (Scribner, 1997). Mehl-Madrona declara: "Sempre acreditei que eu tenha uma missão na Terra". A Medicina do Coiote faz empréstimos da medicina moderna, da psicologia moderna e do xamanismo nativo americano. Sua teoria pressupõe chakras.

9.2.171 - Medicina Herbária Tibetana: Herbalismo tibetano. Sua teoria propõe "desequilíbrios humorais".

9.2.172 - Medicina Holística: 1. Medicina Alternativa. 2. Forma de medicina alternativa que focaliza: (a) a responsabilidade individual pela saúde; (b) a capacidade do organismo em curar a si mesmo; e (c) o equilíbrio do corpo, mente e "espírito" com o ambiente. A medicina holística abrange acupuntura, biofeedback, cura pela fé, medicina popular, meditação, terapia por megadoses de vitaminas e ioga.

9.2.173 - Medicina Oriental: Aparentemente, um grupo de métodos que inclui a medicina chinesa, shiatsu e técnicas de relaxamento.

9.2.174 - Medicina Ortomolecular (Medicina Nutricional Ortomolecular, Terapia Ortomolecular): Abordagem terapêutica cuja peça central é terapia por megadoses de vitaminas. A medicina ortomolecular compreende análise de cabelo, nutrição ortomolecular (uma forma de terapia por megadoses vitamínicas) e psiquiatria ortomolecular. Linus Carl Pauling, Ph.D. (1901-1994), cunhou a palavra "ortomolecular". O prefixo "orto" significa "correto", e o significado implícito de "ortomolecular" é "endireitar" (corrigir) "concentrações de moléculas específicas". O princípio primário da medicina ortomolecular é que a nutrição deve ser a primeira consideração em diagnose e tratamento. Seu suposto enfoque é "normalizar" o "equilíbrio" de vitaminas, minerais, aminoácidos e substâncias "similares" no corpo. Não creio ser correto classificá-la como uma forma "mística" de medicina, mas falta-lhe base teórica e experimental no atual estágio de seu desenvolvimento. (23)

9.2.175 - Medicina Psiônica (Psiônica): Veja o Capítulo Oito.

9.2.176 - Medicina Tibetana (Emchi): Sistema largamente alopático que se origina de Ayurveda, Bon, medicina chinesa e Unani. A medicina tibetana abrange acupuntura e moxibustão, e supostamente cura os "seres" físicos e psíquicos. Sua teoria propõe reencarnação, maus espíritos, deuses tutelares e três princípios fisiológicos ("energias corporais"): "vento", "bile" ("fel") e "phlegm". De acordo com a teoria da medicina tibetana, o karma influencia fortemente 101 desordens causadas por emoções aflitivas (por exemplo, desejo ou ódio); outras 101 desordens causadas por tais emoções envolvem espíritos ("forças



invisíveis" danosas). É apropriado expor certas substâncias médicas à luz da lua cheia. Os termos "Medicina Tibetana" e "Medicina Budista Tibetana" são aparentemente sinônimos.

9.2.177 - Medicina Tradicional Chinesa (MTC): O estilo dominante de medicina na República Popular da China.

9.2.178 - Medicina Tradicional Indígena: 1. (MTI, Cura Indígena Americana, Forma de Cura Americana Nativa, Medicina Indígena, Forma de Cura Tradicional Nativa Americana) Xamanismo nativo americano. 2. Ayurveda.

9.2.179 - Medicina Vibracional (Medicina Energética, Medicina de Energia, Medicina de Energia Sutil, Cura Vibracional, Terapias Vibracionais): "Filosofia curativa" cuja doutrina principal é que os seres humanos são "sistemas de energia dinâmica" (complexos "corpo/mente/espírito"), e refletem "padrões evolutivos" de "crescimento da alma". Seus postulados incluem o seguinte: (a) Saúde e enfermidade originam-se em "sistemas de energia sutil"; (b) Estes sistemas coordenam a "força vital" e o "corpo físico"; (c) Emoções, espiritualidade e fatores nutricionais e ambientais afetam o "sistema de energia sutil". A medicina vibracional incorpora a acupuntura, aromaterapia, terapia de florais de Bach, "rebalanceamento dos chakras", canalização, respiração colorida, cromoterapia, cura por cristais, cura ausente, Eletroacupuntura de acordo com Voll (EAV), toque etérico, terapia de essência da flor, homeopatia, fotografia de Kyrlian, acupuntura a laser, imposição de mãos, terapia de meridianos, mesmerismo, moxibustão, medicina ortomolecular, Regressão a Vidas Passadas, Terapia de Polaridade, cura psíquica, cirurgia psíquica, radiônica, o método de Simonton, sonopuntura, Tonificação, Meditação Transcendental e Toque Terapêutico. As expressões "energia curativa", "trabalho de energia" e "trabalho de cura energética" parecem sinônimos de "medicina vibracional".

9.2.180 - Meditação Tatwa: Base de um sistema "holístico" sem designação, de "auto-cura", envolvendo astrologia. O "professor espiritual" Emahmn de Crestone "descobriu" o sistema. Tatwas, que supostamente possuem "poderes curativos", são mandalas hindus - projetos que simbolizam a unidade da alma com o universo.

9.2.181 - Método da Aliança (Reiki "tradicional", Sistema Usui de Cura Natural; chamado "Hayashi" no Japão): O Sistema Usui da Aliança de Reiki; forma de treinamento Reiki que se vincula ao Dr. Chujiro Hayashi, um oficial naval aposentado que se tornou aluno de Mikao Usui. A teoria de Hayashi propõe três níveis de "energia Reiki".

9.2.182 - Método de Feldenkrais® (Técnica de Feldenkrais): Forma de trabalho de corpo originada em Israel com o físico e engenheiro Moshe Feldenkrais, D. Sc. (1904-1984). Trata-se de uma forma de "reeducação de movimentos" cujos resultados alegados incluem "níveis aumentados de energia vital" ("vitalidade interna renovada"). O método tem dois "aspectos": (1) privado, com instrução pessoa-a-pessoa (Integração Funcional), e (2) instrução de grupo (Conscientização Através do Movimento).

9.2.183 - Método de Identificação Bi-digital de Teste do Anel (Teste Bi-digital do Anel em O): Significa determinar "áreas de representação" de órgãos internos na língua humana. Teoricamente, isto permite a acupuntura da língua e diagnose pela língua, da Medicina Tradicional Chinesa (MTC). Yoshiaki Omura desenvolveu o método na Cidade de Nova Iorque. Inclui o Método Bi-Digital Direto e o Indireto. Omura promoveu o método mundialmente, e existem "sociedades de anel em O" na Europa e no Japão.

9.2.184 - Método de Ingham Avançado: Forma abrangente do Método de Ingham Original.

9.2.185 - Método de Quan Yin (Método Quan Yin de Meditação): Antiga arte marcial teísta e lactovegetariana, desvendada e ensinada por Suma Ching Hai, nascida no Vietnã, e cujo pai era um

naturopata católico. O Método de Quan Yin é um suposto meio para conquistar toda forma de "força negativa" dentro de si ou ao redor a si mesmo. Um de seus ensinamentos é que ovos atraem fantasmas.

9.2.186 - Método de Rosen (Método Rosen de Trabalho Corporal, Método de Rosen de Trabalho de Corpo Psico-espiritual): Sistema "psicofísico" de trabalho corporal desenvolvido nos anos 1970 pelo fisioterapeuta de São Francisco, Marion Rosen, co-autor de *The Rosen Method of Movement*. Supostamente desbloqueia o inconsciente e integra corpo, mente, emoções e espírito. O método afirma envolver toque "não intrusivo", interação verbal e o experimentar a respiração como o "portal para a consciência". Um dos postulados do Método de Rosen é que o corpo protege a pessoa de experiências passadas dolorosas, separando o ser do "eu essencial" da pessoa ("verdadeiro eu"). Respiração curta e tensão muscular crônica manifestam, supostamente, esta alegada proteção.

9.2.187 - Método de Simonton: Forma de imagem dirigida, desenvolvida pelo radioterapeuta oncológico Oscar Carl Simonton e sua anterior esposa, psicóloga Stephanie Matthews-Simonton. O Dr. Simonton é co-autor do best-seller *Getting Well Again* e seu sucessor, *The Healing Journey: The Simonton Center Program for Achieving Physical, Mental, and Spiritual Health*. Aparentemente, a "premissa básica" do método de Simonton é que o câncer é uma mensagem de amor e um convite para nos tornarmos "quem nós somos verdadeiramente".

9.2.188 - Método de Sinergia de Rubenfeld® (Sinergia de Rubenfeld): Forma de psicoterapia centrada no corpo que toma emprestado da Técnica de Alexander, do Método de Feldenkrais, da terapia de Gestalt e da hipnoterapia. O ex-maestro de orquestra Ilana Rubenfeld desenvolveu o método no início dos anos 1960. Rubenfeld descreveu o corpo como "o santuário sagrado da alma". A Sinergia de Rubenfeld inclui análise de aura e trabalho de sonhos.

9.2.189 - Método de Ventosa por Bombeamento de Ar: Forma de ventosa que exige algum dispositivo de sucção, tal como uma "xícara de bombeamento de ar".

9.2.190 - Método de Ventosas por Acupuntura: Veja o Capítulo Sete.

9.2.191 - Métodos de Cura de Raio: Assunto de *Ray Methods of Healing* (Samuel Weiser, Inc., 1993), escrito por Zachary F. Lansdowne, Ph.D. Os métodos de Cura de Raio são um desdobramento das Sete Técnicas de Raio (cura esotérica) e envolvem homeopatia, cura prânica, raja ioga (astanga ioga) e magia branca.

9.2.192 - Modo Essênio de Auto-Cura: Suposto meio para despertar alegados poderes psíquicos e curativos do universo. Envolve afirmações, visualizações, "terapias de cor" e comunhão com os anjos da "Mãe Terra" e do "Espírito Divino". (Os Essênios, também chamados "Médicos", eram uma seita judaica que precedeu o Cristianismo. Sua especialidade era a cura pela fé.)

9.2.193 - Mörter HealthSystem (Sistema de Saúde Mörter): Forma de quiroprática que inclui B.E.S.T, B.E.S.T. Para Bebê, um programa em videocassete para controle de estresse chamado "Doze Passos Para se Estressar Menos" e suplementos nutricionais cujo suposto propósito é restabelecer o corpo a seu "estado alcalino natural".

9.2.194 - Movimento Aston: Trabalho corporal desenvolvido por Judith Aston, fundadora de Aston-Patterning. Um de seus postulados é de que os "padrões" corporais – formas de movimento, áreas de liberdade e áreas de desconforto – revelam a história das atitudes, injúrias e atividade física da pessoa.

9.2.195 - Moxibustão Auricular: Veja o Capítulo Sete.

9.2.196 - Moxibustão de Erva Crua (Moxibustão Automático, Moxibustão Frio): Veja o Capítulo Sete.

9.2.197 - Moxibustão Direto (Moxibustão Aberto): Veja o Capítulo Sete.

9.2.198 - Moxibustão Indireto: Veja o Capítulo Sete.

9.2.199 - Moxibustão: Veja o Capítulo Sete.

9.2.200 - Moxibustão (Jiu, Terapia Jiu, Terapia de moxibustão): Veja o Capítulo Sete.

9.2.201 - Musicoterapia: Terapia utilizando sons musicais. Frequentemente associada ao conceito dos chakras, a cada um dos quais é atribuída uma nota musical. O tipo de música também apresenta enorme significado, sendo comum a utilização de combinações de sons musicais com vistas a um intento específico, como a colocação de mente em situação “inerte”, quando ela pode ser influenciada de forma direta.

“A música New Age [diretamente relacionada com a musicoterapia], é um termo que se aplica a vários compositores e músicos que procuram criar um relaxante ambiente de áudio, em vez de seguir estruturas musicais. Ela nasceu do interesse pela espiritualidade e cura no final da década de 1970, e muitas vezes é utilizada como auxiliar da meditação. As características definidoras da música New Age são a consonância harmônica, melodias contemplativas, formas musicais não lineares e temas transcendentais. Os praticantes desta música podem utilizar instrumentos étnicos, acústicos, elétricos ou eletrônicos, ou mesmo sons da natureza. A música New Age é meditativa, quase invariavelmente usa estilos instrumentais com raízes orientais, jazz e música clássica; muitas vezes derivativas, as composições New Age podem soar como música minimalista ou como vocações luxuriantes do ambiente natural. Músicos proeminentes da Nova Era incluem Brian Eno, pioneiro da música eletrônica; o multi-instrumentalista Kitaro; o artista George Winston, solista de piano; a vocalista Liz Story; o harpista Andréas Vollenweider; e o violinista elétrico Jean-Luc Ponty”. (24)

9.2.202 - Naturopatia (Cura Natural, Saúde Natural, Medicina Natural, Terapias Naturais, Cura da Natureza, Naturologia, Cura Naturopática, Medicina Naturopática): Miscelânea que abrange auriculoterapia (acupuntura de orelha), Ayurveda, balneoterapia, diagnóstico bioeletrônico, biofeedback, ventosas, eletroacupuntura, jejuns, Cura da Uva (e outras monodietas), análise de cabelo, herbalismo, homeopatia, hipnoterapia, hidroterapia interna (por exemplo: irrigação colônica), iridologia, Jin Shin Do, psicologia Jungiana, macrobiótica, moxibustão, medicina oriental, orto-bionomia, psiquiatria ortomolecular, talassoterapia, Tuina e terapia de zona. A naturopatia originou-se na segunda metade do décimo nono século, na Alemanha. O Dr. John H. Scheel, homeopata alemão, cunhou a palavra "naturopatia" em 1895, quando abriu o Sanatório Badekur em Nova Iorque. O vitalismo é fundamental para a naturopatia.

9.2.203 - Numerologia Pitagórica: Sistema de numerologia originado pelo filósofo e matemático grego, Pitágoras; a forma Ocidental de numerologia.

9.2.204 - Numerologia: Estudo dos significados mágicos de números e de sua suposta influência na vida humana. É um suposto meio calculativo de obter informações acerca da personalidade do indivíduo, de suas capacidades e futuro. A base da numerologia é que os números possuem uma "natureza interna" e "vibração". As considerações numerológicas incluem o nome total de um individual, local de nascimento e data de aniversário. (A interpretação numerológica de um é nome é chamada "onomatomancia".) Por exemplo, o número onze é conectável aos onze apóstolos leais de Jesus Cristo; o número doze com o grupo

inteiro de apóstolos, as doze divisões do zodíaco e os doze meses do ano; e o número treze com grupos de treze bruxas.

9.2.205 - Nutrição Alternativa (Tratamentos Alternativos Nutricionais, Alternativas Nutricionais Estratégicas, Terapias Nutricionais Alternativas): Grupo mal definido de métodos que aparentemente incluem medicina herbária chinesa, o Sistema Chinês de Cura pelo Alimento e a terapia por nutrientes farmacológicos ("nutracêuticos"), que é a administração de micronutrientes específicos em doses farmacológicas.

9.2.206 - Nutrição Ayurvédica (Dieta Ayurvédica): Fase nutricional de Ayurveda. Envolve alimentar-se de acordo com: (a) o "tipo de corpo" e (b) a "estação". A atividade alegada dos doshas - três "humores corporais", "forças dinâmicas" ou "espíritos que possuem" - determina o "tipo de corpo". Em Ayurveda, "tipos de corpo" recebem números de sete, oito, ou dez; e "estações", tradicionalmente são consideradas como seis. Cada estação de dois meses corresponde a um dosha; por exemplo, as duas estações que correspondem ao dosha nomeado "Pitta" (veja "Raktamoksha") constituem o período que vai de meados de março a meados de julho. Mas alguns proponentes enumeram três estações: verão (quando Pitta predomina), outono e inverno (a estação de kapha); ou estação de Vata (outono e inverno), estação de Kapha (primavera), e estação de Pitta (verão). De acordo com teoria Ayurvédica, a pessoa deveria diminuir a ingesta de alimentos que aumentam ("agravam") o dosha ascendente.

9.2.207 - Nvwoti (Medicina Herbária Cherokee): Forma americana nativa de "cura" botânica que supostamente trata todos os componentes humanos: emocionais, físicos, societários e espirituais.

9.2.208 - Obstetrícia Espiritual: Filosofia de parto exposta por Ina May Gaskin em seu livro de mesmo nome. Propõe: Deus; indivisibilidade da humanidade ("Nós somos todos Um"); shakti ("energia" divina feminina); e "energia espiritual" que é "santa". Além disso, a teoria eufemiza as contrações como "fluxos de energia" e sustenta que as "grávidas e parturientes" são "forças elementares", e que marido e esposa formam uma "uma só unidade de energia".

9.2.209 - Odontologia Holística (Odontologia Biológica, Odontologia Geral Holística): Forma de odontologia que pode incluir acupuntura, biofeedback, Terapia Crânio-Sacral e/ou homeopatia.

9.2.210 - One Brain ® [Um Cérebro]: Variante de cinesiologia aplicada (AK) cuja premissa é que o corpo humano retém a "energia" descartável de experiências e convicções "negativas". Os proponentes recomendam One Brain para vícios, ansiedade, compulsões, depressão, dislexia e outras inaptidões para aprender, auto-estima baixa e fobias.

9.2.211 - Oração Receptiva: Exercício de "faculdades espirituais" que provém de "correntes de fontes infinitas".

9.2.212 - Osteopatia de Acupuntura: Veja o Capítulo Sete.

9.2.213 - Panchakarma (Terapia de Pancha Karma, Terapia de Rejuvenescimento): Grupo Ayurvédico de cinco "passos purificatórios" ou "terapias de eliminação". Panchakarma inclui: (1) terapia de êmese ("vômito terapêutico"); (2) terapia de purgação - evacuação dos intestinos com um laxante; (3) rinoterapia (terapia de insuflação nasal) - aplicação intranasal de "descongestionantes" como óleos medicativos, ervas pulverizadas e "ghee" (gordura derivada de manteiga de vaca ou búfalo); (4) terapia de enema oleoso; e (5) terapia de enema de decocção. Alguns Ayurvedistas consideram os dois tipos de terapia de enema como um passo e a terapia de sangria (Raktamoksha) como o quinto passo.

9.2.214 - Pó de Acupressão (Tratamento com Pó de Acupressão): Veja o Capítulo Sete.

9.2.215 - Processamento de Imagens de Acupuntura: Veja o Capítulo Sete.

9.2.216 - Processo Alfabiótico de Alinhamento/Unificação: Procedimento de imposição de mãos dos Alfabióticos, que os proponentes descreveram como uma "muleta necessária". De acordo com sua teoria, aqueles que experimentam desconforto pela primeira vez que se submetem ao "Processo", são os que dele mais necessitam.

9.2.217 - Programa AK/NOT (Programa de Ferreri): Combinação da Técnica de Ferreri com a Técnica de Organização Neural (NOT). "AK" é a abreviatura inglesa para "cinesiologia aplicada".

9.2.218 - Programa de Ecologia Humana: Suposta síntese de aeróbica, bioquímica, homeopatia, naturopatia, medicina ortomolecular, filosofia e "psico-cibernética", desenvolvida pelo artista e "médico pesquisador" Da Vid. Sua teoria retrata a Deus como "A Força Vital": um eterno, fundamental, onipotente e onipresente - ainda assim misterioso (realmente, indefinível) - "Poder" imanente em seres humanos. Um "componente fundamental" do programa é, na realidade, o empenho para se tornar idêntico ao "Poder". O Programa de Ecologia Humana aparentemente compreende: "Artainment"; trabalho de corpo (especialmente quiroprática); "comunhão", meditação e/ou oração; suplementação dietética; o *Freedom Aerobic Exercise Program*® (programa em vídeo); "homeovíticos"; e radiônica.

9.2.219 - Programa de Investigação Agape: Forma de cinesiologia (veja este verbete) que abrange mais de vinte modalidades, inclusive acupressão.

9.2.220 - Programa de Meditação das Sete Chaves: Sistema baseado em assim-denominadas sete chaves espirituais, "reveladas" a David Wheeler. As "chaves" supostamente podem "destravar" o potencial máximo da pessoa para "transformação" e cura. Durante a "iniciação", os estudantes recebem as "chaves" e supostamente acessam a "Energia Universal" ou "Energia Divina" que se acha dentro deles. Supostamente, esta "energia" é transmissível.

9.2.221 - Programa de Saúde Hipócrates (Programa Hipócrates): Variante da Cura Natural, desenvolvida pela "educadora holística de saúde", Dra. Ann Wigmore (1904-1994), autora de *Be Your Own Doctor*, *The Healing Power Within*, *The Hippocrates Diet and Health Program*, *Hippocrates Live Food Program*, *Recipes for Longer Life*, *The Sprouting Book*, *The Wheatgrass Book* e *Why Suffer?* Wigmore fundou o Hippocrates Health Institute em 1957. O programa Hipócrates inclui o escovamento da pele, respiração em profundidade, enemas, combinação de alimentos, a dieta de Hipócrates (veja "Estilo de Vida de Alimentos Vivos") e exercícios como agachamento. De acordo com a teoria, a "integração corpo/mente é essencial à saúde". No livro: *Belief: All There Is* (1991), Brian R. Clement, co-diretor do Hippocrates Health Institute em West Palm Beach, Flórida, assegurou: "Crer pode realizar qualquer desejo seu" (p. 41). Depois ele declarou que a morte é um "fingimento".

9.2.222 - Programa Holístico de Auto-Saúde do Dr. Lynch: Programa de três meses para o "bem-estar total", desenvolvido pelo quiropata James P.B. Lynch. A base do programa e estilo de vida é uma ferramenta de ensino, que Lynch chama de "triângulo holístico", e que consiste em:

1. Uma "base" mental/espiritual de educação, motivação e amor próprio;
2. Um "lado" físico que focaliza exercício e tratamento físico; e
3. Um "lado" químico, que envolve "detoxificação" ("limpeza") através de dieta.

Lynch postula que todos possuem "poderes inatos" que são utilizáveis para a auto-cura. Um volante preparado pelo escritório de Lynch incluiu acupressão e "ajustes de quiroprática" numa lista intitulada "Física", e homeopatia e macrobiótica na lista intitulada "substância química". Declara o folheto: "O amor é a mais poderosa força curativa!" Obtendo inspiração da história do Velho Testamento, de Davi e Golias,

o volante retrata quiropatas, curandeiros de fé, a indústria de alimentos saudáveis, naturopatas e "nutricionalistas" como amáveis transmissores da verdade, comissionados por Deus.

9.2.223 - Programa Pessoal de Balanceamento da Vida de Agarthá (Programa de Agarthá): Programa de trinta e cinco dias em fita de áudio, criado por Meredith Lady Young. Seu suposto projeto é reduzir tensão e promover "saúde completa". Cada uma das sete "fitas harmônicas" combina sons que pretendem "desenvolver e alterar correntes de energia" dentro de chakras específicos. Estes sons supostamente "massageiam" os chakras e assim melhoram o fluxo de força vital através do corpo.

9.2.224 - Psicogenética: Método fundado pelo "consultor psico-espiritual" Gayatri Rein Reich, autor de *Psychogenetics*. A psicogenética supostamente: (a) "quebra" e "reprograma" códigos genéticos relacionados com nascimento, envelhecimento e morte; e (b) dissolve "cadeias de linhagem". Sua teoria propõe um "programa poderoso" no "computador psicogenético" da pessoa que determina: (a) quando ela nasce, casa, e dá à luz; (b) a natureza de suas relações; (c) o estado da carreira e finanças; e (d) a qualidade de sua saúde física e mental.

9.2.225 - Psicologia Biodinâmica (Terapia Biodinâmica): "Abordagem terapêutica" desenvolvida por Gerda Boyesen, psicóloga e fisioterapeuta clínica nascida na Noruega. Relaciona-se com a bioenergética. Um de seus postulados é que, quando os fluidos corpóreos não circulam eficazmente ou os tecidos não são "corretamente limpos", "tensões ou bloqueios emocionais" aparecem e impedem a "bioenergia" de vitalizar o corpo.

9.2.226 - Psicologia Budista: Alegada ciência abrangente da mente e do ser. Inclui a "análise de Abhidharma". (Abhidharma é a terceira parte do cânon budista.)

9.2.227 - Psicologia Centrada na Alma: Método afrocêntrico de psicoterapia desenvolvido pelo médico John Bolling. Sua teoria propõe: (a) "percepção de alma" e (b) "energias arquetípicas da psique" que são susceptíveis à harmonização.

9.2.228 - Psicologia de Aconselhamento Integral: Forma de psicoterapia ensinada no Instituto Californiano de Estudos Integrals, em São Francisco. Compreende bioenergética, terapia de Gestalt, terapia holotrófica (veja "Trabalho Respiratório Holotrófico"), Ioga Integral, psicossíntese, "cura mental espiritual", taoísmo e "Terapia Teosófica". Um de seus postulados é que pode-se ajudar os seres humanos a contatar e ativar seu "centro interno organizador do viver holístico".

9.2.229 - Psicologia do Arquétipo: Forma de psicoterapia desenvolvida por Jean Shinoda Bolen, a qual focaliza os mitos como chaves para o auto-conhecimento.

9.2.230 - Psicologia do Mal: Filosofia psicológica cristã nascente, endossada pelo Dr. M. (Morgan) Scott Peck. Ele é o autor de *The Road Less Traveled: A New Psychology of Love, Traditional Values and Spiritual Growth* (Simon & Schuster, 1979); *People of the Lie: The Hope for Healing Human Evil* (Simon & Schuster, 1983); *Further Along The Road Less Traveled: The Unending Journey Toward Spiritual Growth* (Simon & Schuster, 1993); *In Heaven as on Earth: A Vision of the Afterlife*; e *The Road Less Traveled and Beyond: Spiritual Growth in an Age of Anxiety* (Simon & Schuster, 1997). Em *The Road Less Traveled* (pág. 273), Peck comparou a preguiça com o pecado original, uma condição alegada que o cristianismo (católico) atribui ao primeiro ato humano de desobediência a Deus. Peck declarou que a "parte preguiçosa do eu pode ser realmente" o diabo. Em *People of the Lie*, que ele chamou um "livro perigoso", Peck reivindicou haver "encontrado" Satanás. Declarou: "Tanto quanto é o Pai da Mentira, Satanás pode ser considerado também o espírito da doença mental". Em *Further Along The Road Less Traveled*, ele afirma (páginas 186-187): "Idéias e conceitos espirituais-religiosos são necessários no tratamento de muitas pessoas. Percebi que não existia qualquer modo de tratar eficazmente pessoas [com fobias] sem

tentar convertê-las a uma visão de mundo mais benigna: uma visão do mundo como sendo pelo menos um lugar em que elas possuíam algum tipo de proteção sob a forma da graça de Deus".

9.2.231 - Psicologia Espiritual: "Modalidade curativa" que se origina da antroposofia, psicologia arquetípica e psicologia Jungiana.

9.2.232 - Psicologia Oriental: Grupo de "terapias psicológicas" de origem oriental, notavelmente aqueles métodos psicológicos que são parte de Ayurveda, MTC ou medicina tibetana. Uma das "ferramentas primárias" da psicologia oriental é a meditação.

9.2.233 - Psicologia Sagrada: "Psicologia experimental" desenvolvida pelo psicólogo Jean Houston, que foi presidente da Associação de Psicologia Humanística. Sua teoria propõe três domínios de experiência: realidade ordinária, um coletivo inconsciente e "o reino de Deus", supostamente imanente no "Eu Superior".

9.2.234 - Psicologia Transpessoal (Aconselhamento Transpessoal, Psicologia de Aconselhamento Transpessoal): Combinação da psicologia de Jung, psicossíntese e misticismo oriental. Enfatiza meditação, oração e auto-transcendência. Carl Jung (veja "psicologia de Jung") foi aparentemente o primeiro a usar a expressão "transpessoal" (ueberpersoenlich), em 1917. O psiquiatra Stanislav Grof, um dos criadores do Trabalho de Corpo Holotrópico, cunhou o nome "psicologia transpessoal".

9.2.235 - Psico-Neuroalinhamento (PNA): Sistema apresentado pelo hipnoterapista e "cinesiologista" Anthony Cimino, N.D., Ph.D. Seus "procedimentos" básicos incluem acupressão, teste de músculo, "neuro-comunhão", "terapia nutricional", "investigação da vidas passadas" e reflexologia.

9.2.236 - Psicossíntese (Terapia de Psicossíntese): Forma de psicoterapia espiritual originada em 1910 pelo psiquiatra italiano Roberto Assagioli (1888-1974), e desenvolvida por Johannes Schultz. Seu suposto projeto está em efetuar a "integração" e "crescimento" do eu e liberar e dirigir "energias psíquicas" supostamente geradas desta forma. Sua teoria propõe chakras ("centros de energia").

9.2.237 - Psico-Terapêutica ReikiSM (Cura Psico-Terapêutica ReikiSM): Uma das várias "modalidades curativas" adicionais de Reiki, supostamente co-criadas por Deus e pelo Reverendo David G. Jarrell. Seu alegado projeto é liberar "as memórias retidas nos corpos e na memória consciente e da alma". Sua teoria propõe um coletivo inconsciente.

9.2.238 - Psicoterapia de polaridade: "Subespecialidade" de cura prânica, que é conjunto de métodos compilados pelo Dr. Choa Kok Sui. A cura prânica pressupõe pontos acupunturais, chakras, meridianos ("canais bioplasmáticos") e um "corpo energético" em três camadas". A psicoterapia prânica inclui quatro "técnicas curativas", além daqueles da cura prânica:

1. Técnicas de "limpeza" para a remoção e desintegração de "energia psíquica traumática" e coisas do tipo;
2. uma "forma avançada de energizar" para a desintegração de "parasitas etéricos" e para reparação "redes etéricas" externas que se relacionam individualmente com os chakras, por detrás dos mesmos;
3. ativação e inibição de chakras; e
4. criação da "entidade de pensamento positivo" para o paciente.

9.2.239 - Psicoterapia Organísmica (Psicoterapia do Corpo Humanístico): Derivada da Terapia Reichiana. Desenvolvida por Malcolm Brown, Ph.D., e Katherine Ennis Brown, na Europa. Sua teoria divide a anatomia humana em quatro "Centros Dinâmicos do Ser" da "alma encarnada": (1) O Centro do Ser Agape-Eros consiste na porção frontal superior do corpo e supostamente faz a mediação de

sentimentos de abertura em direção a outros. (2) O Centro do Ser Hara, a porção abdominal do corpo, permite supostamente o amor-próprio. (3) O Centro do Ser Logos, a porção dorsal superior do corpo, tem supostamente faculdades intuitivas insondáveis. (4) O Centro do Ser Guerreiro Espiritual-Fálico, que consiste no dorso inferior e nos membros, supostamente permite a determinação (perseverança).

9.2.240 - Psicoterapia Xamânica: Modo de "cura espiritual" baseado no xamanismo e na doutrina da reencarnação. Propõe "partes de alma perdidas".

9.2.241 - Qigong ("Chi Gongo", "Chi Gung"; originalmente chamado Daoyin): 1. (Chi Kung, Cura energética chinesa, terapia de Qigong chinesa, ioga chinesa, Qigong interno, Kiko, Qi Gong, Cura Qigong). Forma chinesa de auto-cura, cujo suposto alvo é "estimular" e "equilibrar" o fluxo de qi (chi, "energia vital") através de meridianos ("caminhos de energia"). Envolve contemplação, visualização (imagem), assunção de posturas e movimentos de corpo e respiração estilizados. "Gong" (ou "kung", como em "kung fu") é uma palavra chinesa que se refere à habilidade. A palavra "qigong" significa literalmente "exercício respiratório", "trabalhar a força vital", "praticando a respiração" ou "trabalhando com a energia vital". As interpretações da palavra incluem "habilidade de energia" e "exercício para dominar a energia". 2. Um grupo vasto de sistemas e métodos originados da China antiga e do século vinte, que abrange a terapia Qigong. (25)

9.2.242 - Qigong Cranial de Alto Vão: Forma simplificada e supostamente de rápida ação de Qigong, desenvolvida por Zhao Jin-Xiang antes de 1980. Shen Rong-er introduziu-a nos Estados Unidos com seu marido, Wu Yi. Supostamente faz a limpeza de "meridianos".

9.2.243 - Quirognomia (Quirognosia, Quiromancia, Quirosafia): Diagnose ostensiva baseada na forma global das mãos, nas formas de partes das mãos (dedos, palmas da mão e unhas), no tamanho das "almofadas" da palma e textura da pele. Por exemplo, unhas pequenas e planas indicam supostamente uma predisposição para doença do coração, particularmente se suas "luas" são escassamente visíveis; e unhas com sulcos indicam supostamente debilidade dos pulmões, especialmente se as unhas são longas, largas e curvadas.

9.2.244 - Quiromancia Científica: Variação da quiromancia médica praticada por Nathaniel Altman, autor de *Discover Palmistry*, *Medical Palmistry*, *Palmistry of Lovers*, *The Palmistry Workbook* e *Sexual Palmistry*. Supostamente, envolve "análise" da consistência e flexibilidade das mãos do cliente e revela informações "detalhadas" sobre saúde e espiritualidade.

9.2.245 - Quiromancia Médica: Quiromancia com o suposto objetivo de determinar a condição de órgãos específicos. Forma aberta de adivinhação, a quiromancia inclui quirognomia e quiromancia propriamente dita. Os focos da quirognomia são: (a) a forma global das mãos (o tipo de mão); (b) as formas de dedos, unhas e palmas; (c) o tamanho das almofadas da palma; e (d) a textura da pele. A quiromancia concentra-se nas linhas da palma. Os quiromantes (também chamados de "analistas da mão") examinam também as mãos à procura de outras marcas e cores. Os proponentes usam os termos "quiromancia", "análise de mão" e "leitura de palma" de modo intercambiável.

9.2.246 - Rabdomancia (Divinação, Pesquisa de Água, Enfeitiçamento da Água): Veja o Capítulo Oito.

9.2.247 - Rabdomancia Avançada: Veja o Capítulo Oito.

9.2.248 - Radiônica (Psiônica): Veja o Capítulo Oito.

9.2.249 - Raktamoksha: Forma Ayurvédica de sangria. De acordo com sua teoria, (a) "toxemia" é a "causa básica" de hipertensão, "elementos trombóticos", e quadros repetidos de acne, eczema, sintomas



herpéticos, leucodermias e sarna; (b) Pitta ("fogo mais água", um do três "humores" Ayurvédicos) é um derivado de células vermelhas do sangue desintegradas no fígado; (c) um aumento de Pitta no sangue pode causar muitas desordens; e (d) a extração de pequena quantidade de sangue venoso alivia a "tensão" causada por "toxinas pitagênicas" no sangue.

9.2.250 - Recuperação da Alma: Forma de cura espiritual promovida por Sandra Ingerman, M.A., e Christina Pratt. Na recuperação da alma, os curandeiros xamânicos supostamente "viajam" para "outros reinos" e recuperam as "partes da alma" do cliente e restabelecem sua "força vital".

9.2.251 - Reflexologia Auricular: Veja o Capítulo Sete.

9.2.252 - Reflexologia Corporal: Veja o Capítulo Sete.

9.2.253 - Reflexologia do Pé: Veja o Capítulo Sete.

9.2.254 - Reflexologia: Veja o capítulo Sete.

9.2.255 - Regime (Dieta) da Maça: Baseado nas "leituras" do "vidente religioso" Edgar Cayce (veja Abordagem de Cayce à Saúde e Cura). O regime de três dias inclui enemas e restringe a ingesta de alimentos a maçãs cruas (que devem ser descascadas se não forem cultivadas de forma orgânica), café preto e azeite de oliva. Cayce recomendou a dieta para várias enfermidades, inclusive anemia, debilitação e "subluxações".

9.2.256 - Reiki [chave-raio] (Cura Reiki, Sistema Reiki, Terapia Reiki, Método Usui de Cura Natural, Usui Reiki, Usui Shiki Ryoho, Usui Shiko Ryoho, Sistema de Cura Usui Shiko Ryoho, Sistema Usui, Sistema Usui de Cura Natural; antigamente conhecido como "leiki"): Uma forma de cura por chakras e uma variação de imposição de mãos. Compreende Reiki e uma forma de cura à distância (cura ausente). O Dr. Mikao Usui "redescobriu" Reiki nos anos finais de 1800, no Japão. "Terapeutas de Reiki" supostamente canalizam reiki, "poder energético da energia da vida universal", através de seus corpos, para armazenamento no plexo solar, e em indivíduos enfermos, para "rebalanceamento". Reiki supostamente trabalha de modo simultâneo nos níveis emocionais, mentais, físicos e espirituais, e não tem quaisquer limitações. O postulado do sistema de Reiki é que "Símbolos Universais Sagrados" ativados evocam "energias curativas". A palavra "reiki" combina duas expressões japonesas: rei, que significa "espírito" ou "alma", e ki ("energia", "força vital").

O Dr. Mikao Usui foi um *monge cristão* (observe-se o detalhe), que viajou amplamente por países do Oriente e do Ocidente. Segundo autores da área, em Reiki "o operador serve apenas como uma espécie de catalisador ou como um canal de passagem. A energia cósmica flui através das mãos do operador até o paciente, sem que para isso seja preciso dispor das suas próprias energias. O Reiki é hoje um dos métodos de terapia natural mais amplamente difundidos. . . Tão logo a energia Reiki comece a fluir de suas mãos, você terá uma ótima oportunidade de harmonizar por longo tempo os seus chakras ou os de outras pessoas". (26)

9.2.257 - Renascimento (Respiração Circular, Respiração Consciente, Respiração Conscientemente Conectada, Respiração Livre): Forma de trabalho corporal que usa hiperventilação. Leonard Orr desenvolveu o renascimento nos anos 1970. Seu suposto objetivo é solucionar atitudes e emoções reprimidas que supostamente se originaram com experiências pré-natais e peri-natais. Os praticantes estimulam os pacientes a simularem o processo de nascimento.

9.2.258 - Respiração Cardíaca da Alquimia: O componente do Trabalho Respiratório da Alquimia que os praticantes referem usar como passo inicial em direção a descobrir "bloqueios de energia".

9.2.259 - Respiração Colorida: Especificamente, uma variação da cromoterapia que inclui afirmações, meditação, oração e visualização. Envolve imaginar a "respiração" de uma ou várias cores associadas com: doenças; dor; problemas cosméticos; benefícios artísticos, intelectuais ou materiais; personalidade; e/ou "sintonia espiritual". O método origina-se aparentemente de uma brochura intitulada *Colour Breathing*, escrita por Ivah Bergh Whitten e publicada na Inglaterra em 1948. Geralmente, "respiração colorida" se refere a imaginar-se a si mesmo cercado(a) por uma nuvem da cor desejada, respirar profundamente e imaginar-se a cor enchendo os pulmões e fluindo ao longo do corpo ou para uma região particular do mesmo.

9.2.260 - Respiração Ectásica ®: Processo criado por Valnn Dayne, envolvendo música e respiração "regênese", variante de renascimento. Seu propósito alegado é a "reconexão" com o "Poder da Vida", que é maior que o próprio ser.

9.2.261 - Respiração dos Chakras: Assunto de *Chakra Breathing: A Guide to Energy, Harmony and Self Healing*, por Helmut Sieczka. A respiração dos chakras é um grupo de "técnicas respiratórias" supostamente projetadas para "limpar" e "carregar" os chakras ("centros de energia" do "corpo sutil"), e para restabelecer os "equilíbrios da energia natural". Seu postulado é que a respiração constitui a "ponte" entre corpo e alma.

9.2.262 - Rolfinng Avançado: Forma de Rolfinng supostamente concebido para clientes que tomaram contato com a série básica de Rolfinng, de dez sessões.

9.2.263 - Rolfinng® (Método Rolfinng de Integração Estrutural, Integração Estrutural, Processo Estrutural): Forma de massagem miofascial desenvolvida na década de 1930 em Nova Iorque por Ida P. Rolf, Ph.D. (1896-1979), uma química orgânica que estudara ioga e quiroprática. A teoria de Rolfinng propõe "memória de músculo": memória de um incidente "ocorrido" ou "registrado" em uma parte particular do corpo. Os praticantes (Rolfers) ajustam a massagem quando supostamente descobrem áreas de "desequilíbrio de energia" dentro do corpo. Os proponentes reivindicam que a postura da pessoa revela experiências traumáticas passadas, que Rolfinng efetua liberação emocional e "energética", e que esta alegada liberação restabelece o fluxo de "energia vital" e integra mente e corpo.

9.2.264 - Sangria de Pontos de Acupuntura: Veja o Capítulo Sete.

9.2.265 - Saúde Holística Africana (Holismo Africano, Ciência Holística Africana, Medicina Africana): Assunto do livro *African Holistic Health*, [Saúde Holística Africana], cuja quarta edição foi publicada em 1993. O autor, terapeuta herbalista e massoterapeuta, Dr. Llaila O. Afrika, desenvolveu esta variação étnica da naturopatia. Seu alegado projeto é tratar as causas físicas, mentais e espirituais da doença.

9.2.266 - Shadow Sound Therapy© (SST, Terapia da Sombra): "Modalidade" desenvolvida por Elidé M. Solomont, Ph.D., compositora, psicoterapeuta Jungiana, "curandeira sonora" e autora de *One Day We'll All Be Together* e *You Are Who You Hate*. SST é uma combinação de imagem dirigida e musicoterapia. De acordo com sua teoria, (a) se alguém ouve uma música pouco conhecida, não estruturada ou desarmoniosa, enfrentará a sua "sombra" (um "lado escuro" que desaponta); e (b) a interpretação de "imagens do inconsciente" pode efetuar a cura.

9.2.267 - Shiatsu (Acupressão, Schiatsu, Terapia de Massagem Shiatsu, Terapia Shiatsu, Shiatzu): Veja o Capítulo Sete.

9.2.268 - Shiatsu da Saúde Total: Combinação de shiatsu e tratamentos dietéticos expostos pelos co-autores Shizuko Yamamoto e Patrick McCarty. Shiatsu é forma tripartite de massagem cuja suposta meta é para promover a saúde aumentando o fluxo de ki no corpo. "Ki" é palavra japonesa que significa tanto respiração quanto atenção ("força mental"). Refere-se a uma suposta "energia do ser" original, fundamental, sobrenatural, governável e criativa, concentrada no abdome.

9.2.269 - Shinkiko {Fluxo de Energia Shinkiko (Verdadeiro Ki), Verdadeiro Fluxo de Energia Ki}: Supostamente a última "arte curativa" do Japão. Shinkiko é uma "ciência médica intuitiva" fundada por Masato Nakagawa, Ph.D. Um pouco semelhante a Qigong, supostamente envolve a aplicação de "Shin-ki" ("energia curativa"). Supostamente, "terapeutas de Shinkiko" podem alcançar uma "fonte de energia universal ilimitada". A palavra japonesa "shin" refere-se a um alegado "espírito divino" do tipo alma. "Kiko" significa Qigong.

9.2.270 - Shirodhara: Tratamento "Ayurvédico" em que óleo morno de sésamo, ou um "óleo herbário" morno flui sobre a testa de uma pessoa reclinada. Seu suposto propósito é purificar o "corpo-mente" e relaxar o sistema nervoso.

9.2.271 - Siddha (Escola Saiva de Medicina, Medicina Siddha, Sistema Siddha, Sistema Siddha de Medicina): Sistema tamil relacionado a Ayurveda e supostamente de origem divina. "Tamil" refere-se a uma antiga tradição da Índia meridional e do Sri Lanka setentrional. A teoria de Siddha propõe cinco mahabhutas. A palavra sânscrita "Siddha" significa literalmente "perfeito, completo".

9.2.272 - Sinergia da Alquimia®: Forma de hipnoterapia cuja pretendida meta é desenvolver o "potencial ótimo" de indivíduos, conectando-os com seus respectivos "guias internos".

9.2.273 - Sistema Arhatiko de Ioga: Forma sincrética de ioga desenvolvida por Choa Kok Sui, expoente do Kriyashakti, cura prânica e psicoterapia prânica. Supostamente ativa e alinha os chakras, despertando de forma segura os "fogos sagrados" do corpo, aumentando a longevidade. Sua teoria baseia-se na "energia dourada", energia "Kundalini" e "corpos" físicos e espirituais. O Centro de Cura Prânica, em Nova Iorque, define "arhatiko" como um ser humano altamente integrado e equipado com uma intuição muito desenvolvida, alguém com notáveis poderes mentais, emoções altamente refinadas e provendo uma grande contribuição ao Plano Divino.

9.2.274 - Sistema Bioquímico Schuessler de Medicina (Medicina Bioquímica, Sistema Bioquímico de Medicina, Terapia de Sais Teciduais): Sistema quase-homeopático fundado na porção final do décimo-nono século pelo médico alemão Wilhelm Heinrich Schuessler. Este sustentou que todas as doenças curáveis eram curáveis com "doses" minúsculas de um ou mais dentre uma dúzia de compostos inorgânicos, chamados "sais celulares" ou "sais teciduais": fluoreto, fosfato e sulfato como sais de cálcio; o cloreto, fosfato e sulfato como sais de sódio e potássio; os sais fosfatados de ferro e magnésio; e dióxido de silicose.

9.2.275 - Sotai (Terapia Sotai): Sistema "natural" de trabalho corporal desenvolvido pelo médico Keizo (Keiji) Hashimoto no Japão, e endossado por Kenzo Kase. Supostamente habilita a pessoa a adaptar-se ao ambiente "harmonizando" respiração, alimentação, pensamento e movimento. Sotai usa um "ponto sensível" no "meridiano do fígado" (um alegado canal de "energia vital"). A palavra "Sotai" combina dois termos japoneses: So, que significa "manipular", e Tai, que significa "corpo".

9.2.276 - "Sintônica": Programa vitalista de auto-ajuda criado pelo Dr. Robert Kronmeyer. Inclui "combinação sintônica de alimentos". (O termo "combinação de alimentos" refere-se a qualquer prática dietética baseada na noção que a salubridade da refeição depende consideravelmente da compatibilidade de

seus componentes macroscópicos e/ou da sequência de ingestão. Os principais sistemas que incluem a combinação de alimentos são ayurveda, macrobiótica e Higiene Natural.)

9.2.277 - Tai Chi (Tai Chi Chuan, Tai Ji, Tai Ji Chuan, Tai Ji Juan, Tai Ji Quan, Taiqi): Variedade de auto-cura. Tai chi é um antigo sistema chinês, semelhante à ioga, e com movimentos semelhantes aos do balé. Designado para a saúde, autodefesa e desenvolvimento espiritual. A prática do tai chi supostamente facilita o fluxo de chi ("energia vital") através do corpo, dissolvendo bloqueios tanto dentro do corpo como entre o corpo e o ambiente. O tai chi tradicional prescreve mais ou menos 108 a 128 posturas, inclusive repetições. A dificuldade reside em concatenar as posturas em movimentos circulares.

9.2.278 - Taido: Variante de reiki que não requer contato físico. Tanto reiki quanto taido são formas de trabalho de campos de energia. "Trabalho de campos de energia" refere-se a qualquer método ou combinação de métodos envolvendo análise de aura e balanceamento de aura, com ou sem toque. Taido foi desenvolvido no Japão nos anos 1980.

9.2.279 - "Takiônica": "Tecnologia" para o desenvolvimento de "chi" e "saúde ótima" promovida pelo Dr. Yung Chia, que defende a integração de espiritualidade, ciência e tecnologia.

9.2.280 - Técnica da Água Azul: Forma de meditação desenvolvida por Lawrence LeShan, Ph.D., em *Meditating to Attain Healthy Body Weight* (Doubleday, 1994). Supostamente envolve usar a "consciência" para procurar no corpo da pessoa a fonte da fome ou dor. O meditador supostamente localiza a fonte três vezes, visualiza a água azul fluindo lentamente para dentro da área e então sendo drenada a partir daí.

9.2.281 - Técnica de Alexander® (Método de Alexander, F. M. Alexander Technique™): Suposta forma de integrar os aspectos mentais, físicos e espirituais da pessoa. De acordo com sua teoria, em se mantendo o alinhamento da cabeça, pescoço e dorso, obtém-se um funcionamento global físico ótimo. Frederick Matthias Alexander (1869-1955), um ator Shakespeareano nascido na Austrália, desenvolveu o método por volta do final do século dezenove e escreveu *A Ressurreição do Corpo*. Embora seu propósito original fosse ajudar a projeção da voz, Alexander concluiu que a postura defeituosa era responsável por sintomas diversos. Ele propôs que movimentos desequilibrados habituais afetam o funcionamento do corpo inteiro, implicando em que posturas conduzem a padrões de comportamento e que maus hábitos posturais podem distorcer a personalidade. Alexander adicionalmente propôs que todos os movimentos adequados do corpo fluíam de um movimento básico - o alongamento máximo da coluna - que ele chamou de "controle primário". De certa forma, declarou que seu método abarcava todas as religiões e propôs uma "Onisciente Autoridade" invisível dentro da "alma do homem". Praticantes ("professores") da Técnica de Alexander desenvolvem-na pressionando manualmente várias partes do corpo do estudante e repetindo simultaneamente frases-chaves.

9.2.282 - Técnica de Bowen (Técnica Terapêutica de Bowen, Terapia de Bowen): Forma de cura por trabalho de corpo e vibração (veja "medicina vibracional"), originada pelo engenheiro australiano Tom Bowen no início da década de 1950. Desenvolvida por Oswald Rentsch (osteopata) e Elaine Rentsch (diplomada em terapia por florais de Bach) na Austrália, e introduzida nos Estados Unidos em 1990. Sua teoria propõe chi ("energia da vida universal") e "vórtices de energia" humanos.

9.2.283 - Técnica de Mapeamento do Corpo (Sistema de Cartografia do Corpo): Método avançado aparentemente criado e nomeado por Marcia Mae, uma "modeladora corporal intuitiva transformacional" (veja "trabalho de corpo transformacional" e "trabalho de corpo orientado para a transformação"). Aparentemente, a Técnica de Mapeamento do Corpo é um suposto caminho para liberar "memórias celulares" e para "recodificar" o corpo com mensagens de amor incondicional.

9.2.284 - Técnica N. I. A.: Forma de exercício que supostamente integra corpo, mente e espírito, e "abre" o coração e mente. "N.I.A." significa "neural inter-muscular action" ("ação neural intermuscular").

9.2.285 - Tensegrity: Série de doze movimentos desenvolvidos pelo autor Carlos Castaneda, Ph.D., nascido em 1925, no Peru. Castaneda supostamente aprendeu estes movimentos de seu professor, Juan Matus (Don Juan), um reputado feiticeiro de Yaqui. O suposto projeto de Tensegrity está em "juntar energia" e promover o bem-estar. Sua teoria propõe um "corpo de energia".

9.2.286 - Terapêutica de Cristais ®: Sistema baseado nas obras de Ojela Frank. Envolve "avaliação de energia", cura de cristal, balanceamento de energia, imagem guiada e aconselhamento.

9.2.287 - Terapia AMMA®: Derivada de amma e alegada "avó da massagem". Tina Sohn, nascida na Coreia, desenvolveu a Terapia AMMA na década de 1960. Envolve trabalho corporal, dieta, suplementos de vitamina e ervas. Supostamente, a Terapia AMMA; (a) usa "poderosos pontos energéticos", descobertos por Sohn; (b) trata o "corpo físico", a "bioenergia" e as emoções; e (c) liberta a mente e espírito.

9.2.288 - Terapia Auricular Chinesa (Acupuntura Auricular Chinesa, Terapia Auricular Tradicional Chinesa por Pontos de Acupuntura, Acupuntura Auricular Chinesa Tradicional, Terapia Auricular Chinesa Tradicional): Veja o Capítulo Sete.

9.2.289 - Terapia Biomagnética (Terapia Magnética): Método ensinado por Michael Tierra (veja "Herbologia Planetária"), autor de *Biomagnetic and Herbal Therapy*. A terapia biomagnética concentra-se em usar ímãs para tratar a dor e a doença. De acordo com sua teoria, o pólo norte de um ímã causa contração e o pólo sul dissipa "energia". A terapia biomagnética supostamente pode ser utilizada para mover Qi e para equilibrar a "energia" corporal. Parece idêntico à terapia por ímãs.

9.2.290 - Terapia Celular dos Sais (Terapia Tecidual de Sais): Variação do sistema bioquímico de Schuessler de medicina. Usa 45 "sais celulares".

9.2.291 - Terapia Crânio-Sacral (Balanceamento Craniano, Osteopatia Craniana, Manipulação Crânio-sacral, Técnica Craniana, Trabalho Craniano, Craniopatia, Balanceamento Crânio-sacral, Osteopatia Crânio-sacral, Trabalho Crânio-sacral): Método cuja suposta meta é remover impedimentos à "energia do paciente". Supostamente envolve o alinhamento manual dos ossos do crânio. O Dr. William Garner Sutherland desenvolveu a osteopatia craniana no início dos anos 1900. De acordo com sua teoria, movimentos dos ossos do crânio causam movimentos do sacro, e vice-versa. John E. Upledger, D.O., desenvolveu a Terapia Crânio-sacral, derivada do trabalho do Sutherland.

9.2.292 - Terapia da Energia Amplificada: Forma de terapia energética promovida por Richard Gordon. Postula que as pessoas podem aprender a manipular sua "energia vital" no sentido de seguir a "inteligência inata" do organismo.

9.2.293 - Terapia da Essência da Vida: Sistema desenvolvido por Paul Pitchford. Inclui Trabalho de Corpo da Essência da Vida (baseado em Zen shiatsu) e o "Trabalho de Liberação da Essência da Vida" (que envolve respiração estilizada), dieta, herbalismo, Qigong, tai chi e métodos diagnósticos chineses tradicionais.

9.2.294 - Terapia da Urina (Amaroli, Terapia da Auto-Urina, Shivambu Kalpa, Uropatia): Assunto de *The Water of Life* (1937), escrito pelo terapeuta de urina inglês John W. Armstrong. "Terapia de urina" refere-se a qualquer "método de cura" caracterizado pela aplicação de urina de um indivíduo àquele mesmo indivíduo. As formas de terapia de urina incluem ingestão de urina, aplicação à pele, enemas e injeção. Alguns proponentes reivindicam que a urina é uma panacéia dada por Deus.

9.2.295 - Terapia de Acupuntura do Escalpo (Acupuntura da Cabeça): Veja o Capítulo Sete.

9.2.296 - Terapia de Ausculta Acupuntural (Terapia de Eletro-Ausculta Acupuntural): Veja o Capítulo Sete.

9.2.297 - Terapia de Gestalt (Psicoterapia de Gestalt): Abordagem "holística" co-fundada pelo psiquiatra Fritz Frederick Perls e por Laura Perls. Compartilha pouco com a psicologia de Gestalt (configuracionismo). Sua teoria propõe cinco "camadas de personalidade". Segundo a teoria, a pessoa alcança a "camada de morte" quando tem "sentimentos bloqueados" e "energia psíquica" condensada e bloqueada, e a "camada da vida" através da liberação de "energias bloqueadas". O suposto alvo da terapia de Gestalt, que inclui trabalho de sonhos, é ajudar os clientes a alcançarem "inteireza".

9.2.298 - Terapia de Hoshino (Arte da Terapia de Hoshino): Veja o Capítulo Sete.

9.2.299 - Terapia de Ímã (Biomagnética, Terapêutica Biomagnética, Terapia Biomagnética, Biomagnetismo, Eletro-Biomagnética, Terapia Eletro-biomagnética, Terapia de Energia Magnética, Terapia de Campo Magnético, Cura Magnética, Magnética, Terapias Magnéticas, Terapia Magnética, Magnetoterapia): Veja o Capítulo Oito.

9.2.300 - Terapia de Ioga da Fênix Nascente (Fênix Nascente): Derivou da Ioga de Kripalu. Fênix Nascente é uma forma de psicoterapia centrada no corpo, que abrande trabalho respiratório, balanceamento de energia, visualização (veja "visualização criativa") e uma variante de hatha ioga. Seu postulado é que as experiências emocionais não resolvidas são "armazenadas" no corpo - escondidas da consciência - e suprimem a "liberdade natural" do corpo. O método supostamente restabelece o "equilíbrio interno" ao "despertar" a "força vital curativa".

9.2.301 - Terapia de Polaridade (Polaridade, Balanceamento de Polaridade, Balanceamento de Energia de Polaridade, Sistema de Balanceamento de Energia de Polaridade, Cura Energética de Polaridade, Cura de Polaridade, Sistema de Polaridade, Técnicas de Polaridade, Polarity Wellness®): "Sistema de cuidados de saúde natural" eclético, originada pelo austríaco Randolph Stone, D.C., D.O., N.D. (1890-1982), e baseado principalmente em princípios Ayurvédicos. Inclui aconselhamento básico de polaridade, balanceamento craniano (veja "Terapia Crânio-Sacral"), imagem dirigida, hidroterapia, trabalho corporal de polaridade, aconselhamento de sonhos de polaridade, avaliação de polaridade, nutrição de polaridade, reflexologia de polaridade, ioga de polaridade e balanceamento espinhal. Seu postulado é que o "balanceamento" do fluxo de "energia" no corpo é a base da saúde. De acordo com sua teoria, o topo e o lado direito do corpo possuem uma carga positiva, e os pés e o lado esquerdo do corpo tem uma carga negativa. Deste modo, os praticantes colocam sua mão direita em partes do corpo do cliente "carregadas negativamente", e sua mão esquerda em partes "carregadas positivamente". A teoria da polaridade também propõe uma "memória celular" capaz de ser limpada .

9.2.302 - Terapia de Zona (Terapia de Zona de Reflexo, Massagem de Zona de Reflexo): Forma antiga de reflexologia ocidental introduzida nos Estados Unidos em 1913 pelo médico William H. Fitzgerald, especialista em doenças do ouvido, nariz e garganta. Fitzgerald, autor de *Zone Therapy, or Relieving Pain at Home* (1917), dividiu a anatomia humana em dez zonas e professou que a energia "bioelétrica" atravessa estas zonas e se dirige aos "pontos de reflexo" nas mãos e pés. Seu método, também chamado "zonoterapia", incluía a fixação de fios de arame ao redor dos dedos dos pés. O associado de Fitzgerald, Edwin F. Bowers, cunhou o nome "terapia de zona". Hoje, a terapia de zona pode incluir a anexação de prendedores de roupa às pontas dos dedos e o uso de lápis e pentes de alumínio.

9.2.303 - Terapia do Alfa Tranquilo: Combinação de imagem direcionada e Hipnose de Erickson. Supostamente pode causar uma liberação de "energia" do subconsciente.

9.2.304 - Terapia do Campo do Pensamento (TFT, Callahan Techniques™): Veja o Capítulo Sete.

9.2.305 - Terapia do Ponto de Acupressão: Veja o Capítulo Sete.

9.2.306 - Terapia dos Sucos Crus: Suposta terapia "natural" exposta por John B. Lust. Centraliza-se na ingestão de sucos frescos, extraídos de frutas e legumes por meio de aparelhos elétricos. Seu suposto projeto é corrigir a "composição química coloidal da célula", que se tornou "desequilibrada" por causa de hábitos "antinaturais". As reações desagradáveis causadas pela terapia de sucos crus supostamente indicam que os sucos não se "harmonizam" com uma condição gastrointestinal enferma ou com uma "condição ácida" do sangue; supostamente, tais reações representam evidência de melhora.

9.2.307 - Terapia do Tecido Conjuntivo (TTC): Sistema "espiritual" de trabalho de corpo desenvolvido por Paul e Nancy Marcus. Ajuda Supostamente ajuda a liberar a "energia estagnada". ("Trabalho de corpo" ou "trabalho corporal" é um termo genérico para as "curas" manuais ou relacionadas com exercício físico.)

9.2.308 - Terapia emocional somática: "Síntese" de bioenergética, renascimento e "terapia somática" forjada pelo assistente social certificado Jerry Josepher.

9.2.309 - Terapia Glandular: Método cuja filosofia é: "Células semelhantes ajudam células semelhantes". De acordo com ela, o influxo de uma substância glandular rapidamente resulta em seu uso como nutrição por uma glândula semelhante. Filosoficamente associada à Homeopatia.

9.2.310 - Terapia Integrativa: Aparentemente, um método psico-espiritual baseado na psicologia de Jung e psicossíntese. Um de seus "valores centrais" é a "integração corpo-mente-espírito".

9.2.311 - Terapia Meridiana: 1. Método que envolve respiração rítmica, visualização e a movimentação das mãos ao longo de meridianos, linhas que representam alegados canais através dos quais flui chi ("energia vital universal"). A terapia meridiana é relacionada com o toque etérico, e sua teoria propõe os chakras. 2. Ching Lo.

9.2.312 - Terapia Neural: Veja o Capítulo Sete.

9.2.313 - Terapia Orgone (Terapia Médica Orgone, Orgonomia Médica, Medicina Orgonômica, Terapia Médica Orgonômica): Sistema desenvolvido pelo psicanalista Wilhelm Reich (1897-1957), que cunhou a palavra "orgone" para se referir a uma hipotética radiação inteligente fundamental, onipresente, sustentadora da vida. A terapia Orgone abrange o Teste de Sangue de Reich e a Terapia Reichiana. As atividades profissionais de médicos orgonomistas incluem a administração de água "carregada de orgone" e aplicação de dispositivos peculiares: o campo métrico orgone e o tubo de vácuo contribuem para a diagnose ostensiva. O metro supostamente mostra a extensão e força do "campo de energia orgone" do paciente. O tubo de vácuo é um tubo de vidro a vácuo "carregado de orgone", que supostamente brilha sob a influência do "campo de energia orgone" do paciente.

9.2.314 - Terapia Primitiva (Terapia do Grito Primitivo): Forma de psicoterapia desenvolvida pelo psicólogo infantil Arthur Janov, autor de *The Primal Scream* (1970). Os terapeutas primitivos tratam mediante análise e, através de um processo de catarse dolorosa, supostamente tentam solucionar neuroses. Janov afirmou que, para ser efetiva, a psicoterapia deve descobrir eventos desagradáveis reprimidos, do tipo "dores primitivas", sofridos não só durante a infância, mas até mesmo nas fases fetal e embrionária. De acordo com Janov, os pacientes podem livrar-se de "dores primitivas" unicamente ao reexperimentá-las e dar-lhes expressão física (por exemplo, gritando). O ponto crucial de terapia primitiva é o renascimento. As variações de terapia primitiva incluem a Psicoterapia do Bio-Grito e o Novo Processo de Identidade.

9.2.315 - Terapia Reichiana (Terapia Psiquiátrica Orgone, Trabalho de Corpo Reichiano, Massagem Reichiana; chamada "Terapia Vegetal" na Europa): Forma psicanalítica de trabalho corporal desenvolvida por Wilhelm Reich (1897-1957), o "descobridor" de orgone (veja "terapia orgone"). De acordo com a teoria de Reich, bloqueios de orgone causam neuroses e a maioria das desordens físicas. Contrações musculares ("armadura do corpo") em várias partes do mesmo, supostamente manifestam tais "bloqueios". O "terapeuta" Reichiano decide de forma intuitiva onde a maior "armadura do corpo" se encontra e supostamente busca dissolver ou "desmantelar" a mesma. As abordagens para "dissolver" esta "armadura" incluem massagem e fazer o paciente respirar profundamente, gritar, morder, dar pontapés, fazer caretas, chorar e volver os olhos. Aparentemente, a Terapia Reichiana também é chamada "Vegetoterapia Reichiana".

9.2.316 - Terapia Rife: Suposta quase-panacéia eletrônica originada por Royal Raymond Rife, nascido por volta de 1888, que supostamente descobriu uma cura para o câncer em 1930. De acordo com sua teoria, toda doença específica tem uma assinatura eletromagnética única e modificável. O uso de "instrumentos de Rife" caracteriza o método.

9.2.317 - Terapia Somática (Disciplinas Somáticas, Métodos Somáticos, Técnicas Somáticas, Terapias Somáticas): Abrange Aikido, a Técnica de Alexander, cinesiologia aplicada, Arica, Aston-Patterning, Consciência Através do Movimento, bioenergética, Body-Mind Centering®, "Capoeira", "Continuum", Terapia Crânio-Sacral, Eutonia, Focalização, Integração Funcional, Hakomi, Hellerwork, judô, caratê, ioga kundalini, kung fu, "Lomi" (veja "lomi-lomi" e "Trabalho de Lomi"), "ioga de Oki" (veja "Oki-Do"), Psicoterapia Orientada para o Processo (psicologia de processo), renascimento, reflexologia, Cinesiologia Ressonante, Rolfing, "Trabalho de Rosen" (veja "Método de Rosen"), "consciência sensorial", SHEN, somassíntese, tai chi, Toque para a Saúde, Trager, "Trans Fibras", terapia de ioga e Balanceamento Zero. "Elementos de energia sutil" são uma constante em terapias somáticas.

9.2.318 - Teste de Músculo {Teste Manual de Músculo, Técnica da Prova de Resposta do Músculo (M.R.T.), Técnica do "Teste de Resposta do Músculo", M.R.T., Sistema M.R.T., Técnica M.R.T., Procedimento do Teste Muscular}: Variedade de procedimentos usados com o suposto objetivo de despertar a "inteligência inata" do corpo e assim determinar os "níveis de energia" das "forças vitais" que controlam o corpo. O teste muscular é um componente de toda forma de cinesiologia e um suposto meio para descobrir "desequilíbrios".

9.2.319 - Teste de Sangue de Reich: Componente pseudodiagnóstico da medicina orgonômica, criada pelo psicanalista Wilhelm Reich. Reich cunhou a palavra "orgone para" se referir a sua hipotética, fundamental, onipresente e sustentadora da vida radiação inteligente. O teste de sangue de Reich é um suposto meio de averiguar a global "saúde energética". Sua premissa é que a morfologia de eritrócitos indica o "estado energético" de um organismo no momento de sua remoção. Supostamente, as células vermelhas do sangue com "bions" (que se assemelham a contas azuis) em seu centro, são anormais. Os proponentes caracterizam bions como manifestações de orgone semi-vivas, do tamanho de bactérias e vesiculares, e como sendo os blocos construtores das células.

9.2.320 - Toque Etérico: Variante da cura de contato (imposição de mãos) e cura de chakras, exposto pelo hipnotizador Ted Andrews em *The Healer's Manual: A Beginner's Guide to Vibrational Therapies* (1993). Sua premissa básica é que, através das mãos, os seres humanos podem sentir "desequilíbrios de energia" e projetar "vibrações" (incrementáveis com o "poder divino"), que aperfeiçoa a auto-cura. O método não requer contato físico.

9.2.321 - Toque Terapêutico (Método do TT, Método de Krieger-Kunz do Toque Terapêutico): Derivado da imposição de mãos e iniciado em 1972 por Dolores Krieger, enfermeira e Ph.D., e por Dora



van Gelder Kunz, uma clarividente nascida na Indonésia. Dolores Krieger, professor emérita de enfermagem, é autora de *Accepting Your Power to Heal: The Personal Practice of Therapeutic Touch* e outros livros. A teoria do TT propõe chakras e "energias humanas" manualmente transmissíveis.

As implicações do Toque Terapêutico para o cristão encontram-se analisadas de modo muito útil no item bibliográfico indicado. (27)

9.2.322 - Trabalho Corporal (Terapia de Trabalho Corporal): Mescla de métodos simbolizados pelo exercício, manipulação e/ou toque manual (especialmente digital) do corpo. Sobrepõe-se ao trabalho com campos de energia. A expressão "trabalho de corpo" geralmente é intercambiável com "cura por imposição de mãos" e "saúde por imposição de mãos". Categorias importantes são: (a) terapia por massagem, (b) psicoterapia centralizada no corpo e (c) terapia de toque. Seus focos importantes são: (a) estrutura do corpo (por exemplo, quiroprática), (b) "armadura do corpo" (por exemplo, Terapia Reichiana), (c) chi ou "energia vital" (por exemplo, massagem por acupressão, acupuntura e jin shinn), (d) relaxamento (por exemplo, lomi-lomi e massagem sueca) e (e) o alegado "corpo sutil" (por exemplo, Reiki e Toque Terapêutico).

9.2.323 - Trabalho Corporal da Alquimia: Combinação de Hipnoterapia da Alquimia e várias formas de trabalho corporal. Seu postulado é que a "emoção" pode se tornar "cola" no corpo e pode ser localizada em certo lugar.

9.2.324 - Trabalho Corporal de Transmissão de Energia por Acu-meridianos: Componente do Sistema de Diagnóstico e Tratamento Er Mei Qi Gong de Energia Externa.

9.2.325 - Trabalho Corporal do Atualismo: Componente do Atualismo, supostamente projetado para ajudar a despertar o corpo e sua consciência para o "Criador que habita no ser" e para o amor desta alegada entidade. Inclui "trabalho de nervo", que supostamente ajuda a aprofundar o prazer da pessoa em termos de suas "energias da vida".

9.2.326 - Trabalho Corporal Esplendor: Forma de trabalho corporal desenvolvida pelo professor universitário Gay Hendricks, Ph.D., e pela terapeuta de dança Kathlyn Hendricks, Ph.D. (que obteve seu doutorado de um instituto não reconhecido oficialmente). Supostamente, o método: (a) libera emoções "não resolvidas" "presas" no corpo; (b) aumenta a habilidade da pessoa em manipular "energia positiva"; (c) pode "clarear" os efeitos dos traumas de nascimento; e (d) pode em última instância "conectar" a pessoa à ilimitada dimensão transpessoal da vida.

9.2.327 - Trabalho Corporal Transformacional Amanae: Supostamente, um "processo curativo multidimensional único" que ajuda a "jogar para fora" traumas "presos" no corpo.

9.2.328 - Trabalho da Criança Interna (Criança Interna, Terapia da Criança Interior): Forma de psicoterapia apresentada de forma pioneira e popularizada pelo teólogo texano John Bradshaw, aspirante ao sacerdócio católico romano. Bradshaw é o autor de: (a) *Bradshaw On The Family*; (b) *Healing the Shame That Binds You*; (c) *Homecoming: Reclaiming and Championing Your Inner Child*; e (d) *Creating Love: The Next Stage of Growth*. Em *Homecoming*, publicado pela primeira vez em 1990, Bradshaw declara que todas as crianças de famílias problemáticas perdem sua "identificação do eu": sua garantia de que os pais ou guardiões são saudáveis, capazes e ansiosos por oferecer cuidados. Ele recomenda que as vítimas desta perda ou "ferida espiritual" reformem sua "criança interna" ao retomarem suas fases de desenvolvimento, terminando assim o "assunto inacabado". Ele identifica tal atitude como uma experiência do tipo Zen. Visando este fim, sugere que tenhamos conversações com a "criança interna", que se escrevam cartas para ela e estas sejam lidas em voz alta e que se escrevam cartas para si mesmo(a) - com a mão não-dominante - como se a criança as estivesse escrevendo. Através de tais métodos, a "criança

interna ferida" supostamente evolui para uma "criança maravilhosa", que Bradshaw descreve como a "Imago Dei" da pessoa - "a parte de você que apresenta semelhança com o seu criador".

9.2.329 - Trabalho de Corpo Enérgico: Abordagem ao trabalho de corpo que supostamente envolve a avaliação e tratamento do "campo de energia" e espírito humanos.

9.2.330 - Trabalho de Heller: Combinação de massagem, "educação de movimentos" e diálogo inventado em 1978 pelo engenheiro aeroespacial Joseph Heller, o primeiro presidente do Rolf Institute (veja "Rolfing"). Deriva grandemente de Rolfing e de Aston-Patterning. Sua teoria propõe uma "energia masculina" e sustenta que o corpo é um "veículo", "holograma" ou canal para a "energia vital", através do qual a "auto-expressão" pode se "irradiar".

9.2.331 - Trabalho de Luz das Plêiades: Uma forma de abrir "canais ka", alegados condutores de "energia" a partir de "estantes holográficas multidimensionais" para o corpo "físico". De acordo com a teoria das Plêiades, o alinhamento do "eu divino" da pessoa e seu corpo "físico" aumenta a "taxa vibratória", restabelece a juventude, acelera a "evolução espiritual" e estimula a "cura emocional". Um promotor importante do método é o "psíquico" Amorah Quan Yin, autor de *Pleiadian Workbook: Awakening Your Divine Ka* (Bear & Company, 1995) e de *Pleiadian Perspective on Human Evolution* (Bear & Company, 1996). Nos anos finais da década de 1970, Yin relatou haver experimentado o "despertamento celular" ("a lembrança da alma de si própria"), ativado por "seres leves" das Plêiades (um agrupamento de estrelas em Touro). "Os Emissários das Plêiades" supostamente trabalham através dela. (A expressão egípcia "ka" significa "corpo astral" ou "duplicado.")

9.2.332 - Trabalho de Respiração (Respiração Consciente): "Modalidade curativa" multiforme, caracterizada por respiração estilizada. Seu alegado projeto é efetuar mudanças no físico, emocional e espiritual. A Respiração Consciente supostamente: (a) pode dissolver "programas limitantes" que são "armazenados" na mente e corpo; e (b) aumenta a habilidade da pessoa para manipular "mais energia". Existem várias modalidades de trabalho de respiração.

9.2.333 - Trabalho Respiratório da Alquimia: Sistema que supostamente transforma "situações kármicas" e, através do "uso focalizado" da "respiração" e da força vital, libera "energia suprimida". Inclui a respiração cardíaca da Alquimia.

9.2.334 - Trabalho Respiratório Holotrópico (Trabalho Respiratório de Grof, Trabalho Respiratório Holonômico, Terapia Holonômica, Terapia Respiratória Holotrópica, Terapia Holotrópica): Técnica psicoterápica desenvolvida nos anos 1970 pelo psiquiatra checo Stanislav Grof e sua esposa, Christina Grof, autora de *The Thirst for Wholeness*. Envolve trabalho respiratório (hiperventilação), tecnologia de som (principalmente música alta) e o desenho de mandalas (ajudas para meditação), e pode incluir "trabalho de corpo focalizado". O Trabalho Respiratório Holotrópico é um alegado acesso às "energias curativas naturais" da pessoa. Pode supostamente induzir "experiências transpessoais" que, de acordo com o Dr. Grof, são capazes de fornecer informações sobre qualquer "aspecto" do universo no presente, passado e futuro.

9.2.335 - Trager (Integração Psicofísica, Abordagem de Trager, Trabalho de Corpo de Trager, Método de Trager, Trager Psychophysical Integration®, Trabalho de Trager): "Abordagem da educação de movimentos" desenvolvida por Milton Trager. Antigo pugilista e acrobata, em 1958 tornou-se um dos oito primeiros iniciados de Maharishi Mahesh Yogi ("Ayurveda Maharishi") nos Estados Unidos.

9.2.336 - Treinamento de Reflexologia: Veja o Capítulo Sete.

9.2.337 - Upledger CranioSacral Therapy<sup>SM</sup>: Aparelmente, a marca de Terapia Crânio-Sacral promovida pela Aliança Internacional de Educadores em Saúde, que compartilha um endereço em Palm Beach, Flórida, com The Upledger Institute, Inc.

9.2.338 - Ventosas (Método de ventosas, Terapia por Ventosas; chamado "Método do Chifre" na China antiga): Método variável, similar ao moxibustão. O praticante pode usar uma xícara feita de vidro, metal ou madeira (notavelmente bambu) e queimar álcool, bolas de algodão embebidas em álcool, ervas, papel ou uma vela dentro da mesma. Antes ou depois de se completar a queima, o médico aplica a xícara de cabeça para baixo sobre uma superfície corporal relativamente plana, e deixa-a nesta posição por cinco a dez minutos. Os resultados incluem eritema (avermelhamento da pele devido à expansão capilar), edema (acumulação líquida excessiva nos espaços teciduais) e equimoses (descoloração purpúrea da pele devido à ruptura de vasos sangüíneos). A descrição acima relaciona-se a ventosas com fogo, que tem várias formas. Outras formas de ventosas incluem o método de ventosa por acupuntura, por bombeamento de ar e a ventosa por água.

9.2.339 - Visualização Criativa: Assunto do best-seller de mesmo nome, escrito por Shakti Gawain em 1978. (Gawain adotou o nome sânscrito "Shakti" na década de 1970 e definiu isto como "o aspecto feminino do deus Shiva".) Sob visualização criativa, a pessoa imagina claramente o que deseja "manifestar". Então supostamente a pessoa dá à idéia, imagem ou sentimento uma "energia positiva", através da focalização regular deste quadro, até que ele se torne realidade. A teoria da visualização criativa propõe uma "fonte espiritual": uma "provisão" de energia infinita, amor e sabedoria que podem ser descobertos nos "seres internos" de humanos. Nomes para métodos idênticos ou semelhantes à visualização criativa incluem: imaginação ativa, imaginação criativa, sonho diurno dirigido, sonho de vigília dirigido, imaginação dinâmica, fantasia guiada, imagem guiada, visualização guiada, construção de imagem, medicina de imaginação, projeção de símbolo iniciado, meditação do guia interno, meditação liderada, visualização mágica, imagem mental, trabalho do caminho, Imaginação Positiva, pensamento positivo, visualização positiva, visualização, terapia de visualização, terapia do sonhar acordado e imaginação voluntária.

9.2.340 - Wu Ming Qigong (Sistema de Wu Ming Qigong, Wu Ming Qigong Taoísta): "Prática de auto-cura" milenar, ensinada pelo American Taoist Healing Center, Inc., da Cidade de Nova Iorque. Supostamente ajuda os usuários a conectar corpo, mente e espírito. Sua teoria propõe uma transferência, do professor ao estudante, de "energia" que cura e guia este último. Os proponentes usam a expressão chinesa "wu ming", que significa literalmente "nenhum nome", para se referir à "força natural original" de onde flui a "essência" de todas as coisas.

9.2.341 - Xamanismo Tamang: Forma de xamanismo praticado pelos Tamang, um grupo de budistas tibetanos no Nepal. Toma empréstimos do budismo e do hinduísmo, e inclui karga puja. Os xamãs Tamang sempre imputam aos espíritos maus os distúrbios que dizem tratar.

9.2.342 - Yagya: Cerimônia védica (hindu) supostamente projetada para empenhar pelo menos uma divindade na promoção da saúde e restabelecimento do "equilíbrio ambiental".

9.2.343 - Yantra Ioga (Yantra Ioga Tibetana, Ioga Tibetana Yantra): Variação tibetana budista da hatha ioga. Os supostos benefícios de se praticar a Ioga de Yantra incluem "energia equilibrada" e "desenvolvimento espiritual".

9.2.344 - Zazen: Forma antiga de meditação que supostamente habilita a pessoa a tocar a "fonte da vida". Aparelmente, Zazen pretende ajudar também a "despertar" *jariki*, uma forma de "energia espiritual".

### 9.3 - Equipamentos de Pseudo-diagnóstico

Para uma visão geral dos sistemas de crenças do mundo – onde se incluem filosofias e crenças em geral, além de terapias místicas – veja o item bibliográfico indicado a seguir. (28) Se desejar conhecer mais sobre medicina tradicional chinesa e Ayurveda, segue uma boa indicação. (31)

Se você deseja conhecer alguns curiosos “equipamentos médicos” sem embasamento científico, adequados para o uso charlatanístico, poderá recorrer ao item bibliográfico ora indicado. (29) O uso de tais “equipamentos” é bem mais freqüente do que o leigo possa imaginar. São excelentes para o diagnóstico de doenças inexistentes, para a indicação de tratamentos inadequados e para a produção de fraudes. Geralmente são-lhe atribuídos complexos nomes que soam como algo “científico”, o que lhes aumenta a capacidade de atrair credibilidade e enganar os incautos que estão à procura de “novos métodos”, preferivelmente “naturais”.

## CAPÍTULO DEZ

### A FÍSICA QUÂNTICA JUSTIFICA AS TERAPIAS MÍSTICAS?

10.1 - Introdução

10.2 - O Que Vem a Ser a Física Quântica?

10.3 - Importância de Deepak Chopra Para as Medicinas Energéticas

10.4 - O Questionamento dos “Velhos Pressupostos” em Nossa Visão de Mundo

10.5 - Os “Novos Pressupostos” da Mundivisão de Chopra e Seu Perfeito Paralelo Com a Magia

10.5.1 - Primeiro pressuposto: ausência de absolutos

10.5.2 - Segundo pressuposto: a não-solidez do nosso organismo

10.5.3 - Terceiro pressuposto: o corpo resulta do grau de consciência

10.5.4 - Quarto pressuposto: total unicidade de corpo e mente

10.5.5 - Quinto pressuposto: total interconectibilidade dos seres

10.5.6 - Sexto pressuposto: a realidade é criada por nossas mentes

10.5.7 - Síntese dos pressupostos

10.5.8 - Identidade de Chopra com a magia

10.6 - A Visão de Chopra Confrontada Pela Visão Cristã Bíblica

10.7 - A Lamentável Confusão Entre Física Quântica e “Misticismo Quântico”

10.1 - Introdução

Quando vasculhamos os enevoados horizontes da história, observamos que ela tende a repetir freqüentemente os mesmos erros. Heresias de épocas passadas tornam a expressar-se em novas épocas, através de termos renovados, "atualizados", sincronizados com as novas realidades científicas. Adapta-se a linguagem, adaptam-se as “técnicas” e “métodos”, modificam-se as roupagens, mas o enredo prossegue o mesmo.

Lamentavelmente, muitos não se apercebem disso e saúdam algumas das antigas ilusões como sendo a última e mais revolucionária “descoberta científica”. Outros pretendem - e tenho enfrentado freqüentemente esta postura por parte de alguns, mesmo em meios cristãos - que os novos conhecimentos da atualidade explicam racionalmente fenômenos que, em virtude da anterior ausência de tais conhecimentos, faziam estes fenômenos serem considerados como místicos ou diabólicos. Sim, a mente do cristão, mais que qualquer outra, deve estar sempre aberta à compreensão de novas verdades:

“Julgai todas as cousas, retende o que é bom”. (1)

O problema é que aceitar e aplaudir novas idéias, tem sido considerado um símbolo de "mente aberta", não importa quão extravagantes elas sejam. Por contraste, as mentes que defendem conceitos antigos, sobretudo aqueles que se baseiam na Bíblia, em geral recebem a pecha de antiquadas, anticientíficas. Citam-se com freqüência os exemplos de teorias que eram consideradas heréticas no passado, e que hoje venceram todas as resistências e se tornaram verdades inquestionáveis. Bem poucos leigos conseguem sequer imaginar quanta manipulação pode existir – e existe – por detrás de muitos assim-chamados experimentos científicos! Também é certo que existem muitos cientistas honestos e comprometidos tão-somente com a seriedade de suas pesquisas.

É absolutamente correto que devemos ter a mente aberta quando buscamos a verdade. Jamais poderia eu defender a idéia de que o cristão devesse ter mente tacanha, estreita, incapaz de raciocinar por si mesma. Contudo, é bom recordar que o dilema da “mente aberta” vem desde o Éden, conforme pudemos observar no Capítulo Dois. Ao propor a Eva o uso da fruta proibida, Satanás (utilizando a serpente como médium) enfatizou a suposta melhora da capacidade mental de nossos ancestrais, a tal “mente aberta”.

“Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes, se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal”. (2)

Pelo menos nesta ocasião Satanás falou a verdade – Adão e Eva conheceram mesmo o bem e o mal a partir do uso do alimento proibido. Até então haviam conhecido apenas o bem. Adão e Eva quase que instantaneamente descobriram aonde os conduziu sua “mente aberta”, e por certo não foi nenhum progresso o que se observou neles e com eles após a malfadada experiência: “Abriram-se, então, os olhos de ambos; e... [perceberam] que estavam nus”. (3)

Uma “abertura de mente” que os fez verem que estavam nus! Que resultado! A grande desgraça, desde aquela oportunidade e até aos dias de hoje, é que o ser humano tem considerado como prova de “mente aberta” o questionar as orientações divinas ou até mesmo duvidar que façam sentido, MAS NÃO TEM MANIFESTADO MENTE ABERTA QUANDO SE TRATA DE SUSPEITAR DAS ARTIMANHAS DO ATROZ INIMIGO! Neste caso, quanto mais fechada a mente permanece diante das sugestões satânicas, mais isto é considerado como prova de “mente aberta”! Indecifrável paradoxo! Se tudo isso não passasse de um jogo de interesses de secundária importância, tudo bem. Mas estamos falando de valores eternos, e infelizmente muitos só descobrirão a terrível estreiteza de suas “mentes abertas” quando for demasiado tarde e nada mais puderem fazer para recuperar a eternidade perdida.

Certamente um dos mais freqüentes argumentos utilizados pelos defensores das terapias energéticas é o de que somos essencialmente energia, e que esta é infinitamente mais importante que a matéria. Mais que isto, julgam os terapeutas energéticos que a física quântica provê atualmente a base científica definitiva para justificar suas teorias. Temos de enfrentar o desafio e examinar esta posição. Creio que já começamos a fazê-lo quando consideramos, em 2.9, por que Deus utilizou matéria pré-existente ao formar o homem.

Uma análise cuidadosa e estribada em genuínos argumentos científicos, mostrará que as terapias energéticas prosseguem desafiando as leis da moderna física, não importa quanto pretendam encontrar-se embasadas nas mesmas. Este fato tem sido documentado por muitos autores, dentre os quais Robert L. Park (4), Victor J. Stenger (5, 6, 7) e Doug Ecklund (8). Utilizarei amplamente os argumentos destes autores na quinta, sexta e sétima seções do presente capítulo. Antes, convém conhecer os rudimentos da física quântica, e depois um pouco dos argumentos enganosos que a utilizam como base para as terapias energéticas, sobretudo os que são reproduzidos por seu maior propagador, o Dr. Deepak Chopra.

Toda a análise abrangida pelo presente capítulo lida com temas bastante complexos, por vezes de difícil compreensão para os que não dominam o raciocínio matemático da física – incluo-me entre estes. Se você considerar que a complexidade é excessiva, entenda que os capítulos anteriores fundamentaram de modo

consistente a noção de que as medicinas energéticas se baseiam em conceitos espiritualistas pagãos – esta é a mensagem principal deste livro. Neste caso, você poderá passar para o Capítulo Onze sem perder a seqüência daquilo que leu até o momento.

Acredito, porém, que este capítulo precisava ser escrito para benefício daqueles que têm ouvido freqüentes afirmações, por parte dos terapeutas energéticos, de que tais terapias são hoje perfeitamente explicadas pela física quântica. Estamos lidando, pois, com o último dos argumentos daqueles que defendem essas terapias. Vale a pena, creio, um esforço especial para tentar entender se isto é verdade ou não. Precisei também exercer tal esforço para redigir o presente texto, além de haver contado com o inestimável socorro de bons amigos.

## 10.2 - O Que Vem a Ser a Física Quântica?

O texto da presente seção, sob o título “Mecânica Quântica”, foi especialmente produzido para este espaço pelo Prof. Dr. Urias Echterhoff Takatohi, do Centro Universitário Adventista de São Paulo (9). Registre esta contribuição muito especial na Introdução, mas devo repetir aqui minha gratidão ao Professor Takatohi.

Os conceitos expostos podem ser considerados difíceis, mesmo quando eu tenha solicitado que fossem expostos de forma tão simplificada quanto possível. Esta dificuldade é inerente ao raciocínio abstrato. Entendi que seriam imprescindíveis algumas noções de física quântica para que se pudesse analisar a pretensão de muitos místicos da atualidade, de que este ramo da ciência oferece a necessária “interpretação científica” para as práticas médicas energéticas. Voltaremos a este ponto numa seção futura deste capítulo.

Após a leitura do texto do Professor Takatohi, para os que desejarem aprofundar-se mais na discussão da incoerência entre as idéias dos “curadores místicos quânticos” e a verdadeira mecânica quântica, recomendo os itens bibliográficos 5, 6 e 7 do presente capítulo; particularmente o item 6, que, além do texto, apresenta interessantes e esclarecedoras ilustrações.

MECÂNICA QUÂNTICA - A breve comparação da mecânica quântica com a clássica, que segue, padece do defeito de ser imprecisa e também não muito clara. Uma compreensão melhor do assunto requereria quantidade considerável de matemática e de vivência com as teorias em questão. Mesmo assim espera-se que o texto possa dar uma idéia dos pontos envolvidos. Uma compreensão superficial de um assunto pode resultar na dedução de conclusões não consistentes com ele. Apesar das limitações, espera-se que o texto ajude a evitar esse tipo de problema.

A mecânica clássica ou newtoniana foi formulada de forma bastante completa por Isaac Newton e exposta em sua obra “Princípios Matemáticos da Filosofia Natural”, publicada em 1687. Tratava-se da primeira grande teoria com estrutura matemática, mediante a qual podiam ser explicados os movimentos dos corpos na Terra e também os movimentos da Lua em torno da Terra e dos planetas em torno do Sol. Pode-se dizer que a obra marca o início da ciência moderna, como a conhecemos hoje. A partir desta obra, iniciou-se a busca de outras teorias igualmente abrangentes, aplicáveis a outros fenômenos naturais básicos, culminando com a procura de uma teoria do todo, a partir do século XX, esta ainda não obtida. (10)

Basicamente a mecânica clássica consiste em uma equação diferencial (um tipo de equação na matemática), que relaciona a posição de um objeto com o tempo e as forças que agem sobre o mesmo. É conhecida como a segunda lei de Newton. Se as forças que agem no objeto puderem ser descritas com precisão e se a posição e a velocidade do corpo forem conhecidas num dado instante, a trajetória do objeto poderá ser determinada mediante a solução da equação diferencial. Costuma-se chamar a mecânica clássica de determinista, devido a esta característica de permitir a previsão do futuro do movimento, se as condições iniciais forem conhecidas.

A aplicação bem sucedida da mecânica clássica a uma variedade de situações aumentou a confiança na teoria e permitiu o desenvolvimento de muitas realizações tecnológicas da humanidade, inclusive o envio de naves tripuladas ou automáticas para a Lua e outros planetas do sistema solar. Pelo final do século XIX, à mecânica clássica haviam-se juntado a teoria da termodinâmica e sua relação com a mecânica, mediante a mecânica estatística, e a teoria do eletromagnetismo, formulada por James Clerk Maxwell a partir de 1864, que unificou os fenômenos elétricos e magnéticos com os fenômenos envolvendo a luz, ondas de rádio e outras radiações eletromagnéticas descobertas posteriormente.

A mecânica clássica, ou newtoniana, na companhia das outras teorias da física, parecia ser a forma precisa de descrever: o movimento dos corpos celestes; de objetos macroscópicos em queda livre na gravidade terrestre ou rolando sobre superfícies inclinadas ou oscilando elasticamente em torno de posições de equilíbrio; a dinâmica de objetos carregados eletricamente em campos elétricos e magnéticos; a vibração de cordas e de membranas; o movimento de vibração sonora dos gases; o fluxo de fluídos; e muitos outros fenômenos.

Em meio a estes sucessos, a descoberta dos raios X, do elétron, da radioatividade e dos fenômenos da espectroscopia ao final do século XIX, começou a abrir o caminho para o entendimento da estrutura da matéria a nível atômico. Resultados experimentais e tentativas de interpretação dos mesmos, pela mecânica clássica, levavam a inconsistências que sugeriam a necessidade de uma nova mecânica. A história do desenvolvimento desta nova mecânica, pela colaboração às vezes independente e às vezes coordenada de pessoas como: Max Plank (1858-1947), Niels Bohr (1885-1962), Louis de Broglie (1892-1986), Werner Heisenberg (1901-1976), Wolfgang Pauli (1900-1958), Erwin Schrödinger (1877-1961), Max Born (1882-1970), Paul A. M. Dirac (1902-1984), é bastante fascinante.

A teoria resultante, chamada mecânica quântica, é matematicamente bem mais complexa e mais abstrata que a mecânica clássica. O conceito de trajetória de um objeto ou uma partícula não existe. A equação básica também é uma equação diferencial, que, ao invés de relacionar a posição da partícula em função do tempo, descreve movimentos ondulatórios de uma quantidade a que Schrödinger chamou de campo escalar. Cada sistema de partículas resulta numa equação que conterá a informação sobre as forças que agem no sistema. A solução da equação, também chamada de função de onda, resulta em um conjunto de funções próprias que, combinadas (a soma delas multiplicada por constantes determinadas), podem representar qualquer estado do sistema.

Uma forma de interpretar estes resultados “visualiza” o conjunto de funções próprias obtidas como a base de um espaço vetorial (em geral de infinitas dimensões), e um determinado estado do sistema é um vetor específico deste espaço vetorial. A função de onda de um estado não possui em si um significado físico. O chamado campo escalar é apenas uma ferramenta matemática de trabalho. Manipulações matemáticas com a função que representa o estado de um sistema permitem o cálculo de probabilidades, tais como a probabilidade de encontrar uma partícula do sistema numa região do espaço, a probabilidade de o sistema ter um determinado valor de energia e outras grandezas de interesse físico. A teoria firmou-se pelo sucesso obtido na descrição do comportamento de átomos, de núcleos de átomos, enfim, praticamente de todo tipo de sistemas compostos de partículas atômicas.

Apesar da estrutura conceitual e matemática da mecânica quântica ser bastante diferente da mecânica clássica, foi demonstrado que, quando aplicada a sistemas macroscópicos, produz resultados idênticos aos da mecânica clássica. A mecânica clássica é, então, um caso particular da mecânica quântica para sistemas macroscópicos.

A mecânica quântica produz alguns resultados não intuitivos, tais como:

A realização de uma medida num sistema quântico sempre interfere no estado do sistema.



É impossível medir certos pares de grandezas físicas simultaneamente com precisão. Por exemplo: se medirmos a posição de uma partícula com muita precisão, não poderemos saber simultaneamente o produto de sua massa por sua velocidade (massa vezes velocidade é o momento da partícula) com muita precisão. Por sua vez, se medirmos o momento da partícula com muita precisão, é impossível ter um valor preciso de sua posição. Este é o chamado *princípio da incerteza de Heisenberg*. Conseqüentemente, não é possível determinar a trajetória de uma partícula, como na mecânica clássica.

Partículas com energia insuficiente para ultrapassar certas barreiras possuem uma probabilidade finita de ultrapassá-las. Este é o chamado *efeito túnel*. Atualmente o fenômeno é tão bem conhecido, que é utilizado em um tipo de microscópio, usado para exame de superfícies, o chamado “microscópio de tunelamento eletrônico”, onde elétrons saltam entre uma agulha e a superfície de um material mesmo sem terem energia suficiente para isto.

|                                 | Mecânica Clássica                                                                                                                               | Mecânica Quântica                                                                                                                                                                                                                                                                                  |
|---------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Equação do movimento            | $m \frac{d^2 x}{dt^2} = - \frac{dV(x)}{dx}$ <p>Segunda Lei de Newton<br/> <math>t</math> – tempo<br/> <math>V</math> – Energia Potencial</p>    | $m \frac{d^2 x}{dt^2} = - \frac{dV(x)}{dx}$ <p>Equação de Schrödinger.<br/> <math>t</math> – tempo<br/> <math>\psi</math> – função de onda<br/> <math>V</math> – Energia Potencial</p>                                                                                                             |
| Solução da equação do movimento | $x = x(t)$ – dada a posição e a velocidade num dado tempo, obtém-se a trajetória definida da partícula (previsão certa do futuro da partícula). | $\psi = \psi(x, t)$ – função de onda que representa o estado do sistema mas não fornece diretamente nenhuma grandeza física relacionada ao sistema.                                                                                                                                                |
| Conclusões                      | Quaisquer grandezas físicas relacionadas ao movimento da partícula podem ser deduzidas como funções de $x$ .                                    | <p>Densidade de probabilidade de encontrar a partícula em uma posição <math>x</math> dada por</p> $m \frac{d^2 x}{dt^2} = - \frac{dV(x)}{dx}$ <p>Probabilidades de outras grandezas físicas são deduzidas de forma semelhante, com o uso de operadores matemáticos correspondentes à grandeza.</p> |

Para os leitores com alguma familiaridade com a linguagem matemática, a tabela acima faz uma comparação resumida entre a mecânica clássica e a quântica para uma partícula de massa  $m$  movendo-se em linha reta numa posição  $x$  sobre a reta, submetida a uma força que depende somente de sua posição.

Uma extensão das idéias da mecânica quântica resultou na teoria quântica de campos, que procura descrever as partículas elementares que compõem tudo o que é observado no universo, explicando a existência da antimatéria e os processos de criação de matéria a partir de energia, assim como a transformação da matéria em energia.

Urias Echterhoff Takatohi

Professor de Física no Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP)

### 10.3 - Importância de Deepak Chopra Para as Medicinas Energéticas

O médico Deepak Chopra é hoje o expoente máximo da corrente de profissionais de saúde místicos que se alicerçam na pseudociência a fim de justificarem as suas concepções de medicina energética, sobretudo na suposta explicação para a mesma encontrada na física quântica.

Chopra foi membro da Meditação Transcendental até 1993, quando abandonou esta corrente mística em virtude de um alegado conflito com o Maharishi, fundador da mesma. Neste mesmo ano ele publicou seu grande sucesso, o livro *Ageless Body, Timeless Mind: The Quantum Alternative to Growing Old*. Depois de aparecer no *The Oprah Winfrey Show* (que também incentivou a carreira de Marianne Williamson, defensora do programa de ocultismo *A Course in Miracles*), Chopra vendeu 130.000 exemplares de seu livro num único dia!

Os ensinamentos de Chopra, que serão resumidos na quarta e quinta seções, encontram sua principal base na Ayurveda, forma indiana de medicina popular que sustenta serem os humanos capazes de curar todos os seus problemas de saúde ao abrirem-se ao fluxo da fonte de energia universal. Em 1995, ele escreveu *The Seven Spiritual Laws of Success*, onde afirma que ao a pessoa abrir-se ao influxo da energia universal, capacita-se a alcançar ilimitada riqueza e sucesso material. (11)

Riqueza quase ilimitada e sucesso material certamente têm sido experimentados por Chopra, aparentemente em virtude de sua “abertura ilimitada ao fluxo de energia universal”, cuja identificação completa empreendemos no Capítulo Três. No momento em que redijo este texto, Chopra escreveu aproximadamente 30 livros, traduzidos para no mínimo 35 idiomas. É também autor de mais de uma centena de fitas de áudio e vídeo, e apresentador de vários programas de televisão aclamados pelo público. Em 1999 a revista *Time* selecionou o Dr. Chopra como um dos “Cem Destaques e Heróis do Século”, descrevendo-o como “o poeta-profeta da medicina alternativa”. Chopra atua como fundador e presidente do *The Chopra Center for Well Being* [Centro Chopra de Bem-estar], em La Jolla, Califórnia. (12)

Num jantar de Estado levado a efeito na Índia em 21 de março de 2000, o então presidente americano Bill Clinton fez a seguinte observação: “Meu país têm sido enriquecido pela contribuição de mais de um milhão de americanos indianos, inclusive o Dr. Deepak Chopra, pioneiro da medicina alternativa”. (13)

Estes fatos revelam os níveis de aclamação e popularidade desfrutados por Deepak Chopra, ao projetar-se como praticante da chamada medicina holística. Um sucesso estrondoso, inegavelmente. Este indivíduo inovou grandemente em sua abordagem médica da mente-corpo. Entretanto, deve-se destacar que ele combina conceitos da medicina moderna com Ayurveda, com idéias da física quântica e com a “sabedoria antiga”, criando uma fusão de pensamentos e práticas holísticas caracteristicamente recheadas de idéias da Nova Era. OU, se você preferir, de idéias abertamente espiritualistas.

#### 10.4 - O Questionamento dos “Velhos Pressupostos” em Nossa Visão de Mundo

O exame dos escritos de Chopra revela uma filosofia não confinada aos aspectos físicos de nossa existência. Sua doutrina claramente irradia uma natureza metafísica do ser e de nossa posição no cosmo. Seu intento deliberado e explícito é construir uma nova visão de mundo, o que pode ser conferido em sua página eletrônica: “É a missão de nossa organização curar, amar, transformar e servir. Dedicamo-nos a *modificar a visão de mundo prevalecente*, desta que vê os seres humanos como máquinas físicas dotadas de pensamento, para aquela que compreende que somos energia consciente – Espírito – disfarçada de indivíduos”. (14)

Bem, como, cristãos, nossa missão igualmente é a de combater a visão de mundo prevalecente, a naturalista. Acreditamos que somos criados por Deus, com atributos divinos, que através do pecado nos afastamos de Seu plano original e necessitamos de redenção. Falamos sobre isto no Capítulo Dois. Mas a visão do autor que ora analisaremos, é bem diferente!

A união desta “forma de ser”, identificada como energia consciente (ou Espírito), com alguns conceitos que parecem ser de física quântica, cria o aparente substrato científico para a sutil (e ao mesmo tempo vigorosa) teoria de Chopra. Suas pretensões não são modestas, como se depreende deste trecho:

“Exploraremos um lugar onde as regras atuais de existência não se aplicam. Tais regras explicitamente declaram que crescermos, tornarmo-nos velhos e frágeis e morrermos, é o destino final de todos. E assim tem sido século após século. Desejo, contudo, colocar de parte nossas pressuposições a respeito daquilo que chamamos realidade, de modo a podermos nos tornar pioneiros numa terra em que o vigor da juventude, a renovação, a criatividade, a alegria, a realização e a ausência do fator tempo constituam a experiência comum do viver diário, e em que a idade avançada, senilidade, enfermidade e morte não existam e nem mesmo sejam vislumbradas como possibilidade. Se tal lugar existe, o que nos impede de alcançá-lo? . . . Seu organismo está envelhecendo porque foi programado a viver de acordo com este condicionamento coletivo”. (15)

Como haverá de ser a evolução do discurso de Chopra à medida que ele envelhecer? Para o cristão razoavelmente atento, bastariam as declarações acima para que se revelasse a falácia de qualquer posterior pretensão científica – via “física quântica” – para a sustentação das teses de Chopra e outros que lhe seguem os passos. Negar a realidade da morte tem sido o deliberado esforço de Satanás desde o Éden, embora ele próprio a tenha causado por sua desobediência. Criou a dramática situação e depois pretendeu ter o poder de consertá-la ou, melhor ainda, até mesmo negá-la. Arruinou a humanidade mediante sua rebelião, e depois pretende ser o grande benfeitor da mesma. E o faz, como lhe é habitual, em direto confronto com a Palavra de Deus, a qual afirma a inexorável existência da morte sob a condição de pecado. “A morte é o destino de todos os homens”. (16) “Portanto, assim como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porque todos pecaram”. (17)

É bem verdade que a morte não fazia parte do plano original de Deus para Suas criaturas e será em breve extinta - mas do modo como ELE decidiu fazê-lo, e não através do apelo à suposta eternidade da “energia universal” que nos é inerente! Tampouco nos livraremos dela ao nos “libertarmos” do “condicionamento coletivo” de nossos organismos à idéia de que a vida é limitada! Receberemos a vida eterna como dom gratuito de Deus adquirido pela vida e morte de Jesus Cristo! (18)

Para Chopra, dentre as principais “suposições descartáveis”, das quais precisamos libertar-nos na obtenção da nova visão de mundo, encontram-se estas:

- Existe um mundo objetivo independente do observador, e nossos organismos constituem um aspecto deste mundo objetivo. Conforme bem observou o Professor Takatohi, “este pressuposto é um dos pressupostos do teísmo cristão. Este mundo objetivo independente é criação de Deus”. (19)
- O corpo é constituído de porções de matéria separadas umas das outras no tempo e no espaço.
- Mente e corpo acham-se separados e independentes um do outro.
- A matéria é primária, a consciência é secundária. Em outras palavras, somos máquinas físicas que precisam aprender a pensar.
- A consciência humana é algo que pode ser completamente explicado como produto da bioquímica.
- Enquanto indivíduos, somos seres desconectados uns dos outros e restritos a nós mesmos.
- Nossa percepção do mundo é automática e nos oferece acurada visão de como as coisas realmente são.

A busca de autenticidade para a proposta desta mudança em nossa visão de mundo é situada por Chopra na ciência, pois para ele “centenas de achados científicos nas últimas três décadas verificaram que o envelhecimento é muito mais dependente do indivíduo do que jamais no passado se acreditou ser possível”. (20)

Existe alguma verdade nesta afirmação, assim como em alguns dos questionamentos das “suposições descartáveis” acima citadas. De modo algum, porém, na extensão e do modo como Chopra pretende que as coisas sejam: “Para se desafiar em seu próprio cerne o processo de envelhecimento, toda esta visão de mundo precisa antes ser desafiada, pois coisa alguma exerce maior poder sobre o corpo do que as crenças da mente”. (21) Misturar alguns pontos de verdade com os mais envolventes e fatais enganos, tem sido uma conhecida estratégia de Satanás – exatamente como ocorre aqui.

Observe agora esta declaração: “É importante *substituir as crenças erradas pela verdade. Somente ao livrar-se de crenças fora de moda e auto-limitadas, é que a vida pode adquirir novo significado. . . As crenças constituem a chave do poder mágico*”. (22) (Destaques supridos. Observe, desde já, que “crenças erradas”, para este autor, são as eternas verdades da Palavra de Deus, ao passo que “verdade” são as ardilosas teses de Satanás!)

Embora o texto soe exatamente à la Chopra, o autor da citação acima é outro. Trata-se de Phillip Cooper, conhecido autor de magia e feitiçaria. A identidade de pensamento não é mera coincidência. Todo o raciocínio e propostas terapêuticas de Chopra coincidem estreitamente com o que se aprende nos livros de magia! Este fato foi revelado com muita propriedade por Doug Ecklund, mais que por outros autores que também o fizeram. No parágrafo anterior, as crenças “antiquadas” é que limitam a vida que se pretende infinita independentemente de Deus! O apelo a alguns conceitos de física quântica, na verdade constitui mero biombo para disfarçar, sob pretenso manto científico, artimanhas muito antigas que começaram a ser propagadas na Terra ainda no Jardim do Éden, junto à árvore do conhecimento do bem e do mal.

Isto posto, podemos examinar as “novas pressuposições” que Chopra apresenta em substituição à nossa “antiga percepção de mundo”. Também será interessante comparar estes pontos de vista de Chopra com os de praticantes da feitiçaria e magia – a identidade é óbvia. Ecklund nos ajudará grandemente nesta análise. De um ponto de vista cristão, bíblico, não há como aceitarmos propostas de magia e feitiçaria, nem de com elas compartilharmos. Sempre que a verdade de Deus chegou aos corações das pessoas, estas se desvencilharam de tais práticas. Um bom exemplo é oferecido no livro de Atos: “Muitos dos que creram

vieram confessando e denunciando publicamente as suas próprias obras. Também muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diate de todos”. (23)

Ficará claro que, ao mesmo tempo em que existe alguma razão para questionarmos certos pontos da presente visão de mundo, as “novas pressuposições” alteram – ou tentam alterar – completamente os nossos referenciais, sobretudo aqueles que, como cristãos, temos sustentado com base no que acreditamos serem as verdades inamovíveis de Deus, expressas em Sua Palavra, a Bíblia.

## 10.5 - Os “Novos Pressupostos” da Mundivisão de Chopra e Seu Paralelo Com a Magia

10.5.1 - Primeiro pressuposto: ausência de absolutos. O primeiro “novo pressuposto” remove a existência de absolutos. “Uma vez que não existem qualidades absolutas no mundo material, é falso dizer que existe um mundo independente ‘lá fora’”. (24) Claramente, esta suposição tenta tornar irreversível a crença de que a realidade não existe independentemente de nós. É o indivíduo quem cria a realidade; os cinco sentidos não captam a realidade; nossa percepção é quem o faz. “Temos de concluir que a percepção é infinitamente flexível, servindo a mente da forma como esta o deseja. Criamos novos mundos dentro de nosso universo particular, mundos que então os cinco sentidos confirmam como sendo reais”. (25)

Mudança de percepção é fundamental para o avanço das práticas mágicas, conforme podemos observar expressa e explicitamente nesta fonte: “A obra de magia envolve transformação, e a primeira destas transformações é uma *modificação da percepção*”. (26) Ocorre, pois, um perfeito empate entre Chopra e a magia, nesta primeira pressuposição.

10.5.2 - Segundo pressuposto: a não-solidez do nosso organismo. O segundo “novo pressuposto” de Chopra serve para estimular uma mudança de percepção: “Em seu estado essencial, nossos organismos são compostos de energia e informação, *e não de matéria sólida*. Esta energia e informação constituem uma somatória dos infinitos campos de energia e informação espalhados pelo universo”. (27)

Ao passo que neste segundo pressuposto ocorre o mais direto apelo de Chopra aos conceitos de física quântica, devemos observar que de forma alguma este pressuposto é “novo”. Já o encontramos há milhares de anos dentro do monismo, conceito pagão espiritualista examinado no Capítulo Três. O apelo à física quântica aparece aqui: “O seu corpo parece ser composto de matéria sólida, capaz de ser fracionada em moléculas e átomos, mas a física quântica afirma que qualquer átomo é constituído em mais de 99,9999 por cento de espaço vazio, e que as partículas sub-atômicas que se movem à velocidade da luz neste espaço, na verdade são feixes de energia vibratória. Contudo, estas vibrações não se deslocam de modo randômico e sem sentido; elas carregam informações”. (28)

A mudança de percepção aqui proposta é que a matéria é composta de energia. Ele avança um passo mais, afirmando que um *quantum* é “definido como a unidade básica da matéria, ou energia à espera do momento para assumir forma física” e que “neste nível, matéria e energia tornam-se intercambiáveis. Todos os *quanta* são constituídos por vibrações-fantasmas que aguardam o momento de adquirirem forma física. Ayurveda diz que o mesmo é verdade em relação ao corpo humano – primeiro ele assume a forma de vibrações intensas, porém invisíveis, chamadas de flutuações quânticas, antes de avançar para o ponto em que estas coalescem para formar impulsos de energia e partículas de matéria”.

A consequência lógica desta nova percepção é esta: somos compostos de matéria; matéria é composta de energia; uma vez que matéria e energia são intercambiáveis, nós somos energia. Nossos corpos devem ser vistos como a materialização de energia amalgamada. Somos formas físicas de energia. (29)

A Teoria da Relatividade, proposta por Einstein, certamente concorda em que matéria e energia são intercambiáveis ( $e = mc^2$ , onde  $e$  é energia,  $m$  é matéria e  $c^2$  é a velocidade da luz ao quadrado). Acredito que, pelo menos no sentido de transformação de energia em matéria, o relato bíblico também concorda com isto. “Disse Deus: Haja luz; e houve luz”. (30) Deus prossegue “dizendo”, com o que as coisas materiais aparecem. O “pequeno detalhe” é que DEUS constitui esta energia sempiterna, e não a energia *de per se*. Mais ainda, conforme vimos em 2.9, na criação do homem, diferentemente do restante da criação, Deus fez uso de matéria pré-existente. Este único ponto constitui toda a diferença entre a correta e a errada forma de ver o ser humano – e o universo inteiro - e seu eterno propósito!

Já neste ponto, analisando as idéias de Chopra até aqui expostas, o verdadeiro cientista considera que tais idéias são uma mistura de dados da física moderna com insinuações estranhas à física. Na Teoria Quântica de Campos, as partículas constituintes da matéria são o resultado de “vibrações de campos” – não necessariamente *campos de energia*. “Vibrações” de outros tipos de campos produzem outras partículas elementares, tais como os elétrons, os *quarks* (constituintes dos prótons e nêutrons) e outras. A informação contida neste campos são as informações sobre as forças de interação entre as partículas. Não é informação capaz de gerar por si organismos complexos como os seres vivos ou capaz de gerar a mente e a consciência de seres como os humanos. O tipo de informação contido nos seres vivos é de outra natureza. O DNA contém uma escrita semelhante à nossa comunicação escrita – seqüências de 4 símbolos que devem ser lidos por grupos de 3, resultando em 4 à terceira potência = 64 símbolos diferentes. Não há nas forças das ligações químicas nada que especifique em que ordem os 4 símbolos devem ser arrumados em seqüência. Se houvesse, não seria possível formar uma escrita com informações diversas, com instruções para a construção de milhares de diferentes proteínas. (31)

Excluindo-se Deus, a quem Chopra certamente NÃO CONHECE, seu segundo pressuposto volta a encontrar perfeita identidade com os conceitos dos praticantes da feitiçaria, o que não constitui mera coincidência. Confira: “A energia é abundante. Pode-se dizer que todas as coisas consistem de energia vibratória em vários comprimentos de onda. *Somos formas de energia*”. (32)

Outra fonte de referência em magia corrobora quase que palavra a palavra aquilo que Chopra diz: “Prosseguimos afirmando que ver é crer. Prosseguimos sustentando que o teste final da realidade é ver, tocar, provar, ouvir e cheirar. Mas algumas descobertas forçaram os cientistas a avançar. A primeira destas é que o mundo sólido à nossa volta não é sólido coisa alguma. Átomos, que uma vez foram imaginados como os próprios ‘tijolos’ constituintes da realidade, eram capazes de partir-se. Dentro deles era quase tudo espaço e umas poucas partículas sub-atômicas. A maioria destas descobertas são categorizadas dentro da física quântica. Esta ensina que quando você ‘cava’ suficientemente no universo, nada existe neste. Suas estruturas são estruturas de informação. Se o universo, afinal, se parece com algo, é com um sonho. Você e eu vivemos neste universo irreal, equipados desde o momento de nosso nascimento com o que parece ser um corpo sólido. Mas a solidez do corpo encontra-se na mesma categoria da solidez do mundo. É apenas a percepção dos sentidos. Se você pudesse ver seu corpo como ele realmente é, perceberia que quase tudo é um espaço vazio”. (33)

Mais uma citação desta fonte de feitiçaria confirma sua identidade com os pontos de vista de Chopra, neste segundo pressuposto modificado – e sempre com o apelo às descobertas da física quântica: “Em suma, a matéria sólida não existe, do modo como a percebemos. Partículas sub-atômicas são entidades abstratas, e o modo como aparecem e se comportam depende de como as observamos. O fator determinante é o modo como nossa consciência as percebe. . . Uma revelação ainda mais recente é a teoria quântica de campos, que substitui completamente a noção tradicional de que as partículas sólidas e o espaço que as circunda são separados e distintos. Objetos sólidos, pois, são apenas condensações temporárias de energia que entra e

sai neste campo. Isto é muito parecido com o dito oriental de que ‘forma’ e ‘vazio’ são a mesma coisa”. (34)

Observe, mais uma vez, a discordância diante da visão bíblica. Para esta, a “ausência de forma” (“sem forma”) e o “vazio” é que podem ser vistos como similares, mas não a “forma” e o “vazio”: “A Terra . . . era sem forma e vazia”. (35)

Uma vez mais é interessante ouvir o cientista: “É verdade que a maior parte de um átomo é espaço vazio. Mas a matéria apresenta ‘solidez’ devido a um fenômeno da mecânica quântica, denominado ‘princípio de exclusão de Pauli’, que afirma que as partículas que possuem *spin* meio inteiro (*spin* é mais uma destas propriedades misteriosas da matéria, tais como massa, carga elétrica, etc.), não podem estar, num sistema de partículas, no mesmo estado. Como os elétrons, prótons e nêutrons têm todos *spin* meio, são partículas que obedecem a este princípio. Quando dois corpos (ou dois átomos) se aproximam muito, os elétrons dos dois, para não ficarem no mesmo estado, precisam ir para níveis de energia mais elevados. Isto gera uma força repulsiva que confere ‘solidez’ às coisas. Afirmar que os espaços vazios dos átomos indicam que o universo é feito de nada, é forçar a física para reforçar os velhos conceitos panteístas de que as coisas materiais são ilusórias, tais como emanções da divindade difusa”. (36)

O conceito de energia de Chopra advém dos antigos ensinamentos indianos: “*Prana* encontra-se presente em todos os eventos físicos e mentais. Por vezes você verá *Prana* definida como ‘força vital’ ou ‘energia vital’. . . Na Índia o corpo é percebido, primeiro como um produto da consciência, e apenas secundariamente como um objeto material”. (37) Ou seja, nosso corpo deve ser considerado como manifestação da subjacente “energia vital” – conceito este, como já observamos tantas vezes, onipresente nas formas energéticas de medicina, e particularmente na homeopatia.

10.5.3 - Terceiro pressuposto: o corpo resulta do grau de consciência. O terceiro “novo pressuposto” de Chopra afirma: “A bioquímica do organismo é produto do grau de consciência (‘awareness’). Crenças, pensamentos e emoções criam as reações químicas que sustentam a vida em cada célula”. (38) Ainda segundo ele, “as novas realidades desvendadas pela física quântica tornaram possível, pela primeira vez, manipular a inteligência invisível subjacente ao mundo visível”. (39) Uma vez mais, aqui encontramos uma mistura indigesta de física quântica com crenças hinduístas.

A suposta localização e essência da “inteligência invisível” é também apresentada: “O vazio dentro de cada átomo pulsa com a inteligência invisível. Os geneticistas localizam-na primariamente dentro do DNA, mas o fazem apenas por uma questão de conveniência. Existe uma inteligência única compartilhada pelo organismo como um todo. É o fluxo dessa inteligência que mantém você vivo. Na Índia ela é conhecida como *Prana* (‘força vital’), e pode ser aumentada ou diminuída segundo a vontade, movimentada para lá e para cá, e manipulada para manter o corpo físico em ordem e jovem”. (40) A “manipulação da energia vital” do organismo constitui, em suma, o objetivo de TODAS as terapias energéticas, inclusive as que fazem uso de aparentes medicamentos, como a homeopatia.

Cotejando-se as declarações referentes à tal “inteligência” com as da feitiçaria, o paralelo perfeito é novamente estabelecido: “A ‘matéria’ básica do universo-matéria-energia, na verdade é informação – informação codificada nas estruturas do DNA, que dão forma a toda a vida criada”. (41) Pode-se extrapolar desta declaração que a inteligência criativa sob discussão é ENERGIA.

Só para associarmos ainda mais uma vez estas crenças com as da Ayurveda, observemos que os quadros de anatomia desta filosofia de saúde NÃO apresentam os órgãos, como num Atlas de anatomia destes que conhecemos e usamos; surpreendentemente, o que encontraremos nos “livros de anatomia” desta filosofia hinduísta, serão diagramas de onde “a mente está fluindo à medida que cria o corpo”. (42)

10.5.4 - Quarto pressuposto: total unicidade de corpo e mente. O quarto “novo pressuposto” de Chopra declara: “A mente e o corpo são inseparavelmente unos. A unidade que sou ‘eu’ separa-os em dois fluxos de experiência. Num nível mais profundo, entretanto, os dois fluxos unem-se numa única fonte criativa. É a partir desta fonte que devemos viver”. (43)

Chopra esclarece melhor o conceito da tal “inteligência”, previamente mencionada. “Quando você entra em contato com sua inteligência interior, entra em contato com o centro criativo da vida”. Também clarifica melhor a sua compreensão de “grau de consciência” (“awareness”): “No velho paradigma, o controle da vida era atribuído ao DNA. Neste novo paradigma, o controle da vida pertence ao ‘grau de consciência’”. Mais uma vez, esclarece que Ayurveda é a base de suas crenças. “Prana flui diretamente do espírito, ou consciência pura, para trazer inteligência e conscientização a cada aspecto da vida”. Inteligência, consciência e centro criativo são todos compostos por energia: e todos são sinônimos de nosso espírito. O espírito é a sede das emoções, pensamentos, vontade, intentos e desejos. O discernimento revela que nossa “energia vital” flui do centro criativo de nosso espírito. (44)

Estabelece-se novamente neste pressuposto, em termos do “centro criativo”, o paralelo com o pensamento da feitiçaria: “O centro tem sido chamado espírito, essência, alma, consciência. É o seu ser profundo, o seu todo, a porta de acesso para todo o conhecimento”. (45)

10.5.5 - Quinto pressuposto: total interconectibilidade dos seres. O quinto pressuposto de Chopra afirma: “Embora cada pessoa pareça separada e independente, todos nós achamo-nos conectados a padrões de inteligência que governam todo o cosmo. Nossos corpos são parte de um corpo universal, nossas mentes um aspecto da mente universal”. (46)

Aqui encontramos uma peça de MONISMO PURO. De acordo com uma das sete leis herméticas da feitiçaria, a lei hermética da causa e efeito, “achamo-nos literalmente ‘plugados’ no universo inteiro”. (47) Chopra aplica o termo “campo unificado” ao padrão cósmico de inteligência que integra humanidade e natureza: “Acredita-se agora que um super-campo único, chamado campo unificado, existe; é esta a realidade última subjacente a toda a natureza – uma vez que também somos parte da natureza, temos de ser parte do campo unificado. Ele está à nossa volta o tempo todo”. (48)

Noutro de seus textos, Chopra descreve esta força de inteligência como sendo ativa na origem e sustentação da criação, não apenas em nós, como no universo inteiro. Tendo como pano de fundo a análise da lei da entropia – a segunda Lei da Termodinâmica, segundo a qual toda matéria tende a seu mais baixo nível de organização – ele afirma: “Claramente, existe uma força contrária puxando avante a evolução, criando vida, afastando a ameaça da entropia. A contra-força é a inteligência, que ao nível quântico é muito mais que um fenômeno mental. A inteligência conserva unida a impressão de cada célula em seu DNA, e muitos cientistas agora crêem que o mesmo se aplica ao universo inteiro. Inteligência é sinônimo de poder criador”. (49)

Como cristãos, “estamos de acordo em que, para contrariar a tendência de aumento de entropia num sistema fechado, é necessária a ação de uma inteligência. Mas tal inteligência deve ser externa ao sistema. Somente um Criador que transcende o universo pode criá-lo e mantê-lo.”. (50)

Por outro lado, o caráter da “inteligência universal” dos místicos é melhor esclarecido num livro de magia, em que a Divindade é diretamente atribuída a essa inteligente força vital, que foi mencionada de modo um tanto ambíguo por Chopra. Observe: “A Terra e todas as coisas viventes compartilham a mesma força vital; a Terra e todas as coisas viventes são compostas da Divina Inteligência”. (51) Sim, o alinhamento das idéias de Chopra com a feitiçaria é completo, como podemos observar: “Todo o conhecimento existe na Mente Divina, que constantemente flui para dentro e para fora de nossas próprias mentes, uma vez que



nossa mente individual não é separada da Grande Mente que nos criou”. (52) Em outras palavras, somos um com a “Grande Mente”, assim entendida como “Deus”. Ou, mais diretamente, SOMOS DEUS!

Ecklund salienta: “É assim que, através de seus escritos, Chopra estabeleceu os fatores críticos que permitem a prática da magia: primeiro, de que somos compostos por informação; segundo, de que exibimos unidade com qualquer coisa. . . Estes pontos de vista são fundamentais para a prática da magia, e refletem outra das sete Leis Herméticas”. (53) A importância destes pontos é confirmada, uma vez mais, em livros de magia – aliás, podemos agradecer antecipadamente a estes autores pela linear clareza com que confirmam o ponto:

“Você é, em seu próprio fundamento, um padrão de informação usado pelo Grande Não-manifestado para gerar um evento espaço-tempo. Desta perspectiva, você é um com todas as coisas. É esta unidade que constitui o fator que permite a magia. Embora estas idéias tenham reaparecido na física quântica, são as mesmas idéias, expressas em diferentes linguagens, ensinadas pelos místicos e mágicos ao longo de milênios”. (54) “É central à filosofia mágica tradicional o conceito chamado de Princípio do Macrocosmo e Microcosmo, o qual sustenta que cada ser humano é uma reprodução perfeita do universo inteiro, e vice-versa. . . Cada energia mágica no universo possui seu exato equivalente dentro de cada ser humano”. (55)

Outra das Leis Herméticas, o Princípio da Correspondência, pode ser identificada na estrutura do raciocínio médico abraçado por Chopra: “A medicina, portanto, consiste em permitir que semelhante fale a semelhante. Tome o medicamento em sua íntegra, tal como a Natureza o provê, e através de sua similaridade conosco mesmos, ele restaurará a saúde”. Exatamente o mesmo “princípio” da homeopatia, conforme vimos sobejamente antes. A única diferença é que em Ayurveda tomam-se as plantas em seu estado natural, integrais. A medicação (uma planta, por exemplo), é considerada como equivalente a nós mesmos: escolhendo e administrando a planta que melhor expressa o aspecto equivalente desejado, o poder da planta alinha-se com a nossa energia vital, resultando no poder curativo que restaura a harmonia. Tanto para um feiticeiro quanto para Chopra, o critério de seleção de uma planta medicinal baseia-se nos conceitos da Lei Hermética. (56)

10.5.6 - Sexto pressuposto: a realidade é criada por nossas mentes. A sexta e final pressuposição de Chopra declara: “O mundo físico, incluindo-se os nossos corpos, constitui uma resposta ao observador. Nós criamos os nossos corpos à medida que criamos a experiência de nosso mundo”. (57) Esta pressuposição assevera que o indivíduo exerce uma habilidade criadora ao moldar o mundo material em que vive. Isto é, claramente, feitiçaria ou magia. Perfeitamente de acordo com Chopra, encontra-se mais uma vez o pensamento dos mágicos: “O mágico natural tece uma rede de poder para remodelar o universo de sua experiência, de acordo com a sua vontade”. (58)

10.5.7 - Síntese dos pressupostos. Ecklund assim sumariza os seis pressupostos estabelecidos por Chopra: “Temos de modificar nossa percepção da realidade, de modo a compreender que toda matéria é energia. Temos de entender que somos energia. Esta energia derivou do poder do cerne de nosso ser. Este cerne – ou centro – acha-se conectado com a ‘fonte’ da vida. Unindo o poder da energia de nosso centro com o poder da ‘fonte’ e dirigindo-a ao mundo externo, ocorre a consumação da manifestação de nossa vontade e desejo. Em termos simplificados, esta é a fórmula da magia”. (59)

Os mágicos deixam claro que a magia envolve a manipulação de energia, de forma a criar o mundo material desejado: “Através de nosso ativo envolvimento com a natureza, determinamos o que seja a natureza; tomamos as coisas físicas e as convertemos em energia; tomamos energia e a configuramos em coisas materiais. Em outros termos, praticamos a magia”. (60) Deepak Chopra encontra-se em perfeito acordo com a lógica e o propósito da magia: “O conceito central do pensamento mágico é a firme crença da pessoa de que pode controlar a realidade com a sua mente”. (61)

Operando inicialmente a partir de uma perspectiva médica, que o faz manter o foco sobre a cura física, Chopra recebe a companhia dos mágicos, para os quais este aspecto igualmente é de grande importância. Ele declara que “somos as únicas criaturas da Terra capazes de modificar sua biologia através daquilo que pensamos e sentimos”. “A maioria dos processos corporais básicos respondem ao nosso estado mental”. (62) Esta capacidade de renovar-nos pela “constante transformação”, mais uma vez recorre aos supostos conceitos da física quântica, quando ele afirma: “O velho modelo espaço-tempo foi esmagado, substituído pelo campo da constante transformação, não restrito ao tempo”. (63)

Esta mesma visão de transformação constante é compartilhada pela feitiçaria, pois ela pretende ser um sistema de reformulação da realidade. Referindo-se à natureza espiritual do universo, este é visto pela magia como “um fluxo cósmico de energia que cria, sustenta e transforma momento a momento o universo do qual fazemos parte”. (64) Chopra acrescenta que “estamos ‘criando a nós mesmos o tempo todo’”. Encontramo-nos aqui no mundo para administrar um projeto que equivale a construir um novo universo a cada dia”. (65)

No processo de “despertamento do grau de consciência”, peça central de sua proposta, Chopra destaca a importância da meditação: “Reserve algum tempo para experimentar o silêncio. De forma ideal, isto significa um breve período de meditação”. (66) A mesma recomendação é feita pela feitiçaria: “O processo de meditação funciona como um estimulante que ajuda o seu centro a abrir-se e fechar-se de forma livre e intencional”. (67)

Chopra relata em seus escritos que, em adição ao corpo físico que interage com o mundo físico, existe um paralelo ainda mais notável entre o “corpo mecânico quântico” com a dimensão etérea do “campo”, onde aquele atua. Segundo ele, viver de acordo com este “corpo” “representa o ato criativo total da vida. Todas as atividades diárias ocorrem de modo sereno, uma vez que não estaremos perturbando a harmonia cósmica”. Ele descreve o “corpo mecânico quântico” como uma entidade energética semelhante a um vapor, que não ocupa espaço definido e jamais se gasta. (68) Aqui aparece o claro vínculo com os corpos energéticos e todos os conceitos vitalistas, já amplamente analisados em capítulos anteriores, sobretudo o terceiro e o quarto.

10.5.8 - Identidade de Chopra com a magia. Temos assim bem claro diante de nós que Chopra nos estimula o tempo inteiro a adotarmos uma filosofia que equivale à prática da magia. Seu reino espiritual, ao qual se refere como “o campo”, corresponde exatamente ao “plano astral” da feitiçaria; ambos, com vocabulário diferente, descrevem o mesmo “espaço” metafísico. Ambos compartilham o mesmo conceito, no qual pensamentos ou intenções são descritos como sendo enviados ao “plano astral” ou “o campo”, onde se tornam realidade. (69)

As teorias de Chopra constituem, de per si, uma repetição um pouco mais elaborada - e que inclui considerável volume de jargão científico - de idéias muito antigas, desenvolvidas no oriente; estivemos examinando exatamente as mesmas idéias em capítulos precedentes. Nada existe de essencialmente novo nas teses de Chopra, exceto o apelo à “física quântica”, segundo ele pretende. Nas duas seções seguintes, passaremos a analisar suas teses em confronto com a visão bíblica da origem e propósito do universo (seção seis), e em confronto com a ciência, sobretudo as verdadeiras idéias da física quântica (seção sete). Não será difícil perceber sua total incompatibilidade, tanto com a visão bíblica quanto com a verdadeira ciência.

## 10.6 - A Visão de Chopra Confrontada Com a Visão Cristã Bíblica

Deepak Chopra não apenas pretende que “despertemos” desta sonolência que tem obstruído nossa prática da magia. Ele também quer que sejamos iluminados quanto à nossa verdadeira natureza. Para ele, o

“campo” é onipresente e onipotente. “Nós somos todos parte do campo; este é a própria existência... Identificar-se plenamente com o campo constitui, pois, uma definição prática do que significa ser iluminado... Este campo quântico não é separado de nós – ele é ‘nós’”. (70) “A Sabedoria Antiga ensina que existe uma paridade entre o ‘campo’ e Deus. Ao aceitarmos que não somos distinguíveis do campo, então, por progressão lógica, devemos ser considerados iguais a Deus”. (71)

A blasfêmia não cessa aí. Ao instar em que adquiramos a sensibilidade do “eu verdadeiro”, afirma que a mente subconsciente é literalmente “Deus dentro de nós... De dentro de nós procedem os padrões para a determinação do que é certo ou errado”. (72) Pleno acordo, como nas demais vezes, com a visão do feiticeiro: “Este é o nosso mundo, são nossas as regras. Devemos abdicar de toda prestação pessoal de contas a Deus”. (73)

Os “novos pressupostos” de Chopra, junto com a sua filosofia de “Sabedoria Antiga”, têm induzido os leitores a adotarem uma filosofia que em tudo se assemelha à teoria e prática da feitiçaria. Mas esta é terminante e decisivamente condenada por Deus. Ela constitui aberto PECADO. As obras de nossa natureza pecaminosa, que incluem a feitiçaria, são frontalmente condenadas pela Bíblia.

“Ora, as obras da carne são conhecidas, e são: prostituição, impureza, lascívia, idolatria, *feitiçarias*, inimizades, porfias, ciúmes, iras, discórdias, dissensões, facções, invejas, bebedices, glotonarias, e cousas semelhantes a estas, a respeito das quais eu vos declaro . . . que não herdarão o reino de Deus os que tais cousas praticam”. (74)

“Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria”. (75)

O clímax da feitiçaria é a pretensão do indivíduo de ser igual a Deus. O orgulho e o eu são exaltados; sob o comando da mesma, os desejos adquirem livre domínio. A ação de Satanás “energiza” esta prática, que finalmente pretende conduzir à auto-deificação. Uma situação vivida no distante passado, com todos os seus matizes, pelo próprio Satanás.

Os resultados de semelhante atitude são claramente expostos no seguinte texto: “Como caíste do céu, ó estrela da manhã, filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! Tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu; acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono, e no monte da congregação me assentarei. . . Subirei acima das mais altas nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo. Contudo, serás precipitado para o reino dos mortos, no mais profundo do abismo”. (76)

Chopra disseminou as blasfemas noções de que o “eu” é amor, e de que eu sou Deus. Somente existe um único Deus verdadeiro, que é apresentado na Bíblia como o Deus triúno. “Deus é amor”. (77) “Olhai para Mim, e sede salvos, vós, todos os termos da Terra; porque Eu sou Deus, e não há outro”. (78)

Chopra insiste na rejeição de antigos e na aceitação de novos paradigmas, na aceitação de uma nova forma de pensar, já que os velhos pressupostos nos estariam afastando da “verdade”. Ocorre que unicamente a Bíblia é a verdade; tão-somente ela é capaz de transformar a mente e o indivíduo – exatamente ela, a quem Chopra rejeita de forma categórica ao aceitar o espiritualismo e a ido(ego)latria, e ao incentivar veementemente a prática da feitiçaria condenada por Deus.

“Santifica-os na verdade; a Tua Palavra é a verdade”. (79) “E não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus”. (80)

Chopra desenvolveu intensamente a idéia de que somos participantes de nossa própria criação – na verdade, a de que somos nossos criadores. Além de representar violenta usurpação de nossa capacidade, tal pensamento constitui rigorosa afronta ao reconhecimento de Deus como a fonte única de toda a criação:

“No princípio criou Deus os Céus e a Terra”. (81) “Sabei que o Senhor é Deus; foi Ele quem nos fez, e não nós mesmos”. (82)

De modo insólito, Chopra declarou que aquilo que parece ser matéria sólida – inclusive nossos corpos físicos – na verdade é apenas espaço vazio. Afirmou que nossos sentidos físicos apenas confirmam a existência daquilo que percebemos ou criamos como algo real. Por intermédio deste ensinamento, ele anulou a habilidade de nossos sentidos de captar e verificar a realidade. Solapou, desta forma, o testemunho apostólico de que o Senhor Jesus Cristo veio em carne. “As Escrituras arrolam a realidade física, que pode ser verificada por nossos sentidos, como prova evidencial para a revelação de que Jesus Cristo é Deus tornado carne. Impugnar a confiabilidade das provas físicas apresentadas como testemunho de primeira mão, desacredita as próprias Escrituras. Estas, contudo, prosseguem sendo a verdade”. (83)

“No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus. . . Todas as cousas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez. . . E o Verbo Se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade”. (84)

“O que era desde o princípio, o que temos ouvido, o que temos visto com os nossos próprios olhos, o que contemplamos e as nossas mãos apalpam, com respeito ao Verbo da vida . . . o que temos visto e ouvido, anunciamos também a vós outros”. (85)

Chopra tem insistido em que nos encontramos conectados a tudo e a todos, aptos a vivenciar a unidade perfeita com a divindade – de que somos a própria divindade. A Bíblia ensina que NÃO somos inerentemente unos com Deus, e sim que o pecado nos separa de Sua justiça. Somente Cristo, por Seu supremo sacrifício, é capaz de restaurar nossa união com o divino, e até mesmo a comunhão dos seres humanos entre si depende de Seu sangue.

“Mas as vossas iniquidades fazem separação entre vós e o vosso Deus, e os vossos pecados encobrem o Seu rosto de vós”. (86) “Segundo o Seu beneplácito que propusera em Cristo, de fazer convergir nEle, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as cousas, tanto as do Céu como as da Terra”. (87) “A fim de que todos sejam um; e como és Tu, ó Pai, em Mim e Eu em Ti, também sejam eles em nós; para que o mundo creia que Tu Me enviaste”. (88)

Chopra afirmou que “quando você examina mais atentamente este corpo convincente, com aspecto sólido, terá de esperar apenas um pouco além para acabar tendo um punhado de coisa alguma – de nada. Entretanto, este nada não é o vazio, antes é um ventre fértil. Com incrível fertilidade, de fato, nosso espaço interior faz nascer: Deus, céu e inferno, graça, pecado, salvação, perdição – tudo, enfim, que torna a vida digna de ser vivida”. (89)

Não, Dr. Chopra, de modo algum as coisas são como você afirma. As Escrituras é que constituem a revelação externa e objetiva da realidade. Esta não é gerada nem estabelecida a partir de nosso interior. E as mesmas Escrituras que advertem contra falsas e fantasiosas doutrinas, como estas que você propaga, solenemente avisam quão terríveis serão as conseqüências para os que insistirem em se apartar da clara verdade revelada de Deus, e insistirem em propagar doutrinas que só podem ser inspiradas pelo cruel inimigo de Deus.

“Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme as tradições dos homens, conforme os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo”. (90) “Ora, o Espírito afirma expressamente que, nos últimos tempos, alguns apostatarão da fé, por obedecerem a espíritos enganadores e a ensinos de demônios”. (91)

Sim, o verdadeiro Espírito, o de Deus, antecipou há quase dois milênios a chegada daquilo que hoje estamos contemplando com nossos próprios olhos: vãs filosofias e sutilezas, como as que apelam a

supostos princípios científicos da física quântica, mas que nada mais são que as mesmas e velhas doutrinas de demônios, que farão muitos apostatar da fé. Deus não obriga nenhum indivíduo a crer ou deixar de crer em algo. Adverte, entretanto, que cada ser criado colherá os inexoráveis frutos de suas decisões pessoais.

“A ira de Deus se revela do Céu contra toda impiedade e perversão dos homens”. (92) “Todos pecaram e carecem da glória de Deus”. (93) “Todos nós somos como o imundo, e todas as nossas justiças como trapo de imundícia”. (94) “Porque Deus há de trazer a juízo todas as obras, até as que estão escondidas, quer sejam boas, quer sejam más”. (95) “E se alguém não foi achado inscrito no livro da vida, esse foi lançado para dentro do lago do fogo”. (96)

Tão certo como em Cristo existe plena redenção do pecado, Deus terá de exercer o juízo sobre os que se rebelam contra a Sua Palavra. A própria justiça que Lhe é inerente requer tal medida. Nem a imaginação do homem, nem a Sabedoria Antiga, nem Ayurveda, nem falsas aplicações de princípios de física quântica proverão ao homem qualquer meio de escape do justo julgamento divino. E, desgraçadamente, no lago de fogo da destruição eterna, certamente as chamas irão consumir corpos físicos bem reais, e não “espaços vazios” - ao contrário do que afirma Chopra. Considerem isto com inteireza de coração, meu amigo e minha irmã em Cristo Jesus!

### 10.7 - A Lamentável Confusão Entre Física Quântica e “Misticismo Quântico”

Apenas um parêntese, antes de prosseguirmos com a análise da “física quântica” de Chopra. Alguns místicos não se sentem tão à vontade recorrendo aos argumentos da física quântica para “explicar” a operação de suas terapias. Preferem argumentar em termos de física clássica. Por exemplo, B. Brennan, expoente da terapia de toque e autor de *Hands of Light*, declara: “Sou incapaz de explicar estas experiências sem utilizar a velha estrutura da física clássica”. (97) Diante do que o físico rebate prontamente: “Confesso que a física clássica não me torna mais fácil a explicação. Os praticantes pretendem ser aptos a ‘sentir’ o campo de energia e muitas vezes empregam pêndulos segurados nas mãos para localizar ‘chakras’ ou vórtices... mas até aqui ninguém pretendeu haver detectado o campo energético por qualquer instrumento que não fosse segurado nas mãos”. (98) Em outros termos, nem a física quântica, nem a clássica devem ser invocadas para a explicação dos fenômenos envolvidos nas terapias energéticas. Sua explicação é definidamente metafísica.

Retornemos mais diretamente à análise da física quântica em seu suposto apoio à interpretação mística do homem e do universo. Se no confronto com a Palavra de Deus as idéias de Chopra não resistem ao mais simples escrutínio, diante da ciência o desempenho não é melhor. Desta feita, deveremos ceder espaço aos físicos, e vários deles, de notável destaque, ainda que não o façam movidos pelo ideal cristão, encarregar-se-ão de expor a falácia dos argumentos de Chopra e associados.

Para se que tenha uma melhor visão histórica deste processo de “misticismo quântico”, convém situar seu efetivo início ANTES de Chopra. Ainda que há cerca de cem anos alguns físicos proeminentes possam haver defendido idéias compatíveis com o misticismo, a atual enxurrada mística pretensamente baseada na física iniciou com a publicação, em 1975, do livro de Fritjof Capra, *The Tao of Physics*. (99) Ali, Capra assevera que a teoria quântica confirmou os ensinamentos tradicionais do misticismo oriental – de que a consciência humana e o universo formam um todo interconectado e irreduzível. Cita este exemplo, obtido do Lama Anagarika (Govinda Foundations of Tibetan Mysticism): “Para o homem iluminado . . . cuja consciência abarca o universo, para este o universo torna-se o seu ‘corpo’, ao passo que o corpo físico se torna uma manifestação da Mente Universal, sua visão interior uma expressão da mais elevada realidade, e sua fala uma expressão da eterna verdade e do poder mântico”. (100)

O livro de Capra - que estudei detalhadamente durante minha formação médica – representou uma fonte de inspiração para a Nova Era. “Quantum” e termos derivados vieram a tornar-se uma espécie de palavra de ordem para a tendenciosa espiritualidade pseudocientífica que caracteriza todo o movimento da saúde holística energética. Chopra, mais que qualquer outro, trilhou a senda aberta por Capra.

Robert L. Park, na qualidade de diretor do Instituto de Física norte-americano, por certo constitui uma voz autorizada. Sua avaliação a respeito da cientificidade e seriedade de Chopra é categórica, impiedosa e assaz reveladora: “É certo que Chopra criou vasta riqueza pessoal pela simples razão de haver invocado a ‘cura quântica’ em seus livros, um após o outro. Estes livros, contudo, não oferecem a menor pista de que ele tenha qualquer idéia do que significa a mecânica quântica”. (101) (Destques supridos por mim.)

Semelhante avaliação não se restringe a Chopra, antes abrange os terapeutas místicos em geral. “Certamente existem místicos quânticos, uns poucos dentre os quais são físicos, os quais interpretam a função de onda como uma espécie de vibração partindo de um éter holístico que permeia o universo. Acreditam que o colapso da função de onda ocorre instantaneamente através do universo como resultado de alguma consciência cósmica”. (102) Isto, naturalmente, violaria a casualidade no sentido relativístico, e violaria também a teoria quântica de campos”. (103)

O campo eletromagnético, tal como o campo gravitacional proposto séculos antes por Newton, exibia um caráter holístico bastante compatível com idéias espirituais. Antes disso, a matéria era particulada, ocorria em ‘pencas’, e analisada pelos não-atraentes métodos do *reducionismo*, no qual os objetos são reduzidos à soma de suas partes. Os campos, por outro lado, eram contínuos – *holísticos* – ocorrendo em qualquer lugar no espaço, conectando qualquer coisa a qualquer outra coisa, sendo analisáveis apenas no todo.

O problema é que, mesmo hoje, “os ocultistas confundem os efeitos eletromagnéticos com as ‘auras’ que circundariam as coisas vivas. Uma atividade popular nas feiras de fenômenos psíquicos é a venda de ‘fotografias da aura’, que nada mais são do que fotos realizadas sobre filmes sensíveis a raios infra-vermelhos. A fotografia Kyrlian é outro exemplo de um simples fenômeno eletromagnético, a descarga em corona, ao qual é atribuído um imaginário significado espiritual”. (104) Taylor mostra que, embora a fotografia Kyrlian seja constantemente citada como a longamente esperada “prova” de que existe uma aura de energia vital circundando o corpo humano, a literatura científica há muito interpretou o fenômeno sem qualquer referência à energia vital. Ele é explicado em termos do conteúdo de umidade de objetos animados e inanimados. (105)

Ainda que a teoria atômica da matéria houvesse sido bem desenvolvida lá pelo final do décimo-nono século, ainda não havia sido devidamente verificada. Muitos químicos e alguns físicos ainda deixavam em aberto a possibilidade de que a matéria fosse contínua. A matemática dos campos havia sido exitosamente aplicada a sólidos e fluídos, que parecem ser contínuos e ondulados na escala diária de suas manifestações. Estes cientistas sugeriam que a *continuidade*, e não o atomismo, constituía o princípio unificador primário para descrever o universo, tanto em termos de matéria quanto de luz e, talvez, o espírito.

Um pouquinho de história da física nos será útil neste ponto, sobretudo quando apresentada por um físico de destaque:

“Tal noção foi desfeita em pedaços quando o vigésimo século avançou. Primeiro, não se verificou a existência do éter. Segundo, confirmou-se a teoria atômica. Terceiro, constatou-se que a luz era um componente da matéria, composta de partículas agora conhecidas como *fótons*. Assim, a *discrição*, e não a continuidade, tornou-se o princípio unificador da física, com o universo composto somente de matéria particulada. A mecânica quântica foi desenvolvida para descrever fenômenos materiais em suas várias formas discretas. Se uma entidade física era uma onda ou uma partícula, parecia depender daquilo que estava sendo mensurado. Ao se medir a posição, você concluiria que a entidade era um corpo material. Se

a medida fosse do comprimento de onda, concluiria que a entidade era uma espécie de campo contínuo. Além disso, você poderia decidir qual quantidade medir, no último instante, muito tempo depois de a entidade haver sido emitida por sua fonte, que poderia ser uma distante galáxia”. (106) (destaque suprido)

Em virtude deste quebra-cabeças, alguns deduziram que a natureza do universo não era objetiva, dependendo antes do grau de consciência do observador – é o que corre com os curadores místicos da atualidade. Muitos deduziram que o universo existe apenas dentro de um certo campo cósmico ou quântico da mente, com a mente humana sendo parte deste campo e existindo por todo o espaço e tempo – em suma, os ensinamentos de Chopra. Os fenômenos quânticos pareciam tão misteriosos, o que sempre faz com que o “sobrenatural” rondasse por perto. Assim, para os modernos dualistas, a função quântica de onda, com seu instantâneo colapso diante do ato de ser observada, proveu um novo modelo para a noção de espírito. Foram estimulados neste tipo de raciocínio, voluntária ou involuntariamente, pelas declarações de vários físicos, alguns de notável distinção. Os principais foram:

- Eugene Wigner: “As leis da mecânica quântica não podem ser formuladas, elas próprias,... sem que se recorra ao conceito de consciência”. (107)
- John Archibald Wheeler emitiu uma declaração que, para o espanto do próprio autor, tem sido muitas vezes utilizada para justificar a conexão entre o quantum e a consciência: “Nenhum fenômeno quântico elementar é um fenômeno até que seja registrado como fenômeno... Num estranho sentido, este é um universo participatório”. (108)
- O astrofísico Menos Kafatos e o filósofo Robert Nadeau efetivamente interpretam a função de onda como a realidade última em si mesma. (109)
- O físico Amit Goswami vê “um universo auto-consciente”, com a mecânica quântica provendo apoio para os chamados fenômenos paranormais. (110)
- David Bohm, que veio a se tornar a principal figura científica dentro do movimento quântico místico, propôs a existência de “variáveis escondidas” na interpretação quântica. Na verdade, a idéia nem foi originalmente sua. Contudo, sua teoria, conforme proposta, não ofereceu previsões empíricas, não oferece a oportunidade de se testar suas conseqüências, e nem ele ou seus seguidores foram capazes de produzir um mecanismo para gerar *a priori* o potencial quântico. (111, 112)
- J. S. Bell propôs um teste experimental que se tem revelado repetidamente preciso. Requer que, se existirem as “variáveis escondidas”, devem ser não-locais. (113)
- Hugh Everett apresentou uma interpretação da mecânica quântica que despertou enorme interesse por parte dos místicos. É a de que em muitos mundos, a função de onda do universo não colapsa diante de uma medida. Em vez disso, o universo se divide em universos paralelos, nos quais qualquer evento pode ocorrer. Segundo este autor, tais universos parecem ser “igualmente reais”. (114) Ocorre que, sendo que os universos paralelos não interagem uns com os outros, tal teoria não pode ser rejeitada ou confirmada.

A despeito de todos estes desencontros e interpretações errôneas, Stenger mostra que “a mecânica quântica desenvolveu-se como uma teoria física quantitativa, que se revelou capaz de executar cálculos e previsões com elevado nível de precisão. Depois de setenta anos de testes exaustivos, nenhuma observação foi inconsistente com o entendimento da mecânica quântica como uma teoria matemática formal”. (115) A despeito das pretensões de muitos autores, nem os “fenômenos psíquicos” (116), nem a imensa lista de métodos alternativos de cura (117) podem ser apoiados por estudos laboratoriais controlados, reproduzíveis. “Não podem ser utilizados para justificar o poder da mente sobre a matéria. Nem pode a mecânica quântica ser utilizada para tornar mais verazes tais pretensões”. (118)

Conforme Stenger se encarrega de demonstrar, “os mistérios e aparentes paradoxos da mecânica quântica aparecem apenas quando tentamos emitir a teoria em palavras, em vez de fazê-lo com equações, tentando aplicar a linguagem da experiência humana do dia a dia ao reino físico, onde tais experiências podem não ser relevantes... O aparato de medição precisa ser tratado classicamente e é separado do sistema quântico sob estudo. Nenhum mecanismo é provido para o colapso da função de onda, e de fato o colapso não foi predito pela equação de Schrödinger”. (119) A dificuldade em se tentar explicar em palavras aquilo que requer equações matemáticas, foi igualmente salientada pelo Professor Takatohi na segunda seção deste capítulo.

Mais recentemente, certos teóricos têm interpretado de forma nova as idéias de Everett, identificando-as como *histórias consistentes*. (120) Deste ponto de vista, em vez de colapsar, a função de onda se torna “decoerente” sob a ação de ser medida. Esta idéia se explica da seguinte forma: os efeitos quânticos são caracterizados por fenômenos, tais como interferência e difração, que se entendem como sendo propriedades coerentes da função de onda. Isto ocorre porque o universo é *granular*, com a matéria existindo em “pencas” separadas por espaço vazio. Somente onde pencas de matéria existem, quer sob a forma de instrumento de medição, quer como corpo comportamental, podem os caminhos das partículas ser logicamente definidos. Nestes pontos, as partículas se espalham e perdem a coerência, e os caminhos clássicos são produzidos.

“O trabalho teórico tem provido apoio para uma teoria de histórias consistentes lógica, que está de acordo com todos os dados conhecidos, sem que se necessite introduzir elementos holísticos, não-locais ou místicos. Nessa teoria, os únicos trajetórias (ou histórias) consistentes são aquelas para as quais as probabilidades se somam como fazem classicamente. A transição quântico-para-clássico ocorre pelo mecanismo da ‘decoerência’, induzida pelos instrumentos de medida ou pelo ambiente”.(121)

Outra resposta ainda mais pobre a esta questão, provida pelos místicos, é que a eleição de caminhos é feita pela própria consciência, pela ação da mente, quer você a descreva em termos de colapso de onda, quer em termos de partição do universo. (122, 123, 124) Aqui as teorias se tornam ainda mais vagas e não-testáveis. Stenger nos ajuda a “entendê-las” em palavras, ou seja, “a função de onda do universo é uma espécie de mente etérica espalhada pelo universo, a qual atua para colapsar a si mesma de uma forma desconhecida. Evidentemente, para tal tipo de pensamento, a mente humana acha-se holisticamente ligada à mente cósmica, de modo que existe em todo o espaço e tempo”. (125) Acompanhando Paul Kurtz, o autor identifica este vaguíssimo conceito como a “tentação transcendental”.

Stenger conclui que a “mente quântica” tentou resgatar o dualismo do dano causado pela destruição do éter eletromagnético. Contudo, tal como ocorreu com propostas similares, a teoria da *mente quântica* não irá a parte alguma, até que estabeleça alguma predição que possa ser testada empiricamente. Enquanto isso, deve ser rejeitada como inviável, sobretudo porque dispomos de uma teoria factível e de lógica consistente, que está de acordo com todos os dados e não requer componente algum adicional no universo, exceto a matéria. Em síntese:

- “Uma vez que nenhuma evidência convincente e reproduzível foi encontrada para os ‘fenômenos psíquicos’, a despeito de 150 anos de esforço, não existe base estabelecida nem mesmo para a consciência quântica”. (126)
- A mecânica quântica, peça central da física moderna, é mal-interpretada ao se querer que ela implique em que a mente humana controla a realidade e que o universo constitui um todo interconectado que não pode ser compreendido através de sua usual redução a partes.
- Nenhum argumento ou evidência compelente requer que a mecânica quântica desempenhe papel central na consciência humana, ou que proveja conexões instantâneas e holísticas através do



universo. A física moderna, incluindo-se aí a mecânica quântica, permanece completamente materialística e reducionista, enquanto consistente com todas as observações científicas.

- O aparente comportamento holístico ou não-local, dos fenômenos quânticos, conforme exemplificados por partículas que aparecem em dois lugares ao mesmo tempo, pode ser compreendido sem se descartar a noção comum de partículas que seguem caminhos definidos no tempo e espaço, ou que requeiram que os sinais viajem mais rápido que a velocidade da luz.
- Nenhuma mobilidade ou sinais superiores à da velocidade da luz jamais foi observada, concordando com o limite estabelecido pela teoria da relatividade. De fato, a propagação supraluminal (superior à velocidade da luz), foi demonstrada como sendo impossível, segundo qualquer teoria consistente com a teoria convencional da relatividade e com a mecânica quântica.
- Tampouco a interpretação de fenômenos quânticos faz necessário desarraigar a física clássica, ou o sentido comum. A física newtoniana, que descreve com sucesso virtualmente todos os fenômenos macroscópicos, prossegue sendo o limite da física quântica para as partículas múltiplas, e o senso comum prossegue sendo aplicável à escala humana. A maior parte da física ensinada em salas de aula ainda é física clássica.
- A mecânica quântica, conforme convencionalmente praticada, descreve os “saltos” quânticos sem a necessidade de um salto muito drástico, para além do senso comum. Certamente nenhuma asserção mística pode ser justificada por qualquer observação concernente ao processo quântico. (127)
- A despeito do que os místicos quânticos parecem pensar, a física quântica diz respeito ao discreto, e não à continuidade. A busca do éter contínuo fracassou e o conceito foi descartado na nova física, ou teoria quântica e da relatividade. De fato, nenhuma evidência foi encontrada para qualquer meio contínuo no universo. Mesmo a luz é composta de matéria particulada, os fótons. Os campos são compostos por partículas discretas – os *quanta*. Até mesmo a gravidade é explicada pela relatividade geral em termos da curvatura do espaço, em vez de um campo contínuo de força.
- Os campos quânticos são objetos estritamente teóricos, e não descrevem um meio contínuo, tal como uma espécie de éter que permeia todo o espaço. Uma vez que cada partícula é o quantum de um campo quântico, não existe campo independente das partículas. Além disso, os *quanta* não agem instantaneamente sobre o espaço. Seu efeito não se propaga mais rápido que a velocidade da luz. Em outras palavras, os campos quânticos NÃO SÃO HOLÍSTICOS e não existe base na física moderna para as pretensões dos místicos quânticos, a despeito do indiscriminado uso que fazem do termo “quântico”.
- Todos os organismos vivos são compostos dos mesmos “quarks” e elétrons que uma rocha ou um rio. As mesmas forças agem sobre eles. Os físicos têm sido capazes de medir os efeitos da força eletromagnética de uma parte sobre um bilhão, mas não encontraram a mais leve evidência para uma especial força vital psíquica. Nenhuma evidência jamais foi encontrada para qualquer campo único ou radiação, associados com organismos vivos. Mapeamentos do cérebro e outros aspectos da neurociência provêm fortes evidências de fontes localizadas e materiais para os pensamentos e emoções.
- Dizem os místicos que a mecânica quântica provê a base para a conexão mente-matéria. Tal noção deriva do fato de que, nesta mecânica, o ato de observação interfere com o que está sendo observado – o *princípio da incerteza de Heisenberg*. Assim, Chopra e outros pretendem que a realidade é determinada pela consciência. Ocorre que mente e consciência não são independentes da matéria. O cérebro acha-se vinculado ao corpo, não a outros corpos. Coisa alguma na teoria ou nos fenômenos quânticos requer a introdução de elementos não-materiais ou holísticos. (128)

Esta é, pois, a avaliação clara e serena que a ciência genuína faz das aparentes bases científicas do misticismo quântico. Sobram, neste, palavras vazias, conceitos errôneos e múltiplos enganos. Faltam-lhe categoricamente quaisquer fundamentos científicos.

## CAPÍTULO ONZE

### TERAPIAS ALTERNATIVAS COM BASE FISIOLÓGICA

- 11.1 - Introdução
- 11.2 - Confiança em Deus
- 11.3 - Luz Solar
- 11.4 - Água
- 11.5 - Equilíbrio (Temperança)
- 11.6 - Ar (Respiração)
- 11.7 - Nutrição
- 11.8 - Repouso e Relaxamento
  - 11.8.1 - Repouso diário
  - 11.8.2 - Repouso semanal
  - 11.8.3 - Repouso anual
  - 11.8.4 - Relaxamento
- 11.9 - Exercício
- 11.10 - Algumas Palavras Sobre Fitoterapia
- 11.11 - Conclusão do Capítulo

#### 11.1 - Introdução

Não é muito agradável a sensação de chegar a este ponto e ver que meu trabalho foi basicamente o de “demolir”. Gosto mesmo é de construir, e não o contrário. Mas o reconhecimento da realidade é imprescindível, se realmente desejamos chegar a algum lugar seguro. O que sobrou, afinal de contas? As terapias alternativas possuem raízes estranhas, de origem demoníaca, a despeito de sua pretensa abordagem “equilibrada” e “holística” do ser humano (ainda reforçarei esta afirmação no próximo capítulo). A medicina tradicional, ortodoxa, parece haver traído nossa confiança com seu estilo mecânico, não-humano, e também terei de falar ainda um pouco sobre isto no próximo capítulo. Existe, porventura, alguma “terapia alternativa” genuína, digna de confiança e segura, inclusive do ponto de vista espiritual?

Convido os leitores ao exame do que segue neste capítulo. Vários autores têm escrito sobre o assunto, e este capítulo tenta representar uma síntese do pensamento dos que escreveram antes. Destaco especialmente a contribuição, ao texto do capítulo, dos doutores Warren Peters (1), Aileen Ludington e Hans Diehl (2), todos da Universidade de Loma Linda, na Califórnia; dos doutores John McDougall (3, 4) e Dean Ornish (5), igualmente da Califórnia; dos doutores Ernst Schneider (6, 7) e Jorge Pamplona Roger (8), da Europa; e, dentre os autores nacionais nesta área, destaco o Dr. Hênio Nogueira (9). Modestas contribuições minhas também são indicadas na bibliografia deste capítulo. Recomendo fortemente, aos que desejarem orientação mais específica e detalhada em termos de terapias alternativas fisiológicas, que estes

e outros autores da área sejam lidos em seus textos originais. Aqui se encontram terapias alternativas genuínas.

Uma constatação claríssima por parte da ciência moderna, é que grande parte das mais temíveis enfermidades do homem – aquelas que o dizem mais que quaisquer outras – são diretamente atribuíveis aos erros no estilo de vida. São, portanto, preveníveis e evitáveis em grande extensão. Bons exemplos a serem mencionados: doença coronariana, hipertensão arterial, acidentes vasculares cerebrais (derrames), cânceres, diabetes, osteoporose e obesidade – e a lista é muito mais ampla. Indico, a seguir, um texto conciso e ao mesmo tempo muito elucidativo, a este respeito. (10)

O presente capítulo não reserva nenhuma especial surpresa e nem revelações novas e espetaculares, antes foi aqui inserido para que não se perca de vista que, existe sim, terapia alternativa genuína, baseada em fisiologia. Procuro orientar ou encaminhar o leitor para áreas específicas de estudo, conforme seja seu desejo fazê-lo. Considere este plano como algo verdadeiramente holístico (sem aspas!). Ele tem sido descrito por vários autores; siglas têm sido propostas para facilitar a sua memorização. Tomando-se os elementos centrais do plano, analisados nas seções 2 a 9 – ainda que com a seqüência ou pouco modificada em comparação com a ordem que adotei neste capítulo – imaginei que

### R E N A S C E R

pudesse constituir um termo adequado para descrever sinteticamente este plano. Colocando-o em aplicação, todos nós experimentaremos um genuíno RENASCER.

Confira a sigla: R (respiração, ar); E (exercício); N (nutrição); A (água); S (sol, luz solar); C (confiança, sobretudo em Deus); E (equilíbrio, temperança) e R (repouso e relaxamento).

#### 11.2 - Confiança em Deus

O sistema imunológico pode ser considerado como uma trincheira contra a doença. Deus colocou este complexo e pouco compreendido sistema orgânico em nossos corpos para proteger-nos de sermos invadidos pelos elementos adversos do ambiente, no qual Ele sabia que teríamos de viver. Elementos adversos podem ser microorganismos (bactérias, vírus, fungos) ou outros elementos orgânicos e inorgânicos. Esse sistema foi concebido para proteger-nos de qualquer coisa, do câncer ao resfriado comum. Ele analisa as diferenças entre as proteínas do corpo e as proteínas dos alimentos que comemos, assim como outras substâncias com as quais entramos em contato. Reage contra elementos, vindos do exterior, que possam ser agressivos a nosso corpo. Os componentes do sistema imunológico incluem o baço, a medula óssea, o timo, os vasos linfáticos e múltiplos depósitos de tecido linfóide em todo o corpo. O sistema acha-se intrinsecamente entretido com outros sistemas orgânicos, e de forma notável com a mente. É este atualmente o campo de estudo da psiconeuroimunologia.

Acredito também que um dos maiores desafios do presente momento do mundo, em termos de saúde, diz respeito à saúde emocional. Temos observado, sobretudo nos grandes centros urbanos, uma verdadeira epidemia de enfermidades cujo eixo central gira em torno de aspectos emocionais. Dentre estas, por certo a Depressão Maior ocupa lugar de grande relevância. É preciso compreender o que representa esta entidade, suas profundas implicações sobre a qualidade de vida, inclusive espiritual, e o modo correto de lidar com este verdadeiro desafio. Em minha opinião, aliás, trata-se de um dos maiores desafios que os cristãos e o mundo todo terão diante de si nestes dias finais da história da Terra. Depressão é uma enfermidade complexa, e o leitor bem faria em procurar compreendê-la melhor. Para uma exposição didática a respeito da mesma, recomendo artigo de minha autoria. (11) Ao lado de todos os aspectos que precisam ser compreendidos e tratados nesta enfermidade e suas variantes, a confiança o poder divino representa por certo uma âncora de valor fundamental.

O controle do estresse é um dos mais difíceis e mais necessários empreendimentos de nosso viver diário. Boas sugestões podem ser encontradas, por exemplo, em textos preparados pelo Dr. Hênio Nogueira (12) e por mim. (13) Ao lado de várias providências no âmbito físico, o repouso pleno na capacidade e disposição de Deus em sustentar-nos se destaca em nossos trabalhos, como nos de muitos outros autores cristãos.

Stout e Bloom, da Universidade do Colorado, demonstraram que alunos tensos e nervosos são mais susceptíveis a resfriados. (14) Mesmo os níveis sangüíneos de colesterol aumentam pelo estresse mental. (15) Foi constatado que a contagem dos glóbulos brancos do sangue achava-se deprimida durante o período de luto daqueles cujo cônjuge havia falecido. (16)

Enfrentamos então a delicada questão da confiança – em nós mesmos e nos outros. Só teremos adequada auto-estima se confiarmos em nós mesmos. Não estou aqui propondo a tese da irrestrita confiança em nossa própria capacidade, algo do tipo: “Tudo que você for capaz de imaginar em sua mente, será capaz de realizar.” Não creio nisto; mais ainda, apegar-se ferrenhamente a tal filosofia, nos fará pensar que temos uma capacidade ilimitada – que chegamos a ser verdadeiros deuses – e isto NÃO é verdade. Já critiquei esta postura em capítulo anterior. Mas precisamos crer em nós mesmos. É necessário rechaçar veemente e tenazmente todo pensamento de auto-desvalia.

A confiança nos outros é também um ingrediente da saúde emocional e física. Mais uma vez, tal qual na auto-confiança, não podemos confiar irrestritamente nos outros – poderíamos machucar-nos muito em fazendo-o. Mas se nos habituamos a ver os demais sempre com um olhar suspeito, de desconfiança, jamais seremos capazes de construir relacionamentos estáveis. Isso ocorre em todas as relações sociais, mas por certo em nenhuma outra é mais importante do que no casamento. Seria sempre melhor confiarmos nas pessoas, até que – se for o caso – elas se revelem indignas de nossa confiança. Geralmente tendemos a fazer o contrário: desconfiamos até que “provem” que nelas podemos confiar! Interesse-se pelas pessoas, faça-as sentir que você as aprecia, apesar de não serem perfeitas. Poucas atitudes afastam mais alguém de você do que a pessoa perceber que é tratada com desconfiança. Só confiança gera confiança!

Dentre os poderosos sentimentos negativos que destroem a saúde, a culpa é um dos mais significativos. “A culpa representa uma forma de separação similar ao período de luto. Nossos pecados ou rebeliões contra Deus causam um definido senso de separação de Seu poder e presença. É possível que o sistema imunológico seja deprimido pela culpa. Isto não deveria surpreender-nos, pois Davi registrou no livro dos Salmos a sua própria experiência em termos de sistema imunológico deprimido”. (17) “Enquanto calei os meus pecados, envelheceram os meus ossos pelos meus constantes gemidos todo o dia.” (18) “Não há parte sã na minha carne, por causa da Tua indignação; não há saúde nos meus ossos, por causa do meu pecado. Pois já se elevam acima de minha cabeça as minhas iniquidades; como fardos pesados excedem as minhas forças. Tornam-se infectas e purulentas as minhas chagas... Ardem-me os lombos... e a minha ansiedade não Te é oculta. Bate-me excitado o coração, faltam-me as forças, e a luz dos meus olhos, essa mesma já não está comigo.” (19)

Davi sofria as conseqüências da culpa. Alguns cientistas modernos afirmam que esta é a mais poderosa emoção negativa que podemos experimentar. (20) “Para enfrentar a doença ou manter saúde ótima, nosso sistema imunológico precisa estar funcionando bem. Saber que Jesus Cristo morreu para afastar minha culpa e prover-me o poder para a vitória sobre o pecado, é a mais importante informação de saúde que eu possa receber e experimentar”. (21) Havendo conhecido em sua experiência o fardo intolerável da culpa, não é de admirar que, após conhecer o sabor do perdão, Davi tenha expressado melhor que ninguém a alegria e bem-estar dele decorrentes:

“Faze-me ouvir júbilo e alegria, para que exultem os ossos que esmagaste.... Cria em mim, ó Deus, um coração puro, e renova dentro em mim um espírito inabalável.... Restitui-me a alegria da Tua salvação, e sustenta-me com um espírito voluntário”. (22) “Tirou-me de um poço de perdição, dum tremedal de lama; colocou-me os pés sobre uma rocha e me firmou os passos. E me pôs nos lábios um novo cântico, um hino de louvor ao nosso Deus; muitos verão essas cousas, temerão, e confiarão no Senhor”. (23)

Outras emoções negativas, além da culpa, têm sido relacionadas com importantes distúrbios da saúde, particularmente doenças cardíacas, como enfartes e arritmias. Remeto o leitor para outro artigo de minha autoria, tratando do assunto. (24) Uma vez mais, a entrega da vida aos cuidados de Deus, a disposição de Lhe permitir que nos ajude a perdoar, e a confiança em que Ele efetivamente sabe o que é melhor para nós, poderá representar o mais importante passo para a solução de graves problemas de saúde – e, sobretudo, evitar que eles se manifestem.

Acredito que a confiança em Deus é o mais poderoso remédio contra o estresse, a depressão e praticamente todas as enfermidades. Acostumados à não-confiabilidade dos sistemas humanos com os quais temos de lidar – amizades, igreja, governo, entre outros – talvez tenhamos dificuldade em conceber Alguém em quem possamos confiar COMPLETAMENTE. Mas este Ser existe, e é DEUS. Não me refiro a um deus-essência qualquer, hoje tão em moda. Refiro-me ao Deus Criador, o Dirigente Supremo do Universo, e que ao mesmo tempo é nosso amorável Pai celeste. Ele é um Deus pessoal. E é como Pessoa que nEle posso confiar!

Precisamos de tempo para conhecer a Deus. Só o conhecimento produz confiança. Refiro-me à oração e prática da comunhão ou nutrição espiritual – convivência diária com Deus. Ouso afirmar que ela é tão essencial à saúde emocional quanto os bons alimentos o são à saúde física. Estudos mostram, em pacientes internados em unidades de terapia intensiva, que a fé (confiança) em um Deus pessoal, geralmente expressa através de comunhão e oração, apressa a cura de graves enfermidades físicas. Quanto mais as enfermidades da alma! Saber que posso repousar irrestritamente nos braços de Alguém que é não apenas Todo-poderoso, mas também infinitamente amorável, É O MAIS PODEROSO PENSAMENTO DO UNIVERSO! E se tenho de sofrer, posso ter a certeza de que Ele sofre comigo e por mim – mais que isto, que Ele alivia o meu sofrimento, tomando-o sobre Si!

A Bíblia acha-se repleta de assertivas que nos conduzem à confiança em Deus – o remédio supremo. Aqui, gostaria de transcrever o que ela afirma a respeito desta união de esforços – quando confio em mim tendo como base a confiança em Deus. Quando o esforço e determinação do homem se somam à infinita capacidade divina. É uma das mais curtas, e ao mesmo tempo mais poderosas, dentre as afirmações bíblicas: “Tudo posso nAquele que me fortalece”. (25)

Certamente os cristãos possuem à sua disposição informações sobre saúde que os ajudariam a revolucionar a terapia médica. Quando aprendemos a confiar plenamente nos métodos curadores de Deus, podemos desfrutar de ótima saúde física, mental e espiritual. Prevenir enfermidades e mesmo remediar grande parte delas, será tarefa enormemente facilitada para os que se adaptam ao plano de Deus para suas vidas.

### 11.3 - Luz Solar

Podemos contemplá-lo, radiante e risonho, quase todas as manhãs. Assumimos que o sol é algo garantido. Só nos apercebemos de sua falta quando ele se esconde por alguns dias. Muitos povos, ao longo do tempo, têm chegado ao ponto de reverenciar e venerar o Sol, em virtude do fascínio que o astro-rei sobre eles exerce. Etimologicamente, o primeiro dia da semana, em vários idiomas, lembra o dia reservado por povos antigos à adoração do sol (“Sunday”, em inglês; “Sontag”, em alemão).

Claro que não compartilhamos de qualquer atitude veneratória do sol. Mas não podemos negar que ele exerce papel imprescindível à presença da vida em nosso planeta, a começar pelo processo vegetal de fotossíntese, com o que obtemos o oxigênio (ar) para nossa própria sobrevivência, e também a nutrição a partir do uso de vegetais. Queremos, contudo, falar dos benefícios diretos da luz solar em relação à saúde.

Nós o utilizamos mais como um marcador do dia e da noite, e esquecemos que a luz solar possui muitas propriedades saudáveis, tanto preventivas quanto curativas. Tem-se demonstrado em repetidos e extensos estudos o grande aumento da incidência de depressão durante os meses de inverno em países nos quais, durante a época fria, a presença do sol é escassa. No Brasil – em praticamente todo o país – dispomos de muito sol, mesmo no inverno, o que torna mais difícil que compreendamos o seu valor.

Os raios ultravioletas são ativos na redução de bactérias danosas. (26)

Matam os germes e aumentam a eficiência do sistema imunológico. Bactérias e fungos apreciam ambientes úmidos e escuros para se desenvolverem, mas não toleram a luz solar. O sol pode até mesmo ajudar no controle do peso corpóreo. (27) A luz solar tem muito a ver com o delicado equilíbrio de nossos hormônios sexuais, (28) e também transforma o colesterol em vitamina D, contribuindo assim com o controle do cálcio e do fósforo no organismo. (29) É, pois, imprescindível à formação de ossos saudáveis e fortes. Diminui o colesterol do organismo, pois utiliza parte do mesmo como matéria prima para a produção de vitamina D. Aumenta a eficiência dos batimentos cardíacos. Contribui para a normalização da pressão sanguínea. Constitui um poderoso tonificante do sistema nervoso, sobretudo quando o sol matutino incide sobre as costas (dorso) da pessoa. Portanto, é uma medida direta de combate ao estresse e depressão. Na medida correta, favorece uma pele mais saudável, mais macia e com maior elasticidade, e ainda mais resistente às infecções. Provê coloração saudável. Dá tonicidade aos músculos. Ativa o sistema endócrino (glândulas).

Estas e muitas outras funções fisiológicas, várias delas ainda não identificadas pela ciência, conduzem a um senso de bem-estar quando nos expomos à luz do sol. Quando a pessoa se encontra enferma, aguda ou cronicamente, é vital que todos os dias ela receba sua “dose” de luz solar. Existem bons textos orientando a aplicação dos raios solares a várias situações de enfermidade. (30) Não existe cobrança de honorários por este serviço.

Ao projetar uma casa, sempre que possível faça-o de tal forma que os dormitórios recebam luz solar direta durante uma porção do dia. Ao lado de boa ventilação, esta é uma genuína e crucial medida de saúde preventiva.

Deus tornou o sol disponível a todos, e sob orientação correta, trata-se de um maravilhoso “medicamento”. Sim, o sol é um poderoso recurso natural, e bem faríamos em usá-lo SEMPRE – mas tendo o cuidado de não fazê-lo em excesso, pois o risco de graves tumores da pele é grandemente aumentado diante de exposição excessiva ao sol, sobretudo quando simultaneamente a pessoa faz uso de dietas inadequadas (com muita gordura animal, por exemplo).

Cuidados redobrados precisam ser observados se você tem pele clara e/ou não está habituado à exposição solar. Neste caso, faça-o inicialmente com muito cuidado. Não mais que 5 a 10 minutos no primeiro dia, aumentando cerca de 5 minutos ao dia, até um limite de uma hora de exposição depois de VÁRIOS dias. Ainda assim, evite o sol de verão entre 10:00 e 16:00 horas. Proteja sempre a cabeça, evitando sua exposição direta aos raios solares.

A exposição precisa ser sabiamente controlada, tanto em termos de horário quanto de extensão. A luz solar pode tornar-se traiçoeira ao extremo, sendo responsável por grande parte dos cânceres de pele. Medidas preventivas e reparadoras estão indicadas em textos especializados, como o Dr. Gerson Trevilato. (31)

## 11.4 - Água

Aí está ela, cobrindo  $\frac{3}{4}$  da superfície terrestre. Mais que isto: compõe 60% do peso total de uma pessoa idosa e 80% do peso total de um recém-nascido. No adulto representa, em média,  $\frac{2}{3}$  do peso total. Alguém poderia duvidar de sua importância? A perda de 20% da água do organismo geralmente é FATAL.

Os preciosos fluídos do organismo são economicamente preservados por um sistema de recirculação, que apenas o nosso eficiente Deus Criador poderia haver projetado – um mecanismo extremamente delicado e complexo. Sem tal sistema, estaríamos sempre vacilando entre “afogados” e “desidratados”. Ainda assim, contudo, é necessário que diariamente acrescentemos alguma água ao sistema, para repor as perdas relacionadas com a respiração, transpiração e eliminação renal e fecal.

No adulto, sob condições normais de hidratação, obtemos a seguinte participação percentual média de água nos vários tecidos:

\* músculos 75% \* cérebro 70-85% \* sangue 93% \* ossos 50%.

Quem diria, não? Mesmo o osso, que parece tão seco, é composto em média por 50% de água! Claro que as porcentagens sempre se referem a organismos vivos.

A falta de água no organismo pode causar:

- Odor desagradável do corpo
- Mau hálito
- Urina concentrada, com cheiro forte
- Prejuízo da função renal
- Pele seca
- Obstipação intestinal
- Irritabilidade aumentada, nervosismo
- Dores de cabeça
- Salivação inadequada

Em situações de estresse, quando tende a ocorrer grande aumento no acúmulo de toxinas orgânicas, muito mais razão existe para favorecer o organismo no processo de reciclagem de seus metabólitos (excreções que decorrem do funcionamento orgânico). Por outro lado, as várias alterações orgânicas decorrentes da má hidratação, tendem todas a agravar o estresse. A água é VITAL neste processo.

A perda orgânica de água, sob condições normais de saúde, depende bastante do tipo de atividade, da temperatura ambiente e de quão agasalhada a pessoa se apresenta. Sob condições de enfermidade, a perda de água pode ser grandemente alterada. Duas das condições mais comuns são a febre e o diabetes.

Sob condições fisiológicas, em média observaremos no adulto a seguinte perda diária de água: \*Respiração = 1 copo \*Pele = 2 copos \*Urina = 6 copos \*Fezes = 1 copo. O total de perdas chega, pois, aos 10 copos diários. Sob temperatura elevada e sob atividade física intensa, tais quantidades podem se alterar bastante, aumentando sobretudo a perda através da pele (transpiração). Aumenta, pois, a necessidade orgânica de água.

Ingerimos com os alimentos, em média, 4 copos ao dia. Isto significa que deveríamos ingerir líquidos (água, chás, sucos) à base de 6 a 8 copos por dia. É forçoso reconhecer que grande parte das pessoas não o faz, e paga o correspondente tributo. É surpreendente observar quantos de nós nos recusamos a ingerir diariamente aqueles simples sete ou oito copos de água. Alguns parecem pensar que a água é um veneno. “A pessoa média dos dias atuais ingere mais refrigerantes e bebidas alcoólicas do que água. Logo depois



vêm o café e o leite”. (32) Se tivéssemos de pagar elevado preço por ela, ou se dependêssemos de alguma exótica loja de produtos naturais para obtê-la, talvez a usássemos com maior disposição.

Até que estejamos perfeitamente hidratados, a sede não deve ser usada como parâmetro a guiar-nos. É perfeitamente possível estarmos desidratados, e ainda assim não termos a sensação de sede. Talvez seja necessário medir quantidades adequadas de água, assegurando-nos de utilizá-la num período de 24 horas. Outro importante padrão para se avaliar se a hidratação é adequada, pode ser obtida mediante observação da urina. Se esta apresentar cor pálida, pode-se considerar que a pessoa está bem hidratada.

A despeito de ser a forma preferida pela maioria das pessoas, a água fria parece mitigar nossa sede antes de havermos ingerido quantidade suficiente para tal. Temos de lembrar que, a seguir, o estômago precisa aquecer a água gelada, elevando-a à temperatura corpórea, e para tanto utiliza preciosa energia.

Em algumas oportunidades a utilização de água NÃO é recomendada. Junto com as refeições, ou nas primeiras horas depois destas, seu uso é particularmente problemático. A água ingerida com os alimentos nos induz a deglutirmo-los antes de haverem sido corretamente mastigados e misturados com as enzimas salivares, as quais dão início ao processo digestivo, ainda na boca. A seguir, ocorre diluição das enzimas digestivas, interferindo de modo negativo no processo digestivo, retardando-o e estimulando, assim, o aumento da secreção de ácido clorídrico. A partir de certo limite, isto causa agressão à mucosa gástrica e duodenal, contribuindo com o surgimento de úlceras e processos inflamatórios (gastrites e duodenites). Se a temperatura da água ingerida com a refeição for baixa, como habitualmente é, teremos um problema digestivo adicional, pois as enzimas só operam sob temperaturas ideais, muito próximas à temperatura do corpo.

Ela não apenas é importante no interior do corpo; também é extremamente saudável e prazerosa quando aplicada externamente. Particularmente sob condição de estresse, a água deveria ser também usada de forma abundante no exterior do corpo. Assim, ao final do dia, é relaxante uma ducha morna, seguida de enxugamento brando (sem muita fricção). Pela manhã, ao iniciar o dia, nada mais tonificante que uma ducha fria, seguida de fricção enérgica. Ou uma ducha morna, seguida de ducha fria rápida e fricção. Outra forma de usar a água externamente, em particular se o estado de tensão se faz acompanhar de dor de cabeça, é o banho de pés com temperaturas alternadas (quente e fria, sempre terminando com fria). Pode ser tão útil quanto um analgésico químico, e sem efeitos colaterais.

Avançando para muito além da limpeza, a hidroterapia (terapia pela água) pode ser um remédio simples para a doença. Não é um método de resultados rápidos, antes exige paciência, delicadeza e bondade em sua aplicação. Os princípios fisiológicos podem ser aprendidos em livros como *Home Remedies* /Remédios Caseiros/, dos doutores Agatha e Calvin Trash. Resfriados, cólicas menstruais e dores de cabeça respondem bem à aplicação de água. (33) Existem alguns bons livros nacionais expondo a hidroterapia a nível doméstico. Em doenças infecciosas mais severas, a hidroterapia pode ser um útil método coadjuvante. Os fisioterapeutas estão começando a utilizar mais crioterapia, ou terapia com o frio, para uma variedade de moléstias e problemas inflamatórios, tais como a artrite. (34) Sob supervisão médica, métodos hidroterápicos bastante desenvolvidos podem ser aplicados com sucesso, em relação a considerável número de enfermidades. (35)

### 11.5 - Equilíbrio (Temperança)

“Esta palavra significa evitar a utilização de substâncias e práticas danosas, assim como o uso moderado e sábio daquilo que é útil. Pense no que aconteceria com a incidência de câncer de pulmão se pudéssemos, por milagre, eliminar o fumo da face da Terra. Cirrose hepática seria algo raro se eliminássemos as bebidas

alcoólicas. Gonorréia, AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis desapareceriam se homens e mulheres se contentassem com o plano divino para a sexualidade”. (36)

A temperança (equilíbrio) é um recurso natural que deveria estar presente o tempo todo, ao lado dos demais. Não se trata de algo que possamos obter da natureza; precisa ser encontrado e desenvolvido dentro de nós. Na verdade, precisa tornar-se uma atitude que repouse na base de tudo aquilo que dizemos ou fazemos. Precisa aplicar-se a TODOS os aspectos da vida!

É ótimo ver alguém dedicando-se a uma tarefa “de corpo e alma”. Por exemplo, ao trabalho. Qual a empresa que não gostaria de ter um quadro de funcionários intensamente motivados, comprometidos com as metas da organização, sempre dispostos a trabalhar horas extras, sempre esforçando-se por obter os mais elevados padrões de qualidade? Contudo, mesmo quando falamos de algo tão útil, enobrecedor e capaz de produzir satisfação, como o é a atividade profissional, precisamos de equilíbrio ou temperança. Aqueles que se dedicam ao trabalho com sofreguidão, tendem a colocar em segundo ou terceiro plano outros importantes interesses da vida. São os chamados “workaholics”, os “viciados em trabalho.” O termo foi cunhado no idioma inglês ao se fazer um paralelismo entre este “vício” e a dependência do álcool. Certamente os “viciados em trabalho” estão longe de praticar o equilíbrio ou temperança.

Ellen White, numa linha de raciocínio muito semelhante à utilizada pelo Dr. Peters no parágrafo de abertura desta seção, define temperança como o “dispensar inteiramente todas as coisas nocivas e usar judiciosamente aquilo que é saudável”. (37) O uso judicioso daquilo que é saudável, certamente nos conduzirá a buscar o desenvolvimento equilibrado de todos os aspectos positivos da vida, como:

- Trabalho, acima citado.
- Alimentação – mesmo colocando em prática bons hábitos alimentares e uso de alimentos saudáveis, a temperança requer que nos alimentemos moderadamente, e em horários adequados, compatíveis com a correta fisiologia.
- Estudos, desenvolvimento intelectual – gastar muitas horas em atividade intelectual, sem contrabalanceá-las com atividades físicas, provoca aumentado desgaste das energias mentais e contribui notavelmente para o estresse.
- Exercício, atividade física – observe que serei enfático, ao falar do exercício, em recomendar sua prática habitual e sistemática. Mesmo aqui, entretanto, impõe-se a necessidade de equilíbrio e temperança. Exercitar-se em excesso pode chegar a ser tão nocivo quanto a inatividade.
- Repouso e lazer – tão necessários, tão vitais! Mas alguns tendem a praticar repouso em excesso! Tendem à indolência. Outros imaginam quão bom será chegar à aposentadoria para nada mais fazer! Grave engano. Nenhum organismo poderá sentir-se bem ao nada fazer durante períodos prolongados. Poderíamos identificar tal atitude como “estresse de menos”, ao recordar o sentido original do termo – tensão. Estresse em grau muito baixo é grandemente danoso – se não diretamente para a pessoa, certamente o será para os familiares e outras pessoas que lhe estão à volta! Aplique equilíbrio aos seus períodos de repouso – ou seja, não se equilibre o tempo todo sobre a cama!!!
- Dedicar-se a várias atividades, de diferentes tipos, cada uma no devido tempo e com equilibrada intensidade, em muito contribui para a saúde física e emocional. Quebra-se a monotonia e a vida ganha um colorido mais brilhante e visão mais ampla. A pessoa versátil tende a sentir que sua existência é mais significativa. Precisa, contudo, tomar cuidado para não envolver-se numa agenda diária tão concorrida, que o cumprimento da mesma a leve a sentir-se estressada, pois isto seria a própria negação do equilíbrio.

Temperança é também, segundo a definição de White, o “dispensar inteiramente todas as coisas nocivas.” Alguns médicos têm falado bastante a respeito dos benefícios do “beber moderadamente”, ignorando que o álcool é e será sempre uma substância agressiva ao organismo; que os propalados benefícios da ingesta moderada do mesmo podem ser muito melhor obtidos por intermédio de outras medidas; e que qualquer difusão, a nível de informação ao público, de supostos benefícios do uso de álcool tende a produzir muito mais problemas à saúde pública do que vantagens, conforme tantos outros autores têm destacado muito bem. (35) Equilíbrio aqui não significa condescender até certo ponto com hábitos que são intrinsecamente nocivos. “Beber moderadamente”, “fumar moderadamente” ou “usar drogas moderadamente”, são práticas equivalentes entre si, em minha opinião, e contribuem para “morrer moderadamente”! Ou, como dizia conhecido humorista, “morrer no bom sentido”!

Quando examinamos algumas doenças de elevada incidência e conseqüente mortalidade, como a doença cardíaca e os cânceres de mama e intestino grosso, percebemos que a obesidade é um dos principais fatores de risco. O mesmo ocorre em relação à hipertensão e ao diabetes. (39) O diabetes do adulto, que custa anualmente cerca de 13,5 bilhões de dólares aos Estados Unidos, (40) tornar-se-ia uma doença de incidência rara de ocorressem mudanças no estilo de vida. É assim que dois dos autores que nos acompanham de modo especial neste capítulo, expressam esta verdade:

“Nos dias atuais, as pessoas podem fazer mais em favor de sua própria saúde que qualquer médico, hospital ou desenvolvimento tecnológico. Os dados científicos confirmam que as escolhas que fazemos, hora após hora, dia após dia, determinam em grande medida o estado de nossa saúde, as doenças que adquirimos e, com freqüência, até mesmo quando iremos morrer. O desafio consiste em educar, motivar e inspirar as pessoas a substituírem os hábitos destruidores da saúde por estilos de vida que a aprimorem”. (41)

Frustração e, por vezes, raiva, são o resultado de fracassarmos em nos propósitos de controlarmos nossas vidas. Tantas vezes isto parece impossível. Tentar mais arduamente não ajuda. Mesmo o temor do câncer, da doença cardíaca, da incapacitação ou da morte não é capaz, na maioria das vezes, de modificar um hábito permanentemente. Na verdade, o medo constitui motivação muito pobre. Existe apenas uma resposta capaz de garantir a vitória permanente:

“Porque Deus revelou a Sua graça para dar a salvação a todos. Essa graça nos ensina a abandonar a vida descrente e as paixões mundanas, para vivermos neste mundo uma vida controlada, correta e dedicada a Deus”. (42)

### 11.6 - Ar (Respiração)

Esta seção tem a ver com a qualidade do ar à nossa volta e o modo como o inalamos. Descobrimos há muito tempo que o ar é imprescindível à vida; basta tentar não respirar por alguns segundos! Curiosamente, assumimos que, tal qual a luz solar, o ar é algo garantido, automático. Ocorre que em muitos lugares a qualidade do ar vem-se tornando crescentemente inadequada. Isto ocorre sobretudo – mas não apenas – nos grandes centros urbanos de nosso país.

Partículas em suspensão, como as que são produzidas na combustão dos veículos, nas fábricas e pós em geral, tornam o ar “pesado”. Estas substâncias, de variados tamanhos, são irritantes do sistema respiratório. A poluição de nosso precioso envelope de ar está ocorrendo por sua saturação com muitos elementos nocivos. Monóxido de carbono, óxido de enxofre, sulfatos, óxido de nitrogênio, benzopirenos, ozônio, cádmio e mercúrio são apenas alguns dentre muitos poluentes.

Paradoxalmente, as partículas de maior tamanho acabam sendo menos agressivas, pois são detectadas e expulsas com maior facilidade; as menores agriem mais intensamente as vias respiratórias. Por outro

lado, à medida que os gases nocivos do ambiente aumentam em volume, reduz-se a quantidade de oxigênio, o mais importante dos elementos presentes no ar, do ponto de vista do ser humano.

Qualidade ruim do ar e/ou respiração incorreta, conduzem à má oxigenação dos tecidos orgânicos em geral, e do sistema nervoso central em particular. Nosso cérebro, que em média representa menos de 2% do peso total do organismo, consome cerca de 25% do total de oxigênio transferido do ar para a circulação! Mal oxigenado o cérebro, o estresse é grandemente facilitado e a eficiência se reduz, às vezes drasticamente, pois a mente se encontra mais irritável e cansada. Logo, estaremos contribuindo para a redução do estresse e com a melhor performance de todo o organismo ao tomarmos duas providências básicas nesta área: ao buscar o ar de melhor qualidade e ao respirar de forma adequada.

De modo geral, podemos localizar melhor qualidade de ar perto de onde nos encontramos. Externamente, ao entrar em contato, tanto quanto possível, com áreas de parques, bosques, matas e campos. Nos ambientes internos – vale dizer, sobretudo, em casa e no trabalho ou escola – faremos bem em conservar quartos e salas com o maior volume possível de ar circulante. Isto significa janelas abertas, que permitem a reciclagem do ar. Mesmo uma temperatura mais baixa não deveria servir de desculpa a mantermo-nos "encerrados" no ambiente doméstico ou de trabalho.

Outro cuidado diz respeito à umidade do ar, sobretudo em climas secos. Quando o ar se torna demasiado seco, aumentam muito a irritação das vias aéreas e o prejuízo da oxigenação. Vale a pena deixar uma vasilha com água sob ação de ventilador, sobretudo à noite, no quarto de dormir, e mesmo na sala de trabalho, durante o dia. Esta medida se faz mais necessária se o ambiente se encontra sob ar condicionado.

A respiração correta deve tornar-se um hábito constante. De modo geral, respiramos apenas superficialmente, em pequena profundidade, permitindo que o ar se torne viciado no próprio interior dos pulmões. A pequenos intervalos – poucos minutos – devemos respirar profundamente. Chamo isto de respiração consciente, pois de modo rotineiro a nossa respiração é automatizada e inconsciente. Devemos também praticar sessões de respiração profunda, algumas vezes ao dia sob condições normais, e várias vezes quando sentirmos o aumento de tensão física e emocional.

Muitas das medidas para a melhora da qualidade do ar não dependem diretamente de nós. Ainda assim, é necessário desenvolver uma consciência participativa na solução deste importante problema urbano. Árvores, relvas e água ajudam na purificação do ar e acrescentam íons negativos benéficos. Podemos perceber facilmente a diferença da qualidade do ar, em termos de carga iônica, comparando, por exemplo, o ar de um dia quente e seco, com o de um dia em que se observam “preparativos” de chuva. Neste último caso, o ar é percebido como muito melhor. O Dr. George Chen sintetizou nos seguintes termos os efeitos dos íons negativos e positivos:

“Os pequenos íons negativamente carregados do ar provêm um senso de estímulo e aparente melhora da saúde. A inalação de íons positivos resulta em dores de cabeça, tontura, náusea e sensação de fadiga. Os íons positivos aumentam a frequência respiratória, o metabolismo basal e a pressão sangüínea. Os íons negativos reduzem estas funções”. (43)

Robles, Borrill e Medina expuseram repetidamente 30 pacientes hipertensos a sessões de vinte e cinco minutos de ar negativamente ionizado. Vinte e quatro dentre estes, tratados exclusivamente por tal método físico, apresentaram uma redução média da pressão sistólica de cerca de 39 mmHg. (44) Os íons negativos do ar afetam o mecanismo respiratório ao dilatarem a traquéia e levarem os cílios da via aérea a se moverem com maior rapidez, produzindo assim limpeza mais eficiente da área. (45) Acentuado alívio dos sintomas da febre do feno foi observado em dois terços dos pacientes expostos ao ar artificialmente ionizado em termos negativos. (46) “Mesmo o crescimento de tumores, num experimento, reduziu-se diante da

exposição aos íons negativos”. (47) Isto soa demasiado bom para ser verdade. Mas trata-se de um fato, e podemos obter vantagem deste dom de Deus.

### 11.7 - Nutrição

Desde os dias de Hipócrates, considerado o pai da Medicina, é conhecida a máxima: “Seja o teu alimento o teu melhor remédio.” Somos aquilo que comemos, e é este fato que torna nossa dieta tão importante para a saúde. Estimativas conservadoras dizem que metade de todos os cânceres se relaciona com a dieta rica em gorduras e açúcares, pobre em fibras e nutrientes. (48) O câncer de cólon e outras malignidades intestinais têm sido relacionados com a dieta. (49, 50) Tanto a obesidade quanto elevados níveis séricos de colesterol podem aumentar o risco de câncer de mama. (51, 52) O consumo de alimentos com elevado conteúdo de vitamina A e outras substâncias vegetais, como a lignina, (53) é mais elevado por parte daqueles que não apresentam câncer. Tais alimentos incluem a família das couves, cenouras e outros vegetais amarelos. É de bom alvitre incluir alimentos deste grupo no plano dietético diário. Atualmente todos sabem que existe um vínculo direto entre a doença cardíaca e aquilo que comemos. (54, 55, 56)

Alimentos ricos em proteínas animais, gordura e colesterol tornam muito mais provável que uma pessoa susceptível apresente doença arterial coronariana. (57) Os vasos sangüíneos do coração, órgão de crítica importância, tornam-se obstruídos por depósitos de gordura, tecido fibroso, cálcio e coágulos de sangue. Uma vez que a única fonte de colesterol externa ao nosso próprio corpo são os produtos de origem animal que ingerimos, a dieta vegetariana oferece a oportunidade de evitarmos este fator de risco. (58, 59) Muitos estudos têm demonstrado que o processo de aterosclerose ou endurecimento das artérias pode ser revertido ao longo de certo período de tempo, ao se utilizar uma dieta vegetariana, com baixos teores de colesterol. (60, 61, 62, 63)

Um fato que tem escapado freqüentemente à observação da medicina científica convencional, é o vital papel desempenhado pela ingestão aumentada de proteínas, sobretudo de origem animal, em relação à incidência de osteoporose, doença renal, doença reumática e outras. Um fato analisado de forma excelente por um dos autores que dão suporte especial a este capítulo. (64) Leitura altamente recomendada.

A questão primordial é: tem este conhecimento representado alguma diferença em relação ao estilo de vida? Os hábitos alimentares são importantes em relação a qualquer aspecto da saúde, inclusive do ponto de vista do controle do estresse. Sob o mesmo, a pessoa tende a ingerir demasiado alimento, ou muito pouco, ou em horários inadequados. Importa, pois, analisar o modo como comemos e o que comemos. Somente assim seremos capazes de responder com honestidade se o conhecimento de que hoje dispomos na área de nutrição, tem exercido diferença prática em nossas vidas. Analise algumas medidas, como as que seguem:

1. Coma devagar, mastigando bem os alimentos, a fim de propiciar boa digestão.
2. Alimente-se com regularidade, a horas certas, nada ingerindo entre as refeições.
3. Procure sempre comer o suficiente para manter seu peso ideal. Este pode ser considerado, num esquema bastante simplificado, como sendo:
  - Para homens: os centímetros que excedem um metro de estatura, menos 4 por cento.
  - Para mulheres: os centímetros que excedem um metro de estatura, menos 8 por cento.

Toda a complexa questão do controle do peso, com seus múltiplos desdobramentos sobre a saúde, é exaustivamente examinada pelo Dr. Hélnio Nogueira em seu livro “Viva Mais Leve” (65), leitura altamente recomendada a todos que estejam “lutando” com o sobrepeso ou obesidade. Nesta obra, além de todas as questões específicas pertinentes ao assunto, encontram-se tabelas de peso ideal.

4. Evite líquidos com as refeições!
5. Evite alimentar-se fora de casa, tanto quanto possível.
6. Faça uso abundante de alimentos integrais, destacando-se os cereais, verduras e frutas. Além de excelentes nutrientes, estes alimentos provêm abundância de fibras, tão necessárias ao correto processo digestivo e adequada exoneração fecal.
7. Controle com firmeza a ingestão de gorduras, sobretudo as de origem animal (lembre-se que leite e queijos são produtos de origem animal, e não apenas as carnes!)
8. O complexo vitamínico B é imprescindível para o equilíbrio do sistema nervoso. São especialmente necessárias as vitaminas B1 (tiamina), B6 (piridoxina) e o ácido fólico. À dieta rica em cereais integrais, verduras e frutas, pode-se acrescentar o levedo de cerveja, com o que melhorará a oferta de vitaminas na alimentação.
9. A vitamina C faz-se necessária em qualquer dieta, e ainda mais em situações de estresse. Abundante em boa parte das frutas, especialmente cítricas, kiwi, acerola e morango, além de várias verduras, esta vitamina é um potente antioxidante. Estados de estresse e depressão produzem aumentada quantidade de radicais livres, danosos às células. São neutralizados pelos antioxidantes.
10. Evite terminantemente substâncias excitantes, que tão-somente aumentam o estresse (apesar de inicialmente parecerem produzir alguma melhora). Destacamos os efeitos nocivos do café e outros cafeinados, cacau (teobromina), tabaco (nicotina) e bebidas alcoólicas em geral. A ingestão destes produtos tende a aumentar nos estados de estresse, pelo que mais importante se tornam os esforços por evitá-los completamente.
11. Analise sua ingesta alimentar como um todo. No quadro abaixo, procure substituir os alimentos habituais por opções saudáveis:

| <b>Alimentos habituais</b>                                                                                                                              | <b>Opções saudáveis</b>                                                                                                                                  |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| ALIMENTOS PROCESSADOS: arroz e pão brancos, farinha refinada, conservas, pratos pré-cozidos.                                                            | ALIMENTOS NATURAIS: arroz e pão integrais, cereais e farinhas integrais, frutas e verduras frescas.                                                      |
| GORDURAS SATURADAS: carnes vermelhas, porco, embutidos, banha, manteiga, queijo e leite integrais.                                                      | GORDURAS INSATURADAS: derivados de soja, óleos vegetais, queijo fresco, requeijão e margarina vegetal em pouca quantidade, iogurte, leite magro.         |
| DOCES: chocolate, açúcar branco, bolos, sorvetes.                                                                                                       | DOCES: uvas, ameixas secas, figos secos, mel.                                                                                                            |
| BEBIDAS: refrigerantes, cerveja, vinho, licores.                                                                                                        | BEBIDAS: água, sucos de frutas sem adição de açúcar.                                                                                                     |
| CAFEINADOS: café, chá mate, chá preto, refrigerantes à base de cola.                                                                                    | INFUSÕES: chás de plantas medicinais<br>Extratos solúveis de cereais.                                                                                    |
| COMPLEMENTOS E CONDIMENTOS: Batatas fritas, torresmo, aperitivos, carnes defumadas, queijos curados, pimenta, mostarda, pickles, frutos secos salgados. | COMPLEMENTOS E CONDIMENTOS<br>Frutas secas naturais (amêndoas, nozes, castanhas, avelãs), sementes de girassol e abóbora, azeitonas, condimentos suaves. |

## 11.8 - Repouso e Relaxamento

Na próxima seção salientarei a vital importância da atividade física para a preservação e recuperação da saúde, particularmente a emocional. Aqui preciso focalizar a situação oposta: a absoluta necessidade de reservar tempo suficiente para o repouso e a importância vital de aprender a relaxar.

11.8.1 - Repouso diário. Podemos considerar o descanso em três etapas ou níveis: diário, semanal e anual. O repouso diário tem basicamente a ver com o sono, embora existam outros momentos ao longo do dia em que, sem envolver sono, podemos e devemos repousar. Sono de boa qualidade é fundamental na preservação e recuperação do estresse. E, no entanto, quantas pessoas sofrem de distúrbios do sono, mormente nos grandes centros urbanos! Quanto mais natural e mais profundo o sono, maior será a sua contribuição à saúde física e emocional.

O tempo necessário de sono varia bastante ao longo da vida, e também há consideráveis variações de pessoa para pessoa. Em média, observamos serem requeridas as seguintes horas de sono durante um dia completo:

\*Recém-nascido: 16 a 20    \*Crianças: 10 a 12    \*Adolescentes: 9 a 10    \*Adultos: 7 a 8    \*Idosos: 6 a 7.

Como obter este sono? As seguintes orientações podem ser úteis:

- Mantenha atividade física. Quem se exercita regularmente tem muito maior probabilidade de dormir bem.
- Mantenha horário regular para dormir.
- Durma cedo, a menos que seu trabalho seja noturno. Aqui é necessário considerar a fisiologia. Nas horas iniciais da noite, até por volta de meia-noite, está em franca atividade no organismo o hormônio do crescimento (GH). Conforme seu nome indica, este hormônio participa diretamente no crescimento de crianças e adolescentes. Talvez seja esta a razão do dito popular: “A criança cresce enquanto dorme.” O mesmo hormônio que incentiva o crescimento é um importante modulador do sono! Nos adultos ele já não desempenha a função de estimular o crescimento, mas prossegue sendo modulador do sono. A partir do início da madrugada, o GH se reduz muito, e o comando da “orquestra hormonal” vai passando ao cortisol, cujo pico ocorre por volta das 7:00 da manhã. Este, ao contrário do GH, é tipicamente o hormônio da vigília, do estado de alerta. Desta forma, o sono durante as horas iniciais da noite “rende” muito mais que o sono da madrugada ou do início da manhã. Infelizmente, a maioria das pessoas não observa os horários mais adequados ao sono, talvez por desconhecer a sua importância.
- Evite alimentar-se pesadamente à noite, sobretudo se você apresenta refluxo gastro-esofágico ou já passou dos 30 anos de idade. Jante cedo.
- Evite estimulantes (bebidas cafeinadas, sobretudo) e bebidas alcoólicas.
- Use colchão firme, embora não demasiadamente duro.
- Banho morno antes de deitar, nunca muito quente ou frio.
- Ambiente favorável: silencioso, arejado, escuro, sem irradiações.
- Evite terminantemente discussões ou excitação ou filmes de terror antes de dormir.
- Evite ao máximo drogas indutoras ou facilitadoras do sono; jamais as use sem supervisão médica. Alguns chás podem ser úteis: valeriana, lúpulo, cidreira, hortelã. Contudo, distúrbios persistentes do sono devem sempre ser avaliados pelo médico.

Durante as horas de vigília, nosso organismo se concentra em atividade, movimento. Hormônios como a epinefrina (adrenalina) e o cortisol, e também o glicogênio, utilizam as proteínas do corpo. Nenhuma energia extra é usada para reparar ou repor as partes desgastadas do organismo. Tal atividade ocorre durante as horas de sono. Enquanto dormimos, o equilíbrio hormonal desloca-se para o modo anabólico, ou “de construção”. Insulina, testosterona e outros hormônios construtores são postos a fabricar novas proteínas para o corpo. (66)

“O sono é muito mais útil do que apenas algo a ser feito quando estamos muito cansados para prosseguir trabalhando. É o período em que nos preparamos para outro dia. Os tecidos musculares, os componentes do sangue e mesmo os ossos são fabricados durante as preciosas horas de descanso e sono. Seria sábio de nossa parte utilizar a demarcação bíblica do tempo, de ‘tarde e manhã’, ou noite e dia. O planejamento adequado para um novo dia não começa às seis da manhã, e sim na noite anterior, ao irmos para a cama no horário adequado”. (67)

11.8.2 - Repouso semanal. O descanso semanal também é de extrema importância para se evitar ou controlar o estresse e permitir ao organismo recompor-se. Na verdade, ele é inerente ao ser humano. Sob a perspectiva cristã, vemos Deus “descansando” ao final da Semana da Criação ao criar o sábado para esta finalidade. Mais que isto, podemos observar que a sequência semanal não guarda relação com qualquer ciclo natural dos planetas, como ocorre com o dia, o ciclo lunar ou o ano; assim, a semana parece haver sido criada em consideração específica às necessidades humanas. Etimologicamente, “sábado” significa “descanso” ou “repouso”. Não quer isto dizer que o descanso semanal deva ser usado tão-somente para o repouso físico de qualquer atividade; ele será mais útil se utilizado para finalidades altruístas e para comunhão e prece. Mas quebrar o ritmo das atividades rotineiras por ocasião do repouso semanal é vital à preservação da saúde.

Paulo deixou um conselho sábio para nós, enquanto escrevia a seus amigos hebreus: “Temamos, portanto, que, sendo-nos deixada a promessa de entrar no descanso de Deus, suceda parecer que algum de vós tenha falhado.... Portanto, resta um repouso /sabático/ para o povo de Deus. Porque aquele que entrou no descanso de Deus, também ele mesmo descansou de suas obras, como Deus das Suas”. (68)

11.8.3 - Repouso anual. O descanso anual é uma prática generalizada, através das férias; ou, pelo menos, deveria ser. Assim como a natureza repete ciclos anuais, necessita o ser humano de períodos especiais de recuperação, todos os anos.

Tenho observado aqui um problema muito freqüente: a pessoa “vende” à empresa parte de suas férias, ou divide-as em duas ou mais porções. Extremamente negativo. Estudos mostram que ao sair de férias, em média a pessoa só entra em fase definitivamente ascendente de recuperação por volta do vigésimo-segundo dia. Até então, existe alternância entre recuperação e aumento do nível de estresse. Isso torna absolutamente contra-indicado o desfrutar férias em pequenos períodos ou, pior ainda, simplesmente não desfrutá-las. Se os dirigentes de empresas conhecessem este fato e o quanto ele acaba afetando negativamente o desempenho da pessoa a médio e longo prazo, certamente exigiriam que seus funcionários desfrutassem sempre férias completas e na época apazada!

11.8.4 - Relaxamento. Focalizaremos agora o relaxamento, como importante subsídio ao repouso. Não sou favorável a técnicas ou filosofias que pregam o completo afastamento da mente da realidade que lhe está à volta – algo generalizado na meditação do tipo oriental. Ao contrário do que possam afirmar os defensores e praticantes destas técnicas, penso que sempre necessitamos manter um certo grau de vigilância mental. Não deve a pessoa entregar o comando de sua mente a quem quer que seja, o que será sempre favorecido nos estados em que a mente é colocada em “ponto morto”. Prefiro enfatizar o relaxamento muscular, que indiretamente favorece um bom nível de relaxamento mental.



## 11.9 - Exercício

“Use-o ou perca-o”. Este lema aplica-se diretamente a nossos organismos. Deus criou o corpo para a ação, e sem esta ele começa imediatamente a decair. Se você teve um braço ou perna engessado durante algum tempo, sabe que não demorou muito, e os músculos iniciaram um processo de perda de massa e enfraquecimento. Não apenas os músculos se enfraquecem pela inatividade; isso também ocorre com os ossos. (69) “A osteoporose, ou perda de conteúdo mineral dos ossos, tem na inatividade um de seus fatores etiológicos. O exercício pode ser tão importante na prevenção dessa temível doença quanto a quantidade de cálcio ingerida na dieta”. (70)

Difícilmente poderíamos enfatizar em grau suficiente a importância do exercício e de atividades recreativas na prevenção e controle do estresse e na manutenção da boa saúde em geral. Todos os órgãos e sistemas do corpo beneficiam-se com estas atividades. Só para se ter uma idéia geral da relação existente entre a falta de atividade física (sedentarismo) e doença, menciono estudos do Centro de Controle de Doenças, sediado em Atlanta, Estados Unidos. Considerando-se em conjunto os dados de 43 grandes estudos, constatou-se que a falta de atividade física constitui fator de risco para a doença coronaríaca, em grau tão importante quanto o tabagismo, a pressão arterial elevada ou elevados níveis de colesterol!

Para aqueles que desejam perder peso, poderíamos dizer: “Se você não o usar, não o perderá.” O exercício constitui a base de qualquer programa sólido de controle de peso. Sem esse estimulante do metabolismo, as restrições dietéticas estarão limitadas ao fato de que todo o metabolismo estará em “alerta de fome” e uma parcela muito pequena da perda de peso será permanente. O exercício também contribui para a auto-imagem e os aspectos psicológicos do controle de peso. (71)

O exercício vigoroso sustentado contribui para a manutenção ou reparo do coração. Consegue-se isto pela redução da pressão arterial e dos batimentos cardíacos, pelo aumento na captação de oxigênio e pela alteração dos lipídios do sangue. (72) Com todas estas vantagens do exercício, pareceria desnecessário alinhar mais argumentos em seu favor. Mas existem outros.

Ele também representa um dos mais importantes aspectos no controle do estresse. Hormônios especiais do “bem-estar” (endorfinas) são liberados no cérebro durante o exercício vigoroso. Talvez você já tenha desfrutado desta condição de paz mental que ocorre durante ou após uma boa prática de atividade física. Assim, não é menor a importância da atividade física para a saúde emocional, do que o é em relação à saúde física. Salientamos apenas alguns de seus benefícios, especialmente em conexão com o controle do estresse:

1. Aumenta a eficiência do coração, dilata os vasos sanguíneos, melhora a circulação e ajuda a controlar a pressão alta.
2. Ajuda a reduzir o colesterol.
3. Relaxa os músculos, melhora a flexibilidade das articulações e facilita o repouso.
4. Queima o excesso de energia e contribui para manter o peso ideal, com o benefício psicológico e físico que daí advém.
5. Favorece a oxigenação de todas as células do organismo, e em particular a dos neurônios, ou células nervosas.
6. Favorece a transpiração e eliminação de toxinas.
7. Importante na produção de endorfinas, que são neurotransmissores diretamente relacionados com a sensação de bem-estar. Assim é favorecido o bom humor e a atitude mental otimista e relaxante.

8. Com a melhor irrigação sangüínea do cérebro, melhora a auto-estima e aumenta a capacidade e agilidade da mente.

Muitos, ao ouvirem ou lerem sobre os benefícios da atividade física, tomam a decisão de deixar de lado sua inatividade, tão-somente para logo adiante, frustrados, perceberem que não saíram do ponto em que estavam antes. Convém, pois, observar algumas orientações que poderão modificar este ciclo de “decisão-promessa não cumprida-frustração”. Também precisamos respeitar algumas precauções.

1. Reserve um período fixo de tempo todos os dias ou no mínimo a cada dois dias, para atividade física e recreação. Considere este espaço de tempo como “sagrado”, não permitindo o seu uso para atividades sedentárias.
2. Escolha uma ou mais atividades de seu agrado e adequadas à sua capacidade física, e conserve-se praticando-as até o final da vida. As principais opções: caminhada, natação, ciclismo, tênis.
3. Procure companhia. O abandono é mais freqüente quando praticamos solitariamente o exercício.
4. Comece gradativamente e vá tornando mais intenso o exercício à medida que melhore a capacidade do organismo.
5. Entusiasme-se. Pense nos benefícios e jamaiz considere o tempo assim aplicado como sendo perdido.

Algumas precauções fazem-se necessárias:

1. Use roupa e calçado adequados.
2. Não pratique exercício intenso após alimentar-se.
3. Não inicie e nem interrompa o exercício de forma abrupta.
4. Se tem mais de 40 anos de idade e não vem praticando atividade física regular, consulte previamente o médico. Faça o mesmo se tiver história pessoal ou familiar de doença coronariana, pressão alta, diabetes, obesidade ou doença articular.
5. Sempre busque orientação médica se, durante ou após o exercício, surgir: taquicardia mantida (coração acelerado), câimbras repetidas ou persistentes, dor torácica que não cede ao repouso, fraqueza importante nas pernas, tonturas que persistem.
6. Respeite os limites de sua pulsação cardíaca. A freqüência cardíaca máxima é dada, de modo simplificado, pela fórmula:  $220 - \text{IDADE}$ . Uma pessoa de 50 anos jamais deveria ultrapassar a freqüência de 170 batimentos por minuto. ENTRETANTO, como regra, não devemos ultrapassar 85% desta freqüência máxima. Tampouco será proveitoso o exercício se mantivermos o coração num nível muito baixo de pulsações. Em termos práticos, a seguinte tabela poderá orientar você quanto às pulsações por minuto recomendadas, mínimas e máximas:

| IDADE | MÍNIMAS | MÁXIMAS | IDADE      | MÍNIMAS | MÁXIMAS |
|-------|---------|---------|------------|---------|---------|
| 20    | 150     | 170     | 25         | 145     | 165     |
| 30    | 140     | 160     | 35         | 135     | 155     |
| 40    | 130     | 150     | 45         | 125     | 145     |
| 50    | 120     | 140     | 55         | 115     | 135     |
| 60    | 110     | 130     | 65 ou mais | 105     | 125     |

Toda atividade física deve observar cinco etapas distintas:

1. Alongamento e alinhamento das articulações: 5 a 10 minutos.
2. Aquecimento (é o próprio exercício, mas em ritmo brando): 5 a 10 minutos. Necessita ser mais prolongado em clima frio.
3. Exercício propriamente dito (exercício aeróbico): 20 a 50 minutos. Se a pessoa se exercita diariamente, pode praticar no limite inferior do tempo sugerido.
4. Desaquecimento (é o próprio exercício, novamente em ritmo brando): 5 a 10 minutos.
5. Alongamento pós-exercício: 5 a 10 minutos.

#### 11.10 - Algumas Palavras Sobre Fitoterapia

Estas poucas palavras são oferecidas à guisa de orientação nesta área, sem que eu pretenda fazer a apologia ou a condenação do emprego de plantas medicinais. Certamente existem muitas com excelentes propriedades curativas, assim como muitos riscos em se fazer uso de várias delas. A atitude de considerar as plantas como sempre sendo uma opção melhor do que o uso de fármacos, por certo é precipitada e muitas vezes despida de bom senso.

Existe um conceito muito arraigado popularmente, de que, em sendo naturais, as plantas necessariamente são benéficas. Poucas idéias poderiam ser mais perigosas que esta. Muitas plantas, mesmo dentre as que possuem propriedades curativas inegáveis, já demonstradas em experimentos científicos controlados, apresentam simultaneamente altos níveis de toxicidade! E há que se lembrar que, ao lidar com as plantas em seu estado natural, estamos na verdade lidando com um verdadeiro estoque de produtos químicos, dos quais alguns podem trazer benefícios, e outros não.

Outro sério problema relacionado com o emprego de plantas, é sua freqüente associação com métodos místicos de diagnóstico e tratamento. Bastaria observar que elas são amplamente empregadas na Ayurveda, a tradicional medicina hinduísta de cunho espiritualista, já citada muitas vezes ao longo deste livro. Mas aqui em nosso meio observa-se a mesma tendência, não sendo incomum que botânicos reconhecidos como altamente qualificados, associem conhecimento científico com as mais esdrúxulas práticas místicas. Já enfrentei o dissabor de acompanhar semelhantes “demonstrações”.

Acredito que, para os que desejarem conhecimento científico seguro e isento de superstições na área de uso medicinal de plantas, o melhor que posso fazer é indicar literatura escrita por médicos cristãos, como o item bibliográfico que segue. (73) Existem, evidentemente, livros mais simples e mais acessíveis, mas prossigo recomendando que sejam escolhidos os de autores com genuíno conhecimento científico.

#### 11.11 - Conclusão do Capítulo

Estes princípios de boa saúde formam um plano ordenado por Deus para a preservação da saúde e recuperação da doença. Eles parecem tão óbvios que, à primeira vista, somos tentados a vê-los como excessivamente simples para competir com as modernas técnicas de transplantes cardíacos, máquinas de diálise renal, cirurgias a *laser* e coisas do tipo. Espero, porém, que a corroboração científica destes princípios convença você de que vale a pena o tempo e o esforço de incluí-los em seu estilo de vida pessoal. E tal corroboração só vem aumentando de volume a cada novo dia.

Não exagero em afirmar que a aplicação prática do estilo de vida preconizado neste capítulo – e detalhado em muito maior extensão na literatura que indiquei aqui – significaria a maior revolução mundial em termos de saúde. Aqui se encontram as verdadeiras “terapias alternativas”, baseadas na genuína fisiologia

criada por Deus. A sabedoria médica sempre soube que prevenir é melhor que tentar curar. As medidas de estilo de vida recém recapituladas possuem forte impacto contra a alarmante incidência de doença cardíaca, câncer, hipertensão e acidentes vasculares cerebrais, que têm paralisado o mundo ocidental e agora começam a ameaçar inclusive outros países que adotaram o estilo de vida do ocidente, com muito estresse, pouco exercício e hiper-nutrição. Mesmo para aqueles que já sofrem dessas doenças degenerativas, existe esperança de reversão do processo e cura, através de medidas relacionadas ao estilo de vida. Tão simples como parecem, tais medidas serão capazes de salvar a vida de milhões de pessoas.

“A despeito da simplicidade desses remédios – o que muitas vezes leva à sua rejeição, pois as pessoas esquecem que algumas das mais importantes coisas da vida são extremamente simples – sim, a despeito de sua simplicidade, assegura-nos Deus que tais remédios, ‘apta e oportunamente aplicados, produzirão *miraculoso resultado*’ (74)”. (75)

Triste é dizê-lo, estas simples e ao mesmo extraordinárias medidas redentoras da saúde, não recebem e nem receberão o incentivo devido através dos órgãos de comunicação, nem, muito provavelmente, da grande maioria dos órgãos governamentais de saúde dos países em geral – e muito menos das empresas que produzem medicamentos e equipamentos médicos. Elas *contrariam interesses financeiros muito poderosos*. Resta a você a decisão pessoal de investir no rumo correto, em se tratando de sua saúde e da saúde das pessoas que lhe são caras!

## CAPÍTULO DOZE

### TENSÕES EM TORNO DO CONCEITO DE “CURA”: EXISTE UMA SAÍDA ACEITÁVEL?

- 12.1 - Conceito de Cura Sob Diferentes Filosofias
  - 12.1.1 - Campos filosóficos de saúde
  - 12.1.2 - Conceito de cura sob a medicina convencional
  - 12.1.3 - Conceito de cura sob a visão “holística”
- 12.2 - Quando Holismo É Sinônimo de Espiritualismo
  - 12.2.1 - Escopo oficial do enfoque holístico
  - 12.2.2 - Premissas unificadoras da comunidade holística
  - 12.2.3 - Os produtos naturais do balcão de Satanás
  - 12.2.4 - A visão “holística” é antibíblica e anticientífica
- 12.3 - Medicina de Resultados
  - 12.3.1 - Explicações para os resultados
  - 12.3.2 - Medicinas energéticas e psicoterapia
  - 12.3.3 - Quando vozes ilustres se erguem sem senso crítico
  - 12.3.4 - A “redefinição de ciência”
- 12.4 - Quando “Cristãos” Aceitam Práticas Espiritualistas
  - 12.4.1 - Visão de doença e conceito de cura dos “cristãos místicos”
  - 12.4.2 - “Cristãos tradicionais” e terapias energéticas
- 12.5 - Problemas Com as Profissões Associadas da Área de Saúde
  - 12.5.1 - Questionamento da liderança histórica da medicina
  - 12.5.2 - O holismo substituindo o rigor científico
  - 12.5.3 - Problemas com a enfermagem e a fisioterapia
  - 12.5.4 - Problemas com a quiropraxia
  - 12.5.5 - Problemas com a osteopatia
- 12.6 - O Que Dizer da Medicina Oficial?
  - 12.6.1 - Vínculo da medicina oficial com o vitalismo
  - 12.6.2 - Tentando corrigir parcialmente a herança
  - 12.6.3 - Deficiências da visão médica convencional
- 12.7 - O Dano Que Uma Doutrina Demoníaca Pode Causar
- 12.8 - Creio Que Existe Uma Saída Aceitável

## 12.1 - Conceito de Cura Sob Diferentes Filosofias

Havendo chegado ao último capítulo do livro, no qual me proponho a reunir algumas conclusões, temos diante de nós a tarefa de examinar com um pouco mais de atenção o próprio conceito de “cura”, que, afinal de contas, se encontra subjacente a praticamente qualquer proposta terapêutica – pelo menos como ideal desejado, nem sempre possível de ser atingido. Perceberemos, contudo, que este conceito varia bastante, dependendo do ponto de vista do observador.

12.1.1 - Campos filosóficos de saúde. Dois grandes campos filosóficos, em termos de saúde, têm sido propostos pela maioria dos autores. Destes, o primeiro é mais fácil de ser definido, pois refere-se à medicina convencional, conforme praticada, ainda como corrente dominante, no ocidente. Foi identificada, inicialmente por Hahnemann, como “alopatia”, termo que me parece bastante impróprio, pelas razões já expostas antes. O outro grande campo é o das terapias alternativas e/ou complementares, cuja definição é bem mais difícil, já que abarca ampla variedade de teorias e práticas. Mencionei na Introdução a dificuldade de se definir o que seja uma terapia alternativa, de modo que preferi reservá-la para este ponto, quase ao final da obra. Utilizarei aqui a definição de “Cochrane Collaboration”:

“Medicina complementar e alternativa (MCA) constitui um amplo domínio de recursos de cura que abrange todos os sistemas, modalidades e práticas de saúde, e suas teorias e crenças acompanhantes, outros que não aqueles intrínsecos ao sistema de saúde politicamente dominante em uma sociedade ou cultura particular, em dado momento da história. MCA inclui todas as práticas e idéias auto-definidas pelos seus usuários como servindo para a prevenção ou tratamento de doenças e promoção da saúde e do bem-estar. Os limites dentro da MCA e desta para com o sistema dominante nem sempre são bem definidos”. (1)

Há que se considerar também que, ao longo da história, muitos métodos “alternativos” vieram a se tornar “convencionais”, na medida em que se provaram mais eficazes que os métodos convencionais anteriores. De um lado, tal observação constitui inegável realidade, e muitas vezes bem-vinda, pois significou a base para o progresso da ciência. De outro, constitui motivo de apreensão – voltarei a este ponto na terceira seção, quando focalizar a notória tendência hoje verificada no sentido de se modificar o próprio conceito de “ciência”.

Como citei acima, o conceito de cura variará amplamente, dependendo do ponto de vista do observador, mas de modo geral tenderá a manter-se, uma vez mais, coerente com um dos dois grandes sistemas citados. A visão do sistema tradicional de medicina é mais *mecanicista*, ao passo que quase todos os sistemas alternativos baseiam-se numa concepção *vitalista*. Definimos o vitalismo no Capítulo Quatro. De todos os modos, “cura” é um conceito que evoca reações emocionais, pensamentos de divindade em alguns ou de ceticismo em outros, uma vez mais dependendo da formação filosófica básica da pessoa e de suas experiências anteriores.

Obtemos esta definição de “cura” de um dos dicionários referenciais da língua portuguesa:

- “1. Ato ou efeito de curar(-se).
2. Restabelecimento da saúde.
3. Meio de debelar uma doença; tratamento.
4. Tratamento preventivo de saúde”. (2)

Do mesmo dicionário obtemos as seguintes acepções para o verbo “curar”, considerando apenas aquelas que se relacionam com o sentido principal do termo, aplicado à saúde:

- “1. Restabelecer a saúde a.
2. Debelar (doenças, feridas, etc.).
3. Tratar, cuidar.
4. Exercer a medicina.
5. Por extensão: Praticar o curandeirismo.
6. Recuperar a saúde; restabelecer-se, sarar”. (3)

Consultemos agora no mesmo dicionário o significado do verbo “sara”:

- “1. Dar ou restituir a saúde a (quem está doente); curar.
2. Debelar, curar.
3. Corrigir, emendar, sanar.
4. Purificar, sanear.
5. Curar-se, recuperar-se.
6. Recobrar a saúde; retornar ao estado normal”. (4)

Parece-me que o dicionário mescla um pouco os conceitos de “curar” e “sara”, chegando a identificá-los como sinônimos; creio, todavia, que devem ser considerados como distintos. Curar implica na recuperação da saúde ou exclusão dos sintomas da enfermidade. O termo equivale, pois, ao de *sara* num sentido restrito. *Sara*, num sentido amplo, pode implicar no restabelecimento da harmonia interior, na recuperação da paz no íntimo, sem que necessariamente exista a exclusão dos sintomas – na verdade, o cristão pode aceitar até mesmo a inexorabilidade da morte, sob a condição de pecado, a partir de uma perspectiva mais ampla de “cura”, aquele sara que só Deus pode oferecer – a certeza de que, sob a intervenção divina, o pecado será extinto, e com ele todas as suas conseqüências, inclusive a enfermidade e a morte.

A cura – agora volto a utilizar o termo em seu sentido mais restrito -pode ocorrer de várias formas, e penso que o cristão deve ter em mente esta realidade. Ao mesmo tempo em que o enfoque ideal da saúde deve ser preventivo, através de um estilo de vida saudável – e neste caso a “cura” ocorre antes de se apresentar a enfermidade, conceito que pode soar estranho a alguns ouvidos - a doença é uma realidade no mundo atual – mundo que ainda se encontra sob a influência do pecado.

Dependendo, uma vez mais, da posição do observador, “alguns crêem que a cura é primariamente espiritual, ao passo que outros rejeitam a noção de espiritualidade, acreditando que a única cura possível é a fisiológica ou física. O efetivo mecanismo da cura ainda é desconhecido”. (4) Embora eu pretenda voltar a este ponto mais tarde, desde já me parece viável assegurar que os cristãos NÃO precisam apegar-se à idéia de que a única cura possível é a fisiológica – uma visão puramente mecanicista – e tampouco devem enfatizar sobremaneira – e, menos ainda, com exclusividade – o aspecto espiritual da cura, sob risco de deslocar seu ponto de vista do genuíno sentido espiritual para outro, perigoso, o “espiritual” vinculado ao espiritualista. Reveja em 3.5 a distinção entre estes conceitos, o que é de vital importância.

12.1.2 - Conceito de cura sob a medicina convencional. A visão da medicina convencional do ocidente (“científica” ou “alopática”, como preferem alguns) tende a fazer coincidir o conceito de “curar” com o de “sara”. Ou seja, tende a entender o “curar” em seu sentido restrito. Seu enfoque principal tem sido o de suprimir sintomas e erradicar causas externas causadoras de doença, tais como bactérias, fungos, protozoários e vírus. A descoberta destes patógenos durante os dois últimos séculos – assim como dos meios para suprimi-los, ao longo do vigésimo século – fez com que a grande ênfase da prática médica do ocidente se voltasse para atitudes nitidamente intervencionistas, tanto na área clínica quanto cirúrgica – esta última, por definição, é intervencionista.

Mesmo uma porção considerável do que este enfoque entende como sendo prevenção, é uma forma modificada de intervenção, o que poderíamos identificar como “intervenção preventiva” – higiene pessoal, medidas sanitárias públicas e uso de vacinas, por exemplo. Quando se julga necessária a intervenção cirúrgica ou qualquer outra medida invasiva, estas são praticadas sob rigorosas medidas de controle dos patógenos externos e internos, executando-se técnicas de assepsia e antissepsia.

A contribuição da medicina convencional para a extensão e a melhora das condições de vida é inegável. Ignorar este fato equivale a fechar os olhos diante do absolutamente óbvio. Também são inegáveis alguns pontos de fraqueza do tradicional enfoque médico científico ocidental. À medida que as doenças infecciosas tendem a reduzir sua participação no total de casos de enfermidades e mortes, com o aumento assustador da participação de doenças (e mortes) por causas degenerativas, vem sendo enfatizadas medidas preventivas mais amplas, baseadas em bem conduzidos e controlados estudos científicos.

Caminhando neste sentido, a visão tradicional se aprimora e se aproxima gradativamente do ideal. Adquire, em minha opinião, uma compreensão cada vez mais “holística” da saúde – verdadeiramente holística, um seja, de conjunto, de raciocínio tipo causa-e-efeito, que tanto lhe faltava antes. Deixa menos espaço, conseqüentemente, para as críticas daqueles que se intitulam holísticos, a maioria dos quais praticam formas “alternativas” de cura. O cerne destas críticas caminha no sentido de que a medicina tradicional do ocidente não consegue desenvolver uma visão de todo da pessoa – o que muitas vezes foi e em parte ainda prossegue sendo verdade (veja a seção 12.6).

Há que se reconhecer, entretanto, que a medicina científica ocidental tende a considerar a cura quase exclusivamente sob seus aspectos fisiológicos, pouco (por vez, nenhum) espaço deixando para o aspecto espiritual. Ciência e religião possuem, a partir deste enfoque, limites absolutamente precisos, e uma não deve tentar intervir no campo de atuação da outra. Mesmo as enfermidades da esfera emocional tendem a ser consideradas apenas do ponto de vista dos distúrbios bioquímicos nelas implicados.

Inegavelmente, um tal enfoque gera tensão. De um lado, previne a introdução de concepções espiritualistas do ser, o que pode ser considerado positivo sob a óptica cristã. Por outro lado, representa uma forma pobre de se tentar compreender a complexidade do ser humano, conduzindo a severas limitações em termos de alcance diagnóstico e terapêutico. Além disso, favorece a visão cética, materialista e evolucionista do homem, o que de modo algum coincide com os interesses e ideais da genuína visão cristã.

12.1.3 - Conceito de cura sob a visão “holística”. Uma enorme gama de enfoques alternativos é geralmente agrupada sob a denominação de “holismo”. O termo tem origem grega (“holos” quer dizer “todo”), mas nos tempos modernos a palavra *holismo* foi primeiramente cunhada na África do Sul em meados da década de 1920, sendo redescoberta na América do Norte nos anos 1970. Seu uso vem crescendo dia a dia, sendo geralmente considerada como sinônima de filosofia de saúde ideal.

“O sistema holístico do ocidente direciona-se para uma visão integrada e balanceada da mente, corpo e espírito. Os praticantes holísticos reconhecem que as causas das enfermidades são complexas. A doença não é vista como um evento puramente externo, embora causas ambientais possam encontrar-se entre as



variáveis causativas. Em muitos casos, a mente e o espírito, incluindo pensamentos, sentimentos e emoções, são tão importantes quanto as necessidades físicas na manutenção da saúde e recuperação da enfermidade. O holismo abarca uma filosofia que enfatiza a responsabilidade pessoal e a participação do indivíduo no cuidado de sua própria saúde. Abrange todas as modalidades seguras de diagnóstico e tratamento, enquanto enfatiza a pessoa como um todo: seus aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais”. (5)

Uma visão *quase* perfeita. Analisemo-la ponto a ponto. *O sistema holístico se propõe a uma visão integrada e balanceada da mente, corpo e espírito.* Perfeito. Tal é também a visão bíblica, e isto sob a perspectiva de “santificação” – a separação do ser para o dedicado serviço a Deus: “E o mesmo Deus de paz vos santifique em tudo: e o vosso espírito, alma e corpo sejam conservados íntegros e irrepreensíveis na vinda de nosso Senhor Jesus Cristo”. (6)

*Os praticantes holísticos reconhecem que as causas das enfermidades são complexas.* Perfeito, realmente o são, o que por vezes escapa à compreensão dos praticantes da medicina tradicional. *A doença não é vista como um evento puramente externo, embora causas ambientais possam encontrar-se entre as variáveis causativas.* Perfeito, hoje nem mesmo a medicina convencional teria algo a objetar diante desta afirmação. *Em muitos casos, a mente e o espírito, incluindo pensamentos, sentimentos e emoções, são tão importantes quanto as necessidades físicas na manutenção da saúde e recuperação da enfermidade.* Perfeito, nada a retificar.

*O holismo abarca uma filosofia que enfatiza a responsabilidade pessoal e a participação do indivíduo no cuidado de sua própria saúde.* Absolutamente correto, ninguém deve sentir maior responsabilidade por sua saúde do que o próprio indivíduo. Embora esta asserção seja perfeitamente compatível com o enfoque tradicional, sob este, na prática, muitas vezes ocorre uma espécie de “autoritarismo paternalista”, em que o profissional assume sobre si a responsabilidade de todos os erros do indivíduo, dita-lhe o que fazer, e a sociedade paga a conta dos erros da pessoa, que não entendeu ou não quis entender o que dela se esperava.

*O holismo abrange todas as modalidades seguras de diagnóstico e tratamento, enquanto enfatiza a pessoa como um todo: seus aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais.* Bem, aqui começamos a ter problemas. Quais são as “modalidades seguras” de diagnóstico e tratamento? Seguras sob qual ponto de vista? E do ponto de vista de quem? Ao se propor a ver a pessoa como um todo, inclusive em seus aspectos “espirituais”, qual a definição subjacente de “espiritual”? (Sugiro que você volte a revisar a seção 3.5!) E o problema é que tudo que vem depois é entendido como “holístico”, pois neste conceito cabe qualquer coisa.

Não há como escapar: este enfoque, inicialmente tão atrativo à mente cristã, aparentemente tão em harmonia com a visão bíblica do ser humano, em que as palavras da definição do conceito chegam a repetir quase na íntegra os termos do texto bíblico, sim, este conceito de holismo produz profunda TENSÃO na genuína mente cristã. Isto porque, na prática, o *espiritual* do holismo costumeiramente é o entendimento *espiritualista* do termo!

Exagero? De modo algum. A visão holística não constitui um sistema de diagnóstico e tratamento em si mesma, antes se aplica a uma postura por parte do terapeuta (e muitas vezes, também do paciente, que costuma ser participativo nas decisões sobre sua saúde, o que em princípio é muito bom). Os profissionais holísticos costumam utilizar uma ou várias “técnicas” de diagnóstico e terapia – geralmente mais de uma. Muitas vezes valem-se da medicina convencional, acrescida de uma ou mais técnicas não convencionais. Acredito que, se o enfoque holístico fosse aplicado à medicina científica, fisiológica, então estaríamos pisando em terreno mais seguro. Na prática, não é o que costuma acontecer.

Habitualmente o terapeuta holístico faz uso de alguma ou várias das modalidades que estivemos analisando a partir do Capítulo Quatro, incluindo o extenso (mas de modo algum, completo) rol de terapias apresentadas no Capítulo Nove. Só para recordar algumas dessas “técnicas”:

- Mesmerismo, que em sua versão moderna se identifica com várias formas de terapia de imposição de mãos e cura energética.
- Hipnotismo, diretamente derivado do mesmerismo, conforme vimos antes, e amplamente utilizado, sobretudo em psicoterapia.
- Medicina Ayurvédica, base dos sistemas hinduístas de cura, com sua notória insistência na “perturbação do equilíbrio” como sendo a causa da enfermidade. Inclui a variante *Ved*, que é uma interpretação contemporânea desse tipo de medicina, inspirada por Maharishi Mahesh Yogi, o fundador da Meditação Transcendental.
- Medicina Tradicional Chinesa. Abrange várias das técnicas antes examinadas ou citadas, e sempre focaliza o “equilíbrio” das energias positivas e negativas.
- Homeopatia, extensamente analisada no Capítulo Cinco.
- Essências florais, numa linha extremamente próxima à da homeopatia, em termos conceituais. “Tais como a homeopatia, acredita-se que as essências florais são vibracionais em sua natureza e atuam através dos ‘vários campos de energia humana’, que, a seu turno, influenciam o bem-estar emocional e físico”. (7)
- Xamanismo, Cura de fé, Cura Mental ou metafísica.
- Cura espiritualista, medicina energética e dos campos da aura. Algumas destas abordagens apresentam um fundamento pseudo-cristão, como a do clarividente Cayce, citado em 9.2.3. Sua teoria propõe a reencarnação e um corpo triúno (corpo físico, corpo mental e corpo espiritual), e define “cura” como o processo de “despertar” o “padrão divino” dentro dos seres humanos.
- Cura natural, baseada na tradição dos ancestrais.
- Vários métodos que tendem a guardar relação mais estreita com a prática convencional, tais como quiropraxia e osteopatia (veja mais a respeito de ambas em 12.5); herbalismo (que chega por vezes a confundir-se com a fitoterapia convencional, mas insiste em que “o todo é mais que a soma das partes”, em se tratando das virtudes das plantas); medicina ambientalista (muito próxima à medicina convencional, mas geralmente associando-se ao uso de homeopatia, aromaterapia e outras práticas não ortodoxas); naturopatia, com sua ênfase voltada para o poder curador da “natureza”, quase sempre associando-se a algumas das demais práticas não convencionais, como acupuntura, homeopatia e outras. (8)

As práticas de cura “natural” vêm ressurgindo com toda força, muitas vezes associadas à terapia convencional. Tende a se tornar menos definida a linha demarcatória entre as duas grandes formas de ver o ser humano e de tratá-lo. Em outros termos, a medicina tende a tornar-se cada vez mais “holística”, não no genuíno sentido do termo, e sim na acepção e conotação que vem adquirindo nas últimas décadas. Poderíamos, pois, afirmar que Oriente e Ocidente, em termos de terapias, tendem a se aproximar mais e mais, e eventualmente poderão vir a fundir-se (quase) por completo. Para os que promovem tal aproximação, ela resultará em grande benefício para todos os povos. Será?

A típica definição de cura, proveniente de um “holístico”, tende a seguir a linha de raciocínio deste autor: “É importante compreender que drogas, pós, poções e loções não curam. Nem a medicina quiroprática, a

acupuntura ou a psicoterapia. Os médicos não curam. Somente a sabedoria do organismo cura”. (9) Ainda que nela exista alguma verdade, um aspecto assaz perigoso é atribuir ao corpo a “sabedoria” de ocupar-se de sua própria cura. O holismo tende o tempo todo ao espiritualismo e ao panteísmo. Vejamos.

## 12.2 - Quando Holismo É Sinônimo de Espiritualismo

12.2.1 - Escopo oficial do enfoque holístico. A Associação Americana de Saúde Holística representa hoje um importante segmento dentro da medicina dos Estados Unidos. Congrega profissionais de todas as especialidades, aqueles que se propõem a aplicar em sua prática o enfoque holístico. Através de Suzan Walter, presidente da Associação, foi definido o seguinte escopo para a atuação desta entidade:

“A Associação Americana de Saúde Holística (AHHa), promove a saúde holística como abordagem para criar o bem-estar, estimulando você a:

- Balancear e integrar seus aspectos físico, mental, emocional e espiritual.
- Estabelecer relacionamentos respeitosos e cooperativos com outras pessoas no ambiente.
- Fazer escolhas de estilo de vida orientadas para o bem-estar.

Isso demanda que você participe ativamente nas decisões sobre sua saúde e no processo de cura”. (10)

Uma proposta muito atraente. Balancear e integrar os aspectos físicos, mentais, emocional e espirituais da pessoa. Estimular relacionamentos respeitosos e cooperativos, inclusive com o ambiente. Contribuir para escolhas corretas em termos de estilo de vida. Ajudar o indivíduo a compreender que sua participação pessoal nas decisões de saúde e métodos de tratamento é fundamental – fazê-lo perceber que a responsabilidade final de sua saúde pertence a ele.

Em princípio, qualquer cristão poderia subscrever, até com entusiasmo, as propostas da AHHa. Mas alguma coisa não expressa nas definições acima pode complicar todo o nosso entusiasmo pelas propostas dessa entidade e de outras do mesmo teor. Sua proposta de integração *espiritual* constitui a chave do problema. Na verdade, esta preocupação com o “espiritual” integra-se a algumas outras premissas, as quais constituem a própria base unificadora ou integradora da comunidades holística. TODAS as premissas, dadas as peculiaridades com que são desenvolvidas, fazem convergir para a visão espiritualista do ser humano. Examinemo-las, pois.

12.2.2 - Premissas unificadoras da comunidade holística. “As premissas fundamentais que unem a comunidade alternativa envolvem natureza, vitalismo, ‘ciência’ e espiritualidade. Tomados em conjunto, estes princípios expandem opções de comportamento, identidade, experiência e significado, quando a doença (ou sua possibilidade) ameaça a integridade da pessoa e seu senso de conexão com o mundo...Ao utilizarem tratamentos ‘naturais’ ou modificarem os hábitos de vida da pessoa, levando-os a se conformarem com as normas da ‘natureza’, a pessoa conecta-se com aquilo que parece uma versão menos artificial da personalidade. A autenticidade é imediatamente melhorada ao a pessoa se ‘purificar’ da dimensão tóxica da civilização ou de suas resultantes doenças. Cura natural também implica em participação *ipso facto*, mesmo sem intenção consciente, num movimento mais amplo de reforma para a regeneração de uma sociedade super-desenvolvida tecnologicamente. A cura natural assume uma dimensão dual: cura pessoal e aperfeiçoamento da ordem social. A debilidade da doença (ou o trabalho de manutenção da saúde) tornam-se uma oportunidade para salvar tanto a pessoa quanto o mundo”. (11)

Analisando-se cada uma destas premissas, observamos nelas alguns detalhes reveladores. Um “fio dourado” une entre si a premissa do “natural”, da “ciência”, do vitalismo e do “espiritual”. Observe, desde já, que deixei apenas o vitalismo sem aspas!

Natureza: As terapias médicas alternativas provêm aos pacientes uma retórica generosa, relacionada com uma “natureza” benevolente. Na medicina alternativa, a natureza é inocente e saudável, verdadeiro símbolo da virtude. (12) Observa-se nesta visão uma ambígua combinação de polaridades morais: natural versus artificial, puro versus tóxico, orgânico versus sintético, de baixa tecnologia versus de alta tecnologia, integral versus processado. Curiosamente, sob esta visão otimista e esperançosa, qualquer aspecto adverso observado em a natureza (desde o bacilo antraz até picadas mortais de serpentes), tende a ser ignorado. (13) “A natureza é a metáfora definidora para a maioria das medicinas alternativas. . . Assim, agulhas de acupuntura, megadoses de vitaminas e meditação, são todas ‘naturais’”. (14)

Vitalismo: Conceito amplamente definido no Capítulo Quatro. As medicinas alternativas oferecem à pessoa ameaçada pela doença uma conexão com poderes fundamentalmente benígnos, coerentes, potentes e significativos. (15) Quando a doença tende a isolar a pessoa, o terapeuta alternativo lhe oferece a reconexão com forças cósmicas apoiadoras da vida, e isto sob inúmeras formas: a homeopatia refere-se a uma “essência vital espiritual”, (16) a quiropraxia menciona o “inato” (17) e a acupuntura afirma envolver-se com fluxo de “chi” (18); a medicina Ayurvedica identifica este poder como “prana” (19), ao passo que os praticantes da Nova Era lidam com energias “psíquicas” ou “astrais”. (20, 21) “A aliança alternativa rotineiramente afirma que seus métodos repousam sobre restauradoras ‘forças vitais’, em oposição às ‘destruidoras’ forças de drogas artificiais e cirurgia”. (22, 23)

Ciência: Tal como ocorre com a biomedicina, nas formas alternativas de cura busca-se o respaldo da ciência com vistas à credibilidade; até mesmo o ocultismo se identifica como “ciência oculta”. (24, 25) A ciência convencional questiona abertamente as pretensões científicas das medicinas alternativas, conforme havemos observado tantas vezes nesta obra. Entretanto, os defensores e pacientes destas terapias acreditam firmemente nos fundamentos científicos de suas propostas. Em particular, o poder curador da natureza (26) e o vitalismo apresentam-se como “científicos”. (27, 28)

Espiritualidade: Segundo observamos na proposta de atendimento feita pela presidente da AHHHA, o holismo pretende mais que atender as necessidades físicas, mentais e emocionais da pessoa; propõe-se a atender suas necessidades “espirituais”. Segundo um observador, “este sistema médico oferece elevadas doses de religião não convencional”. (29) Através da suposta vinculação do paciente com a natureza – mais que isto, sua total integração com ela, por meio das “energias cósmicas” – a busca de saúde assume proporções sagradas.

A medicina convencional tende a estabelecer uma delimitação bastante precisa entre a ciência em geral, e a religião. A ciência é considerada exaustivamente competente no reino da causalidade no tempo e espaço, ao passo que a religião constitui o domínio da liberdade moral e dos valores decorrentes do livre arbítrio. (30) “Na medicina alternativa, os domínios espiritual e físico provêm vozes diferentes da mesma antena cósmica. Forças naturais e vitalistas constituem a ‘tecnologia’ que regula a dispensação secular-divina, e que conecta o metafísico e o físico”. (31)

Este “materialismo espiritualista” age tanto em relação ao terapeuta quanto ao paciente. A importância da “espiritualidade” na prática holística pode ser compreendida ao se analisar um dos poucos estudos sociológicos com rigor científico, realizado ao se comparar praticantes holísticos com médicos generalistas na Califórnia: 340 membros da Associação Americana de Saúde Holística no primeiro grupo, e 142 médicos de família convencionais no segundo, tendo ambos os grupos o mesmo perfil demográfico. A variável com maior significado estatístico a distinguir os participantes de um e de outro grupo, foi a importância da “experiência religiosa ou espiritual” dos holísticos, em termos de sua visão de saúde, enfermidade e cura. (32)

12.2.3 - Os produtos naturais do balcão de Satanás. Assim, quais seriam as principais diferenças filosóficas entre a medicina convencional e a alternativa? Além do muito maior rigor científico da visão convencional, parece claro que a biomedicina, quando honesta, é menos otimista e mais realisticamente aceita as limitações e a finitude da condição humana. A visão holística, já pelas bases espiritualistas sobre as quais repousa, pretende ter um alcance que definitivamente não possui, e vende desta forma ao seu público todas as ilusões que a pretensão de imortalidade de Satanás passou a expor em seu “balcão de produtos” ainda no Jardim do Éden. E nada mais “natural” do que oferecer ele todos estes seus produtos como sendo “naturais”, não?

Segundo destaquei em artigo anterior, para o cristão “verdadeira razão de alarme existe no fato de que Satanás tomou para si a bandeira do natural, dando-lhe matizes freqüentemente insuspeitos, e que facilmente passam despercebidos à grande maioria dos membros da igreja, inclusive profissionais de saúde... Essas várias propostas diagnósticas e terapêuticas são consideradas ‘naturais’, e é assim que elas se apresentam ao público. Parecem não agressivas, inocentes e, segundo muitos testemunhos, eficazes. Não lhes nego a eficácia; quero conhecer, entretanto, a sua origem. Satanás almeja que consideremos seus agentes e agências como ‘naturais’, ou seja, que creiamos que sua ação ocorre de acordo com as leis naturais que, no caso do organismo humano, são as leis da fisiologia humana”. (33)

12.2.4 - A visão “holística” é antibíblica e anticientífica. Além de “naturais”, ou talvez por isso mesmo, o desejo de nosso arquiinimigo é que vejamos as propostas diagnósticas e terapêuticas baseadas na energia vital, como sendo científicas. Mas o certo é que, “a despeito de grande esforço efetuado para estabelecer suas bases científicas, esta força permanece enigmática”. (34) Algumas pretensões de validação científica, apresentadas na literatura, não foram aceitas pela comunidade científica em geral. (35) Até mesmo grande parte dos proponentes das medicinas energéticas, admitem que a bioenergia ainda falha no sentido de suportar testes de repetição e explanação controlados, que se requerem de qualquer teoria científica autêntica. (36)

Ao mesmo tempo em que falham as tentativas de explicar cientificamente as medicinas energéticas holísticas, não é difícil encontrar a explicação das mesmas no paganismo espiritualista. Uma excelente contribuição, neste sentido, é oferecida pela parapsicóloga Thelma Moss, que investigou extensamente as energias curativas: “Porventura existe um fio comum vinculando estes vários fenômenos de cura? Acredito que sim. Os hindus o identificam como ‘prana’, os habitantes do Havaí o chamam de ‘mana’, os chineses lhe dão o nome de ‘chi’. . . Mesmer o identificou como ‘magnetismo animal’, e Quimby o identificou como ‘força mental’. Creio que todos estão se referindo à mesma energia invisível”. (37)

Sim, certamente estão todos – e muitos outros mais – referindo-se à mesma energia. Quer ela apareça no paganismo antigo, no ocultismo moderno, na “medicina quântica” ou nas pesquisas da parapsicologia, esta ‘energia vital’ tem-se feito acompanhar de estados de consciência alterados, fenômenos psíquicos e contatos com espíritos. (38) Adicionalmente, os que são capazes de percebê-la e a manipulam, são normalmente definidos como xamãs, “sensitivos”, videntes e outros (mesmo médicos treinados), profundamente mergulhados no mundo oculto/pagão. (39)

“A forma de vitalismo que constitui a base de todas as modalidades energéticas de cura não constitui um ponto de vista bíblico. Segundo a Bíblia, a ‘força vital’ é a própria essência de Deus, irradiando-se do Divino Centro sob a forma de realidade interior e do vitalizante princípio da criação. É por este meio que o universo se torna intrinsecamente vivo”. (40) Sim, o vitalismo das terapias energéticas (vibracionais) e a energia vital genuína, centrada em Deus, não tem coisa alguma em comum. Acham-se, na verdade, sob a mais crucial e mortal oposição. Se o cristão perder de vista esta inexorável verdade, seguramente perderá o rumo na vida, e o próprio sentido do que significa este seu “cristianismo vitalista”!

### 12.3 - Medicina de Resultados

Em se tratando de área tão sensível quanto a saúde – as pessoas fariam quase “qualquer coisa”, sobretudo para a recuperarem após a haverem perdido! – não é de admirar que seja tão grande a ênfase popular nos resultados, pouco importando a forma como são conseguidos. É o que tenho identificado como “medicina de resultados”. Se algo produz um resultado desejado, deve ser bom, usa-se, a prática é válida. Se o resultado é obtido de forma suave, sem a agressão orgânica e sem os elevados custos financeiros de vários dos métodos de tratamento convencionais, tanto melhor!

As práticas alternativas, acompanhando a visão popular, desde há muito – ou desde sempre – vêm enfatizando os resultados. Estes são suficientes em si, o próprio fato de que tais práticas produzem resultados, as torna válidas e “científicas”, segundo esta visão. E, verdade seja dita, é inegável que MUITAS VEZES as terapias energéticas têm produzido resultados. Portanto, se o critério de validação forem resultados, elas estão validadas.

12.3.1 - Explicações para os resultados. Por que se obtém resultados a partir de terapias que não possuem validação científica determinada? Acredito que existem pelo menos três explicações possíveis, podendo todas atuar em conjunto. A primeira é o efeito placebo: o paciente tem confiança no profissional, acredita na terapia que este lhe propõe, e isto produz resultados. O aspecto analisado no parágrafo seguinte têm muito a ver com o desenvolvimento do efeito placebo. Em testes clínicos de medicações, ou mesmo na atividade prática do dia a dia do médico, este efeito é observado também na medicina convencional.

Existe uma segunda explicação, e esta fala em favor dos terapeutas energéticos. Muitos deles – tal é especialmente o caso dos homeopatas, segundo posso testemunhar pessoalmente – desenvolvem uma sólida relação médico-paciente. Procuram conhecer detalhadamente os antecedentes pessoais de seus pacientes, orientam-nos em termos de estilo de vida, investem muito tempo – muito mais que a maioria dos médicos convencionais – em levar a pessoa a ver a necessidade de ajudar-se a si mesma, a tomar decisões que a façam participar de sua própria terapia e a manter hábitos condizentes com a boa saúde. Neste aspecto, a ampla maioria dos médicos convencionais têm muito a aprender com os praticantes holísticos.

A terceira explicação refere-se à “bênção” provinda da fonte de inspiração das medicinas energéticas. Lembremos de quem era Satanás em sua “versão” original, antes de se tornar o autor e causador do pecado: “Tu eras querubim da guarda, ungido... Permanecias no monte santo de Deus, no brilho das pedras andavas... Elevou-se o teu coração por causa da tua formosura, corrompeste a tua sabedoria por causa do teu resplendor”. (41) Que Satanás é ainda um ser extremamente poderoso, as Escrituras declaram enfaticamente. “O próprio Satanás se transforma em anjo de luz”. (42) “Ora, o aparecimento do iníquo é segundo a eficácia de Satanás, com todo poder, e sinais e prodígios da mentira”. (43)

Aquele que manipula energias para transformar-se em anjo de luz, tal qual era antes de haver caído em pecado, não encontra qualquer dificuldade em manipular energias para produzir resultados sobre a saúde das pessoas. Acredito que esta manipulação ocorre sobretudo no campo conceitual, e desta forma Satanás leva as pessoas a adquirirem confiança em seus métodos. Portanto, o cristão estaria assumindo uma atitude ingênua e até mesmo ridícula se tentasse negar a realidade dos resultados obtidos pelas terapias energéticas. A mentira, citada por Paulo, constitui a base destes prodígios, mas eles, em si, são bastante reais. A mentira diz respeito às fraudulentas versões sobre a origem, papel e destino do homem sobre a face do universo. Os prodígios operados sobre esta mentira são palpáveis e concretos, muitas vezes. Isso é inegável.

12.3.2 - Medicinas energéticas e psicoterapia. A par dos muitos resultados observados em relação a enfermidades orgânicas, ultimamente vem-se notando que grande parte dos psicoterapeutas se envolve

com medicinas energéticas – muitos deles abandonando as psicoterapias convencionais e até mesmo adotando a prática da clínica geral sob um enfoque holístico. Um caminho que, de certa forma, anda na contra-mão daquilo que até há pouco se observava: clínicos de várias especialidades estudando psicoterapia para tornarem mais efetiva sua abordagem ao paciente. Proverei alguns exemplos registrados na literatura, mas devo ressaltar que eles estão ocorrendo todos os dias, a maioria deles sem registro. O processo vai correndo celeremente, porque produz resultados, resultados e mais resultados!

McGoldrick (44) salienta que as terapias de “energias sutis”, tais como a acupuntura, Reiki, toque terapêutico e outras, estão demonstrando surpreendentes resultados e rapidamente adquirindo respeito entre os psicoterapeutas. Segundo a mesma autora, é irônico observar que, em virtude dos pontos de entrelaçamento dessas duas terapias – psicoterapia e cura energética – alguns psiquiatras venham modificando sua prática, tornando-se clínicos gerais baseados em sistemas holísticos e energéticos. Ela cita alguns exemplos.

Leon Hammer, agora aposentado, praticava “psiquiatria pura”, sobretudo psicanálise, em Nova Iorque. Isso até descobrir a acupuntura e a medicina chinesa quando visitou a Inglaterra, em 1971. Depois de aprender o sistema chinês, experimentou aplicá-lo a um paciente. “A pessoa veio procurar-me em virtude de um problema emocional”, lembra o médico, “mas o problema físico também desapareceu”. A notícia espalhou-se, e em breve Hammer transformara-se num clínico geral. Segundo ele, “um dos grandes valores desse tipo de medicina é que ela é todo-abrangente. Posso tratar o cotovelo do tenista com o mesmo conceito energético com que trataria um distúrbio bipolar de humor, pois basicamente estaremos lidando com ‘chi’”. (45)

Tal qual Hammer, Tod Rowe, de Phoenix, Arizona, abdicou de doze anos de prática médica convencional em favor da medicina energética, substituindo a experiência em psiquiatria pela prática holística geral. Rowe declarou: “Pratico exclusivamente a homeopatia, pois com ela consigo tratar a pessoa, de uma só vez, *do ponto de vista físico, emocional, mental e espiritual*”. (46) (destaque suprido)

Neste aspecto, salienta McGoldrick, a homeopatia é igual a outros sistemas energéticos cujos mecanismos permanecem misteriosos, mas cuja eficácia vem sendo crescentemente documentada por pesquisas. Na Universidade de Limburg, na Holanda, em 1991, pesquisadores analisaram 107 estudos clínicos controlados sobre homeopatia, observados a nível mundial. Oitenta e um indicaram resultados positivos, segundo relataram no *British Medical Journal*. Quando se observa a cura espiritual, resultados semelhantes são verificados. O psiquiatra Daniel Benor, de Cherry Hill, New Jersey, encontrou 165 estudos controlados de “cura espiritual” em seres humanos, animais, plantas e outros. Dois terços dos mesmos mostravam efeitos estatisticamente significativos.

Enquanto a ciência mede, quantifica e analisa as energias sutis, nível a nível, seria o caso – pergunta McGoldrick - de um dia elas deixarem de ser sutis? Aqui a armadilha é a tentação de tornar-se reducionista (o enfoque da medicina convencional), acredita ela. É nesta linha de raciocínio que se expressou Robert Duggan, presidente do Instituto de Acupuntura Tradicional em Columbia, Maryland: “Durante muito tempo tentamos justificar as energias sutis referindo-nos a elas em termos científicos, mas os cientistas nos ‘bombardearam’. Assim, nós as deixamos no reino dos ‘especialistas’, em vez de convocar todo mundo para constatar mais uma vez o que todos sabem – estas energias são reais, mas não quantificáveis”. Duggan acredita, como tantos outros praticantes energéticos, que a energia sutil na verdade é senso comum, é o despertar de todos os nossos sentidos como se fossem apenas um.

12.3.3 - Quando vozes ilustres se erguem sem senso crítico. Certo, enquanto a ciência tenta medir e comparar os resultados destas energias que não se enquadram na análise das ciências físicas – vide o Capítulo Dez – a realidade inegável dos resultados vai empolgando praticantes e pacientes das terapias

alternativas. Mas não apenas estes. Algumas vozes importantes se erguem em aplauso, geralmente sem qualquer senso crítico. Um dos mais notáveis exemplos é o do Príncipe Charles, provável futuro monarca da Grã-Bretanha. Dentro de seu país, tem ele sido um dos grandes propagadores das medicinas alternativas. Carta de sua autoria, publicada num dos grandes jornais londrinos, trouxe o título: “Ciência e Homeopatia precisam atuar em harmonia”.

Nesta carta-artigo, o príncipe declarou que “em anos recentes, tem-se observado enorme crescimento no uso de medicinas complementares – não apenas na Grã-Bretanha, como também na Europa, Estados Unidos e em outras partes do mundo. Mais e mais pessoas voltam-se para a homeopatia, medicina herbática, acupuntura, osteopatia e ampla gama de outros tratamentos... O alvo que necessitamos focalizar é o de um sistema de saúde integrado, no qual todo conhecimento, experiência e sabedoria acumulados sob diferentes formas, em diferentes momentos e sob diferentes culturas, seja eficazmente empregado para prevenir ou aliviar o sofrimento humano”. (47)

Certo, certo. O que importa são os resultados. “Todo conhecimento, experiência e sabedoria acumulados sob diferentes formas, em diferentes momentos e sob diferentes culturas”, devem ser aplicados em benefício da humanidade sofredora, devem prover resultados práticos. Isto inclui, obviamente, a Sabedoria Antiga de Deepak Chopra (veja o Capítulo Dez), o vitalismo sob todas as suas variantes, o “bondoso” espiritualismo, sob o comando de seu idealizador, aliviando as dores que este mesmo idealizador criou para a desgraça e sofrimento da humanidade! Patético. Só posso concordar com alguns cientistas, menos otimistas que o príncipe, que assim se expressaram diante desta sua colocação: “Em nosso ponto de vista, as declarações do príncipe, que têm sido amplamente difundidas, atestam o horror do pensamento não crítico em suas múltiplas manifestações”. (48)

12.3.4 - A “redefinição de ciência”. Talvez o mais alarmante de todos os fatos seja a observação de que as fronteiras entre a medicina convencional e a energética estão gradual, porém rapidamente, se tornando menos distintas. Ainda existem terapeutas energéticos manifestando verdadeiro horror diante das práticas convencionais. Ainda existem médicos convencionais tentando manter o tradicional conceito de ciência que há mais de um século norteia a profissão: experimentos observáveis, repetíveis, explicados à luz das leis físicas, químicas e biológicas – e rechaçando, assim, qualquer proximidade com as terapias vitalistas. Mas é grande o número de praticantes, de ambos os lados, que tenta harmonizar as diferenças, nivelar o terreno para torná-lo comum, empreender a “síntese” entre as duas correntes, tradicionalmente posicionadas em confronto. Quem estará “levando a melhor” nesta síntese? Alguma dúvida de que serão as terapias energéticas? De minha parte, nenhuma, absolutamente nenhuma. Compartilham desta opinião outros observadores, alguns de grande relevância, como o Dr. Bopp:

“É inacreditável observar o modo como, em anos recentes, a linha separatória está gradualmente desaparecendo. Do lado da homeopatia, os médicos se aproximam da posição oficial. Por exemplo, o médico alemão, Dr. Leiser, está estudando e assimilando descobertas recentes da bioquímica em suas pesquisas homeopáticas. Do lado ortodoxo, existe crescente número de profissionais, sobretudo químicos [‘farmacêuticos’], que estão tentando tratar seus pacientes com meios homeopáticos. Na França, a homeopatia está sendo ensinada nas faculdades de farmácia. Na Suíça, o número de praticantes homeopáticos cadastrados é de aproximadamente 1.500. Doutores da França, Alemanha e Suíça têm a oportunidade de regularmente assistir cursos deste método. Nas áreas de fala francesa, rara é a drogaria que não tem o nome ‘homeopatia’ estampado, em letras grandes, em suas vitrines”. (49)

Para onde nos estamos encaminhando? Acredito piamente que o próprio conceito de ciência irá modificar-se, ou já está se modificando! Sim, ainda que isto pareça hoje uma trombetada alarmista, repito que é total a minha convicção de que o próprio conceito de ciência irá se modificar – já está se modificando. Cada vez



menos interessará a explicação dos fenômenos à luz de leis naturais conhecidas e aplicadas há muito tempo. Cada vez mais, a ênfase se deslocará para os resultados. Se algo acontece, é verdadeiro. Se é verdadeiro, é científico, ainda que não explicado por leis científicas convencionais.

Prova de que já estamos vivendo uma enorme transformação de conceitos, é que a medicina oficial vem reconhecendo e autorizando, de modo crescente, a prática de terapias energéticas sem respaldo do ponto de vista científico tradicional. Ela aceita, já sob a forma de “colegas em igualdade de condições”, várias destas práticas, ao mesmo tempo em que ainda reverbera ameaças e maldições contra outras práticas energéticas, tão “científicas” quanto aquelas que agora são prazerosamente aceitas! A exemplo de tantas outras sociedades médicas no mundo ocidental, a Associação Médica Brasileira (AMB) reconhece a homeopatia e a acupuntura como especialidades médicas oficiais. Até o momento, critica categoricamente outras modalidades, eventualmente até com melhores chances “científicas”, a exemplo da medicina ortomolecular (da qual não sou defensor). Se alguém lograr descobrir a coerência deste raciocínio, por bondade ajude-me a entendê-lo.

A única justificativa que encontro para as iniciativas dos colegas que decidem as coisas na AMB, é a mesma que estou destacando em toda esta seção: RESULTADOS! O conceito de “ciência” está mudando, e provavelmente em pouco tempo esta mudança se tornará uma verdadeira avalanche. Anti-científicos, muito provavelmente, em breve virão a ser considerados os que teimarem em apegar-se ao conceito tradicional de ciência. Não sou profeta e nem discípulo de profeta, como diria Amós. (50) Contudo, não me parece necessária uma enorme sensibilidade e nem uma intuição anormal para se constatar o rumo ao qual as coisas se encaminham. E, neste caso, para onde irá o cristão?

Bem, a pergunta já se revela ultrapassada no exato momento em que é formulada. Mais correto será indagar: para onde já estão se dirigindo os cristãos? Podemos até mesmo separá-los em dois grupos para efeito de análise: cristãos “místicos” e cristãos “tradicionais”. Não sei se o esforço valerá a pena. Se pudermos caracterizar um terceiro grupo, os “cristãos bíblicos”, aí sim, penso que a distinção fará algum sentido prático.

## 12.4 - Quando “Cristãos” Aceitam Práticas Espiritualistas

“Cristãos místicos”, autodeclarados como tais, há muito vem mesclando por completo conceitos bíblicos – por vezes acentuadamente distorcidos – com a sua visão espiritualista do mundo e do homem. Recapitularemos alguns destes pontos na primeira subseção. É interessante observar que, muitas vezes, os conceitos por eles expressos são QUASE corretos, e não fora por algum “pequeno detalhe”, poderiam ser subscritos pelos verdadeiros cristãos bíblicos.

Mas o assunto do “namoro” e mesmo “casamento” entre cristianismo e misticismo, na área de conceito de cura e métodos de praticá-la, vem-se tornando cada vez mais ostensivo a partir de cristãos “convencionais”, muitas vezes filiados a – e até mesmo ocupando posições de destaque em – igrejas cristãs tradicionais. Certamente os motivos de alarme tornam-se muito mais definidos nesta situação. A tensão se eleva, pois necessariamente conduz ao questionamento daquilo que muitos hoje entendem, aceitam e praticam sob o rótulo de “cristianismo”. Analisaremos um exemplo na segunda subseção.

12.4.1 - Visão de doença e conceito de cura dos “cristãos místicos”. Apresentarei aqui o exemplo do que crêem os membros da Fraternidade Rosacruz, que se intitulam “cristãos místicos”. Tenho alguns pacientes, e mesmo amigos, participando desta fraternidade. Como regra, trata-se de pessoas muito bem intencionadas e sinceras.

A visão do processo de doença destes cristãos místicos é interessante e, conforme citei acima, poderia ser subscrita QUASE em sua totalidade por cristãos bíblicos. A discordância se observa em algum detalhe

menor e em um “detalhe” central. Observe: “A Fraternidade Rosacruz ensina que o maravilhoso organismo que se chama corpo humano é governado por leis naturais imutáveis e, portanto, toda a doença é resultado da violação intencional ou ignorante das leis da natureza. As pessoas ficam doentes porque, nesta vida terrena ou em outra vida anterior, descuidaram-se dos princípios fundamentais que mantêm a perfeita saúde do corpo e, se desejarem reaver e conservar a saúde, devem aprender a entender esses princípios e regular seus hábitos diários, de conformidade com eles”. (51) (destaque suprido)

Discordância diante de um detalhe menor diz respeito ao fato de que NEM TODA doença resulta do descuido da pessoa em observar princípios fundamentais de manutenção da saúde, embora isto seja verdadeiro para a MAIORIA das enfermidades. Certas doenças são carregadas ao organismo por deficiências genéticas, herdadas pelo enfermo e, portanto, sem qualquer responsabilidade de sua parte. Mas o “detalhe” central encontra-se no destaque do parágrafo anterior: “ou em outra vida anterior”. Aqui está um claríssimo ensinamento espiritualista, reencarnacionista, que se choca frontalmente com a genuína visão bíblica. Totalmente inaceitável para o cristão.

O conceito de cura para os cristãos místicos deriva, de imediato, de sua visão do processo de doença. Mais uma vez, confere em grande medida com observações que fiz na primeira seção, como a necessária distinção conceitual entre curar e sarar. Verifique: “A cura tem êxito na proporção em que se remedeiem os defeitos nos planos físico, moral e mental do ser. . . O doente [precisa compreender] que a doença é a consequência da violação das Leis da Natureza, sendo provável, portanto, que continue fazendo as mesmas cousas que fazia, e como resultado a doença poderá retornar. A ‘cura’ é um processo físico. ‘Sara’ é radicalmente diferente, porque neste caso se exige que o paciente coopere espiritual e fisicamente com quem cura... Existem três fatores no processo de sarar: primeiro, o poder de nosso Pai Celestial; a seguir, o sanador; e, por fim, o ânimo obediente do paciente”. (52)

Excelentes propostas são defendidas pelos cristãos místicos, com vistas a curar – mais que isto, sarar – o indivíduo. Por exemplo, a defesa firme da adoção de uma dieta vegetariana; a recomendação expressa do abandono do fumo, álcool e estimulantes em geral; insistência no uso moderado de sal, entre outras. (53, 54) Como cristão adventista do sétimo dia – que trago na própria designação oficial de minha igreja a clara afirmação de que o “advento” de Cristo constitui aspecto central das doutrinas sobre as quais me alicerço – sinto-me surpreso e grato quando os cristãos místicos, por intermédio de um de seus mais notáveis representantes, afirmam que “o movimento de temperança é um dos fatores mais poderosos para apressar a volta de Cristo”. (55)

Infelizmente, meu entusiasmo durou pouco. O conceito de “volta de Cristo” dos cristãos místicos é completamente diferente do conceito bíblico no qual acredito, o do retorno literal e pessoal de Cristo à Terra para julgar o mundo e restabelecer para sempre o Seu reino de amor e paz, mediante a erradicação do pecado. São, da mesma forma, inteiramente estranhas à minha formação cristã – e científica – as recomendações para que os médicos estudem astrologia, e a afirmação de que “todos os sistemas de cura são adequados somente na medida em que se tomem em consideração as harmonias e desarmonias estelares expressas pela roda da vida, o horóscopo”. (56) A própria justificativa para o uso de uma dieta vegetariana, em si mesma uma recomendação louvável, baseia-se em razões fundamentalmente místicas, espiritualistas: “Os animais inferiores são espíritos em evolução e tem sensibilidade, e são animados pela vida de Deus... O desenvolvimento espiritual é muito mais difícil com as vibrações inferiores causadas pela utilização da carne dos animais”. (57)

Nenhum ponto de acordo com a visão cristã bíblica! Estes breves exemplos tão-somente confirmam a fundamental – e tantas vezes esquecida – advertência: verdade genuína (de origem divina) e erro crasso (inspirado por Satanás), muitas vezes aparecem lado a lado, QUASE chegando a confundir-se. Tão só a

mente cristã atenta e fundamentada no inabalável alicerce da Palavra de Deus é que consegue distingui-los!

12.4.2 - “Cristãos tradicionais” e terapias energéticas. O avanço do espiritualismo na área de saúde constitui “uma tendência que provê ao movimento da Nova Era uma de suas mais estratégicas oportunidades para transformar a nossa cultura”. (58, 59, 60, 61) Muitas modalidades holísticas de saúde – quase todas, na verdade – incorporam filosofias ocultistas e panteístas, e experiências espiritualistas capazes de iludir e vencer o paciente, muitas vezes desatento e vulnerável.

Não apenas “cristãos místicos” encontram nas terapias energéticas, fundamentadas sobre idéias espiritualistas, os seus métodos preferidos de cura. Hoje se observa um crescente número de “cristãos” pertencentes a igrejas tradicionais, defendendo e praticando tais métodos. Muitas vezes tais “cristãos” chegam a defender aberta e enfaticamente os ideais da Nova Era, o que necessariamente nos deve levar a questionar o que constitui, afinal, o “cristianismo” destas pessoas.

Dentre notáveis exemplos de “cristãos” que se voltam para estes tratamentos, e neste caso como terapeuta, provavelmente o porta-voz mais articulado e vigoroso seja Monte Kline, Ph. D., que se tornou “profissional holístico de saúde” após luta pessoal com o câncer. Fora membro da Cruzada de Evangelização. Fundou, após sua “conversão” ao holismo, um periódico, o *Christian Health Counselor* [Conselheiro Cristão da Saúde]. Num de seus números, Kline devota seis páginas à análise do que ele considera a “paranóia da Nova Era” nas igrejas. Ali, afirma que os cristãos muitas vezes se têm demonstrado “históricos, e não racionais, em sua abordagem do movimento da Nova Era”, (62) considerando que a oposição que muitos cristãos fazem às terapias energéticas deve ser vista como o “cristianismo da Terra chata”, numa alusão à tese vigente na Idade Média e defendida pela Igreja Católica, de que a Terra era chata, e não esférica.

Este autor afirma que “não constitui heresia escriturística afirmar que as forças energéticas ocultas constituem o denominador comum da criação... Todos nós nos encontramos diariamente envolvidos com as forças energéticas invisíveis que são utilizadas na televisão, rádio e eletrodomésticos”. (63) Bem, ocorre que muitas vezes a energia é invisível, mas não “oculta”. “As energias invisíveis do rádio, televisão e microondas, embora invisíveis, podem ser e têm sido cientificamente explanadas. Embora não sejam ‘físicas’, no sentido de visíveis e tangíveis, são físicas no sentido de que constituem parte do contínuo de espaço-tempo-matéria-energia que compõe este mundo. Portanto, operam de acordo com leis naturais que podem ser cientificamente medidas e demonstradas”. (64)

Uma questão básica é esquecida por Kline em seus argumentos: se existem energias sobrenaturais operando no mundo, *não* é verdade que *todo fenômeno energético* possui uma explanação científica, e que se encontra entre as porções da criação de Deus “sobre as quais devemos exercer domínio”, como autor afirma. Ora, que tais energias sobrenaturais estão aqui na Terra, e em operação, é fato bíblicamente documentado. Até mesmo energias divinas, mas nossa preocupação é com as que o demônio opera. “Com efeito o mistério da iniquidade já opera e aguarda somente que seja afastado aquele que agora o detém”. (65)

Outro argumento apresentado por este “cristão”, é igualmente falho e perigoso: não existe nas Escrituras qualquer clara condenação de práticas médicas energéticas; portanto, deveriam ser aceitas pelos cristãos. Ora, não existe condenação escriturística ao cigarro, o que não o torna menos condenável. Nem ao uso de maconha ou cocaína – e seria aceitável, dada a ausência de ostensiva condenação bíblica, que o cristão as utilizasse? Claramente, as práticas energéticas baseiam-se em conceitos espiritualistas, e qualquer forma de comunicação com os agentes satânicos, ou inspiração deles recebida, sofre a mais enfática condenação de Deus, como já observamos tantas vezes.

Já um outro “cristão” traça um indevido e esdrúxulo paralelo da situação atual com um evento bíblico para justificar a interpretação liberal e desvirtuada das terapias energéticas num falso contexto de aproximação com a Bíblia. O evento é aquele em que Paulo, na cidade de Atenas, contempla a idolatria reinante na cidade e, em certo momento, se depara com o altar ao “Deus desconhecido”. Uma vez chegando ao Areópago, Paulo proclama aos atenienses: “Pois Esse, que adorais sem conhecer, é precisamente Aquele que eu vos anuncio, o Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe”. (66)

Para este defensor das práticas energéticas, seria então oportuno fazermos os propagadores da Nova Era entenderem que as energias com as quais estão lidando, nada mais são que a energia de Deus, colocada por Ele à disposição dos que as desejarem utilizar para o benefício das pessoas. Com isso, estaríamos “desmistificando” ou “desdiabolizando” as práticas energéticas, e até mesmo valendo-nos do contato com elas para realizar “atividade missionária”! Veja o modo como, segundo este autor, deveríamos dirigir-nos ao praticante da Nova Era a fim de explicar-lhe que toda essa “energia” provém de Deus:

“O que você chama de força vital universal, eu agora proclamo a você em sua plenitude como sendo em realidade a pessoa do Espírito de Deus que o fez e nos ordena ‘arrependimento’. Os dados bíblicos sobre o *ruach* divino mostram que efetivamente existe uma força vital universal, mas que, diferentemente da versão Nova Era, trata-se de um ser divino pessoal”. (67)

CREIO QUE AQUI, DEFINITIVAMENTE, ESTE “CRISTÃO” ATINGIU AS RAIAS DA BLASFÊMIA!!! Identificar as energias do misticismo, operadas por Satanás, com o Santo Espírito de Deus, é mais do que qualquer pessoa, com o menor entendimento imaginável da verdade bíblica, possa tolerar. Um “cristão”, membro de uma grande e tradicional igreja evangélica, apregoando fantásticas doutrinas de demônios!

Em síntese, acompanho – e torno minhas - as conclusões deste outro autor, cujo pensamento certamente é compatível com o das Escrituras Sagradas: “Parece claro que os cristãos acham-se condenados ao fracasso quando tentam encaixar a energia vital das terapias energéticas num contexto cristão. Sim, existem energias que se irradiam pelo universo e permeiam ou circundam nossos corpos físicos, e em certos aspectos podem elas ser significativas para a saúde e os tratamentos. Mas elas são energias *físicas*, não vitais. Existe, sim, uma ‘força vital’ que nos anima os corpos, mas ela se encontra dentro de nós. Não se trata de uma energia cósmica que flui para nossos corpos, passando por vários canais (p. ex., meridianos, chakras), e então flui de volta para o universo. Assim, ela não pode ser obstruída, logo não precisa ser ‘liberada’ ou ‘balanceada’”. (68)

Aos cristãos genuínos, e mesmo àqueles que tenho grifado como “cristãos”, preciso deixar um alerta preciso e enérgico, mas emitido com amor: “Cristo, em Seus sofrimentos, fez expiação por todos os pecados de ignorância, mas não preparou nenhum remédio para a cegueira voluntária”. (69) Terapias energéticas viculam-se, SEM QUALQUER SOMBRA DE DÚVIDA, à Babilônia espiritual, identificada nos capítulos 17 e 18 de Apocalipse. Logo, a posição do cristão diante dessas terapias, quaisquer que sejam, só pode ser uma: “Retirai-vos dela, povo Meu, para não serdes cúmplices em seus pecados, e para não participardes dos seus flagelos”. (70)

## 12.5 - Problemas Com as Profissões Associadas da Área de Saúde

12.5.1 - Questionamento da liderança histórica da medicina. Historicamente, a medicina tem sido a profissão-líder da área de saúde, em torno da qual outras foram surgindo com o transcorrer do tempo. A fisioterapia constitui um bom exemplo, assim como a psicologia; e, talvez melhor que qualquer outro, a enfermagem. Atualmente vem-se observando, contudo, uma espécie de grito de independência destas

profissões, que vinham sendo englobadas sob a denominação genérica de profissões associadas da saúde (*allied health professions*).

Nada tenho contra o crescimento das áreas profissionais correlatas à medicina, ao contrário, devo defender que assim seja. Sempre que estas se desenvolverem, firmadas sobre sólido embasamento científico, e forem praticadas com o espírito de Jesus Cristo, o grande beneficiado virá a ser o paciente, o que será ótimo. Não creio ser útil e nem compatível com o espírito cristão – que norteia esta obra – a idéia de que a medicina deva dominar a área. Não é útil e nem do espírito cristão que os médicos se vejam, se sintam e se comportem, arrogantemente, como os “donos” do paciente.

Tem sido a medicina a profissão-líder porque ao longo dos séculos esta ciência-arte teve a seu encargo o tratamento e o cuidado do paciente. A despeito de muitas falhas que possam ocorrer em sua prática, são os médicos que mais demorada e detalhadamente estudam o organismo humano. É certo que por vezes falta a estes profissionais um pouco do espírito compassivo de Jesus – falaremos disto daqui a pouco. Também é certo que a formação humanística do médico por vezes é deficiente, levando-o, em geral sem que ele disto se aperceba, a uma atitude de suposta superioridade em relação aos demais profissionais e ao paciente – também o mencionaremos adiante, categorizando este aspecto como um dos graves problemas da medicina científica atual.

Entretanto, algumas coisas observadas na atitude, postura e idéias de profissionais de saúde de outras áreas, preocupam-me profundamente. Vejo em certas posições mais do que o desejo de fazer determinada profissão crescer e se tornar mais autônoma. Sinto que, mesmo no ambiente adventista, com o qual estou perfeitamente familiarizado, alguns estão a repercutir aquilo que transpira no mundo ao redor, e que pode estar tendo muito – ou tudo – a ver com as filosofias espiritualistas que embasam quase todas as chamadas terapias alternativas. Preciso registrar, para a consideração destes colegas “associados” (se ainda me permitirem assim chamá-los) o sinal de alerta que se acende em meu cérebro.

Há pouco tempo, numa exposição dirigida a profissionais da área, uma enfermeira afirmou que o sistema de saúde está se encaminhando para grandes transformações, onde o médico deixará de exercer o papel preponderante que hoje desempenha. As conseqüências de tal afirmação, se esta se provar veraz, por certo devem conduzir a considerável reflexão.

Tenho igualmente estado nestes últimos tempos em íntimo contato com as faculdades da área de saúde do Instituto Adventista de Ensino – a quase secular “escola de profetas” da Igreja Adventista do Sétimo Dia no Brasil. Começam a desenvolver-se, no âmbito adventista, outras instituições formadoras de profissionais de saúde. É aqui que maior vigilância precisa ser exercida, pois esta instituição – assim como outras congêneres, em nosso meio - representa, por assim dizer, o último posto de defesa em termos da integridade filosófica que necessitamos manter diante das avassaladoras e corruptoras influências espiritualistas que hoje varrem o mundo. Se formarmos profissionais – enfermeiros e outros – sem uma clara visão do que ocorre hoje em termos da filosofia que se vem alastrando qual fogo devorador nos meios da saúde, estaremos prestando um terrível desserviço na grande controvérsia que está por encerrar-se.

Se é verdade que – no dizer da palestrante enfermeira acima citada – o sistema de saúde está quase atingindo um ponto em que o médico deixará de ser o líder do processo, torna-se óbvio que algum outro profissional deverá substituí-lo. Não consigo imaginar um corpo sem cabeça, e até aqui o médico tem sido a cabeça. Se alguma das profissões até aqui “associadas” se propuser a crescer tanto que chegue a superar a medicina na posição de liderança, e isto se fizer sobre bases científicas, ótimo. Mas devo dizer aos colegas de outras profissões de saúde que o caminho será árduo. Para empatarem com o atual estágio de desenvolvimento da medicina, será necessário MUITO estudo; para a ultrapassarem, far-se-á necessário

MUITO MAIS. E não creio, pessoalmente, que os médicos fiquem de braços cruzados, esperando que tal superação simplesmente aconteça! Mas esta NÃO é, definitivamente, a questão mais importante. Não é este o ponto que faz crescer dentro de mim severas preocupações filosóficas.

12.5.2 - O holismo substituindo o rigor científico. O nó górdico do problema me parece o seguinte: a pretensão de outras profissões de saúde em superarem a medicina NÃO se situaria, aparentemente, nos conhecimentos científicos biológicos, fisiológicos, patológicos, de farmacologia e de observação clínica, que constituem o fundamento e essência do “saber médico”. Tal superação seria muito difícil de se obter, se é que possível. Ocorreriam, isto sim, na área da humanização do cuidar, na aceitação e prática de uma “visão holística” do ser humano. Bem, em grande medida é certo que todos os profissionais de saúde precisam humanizar-se mais, e que necessitam da verdadeira visão holística, que é a visão bíblica, o que já observamos antes, neste mesmo capítulo.

OUTRA QUESTÃO MUITO DIFERENTE É PRETENDER ASSUMIR A LIDERANÇA DO PROCESSO DE CUIDADO DOS ENFERMOS “SUPERANDO” E “SUBSTITUINDO” AS EVENTUAIS DEFICIÊNCIAS DE CONHECIMENTO CIENTÍFICO COM A VULGARMENTE CHAMADA “VISÃO HOLÍSTICA”, JÁ ANALISADA NO PRESENTE CAPÍTULO! De quebra, doses elevadas de feminismo, esquecendo-se aparentemente os autores que defendem estas idéias - geralmente autoras - que a medicina, ela própria, há muito deixou de ser uma profissão que possa ser caracterizada como “masculina”.

Mesmo os médicos não se acham imunes a esta “substituição”, e prova disto é que muitos deles estão praticando o “holismo” e, com a ajuda das forças ocultas que o governam, obtendo resultados espetaculares. Mencionei uma de minhas experiências pessoais no Capítulo Seis, no contexto da iridologia sendo praticada por um profissional médico. Entretanto, creio que os profissionais de outras áreas me parecem mais vulneráveis a isto que os médicos, pois seria uma “bela” forma de “compensarem” a formação científica menos profunda, e de “libertarem-se” do “jugo da medicina”!

12.5.3 - Problemas com a enfermagem e a fisioterapia. Poderia estar sendo muito exagerada esta minha preocupação? Acredito que não. De formas muitas vezes sutis – outras vezes nem tanto – a literatura das “áreas associadas” vem desenvolvendo a idéia. Aqui estão alguns breves exemplos, encontrados em livros que uma bondosa colega gentilmente me passou às mãos, certa de que me ajudaria a compreender esta “nova forma” de ver as coisas na área de saúde. [Omito, por serem pouco relevantes no presente contexto, as referências feministas. Observações entre chaves, como esta aqui, são de minha autoria.] E devo ressaltar que NÃO se trata de literatura deliberadamente “holística”, daquela que encontramos em livrarias de esoterismo e espiritualismo. São livros de formação profissional na área de saúde.

“O Processo de Enfermagem ou processo de resolução de problemas... há muito tempo e ainda atualmente consiste em uma solução no sistema de documentação dos pacientes para a assistência de enfermagem. Este método, adaptado da medicina para a enfermagem, é atualmente questionado pelas teoristas do cuidar/cuidado... A base científica do cuidar/cuidado integra tanto as ciências biofísicas como as ciências comportamentais [com o que concordo totalmente]... A enfermeira é co-participante num processo no qual o ideal de cuidado é a intersubjetividade... O cuidar/cuidado... envolve... o *poder espiritual da afetividade*... Significa uma resposta intencional, deliberada, significativa e racional. . . Esta relação de proximidade é que forma a base para a presença da vida-doação, onde a abertura e a *transferência de energia positiva* [aí esta ela outra vez!] predominam”. (71) (Ressalto novamente que as ênfases foram supridas por mim.)

“Cuidado ecológico... para mim é aquele em que somos um com o Cosmos. É o respeito, o amor pela Natureza e pelo Eu que sou Natureza, o ‘Eureza’... Me inspira, Mãe Natureza, a ser um agente de cuidado, um agente de amor, um agente de justiça. *E [que] um dia me abrigues sob teu útero, sob tua proteção, tornando-me na tua totalidade, me misturando ao céu, às estrelas, sendo chuva, vento, terra, tornando-me uma no teu imenso poder*”. (72)

Os destaques prosseguem sendo de minha responsabilidade, e se referem evidentemente à morte/pós-morte da autora, inspirada nos conceitos da sempiterna energia vital, que se recicla infinitamente, em novos e sucessivos ciclos, a “matéria-prima” das sucessivas reencarnações. Idéias abertamente “reencarnacionistas” e/ou monistas e/ou panteístas aqui se encontram expressas, e infelizmente esta autora não constitui uma exceção – tende mais a constituir a regra no “pensamento de vanguarda” da enfermagem brasileira. Seguem outros exemplos:

“Morte – conceito materializado na dor, porta que apaga [a] luz, que tortura, limita e enclausura do fluxo da vida, como se fosse possível limitar o infinito. Círculo de giz pelo medo desenhado, branca ignorância que cerceia a realidade da vida”. (73)

“E quanto a mim? Que estivera a fazer de mim? Nem ao menos sabia quem eu era. Cometera o grave erro de separar o meu *eu* profissional do pessoal e *cósmico* [...]. Naquela caminhada perdera o elo de ligação com o meu *Eu Superior*”. (74) (destaques supridos)

Embora as citações dos últimos parágrafos se refiram à enfermagem – foram escritas por enfermeiras(os) – exatamente a mesma preocupação deve ser observada em relação à fisioterapia, cujo campo de atuação, tão bonito, pode facilmente ser contaminado pelos ideais vitalistas. Observe que, a seguir, falarei de técnicas que tendem a se associar de modo íntimo com a fisioterapia, embora desenvolvendo-se em campo específico, como regra. Isto significa que prosseguimos tendo problemas nas profissões associadas da área de saúde.

Além dos problemas citados acima, seria impossível deixar de registrar ao menos algumas palavras quanto a duas técnicas amplamente difundidas, e que podem ser úteis, contanto que se restrinjam a aspectos fisiológicos e se libertem – se possível for – de suas origens místicas. Refiro-me à quiropraxia (quiropatia) e à osteopatia.

A primeira nasceu em nítido berço místico. Em boa medida (parte dela) aparentemente libertou-se de sua origem nada recomendável, mas mantém muitas vezes limites imprecisos. (75) A segunda, ao menos nos Estados Unidos, encontra-se hoje totalmente enquadrada na medicina convencional, aparentemente assentada sobre melhores bases. (76) Mas é inegável que existe muita prática de osteopatia associada a típicas práticas energéticas.

12.5.4 - Problemas com a quiropraxia. A quiropraxia (quiropatia) “foi fundada em 1895, quando Daniel David Palmer, um merceiro, descobriu que desalinhamentos dos ossos espinhais (subluxações) interferiam com as expressões corporais da Inteligência Inata – a Alma, Espírito ou Centelha de Vida – que controlam o processo de cura”. (77)

Baseavam-se as suposições de Palmer no fato de que cada glândula, órgão e célula do organismo necessitam de suprimento nervoso para funcionarem adequadamente, seguindo-se que o mau funcionamento nestas áreas causa doença, que pode ser curada por vários tipos de fisioterapia (calor, frio, tração, exercício, massagem e ultra-som). Assim, o alvo do tratamento, para a quiropatia, deve ser eliminar as causas de desarmonias na operação do mecanismo do corpo que interfiram de modo negativo no eficiente funcionamento do mesmo.

Nada existe de intrinsecamente errado em supor que a compressão de raízes nervosas possa levar a mau funcionamento de glândulas, órgãos e mesmo sistemas. Tampouco é incorreto ver-se que o mau posicionamento de peças ósseas ou cartilaginosas da coluna vertebral possa causar inúmeros incômodos, dores e incapacitação. Contudo, por certo constitui forte exagero pretender que todas – ou quase todas – as enfermidades derivam de tais desajustes e podem ser curadas por métodos fisioterápicos apenas. Muito pior do que incorrer neste exagero, contudo, é o apelo a idéias místicas, conforme ocorreu com Palmer, para explicar o processo de doença e cura. No seu caso, as perturbações da “Inteligência Inata”, um claríssimo conceito panteísta-espiritualista!

“O fundador da... quiropraxia apreciava a operação da Inteligência Universal (Deus); a função da Inteligência Inata (Alma, Espírito ou Centelha de Vida) dentro de cada pessoa, que ele reconheceu com um segmento minúsculo do universo; e a causa fundamental de interferência para a planejada expressão da Inteligência Inata, sob a forma de estresse mental, químico ou mecânico, que criam as distorções estruturais interferentes no suprimento dos nervos”. (78)

A quiropraxia, longamente considerada anátema pela medicina ortodoxa, recentemente vem adquirindo nova respeitabilidade. (79) “Mas no consultório do quiroprático local, os ajustes espinhais ainda são com muita frequência combinados for formas mais exóticas de ‘balanceamento de energia’”. (80) Ressalte-se, contudo, que muitos quiropatas da atualidade desaprovam qualquer conceito de balanceamento de energia. (81) Ao contrário da homeopatia, acupuntura e outras técnicas, em que o próprio cerne da “ciência” repousa sobre conceitos vitalistas, acredito que a quiropraxia poderá desenvolver-se – e aparentemente se está mesmo desenvolvendo – sobre bases fisiológicas. Necessita de melhor fundamentação científica, assim como da eliminação de toda terminologia dúbia. Necessita, igualmente, desvincular-se por completo da associação com qualquer das práticas vitalistas. Poderá, em minha opinião, constituir uma útil e científica especialidade fisioterápica.

12.5.5 - Problemas com a osteopatia. A osteopatia, ou tratamento de manipulação osteopática, foi fundada(o) por Andrew Taylor Still, em 1874. Sua visão básica é de que todos os sistemas do organismo se inter-relacionam, o que é essencialmente correto. “A enfermidade de um deles causa enfermidade em outros. O sistema músculo-esquelético é o mais importante, pois constitui cerca de sessenta por cento do peso corporal. A doença é tratada pela manipulação (tração) dos ossos, especialmente a coluna. As doenças são causadas por interferência mecânica sobre o suprimento nervoso e sanguíneo”. (82)

Por certo constitui exagero considerar o sistema músculo-esquelético como o mais importante do corpo, pelo fato de este representar cerca de sessenta por cento do peso corporal. Não se determina a importância de nenhum órgão em função de seu peso. Se assim fosse, pequena seria a importância do cérebro, com o peso de pouco mais de um quilo!

Pode-se admitir que interferências mecânicas sobre o suprimento sanguíneo ou sobre a passagem de estímulos nervosos afetem os mais variados órgãos e contribuam para o estabelecimento da enfermidade. Acredito, assim que a osteopatia pode oferecer uma contribuição científica à abordagem da saúde. Seus fundamentos precisam ser melhor desenvolvidos. Entretanto, é mais que necessário reconhecer as limitações e exageros da visão osteopática, tal como muitos a têm considerado. Mais ainda, jamais podemos deixar de reconhecer que muitos a utilizam em associação com elementos místicos.

Uma das formas de osteopatia é a chamada osteopatia cranial ou terapia cranial, que consiste na manipulação dos vinte e dois ossos separados que constituem o crânio. Segundo esta visão, são os movimentos rítmicos destes ossos (em média, 16 por minuto) que fazem circular o fluído cérebro-espinhal, que por sua vez supre – segundo seus proponentes – cerca de 75 por cento do oxigênio que alcança o cérebro. Estresses ou danos podem comprimir estes ossos ao ponto de seus gentis movimentos não



poderem ser realizados. Requer-se, assim, uma habilidosa manipulação para que seus movimentos voltem ao normal. (83)

Mais uma vez, todo cuidado é pouco. Manipulação cranial tem sido associada ao oculto, sob a pretensão de se modificar aspectos da personalidade. Relatos bastante extensos, neste sentido, têm sido apresentados na literatura. (84)

## 12.6 - O Que Dizer da Medicina Oficial?

Em nenhum momento gostaria de deixar a impressão de que os problemas existem apenas com as terapias alternativas, que acabamos de situar sob um ângulo nem um pouco favorável. Definida e desgraçadamente, NÃO! Apesar de muita coisa haver mudado, quando comparamos a medicina científica oficial de hoje com o que ocorria nos dias de Hahnemann ou de Ellen White; apesar de as bases científicas da ciência médica haverem-se estabelecido e prosseguirem evoluindo de forma notável, nos campos da Anatomia, Fisiologia, Patologia, Farmacologia, Clínica, Cirurgia, Métodos Diagnósticos e áreas correlatas; sim, apesar de tudo, temos problemas, e não são poucos. Alguns destes, ainda os carregamos como herança de outras épocas, e nem nos apercebemos disso.

O texto que segue provê um vislumbre nada favorável desta situação, e parte de um defensor entusiasta dos conceitos e práticas relacionados com a energia vital. Ele até mesmo satiriza a pretensão dos “médicos científicos” em seu desprezo pelas práticas vitalistas. Infelizmente, o autor está certo. Observe:

12.6.1 - Vínculo da medicina oficial com o vitalismo. “Este vínculo simbólico entre Mercúrio e a força vital conduziu à prática, largamente utilizada no décimo-oitavo e décimo-nono séculos, de administrar mercúrio líquido como uma panacéia universal. Apesar de os alquimistas proclamarem que o seu mercúrio não era o venenoso metal líquido, a interpretação literal deste conhecimento simbólico trouxe consequências trágicas. O termo ‘quack’ (charlatão) foi originalmente aplicado aos médicos que usavam ‘quicksilver’ [mercúrio] como medicamento, pois ao assim procederem, não apenas envenenavam a seus pacientes, como ainda demonstravam ignorância médica.

“A força vital também se acha vinculada ao caduceu [o emblema oficial da medicina], onde aparecem duas serpentes entrelaçadas em torno de uma haste central que o deus Mercúrio carrega na mão esquerda. A sua estrutura simbolicamente encapsula o princípio hermético da cura, usado para restaurar o harmonioso fluxo de energia vital através do corpo. É por esta razão que o caduceu é encontrado no logotipo de muitas instituições médicas ao redor do mundo, embora ironicamente poucos doutores que participam das mesmas, sejam capazes de explicar por quê!” (85) É verdade. Por quê?

É sintomático que o mesmo “espírito” que em 1927 declarou, numa sessão da *Inner Light Society*, em Londres, que fora o inspirador de Hahnemann ao este “criar” a homeopatia (veja 5.20), tenha declarado existirem apenas dois sistemas de saúde, e que ele (“espírito”) fora o criador de ambos. O texto acima deixa claro por quê. O primeiro sistema era a homeopatia, e já discorremos suficientemente a este respeito. O segundo era a medicina oficial de então.

Num sistema médico em que o mercúrio era administrado de forma, como panacéia para todos os males indiscriminada (e a história da medicina comprova que foi realmente assim); em que à ignorância médica se associava – provavelmente sem o consciente conhecimento da maioria dos “profissionais” de então – o uso do símbolo místico e pagão do mercúrio, como se medicamento fosse, e em doses muitas vezes fatais; em que o símbolo da profissão é o caduceu, desgraçadamente usado até hoje, e de origem e significado desconhecidos por parte da maioria dos que presentemente nos consideramos como legítimos profissionais médicos, conforme o destaca o autor acima citado; em que o símbolo profissional se baseia no abjeto conceito pagão da energia vital, representando o “princípio hermético da cura”; sim, num sistema como

este – a medicina oficial de até um século atrás – a fonte de inspiração teria necessariamente de ser o arquiinimigo dos seres humanos, Satanás. Trágica herança!

12.6.2 - Tentando corrigir parcialmente a herança. Não devemos incorrer no equívoco de identificar a atual medicina científica com a velha escola criticada por Hahnemann (veja 5.3 para uma clara consideração a este respeito). Muitas coisas mudaram na medicina durante os últimos cem anos. Sua base passou a ser científica, racional. Muito da rançosa herança mística foi extinto da medicina oficial, o que é ótimo.

*Ainda assim, não estamos livres de problemas.* Negá-los equivale a perpetuá-los. Defender a prática médica tradicional com unhas e dentes, por certo não constitui uma boa recomendação para profissionais, sobretudo cristãos. Reconhecer as áreas de problemas e buscar humildemente solucioná-los, por certo constitui a atitude correta por parte dos que pretendem, como filhos de Deus, entregar-se à espinhosa e delicada tarefa de “consertar vidas”.

12.6.3 - Deficiências da visão médica convencional. Onde se encontram, neste começo de século, supostamente tão iluminado e tão científico, os grandes problemas da medicina oficial? A breve lista que segue, de modo algum esgota as possibilidades. Em minha opinião, contudo, são estes os principais problemas de nossa visão médica convencional:

A) Uma enorme dificuldade, por parte de muitos profissionais, no sentido de raciocinar da causa para o efeito. Embora isto pareça tão lógico, a formação médica convencional NÃO costuma desenvolver tal tipo de raciocínio. Este é um aspecto em que o médico tradicional tende a perder espaço para os praticantes holísticos. Uma das consequências imediatas desta deficiência de visão é o item seguinte.

B) A tendência de considerar as drogas como a solução para os problemas de saúde, o que leva a seu uso e abuso (refiro-me a medicamentos, não às assim chamadas drogas ilícitas). NÃO adoto a postura radical de condenar as drogas *a priori*. Pelo contrário, se tenho falhado neste aspecto, é porque tendo também a utilizá-las mais do que o estritamente necessário. Acostumamos os pacientes a pensarem que, se não saírem do consultório com uma prescrição em mãos, não foram adequadamente atendidos, e que “tal médico não serve”.

C) Como resultado do item anterior, encontramos-nos sob a tendência de estar a serviço dos interesses das grandes corporações farmacêuticas, ou de fabricantes de equipamentos, muitas vezes em prejuízo daquele que deveria ser o objeto único de nosso interesse, o paciente.

D) A tendência a desprezarmos os remédios simples providos por Deus, administráveis através de hábitos corretos e vida natural, conforme a exposição do Capítulo Onze. Tendemos a crer demasiadamente na sofisticação de nosso raciocínio e no poder de métodos diagnósticos de última geração, e nas mais poderosas drogas, como citado no item B.

E) Falta-nos a compreensão de que o médico deve ser, acima de tudo, educador, um transformador de hábitos. Nenhum outro profissional tem em mãos tão grande oportunidade para transformar, muitas vezes de modo radical, a vida das pessoas. Ainda assim, muitos dentre nós se sentem impacientes ao terem de gastar apenas uns poucos minutos em alguma espécie de trabalho educativo.

F) A falta de uma decidida postura rumo a mudanças de base nos hábitos e atitudes dos enfermos, o que por vezes – ou muitas vezes – evitamos fazer por temermos ser “impopulares”. Quando somos pusilânimes, o paciente tende a interpretar nossa atitude como aprovação a seu estilo de vida inadequado.

G) A exploração comercial da medicina (embora eu tenha de defender a idéia de que um bom profissional precisa ser bem remunerado, pois carrega sobre os ombros uma enorme responsabilidade). O problema,

nesta área, de modo algum se restringe ao profissional, antes envolve toda uma cadeia de interesses, sobretudo na medicina convencional.

H) Deficiências na formação humanística dos médicos, particularmente em psicologia, o que muitas vezes os leva a se conduzirem com um falso senso de “superioridade” em relação a outros profissionais de saúde e ao próprio paciente. Muitas vezes bloqueamos quase por completo nossa influência sobre o paciente, em virtude de atitudes de indiferença e orgulho profissional.

I) A falta de reconhecimento de que dependemos totalmente de Deus para qualquer êxito. Isso tende a tornar o médico um ser presunçoso, arrogante, auto-suficiente. Tal atitude, mais que outras, também o faz errar, e não apenas no sentido técnico. Seu erro pode facilmente desencaminhar alguém do trilho da eternidade.

Temos de lutar decididamente contra estes fatores, de modo consciente e permanente. Conforme sempre afirma um de meus colegas e amigos, Dr. Manfred Krusche – e concordo com ele em gênero, número e grau - nenhuma outra profissão pode ser tão definidamente usada em favor de Deus ou em favor dos interesses de Satanás. O médico tende – mais, provavelmente, que qualquer outro profissional – a desenvolver um caráter semelhante ao divino, ou um outro que reproduz os mais detestáveis traços diabólicos.

Enfim, estes poucos exemplos, citados na presente seção e na anterior, demonstram que tanto na medicina convencional quanto em outras profissões na área de saúde, mesmo quando o referencial destas é a prática convencional, o fantasma do misticismo espiritualista ronda à espreita momento a momento, exigindo que o profissional e o paciente cristãos estejam incessantemente atentos e prevenidos quanto ao seu surgimento. Outros problemas, não relacionados com o misticismo, igualmente ameaçam a prática do profissional de saúde cristão, e requerem grande atenção. Vigilância e questionamento do verdadeiro princípio subjacente a qualquer proposta terapêutica, precisam constituir a norma padronizada de atuação do profissional e da atitude do paciente. Vigilância quanto à correta postura diante do desafio que é lidar com a vida humana, constitui outro parâmetro imprescindível para os que desejam manter-se em sintonia com Deus.

## 12.7 - O Dano Que Uma Doutrina Demoníaca Pode Causar

Reservei esta penúltima e breve seção para falar, de modo singelo - nada acadêmico e nem erudito - ao coração de muitos dos meus companheiros de jornada cristã. Depois de muito refletir sobre o assunto, concluí que grande parte da tensão hoje existente em torno do conceito de cura, se relaciona com aquilo que aqui analisarei.

No Capítulo Dois estivemos a examinar, sempre tendo como base o sólido fundamento das Sagradas Escrituras, qual é a verdadeira natureza do homem: quem é ele, como foi criado por Deus, qual o propósito de sua existência, qual o seu destino final. Observamos as trágicas conseqüências que o pecado lançou sobre o homem e o universo de Deus, até então perfeitos. Vamos recapitular, em breves linhas, os principais componentes da realidade que o pecado introduziu.

- Havendo colocado Adão e Eva no Jardim do Éden “para o cultivar e guardar”, Deus outorgou uma ordem expressa a nossos primeiros pais: “De toda árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente morrerás”. (86)
- Satanás, travestido de serpente, aproximou-se de Eva, num momento em que ela descuidadamente se afastara do esposo e se aproximara da árvore proibida. O usurpador confrontou diretamente a

afirmação divina, assegurando a Eva que, mesmo se eles comessem da árvore, “é certo que não morreréis”. (87) Eva comeu, alcançou o fruto a Adão, e este também comeu.

- Deus imediatamente os chamou à prestação de contas. Dirigindo-se inicialmente a Adão, Sua primeira criatura terrestre e líder do mundo, Ele faz uma pergunta direta: “Comeste da árvore que te ordenei que não comesses?” (88)
- Depois de um jogo de “empurra-empurra”, com o homem atribuindo a culpa à mulher, e esta à serpente, Deus CONFIRMOU tudo o que antes dissera: uma vez que desobedeceram, nossos primeiros pais haviam perdido sua imortalidade condicional e agora estariam plenamente sujeitos à morte. Relembrou a cada um dos participantes do drama a sorte que lhes caberia, inclusive os efeitos da transgressão sobre a natureza como um todo. Encerrou a lamentável recapitulação com uma afirmação tão categórica quanto a que havia emitido ANTES da desobediência: “No suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado: porque tu és pó, e ao pó tornarás”. (89)

Agora, meu estimado irmão em Cristo Jesus, minha diletta irmã, deixe-me dirigir esta pergunta ao seu coração, e também ao seu entendimento: ONDE, no relato bíblico acima resumido, existe a mais leve indicação de que o ser humano tenha uma “alma imortal”? Definitivamente, em parte alguma! A imortalidade da alma constituiu a primeira GRANDE MENTIRA de Satanás aos nossos primeiros pais, e esta mesma mentira prossegue sendo repetida milhões de vezes, todos os dias, no mundo inteiro, sob as mais variadas formas e versões. E a desgraça é que a maior parte dos cristãos têm acreditado em alguma de suas múltiplas apresentações!

Se lhe parecer necessário, recapitule no Capítulo Dois a doutrina bíblica da natureza do homem, passo a passo, com todo cuidado e muita oração. Sob a guia do Espírito Santo, você entenderá a verdade. Compreenderá também que TODAS AS ARMADILHAS EMBUTIDAS NAS PROPOSTAS TERAPÊUTICAS ENERGÉTICAS, VITALISTAS, VIBRACIONAIS, HOLÍSTICAS, ESPIRITUALISTAS (e que se agregue qualquer outro termo de igual teor) FUNDAMENTAM-SE CLARA E IRRETORQUIVELMENTE SOBRE A MENTIRA SATÂNICA DA IMORTALIDADE DA ALMA!

Suplico ardentemente a Deus, para o benefício eterno de sua alma, que Ele conceda a você sabedoria, compreensão e aceitação da verdade, ainda que isto signifique abrir mão de conceitos errôneos, até aqui entendidos como constituindo a verdade, e que vêm sendo longamente aceitos e acariciados em seu coração! Se o seu teólogo ou líder espiritual insistir na visão anti-bíblica da imortalidade da alma, tente ajudá-lo(a) a entender a cristalina verdade da Palavra de Deus. Se ele(a) a aceitar, você terá resgatado mais uma alma para a Vida Eterna! Se a rejeitar, arcará com a responsabilidade.

## 12.8 - Creio Que Existe Uma Saída Aceitável

A seção final do último capítulo deste livro propõe-se a representar uma expressão de fé e confiança – muito diferente, portanto, de quase tudo que foi dito antes. Vimos as deficiências, por vezes gritantes, da visão médica convencional, científica. A despeito de esta haver-se livrado, em grande medida, de suas origens nada recomendáveis, pois que místicas, de um lado, e baseadas em ações anti-fisiológicas, de outro, novos problemas surgiram e velhos problemas se mantiveram, ao longo de seu desenvolvimento, alguns dos quais ainda se encontram longe de qualquer solução.

Por outro lado, constituindo o foco central de todo este livro, estivemos a verificar as artimanhas e armadilhas de praticamente todas as terapias alternativas, geralmente designadas como místicas, energéticas ou vibracionais. Embora, via de regra, sejam muito mais sensíveis às necessidades do ser

humano como um todo, quando comparadas com a medicina tradicional; embora tentem desenvolver e preservar uma visão integral da pessoa; ainda que se proponham a atender a pessoa em todos os seus aspectos, inclusive o espiritual; mesmo quando manifestam uma forte – e correta – visão de preservação do ambiente; ainda que tenham sincera preocupação com os crescentes e já insuportáveis custos da assistência à saúde; sim, a despeito dos vários aspectos atrativos da visão holística tal qual entendida hoje por aqueles que a praticam, temos neste campo problemas TOTALMENTE INCONTORNÁVEIS, pois que a própria essência do holismo se encontra enraizada na concepção espiritualista do ser, e esta se revela definitiva e visceralmente irreconciliável com a visão cristã bíblica.

A visão de confiança e esperança que aqui proponho, deriva do fato de que, para o genuíno cristão, acredito existir um terceiro CAMINHO, uma terceira e efetiva opção. Ela lançará mão dos modernos recursos da ciência médica, até mesmo com entusiasmo, mas sempre munida de cautela, pois não poderá permitir-se ser dominada pela tecnologia. Poderá até mesmo acompanhar a vanguarda do desenvolvimento tecnológico, mas reconhecerá que todo o aparato científico constitui apenas uma ferramenta de trabalho – útil, muito útil, porém jamais constituindo um fim em si mesmo e nunca devendo substituir a correta e integral visão da pessoa humana como o centro de toda atenção médica.

Nesta “terceira via”, os profissionais deverão ter a mesma singela preocupação com a pessoa, que se observa de parte dos terapeutas holísticos. Ternura, bondade, misericórdia e compaixão haverão de caracterizar as atitudes de todos os que lidam com o sofrimento humano. Médicos, enfermeiros e demais profissionais de saúde terão aqui, como no holismo, uma constante preocupação com o ser integral – com seus aspectos físicos, mentais, emocionais, sociais e espirituais. Ao contrário da visão holística, entretanto, para o profissional cristão comprometido com esta terceira via, a visão espiritualista do ser não se fará presente. Nada de corpos humanos energéticos integrando-se com as energias cósmicas, recebendo influências destas, e influenciando-as. Nada de equilíbrio energético baseado em antigos e viciados conceitos pagãos, panteístas e espiritualistas.

Sob esta correta visão cristã, o profissional e o enfermo reconhecerão o valor dos genuínos remédios naturais providos por Deus, brevemente descritos no Capítulo Onze. Procurarão viver de acordo com as leis naturais da saúde, reconhecendo – como na visão holística – o insubstituível lugar da responsabilidade individual na preservação e recuperação da saúde.

Na equilibrada e correta “terceira via”, onde todos os avanços da moderna ciência médica serão aceitos com reconhecimento e humildade, e onde a pessoa passa a ser vista como criatura de Deus, feita à Sua imagem e semelhança, o próprio Deus será reconhecido como sede de toda cura, ainda que valendo-se da atuação e intervenção do homem. “Ele é quem perdoa todas as tuas iniquidades; quem sara todas as tuas enfermidades”. (90)

Jesus, o meigo Filho de Deus, o sublime ser divino-humano que liga os frágeis habitantes da Terra pecaminosa ao trono da excelsa, poderosa e santa graça do Pai, será reconhecido, sob esta visão, como o Grande Médico. Enquanto esteve aqui na Terra, na plenitude de um ser humano, uma de Suas principais atividades foi “sara” – física, mental, emocional e espiritualmente: “Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e poder, o qual andou por toda parte, fazendo o bem e curando a todos”. (91)

A determinação e o poder de Jesus Cristo em sara e salvar, prosseguem hoje os mesmos que eram nos dias em que viveu pessoalmente aqui na Terra. Nada mudou, exceto – talvez – a nossa disposição em reconhecer que Ele é quem nos sara. Não estou fazendo qualquer apologia da “cura pela fé”, que infelizmente, na maior parte das vezes, também se encontra impregnada de tentativas satânicas para dominar a mente e exercer, sob o manto de aparente benefício, o poder de seus maléficos encantos. No entanto, como profissional ou como paciente cristão, cabe-me reconhecer que, enquanto utilizo os

modernos e sofisticados recursos científicos da medicina, ou os velhos e bons remédios naturais de Deus, a restauração, para ser genuína, SEMPRE deve provir do divino poder exercido em e através de Cristo Jesus!

Em situações extremas, que só a Ele cabe decidir, e sob a condição de que o enfermo se disponha de todo coração a aceitar e obedecer à Sua vontade, cabe-Lhe até mesmo o direito – por que não? – de intervir de modo miraculoso, contrariando as humanas expectativas de fracasso e os prognósticos negativos da ciência. Se assim ocorrer, TODA glória deve ser atribuída a Ele, e jamais a qualquer ser humano, nem mesmo à “poderosa fé” daquele(s) que tenha(m) participado da oração que, atendida por Sua misericórdia, resultou em restauração.

É assim que Ele pode e quer sarar agora, enquanto ainda nos encontramos sob o nefasto estado de sofrimento e morte que o pecado ocasionou. Muito mais, contudo, do que aliviar o sofrimento na vida terrestre, tão fugaz e passageira, Deus deseja salvar todas as Suas criaturas para a eternidade, quando o pecado e todas as suas conseqüências haverão sido erradicados para sempre. Esta é a Sua cura final, definitiva, completa e permanente. Encerro estas páginas compartilhando com você a visão do apóstolo João, dos inimagináveis dias futuros, quando Deus reunir novamente junto a Si todos os Seus filhos e filhas:

“Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras cousas passaram”. (92) “Aquele que dá testemunho destas cousas diz: Certamente venho sem demora. Amém. Vem, Senhor Jesus”. (93)

Sim, vem, Senhor Jesus! Amém, amém e amém!

## REFERÊNCIAS

Todas as referências bíblicas correspondem à Versão Almeida Revista e Atualizada no Brasil, exceto se especificado de outro modo.

Todos os “sites” eletrônicos indicados como referências encontravam-se disponíveis na Internet em setembro, outubro e novembro de 2001.

### Introdução

1. Gomes, Silas de Araújo, *Medicina Alternativa - A Armadilha Dourada* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998), p. 7.

### Capítulo Um: A Estréia

1. I Coríntios 2:14.
2. White, Ellen G., *O Maior Discurso de Cristo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 36.
3. Deuteronômio 18:10 a 12.
4. II Tessalonicenses 2:9 e 10.
5. João 19:30.
6. I João 3:4.
7. White, Ellen G., *Primeiros Escritos* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1967), p. 191.
8. Grellmann, Hélio L., *Natural e “Natural”*, Revista Adventista, junho de 1998, p. 38.
9. White, Ellen G., *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, edição eletrônica, 2000), p. 25.

### Capítulo Dois: Visão Bíblica da Natureza do Homem

1. Êxodo 20:11.
2. Gênesis 1:31.
3. *NISTO CREMOS – 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2000), sexta edição, p. 99.
4. Gênesis 1:3, 6 e outros.
5. Salmo 33:6 e 9.
6. Hebreus 11:3.
7. NISTO CREMOS, obra citada, p. 104.
8. Gênesis 1:2 e 26.
9. João 1:1 a 3.

10. João 1:14.
11. João 14:6.
12. João 8:32.
13. João 17:17.
14. Hebreus 13:8.
15. NISTO CREMOS, obra citada, p. 105.
16. Gênesis 1:27.
17. Gênesis 2:7.
18. Gênesis 2:18
19. Gênesis 2: 21 e 22.
20. NISTO CREMOS, obra citada, p. 102.
21. Idem, idem.
22. Êxodo 28:8 a 11.
23. NISTO CREMOS, obra citada, p. 103.
24. Idem, págs. 103 e 104.
25. Gênesis 1:2.
26. I João 4:8.
27. “Creation”, *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, edição de Don Neufeld; edição revista (Washington, D. C.: Review and Herald, 1976), p. 357.
28. Apocalipse 14:7.
29. NISTO CREMOS, obra citada, p. 107.
30. Gênesis 2:24.
31. NISTO CREMOS, obra citada, p. 109.
32. Gênesis 2:15.
33. NISTO CREMOS, obra citada, p. 115.
34. Idem, p. 114.
35. Jó 33:4.
36. “Soul”, *SDA Encyclopedia*, obra citada, p. 1.361.
37. Idem, idem, p. 1.061.
38. NISTO CREMOS, obra citada, p. 120.
39. Idem, p. 121.
40. Lucas 1:46 e 47.
41. I Tessalonicenses 5:23.



42. *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Francis D. Nichol, editor, edição revista (Washington, D.C.: Review and Herald, 1980), vol. 7, p. 257.
43. NISTO CREMOS, obra citada, p. 122.
44. Sequeira, Jack. *Laodicéia – o urgente conselho de Cristo à Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 1ª Edição, p. 142.
45. NISTO CREMOS, obra citada, p. 114.
46. Deuteronômio 32:4.
47. Jó 34:10.
48. Salmo 5:4; 11:5.
49. NISTO CREMOS, obra citada, p. 127.
50. Gênesis 3:5.
51. NISTO CREMOS, obra citada, págs. 128 e 129.
52. Mateus 12:30.
53. Tiago 2:10.
54. NISTO CREMOS, obra citada, p. 130.
55. I Reis 8:46.
56. Eclesiastes 7:20.
57. Romanos 3:23.
58. Romanos 5:12.
59. Efésios 2:3.
60. Salmo 51:5.
61. NISTO CREMOS, obra citada, p. 132.
62. II Coríntios 5:17.
63. Orr, James, *God's Image in Man* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1948), págs. 3 e 4.
64. NISTO CREMOS, obra citada, p. 133.
65. Idem, p. 134.
66. Efésios 1:4 e 5.
67. NISTO CREMOS, obra citada, p. 137.
68. Gênesis 15:6.
69. Romanos 4:11.
70. NISTO CREMOS, obra citada, p. 139.

### Capítulo Três: Espiritualismo e Nova Era

1. NISTO CREMOS, obra citada, p. 141.
2. Hebreu
1. NISTO CREMOS, obra citada, p. 141.
2. Hebreus 1:14.
3. NISTO CREMOS, obra citada, págs. 142 e 143.
4. João 8:44.
5. NISTO CREMOS, obra citada, págs. 143 e 144.
6. Idem, p. 139.
7. Jó 1:6 e 7; cf. 2:1-7.
8. NISTO CREMOS, obra citada, p. 145.
9. Mateus 16:15-17.
10. Gênesis 3:5.
11. Sharamon, Shalila e Baginski, Bodo J., *CHAKRAS – Mandalas de Vitalidade e Poder* (São Paulo, SP: Editora Pensamento, 1997), 1ª. edição, p. 9.
12. Idem, idem.
13. Idem, p. 11.
14. Heindel, Max, *Princípios Ocultos de Saúde e Cura* (São Paulo, SP: Fraternidade Rosacruz, 1975), p. 11.
15. Idem, págs. 33 e 34.
16. Sharamon e Baginski, obra citada, págs. 13 e 14.
17. Idem, págs. 15 a 17.
18. Teixeira, Paulo de Castro, *Do Herbalismo Tribal aos Remédios Florais do Dr. Bach* (São José do Rio Preto: Editora Verso, 1994), p. 31 e seguintes (“Monólogo do Eu Superior”).
19. Sharamon e Baginski, obra citada, págs. 20 e 21.
20. Idem, p. 11.
21. Idem, idem.
22. Idem, págs. 22 a 30.
23. Veja Sharamon e Baginski, obra citada, págs. 71 a 200.
24. Sharamon e Baginski, obra citada, págs. 13 e 14.
25. Khul, Djwhal, *Intermediate Studies of the Human Aura* (Los Angeles: Summit University Press, 1980), p. 1.
26. Hill, Ann, *A Visual Encyclopedia of Unconventional Medicine* (New York: Crown Publishers, Inc., 1979), p. 46.

27. Idem, págs. 14 e 15.
28. Heindel, Max, obra citada, p. 18.
29. Idem, p. 25.
30. Idem, págs. 29 e 30.
31. Idem, págs. 34 e 35.
32. Idem, págs. 150 e 151.
33. Idem, p. 37.
34. *The Teachings and Phenomena of Spiritualism*, citado por Anderson, Roy Allan, *Segredos do Mundo dos Espíritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 3ª. Edição, p. 55.
35. Heindel, Max, obra citada, p. 45.
36. Idem, p. 66.
37. Gênesis 1:26.
38. Heindel, Max, obra citada, págs. 163 a 165.
39. Idem, págs. 176 a 178.
40. Idem, págs. 52 e 53.
41. *Spiritualistic Manual*, nona revisão, p. 55, p. 79. Citado por Anderson, Roy Allan, obra citada, p. 47.
42. Heindel, Max, obra citada, p. 46.
43. Idem, págs. 25 e 111.
44. Citado em Anderson, Roy Allan, obra citada, p. 48.
45. Heindel, Max, obra citada, p. 130.
46. Apocalipse 12:7 a 9.
47. Hebreus 1:14.
48. Mateus 24:24.
49. Veja o item 52, abaixo.
50. Na Internet: <http://members.home.com/thelema/intro.html>
51. Veja, para maior conhecimento da “filosofia” de Emma Hardinge: <http://www.fst.org>.
52. Baron, Will. *Enganado Pela Nova Era* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 2ª. edição, págs. 218 a 220. Recomendo enfaticamente a leitura completa desta obra.
53. Lira, Eliseu C., *O Governo da Nova Era* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 2ª. edição. Trata-se de outra obra de leitura obrigatória.
54. Beard, J., “*New Age Movement: New Age or New Occult?*”, em: <http://www.rapidnet.com/~jbeard/bdm/Cults/newage.htm>.
55. Peters, Warren, *Mystical Medicine* (Rapidan, VA: Hartland Publications), 1ª. edição, págs. 19 e 20.
56. Fetcho, David, “In the Face of the Tempest, Jonah Sleeps”, *SPC JOURNAL* (Agosto de 1978), p. 4.

57. Veja, para um resumo da vida e obra de Bonhoeffer, Victoria Barnett: *Dietrich Bonhoeffer*, em <http://www.ushmm.org/bonhoeffer/>.
58. Robinson, John A. T., *Honest to God* (Philadelphia: The Westminster Press, 1963), p. 51.
59. Peters, Warren, obra citada, p. 22.
60. Tillich, Paul, *The Shaking of the Foundation* (Edição Pelican, 1962), p. 63.
61. Idem, p. 58.
62. Erhart, Werner, "The Graduate Review", Novembro de 1976, p. 3.
63. Idem, p. 4.
64. Doshin, *The Essentials of Zen Buddhism*, p. 127.
65. Peters, Warren, obra citada, p. 23.
66. Baron, Will, obra citada, p. 15.
67. Idem, págs. 225 e 226.
68. Bunnell, Toni, *A Tentative Mechanism for Healing*, em: <http://www.webspace.co.uk/bunnell/healing.html>
69. Kazlev, M. Alen. *The Subtle Body*, em: [http://www.kheper.aus.com/topics/subtlebody/subtle\\_bodies.htm](http://www.kheper.aus.com/topics/subtlebody/subtle_bodies.htm)
70. Gênesis 3:5.
71. Kazlev, M. Alen, obra citada.
72. White, E. G., *Testemunhos Seletos*, Vol. II (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1956), págs. 51 e 52.

#### Capítulo Quatro: Vitalismo e Mesmerismo

1. Gomes, Silas de Araújo, obra citada, p. 24.
2. Teixeira, Paulo de Castro. *Homeopatia Versus Alopatria ou Vitalismo Versus Materialismo* (São José do Rio Preto: Verso Editora, 1985), 1ª edição, p. 107.
3. Jarvis, William T., *Allopathy*. O artigo pode ser encontrado em: <http://www.alternativemedicine debates.com/article1011.html>.
4. Sarton. *A History of Science* (W. W. Norton & Co., 1952), Volume I, p. 497.
5. Walker, Scott, *What Heals?* Em: [http://www.netmindbody.com/what\\_heals\\_2.html](http://www.netmindbody.com/what_heals_2.html)
6. Ullman, Dana, *A Summary and review of DIVIDED LEGACY – a History of the Schism in Medical Thought*, em: <http://www.healthweb.com/index.html>.
7. Warren-Davis, Dylan. *Astrology and Health: Vitalism and Humours*, em: <http://www.astrology.com/astrology.html>.
8. Idem, idem.
9. Schiller. Veja "Studies in Humanism", págs. 39 e 40. Citado no próximo item bibliográfico.

10. Calvin College Ethereal Library. *Mysticism and Vitalism*, em: <http://www.ccel.org/u/underhill/mysticism/mysticism1.0-MYSTICIS-2.html>
11. Alexander, S. "Space, Time and Deity," vol. II, p. 410.
12. Calvin College Ethereal Library, obra citada.
13. Teixeira, Paulo de Castro, *Homeopatia Versus Alopattia*, obra citada, p. 74.
14. Idem, p. 78.
15. Let Us Reason Ministries. *The Universal Energies of the New Age Movement*, em: <http://www.letusreason.org/NAM5.htm>.
16. Jarvis, William T., *Alopathy*, obra citada.
17. Kaptchuk, Ted J., e Eisenberg, David. "The Persuasive Appeal of Alternative Medicine". *Annals of Internal Medicine*, 15 de dezembro de 1998, 129:1061-1065.
18. Chacot, Paul-Clément. *Iniciação à Arte de Curar Pelo Magnetismo Humano* (São Paulo:Editora Pensamento, 1995), 1ª. edição, págs. 37-40.
19. Rogge, Michael. *The roots of the NEW AGE*, em: <http://www.xs4all.nl/~wichm/index.html>
20. Wozniak, Robert W. *MIND AND BODY: René Descartes to William James*, em: <http://serendip.bryanmawr.edu/mind>
21. Peters, Warren, obra citada, págs. 14 e 15.
22. Robinson, Victor. *The Story of Medicine* (New York: Tudor Publishing Co.), p. 347.
23. Wozniak, R. W., obra citada.
24. Robinson, Victor, obra citada, p. 348.
25. Wozniak, R. W., obra citada.
26. Grellmann, Hélio L. "Métodos alternativos de diagnóstico e cura", *Revista Adventista*, janeiro de 1999, págs. 32 e 33.
27. Chacot, Paul-Clément, obra citada, págs. 40 a 42.
28. Campbell, A., *Anton Mesmer and Samuel Hahnemann*, em: <http://www.cix.co.uk/~acampbell/essays/altmed/mesmer.html>
29. Wozniak, R. W., obra citada.
30. Pels, Peter. *Spirits of Modernity*, em: <http://www.pscw.uva.nl/gm/articles/pp2000.htm>
31. Kaplan, Fred. *Dickens and Mesmerism. The Hidden Springs of Fiction*. (Princeton: Princeton University Press, 1975).
32. Leahey, Thomas H., e Grace E. Leahey. *Psychology's Occult Doubles. Psychology and the Problem of Pseudo-Science*. (Chicago: Nelson-Hall, 1983), p. 94.
33. Silva, Eliane Moura. *Espiritualismo nos séc. XIX e XX: Reflexões teóricas e históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930*, em: <http://www.unicamp.br/~elmoura/O>
34. *Revue Spirite - Journal d'Etudes Psychologiques*, outubro de 1858, p. 278.

35. Gibier, P., *Espiritismo: O Faquirismo Ocidental*, 1886, págs.10 e 11.
36. Silva, Eliane Moura, obra citada.
37. Garrison, Fielding H., *An Introduction to the History of Medicine* (Philadelphia: W. B. Saunders Co.), p. 427.
38. Veja <http://serendip.brynmawr.edu/Mind/Cat.html#21>
39. Wozniak, R. W., obra citada.
40. Idem, idem.
41. Veja <http://www.astrologycom.com/astrology.html>.
42. Tirikatene-Sullivan, *Exposing the New Age Seminar*, em: <http://www.doveministries.com/pamphlets/NEWAGPAM.html>
43. Catholic Encyclopedia, *Hypnotism*, em: <http://www.newadvent.org/cathen>
44. I Timóteo 4:1.
45. Depositários dos Escritos de Ellen G. White, *A Ciência Médica e o Espírito de Profecia* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 5ª. edição, págs. 42 e 43.
46. White, Ellen G., *Testemunhos Seletos* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica, Vol. I, p. 95.
47. White, Ellen G., *Primeiros Escritos* (Tatuí: Casa Public. Brasileira, 2000), edição eletrônica, p. 21.
48. Idem, p. 44.
49. Idem, p. 123.
50. Mateus 23:37.

## Capítulo Cinco: Hahnemann e Homeopatia

1. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments7.html>.
2. Thomas, William E., *Homeopathy Dissected*, em: <http://www.angelfire.com/va/quinine/dissect.html>
3. Hahnemann, Samuel. *Organon der Heilkunst* (Heildeberg: Karl F. Haug Verlag, 1996), 6ª. edição, Prólogo, págs. 3 e 4. O Organon encontra-se organizado por parágrafos ou seções, de modo a facilitar seu acesso em qualquer idioma, independente da paginação.
4. Idem, idem, Introdução, págs. 35 e 36.
5. Idem, idem, parágrafo 12.
6. Thomas, William, obra citada.
7. Idem, idem.
8. Hahnemann, Samuel. *Organon*, obra citada, nota ao parágrafo 269.
9. Thomas, William, obra citada.
10. Diversos autores. *Alchemy*, capítulo VIII, Parte II, em: <http://www.bookrags.com/books/2tloe/PART11.htm>

11. Hahnemann, Samuel. *Organon*, obra citada, par. 148.
12. Collins, A. J., *What Is Eclectism*, em: [www.planetherbs.com-articles-eclectics.html](http://www.planetherbs.com-articles-eclectics.html).
13. Gordon, Richard. *A Assustadora História da Medicina* (Rio de Janeiro: Ediouro S. A., 1996), 6ª edição, págs. 149 a 151.
14. Weiner, Michael. *O Livro Completo de Homeopatia* (Rio de Janeiro: Editora Record, 1995), 2ª edição, p. 245.
15. Fishbein, Morris. *The Rise and Fall of Homeopathy* em: <http://www.homeowatch.org/index.html>.
16. Ransom, Steven, and Raso, Jack. *Homeopathy and Its Founder, Part II*, em <http://www.drkoop.com/news/focus/october/homeopathy2.html>.
17. Fye, W. B. "Nitroglycerin: a homeopathic remedy". *Circulation*, 1986, 73:21-29.
18. Haller, J. S. "Aconite: a case study in doctrinal conflict and the meaning of scientific medicine". *Bull NY Acad Med*, 1984,60:888-904.
19. Nicholls, P. A., *Homeopathy and the Medical Profession* (London, England: Croom Helm, 1988).
20. Ernst, E. "Homeopathy revisited". *Arch Intern Med* 1996; 156: págs. 2162 a 2164.
21. Jarvis, William T., *Alopathy*, obra citada.
22. Idem, idem.
23. Jarvis, William T., *Homeopathy: A Position Statement By The National Council Against Health Fraud*, em: [www.logosresourcepage.org](http://www.logosresourcepage.org).
24. Romanos 6:23.
25. Hahnemann, S. *Organon*, obra citada, par. 109.
26. Idem, idem, par. 269.
27. Idem, idem, nota ao parágrafo 284.
28. Fishbein, Morris, obra citada.
29. Morrell, Peter. *Vaccines – cause celebre or bete noir?* Em: <http://www.bmj.com/cgi/eletters/320/7229/240#EL1>.
30. Fishbein, Morris, obra citada.
31. Neagu, Michael. *Geschichte der Homöopathie in Rumänien* [História da Homeopatia na Romênia], Stuttgart Conference on the History of Homeopathy, April 1995, p. 25.
32. Haehl, Richard. *Samuel Hahnemann - His Life and Works* (Nova Delhi, Índia: B. Jain Publishers Pvt. Ltd., 3 Volumes, 1922), Vol. I, págs. 11 e 21 a 24; Vol. II, págs. 9 e 10.
33. Idem, idem, p. 284.
34. Weiner, Michael, obra citada, p. 244.
35. Ransom, Steven, e Raso, Jack. *Homeopathy and Its Founder, Part I*: <http://www.drkoop.com/news/focus/october/homeopathy1.html>
36. Haehl, Richard, obra citada.

37. Bradford, Thomas. *Life and Letters of Samuel Hahnemann* (New Delhi, Índia: B. Jain Publishers Pvt. Ltd., 1921).
38. Morrell, Peter. *Hahnemann & Homeopathy - from Romanticism to Post-Modernism*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/articles>
39. Thomas, William, obra citada.
40. Bopp, H. J., *Homeopathy Examined* (Carryduff, Belfast: Great Joy Publications, 1985), 2ª. edição.
41. Orioli, Susana. *Christian Federico Samuel Hahnemann – Vida y Obra*, em: [http://comunidad.ciudad.com.ar/argentina/capital\\_federal/draorioli/linkspag1/Hahnemann.htm](http://comunidad.ciudad.com.ar/argentina/capital_federal/draorioli/linkspag1/Hahnemann.htm)
42. Thomas, William, obra citada.
43. Twentyman. *Royal Society of Health Journal*, 102(S): 221-225, 1982.
44. Hahnemann, S., *Organon*, obra citada, p. 42.
45. Idem, idem, par. 9.
46. Idem, idem, par. 10.
47. Teixeira, Paulo C., *Homeopatia Versus Alopattia*, obra citada, p.121.
48. Idem, idem, p. 120.
49. Jarvis, William T., *Homeopathy: A Position Statement*, obra citada.
50. Hahnemann, S., *Organon*, obra citada, págs. 4 e 5.
51. Jarvis, William T. *Homeopathy: A Position Statement*, obra citada.
52. Grossinger, Richard. *Planet Medicine: From Stone Age Shamanism to Post-Industrial Healing* (Doubleday: Anchor Press, 1980), págs.162-3.
53. Holmes, Oliver Wendell. *Homeopathy and Its Kindred Delusions*, em: <http://www.quackwatch.com/01QuackeryRelatedTopics/holmes.html>
54. Bopp, H. J., obra citada.
55. Kunzli, J., no *Swiss Homeopathic Journal*, número 4, 1960.
56. Haehl, Richard, Chapter XX, da obra antes citada, reproduzido em <http://www.homeopathyfaq.com/content/haehl/haehl,20.htm>
57. Haehl, Richard, Chapter XX, obra citada acima.
58. Idem, idem.
59. Johnson, Philip. *ENERGY HEALING: A CHRISTIAN THEOLOGICAL APPRAISAL*, em: <http://members.ozemail.com.au/~ptcsyd/JohnsonPage/johnsonwp.html>
60. Bopp, H. J., obra citada.
61. Unger, H., no *Swiss Journal of Homeopathy*, número 1, 1962.
62. Paine, Thomas. “*Origin of Freemasonry*”. Reproduzido em: <http://www.infidels.org>.
63. Haehl, Richard, Chapter XX, obra citada.
64. Haehl, Richard, obra citada, vol.1, págs. 23, 119, 253.



65. Séror, Dr. Robert, PHOTOTHÈQUE PERSONNELLE, em: <http://www.homeoint.org/photo/index.htm>
66. *Famous Freemasons* em: <http://reimari.saunalahti.fi/~leifholm/index.html>
67. Doughoff, *Romanian Homeopathy*, em: [http://doughoff.com/homeopathy/02\\_history/countries/romania.htm](http://doughoff.com/homeopathy/02_history/countries/romania.htm)
68. Robinson, John J., *The Pilgrim's Path*, em: <http://www.msu.edu/user/zayzafo1.index.htm>
71. *Massoni e Medicina*, em: <http://www.esonet.org/dizionario/m03.htm>
70. Hahnemann, S., *Organon*, obra citada.
71. Heij, Anja, S. *Hahnemann's Discoveries*, em: <http://www.aeonglobe.com/homeopathy/article>
72. Morrell, Peter, *The Historical Basis for Integrated Medicine*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/articles/index.htm>
73. Diversos autores. CHAPTER VIII. ALCHEMY-PART II, em: <http://www.bookrags.com/books/2tloe/PART11.htm>
74. Catholic Encyclopedia, *Hypnotism*, em: <http://www.newadvent.org/cathen>
75. Gumpert, Martin. *Hahnemann: The Adventurous Career of a Medical Rebel* (New York, NY: L.B. Fisher, 1945).
76. Sanchez, Mr., *Hangin with the Alchemists*, em: <http://home.pacbell.net/juands/thepage.html>
77. Clarke, John H., HAHNEMANN AND PARACELSUS, em: <http://www.homeoint.org/morrell/clarke/index.htm>
78. Morrell, Peter, *Hahnemann and Paracelsus by Dr. John Henry Clarke – a Preface*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/clarke/index.htm>
79. Morrell, Peter. *Similarities between Hahnemann's ideas and those of Tibetan Medicine?* Em: <http://www.homeoint.org/morrell/articles/index.htm>
80. Jarvis, William T. *Homeopathy: A Position Statement*, obra citada.
81. Diversos autores. *CHAPTER VIII. ALCHEMY-PART II*, obra citada.
82. Idem, idem.
83. Mizrach, Steve. *Alternative Medicine and the Appropriation of Scientific Discourse*, em: <http://www.fiu.edu/~mizrachs/academentia.html>
84. Sucur, Slobodan. *Theory, Period Styles, and Comparative Literature as Discipline*, em: <http://clcwebjournal.lb.purdue.edu/index.html>
85. Ransom, Steven, e Raso, Jack. *Homeopathy and Its Founder, Part II*: <http://www.drkoop.com/news/focus/october/homeopathy2.html>
86. Schnoebelen, William J. *SOMEWHERE UNDER THE RAINBOW*, em: <http://www.saintsalive.com/general/unrainbow.htm>
87. Hahnemann, S. *Matéria Medica Pura*, capítulo *Magnes*, em: <http://www.minutus.com/Magn.htm>
88. Heij, Anja, obra citada.

89. Campbell, A. *ANTON MESMER AND SAMUEL HAHNEMANN*, em: <http://www.cix.co.uk/~acampbell/essays/altmed/mesmer.html>
90. Handley, Rima. *ELECTROTHERAPY AND MAGNETISM*, em: <http://www.minimum.com/p7/engine/book.asp?n=893>
91. Little, David. *The Homeopath as a Healing Artist*, em: [www.simillium.com/TheLittleLibrary.html](http://www.simillium.com/TheLittleLibrary.html)
92. IndianGyan, Magnetotherapy and Homoeopathy, em: <http://www.indiangyan.com>
93. Idem, idem.
94. Grellmann, Hélio Luiz. *Métodos Alternativos de Diagnóstico e Cura*, obra citada.
95. Hahnemann, Samuel. *Organon*, obra citada, par. 288.
96. The Ankerberg Theological Research Institute. *Why Shouldn't Christians Use Such New Age Holistic Health Treatments as Homeopathy and Therapeutic Touch?* Em: <http://www.ankerberg.com>
97. Ankerberg, John, & Weldon, John. *Can You Trust Your Doctor?* (Chattanooga, TN: Global Publishers, 1991), p. 315.
98. NewAge On-line Australia, *The Story of Spiritualism*, em: <http://www.newage.com.au/library/spiritualism.html>
99. Silva, Eliane Moura, obra citada.
100. Swedenborg, Emanuel. *Arcana Celeste* (São Paulo: Ícone Editora, 1989), p. 13.
101. Silva, Eliane Moura, obra citada.
102. Brown, David L., *New Age Medicine*, em: [www.logosresourcepages.org](http://www.logosresourcepages.org)
103. Campbell, Anthony. *Peer Gynt's Onion*, em: [acampbell@achc.demon.co.uk](mailto:acampbell@achc.demon.co.uk).
104. Little, David. *Kent's Life and Works*, em: [www.simillium.com/TheLittleLibrary/Greathomeopaths/kent.html](http://www.simillium.com/TheLittleLibrary/Greathomeopaths/kent.html)
105. Morrell, Peter. *The Swedenborgian Influence*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/british/kentianism.htm>
106. Dicionário Aurélio Século XXI, edição eletrônica, 2001, verbete “esoterismo”.
107. Morrell, Peter. *THE SECRETIVE HAHNEMANN AND THE ESOTERIC ROOTS OF HOMEOPATHY*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/articles/esoteric.htm>
108. Bradford, Thomas L., obra citada, p. 28.
109. Neagu, Michael, obra citada.
110. Morrel, Peter, *The Secretive Hahnemann*, obra citada.
111. Barker, A. Trevor, *The Hill of Discernment*, em: [www.theosociety.org/pasadena/hill/hill-5a.htm](http://www.theosociety.org/pasadena/hill/hill-5a.htm)
112. Fellowship of Evangelical Students, em: <http://web.signet.com.sg/~sinfes/SConsult.htm>
113. Rogge, Michael, *The Roots of New Age*, em: <http://www.xs4all.nl/~wichm/index.html>
114. Barker, A. Trevor, obra citada.
115. Theosophic Correspondence, Appendix, em: [local:d:/Pasadena/stmartin/stm-hp.htm#contents](http://local:d:/Pasadena/stmartin/stm-hp.htm#contents)

116. Barker, A. Trevor, obra citada.
117. Bendz, Fredrik. *Antroposophy*, em : <http://www.update.uu.se/~fbendz/pseudo/index.html>
118. Fellowship of Evangelical Students, obra citada.
119. Matsuo, Kazuyuki. *The Birth of the Christian Science Movement and Its Social Background*, em: <http://infowww.cc.sophia.ac.jp/amecana/Journal/1-5.htm>
120. Dicionário Aurélio Século XXI, obra citada.
121. Brown, David L., *New Age Medicine*, obra citada.
122. Gumpert, Martin, obra citada, p. 20.
123. Hahnemann, Samuel. *The Chronic Diseases, Their Particular Nature and Their Homeopathic Cure - Theoretical Part*, Louis H. Tafel – Translator (New Delhi, Índia: Jain Publishing Company, 1976), p.7.
124. Ankerberg & Weldon, obra citada, p. 321.
125. Robert, Herbert. *Art of Cure by Homeopathy: A Modern Textbook*, reimpressão (New Delhi, Índia: B. Jain Publishers, 1976).
126. Tirikatene-Sullivan, *Exposing the New Age Seminar*, em: <http://www.doveministries.com/pamphlets/NEWAGPAM.html>
127. Haehl, Richard, *CHAPTER XX*, obra citada.
128. Pfeifer, Samuel. *Healing at Any Price?* (Milton Keynes, England: Word Limited, 1988), p. 68.
129. Idem, idem.
130. Idem, idem.
131. Campbell, Anthony. Review: *The Magical Staff: The Vitalist Tradition in Western Medicine*, British Homoeopathic Journal, Volume 83, número 2, Abril de 1994.
132. Morrel, Peter. *The Secretive Hahnemann*, obra citada.
133. Idem, idem.
134. Idem, idem.
135. Idem, idem.
136. Idem, idem.
137. Ransom, Steven. *Homeopathy – What Are we Swallowing?* (Uckfield: Credence Publications, 1999).
138. Little, David, obra citada.
139. Kent, James Tyler, *New Remedies, Lesser Writings and Aphorisms & Precepts* (Chicago, 1926).
140. Kent, James Tyler. *Lectures on Homeopathic Philosophy* (Richmond, CA: North Atlantic Books, 1979), págs. 7 e 76.
141. Idem, idem, p. 138.
142. Idem, idem, p. 98.
143. Idem, idem, p. 120.

144. Bopp, H. J., obra citada.
145. Gumprecht, Jane D. *Holistic Health: A Medical and Biblical Critique of New Age Deception* (Moscow, ID: Random Press, 1986), p. 150.
146. DeSmedt, Evelyn, et. al., *Life Arts: A practical Guide To Total Being: New Age Medicine and Ancient Wisdom* (New York, NY.: St. Martins Press, 1977), p. 142.
147. Confira em: <http://www.ipsgeneva.com/>
148. Bopp, H. J., obra citada.
149. Kepler College, *Astrology in the Modern World*, em: [http://www.kepler.edu/secure/IS103\\_2001/syllabus\\_general.htm](http://www.kepler.edu/secure/IS103_2001/syllabus_general.htm)
150. Stiegler, Elfriede. *Zur Arbeit der Sektion 'Medizin & Astrologie' des Deutschen Astrologen-Verbandes*, em: [www.astrolog.de/medizin.htm](http://www.astrolog.de/medizin.htm)
151. Rick, *Astrology*, em: <http://www.spiritual-paths.com/Astrology.html>
152. Francis, Eric. *Astrology as Homeopathy - The Holistic Art of People and the Planets*, em: <http://www.planetwaves.nethomeopathy.html>
153. Idem, idem.
154. Andrews, Peters, *Homeopathy and Hinduism*, em: <http://www.watchmann.org>
155. Idem, idem.
156. Dale, John, entrevista publicada em *Personality Magazine*, 12/06/1989, p. 22.
157. Andrews, Peters, obra citada.
158. Dicionário Aurélio Século XXI, obra citada, verbete “vodu”.
159. Park, Robert. *Voodoo Science: The Road from Foolishness to Fraud* (New York: Oxford University Press, 2000).
160. Apologetics, *Homeopathy*, em: [gospelcom.net/apologeticsindex/h19.html](http://gospelcom.net/apologeticsindex/h19.html)
161. The Healer's Resource, em: <http://www.metamind.net/>
162. Weil, Andrew, em: <http://www.drweilselfhealing.com>
163. Source Foundation, em: <http://w3.one.net/~source>
164. Homeopathy, em: <http://www.accessnewage.com>
165. AIHT Virginia Beach Second Annual Conference 2000, em: <http://www.aiht.edu/>
166. Krum-Heller, *Ein Leben Für die Rose*, em: <http://www.mysunrise.ch/users/prkoenig/books/rose.htm>
167. Ziment, Irwin. *Herbal and Other Alternative Therapies and the Lungs*, em: [www.chestnet.org/education/pccu/vol13/lesson11.html](http://www.chestnet.org/education/pccu/vol13/lesson11.html)
168. Robinson, B. A. *New Age Spirituality*, em: [www.religioustolerance.org/](http://www.religioustolerance.org/)
169. New Age, em: [http://religion-cults.com/secret/New-Age/New\\_Age.htm](http://religion-cults.com/secret/New-Age/New_Age.htm)

170. Wagner, Mahlon W. *Is Homeopathy 'New Science' or 'New Age'?*, em: [www.hcrc.org/contrib/wagner/homeo.html](http://www.hcrc.org/contrib/wagner/homeo.html)
171. Grossinger, Richard, obra citada, págs. 162-163 e 128-129.
172. Deuteronômio 4:1 a 10.
173. Roge, Michael, obra citada.
174. Ephraim, Degel Mahaneh. *The Spiritual World of a Master of Awe: Divine Vitality, Theosis, and Healing*, em: <http://members.bellatlantic.net/~pauldana/DEGEL-4.PDF>
175. Vovin, Frater Abai. *The Tables of Amen*, em: <http://nuit.mysticalzone.net/~thelema/amen.html>
176. Idem, idem.
177. Coker, Robina. HOMOEOPATHY: A Christian Medical Perspective, em: <http://www.cmf.org.uk>
178. Bopp, H. J., obra citada.
179. Idem, idem.
180. Baur, Dr. *Swiss Journal of Homeopathy*, número 2/1961, p. 56.
181. Levítico 19:31.
182. Levítico 20:6.
183. Levítico 20:27.
184. Daniel 3:5-15.
185. Deepak, M. R., *Dr. James Tyler Kent*, em: <http://www.onlinehomeo.com>
186. Thomas, William E. *Is Homeopathy a Cult?* Em: <http://www.angelfire.com/va/quinine/cult.html>
187. Bollet, Alfred Jay. "Natural Remedies", *Medical Care, and Politics*, em: <http://www.sma.org/smj/97aprtoc.htm>
188. Anti-heretic Department of the Archdiocese of Greece. *Faith Dealers*, em: <http://www.fortunecity.com/marina/pitcairn/1421/index.htm>
189. Coller, Frederick A., Sinnott, Richard A. *Washtenaw County Medical Society*, em: <http://www.msms.org/wcms/history.html>
190. Editorial: Prophecy & Signs, *World Watch*, 12 de dezembro de 2001.
191. Jarvis, William T., *Homeopathy: A Position Statement*, obra citada.
192. Thomas, William E. *The Basis of Homeopathy*, em: [www.angelfire.com/va/quinine/allergy.html](http://www.angelfire.com/va/quinine/allergy.html)
193. Apologetics, *Homeopathy*, obra citada.
194. Park, Robert, *Voodoo Science*, obra citada.
195. Apologetics, *Homeopathy*, obra citada.
196. Park, R. L. *Alternative Medicine and the Laws of Physics*. *Skeptical Inquirer* 1997; 21(5): 24-28.
197. Ramey, David W.; Wagner, Mahlon; Imrie, Robert H.; Stenger, Victor. *Homeopathy and Science: A Closer Look*, em: <http://www.phys.hawaii.edu/vjs/www/med/homeop.html>

198. Jarvis, William T., *Homeopathy: A Position Statement*, obra citada.
199. Idem, idem.
200. Bopp, H. J., obra citada.
201. Jürgensen, T. *Die wissenschaftliche Heilkunde und ihre Widersacher*. Volkmanns Sammlung Klinischer Vorträge, 1876; 106: 876-916 (na Alemanha).
202. Thomas, William E., *Toxicity*, em: <http://www.angelfire.com/va/quinine/toxicity.html>
203. Ramey, David W. *Homeopathy*. Priorities for Health, vol. 12, número 1, 2000 – ACSH.
204. Randi, James. A Challenge, em: [www.mindspring.com/~anson/randi-hotline/1994/subject.html#22](http://www.mindspring.com/~anson/randi-hotline/1994/subject.html#22)
205. Windisch Neto, Hermann. *Homeopatia: Ciência ou Superstição*, em: <http://www.monfort.org.br/cadernos/homeopatia.html#1>
206. McGoldrick, Jane. *Invisible Force*, em: <http://www.commonboundary.org/Eback#>
207. Barrett, Stephen. *Homeopathy: The Ultimate Fake*, em: <http://www.quackwatch.com/01QuackeryRelatedTopics/homeo.html>
208. Vithoulkas, George. *Homeopathy: Medicine of the New Man* (New York: Avon Books, 1971), p. 112.
209. White, Ellen G., *Testimonies for the Church* (Mountain View, Ca: Pacific Press Publishing Association, 1948), Vol. III, p. 509.
210. White, Ellen G., *Mensagens Escolhidas* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, edição eletrônica, 2000), Vol. 1, 162.
211. Hebreus 13:8 e 9.
212. Collins, A J., obra citada.
213. White, Ellen G., *Spalding and Magan Collection*, p. 45, par. 2. Confira em: <http://www.egwestate.andrews.edu/>
214. White, Ellen G., *Manuscript Releases*, Volume Vinte, págs. 373 (par. 1) a 377 (par. 3). Todos os manuscritos citados em 5.19 podem ser acessados em <http://www.egwestate.andrews.edu/>
215. White Ellen G., *Manuscript Releases*, Volume Vinte e Um, págs. 323 (par. 1) a 324 (par. 2). Vide acesso eletrônico em 214.
216. White, Ellen G., *Manuscript Releases*, Volume Vinte, págs. 363 (par. 1) a 372 (par. 1). Vide acesso eletrônico em 214.
217. White, Ellen G., *Mensagens Escolhidas* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica, Vol. II, p. 282. O texto também pode ser localizado em *Manuscript Releases*, Volume Treze, p. 177, par. 2, usando-se a fonte eletrônica: <http://www.egwestate.andrews.edu/>
218. White, Ellen G., *Manuscript Releases*, Volume Vinte, págs. 378 (par. 1) a 390 (par. 4). Vide acesso eletrônico em 214.
219. Para o termo “eclectic”, veja <http://www.egwestate.andrews.edu/>. Para o termo “electric”, tenho em meu poder *fac-simile* do manuscrito original, gentilmente provido pelo Dr. Héliño Nogueira.

220. White, Ellen G., *Manuscript Releases*, Volume Vinte, págs. 391 (par. 1) a 394 (par. 3). Vide acesso eletrônico em 214.
221. Little, David. *Homoeopathic Pharmaceutical Standards*, em: <http://www.simillium.com/TheLittleLibrary.html>
222. Hahnemann, Samuel, carta ao secretário da cidade de Koethen, no ano de 1828. Apresentado por Bopp, H. J., obra citada.
223. Hahnemann, Samuel. *Organon*, obra citada, Introdução, p. 74.
224. Idem, idem, idem, p. 75.
225. Idem, idem, par. 52.
226. Idem, idem, par. 271, nota 157.
227. Kent, James Tyler. *Filosofia Homeopática* (Buenos Aires: Editorial Albatrós, 1993), p. 12.
228. Haehl, Richard, obra citada.
229. I REIS 18:21.
230. MATEUS 12:30.
231. The University for Planetary Synthesis, em: <http://www.ipsgeneva.com>
232. White, Ellen G., *Profetas e Reis* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica, págs. 210 e 211.
233. White, Ellen G., *Conselhos Sobre Saúde* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica, p. 459.
234. Romanos 6:16.
235. II Coríntios 6:14.
236. Knight, Gareth, *The Master of Medicine*, em: <http://www.innerlight.org.uk/Journal6.html>
237. Brown, David L., obra citada.
238. Pfeifer, Samuel, obra citada.
239. Idem, idem.
240. Tiago 3:12.
241. Mateus 7:20.
242. Romanos 8:9.
243. I Coríntios 3:11.
244. I Coríntios 12:3.
245. I João 2:22 e 23.
246. Hebreus 10:29.
247. Nairne, Alan. *Has Homeopathy an Occult Element?* Em: [www.apocalipsis.org/homeopathy.htm](http://www.apocalipsis.org/homeopathy.htm)
248. Lucas 6:46.

249. Pfeifer, Samuel, obra citada, p. 81.
250. Bopp, H. J., obra citada.
251. Citado em *Personality Magazine*, 12/6/1989, p. 22. O texto pode ser encontrado em: <http://www.watchman.org>
252. Atos 17:30.

## Capítulo Seis: Iridologia

1. Peters, Warren, obra citada, p. 49.
2. Simon, Allie, et al. “An Evaluation of Iridology”, *Journal of the American Medical Association*, número 242, 1979, págs. 1380 a 1389.
3. Veja <http://www.heall.com>
4. Iridology, em: <http://www.triad.fsnet.co.uk>
5. Idem, idem.
6. Marcia, Bryan K., Neuro-Optic Reflex Study: Iridology Analysis, em: <http://cnri.edu/index.htm>
7. Iridology, em <http://www.triad.fsnet.co.uk>
8. Ferrandiz, V. L., Iridodiagnosis (Editora Cedel, 1970), p. 39.
9. Idem, idem.
10. Ozarko, Gary. Iridology Introduction, em: <http://www.ion.com.au/~iridology/>
11. Idem, idem.
12. Idem, idem.
13. Idem, idem.
14. Veja <http://www.heall.com>
15. Hacket, Willis. Moulding the Christian Mind, p. 28.
16. Idem, idem.
17. White, Ellen G., Testimonies for the Church (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948), Vol.I, p. 290.
18. Maxwell, Jessica. The Eye-Body Connection (New York: Warner Books, 1980). Citada em “What Your Eyes Tell About Your Health”, *Esquire*, janeiro de 1978.
19. Gomes, Silas de Araújo, obra citada, p. 52.
20. Ferrandiz, V. L. obra citada, p. 39.
21. Grellmann, Hélio L. A Dimensão Metafísica da Iridologia, *Revista Teológica do SALT-IAENE*, Vol. 1, Número 2, Julho-Dezembro de 1997, págs. 56 a 60.
22. Koch, Kurt, *The Devil’s Alphabet*, págs. 38 e 39.
23. Simon, Allie, et al, obra citada.



24. Ozarko, Gary, obra citada.
25. Gomes, Silas de Araújo, obra citada, p. 44.
26. Maxwell, Jessica, obra citada, p. 5.
27. Khul, Djwhal, obra citada, figura quatro.
28. Gênesis 3:5.
29. Apocalipse 18:4.

## Capítulo Sete: Acupuntura e Técnicas Afins

1. Diversos autores, em *Origin of Acupuncture*. O texto completo acha-se em: <http://www.dowhealth.com/accu%20final%20page.htm>.
2. Diversos autores, em *All About Acupuncture*, em: <http://acupuncturetoday.com>.
3. Hill, Ann, obra citada, p. 57.
4. Peters, Warren, obra citada, p. 43.
5. Seafriends, *Belief systems of the world*, em: <http://www.seafriends.org.nz/index.htm>
6. Hochstetter, Q. F. Kurt. *Homeopatía y Otras Terapéuticas Paralelas* (Santiago, Chile: Editorial Hochstetter Ltda., 1980) 3ª edição, págs. 108 e 109.
7. Idem, p. 109.
8. “Symposium: Acupuncture Anesthesia”, *Anesthesiology Review*, Junho de 1974, p. 17.
9. II Tessalonicenses 2:9.
10. Tanigawa, Rui. Revista VEJA, edição de 12 de novembro de 1997, página 101.
11. Harrepa, Daro. *Nazi Tibetan Death Cult*, em: [www.skyeklad.com/wwwboard/messages/586.htm](http://www.skyeklad.com/wwwboard/messages/586.htm)
12. Weldon, John, e Wilson, Clifford. *Occult Shock and Psychic Forces* (San Diego: Master Books, 1980), págs. 193 e 194.

## Capítulo Oito: Varetas Mágicas, Pêndulos e Magnetos

1. Dicionário Aurélio Século XXI, obra citada.
2. Weldon, John. *Psychic Healing* (Chicago: Moody Press, 1982), págs. 60 a 62. Citando *Theosophical Research Center Mystery of Healing* (Theosophical Publ. House, 1958), págs. 63 a 65.
3. Mizrach, Steve. *Alternative Medicine and the Appropriation of Scientific Discourse*, em: <http://www.fiu.edu/~mizrachs/academentia.html>
4. Idem, idem.
5. Veja <http://www.heall.com> e páginas associadas (organização por ordem alfabética).
6. Seafriends, obra citada.
7. Mizrach, Steve, obra citada.

8. Stakis, John. *Why the Pendulum Works*, em: <http://interweb.users.netlink.co.uk/pendulum.htm>
9. Idem, idem.
10. Idem, idem.
11. Idem, idem.
12. Idem, idem.
13. Idem, idem.
14. Weldon, John, obra citada.
15. Stakis, John, obra citada.
16. Hill, Ann, obra citada, p. 164.
17. Stakis, John, obra citada.
18. Idem, idem, p. 171.
19. Mizrach, Steve, obra citada.
20. Hahnemann, Samuel. *Matéria Medica Pura*, citado em: IndianGyan, *Magnetotherapy and Homoeopathy*, em: <http://www.indiangyan.com>
21. Allen, H. C., *Materia Medica of the Nosodes*. Citado em IndianGyan, *Magnetotherapy and Homoeopathy*, em: <http://www.indiangyan.com>
22. Bengali, Neville S., *Magnet-Therapy*. Citado em IndianGyan, *Magnetotherapy and Homoeopathy*, em: <http://www.indiangyan.com>
23. Idem, idem.
24. Leftwich, Robert. *Dowsing: the Ancient Art of Rhabdomancy* (New York: Samuel Weiser, Inc., 1976), p. 9.
25. Idem, idem, págs. 23 e 24.
26. Idem, idem, p. 33.
27. Mizrach, Steve, obra citada.
28. Idem, idem.
29. Hester, Ben. *Dowsing - An Expose of Hidden Occult Forces* (Yucaipa, California: U. S. Business Specialties, 1982), p. 129.
30. Peters, Warren, obra citada.
31. Stakis, John, obra citada.
32. Idem, idem.
33. Peters, Warren, obra citada. Relatado em carta apresentada a ele pela pessoa com quem ocorreu a história.
34. Idem, idem.
35. Oséias 4:12.

## Capítulo Nove: Outras Terapias Alternativas Místicas

1. Consulte <http://www.heall.com>. Os itens 2 a 14 representam sub-páginas do item 1, onde se podem encontrar os termos por ordem alfabética.
2. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments1.html>
3. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments2.html>
4. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments3.html>
5. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments4.html>
6. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments5.html>
7. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments6.html>
8. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments7.html>
9. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments8.html>
10. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments9.html>
11. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments10.html>
12. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments11.html>
13. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments12.html>
14. Veja <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments13.html>
15. Veja [http://www.healthinfoiowa.org/general\\_resources/](http://www.healthinfoiowa.org/general_resources/)
16. Dodes, Rachel. “Alternative Medicine from Ethnobiological Viewpoint”. *Health Priorities*, volume 11, número 3, 1999. Pode ainda ser acessado a partir de <http://www.acsh.org/index.html>.
17. Teixeira, Paulo de Castro, *Do Herbalismo Tribal aos Remédios Florais do Dr. Bach*, obra citada, p. 32.
18. Howard, Judith, *Os Remédios Florais do Dr. Bach Passo a Passo* (São Paulo: Editora Pensamento Ltda., 1992).
19. Chancellor, Philip M., *Manual Ilustrado dos Remédios do Dr. Bach* (São Paulo: Editora Pensamento Ltda., 1992), p. 10.
20. Damian, Peter, *A Astrologia e os Remédios Florais do Dr. Bach* (São Paulo: Editora Pensamento Ltda., 1995), p. 12.
21. Howard, Judith, obra citada, págs. 12 e 13.
22. Para uma excelente visão dos vínculos místicos do herbalismo, veja Ecklund, Doug: “*Herbalism: Medicine or Mysticism*”: <http://www.logosresourcepages.com>.
23. Para uma visão favorável à medicina ortomolecular, mas que não oferece melhor embasamento científico à mesma, apenas supostos “casos clínicos”, veja Wunderlich, Ray C., *Orthomolecular Medicine Definition*: [www.heall.com/body/altmed/definitions/orthomolecular.html](http://www.heall.com/body/altmed/definitions/orthomolecular.html)
24. Beard, J., obra citada.
25. Para uma visão mais detalhada de Qigong, veja Mainfort, Donald: “*The Roots of Qi*”: <http://www.csicop.org/sb/2000-03/qi.html>

26. Sharamon, Shalila e Baginski, Bodo, obra citada, págs. 178 a 182.
27. Fish, Sharon. “*Therapeutic Touch*”: <http://watchman.org/>.
28. Veja <http://www.seafriends.org.nz/issues/probl/beliefs.htm>.
29. Barrett, Stephen. “*Electrodiagnostic*” Devices, em: [www.quackwatch.com/01QuackeryRelatedTopics/electro.html](http://www.quackwatch.com/01QuackeryRelatedTopics/electro.html).
30. Veja Brown, David L., “*The Tangled Web of (Alternative) Healthcare Exotica*”, em: <http://www.logosresourcepages.com>.
31. Veja <http://www.chestnet.org/education/pccu/vol13/lesson11.html>.
32. Kneipp, Sebastião. *A Minha Cura D’Água* (Porto Alegre: Livraria Selbach, 1979), 4ª. edição.
33. Raso, Jack. *Is There a Cure for Alternative Medicine?* Health Priorities, Vol. 9 Número 2, 1997.
34. Seafriends, obra citada.

## Capítulo Dez: A Física Quântica Justifica as Terapias Místicas?

1. I Tessalonicenses 5:21.
2. Gênesis 3:5.
3. Gênesis 3:7.
4. Park, Robert L., *Alternative Medicine and the Laws of Physics*, Skeptical Inquirer Magazine, setembro/outubro de 1997.
5. Stenger, Victor J. *Quantum Metaphysics*, em: <http://spot.colorado.edu/~vstenger/Quantum/qmeta.html>
6. Stenger, Victor J. *Quantum Quackery*. Skeptical Inquirer, Janeiro/Fevereiro de 1997.
7. Stenger, Victor J. *The Physics of Complementary and Alternative Medicine*, em: <http://spot.colorado.edu/~vstenger/Medicine/PhysCAM.pdf>
8. Ecklund, Doug. *Deepak Chopra: Ancient Wisdom and Quantum Magic*, em: [http://www.logosresourcepages.org/deepak\\_chopra.htm](http://www.logosresourcepages.org/deepak_chopra.htm)
9. Takatohi, Urias Echterhoff. *Mecânica Quântica*. Texto enviado ao autor deste livro.
10. Há um livro de divulgação nesta área, de autoria de John D. Barrow, intitulado *Teorias de Tudo – A busca de Explicação Final*, editado por Zahar.
11. Fellowship of Evangelical Students. *The New Age Movement*, em: <http://web.signet.com.sg/~sinfes/SConsult.htm>
12. Confira em [www.Randomhouse.com](http://www.Randomhouse.com)
13. Veja [www.Chopra.com](http://www.Chopra.com)
14. Idem.

15. Chopra, Deepak. *Ageless Body, Timeless Mind: The Quantum Alternative to Growing Old* (New York: Three Rivers Press, 1993).
16. Ecclesiastes 7:2, New International Version.
17. Romanos 5:12.
18. Romanos 6:23.
19. Takatohi, Urias E., correspondência enviada ao autor deste livro.
20. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
21. Idem, idem.
22. Cooper, Phillip. *Basic Magick: A Practical Guide* (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1996).
23. Atos 19:18 e 19.
24. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
25. Chopra, Deepak. *Unconditional Life: Discovering the Power to Fulfill Your Dreams* (Bantam Books, 1991).
26. Amber, K. *True Magick: A Beginners Guide* (St. Paul, MN: Llewellyn Publication, 1999).
27. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
28. Idem, idem.
29. Chopra, Deepak. *Perfect Health: The Complete Mind/Body Guide* (New York: Harmony Books, divisão de Crown Publishers, Inc., 1991).
30. Gênesis 1:3.
31. Takatohi, Urias E., correspondência enviada ao autor deste livro.
32. Amber, K., obra citada.
33. Cabot, Laurie, e Cowan, Tom. *Power of the Witch: the Earth, the Moon, and the Magical Path to Enlightenment* (New York: Delta Book, publicado por Bantam Doubleday, 1990).
34. Idem, idem.
35. Gênesis 1:2.
36. Takatohi, U. E., correspondência ao autor deste livro.
37. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
38. Idem, idem.
39. Idem, idem.
40. Idem, idem.
41. Cabot, Laurie, e Cowan, Tom, obra citada.
42. Chopra, Deepak. *Quantum Healing: Exploring the Frontiers of Mind/Body Medicine* (Bantam Books, 1990).
43. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.

44. Idem, idem.
45. De Angeles, Ly. *Rituals, Spellcasting, and Sorcery: Witchcraft Theory and Practice* (St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 2000).
46. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
47. Cabot, Laurie, e Cowan, Tom, obra citada.
48. Chopra, Deepak. *Perfect Health*, obra citada.
49. Chopra, Deepak. *Quantum Healing*, obra citada.
50. Takatohi, U. E., correspondência enviada ao autor deste livro.
51. Cabot, Laurie, e Cowan, Tom, obra citada.
52. Idem, idem.
53. Ecklund, Doug, obra citada.
54. Brenann, J. H. *Magick for Beginners: the Power to Change Your World* (St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 2000).
55. Greer, John Michael. *Natural Magic* (St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 2000).
56. Chopra, Deepak. *Return of the Rishi* (Boston: Houghton Mifflin Company, 1988).
57. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
58. Greer, John Michael, obra citada.
59. Ecklund, Doug, obra citada.
60. Cabot, Laurie, e Cowan, Tom, obra citada.
61. Chopra, Deepak. *Unconditional Life*, obra citada.
62. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
63. Chopra, Deepak. *Unconditional Life*, obra citada.
64. Ravenwing, Josie. *The Return of Spirit: A Woman's Call to Spiritual Action* (Deerfield Beach, Fl: Health Communications, 1996).
65. Chopra, Deepak. *Perfect Health*, obra citada.
66. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
67. De Angeles, Ly, obra citada.
68. Chopra, Deepak. *Perfect Health*, obra citada.
69. Grimassi, Raven. *Encyclopedia of Wicca and Witchcraft* (St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 2000).
70. Chopra, Deepak. *Unconditional Life*, obra citada.
71. Chopra, Deepak. *Ageless Body*, obra citada.
72. Idem, idem.
73. Cooper, Phillip, obra citada.

74. Gálatas 5:19-21.
75. I Samuel 15:23.
76. Isaías 14:12-15.
77. I João 4:8.
78. Isaías 45:22.
79. João 17:17.
80. Romanos 12:2.
81. Gênesis 1:1.
82. Salmo 100:2, New King James Version.
83. Ecklund, Doug, obra citada.
84. João 1:1, 3, 14.
85. I João 1:1 e 3.
86. Isaías 59:2.
87. Efésios 1:9 e 10.
88. João 17:21.
89. Chopra, Deepak. *Unconditional Life*, obra citada.
90. Colossenses 2:8.
91. I Timóteo 4:1.
92. Romanos 1:18.
93. Romanos 3:23.
94. Isaías 64:6.
95. Eclesiastes 12:14.
96. Apocalipse 20:10.
97. Brennan, B. *Hands of Light* (New York: Bantam Books, 1987).
98. Park, Robert L., obra citada.
99. Capra, Fritjof. *The Tao of Physics* (Boulder, Colorado: Shambhala Publishing, 1975). Encontra-se traduzido para o português.
100. Idem, idem, p. 305.
101. Park, Robert L., obra citada.
102. Idem, idem.
103. Eberhard, P. H., e Ross, R. R. *Foundations of Physics Letters* 2: 127, 1989.
104. Stenger, Victor J., *Quantum Metaphysics*, obra citada.

105. Taylor, John. *Science and the Supernatural* (New York: E. P. Dutton, 1950), citado em: *Encyclopedia of Occultism and Parapsychology* (New York: E. P. Dutton, 1950), 2<sup>a</sup>. edição, págs. 43 e 44.
106. Stenger, Victor J., *Quantum Metaphysics*, obra citada.
107. Wigner, E.P. "The Probability of the Existence of a Self-Reproducing Unit". In Polanyi, M. *The Logic of Personal Knowledge* (Glencoe, IL: Free Press, 1961), p. 232.
108. Wheeler, John Archibald. In Elvee, Richard Q. (editor) *Mind in Nature* (San Francisco: Harper and Row, 1982), p. 17.
109. Kafatos, Menas e Nadeau, Robert. Nadeau. *The Conscious Universe: Part and Whole in Modern Physical Theory* (New York: Springer-Verlag, 1990), p. 124.
110. Goswami, Amit. *The Self-Aware Universe: How Consciousness Creates the Material World* (New York: G. P. Putnam's Sons, 1993), p. 136.
111. Bohm, David. "A Suggested Interpretation of Quantum Theory in Terms of 'Hidden Variables' I and II", *Physical Review* 85, 1952, p.166.
112. Stenger, Victor J., *Quantum Metaphysics*, obra citada.
106. Bell, J. S. *Physics* 1, 1964, p. 195.
107. Everett III, Hugh. *Rev. Mod. Phys.* 29, 1957, p. 454.
108. Stenger, Victor J., *Quantum Metaphysics*, obra citada.
109. Stenger, Victor J. *Physics and Psychics: The Search for a World Beyond the Senses* (Buffalo, NY: Prometheus, 1990).
110. Butler, Kurt. *A Consumer's Guide to Alternative Medicine: A Close Look at Homeopathy, Acupuncture, Faith-Healing, and Other Unconventional Treatments* (Buffalo, NY: Prometheus Books, 1992).
111. Stenger, Victor J., *Quantum Metaphysics*, obra citada.
112. Idem, idem.
113. Omnès, Roland J. *The Interpretation of Quantum Mechanics* (Princeton: Princeton University Press, 1994).
114. Stenger, Victor J., *Quantum Metaphysics*, obra citada.
115. Squires, Euan. *Conscious Mind in the Physical World* (New York: Adam Hilger, 1990).
116. Stapp, Henry P. *Mind, Matter, and Quantum Mechanics* (New York: Springer Verlag, 1993).
117. Stapp, Henry P. *Phys. Rev. A* 50, 1994, p. 18.
118. Stenger, Victor J., *Quantum Metaphysics*, obra citada.
119. Stenger, Victor J., *Physics and Psychics*, obra citada.
120. Stenger, Victor J., *Quantum Quackery*, obra citada.
121. Stenger, Victor J., *The Physics of Complementary and Alternative Medicine*, obra citada.



## Capítulo Onze: Terapias Alternativas com Base Fisiológica

1. Peters, Warren, obra citada, capítulo 13.
2. Ludington, Aileen, e Diehl, Hans. *Dynamic Living: How to Take Charge of Your Health* (Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1985), 2ª. edição. Este livro deverá ser lançado em português, pela Casa Publicadora Brasileira. Encontra-se em preparo no momento em que redijo o presente texto.
3. McDougall, John A., *A Challenging Second Opinion* (Clinton, NJ: New Win Publishing, Inc., 1985).
4. McDougall, John A., *The McDougall Program for a Healthy Heart* (New York, NY: Dutton Signet, 1990).
5. Ornish, Dean, *Stress, Diet, and Your Hearth* New York, NY: Dutton Signet, 1984).
6. Schneider, Ernst. *Cura e Saúde Pelos Alimentos* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira), várias edições.
7. Schneider, Ernst. *La Salud Por La Naturaleza*, Vols. I e II (Madrid: Editorial Safeliz, 1989), 10ª. edição.
8. Roger, Jorge Pamplona. *Enciclopédia de las Plantas Medicinales*, Vols. I e II (Madrid: Editorial Safeliz; Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1996), 1ª. edição.
9. Nogueira, Héliú J., *Viva Mais Leve – e de bem com o seu corpo* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 3ª. edição.
10. Ludington, Aileen, e Diehl, Hans, obra citada, capítulos 7 a 14.
11. Grellmann, Hélio L. *O Desafio da Saúde Emocional*, em: <http://www.ueb.org.br/ja3.htm>
12. Nogueira, Héliú J., *Viva Mais Leve*, obra citada.
13. Grellmann, Hélio L., *O Estresse Nosso de Cada Dia*, em: <http://www.ueb.org.br/ja4.htm>
14. Stout, C. e Bloom, L., “Type A Behavior and Upper Respiratory Infections”, *Journal of Human Stress* (Junho de 1982), págs. 4-7.
15. Van Dooren, L. e Orlebke, K. F., “Stress, Personality and Serum Cholesterol Level”, *Journal of Human Stress* (dezembro de 1982), págs. 24-29.
16. Martin., J., “Of Mind and Morbidity: Can Stress and Grief Depress Immunity?“, *Journal of the American Medical Association*, 248:405-407, 1982.
17. Peters, Warren, obra citada.
18. Salmo 32:3.
19. Salmo 38:3 a 10.
20. Lynch, James J., *The Broken Heart* (New York: Basic Books Publishers, Inc., 1979), p. 41.
21. Peters, Warren, obra citada.
22. Salmo 51:8 a 12.
23. Salmo 40:2 e 3.
24. Grellmann, Hélio L., *Emoções e Coração*, em: <http://www.ueb.org.br/ja5.htm>
25. Filipenses 4:13.

26. Moggio, M., Goldner, L. e McCullian, D., "Wound Infections in Patients Undergoing Total Hip Arthroplasty", *ARCH SURG*, 114:815-823, 1979.
27. Ellinger, F., "The Influence of Ultraviolet Rays on the Body Weight", *Radiology*, 32:157, 1939.
28. Allen, R. M., Cureton, T. K., "Effect of Ultraviolet Radiation on Physical Fitness", *Archives of Physical Medicine*, 26:641-644, 1945.
29. Rauschkolb, E. W., Farrell, G., Knox, J. M., "Effects of Ultraviolet Light on Skin Cholesterol", *Journal of Invest. Derm.*, 49:632-636, 1967.
30. Schneider, Ernst. *La Salud Por La Naturaleza*, obra citada, capítulos 17 a 19.
31. Trevilato, Gerson. *Guia Prático de Primeiros Socorros* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 1ª. edição, capítulo 14.
32. Ludington, Aileen, e Diehl, Hans, obra citada, p. 165.
33. Thrash, A. e Thrash, C., *Home Remedies* (Seale, Alabama: Uchee Pines Institute, 1981).
34. Bengston, R., Warfield, C., "Physical Therapy for Pain Relief", *Hospital Practices* (Agosto de 1984), p. 842.
35. Schneider, Ernst. *La Salud Por La Naturaleza*, obra citada, capítulos 3 a 10.
36. Peters, Warren, obra citada.
37. White, Ellen G., *Temperança* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira), p. 138.
38. Veja, por exemplo, Ludington, Aileen, e Diehl, Hans, obra citada, capítulo 47.
39. Nogueira, Hênio J., obra citada, capítulo 3.
40. *Diabetes Dateline* 6:1 (Setembro/Outubro de 1985).
41. Ludington, Aileen, e Diehl, Hans, obra citada, prefácio.
42. Tito 2:11 e 12, *A Bíblia na Linguagem de Hoje*.
43. Dessauer, F., Jahre, Z., "*Forschung auf dem Physikalisch Medizinischen Grenzgebiet*", Georg Theime Leipzig, 1931.
44. Gorriti, A. R., Medina, A., "The Application of Ion Therapy in Hypertension Released", *The National Ministry of Public Health*, Buenos Aires, 12 de Abril de 1954.
45. Kreger, A. P., Smith, R. F., *Journal of General Physiology*, 43: 533, 1960.
46. Komblueh, I. H., Griffin, J. E., "Artificial Air Ionization in Physical Medicine", *AM. J. PHY MED*, 34:618.
47. Eddy, W. H., "The Effect of Negative Ionization on Transplanted Tumors", *Cancer Research*, 11:245, 1951.
48. "Diet, Nutrition, and Cancer", *National Research Council*, (Washington, D. C.: National Academy Press, 1982).
49. Nair, P. P., "Diet, Nutrition Intake, and Metabolism in Populations at High and Low Risk for Colon Cancer", *Amer. J. Clin. Nut.*, 40:947-948, 1984.

50. Cummings, J. H., "Dietary Factors in the Aetiology of Gastrointestinal Cancer", *J. Hum. Nut.* 32:455-465, 1978.
51. Tartter, P. I., Aufses, A. H., "Cholesterol and Obesity as Prognostic Factors in Breast Cancer", *Cancer* 47:2222-2227, 1981.
52. McDougall, John A., *A Challenging Second Opinion*, obra citada.
53. Adlercreutz, H., Gorbach, S. L., "Excretion of the Lignins Enterolactone Enterodiol and of Equol in Omnivorous and Vegetarian Postmenopausal Women and in Women with Breast Cancer", *The Lancet* (11 de dezembro de 1982), págs. 1295-1298.
54. "Diet, Nutrition, and Cancer" (Washington, D. C.: National Academy Press, 1982), p. 14.
55. McDougall, John A., *The McDougall Program*, obra citada.
56. Ornish, Dean, *Stress, Diet, and Your Heart*, obra citada.
57. Ludington, Aileen, e Diehl, Hans, obra citada, capítulo 7.
58. Idem, idem, capítulo 30.
59. McDougall, John A., *A Challenging Second Opinion*, obra citada.
60. Daoud, A. S., Lee, K. T., "Regression of Advanced Atherosclerosis in Swine", *Arch Pathol Lab Med* 100:372-379.
61. Ludington, Aileen, e Diehl, Hans, obra citada, capítulo 8.
62. McDougall, John A., *The McDougall Program*, obra citada.
63. Ornish, Dean, *Stress, Diet, and Your Heart*, obra citada.
64. McDougall, John A., *A Challenging Second Opinion*, obra citada.
65. Nogueira, Hênio J., *Viva Mais Leve*, obra citada.
56. Adam, K., Oswald, I., "Sleep Helps Healing", *Brit. Med. J.* 1984, 289:1400-1401.
57. Peters, Warren, obra citada.
58. Hebreus 4:1 e 9.
59. Peck, W. A., "Osteoporosis", *Journal of the American Medical Association*, 1984, 252:799-802.
60. Peters, Warren, obra citada.
61. Short, M. A., Pavlou, K., "Effects of Physical Conditioning on Self-concept Adult Obese Males", *Physical Therapy* 64:194-198.
62. Smith, R. J., "Physician-supervised Exercise Programs in Rehabilitation of Patients with Coronary Heart Disease", *JAMA* 245:143-1466, 1981.
63. Roger, Jorge Pamplona, obra citada.
64. White, Ellen G., *Mensagens Escolhidas* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), Volume II, edição eletrônica, p. 347.
65. Grellmann, Hélio. "Os Remédios Naturais de Deus", *Revista Adventista*, fevereiro de 1996, p. 7.

## Capítulo Doze: Tensões em Torno do Conceito de “Cura”:

### Existe uma Saída Aceitável?

1. Zollmann, Catherine, e Vickers, Andrew. “What is Complementary Medicine?” em: <http://www.heall.com/index.html>
2. Dicionário Aurélio Século XXI, edição eletrônica, 2001, verbete “cura”.
3. Idem, idem, verbete “curar”.
4. Diversos autores, *Concept of Healing*, Chapter 1, em: [www.healthinfoiowa.org/general\\_resources/](http://www.healthinfoiowa.org/general_resources/)
5. Idem, idem.
6. I Tessalonicenses 5:23.
7. Diversos autores, *Concept of Healing*, obra citada.
8. Idem, idem.
9. Walker, Scott. *What Heals?* Em: [http://www.netmindbody.com/what\\_heals.html](http://www.netmindbody.com/what_heals.html)
10. Walter, Suzan. *What does Holistic Mean?* Em: [www.heall.com/body/altmed/defiitions/holistic.html](http://www.heall.com/body/altmed/defiitions/holistic.html)
11. Kaptchuk, Ted J., e Eisenberg, David M., *The Persuasive Appeal of Alternative Medicine*, obra citada.
12. Twigg J., “Food for thought: purity and vegetarianism”. *Religion*, 1979, 9:13-33.
13. Huxtable, R. J., “The myth of beneficent nature: the risks of herbal preparation” [Editorial]. *Ann Intern Med.*, 1992; 117:165 e 166.
14. Kaptchuk, Ted J., e Eisenberg, David M, obra citada.
15. Kaptchuk, T. J., *Historical context of the concept of vitalism in complementary and alternative medicine*. In: Micozzi, M. S., editor, *Fundamentals of Complementary and Alternative Medicine* (New York: Churchill Livingstone), 1996.
16. Hahnemann, Samuel, *Organon of Medicine* (New Delhi: B Jain, 1980), 6a. Edição.
17. Palmer, D. D., *Chiropractic* (Portland, OR: Portland Printing House, 1910).
18. Unschuld, P. U., *Medicine in China: A History of Ideas* (Berkeley, CA: Univ. of California Press, 1985).
19. Filliozat, J., *The Classical Doctrine of Indian Medicine* (New Delhi: Manoharlal, 1964).
20. Luhrmann, T. M., *Persuasions of the Witch's Craft: Ritual Magic in Contemporary England* (Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1989).
21. Glik, D. C., “Symbolic, ritual and social dynamics of spiritual healing” *Soc Sci Med.*, 1988; 27:1197-1206.
22. Kaptchuk, Ted J., e Eisenberg, David M., obra citada.
23. Brown, P. S., “The vicissitudes of herbalism in late nineteenth- and early twentieth-century Britain”, *Med Hist.*, 1995, 29:71-92.

24. Oppenheim, J., *The Other World: Spiritualism and Psychical Research in England, 1850-1914* (New York: Cambridge Univ. Press, 1985).
25. Campbell, B. F., *Ancient Wisdom Revived: A History of the Theosophical Movement* (Berkeley, CA: Univ. of California Press, 1980).
26. Neuburger, M., *The Doctrine of the Healing Power of Nature throughout the Course of Time* (New York: New York Homeopathic College, 1933).
27. Haigh, E., "The roots of the vitalism of Xavier Bichat", *Bull Hist Med.*, 1975, 49:72-86.
28. Wheeler, R., *Vitalism* (London: Witherby, 1939).
29. Fuller, R. C., *Alternative Medicine and American Religious Life* (New York: Oxford Univ. Press, 1989).
30. Barbour, I. G., *Issues in Science and Religion* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1966).
31. Kaptchuk, Ted J., e Eisenberg, David M., obra citada.
32. Goldstein, M. S., Sutherland, C., Jaffe, D. T. e Wilson, J., "Holistic physicians and family practitioners: similarities, differences and implications for health policy", *Soc Sci Med.* 1988, 26:853-61.
33. Grellmann, Hélio L., *Natural e "Natural"*, obra citada.
34. Veja, por exemplo: Taylor, John, *Science and the Supernatural* (New York: E. P. Dutton, 1950), 42-43; *Encyclopedia of Occultism and Parapsychology*, 2ª. edição, "Psychical Research."
35. Taylor, John, obra citada, págs. 43 e 44.
36. Veja, por exemplo: Grad, Bernard, "Healing by the Laying on of Hands: A Review of Experiments," in *Ways of Health: Holistic Approaches in Ancient and Contemporary Medicine*, ed. David S. Sobel (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1979), 283-85.
37. Moss, Thelma, *The Probability of the Impossible: Scientific Discoveries and Explorations of the Psychic World* (New York: New American Library, 1974), p. 84.
38. Veja, por exemplo: *Encyclopedia of Occultism and Parapsychology*, verbete "Vitality."
39. Veja, por exemplo, a discussão do experimento do Barão von Reichenbach, na *Encyclopedia of Occultism and Parapsychology*, verbete "Emanations."
40. Miller, Elliot. *The Christian, Energetic Medicine*, "New Age Paranoia", em: <http://www.equip.org/free/DN068.htm>
41. Ezequiel 28:14 a 17.
42. II Coríntios 11:14.
43. II Tessalonicenses 2:9.
44. McGoldrick, Jane. *Invisible Force*, em: <http://www.commonboundary.org/Eback#>
45. Idem, idem.
46. Idem, idem.
47. Príncipe Charles, "Science and Homoeopathy must work in harmony", *The London Daily Telegraph*, outubro de 1997.

48. Ransom, Steven, e Raso, Jack. *Homeopathy and Its Founder, Part 3*, em: <http://www.drkoop.com/news/focus/october/homeopathy3.html>
49. Bopp, H. J., obra citada.
50. Amós 7:14.
51. Heindel, Augusta F., *O Nascimento da Fraternidade Rosacruz* (São Paulo: Fraternidade Rosacruz, sede central do Brasil), págs. 15 e 16.
52. Heindel, Max, *Princípios Ocultos de Saúde e Cura*, obra citada, págs. 76 a 78.
53. Idem, idem, págs. 95 e seguintes.
54. Fraternidade Rosacruz, *A Mais Nova Higiene de Viver* (São Paulo: Fraternidade Rosacruz).
55. Heindel, Max, *Princípios Ocultos de Saúde e Cura*, obra citada, p. 102.
56. Idem, idem, págs. 110 e 111.
57. Fraternidade Rosacruz, *A Mais Nova Higiene de Viver*, obra citada, p. 17.
58. Ankerberg, John, e John Weldon, John. *Can You Trust Your Doctor?*, obra citada.
59. Reisser, Paul C.; Reisser, Terri K.; Weldon, John. *New Age Medicine* (Chattanooga, TN: Global Publishers, 1988).
60. Miller, Elliot. *A Crash Course on the New Age Movement* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1989), capítulos 2 e 5.
61. Pfeifer, Samuel. *Healing at Any Price? The Hidden Dangers of Alternative Medicine* (Milton Keynes, England: Word Publishing, 1988).
62. Kline, Monte. "New Age Paranoia," *Christian Health Counselor*, Março/Abril de 1988, págs. 1 e 2.
63. Idem, idem, págs. 4 e 5.
64. Miller, Elliot. *The Christian, Energetic Medicine...* obra citada.
65. II Tessalonicenses 2:7.
66. Atos 17:23 e 24.
67. Johnson, Philip. *Energy Healing: A Christian Theological Appraisal*, em: <http://members.ozemail.com-au/~ptcsyd/JohnsonPage/johnsonwp.html>
68. Miller, Elliot, *The Christian, Energetic Medicine...*, obra citada.
69. White, Ellen G., em *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1948), 1ª. edição, vol. 5, p. 1145.
70. Apocalipse 18:4.
71. Waldow, V. R., Lopes, M. J. M. e Meyer, D. E., *Maneiras de Cuidar, Maneiras de Ensinar* (Porto Alegre: Editora Artes Médicas do Sul, Ltda., 1995), págs. 22, 14, 16, 18 e 21.
72. Arruda, E. N. e Gonçalves, L. H. T., *A Enfermagem e a Arte de Cuidar* (Florianópolis: Editora da UFSC, 1999), págs. 35 e 36.
73. Idem, p. 86.

74. Waldow *et al*, obra citada, p. 36.
75. Wilson, Michael B. Howitt, *Quiroprática* (Lisboa: Editorial Estampa, 1966), 1ª. edição.
76. Triance, Edward, *Osteopatia* (Lisboa: Editorial Estampa, 1996), 1ª. edição.
77. Seafriends, obra citada.
78. Homewood. *The Neurodynamics of the Vertebral Subluxation* (Chiropractic Publishers, 1973).
79. Veja, por exemplo, Rosenthal, Elisabeth. "Hands-On Back Therapy Is Winning Respectability", *New York Times*, 3 de julho de 1991, seção A.
80. Miller, Elliot, *The Christian, Energetic Medicine...*, obra citada.
81. Veja, por exemplo, "Policy Statement on New Age Healing", da Christian Chiropractors Association (CCA, 3200 S. Lemay Av., Fort Collins, CO 80525-3605). A Associação pode ser contatada no endereço aqui suprido.
82. Seafriends, obra citada.
83. Seafriends, obra citada.
84. Harrepa, Daro, obra citada.
85. <http://www.astrologycom.com/astrology.html>
86. Gênesis 2:16 e 17.
87. Gênesis 3:4.
88. Gênesis 3:11.
89. Gênesis 3:19.
90. Salmo 103:3.
91. Atos 10:38.
92. Apocalipse 21:3 e 4.
93. Apocalipse 22:20.

## BIBLIOGRAFIA

- Adam, K., Oswald, I., "Sleep Helps Healing", *Brit. Med. J.* 289, 1984.
- Adlercreutz, H., Gorbach, S. L., "Excretion of the Lignins Enterolactone Enterodiol and of Equol in Omnivorous and Vegetarian Postmenopausal Women and in Women with Breast Cancer", *The Lancet* (11 de dezembro de 1982).
- AIHT Virginia Beach Second Annual Conference 2000, em: <http://www.aiht.edu/>
- *Alchemy*, capítulo VIII, Parte II, em: <http://www.bookrags.com/books/2tloe/PART11.htm>

- Alexander, S., "Space, Time and Deity," vol. II.
- All About Acupuncture, em: <http://acupuncturetoday.com>.
- Allen, H. C., *Materia Medica of the Nosodes*. Citado em IndianGyan, *Magnetotherapy and Homoeopathy*, em: <http://www.indiangyan.com>
- Allen, R. M., Cureton, T. K., "Effect of Ultraviolet Radiation on Physical Fitness", *Archives of Physical Medicine*, 26:641-644, 1945.
- Amber, K., *True Magick: A Beginners Guide* (St.Paul, MN: Llewellyn Publication, 1999).
- Andrews, Peter, *Homeopathy and Hinduism*, em: <http://www.watchmann.org>
- Ankerberg, John, & Weldon, John, *Can You Trust Your Doctor?* (Chattanooga, TN: Global Publishers, 1991).
- Anti-heretic Department of the Archdiocese of Greece, *Faith Dealers*, em: <http://www.fortunecity.com/marina/pitcairn/1421/index.htm>
- Apologetics, *Homeopathy*, em: [gospelcom.net/apologeticsindex/h19.html](http://gospelcom.net/apologeticsindex/h19.html)
- Arruda, E. N. e Gonçalves, L. H. T., *A Enfermagem e a Arte de Cuidar* (Florianópolis: Editora da UFSC, 1999).
- Barbour, I. G., *Issues in Science and Religion* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1966).
- Barker, A. Trevor, *The Hill of Discernment*, em: <http://www.theosociety.org/pasadena/hill/hill-5a.htm>
- Barnett, Victoria, *Dietrich Bonhoeffer*, em <http://www.usmmm.org/bonhoeffer/>.
- Baron, Will. *Enganado Pela Nova Era* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1997), 2ª. Edição.
- Barrett, Stephen, "Electrodiagnostic" Devices, em: [www.quackwatch.com/01QuackeryRelatedTopics/electro.html](http://www.quackwatch.com/01QuackeryRelatedTopics/electro.html)
- Barrett, Stephen, *Homeopathy: The Ultimate Fake*, em: <http://www.quackwatch.com/01QuackeryRelatedTopics/homeo.html>
- Barrow, John D., *Teorias de Tudo – A busca de Explicação Final* (Zahar Editores).
- Baur, Dr., *Swiss Journal of Homeopathy*, número 2/1961.
- Beard, J., "New Age Movement: New Age or New Occult?", em: <http://www.rapidnet.com/~jbeard/bdm/Cults/newage.htm>.
- Bell, J. S. *Physics* 1, 1964, p. 195.
- Bendz, Fredrik. *Antroposophy*, em : <http://www.update.uu.se/~fbendz/pseudo/index.html>
- Bengali, Neville S., *Magnet-Therapy*. Citado em IndianGyan, *Magnetotherapy and Homoeopathy*, em: <http://www.indiangyan.com>
- Bengston, R., Warfield, C., "Physical Therapy for Pain Relief", *Hospital Practices*, agosto de 1984, p. 842.
- Bohm, David, "A Suggested Interpretation of Quantum Theory in Terms of 'Hidden Variables' I and II", *Physical Review* 85, 1952.



- Bollet, Alfred Jay, “*Natural Remedies*”, *Medical Care, and Politics*, em: <http://www.sma.org/smj/97aprtoc.htm>
- Bopp, H. J., *Homeopathy Examined* (Carryduff, Belfast: Great Joy Publications, 1985), 2ª edição.
- Bradford, Thomas. *Life and Letters of Samuel Hahnemann* (New Delhi, Índia: B. Jain Publishers Pvt. Ltd., 1921).
- Brenann, J. H., *Magick for Beginners: the Power to Change Your World* (St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 2000).
- Brennan, B., *Hands of Light* (New York: Bantam Books, 1987).
- Brown, David L., “*The Tangled Web of (Alternative) Healthcare Exotica*”, em: <http://www.logosresourcepages.com>.
- Brown, David L., *New Age Medicine*, em: [www.logosresourcepages.org](http://www.logosresourcepages.org)
- Brown, P. S., “The vicissitudes of herbalism in late nineteenth-and early twentieth-century Britain”, *Med Hist.*, 1995, 29.
- Bunnell, Toni, *A Tentative Mechanism for Healing*, em: <http://www.webserve.co.uk/bunnell/healing.html>
- Butler, Kurt, *A Consumer's Guide to Alternative Medicine: A Close Look at Homeopathy, Acupuncture, Faith-Healing, and Other Unconventional Treatments* (Buffalo, NY: Prometheus Books, 1992).
- Cabot, Laurie, e Cowan, Tom, *Power of the Witch: the Earth, the Moon, and the Magical Path to Enlightenment* (New York: Delta Book, publicado por Bantam Doubleday, 1990).
- Calvin College Ethereal Library. *Mysticism and Vitalism*, em: <http://www.ccel.org/u/underhill/mysticism/mysticism1.0-MYSTICIS-2.html>
- Campbell, Anthony, *Anton Mesmer and Samuel Hahnemann*, em: <http://www.cix.co.uk/~acampbell/essays/altmed/mesmer.html>
- Campbell, Anthony, *Peer Gynt's Onion*, em: [acampbell@achc.demon.co.uk](mailto:acampbell@achc.demon.co.uk)
- Campbell, Anthony, Review: *The Magical Staff: The Vitalist Tradition in Western Medicine*, *British Homoeopathic Journal*, Volume 83, número 2, Abril de 1994.
- Campbell, B. F., *Ancient Wisdom Revived: A History of the Theosophical Movement* (Berkeley, CA: Univ. of California Press, 1980).
- Capra, Fritjof, *The Tao of Physics* (Boulder, Colorado: Shambhala Publishing, 1975). Encontra-se traduzido para o português.
- Catholic Encyclopedia, *Hypnotism*, em: <http://www.newadvent.org/cathen>
- Chacot, Paul-Clément, *Iniciação à Arte de Curar Pelo Magnetismo Humano* (São Paulo: Editora Pensamento, 1995), 1ª edição.
- Chancellor, Philip M., *Manual Ilustrado dos Remédios do Dr. Bach* (São Paulo: Editora Pensamento, 1992).

- Chopra, Deepak, *Ageless Body, Timeless Mind: The Quantum Alternative to Growing Old* (New York: Three Rivers Press, 1993).
- Chopra, Deepak, *Perfect Health: The Complete Mind/Body Guide* (New York: Harmony Books, divisão de Crown Publishers, Inc., 1991).
- Chopra, Deepak. *Quantum Healing: Exploring the Frontiers of Mind/Body Medicine* (New York: Bantam Books, 1990).
- Chopra, Deepak. *Return of the Rishi* (Boston: Houghton Mifflin Company, 1988).
- Chopra, Deepak. *Unconditional Life: Discovering the Power to Fulfill Your Dreams* (New York: Bantam Books, 1991).
- Clarke, John H., HAHNEMANN AND PARACELUSUS, em: <http://www.homeoint.org/morrell/clarke/index.htm>
- Coker, Robina. *HOMOEOPATHY: A Christian Medical Perspective*, em: <http://www.cmf.org.uk>
- Coller, Frederick A., Sinnott, Richard A., Washtenaw County Medical Society, em: <http://www.msms.org/wcms/history.html>
- Collins, A. J., *What Is Eclectism*, em: [www.planetherbs.com-articles-eclectics.html](http://www.planetherbs.com-articles-eclectics.html)
- *Concept of Healing*, Chapter 1, em: [http://www.healthinfoiowa.org/general\\_resources/](http://www.healthinfoiowa.org/general_resources/)
- Cooper, Phillip. *Basic Magick: A Practical Guide* (York Beach, ME: Samuel Weiser, 1996).
- *Creation*, *Seventh-day Adventist Encyclopedia*, edição de Don Neufeld; edição revista (Washington, D. C.: Review and Herald, 1976).
- Cummings, J. H., “Dietary Factors in the Aetiology of Gastrointestinal Cancer”, *J. Hum. Nut.* 32:455-465, 1978.
- Dale, John, entrevista publicada em *Personality Magazine*, 12/06/1989.
- Damian, Peter, *A Astrologia e os Remédios Florais do Dr. Bach* (São Paulo: Editora Pensamento, 1995).
- Daoud, A. S., Lee, K. T., “Regression of Advanced Atherosclerosis in Swine”, *Arch Pathol Lab Med* 100.
- De Angeles, Ly. *Rituals, Spellcasting, and Sorcery: Witchcraft Theory and Practice* (St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 2000).
- Deepak, M. R., *Dr. James Tyler Kent*, em: <http://www.onlinehomeo.com>
- Depositários dos Escritos de Ellen G. White, *A Ciência Médica e o Espírito de Profecia* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1995), 5ª. edição.
- DeSmedt, Evelyn, et. al., *Life Arts: A practical Guide To Total Being: New Age Medicine and Ancient Wisdom* (New York, NY.: St. Martins Press, 1977).
- Dessauer, F., Jahre, Z., “*Forschung auf dem Physikalisch Medizinischen Grenzgebiet*” (Georg Theime Leipez, 1931).
- *Diabetes Dateline* 6:1 (Setembro/Outubro de 1985).

- Dicionário Aurélio Século XXI, edição eletrônica.
- *Diet, Nutrition, and Cancer* (Washington, D. C.: National Academy Press, 1982).
- Dodes, Rachel. “Alternative Medicine from Ethnobiological Viewpoint”. *Health Priorities*, volume 11, número 3, 1999. Também pode ser obtido em: <http://www.acsh.org/index.html>.
- Doshin, *The Essentials of Zen Buddhism*.
- Doughoff, *Romanian Homeopathy*, em: [http://doughoff.com/homeopathy/02\\_history/countries/romania.htm](http://doughoff.com/homeopathy/02_history/countries/romania.htm)
- Eberhard, P. H., e Ross, R. R., *Foundations of Physics Letters* 2: 127, 1989.
- Ecklund, Doug, “Herbalism: Medicine or Mysticism”: <http://www.logosresourcepages.com>.
- Ecklund, Doug, *Deepak Chopra: Ancient Wisdom and Quantum Magic*, em: [http://www.logosresourcepages.org/deepak\\_chopra.htm](http://www.logosresourcepages.org/deepak_chopra.htm)
- Eddy, W. H., “The Effect of Negative Ionization on Transplanted Tumors”, *Cancer Research*, 11:245, 1951.
- Editorial: Prophecy & Signs, *World Watch*, 12 de dezembro de 2001.
- Ellinger, F., “The Influence of Ultraviolet Rays on the Body Weight”, *Radiology*, 32:157, 1939.
- *Encyclopedia of Occultism and Parapsychology*.
- Ephraim, Degel Mahaneh, *The Spiritual World of a Master of Awe: Divine Vitality, Theosis, and Healing*, em: <http://members.bellatlantic.net/~pauldana/DEGEL-4.PDF>
- Erhart, Werner, “*The Graduate Review*”, Novembro de 1976.
- Ernst, E., “Homeopathy revisited”. *Arch Intern Med* 1996; 156.
- Everett III, Hugh. *Rev. Mod. Phys.* 29, 1957, p. 454.
- *Famous Freemasons* em: <http://reimari.saunalahti.fi/~leifholm/index.html>
- Fellowship of Evangelical Students. *The New Age Movement*, em: <http://web.signet.com.sg/~sinfes/SConsult.htm>
- Ferrandiz, V. L., *Iridodiagnosis* (Editora Cedel, 1970).
- Fetcho, David, “In the Face of the Tempest, Jonah Sleeps”, *SPC JOURNAL* (Agosto de 1978).
- Filliozat, J., *The Classical Doctrine of Indian Medicine* (New Delhi: Manoharlal, 1964).
- Fish, Sharon. “*Therapeutic Touch*”: <http://watchman.org/>.
- Fishbein, Morris. *The Rise and Fall of Homeopathy* em: <http://www.homeowatch.org/index.html>
- Francis, Eric. *Astrology as Homeopathy - The Holistic Art of People and the Planets*, em: <http://www.planetwaves.nethomeopathy.html>
- Fraternidade Rosacruz, *A Mais Nova Higiene de Viver* (São Paulo: Fraternidade Rosacruz).
- Fuller, R. C., *Alternative Medicine and American Religious Life* (New York: Oxford Univ. Press, 1989).

- Fye, W. B. “Nitroglycerin: a homeopathic remedy”. *Circulation*, 1986, 73.
- Garrison, Fielding H., *An Introduction to the History of Medicine* (Philadelphia: W. B. Saunders Co.).
- Gibier, P., *Espiritismo: O Faquirismo Ocidental*, 1886.
- Glik, D. C., “Symbolic, ritual and social dynamics of spiritual healing”, *Soc Sci Med.*, 1988; 27:1197-1206.
- Goldstein, M. S., Sutherland, C., Jaffe, D. T. e Wilson, J., “Holistic physicians and family practitioners: similarities, differences and implications for health policy”, *Soc Sci Med.* 1988, 26.
- Gomes, Silas de Araújo, *Medicina Alternativa - A Armadilha Dourada* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1998).
- Gordon, Richard, *A Assustadora História da Medicina* (Rio de Janeiro: Ediouro S. A., 1996), 6ª edição.
- Gorriti, A. R., Medina, A., “The Application of Ion Therapy in Hypertension Released”, *The National Ministry of Public Health*, Buenos Aires, 12 de Abril de 1954.
- Goswami, Amit, *The Self-Aware Universe: How Consciousness Creates the Material World* (New York: G. P. Putnam's Sons, 1993).
- Grad, Bernard, “Healing by the Laying on of Hands: A Review of Experiments,” in *Ways of Health: Holistic Approaches in Ancient and Contemporary Medicine*, ed. David S. Sobel (New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1979).
- Greer, John Michael, *Natural Magic* (St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 2000).
- Grellmann, Hélio L., *A Dimensão Metafísica da Iridologia*, Revista Teológica do SALT-IAENE, Vol. 1, Número 2, Julho-Dezembro de 1997.
- Grellmann, Hélio L., *Emoções e Coração*, em: <http://www.ueb.org.br/ja5.htm>
- Grellmann, Hélio L., *Métodos alternativos de diagnóstico e cura*, Revista Adventista, janeiro de 1999.
- Grellmann, Hélio L., *Natural e “Natural”*, Revista Adventista, junho de 1998.
- Grellmann, Hélio L., *O Desafio da Saúde Emocional*, em: <http://www.ueb.org.br/ja3.htm>
- Grellmann, Hélio L., *O Estresse Nosso de Cada Dia*, em: <http://www.ueb.org.br/ja4.htm>
- Grellmann, Hélio L., *Os Remédios Naturais de Deus*, Revista Adventista, fevereiro de 1996.
- Grimassi, Raven, *Encyclopedia of Wicca and Witchcraft* (St. Paul, MN: Llewellyn Publications, 2000).
- Grossinger, Richard, *Planet Medicine: From Stone Age Shamanism to Post-Industrial Healing* (Doubleday: Anchor Press, 1980).
- Gumpert, Martin, *Hahnemann: The Adventurous Career of a Medical Rebel* (New York, NY: L. B. Fisher, 1945).
- Gumprecht, Jane D., *Holistic Health: A Medical and Biblical Critique of New Age Deception* (Moscow, ID: Random Press, 1986).

- Hacket, Willis. *Moulding the Christian Mind*.
- Haehl, Richard, Chapter XX, em: <http://www.homeopathyfaq.com/content/haehl/haehl,20.htm>
- Haehl, Richard, *Samuel Hahnemann - His Life and Works* (Nova Delhi, Índia: B. Jain Publishers Pvt. Ltd., 1922), 3 volumes.
- Hahnemann, Samuel, carta ao secretário da cidade de Koethen, no ano de 1828. Apresentado por Bopp, H. J., obra citada.
- Hahnemann, Samuel, *Matéria Medica Pura*, capítulo *Magnes*, em: <http://www.minutus.com/Magn.htm>
- Hahnemann, Samuel, *Organon der Heilkunst* (Heildeberg: Karl F. Haug Verlag, 1996), 6ª edição.
- Hahnemann, Samuel, *Organon of Medicine* (New Delhi: B Jain, 1980), 6a. Edição.
- Hahnemann, Samuel, *The Chronic Diseases, Their Particular Nature and Their Homeopathic Cure -- Theoretical Part*, Louis H. Tafel – Translator (New Delhi, Índia: Jain Publishing Company, 1976).
- Haigh, E., “The roots of the vitalism of Xavier Bichat”, *Bull Hist Med.*, 1975, 49:72-86.
- Haller, J. S., “Aconite: a case study in doctrinal conflict and the meaning of scientific medicine”. *Bull NY Acad Med*, 1984.
- Handley, Rima, *ELECTROTHERAPY AND MAGNETISM*, em: <http://www.minimum.com/p7/engine/book.asp?n=893>
- Harrepa, Daro, *Nazi Tibetan Death Cult*, em: [www.skyeklad.com/wwwboard/messages/586.htm](http://www.skyeklad.com/wwwboard/messages/586.htm)
- Heij, Anja, S. *Hahnemann's Discoveries*, em: <http://www.aeonglobe.com/homeopathy/article>
- Heindel, Augusta F., *O Nascimento da Fraternidade Rosacruz* (São Paulo: Fraternidade Rosacruz, sede central do Brasil).
- Heindel, Max, *Princípios Ocultos de Saúde e Cura* (São Paulo, SP: Fraternidade Rosacruz, 1975).
- Hester, Ben, *Dowsing: An Expose of Hidden Occult Forces* (Yucaipa, CA: U. S. Business Specialties, 1982).
- Hill, Ann, *A Visual Encyclopedia of Unconventional Medicine* (New York: Crown Publishers, Inc., 1979).
- Hochstetter, Q. F. Kurt, *Homeopatía y Otras Terapêuticas Paralelas* (Santiago, Chile: Editorial Hochstetter Ltda., 1980), 3ª edição.
- Holmes, Oliver Wendell, *Homeopathy and Its Kindred Delusions*, em: <http://www.quackwatch.com/01QuackeryRelatedTopics/holmes.html>
- *Homeopathy*, em: <http://www.accessnewage.com>
- Homewood, *The Neurodynamics of the Vertebral Subluxation* (Chiropractic Publishers, 1973).
- Howard, Judith, *Os Remédios Florais do Dr. Bach Passo a Passo* (São Paulo: Editora Pensamento, 1992).
- <http://members.home.com/thelema/intro.html>
- <http://serendip.brynmawr.edu/Mind/Cat.html#21>

- <http://www.astrologycom.com/astrology.html>
- <http://www.fst.org>.
- <http://www.heall.com>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments1.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments10.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments11.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments12.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments13.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments2.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments3.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments4.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments5.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments6.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments7.html>.
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments8.html>
- <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/treatments9.html>
- [http://www.healthinfoiowa.org/general\\_resources](http://www.healthinfoiowa.org/general_resources)
- <http://www.ipsgeneva.com/>
- Huxtable, R. J., "The myth of beneficent nature: the risks of herbal preparation" [Editorial]. *Ann Intern Med.*, 1992; 117.
- IndianGyan, *Magnetotherapy and Homoeopathy*, em: <http://www.indiangyan.com>
- *Iridology*, em: <http://www.triad.fsnet.co.uk>
- Jarvis, William T., *Allopathy*, em: <http://www.alternativemedicinedebates.com/article1011.html>.
- Jarvis, William T., *Homeopathy: A Position Statement By The National Council Against Health Fraud*, em: [www.logosresourcepage.org](http://www.logosresourcepage.org).
- Johnson, Philip, *Energy Healing: A Christian Theological Appraisal*, em: <http://members.ozemail.com.au/~ptcsyd/JohnsonPage/johnsonwp.html>
- Jürgensen, T., *Die wissenschaftliche Heilkunde und ihre Widersacher*. Volkmanns Sammlung Klinischer Vorträge, 1876; 106.
- Kafatos, Menas e Nadeau, Robert, *The Conscious Universe: Part and Whole in Modern Physical Theory* (New York: Springer-Verlag, 1990).
- Kaplan, Fred, *Dickens and Mesmerism. The Hidden Springs of Fiction* (Princeton: Princeton University Press, 1975).

- Kaptchuk, T. J., *Historical context of the concept of vitalism in complementary and alternative medicine*. In: Micozzi, M. S., editor, *Fundamentals of Complementary and Alternative Medicine* (New York: Churchill Livingstone, 1996).
- Kaptchuk, Ted J., e Eisenberg, David. "The Persuasive Appeal of Alternative Medicine". *Annals of Internal Medicine*, 15 de dezembro de 1998, 129.
- Kazlev, M. Alen, *The Subtle Body*, em: [www.kheper.auz.com/topics/subtlebody/subtle\\_bodies.htm](http://www.kheper.auz.com/topics/subtlebody/subtle_bodies.htm)
- Kent, James Tyler, *Filosofia Homeopática* (Buenos Aires: Editorial Albatrós, 1993).
- Kent, James Tyler, *Lectures on Homeopathic Philosophy* (Richmond, CA: North Atlantic Books, 1979).
- Kent, James Tyler, *New Remedies, Lesser Writings and Aphorisms & Precepts* (Chicago, 1926).
- Kepler College, *Astrology in the Modern World*, em: [http://www.kepler.edu/secure/IS103\\_2001/syllabus\\_general.htm](http://www.kepler.edu/secure/IS103_2001/syllabus_general.htm)
- Khul, Djwhal, *Intermediate Studies of the Human Aura* (Los Angeles: Summit University Press, 1980).
- Kline, Monte, "New Age Paranoia," *Christian Health Counselor*, Março/Abril de 1988.
- Kneipp, Sebastião, *A Minha Cura D'Água* (Porto Alegre: Livraria Selbach, 1979), 4ª. edição.
- Knight, Gareth, *The Master of Medicine*, em: <http://www.innerlight.org.uk/Journal6.html>
- Koch, Kurt, *The Devil's Alphabet*.
- Komblueh, I. H., Griffin, J. E., "Artificial Air Ionization in Physical Medicine", *AM. J. PHY MED*, 34.
- Kreger, A. P., Smith, R. F., *Journal of General Physiology*, 43: 533, 1960.
- Krum-Heller, *Ein Leben Für die Rose*, em: [www.mysunrise.ch/users/prkoenig/books/rose.htm](http://www.mysunrise.ch/users/prkoenig/books/rose.htm)
- Kunzli, J., *Swiss Homeopathic Journal*, número 4, 1960.
- Leahey, Thomas H., e Grace E. Leahey, *Psychology's Occult Doubles. Psychology and the Problem of Pseudo-Science*. (Chicago: Nelson-Hall, 1983), p. 94.
- Leftwich, Robert, *Dowsing: the Ancient Art of Rhabdomancy* (New York: Samuel Weiser, Inc., 1976).
- Let Us Reason Ministries. *The Universal Energies of the New Age Movement*, em: <http://www.letusreason.org/NAM5.htm>.
- Lira, Eliseu C., *O Governo da Nova Era* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 2ª. edição.
- Little, David, *Homoeopathic Pharmaceutical Standards*, em: <http://www.simillium.com/TheLittleLibrary.html>
- Little, David, *Kent's Life and Works*, em: [www.simillium.com/TheLittleLibrary/Greathomeopaths/kent.html](http://www.simillium.com/TheLittleLibrary/Greathomeopaths/kent.html)
- Little, David, *The Homeopath as a Healing Artist*, em: <http://www.simillium.com/TheLittleLibrary.html>



- Ludington, Aileen, e Diehl, Hans, *Dynamic Living: How to Take Charge of Your Health* (Hagerstown: Review and Herald Publishing Association, 1985), 2ª edição.
- Luhrmann, T. M., *Persuasions of the Witch's Craft: Ritual Magic in Contemporary England* (Cambridge, MA: Harvard Univ. Press, 1989).
- Lynch, James J., *The Broken Heart* (New York: Basic Books Publishers, Inc., 1979).
- Mainfort, Donald, *The Roots of Qi*, em: <http://www.csicop.org/sb/2000-03/qi.html>.
- Marcia, Bryan K., *Neuro-Optic Reflex Study: Iridology Analysis*, em: <http://cnri.edu/index.htm>
- Martin, J., “Of Mind and Morbidity: Can Stress and Grief Depress Immunity?“, *Journal of the American Medical Association*, 248, 1982.
- *Massoni e Medicina*, em: <http://www.esonet.org/dizionario/m03.htm>
- Matsuo, Kazuyuki, *The Birth of the Christian Science Movement and Its Social Background*, em: <http://infowww.cc.sophia.ac.jp/amecana/Journal/1-5.htm>
- Maxwell, Jessica, *The Eye-Body Connection* (New York: Warner Books, 1980). Citada em “What Your Eyes Tell About Your Health”, *Esquire*, janeiro de 1978.
- McDougall, John A., *A Challenging Second Opinion* (Clinton, NJ: New Win Publishing, Inc., 1985).
- McDougall, John A., *The McDougall Program for a Healthy Heart* (New York, NY: Dutton Signet, 1990).
- McGoldrick, Jane, *Invisible Force*, em: <http://www.commonboundary.org/Eback#>
- Miller, Elliot, *A Crash Course on the New Age Movement* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1989).
- Miller, Elliot, *The Christian, Energetic Medicine*, “New Age Paranoia”, em: <http://www.equipo.org/free/DN068.htm>
- Mizrach, Steve. *Alternative Medicine and the Appropriation of Scientific Discourse*, em: <http://www.fiu.edu/~mizrachs/academentia.html>
- Moggio, M., Goldner, L. e McCullian, D., “Wound Infections in Patients Undergoing Total Hip Arthroplasty”, *ARCH SURG*, 114:815-823, 1979.
- Morrell, Peter, *Hahnemann & Homeopathy - from Romanticism to Post-Modernism*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/articles>
- Morrell, Peter, *Hahnemann and Paracelsus by Dr. John Henry Clarke – a Preface*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/clarke/index.htm>
- Morrell, Peter, *Similarities between Hahnemann's ideas and those of Tibetan Medicine?* Em: <http://www.homeoint.org/morrell/articles/index.htm>
- Morrell, Peter, *The Historical Basis for Integrated Medicine*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/articles/index.htm>
- Morrell, Peter, *The Secretive Hahnemann and the Esoteric Roots of Homeopathy*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/articles/esoteric.htm>



- Morrell, Peter, *The Swedenborgian Influence*, em: <http://www.homeoint.org/morrell/british/kentianism.htm>
- Morrell, Peter, *Vaccines – cause celebre or bete noir?* Em: <http://www.bmj.com/cgi/eletters/320/7229/240#EL1>
- Moss, Thelma, *The Probability of the Impossible: Scientific Discoveries and Explorations of the Psychic World* (New York: New American Library, 1974).
- Nair, P. P., “Diet, Nutrition Intake, and Metabolism in Populations at High and Low Risk for Colon Cancer”, *Amer. J. Clin. Nut.*, 40, 1984.
- Nairne, Alan, *Has Homeopathy an Occult Element?* Em: <http://www.apocalipsis.org/homeopathy.htm>
- Neagu, Michael, *Geschichte der Homöopathie in Rumänien* [História da Homeopatia na Romênia], Stuttgart Conference on the History of Homeopathy, Abril de 1995.
- Neuburger, M., *The Doctrine of the Healing Power of Nature throughout the Course of Time* (New York: New York Homeopathic College, 1933).
- *New Age*, em: [http://religion-cults.com/secret/New-Age/New\\_Age.htm](http://religion-cults.com/secret/New-Age/New_Age.htm)
- NewAge On-line Australia, *The Story of Spiritualism*, em: <http://www.newage.com.au/library/spiritualism.html>
- Nicholls, P. A., *Homeopathy and the Medical Profession* (London, England: Croom Helm, 1988).
- *NISTO CREMOS – 27 Ensinos Bíblicos dos Adventistas do Sétimo Dia* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, sexta edição, 2000).
- Nogueira, Hélio J., *Viva Mais Leve – e de bem com o seu corpo* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1994), 3ª. edição.
- Omnès, Roland J, *The Interpretation of Quantum Mechanics* (Princeton: Princeton University Press, 1994).
- Oppenheim, J., *The Other World: Spiritualism and Psychical Research in England, 1850-1914* (New York: Cambridge Univ. Press, 1985).
- *Origin of Acupuncture*, em: <http://www.dowhealth.com/accu%20final%20page.htm>.
- Orioli, Susana, *Christian Federico Samuel Hahnemann – Vida y Obra*, em: [http://comunidad.ciudad.com.ar/argentina/capital\\_federal/draorioli/linkspag1/Hahnemann.htm](http://comunidad.ciudad.com.ar/argentina/capital_federal/draorioli/linkspag1/Hahnemann.htm)
- Ornish, Dean, *Stress, Diet, and Your Hearth* (New York: Dutton Signet, 1984).
- Orr, James, *God’s Image in Man* (Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1948).
- Ozarko, Gary, *Iridology Introduction*, em: <http://www.ion.com.au/~iridology/>
- Paine, Thomas, “*Origin of Freemasonry*”. Reproduzido em: <http://www.infidels.org>.
- Palmer, D. D., *Chiropractic* (Portland, OR: Portland Printing House, 1910).
- Park, Robert L., *Alternative Medicine and the Laws of Physics*, *Skeptical Inquirer Magazine*, setembro/outubro de 1997.

- Park, Robert, *Voodoo Science: The Road from Foolishness to Fraud* (New York: Oxford University Press, 2000).
- Peck, W. A., “Osteoporosis”, *Journal of the American Medical Association*, 1984, 252:799-802.
- Pels, Peter. *Spirits of Modernity*, em: <http://www.pscw.uva.nl/gm/articles/pp2000.htm>
- *Personality Magazine*, 12/6/1989. O texto pode ser encontrado em: <http://www.watchman.org>
- Peters, Warren, carta apresentada a ele pela pessoa com quem ocorreu a história relatada no texto.
- Peters, Warren, *Mystical Medicine* (Rapidan, VA: Hartland Publications), 1ª edição.
- Pfeifer, Samuel, *Healing at Any Price? The Hidden Dangers of Alternative Medicine* (Milton Keynes, England: Word Publishing, 1988).
- *Policy Statement on New Age Healing*, da Christian Chiropractors Association (CCA, 3200 S. Lemay Av., Fort Collins, CO 80525-3605).
- Príncipe Charles, “Science and Homoeopathy must work in harmony”, *The London Daily Telegraph*, outubro de 1997.
- Ramey, David W, *Homeopathy*. Priorities for Health, vol. 12, número 1, 2000, ACSH.
- Ramey, David W.; Wagner, Mahlon; Imrie, Robert H.; Stenger, Victor: *Homeopathy and Science: A Closer Look*, em: <http://www.phys.hawaii.edu/vjs/www/med/homeop.html>
- Randi, James. *A Challenge*, em: <http://www.mindspring.com/~anson/randi-hotline/1994/subject.html#22>
- Ransom, Steven, e Raso, Jack, *Homeopathy and Its Founder, Part II*, em <http://www.drkoop.com/news/focus/october/homeopathy2.html>.
- Ransom, Steven, e Raso, Jack, *Homeopathy and Its Founder, Part III*, em: <http://www.drkoop.com/news/focus/october/homeopathy3.html>
- Ransom, Steven, e Raso, Jack. *Homeopathy and Its Founder, Part I*: <http://www.drkoop.com/news/focus/october/homeopathy1.html>
- Ransom, Steven, *Homeopathy – What Are we Swallowing?* (Uckfield: Credence Publications, 1999).
- Raso, Jack, *Is There a Cure for Alternative Medicine?* Health Priorities, Vol. 9, Número 2, 1997.
- Rauschkolb, E. W., Farrell, G., Knox, J. M., “Effects of Ultraviolet Light on Skin Cholesterol”, *Journal of Invest. Derm.*, 49, 1967.
- Ravenwing, Josie, *The Return of Spirit: A Woman's Call to Spiritual Action* (Deerfield Beach, FL: Health Communications, 1996).
- Reisser, Paul C.; Reisser, Terri K.; Weldon, John, *New Age Medicine* (Chattanooga, TN: Global Publishers, 1988).
- *Revue Spirite - Journal d'Etudes Psychologiques*, outubro de 1858.
- Rick, *Astrology*, em: <http://www.spiritual-paths.com/Astrology.html>

- Robert, Herbert, *Art of Cure by Homeopathy: A Modern Textbook*, reimpressão (New Delhi, Índia: B. Jain Publishers, 1976).
- Robinson, B. A., *New Age Spirituality*, em: <http://www.religioustolerance.org/>
- Robinson, John A. T., *Honest to God* (Philadelphia: The Westminster Press, 1963).
- Robinson, John J., *The Pilgrim's Path*, em: <http://www.msu.edu/user/zayzafo1.index.htm>
- Robinson, Victor. *The Story of Medicine* (New York: Tudor Publishing Co.).
- Roger, Jorge Pamplona. *Enciclopedia de las Plantas Medicinales* (Madrid: Editorial Safeliz; Buenos Aires: Asociación Casa Editora Sudamericana, 1996), Vols. I e II, 1ª. edição.
- Rogge, Michael, *The Roots of New Age*, em: <http://www.xs4all.nl/~wichm/index.html>
- Rosenthal, Elisabeth, "Hands-On Back Therapy Is Winning Respectability", New York Times, 3 de julho de 1991, seção A.
- Sanchez, Mr., Hangin with the Alchemists, em: <http://home.pacbell.net/juands/thepage.html>
- Sarton. *A History of Science* (W. W. Norton & Co., 1952), Volume I.
- Schiller, "Studies in Humanism". Citado em Calvin College Ethereal Library.
- Schneider, Ernst, *Cura e Saúde Pelos Alimentos* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira), várias edições.
- Schneider, Ernst. *La Salud Por La Naturaleza* (Madrid: Editorial Safeliz, 1989), Vols. I e II, 10ª. edição.
- Schnoebelen, William J, *SOMEWHERE UNDER THE RAINBOW*, em: <http://www.saintsalive.com/general/unrainbow.htm>
- Seafriends, *Belief systems of the world*, em: <http://www.seafriends.org.nz/issues/probl/beliefs.htm>
- Sequeira, Jack, *Laodicéia – o urgente conselho de Cristo à Igreja* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 1ª. Edição.
- Sérór, Robert, *PHOTOTHÈQUE PERSONNELLE*, em: <http://www.homeoint.org/photo/index.htm>
- *Seventh-day Adventist Bible Commentary*, Francis D. Nichol, editor, edição revista (Washington, D.C.: Review and Herald, 1980), vol.7.
- Sharamon, Shalila e Baginski, Bodo J., *CHAKRAS – Mandalas de Vitalidade e Poder* (São Paulo: Editora Pensamento, 1997), 1ª. edição.
- Short, M. A., Pavlou, K., "Effects of Physical Conditioning on Self-concept Adult Obese Males", *Physical Therapy* 64.
- Silva, Eliane Moura, *Espiritualismo nos séc. XIX e XX: Reflexões teóricas e históricas sobre o Espiritualismo entre 1850-1930*, em: <http://www.unicamp.br/~elmoura/O>
- Simon, Allie, et al., "An Evaluation of Iridology", *Journal of the American Medical Association*, número 242, 1979.
- Smith, R. J., "Physician-supervised Exercise Programs in Rehabilitation of Patients with Coronary Heart Disease", *JAMA* 245, 1981.

- Source Foundation, em: <http://w3.one.net/~source>
- *Spiritualistic Manual*, nona revisão. Citado por Anderson, Roy Allan, obra citada.
- Squires, Euan, *Conscious Mind in the Physical World* (New York: Adam Hilger, 1990).
- Stakis, John, *Why the Pendulum Works*, em: <http://interweb.users.netlink.co.uk/pendulum.htm>
- Stapp, Henry P., *Mind, Matter, and Quantum Mechanics* (New York: Springer Verlag, 1993).
- Stapp, Henry P., *Phys. Rev. A* 50, 1994.
- Stenger, Victor J., *Quantum Metaphysics*, em: <http://spot.colorado.edu/~vstenger/Quantum/qmeta.html>
- Stenger, Victor J., *Physics and Psychics: The Search for a World Beyond the Senses* (Buffalo, NY: Prometheus, 1990).
- Stenger, Victor J., *Quantum Quackery*. [\*Skeptical Inquirer\*](#), Janeiro/Fevereiro de 1997.
- Stenger, Victor J., *The Physics of Complementary and Alternative Medicine*, em: <http://spot.colorado.edu/~vstenger/Medicine/PhysCAM.pdf>
- Stiegler, Elfriede, *Zur Arbeit der Sektion 'Medizin & Astrologie' des Deutschen Astrologen-Verbandes*, em: [www.astrolog.de/medizin.htm](http://www.astrolog.de/medizin.htm)
- Stout, C. e Bloom, L., "Type A Behavior and Upper Respiratory Infections", *Journal of Human Stress* (Junho de 1982).
- Sucur, Slobodan, *Theory, Period Styles, and Comparative Literature as Discipline*, em: <http://clwebjournal.lb.purdue.edu/index.html>
- Swedenborg, Emanuel, *Arcana Celeste* (São Paulo: Ícone Editora, 1989).
- Symposium: Acupuncture Anesthesia, *Anesthesiology Review*, Junho de 1974.
- Takatohi, Urias Echterhoff, *Mecânica Quântica*. Texto enviado ao autor deste livro.
- Tanigawa, Rui. Revista VEJA, edição de 12 de novembro de 1997.
- Tartter, P. I., Aufses, A. H., "Cholesterol and Obesity as Prognostic Factors in Breast Cancer", *Cancer* 47, 1981.
- Taylor, John. *Science and the Supernatural* (New York: E. P. Dutton, 1950), Citado em: *Encyclopedia of Occultism and Parapsychology* (New York: E. P. Dutton, 1950), 2ª edição, "Psychical Research".
- Teixeira, Paulo de Castro, *Do Herbalismo Tribal aos Remédios Florais do Dr. Bach* (São José do Rio Preto: Verso Editora, 1994).
- Teixeira, Paulo de Castro, *Homeopatia Versus Alopatria ou Vitalismo Versus Materialismo* (São José do Rio Preto: Verso Editora, 1985), 1ª edição.
- The Ankerberg Theological Research Institute. *Why Shouldn't Christians Use Such New Age Holistic Health Treatments as Homeopathy and Therapeutic Touch?* Em: <http://www.ankerberg.com>
- The Healer's Resource, em: <http://www.metamind.net/>

- *The Teachings and Phenomena of Spiritualism*, citado por Anderson, Roy Allan, *Segredos do Mundo dos Espíritos* (Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1992), 3ª. Edição.
- *The University for Planetary Synthesis*, em: <http://www.ipsgeneva.com>
- Theosophic Correspondence, Appendix, em: <local:d:/Pasadena/stmartin/stm-hp.htm#contents>
- Thomas, William E. *The Basis of Homeopathy*, em: [www.angelfire.com/va/quinine/allergy.html](http://www.angelfire.com/va/quinine/allergy.html)
- Thomas, William E., *Homeopathy Dissected*, em: [www.angelfire.com/va/quinine/dissect.html](http://www.angelfire.com/va/quinine/dissect.html)
- Thomas, William E., *Is Homeopathy a Cult?* Em: <http://www.angelfire.com/va/quinine/cult.html>
- Thomas, William E., *Toxicity*, em: <http://www.angelfire.com/va/quinine/toxicity.html>
- Thrash, A. e Thrash, C., *Home Remedies* (Seale, Alabama: Uchee Pines Institute, 1981).
- Tillich, Paul, *The Shaking of the Foundation* (Edição Pelican, 1962).
- Tirikatene-Sullivan, *Exposing the New Age Seminar*, em: <http://www.doveministries.com/pamphlets/NEWAGPAM.html>
- Trevilato, Gerson. *Guia Prático de Primeiros Socorros* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2001), 1ª. edição.
- Triance, Edward, *Osteopatia* (Lisboa: Editorial Estampa, 1996), 1ª. edição.
- Twentyman, *Royal Society of Health Journal*, 102(S), 1982.
- Twigg J., “Food for thought: purity and vegetarianism”. *Religion*, 1979, 9.
- Ullman, Dana, *A Summary and review of DIVIDED LEGACY – a History of the Schism in Medical Thought*, em: <http://www.healthweb.com/index.html>
- Unger, H., no *Swiss Journal of Homeopathy*, número 1, 1962.
- Unschuld, P. U., *Medicine in China: A History of Ideas* (Berkeley, CA: Univ. of California Press, 1985).
- Van Dooren, L. e Orlebeke, K. F., “Stress, Personality and Serum Cholesterol Level”, *Journal of Human Stress* (dezembro de 1982).
- Vithoulkas, George, *Homeopathy: Medicine of the New Man* (New York: Avon Books, 1971).
- Vovin, Frater Abai, *The Tables of Amen*, em: <http://nuet.mysticalzone.net/~thelema/amen.html>
- Wagner, Mahlon W., *Is Homeopathy ‘New Science’ or ‘New Age’?*, em: [www.hcrc.org/contrib/wagner/homeo.html](http://www.hcrc.org/contrib/wagner/homeo.html)
- Waldow, V. R., Lopes, M. J. M. e Meyer, D. E., *Maneiras de Cuidar, Maneiras de Ensinar* (Porto Alegre: Editora Artes Médicas do Sul, Ltda., 1995).
- Walker, Scott, *What Heals?* Em: [http://www.netmindbody.com/what\\_heals.html](http://www.netmindbody.com/what_heals.html)
- Walter, Suzan, *What does Holistic Mean?* Em: <http://www.heall.com/body/altmed/definitions/holistic.html>
- Warren-Davis, Dylan, *Astrology and Health: Vitalism and Humours*, em: <http://www.astrology.com/astrology.html>.

- Weil, Andrew, em: <http://www.drweilselfhealing.com>
- Weiner, Michael, *O Livro Completo de Homeopatia* (Rio de Janeiro: Editora Record, 1995), 2ª edição.
- Weldon, John, e Wilson, Clifford, *Occult Shock and Psychic Forces* (San Diego: Master Books, 1980).
- Weldon, John, *Psychic Healing* (Chicago: Moody Press, 1982). Citando *Theosophical Research Center Mystery of Healing* (Theosophical Publishing House, 1958).
- Wheeler, John Archibald, In Elvee, Richard Q. (editor) *Mind in Nature* (San Francisco: Harper and Row, 1982).
- Wheeler, R., *Vitalism* (London: Witherby, 1939).
- White Ellen G., *Manuscript Releases*, Volume Vinte e Um, em: <http://www.egwestate.andrews.edu/>
- White, Ellen G., *Conselhos Sobre Saúde* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica.
- White, Ellen G., em *Seventh-day Adventist Bible Commentary* (Washington, D.C.: Review and Herald, 1948), 1ª edição, vol. 5.
- White, Ellen G., *Manuscript Releases*, Volume Vinte, em: <http://www.egwestate.andrews.edu/>
- White, Ellen G., *Mensagens Escolhidas* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica, Vol. II.
- White, Ellen G., *Mensagens Escolhidas* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica, Vol. I.
- White, Ellen G., *O Desejado de Todas as Nações* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica.
- White, Ellen G., *O Maior Discurso de Cristo* (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira).
- White, Ellen G., *Primeiros Escritos* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica.
- White, Ellen G., *Profetas e Reis* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica.
- White, Ellen G., *Spalding and Magan Collection*, em: <http://www.egwestate.andrews.edu/>
- White, Ellen G., *Temperança* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira).
- White, Ellen G., *Testemunhos Seletos* (Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000), edição eletrônica, Vol. I.
- White, Ellen G., *Testemunhos Seletos*, Vol. II (Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1956).
- White, Ellen G., *Testimonies for the Church* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948), Vol. III.

- White, Ellen G., *Testimonies for the Church* (Mountain View, CA: Pacific Press Publishing Association, 1948), Vol. I.
- Wigner, E.P., "The Probability of the Existence of a Self-Reproducing Unit". In Polanyi, M. *The Logic of Personal Knowledge* (Glencoe, IL: Free Press, 1961).
- Wilson, Michael B. Howitt, *Quiroprática* (Lisboa: Editorial Estampa, 1966), 1ª. edição.
- Windisch Neto, Hermann, *Homeopatia: Ciência ou Superstição*, em: <http://www.monfort.org.br/cadernos/homeopatia.html#1>
- Wozniak, Robert W., *MIND AND BODY: René Descartes to William James*, em: <http://serendip.bryanmawr.edu/mind>
- Wunderlich, Ray C., *Orthomolecular Medicine Definition*: [www.heall.com/body/altmed/definitions/orthomolecular.html](http://www.heall.com/body/altmed/definitions/orthomolecular.html).
- [www.Chopra.com](http://www.Chopra.com)
- [www.Randomhouse.com](http://www.Randomhouse.com)
- Ziment, Irwin. *Herbal and Other Alternative Therapies and the Lungs*, em: [www.chestnet.org/education/pccu/vol13/lesson11.html](http://www.chestnet.org/education/pccu/vol13/lesson11.html)
- Zollmann, Catherine, e Vickers, Andrew. "What is Complementary Medicine?" em: <http://www.heall.com/index.html>